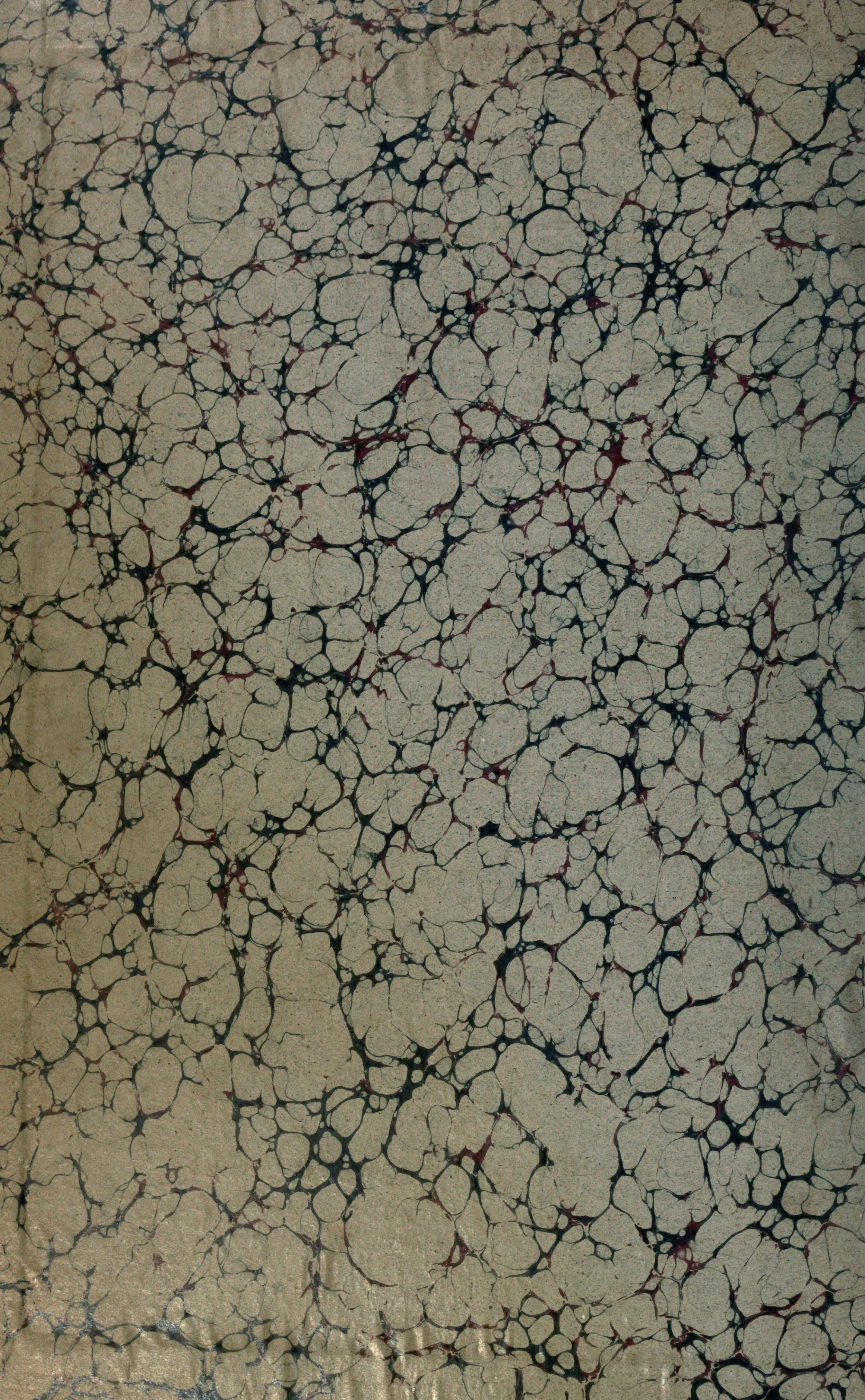

UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00837172 6





HISTORIA NATURAL

HISTORIA
NATURAL
ILLUSTRADA

COMPILAÇÃO FEITA SOBRE OS MAIS AUCTORISADOS
TRABALHOS ZOOLOGICOS

POR

JULIO DE MATTOS

SEGUNDO VOLUME

PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES
12 — Largo dos Loyos — 14



Porto — Imprensa Commercial — Rua dos Lavadouros, 16.

ROEDORES

(CONTINUAÇÃO)

OS BATHYERGOS

Os bathyergos tambem chamados erycteros, são roedores de corpo pezado, pernas curtas, cabeça larga e achatada, orelhas desprovidas de pavilhão e olhos muito pequenos. A cauda é n'estes animaes muito curta, mas coberta de pêllos densos. Os incisivos são muito compridos, muito salientes e um pouco recurvados; os superiores teem um sulco profundo na face anterior.

A especie de que adiante nos vamos occupar é a mais conhecida do genero.

O BATHYERGO MARINHO

Esta especie, que na obra de Buffon é designada pelo nome de *grande toupeira do Cabo,* tem um pêllo espesso, macio e fino, branco ar-

ruivado nas partes superiores do corpo e acinzentado nas inferiores. A cabeça é circumdada de sedas longas e rijas. Mede este roedor cerca de trinta e cinco centimetros de comprimento.

COSTUMES

Habita as praias arenosas evitando cuidadosamente os terrenos solidos e ricos em vegetaes.

O bathyergo marinho vive subterraneamente como os geomyos, cavando a grandes profundidades corredores compridos e ramificados que se denunciam exteriormente pela existencia de pequenos monticulos alinhados. Estes corredores ou canaes são mais largos que os da toupeira. Evita sempre o ar e a luz fechando cautelosamente a entrada da habitação subterranea. Rarissimas vezes sobe á superficie do solo; por isso são pouco conhecidos os seus habitos e ignorado absolutamente quanto diz respeito á reproducção.

CAÇA

Os cultivadores perseguem tenazmente este roedor; o motivo principal d'esta perseguição é o facto de minar elle o solo por forma que torna incerta e n'alguns pontos perigosa mesmo a marcha do cavallo e do homem. Os camponezes que sabem que o animal trabalha nas suas galerias de manhã ás seis horas e de noite depois das onze, escolhem estes momentos para lhe darem a caça. O processo seguido é geralmente o seguinte: Abre-se uma galeria, colloca-se á entrada d'ella uma raiz qualquer para attrair o animal e a essa raiz prende-se uma fita que a liga com o gatilho de uma arma cujo cano está voltado para a entrada da galeria; quando o animal agita a raiz, a arma dispara-se, matando-o. Algumas vezes tambem se destroe este roedor, inundando-lhe a toca.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se n'uma parte pouco extensa da Africa do Sul; é abundante no Cabo da Boa-Esperança.

OS RATOS-TOUPEIRAS

A organisação d'estes roedores é perfeitamente apropriada ao seu genero de vida essencialmente subterranea. Teem o corpo refeito, a cabeça mais volumosa que o tronco, o pescoço curto e como que immovel, os olhos rudimentares, situados sob a pelle que se não abre diante d'elles para formar palpebras e por conseguinte completamente improprios para a visão. Os dentes principalmente os mollares teem quasi a mesma forma e o mesmo numero que nos ratos.

O RATO TIPHLO

É mais feio ainda que a toupeira com a qual se assemelha notavelmente no porte e nos costumes. Tem o craneo achatado, o focinho obtuso, arredondado, o nariz largo, espesso, cartilagineo, as narinas redondas e affastadas, os incisivos fortes, salientes, largos, cortantes. Os dedos das patas anteriores são muito affastados adiante e reunidos atraz

por uma membrana palmar. O pêllo é espesso, macio e um pouco mais escuro no dorso que no ventre. Os dedos são nus e a planta dos pés é cercada de pêllos rijos e inclinados para traz. Em geral, a côr d'este mamifero é um escuro amarellado com reflexos cinzentos na parte superior do corpo e um pardo escuro no ventre que é attravessado por largas manchas longitudinaes brancas.

Mede cerca de vinte a vinte e dois centimetros e peza, termo medio, trezentas grammas.

COSTUMES

Para habitação são-lhe indifferentes as planicies estereis ou ferteis. Vive em tocas profundissimas, d'onde irradiam canaes ou corredores que se abrem á superficie do solo. Para cavar estas tocas serve-se das patas e para destruir as raizes que encontra como obstaculo serve-se dos dentes que são longos e fortes.

Vive solitario como as toupeiras. Na quadra do cio apparece muitas vezes á superficie do solo e aquece-se ao sol em companhia da femea.

Ao primeiro perigo recolhe-se á toca ou cava rapidamente um canal em que se occulte; mas de um modo ou de outro desapparece rapidamente. É de noite ou de madrugada que sae das suas galerias.

Á superficie do solo, os movimentos d'este roedor são extremamente deselegantes; nas tocas marcha com facilidade.

Os sentidos são n'este animal pouco desenvolvidos; o ouvido é de todos o mais perfeito. É muito sensivel aos ruidos. Em liberdade, conserva-se sentado muitas vezes á entrada de um dos canaes, com a cabeça erecta, escutando attentamente de todos os lados. Ao mais ligeiro ruido, ergue mais ainda a cabeça, toma uma attitude ameaçadora e introduz-se por fim no solo.

É mao; quando attacado de perto, defende-se vigorosamente ás dentadas.

O rato tiphlo alimenta-se de raizes e de tuberculos; quando instigado pela fome, roe cascas d'arvores. Quando se approxima o inverno, introduz-se mais profundamente no solo; parece todavia que não faz provisões nem cae em somno lethargico.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O rato tiphlo encontra-se n'uma parte limitada do sudueste da Europa e da Asia occidental.

USOS E PRODUCTOS

Os russos acreditam que o rato tiphlo possue virtudes maravilhosas. Pensam elles que quem tiver a coragem de sustentar na mão um d'estes roedores e o asphixiar lentamente sem ser por elle mordido, fica possuindo o privilegio de curar laparões pela simples imposição das mãos. É quasi inutil dizer que em tudo isto anda sómente a phantasia popular. Este roedor não é muito nocivo; utilidade conhecida porém, não possue tambem.

OS GERBOS

Caracterisa-os uma consideravel desproporção entre os membros anteriores e posteriores, sendo estes ultimos pelo menos quatro vezes mais compridos que os primeiros. Teem por este facto a apparencia de marcharem sobre as patas de traz sómente.

N'este grupo incluem-se trez generos principaes que são: os *gerbos propriamente ditos*, os *helamios* e os *gerbinhos*.

OS GERBOS PROPRIAMENTE DITOS

N'estes animaes a cabeça é caracteristica; assemelha-se á da cabra e desde logo os denuncia como habitantes do deserto. Os orgãos dos sentidos são pouco perfeitos; as orelhas teem um pavilhão largo, membranoso, ligeiramente coberto de pêllos. Os olhos grandes e vivos teem uma immensa expressão de doçura. Os pêllos que cobrem o labio superior são muito compridos e parece que servem de orgãos de tacto. A cauda é muito comprida; excede notavelmente a extensão do corpo e tem na extremidade um tufo de pêllos rijos, de uma côr differente da que caracterisa o resto do orgão e dispostos em duas ordens como as barbas de uma frecha. Os membros anteriores são muito curtos, teem quatro dedos apenas munidos de unhas longas, agudas e recurvadas e um polex rudimentar provido ou não de uma unha chata. Os membros posteriores são n'estes animaes seis vezes mais compridos que os de diante; o alongamento é principalmente devido á tibia e ao metatarso. São terminados por trez dedos munidos de unhas ponteagudas e collocadas perpendicularmente á ultima phalange de modo a não difficultar o salto. O pêllo é macio e sedoso.

A estructura interna, observa Figuier, está perfeitamente em harmonia com estas particularidades exteriores. «Os gerbos, diz Brehm, assemelham-se ás aves não só pela forma do metatarso, mas ainda pela estructura de todos os ossos da parte posterior do corpo, que são occos, duros e espongiosos. Os musculos que dão movimento a estes membros são vigorosos e imprimem um grande desenvolvimento á parte posterior do corpo d'estes roedores. As vertebras cervicaes, soldadas em uma ou mais peças, são fortemente recurvadas para diante, o que determina a exigua extensão do pescoço e permitte ao animal sustentar a cabeça sem fadiga.» [1]

Nos gerbos propriamente ditos, os pés gozam de uma extrema mobilidade. Os dedos das patas de traz não teem senão duas phalanges muito curtas; não podem executar nenhum movimento de lateralidade, mas apenas um ligeiro movimento de flexão.

Os gerbos propriamente ditos possuem de ordinario quatro pares de mamas: dois pares thoracicos, um abdominal e um inguinal.

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 166.

Na especialidade estudaremos os costumes, a distribuição geographica, os usos e os productos d'estes singulares roedores.

O GERBO DA ARABIA

O gerbo da Arabia é um encantador mamifero de dezoito centimetros de comprimento. A cauda é mais extensa que o corpo; tem vinte e dois centimetros ou mesmo vinte e seis, contando os pêllos terminaes. As orelhas que teem cerca de um terço do comprimento da cabeça são cobertas exteriormente por pequenos pêllos amarellos e internamente por outros ainda mais curtos e mais finos. A cauda é de um amarello claro na parte superior, branca na parte inferior e grisalha na porção terminal. O dorso é pardo côr de areia com manchas negras; o ventre é branco.

COSTUMES

Habita as planicies seccas, expostas e as areias do deserto; existe pois em regiões tão aridas e tão desoladas que nos parece impossivel que encontrem de que se alimentar.

Vê-se o gerbo da Arabia muitas vezes em bandos numerosos. Cava no solo canaes ramificados pouco profundos, onde ao menor perigo se retira. Contam os Arabes que todo o bando trabalha em commum n'estas habitações. É com as unhas agudas das patas anteriores que abre as suas galerias subterraneas; quando o solo offerece resistencia serve-se tambem dos dentes. Algumas vezes aloja-se nos muros de argilla das casas abandonadas.

Estes mamiferos elegantissimos não são raros; e no entanto vêem-se muito poucas vezes. Sempre timidos e inquietos, escondem-se no fundo da sua toca ao menor ruido. Além d'isso sendo a sua côr geral a da

areia, escapam facilmente á vista; só muito de perto os podemos vêr, ao passo que elles de muito longe nos percebem.

Pode dizer-se que não ha animaes mais encantadores que os gerbos. Tanto nos parecem disformes quando os vêmos immoveis, mortos, quanto se nos affiguram graciosos em movimento. N'estas condições parecem aves; Brehm chama-lhes os filhos do deserto. Todos os movimentos se succedem com inacreditavel rapidez. Quando saltam, teem o corpo um pouco pendido, as pernas anteriores approximadas e estendidas para diante e a cauda estendida tambem em sentido opposto para fazer equilibrio. Vistos a distancia parecem frechas que attravessam o ar. O homem não pode seguil-os na carreira e um bom atirador sente difficuldade em fazer-lhes pontaria.

Quando nada os perturba, os gerbos sentam-se sobre a parte posterior do corpo, appoiam-se na cauda com as patas de diante encostadas contra o peito, exactamente como o fazem os kangurus.

O regimen alimentar d'estes animaes consiste principalmente em tuberculos e raizes que desenterram; tambem comem folhas, fructos, grãos e insectos pelos quaes manifestam um grande appetite.

Os gerbos cujos habitos são nocturnos, não principiam as suas peregrinações senão ao caír da tarde; algumas vezes, raras porém, vêem-se estes animaes sentados ou brincando fóra das tocas á hora do maior calôr. Parece que os não incommodam os ardores do sol d'Africa, porque ás vezes a elle se expoem á hora do meio dia, quando todos os animaes o evitam cautelosamente. Pelo contrario mostram-se extremamente sensiveis á humidade e ao frio; quando a temperatura desce caem em adormecimento hybernal, como os animaes do norte.

Nada de positivo se conhece ácerca da reproducção d'estes roedores.

CAÇA

No deserto faz-se uma caça muito activa aos gerbos, cuja carne é muito estimada. Umas vezes apanham-se vivos, outras vezes matam-se quando saem das tocas. O processo de caça geralmente empregado é simples. Os caçadores armam-se de paus, fecham ou tapam as aberturas das tocas, deixando livres apenas algumas na frente das quaes se collocam com redes; depois, introduzindo os paus até ao fundo das tocas, agitam os animaes que, buscando subtrair-se ao incommodo, tomam a direcção dos canaes abertos, vindo assim caír nas redes.

Se exceptuarmos o homem, podemos dizer que são poucos os inimigos naturaes dos gerbos. Um ha porém, verdadeiramente terrivel que lhes faz uma guerra implacavel: é a cobra cascavel do Egypto, uma das mais venenosas da Africa, que os persegue até ao interior das tocas, matando-os com uma só mordedura.

CAPTIVEIRO

Não é difficil reduzir este roedor ao captiveiro; não ha naturalista europeu que tenha passado pela Africa sem obter alguns n'estas condições. São agradaveis e perdem facilmente a timidez e desconfiança que no estado livre lhes é muito natural. Podemos então acaricial-os sem que elles procurem fugir.

Ainda que se juntem em grande numero, conservam sempre entre si as melhores relações de harmonia. Quando ha frio juntam-se e entrelaçam-se intimamente.

São muito limpos, aceiadissimos. Passam largas horas lambendo e anediando o pêllo.

É facil alimental-os. Sustentam-se bem de grãos seccos, de raizes, de fructos de toda a ordem, de hervas, de folhas e de flores.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontram-se na Africa e na Asia.

O GERBO COMMUM

Este roedor mede dezenove centimetros de comprimento; a sua cauda tem vinte e sete. As orelhas são tão compridas como a cabeça. O dorso é amarello arruivado com reflexos pardos pouco notaveis; as partes lateraes e as coxas são mais claros; o ventre e as patas são brancos. Uma longa mancha branca, oblonga, estende-se do alto das coxas até á cauda; uma outra mancha passa por cima das pernas. A cauda é amarella arruivada; o tufo de pêllos que a terminam e que são dispostos como as barbas de uma penna são negros na metade anterior e brancos na metade posterior.

COSTUMES

Habita os terrenos argilosos e evita a areia onde não pode construir as suas tocas.

Vive em sociedade. De dia conserva-se occulto na toca e não sae senão de noite. Supporta facilmente os frios, ao contrario do que acontece com o gerbo da Arabia.

Na marcha, serve-se dos quatro membros; no salto apenas utilisa os posteriores. A velocidade da carreira é tal n'este roedor que um cavallo a custo consegue seguil-o.

É muito timido e desconfiado; foge ao mais leve ruido. Quando o perseguem não corre em linha recta, mas descrevendo curvas, o que fatiga muito mais o adversario.

As tocas que são construidas á custa do trabalho simultaneo de muitos gerbos communs, consistem em canaes simples e mais ou menos sinuosos que vão terminar a um canal mais largo, muitas vezes ramificados, em communicação com um compartimento principal. D'este compartimento parte um outro corredor secundario em direcção opposta ao primeiro e que se abre no solo; é o corredor destinado á fuga. Quando entra para a toca, o gerbo commum fecha ou tapa cuidadosamente todas as aberturas de modo a não denunciar a sua presença. Em geral cada toca é habitada por dois ou trez casaes de gerbos communs.

Alimenta-se de plantas de todas as especies; tambem se utilisa dos insectos, das aves pequenas e de ovos.

A femea pare cinco, seis e ás vezes oito filhos de cada vez; para os depositar forma um leito quente coberto de pêllos. Nada mais se sabe de positivo a este proposito.

Quando os frios se approximam, o animal cae em somno hybernal.

CAÇA

Os indigenas, porque apreciam muito a carne do gerbo commum, fazem-lhe uma guerra activa, tenaz. Para tal fim, cercam as tocas habitadas e obrigam o animal a saír innundando-as ou destruindo-as com pancadas de um pau ferrado.

CAPTIVEIRO

Supporta perfeitamente o captiveiro. Sustenta-se, no dizer de Haym de grãos, de hervas, de pão, de batatas e de assucar. Ao contrario do que se tem affirmado, bebe agua muito espontaneamente. É limpo, docil e timido.

PRECONCEITOS

Acredita-se entre os indigenas que o gerbo commum secco e reduzido a pó é um remedio excellente de multiplas applicações. Tambem se crê que este roedor suga de noite o leite das cabras e das ovelhas. Emfim tem-se dito que elle é inimigo dos carneiros e que os perturba e assusta com os seus saltos. Preconceitos sómente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se este roedor quasi nas mesmas regiões que habitam todos os outros gerbos. A Asia é a sua patria.

OS HELAMYOS

Os helamyos que os colonos do Cabo da Boa-Esperança denominam *lebres saltadoras,* tem a parte posterior do tronco muito desenvolvida e a cauda vigorosissima. As patas anteriores são muito curtas, mas mais fortes que nos gerbos propriamente ditos e teem cinco dedos armados de unhas valentes, compridas e recurvadas. As patas posteriores são muito longas, vigorosas e não teem senão quatro dedos articulados cada um d'elles a um metatarsiano e munidos de unhas fortes, largas curtas quasi em forma de casco. O dedo medio é o mais comprido; o interno é o mais curto e mais elevado de todos. A cauda que é muito comprida e forte, termina por um tufo de pêllos abundantes e espessos. Estes animaes teem a cabeça muito grande, o occiput largo, as partes lateraes comprimidas, o focinho alongado, a bocca pequena e o labio superior não fendido. A femea tem quatro mamas thoracicas e uma pequena bolsa inguinal que nenhuma relação tem com a bolsa dos marsupiaes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Pertencem ás regiões do sul da Africa.

Vamos occupar-nos da unica especie conhecida.

O HELAMYO OU GERBO DA CAFRARIA

Tem um pêllo comprido, espesso e macio. A côr é a da lebre commum. As dimensões são tambem as d'este ultimo animal: tem cincoenta centimetros, termo medio, de comprimento e uma cauda mais extensa que o resto do corpo.

COSTUMES

Vive indifferentemente nas montanhas ou nas planicies. Muitas vezes forma verdadeiras colonias. Cava tocas ou habitações subterraneas e profundas, onde terminam canaes numerosos, ramificados, muitas vezes á flôr do solo. N'estas covas habitam geralmente muitos pares. Cava com rapidez extraordinaria.

Este animal, como todos os da mesma familia, é nocturno. Só ao crepusculo principia para elle a vida do movimento. Sae então da toca para procurar o alimento que consiste em raizes, hervas e grãos. A cada passo, porque é timido, pára e escuta. Quando não come ou não dorme, limpa-se; como muitos roedores, este é de um aceio notavel.

Quando marcha sobre os quatro membros é lento, moroso; correndo é, pelo contrario, de uma notavel agilidade. Salta encostando as patas

anteriores ao peito e estendendo as posteriores. Vence geralmente de cada salto dois metros e meio a trez; mas quando o perseguem, chega a dar saltos de seis a dez metros, segundo affirmam Forster e Sparrmann.

É muito sensivel á humidade. Quando chove não sae da toca; quando se lhe inunda esta, sae infallivelmente, tornando-se então muito facil apanhal-o.

Sabe-se muito pouco da sua reproducção. A femea pare no estio trez ou quatro filhos que aleita durante algumas semanas e que conserva ainda por muito tempo dentro da toca.

CAPTIVEIRO

Quando bem tratado, supporta admiravelmente o captiveiro. Domestica-se em pouco tempo, manifestando muita dedicação pelo dono. Só quando o atormentam é que tenta morder. Torna-se estimavel pela limpeza.

Alimenta-se facilmente com trigo, pão e hervas.

Para dormir senta-se, occulta a cabeça entre as coxas e cobre os olhos com as patas anteriores por cima das orelhas.

USOS E PRODUCTOS

Os colonos hollandezes apreciam demasiadamente a carne do gerbo da Cafraria e empregam a pelle d'este roedor nos mesmos usos em que nós empregamos a da lebre; por isso dão uma caça tenaz a este animal. É pois certo que os estragos que produz são largamente compensados pelos productos que nos fornece.

OS GERBINHOS

Teem a cabeça alongada e muito semelhante em algumas especies á dos ratos propriamente ditos. As orelhas são curtas e arredondadas na extremidade. Os membros anteriores são pouco extensos e munidos de quatro dedos; os posteriores são compridos e tem cinco dedos.

Figuier dedica a estes roedores as palavras seguintes: «Os gerbinhos são especies de ratos cujos membros posteriores são mais longos que os anteriores, do que resulta um modo particular de locomoção. Não é nem marchando, nem correndo que os gerbinhos avançam sobre o solo, mas sim saltando, no que são habilissimos. As dimensões d'estes roedores variam desde as dos pequenos ratos até ás dos ratos grandes negros.» [1]

COSTUMES

O que em geral pode a este proposito dizer-se é que vivem em tocas onde arrecadam provisões de trigo para a estação hybernal.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam as planicies da Europa meridional, da Africa e da Asia.

---

1 Figuier, *Les Mammifères*, pg. 433.

*

AS CHINCHILLAS

As chinchillas propriamente ditas teem uma cabeça grossa, as orelhas arredondadas e grandes, quasi nuas, a cauda longa e coberta de pêllos macios como veludo. As patas posteriores teem cinco dedos. O pêllo é comprido, macio e sedoso.

COSTUMES

Na especialidade os estudaremos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As chinchillas são oriundas da America meridional.

USOS E PRODUCTOS

A pelle d'estes roedores é geralmente estimada; d'aqui o ser justamente considerada um importante artigo de commercio.

A CHINCHILLA ORDINARIA

Tem trinta e trez centimetros de comprimento, termo medio; a cauda tem vinte e dous. O pêllo é fino, macio, tendo o do dorso e das partes lateraes do tronco oito centimetros de extensão. Este pêllo é de um pardo azulado na raiz, branco no meio e de um pardo escuro na ponta. O ventre e as patas são brancos; a cauda tem na face superior duas manchas carregadas.

COSTUMES

«Os viajantes que sobem, diz Brehm, a vertente occidental das montanhas da America, chegando á altura de dois mil e seiscentos a trez mil e seiscentos metros, avistam as rochas cobertas de chinchillas; ha-os que n'um só dia teem contado mais de mil.

«Encontram-se mesmo em pleno dia, sentadas á entrada das tocas, mas sempre do lado da sombra. No entanto é de manhã e de tarde que melhor se podem observar. Cobrem as montanhas, os rochedos, os logares mais aridos onde a custo vegetam algumas plantas insignificantes. Movem-se com rapidez, correm sobre os rochedos mais nus, trepam ao longo de paredes que parecem não offerecer nenhum ponto de appoio e assim se elevam a seis ou nove metros e com tanta agilidade que custa a seguil-as. Sem serem o que pode chamar-se timidas, não deixam todavia que d'ellas nos approximemos muito; desde que façamos menção de nos acercarmos, fogem. Ainda que estejam reunidas aos centos sobre um dado ponto, logo que ouvem um tiro d'arma de fogo, desapparecem n'um instante, como por encanto, nas fendas dos rochedos. No entanto, o viajante que pára nas altas regiões que ellas habitam e não tenta fazer-lhes mal, acha-se n'um momento litteralmente cercado por estes animaes. Os rochedos como que se tornam vivos; de cada fenda, de cada buraco se vê saír uma cabeça. Curiosas e já cheias de confiança, as chinchillas arriscam-se um pouco mais, saem e veem passar por entre as pernas das cavalgaduras.

«Como os ratos, as chinchillas saltam mais do que marcham. Para repousar, sentam-se sobre os tarsos, encostam as patas anteriores ao peito e estendem a cauda para traz. Sustentam-se tambem de pé fixando-se sobre as patas posteriores e podendo assim manter-se largo tempo. Para treparem introduzem os pés nas fendas dos rochedos; de resto, a menor aspereza lhes serve de ponto de appoio. Todos os observadores estão de accordo em dizer que estes animaes sabem perfeitamente encontrar os meios de subsistencia nos logares aridos e selvagens que habitam e ao mesmo tempo que distraem e alegram o homem que se aventura n'estas regiões desertas.» [1]

Sabe-se muito pouco ou quasi nada ácerca da reproducção das chinchillas. Os indigenas affirmam que de cada parto nascem quatro a seis filhos, que se tornam independentes desde que abandonam o ninho onde nasceram.

CAÇA

O homem faz uma caça constante e pertinaz ás chinchillas no intuito de utilisar-lhes o pêllo; e é por isso precisamente que estes roedores, que outr'ora habitavam regiões baixas, se viram forçados a abandonar essas zonas antigas de habitação para ganharem os logares mais altos.

Como meio de caça empregam-se ás vezes as armas de fogo; este não é porém o melhor dos processos, porque se o animal é ferido e não morre, esconde-se em qualquer buraco, perdendo-se assim para o caçador. Um outro processo mais seguro e tambem mais usado consiste em armar laços em frente das fendas dos rochedos onde se pode chegar, indo-se cêdo de manhã apanhar as que ficaram presas; assim, se apanham muitas de cada vez. Outras vezes ainda emprega-se um systema semelhante ao de que usamos na caça do coelho; utilisa-se para tal fim a doninha do Peru, como entre nós o furão.

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 176.

CAPTIVEIRO

Aprisionam-se e domesticam-se muitas vezes na America as chinchillas. São ellas muito graciosas, muito limpas e verdadeiramente inoffensivas, o que as torna para o homem estimabilissimas. De resto, não manifestam grandes dedicações, nem entendimento desenvolvido. Conservam sempre, ao fim mesmo de largos annos de captiveiro, uma certa timidez. Alimentam-se de feno e de hervas seccas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As chinchillas habitam em grande numero o Peru, a Bolivia e o Chili.

USOS E PRODUCTOS

Como foi dito a proposito da caça, o pêllo das chinchillas é muito estimado. É o desejo de possuil-o que determina as perseguições da nossa especie a estes roedores. O pêllo tem muitos usos industriaes na fabricação de objectos de agazalho, de saccas, etc.

A CHINCHILLA LANIGERA

Mede em geral trinta e oito a quarenta centimetros de comprimento, pertencendo d'estes cerca de um terço á cauda. O pêllo é mais bello e mais macio que o da chinchilla ordinaria. A côr geral é um cinzento claro com algumas manchas escuras; o ventre e as patas são cinzentos com reflexos amarellos, a parte superior da cauda é esbranquiçada na ponta e na raiz dos pêllos e de um escuro carregado no meio d'elles; a parte inferior é perfeitamente trigueira ou cobreada.

COSTUMES

A chinchilla lanigera assemelha-se muito á ordinaria no ponto de vista dos costumes. Habita tambem em tocas e vive associada em bandos. Alimenta-se especialmente de plantas bolbosas.

Sabe-se ácerca da sua reproducção um pouco mais que o que dissemos fallando da chinchilla ordinaria. É positivo que realisa dois partos por anno, dando á luz de cada vez cinco ou seis filhos.

É muito docil e muito limpa, o que a torna muito estimada em captiveiro. É muito sensivel ás caricias e manifesta por quem a cuida e trata bem uma visivel gratidão. Por estes motivos é muitas vezes reduzida a captiveiro; e porque o seu pêllo longo, macio e bello tem usos vantajosissimos para nós, é victima de uma caça continua, preseverante.

Os seus habitos são mais nocturnos do que diurnos, como observou Bennet que teve uma em captiveiro. Geralmente, se a não perturbam, conserva-se deitada durante o dia e só de noite desperta e se levanta para começar a vida de movimento.

Trepa com uma certa facilidade e introduz-se admiravelmente em ourificios de quatro ou cinco centimetros de diametro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita a chinchilla lanigera no Chili septentrional e central.

USOS E PRODUCTOS

A carne d'este roedor é estimada como alimento entre os americanos. O pêllo exportado largamente para a Inglaterra, a Russia e a França, serve principalmente para o fabrico de bonnets, de regalos de senhoras, de guarnições de vestidos, emfim de numerosos objectos de agazalho. «Uma duzia de pelles boas, diz Gerbe, vale, termo medio, em França cincoenta e seis a setenta e cinco francos; a duzia das grosseiras vale apenas quinze ou vinte e dous.»

OS LAGOTIOS

Teem as orelhas compridas, a cauda coberta de pêllos densos na face superior e da extensão do corpo, quatro dedos em cada pata e pêllos muito compridos no labio superior.

COSTUMES

Os lagotios são, como as chinchillas, roedores extremamente sociaveis. São tambem, como ellas, muito vivos; teem habitos muito analogos e um regimen tambem semelhante.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Conhecem-se d'esta familia duas especies apenas que ambas habitam altas montanhas immediatamente abaixo do limite das neves perpetuas, a uma elevação de trez mil e novecentos ou cinco mil e duzentos metros acima do nivel do mar. Uma d'estas especies habita o sul do Peru e a Bolivia, a outra o norte do Peru e a republica do equador.

O LAGOTIO DE CUVIER

Tem pouco mais ou menos as proporções de um coelho, com os membros posteriores mais compridos e a cauda da mesma extensão que o resto do corpo.

No lagotio de Cuvier o pêllo muito comprido e muito flexivel, é branco na raiz, esbranquiçado na ponta e trigueiro amarellado no centro. Os pêllos da cauda na porção inferior e nas partes lateraes são curtos e de um amarello escuro; os do lado superior são mais extensos, grisalhos e os da extremidade perfeitamente pretos. Os pêllos do labio superior são tão compridos que attingem as espaduas. As orelhas, que

na extremidade são arredondadas, medem cêrca de nove centimetros de comprimento.

COSTUMES

O que foi dito na generalidade basta para comprehendermos os habitos de vida d'este roedor. As indicações que faltam, não as mencionam os naturalistas, de certo por ignorancia.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O lagotio de Cuvier vive nas regiões montanhosas do Peru.

OS LAGOSTOMOS

O typo que adiante estudaremos d'este genero é um animal que se assemelha mais ás chinchillas que aos lagotios e cujos caracteres são: um corpo muito curto, notavelmente arqueado, os membros posteriores de um comprimento duplo do comprimento dos anteriores, as patas de diante munidas de quatro dedos e as de traz de trez apenas, o pescoço curto, a cabeça larga e arredondada, o focinho pouco extenso e obtuso, as orelhas pequenas, finas, cobertas de pêllo por fóra, triangulares, dilatadas na base, os olhos de grandeza media, affastados um do outro, o labio superior profundamente fendido, as unhas curtas e quasi occultas sob o pêllo nas patas anteriores, compridas e vigorosas nas posteriores.

A especie unica que este genero comprehende, é a que passamos a descrever.

O VISCAQUE

Este roedor a que alguns povos americanos chamam *ararouca*, tem o corpo coberto de um pêllo espesso e pardo escuro. A cabeça é negra superiormente e tem de cada lado uma larga facha esbranquiçada que se estende da parte anterior do focinho á parte posterior dos olhos. A parte inferior do corpo é branca. O comprimento é desde o focinho até á raiz da cauda de cincoenta centimetros approximadamente; a cauda mede vinte centimetros.

COSTUMES

Vive em bandos numerosos nos logares desertos e aridos onde a custo alguma rara planta se desenvolve. No entanto, observemol-o, apesar de serem desertos e aridos os logares que escolhe para habitação, é certo que ficam elles proximos de pontos habitados e onde ha cultura.

Cava tocas extensas perto de bosques ou nas visinhanças de campos lavrados. Essas tocas são construidas em commum e constam de um grande numero de corredores que teem ás vezes quarenta ou cincoenta aberturas; as tocas são divididas em um grande numero de quartos segundo o numero de familias que ahi se alojam. Oito ou dez familias habitam uma mesma toca; quando o numero cresce de modo a apparecer um excedente de população, uma parte das familias abandonam a toca primitiva para cavarem ao lado d'ella uma outra que lhes sirva de abrigo. Depois, se o numero de individuos cresce n'esta nova toca, o mesmo facto se reproduz, isto é uma parte d'elles abandonam esta morada, procurando uma outra. E assim acontece algumas vezes que o solo apparece minado na extensão de muitos kilometros quadrados.

O viscaque vive todo o dia occulto na toca; só quando o sol declina é que se permitte sair, principiando a entregar-se com os seus congéneres a diversões de toda a ordem, ouvindo-se então a grandes distancias os gritos de alegria que solta. Constitue-se o viscaque á hora do crepusculo em bandos, fazendo terriveis incursões nos campos visinhos, d'onde tira hervas, raizes, cascas d'arvores, tudo quanto encontra.

São muito prudentes estes roedores e nunca n'estas incursões se esquecem de velar pela propria segurança. Um d'elles fica sempre de vigia, dando o signal de fuga ao menor ruido suspeito; então todo o bando foge e se esconde nas tocas, soltando gritos.

O viscaque assemelha-se aos coelhos nos movimentos, sendo-lhes no entanto inferior em agilidade. É alegre e vivo este roedor. Um costume curioso que o distingue, é o de juntar á entrada das tocas quanto encontra, embora sem utilidade alguma para elle. Os gauchos quando dão pela falta de qualquer objecto, vão immediatamente procural-o nas tocas mais proximas dos viscaques, certos de encontral-o.

Não se sabe ao certo se este roedor faz provisões para a estação do inverno.

Tambem nada se sabe de positivo ácerca da reproducção d'este animal. Quantas são as gestações annuaes de cada femea? Quantos filhos produz em cada parto? Eis o que não está perfeitamente averiguado. Segundo alguns, a femea pare dois ou quatro filhos; Gœring porém affirma nunca ter visto uma femea com mais do que um filho. O que se sabe por exposição d'este observador é que a mãe defende com energia e extremado valôr o filho contra todos os attaques dos caçadores.

INIMIGOS

O viscaque conta entre os inimigos naturaes: o condor, que o caça e d'elle se serve como alimento, os cães selvagens e as rapozas que o perseguem com ardor e tenacidade. Um inimigo talvez mais terrivel do que todos, é o homem. Á proporção que elle arroteia os campos e estende a area dos seus dominios, o viscaque recua, foge, limita-se por effeito da caça, como veremos.

CAÇA

Mais com o fim de impedir que mine completamente o solo do que no intuito de lhe aproveitar a carne ou a pelle, dá o homem ao viscaque uma caça sem treguas. Esta caça justifica-se perfeitamente. Nada mais perigoso, por exemplo, do que passar a cavallo por terrenos que sejam habitados por grande numero de viscaques. O cavallo enterra-se e não é raro que fracture alguma perna, deixando assim o cavalleiro em meio da viagem abandonado, sem transporte. Como o viscaque abre as suas tocas em pontos onde cresce uma certa planta amarga de que faz largo consumo, sabem os indigenas perfeitamente aonde procural-o. A planta é o indicio, o signal do perigo que importa evitar. O processo de caça mais usado é o que consiste em inundar as tocas; por este meio pode-se estar certo de que os roedores abandonarão as suas habitações subterraneas, sendo á saida apanhados por cães que se industriam n'esta caça.

CAPTIVEIRO

Quando se apanham novos, os viscaques conservam-se facilmente em captiveiro por largo tempo e domesticam-se com rapidez. Se se aprisionam na edade adulta, não chegam nunca a uma domesticidade completa; apresentam então signaes de uma extrema ferocidade.

Em captiveiro os viscaques alimentam-se de pão, de cenouras e outras substancias analogas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Occupam a vertente oriental dos Andes e os pampas que se estendem desde Buenos-Ayres até á Patagonia. Habitaram já tambem no Paraguay.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas aproveitam a carne d'estes roedores como alimento. Tambem lhes aproveitam as pelles, muito menos valiosas no entanto que as das chinchillas.

OS CAPROMYOS

Os capromyos teem o corpo curto e espesso, a região posterior vigorosa, o pescoço curto e forte, a cabeça comprida e larga, o focinho alongado, obtuso, as orelhas largas, de tamanho medio, quasi nuas, os olhos grandes, o labio superior fendido, as patas fortes, cinco dedos nas posteriores, quatro nas anteriores, armadas de unhas compridas, recurvadas, agudas, um polex rudimentar munido de uma unha chata e finalmente uma cauda de comprimento medio, escamosa e pelluda. O pêllo é espesso, duro, grosso e brilhante.

O CAPROMYO DE FOURNIER

É esta de todas as especies do genero indiscutivelmente a mais interessante e a desde ha mais tempo conhecida dos naturalistas.

O capromyo de Fournier na edade adulta mede cêrca de meio metro de comprimento, dezeseis a dezenove centimetros de altura e pos-

sue uma cauda de dois decimetros e ás vezes de mais. O pêllo trigueiro amarellado apresenta cambiantes ruivas no dorso. O peito e o ventre são cinzentos escuros, as patas negras e as orelhas escuras carregadas.

COSTUMES

O capromyo de Fournier habita as florestas espessas e os bosques mais abundantemente arborisados. Os seus habitos são essencialmente nocturnos. No cimo das arvores, ao longo dos ramos é agil e marcha com rapidez; em terra é pezado e avança lentamente, com esforço. Para trepar, para se manter sentado ou para n'uma situação qualquer guardar o equilibrio, o capromyo serve-se da cauda que estende ou encolhe a seu grado.

De todos os sentidos é o olfato o mais desenvolvido n'este animal. A configuração anatomica do nariz, cujas ventas são largas, obliquas, cercadas de um bordo elevado e separadas por um sulco profundo, permittia prevêr o facto affirmado e que a observação confirma.

A intelligencia é pouco desenvolvida. De resto, o capromyo é docil, um pouco timido e sociavel.

Quando o perseguem defende-se corajosamente ás dentadas.

Sustenta-se de fructos, de folhas e de cascas. Em captiveiro manifesta um grande gosto por plantas de cheiro forte que os outros roedores em geral desprezam. Bebe pouca agua.

Faltam-nos indicações relativamente á reproducção.

CAÇA

Os indigenas dão caça a este roedor porque lhe estimam a carne. Na caça empregam-se cães adestrados n'este serviço. De noite os homens, munidos de lanternas, ou ao lado das mulheres que levam nos cabellos insectos luminosos, sobem ás arvores e agitam o animal obrigando-o a descer para terra. É então que os cães o filam e o matam.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este roedor, como todos os congéneres, habita a ilha de Cuba.

OS RATOS ESPINHOSOS

Assemelham-se aos ratos propriamente ditos no tamanho e nas formas, mas differem d'elles na dentadura e na pelle que é na parte inferior do corpo formada de pêllos macios e na superior de pêllos e de espinhos agudissimos.

Estes roedores teem a cabeça grande, o focinho obtuso, e labio superior fendido, os olhos pequenos, as orelhas rectas, o pescoço curto, o tronco grosso, as pernas curtas, cinco dedos nas patas posteriores e quatro nas de diante, um polex rudimentar e unhas um pouco recurvas. A cauda é truncada e coberta de pêllos finos em todo o comprimento. Os dentes incisivos são finos e escuros.

Na impossibilidade de nos occuparmos de todas as especies que são numerosas, descreveremos sómente a mais commum que tem o nome do genero.

O RATO ESPINHOSO

O rato espinhoso cujo tamanho é o do rato grande ordinario, tem o pêllo pardo arruivado sobre o dorso e branco no ventre. Mede cerca de vinte a vinte e cinco centimetros. A cauda, que é muito menos extensa, é coberta de pêllos numerosos e curtos.

COSTUMES

Rengger que teve occasião de observar este animal em liberdade, escreve d'elle o seguinte: «Vive muitas vezes em grandes sociedades nos flancos das montanhas de terra arenosa. Ahi cava um canal subterraneo sinuoso de metro e meio a dois metros de extensão e de alguns centimetros de largura; a profundidade a que se encontra este canal não excede dezeseis centimetros. O canal não tem geralmente mais do que uma saída; ao fundo ha um ninho de hervas seccas. Ahi encontrei uma vez dois recemnascidos cegos e cujos picos eram ainda molles.

«Este animal parece sustentar-se de raizes, de hervas, de grãos e de fructos apanhados nos bosques e que são os unicos alimentos vegetaes que se encontram nos logares que habita.

«Raras vezes abandona a habitação subterranea durante o dia; ao crepusculo vi muitas vezes alguns a mais de trinta passos de distancia das tocas.» [1]

---

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, vol. 2.º, pg. 187.

OS PORCOS-ESPINHOS

Distinguem-se naturalmente e facilmente tambem entre todos os roedores pela existencia de compridos espinhos que lhe cobrem uma parte do corpo. Estes espinhos pela extensão e dureza caracteristicos não podem confundir-se com os picos d'outras especies; a differença é palpavel, visivel.

Estes roedores teem em geral o corpo muito refeito, os olhos e as orelhas pequenos, o focinho curto e obtuso ou arredondado e o labio superior fendido.

Os generos incluidos n'este vasto grupo são: os *porcos-espinhos propriamente ditos,* os *porcos-espinhos da America,* os *atheruros,* os *coandus,* os *sphigguros* e os *aulacodes.*

PORCOS-ESPINHOS PROPRIAMENTE DITOS

Os porcos-espinhos propriamente ditos que Linneu designava pela expressão generica de *histrix,* teem o corpo muito curto e muito refeito, a cabeça grande, o focinho obtuso, a cauda curta, cinco dedos nas patas posteriores e outros tantos nas anteriores, sendo n'estas o polex rudimentar; as unhas são robustas, fortes.

Uma terça parte do corpo, a anterior, é revestida de pèllos e sedas e as duas outras, as posteriores, cobertas de espinhos compridos, que o roedor em questão abaixa ou eriça a seu grado e segundo a necessidade que as circumstancias impoem.

Adiante descrevemos a especie typica ou caracteristica e tambem a mais vulgar d'este genero.

---

*

O PORCO-ESPINHO COMMUM

O porco-espinho commum é um dos roedores maiores que se conhecem: mede cerca de sessenta e seis centimetros de comprimento e vinte e cinco de altura nas espaduas; a cauda mede apenas dezeseis centimetros e o pezo total do corpo é de dez a quinze kilogrammas, termo medio.

O focinho do curioso animal é curto, obtuso e quasi desnudado; por cima e por traz do olho encontram-se verrugas encimadas de longos pêllos rijos e negros. Ao longo do pescoço acham-se implantadas sedas fortes, muito compridas, recurvas, inclinadas na direcção posterior e que o animal abaixa ou levanta quando lhe apraz. Todo o resto do tronco é coberto de picos lisos, agudos, mais ou menos extensos e entremeiados de pêllos sedosos. Aos lados, nas espaduas e no sacrum os picos são mais curtos que no dorso e menos agudos. Os picos mais compridos teem um sulco medeano que falta nos mais curtos; os picos finos e flexiveis teem um comprimento de trinta e quatro millimetros e os curtos e fortes quatorze a vinte oito apenas. Estes pêllos não são macissos; enche-os uma massa medullar porosa. São negros e brancos alternadamente. A ponta da cauda é coberta de picos de formas differentes, tendo cinco centimetros de comprimento e cinco millimetros e meio de espessura. O ventre do animal é coberto de pêllos escuros de extremidade ruiva; atravessa-os uma facha branca.

Os picos são mal implantados na epiderme, caem com facilidade; d'aqui deriva o dizer-se vulgarmente que o porco-espinho atira com os seus picos aos inimigos que o perseguem.

COSTUMES

O porco-espinho passa, no dizer de Brehm, uma vida triste e solitaria. De dia conserva-se em repouso n'uma toca profunda, cavada por elle mesmo; de noite sómente se expõe e sae para procurar o alimento. Come plantas de toda a ordem, particularmente cardos, raizes, fructos,

flôres e cascas d'arvores. Corta estas substancias com os dentes e sustenta-as entre as patas anteriores emquanto come.

Não é vivo nem elegante nos movimentos; tem uma marcha lenta, cautellosa e uma corrida muito pouco rapida. Cava muito bem mas vagarosamente demais para escapar a um inimigo agil. No outono e no inverno conserva-se muito tempo na toca e passa dias inteiros a dormir; este somno não é porém o lethargo hybernal.

Quando se surprehende um porco-espinho fóra da toca, elle levanta a cabeça ameaçadoramente, eriça os picos e faz ouvir um ruido muito particular, exercendo o attrito d'esses picos uns contra os outros. Quando se acha muito excitado, o porco-espinho bate violentamente com as patas posteriores no chão e solta um grunhido semelhante ao do porco. Estes movimentos produzem a queda d'alguns picos, d'onde a fabula a que nos referimos já. «Apezar d'estas apparencias temiveis, diz Brehm, o porco espinho é um ser perfeitamente inoffensivo, timido, que foge de todos sem mesmo se lembrar de fazer uso dos fortes dentes de que é dotado.» [1] É bem certo que se imprudentemente nos approximarmos muito de um d'estes animaes, podemos ser feridos; não é menos certo porém que tal facto não succede a um caçador habil, experimentado, que o apanha pelo pescoço e o conduz para onde quer. Quando um grande perigo o ameaça, o porco-espinho enrola-se como o ouriço e torna-se então difficil lançar-lhe a mão.

O porco-espinho commum é infinitamente pouco intelligente e todos os seus sentidos são, exceptuando o olfato, inteiramente obtusos.

O tempo do cio varía segundo os climas. É em geral nos começos da primavera que este phenomeno se realisa; na Africa é em Janeiro, na Europa em Abril. Sessenta ou setenta dias depois do acto sexual a femea pare dois a quatro filhos que deposita no interior fôfo de um ninho tapetado de folhas e de raizes. Os filhos nascem com os olhos abertos e já com picos, embora ainda curtos, molles, colados ao corpo; estes picos endurecem e crescem muito rapidamente. Desde que podem sem auxilio procurar o alimento, os filhos abandonam a toca e a companhia dos paes, tornando-se assim inteiramente independentes.

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 203.

CAÇA

O porco-espinho commum não pode de modo algum considerar-se um animal muito nocivo, não só porque é pouco abundante, senão porque se estabelece sempre o mais longe possivel do homem. E no entanto dá-se-lhe uma caça desapiedada, pertinaz. Umas vezes apanha-se em armadilhas dispostas á entrada das tocas, outras vezes mandam-se-lhe no encalço cães amestrados n'esta caça e que o obrigam a parar até que o homem lhe lance a mão ou, se isto não é possivel, o mate com pancadas despedidas sobre o focinho. Refere Brehm que nos campos de Roma a caça do porco-espinho é considerada um passa-tempo agradavel. Quando é noite fechada, os caçadores instigam os seus cães á perseguição do curioso roedor. Pouco tempo decorrido, ouvem-se os latidos de colera e desespero que soltam os mastins; então os caçadores accendem fachos e correm na direcção do ruido. Os latidos transformam-se em gritos de alegria; os caçadores cercam a presa que esbraveja impotente eriçando os picos e grunhindo, até que a matam ou mesmo a apanham viva, o que não é difficil.

CAPTIVEIRO

O porco-espinho apanhado quando novo, domestica-se bem e rapidamente até ao ponto de chegar a reconhecer o dono e a seguil-o, como fazem os cães. Tratado com cuidado dura geralmente oito a dez annos; tem-se visto alguns que attingem dezoito e mais. Sustenta-se de cenouras, de batatas, de folhas, de hervas e principalmente de fructos d'arvores, alimento que a todos prefere. Bebe pouco e até mesmo, se os fructos que lhe dão forem succulentos, prescinde inteiramente da agua.

O porco-espinho não se torna nunca um companheiro agradavel. Não é possivel conserval-o n'um quarto porque destroe tudo, em tudo deixa os vestigios dos dentes. Mesmo fóra, nos jardins, é prejudicial, porque de noite destroe raizes d'arvores muitas vezes estimadas e de valor.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Parece que o porco-espinho provem da Africa septentrional d'onde pelos romanos teria sido importado para a Europa, vivendo actualmente nos campos de Roma, na Sicilia e na Grecia. Encontra-se tambem ao longo das costas do Mediterraneo, assim como, ao que parece pela forma dos buracos que se encontram na terra, nas florestas virgens de Kordofan e ás bordas do Nilo. O porco-espinho abunda mais na Africa do que na Europa.

USOS E PRODUCTOS

Utilisam-se os picos d'este animal e bem assim a sua carne. Muitos italianos percorrem cidades e villas exibindo este roedor nas praças ou em barracões expressamente construidos para tal fim. D'este modo, á custa do curioso animal, vão conseguindo os meios de acudir ás necessidades de uma vida miseravel.

O PORCO-ESPINHO DA AMERICA

Mede de comprimento pouco mais ou menos oitenta centimetros, dos quaes dezenove apenas pertencem á cauda. O corpo d'este roedor é completamente coberto de pêllos espessos que teem dez centimetros de extensão no dorso e que no ventre e na cauda se transformam em sedas rijas e agudas como picos. Sobre o dorso e em parte cobertos pelos pêllos e sêdas encontram-se picos de oito centimetros de comprimento. A côr do pêllo é a resultante da mistura do negro, do branco e

do trigueiro; no labio superior os pêllos são amarellos escuros, nas faces e na fronte côr de coiro, negros e brancos; no ventre são escuros no meio e brancos na raiz; na cauda são esbranquiçados ou pardacentos na ponta.

COSTUMES

Ácerca dos costumes d'este animal escreve Audubon: «De todos os mamiferos da America do Norte, o porco-espinho é o mais curioso. É mais lento, mais moroso nos movimentos que todos os outros animaes da mesma classe. O foeta, apesar de muito pouco agil, é ao pé d'elle um corredor excellente; pode affirmar-se que se não possuisse os picos como arma de defeza, o porco-espinho da America tornar-se-hia victima do glutão, do lynce, do lobo.»

Cartwright que observou a vida do porco-espinho da America em liberdade, escreve tambem: «É um trepador excellente; de inverno não desce ao solo senão depois de ter despojado completamente os cimos das arvores de toda a sua casca. De ordinario, o porco-espinho da America marcha em linha recta. Raras vezes passa por diante de uma arvore sem parar, a menos que ella não seja muito velha; é ás novas que dá as suas preferencias até ao ponto de que um só d'estes roedores destroe centos d'ellas. Não é por isso difficil descobrir este animal; os ramos despidos de casca revelam a passagem d'elle ao caçador.»

Audubon acima citado affirma ter attravessado florestas cujas arvores, todas, tinham sido roidas pelo porco-espinho americano; dir-se-hia que o fogo as devastou. Com os dentes agudissimos este animal tira a casca a uma arvore deixando bordos tão nitidos como o teria feito uma faca bem afiada.

Quando é attacado, o porco-espinho americano esconde a cabeça, eriça os pêllos e os picos e enrola-se sobre si mesmo; não é porém difficil apanhal-o, porque os picos são tão superficialmente implantados na pelle que rapidamente e sem custo se arrancam.

O porco-espinho da America não muda facilmente de logar; habita mezes inteiros a cavidade de uma certa arvore onde faz o ninho. Conserva-se retirado na habitação durante toda a estação dos frios, embora não caia em somno hybernal.

Em Abril ou Maio a femea pare dois a quatro filhos. Sobre o facto de reproducção não encontramos mais indicações.

CAÇA

O porco-espinho americano torna-se, por effeito da caça, cada vez mais raro. Ha mesmo logares onde era muito commum e d'onde inteiramente desappareceu. William Case affirma que não ha muitos annos este roedor era tão abundante na região occidental de Connecticut que n'uma só tarde um caçador podia matar facilmente sete ou oito; d'esse mesmo logar parece ter hoje desertado, porque não se encontra um unico. A caça desesperada que lhe move o homem parece ter por motivo o desejo de vingar os cães dos ferimentos que o roedor lhes faz.

CAPTIVEIRO

O porco-espinho da America quando se apanha ainda novo aceita resignadamente o captiveiro, chegando a domesticar-se até conhecer as pessoas que o tratam e a buscar-lhes o alimento á mão. Quando adulto não supporta senão muito difficilmente a perda de liberdade encolerisando-se pelo minimo motivo e attacando a todos. É terrivel sempre na lucta contra os cães.

Sustenta-se de cascas, de hervas e de pão.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita as florestas da America do Norte; não é raro a oeste do Mississipi.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas comem com prazer a carne do porco-espinho americano. Tambem se servem das pelles, depois de lhes tirarem os picos, para com ellas ornamentarem differentes objectos de uso commum.

OS ATHERUROS

São pequenos, teem as orelhas curtas e desnudadas, quatro dedos e um polex rudimentar nas patas anteriores, cinco dedos nas posteriores, uma cauda comprida, em parte coberta de escamas e terminada por um tufo de appendices corneos que não são nem picos, nem sêdas, nem pêllos, mas semelhantes a pedaços de pergaminhos caprichosamente cortados, largos, lanciformes, com estrangulamentos de onde a onde e collocados ao lado uns dos outros. Os picos que cobrem o dorso e os flancos são curtos, agudos e por vezes offerecem um sulco mediano e longitudinal. Entre estes picos encontram-se sêdas curtas e agudas; o ventre é coberto de pêllos.

COSTUMES

Na especialidade encontraremos occasião de os referir.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam Fernando-Pó, Serra-Leôa, Sumatra e Java.

O ATHERURO AFRICANO

É delgado, mede sessenta e seis centimetros de comprimento total e tem uma cauda cuja extensão forma pouco mais ou menos os dois terços d'este numero. Os picos, que offerecem um sulco medio longitudinal, são agudos, esbranquiçados na raiz, escuros no resto da extensão; alguns teem a ponta completamente branca. Augmentam de comprimento de diante para traz, medindo na espadua cêrca de quatro centimetros e no fundo do dorso oito. O tufo terminal da cauda é de um branco amarellado. O ventre é coberto de um pêllo molle e espesso, esbranquiçado ou antes pardacento. Os pêllos do labio superior são muito compridos e escuros, excepto na raiz que é branca.

COSTUMES

Os costumes d'este animal em liberdade são absolutamente desconhecidos; em compensação sabemos quaes elles sejam quando o animal existe em captiveiro.

A impressão que o atheruro d'Africa deixa no espirito do observador é, no dizer de Brehm, mais favoravel que a produzida pelo porco-espinho commum. No entanto mantem com este animal notaveis semelhanças no ponto de vista dos costumes. Como elle, o atheruro d'Africa

vive occulto o dia inteiro, enterrado as mais das vezes sob uma camada de feno. Quando é noite, desperta e mexe-se rapidamente nas habitações subtérraneas. Manifesta-se então sob o aspecto de uma certa ligeireza e elegancia, trepando por cima de quantos objectos lhe poem obstaculo á passagem. De ordinario traz a cauda levantada e os picos separados de modo a ficar em evidencia a raiz que é a parte mais clara. Este phenomeno torna-se ainda mais caracteristico quando o animal se encolerisa; n'essas occasiões faz tambem um grande ruido com o tufo da cauda.

O atheruro d'Africa habitua-se e adapta-se ao convivio do guarda, a quem reconhece e de quem se approxima significativamente quando necessita de comer.

Entre o macho e a femea parece manterem-se relações da mais estreita amizade. Vivem juntos todo o dia e de noite; quando despertam, passam o tempo procurando o alimento e limpando-se mutuamente. Affirma porém Brehm que a menor gulodice altera esta harmonia. Conta mesmo este illustre naturalista que uma vez perdeu em taes circumstancias um macho que a femea atacou ás dentadas e matou, ferindo-o profundamente na cabeça.

Os atheruros, como todos os animaes nocturnos, evitam cautelosamente a luz; é certo porém que teem por este agente menos repugnancia e supportam melhor a acção d'elle do que muitos outros roedores, por isso mesmo que saem das tocas quando ainda não é noite fechada, o que muitos não fazem.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie habita a costa occidental d'Africa.

OS COANDUS

Os roedores incluidos n'este genero teem o corpo completamente coberto de picos, a cauda comprida e prehensivel, as narinas susceptiveis de se abrirem n'uma especie de tuberculo proeminente e o craneo notavelmente elevado na região frontal.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A unica especie bem conhecida, de que nos vamos occupar, pertence ao novo continente.

O COANDU DE CAUDA PREHENSORA

Mede cento e quinze centimetros de comprimento, dos quaes cincoenta pertencem á cauda. Os picos que principiam na face cobrem todo o dorso, ventre e patas até aos dedos e a metade superior da cauda. Os picos encobrem completamente os pêllos que só se tornam visiveis quando aquelles se affastam. Esses picos, fracamente implantados na pelle, são duros, fortes, quasi arredondados, lisos, lusidios, estreitos na raiz e na ponta, e no resto da extensão de um diametro sensivelmente egual em todos os pontos. No dorso teem um comprimento de doze centimetros; são mais curtos aos lados do corpo e sob o ventre vão-se pouco e pouco transformando em verdadeiras sêdas que se tornam de novo picos na parte inferior da cauda. Os picos são de um amarello claro

com ponta escura carregada. Os pêllos do focinho são ruivos entremeiados aqui e além de sêdas esbranquiçadas. Os do labio superior são compridos, fortes e negros.

COSTUMES

Os costumes do coandu de cauda prehensora são muito pouco conhecidos. Sabe-se que é um animal trepador que dorme durante o dia nos cimos das arvores e que durante a noite corre com destreza pelos ramos. Nutre-se de folhas de toda a especie.

CAPTIVEIRO

Reduz-se o coandu ao captiveiro com difficuldade. Não se submette, não attinge nunca uma perfeita domesticidade. Encolerisa-se facilmente, eriçando então todos os picos e apresentando-se portanto muito mais volumoso; ao mesmo tempo muda de côr, porque apparece em toda a evidencia o amarello vivo da parte media dos picos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita n'uma parte extensa da America do Sul e da America central.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas estimam muito a carne do coandu fazendo d'ella um notavel consumo. Tambem lhe utilisam os picos com differentes fins.

Este animal é entre os indigenas objecto de fabulas semelhantes ás que entre nós teem curso ácerca do ouriço. Ha tribus que empregam os picos em vista de resultados therapeuticos, porque crêem que enterrados na pelle de um doente elles actuam á maneira de sanguesugas.

OS SPHIGGUROS

N'estes animaes os picos são menos abundantes que os pêllos chegando a faltar completamente na garganta, no peito e no ventre.

O SPHIGGURO MEXICANO

Mede um metro de comprimento; trinta centimetros pertencem á cauda. Os pêllos são lusidios, espessos, um pouco crespos, cobrindo quasi completamente os picos. Estes encontram-se em todo o corpo, excepto na parte inferior, na face interna das patas, no focinho e na metade terminal da cauda que é desnudada na face superior e coberta de sêdas negras na face inferior e de sêdas amarellas nas faces lateraes. O collo tem ainda alguns picos que lhe formam uma especie de colleira; nos membros não descem elles abaixo do cotovello ou do joelho. Os pêllos são escuros ou claros, alternadamente, na raiz e negros na ponta; nos braços e nas coxas ha-os compridos e rijos embora pouco abundantes. Os pêllos são côr de enxofre com a ponta negra; são primeiro estreitos na raiz, mais espessos depois e por ultimo de novo estreitos na ponta. Quando o animal está tranquillo não se vêem senão os picos que cercam os olhos e as orelhas; mas quando elle entra em colera eriçam-se

então todos os picos do dorso, que são fracamente implantados na pelle e que caem ás duzias.

COSTUMES

Os costumes d'este roedor, quando em liberdade, são muito pouco conhecidos; em compensação conhecemol-os perfeitamente quando em captiveiro. Reservaremos pois a descripção dos costumes para quando nos occuparmos do animal reduzido ás condições de domesticidade.

CAÇA

Os homens perseguem tenazmente este animal. Os cães odeiam-o tambem e perseguem-o como ao porco-espinho e com egual infelicidade, travando luctas de que saem sempre feridos e doentes para muito tempo.

CAPTIVEIRO

O sphigguro mexicano é moroso e pezado em todos os movimentos; correndo com toda a velocidade de que pode dispôr, é apanhado por um homem que marcha a passo regular. De resto, quasi que se não move senão para procurar alimento. Azara, naturalista hespanhol que possuiu um durante muito tempo, affirma que elle comia duas vezes ao dia, ás nove horas da manhã e ás quatro da tarde, passando todo o resto do dia e da noite em perfeita immobilidade sentado no peitoril de uma janella.

Parece detestar a carne; alimenta-se exclusivamente de pão, de hervas, de flores e de fructos. Tambem estima as cascas d'arvores, que prefere talvez a todos os alimentos. Quando come senta-se sobre as patas posteriores, mantendo as substancias alimentares entre as anteriores.

É docil, nunca procurando morder ou fazer um gesto offensivo. É

muito pouco limpo; muitas vezes defeca ás horas das refeições sendo-lhe indifferente que as fezes se accumulem sobre os alimentos.

De todos os sentidos, é o olfato o mais desenvolvido n'este animal. De resto, é pouco intelligente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie, como o nome o indica, habita exclusivamente o Mexico.

OS AULACODES

Teem o corpo refeito e vigoroso, a cabeça pequena, o focinho curto e largo, as orelhas em semi-circulo, desnudadas, a cauda coberta de pêllos finos, aveludados, as pernas curtas, quatro dedos armados de unhas fortes, recurvas, um polex rudimentar nas patas anteriores, os incisivos de cima marcados na face anterior por trez sulcos profundos, os molares sensivelmente eguaes em grandeza, quadrangulares, sendo todos cavados de sulcos profundos, os superiores na face externa e os inferiores na interna.

Apenas se conhece d'este genero uma familia de que passamos a occupar-nos.

O AULACODE DE SWINDERIEN

Tem de comprimento setenta e sete centimetros, dos quaes vinte e dois pertencem á cauda. Todo o corpo é coberto de picos annelados nas partes superiores, de ponta flexivel, recordando os do porco-espinho. Nos animaes ainda novos, os pêllos são amarellados com anneis escuros; nos adultos e principalmente nos velhos, são cinzentos ou pardos na raiz, escuros no meio, negros na extremidade. O mento e o labio superior são esbranquiçados, o peito amarello-escuro, o ventre trigueiro e as orelhas cobertas de pêllos amarellados. Os pêllos do labio superior, abundantes e compridos, são em parte brancos e em parte negros.

COSTUMES

Sabe-se muito pouco dos costumes d'este animal. Não construe tocas; faz na areia ou na herva um ninho de palhas. Penetra nos campos onde ha plantações de bambus ou de cannas de assucar e produz estragos enormes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita as planicies seccas do sul da Africa, por exemplo, a Serra-Leôa e a Senegambia.

USOS E PRODUCTOS

A carne d'este roedor tem muito bom gosto. Estimam-a os indigenas, motivo por que fazem ao animal uma grande guerra desapiedada e tenaz.

AS CAVIAS

Comprehendem-se sob esta designação muitos roedores de differentes proporções, na apparencia muito dissimilhantes e comtudo ligados n'um só e mesmo grupo natural por caracteres analogos que são: orelhas grandes, cauda curta, quasi rudimentar, planta do pé desnudada, unhas largas quasi formando casco, pêllos grossos, quatro molares sensivelmente eguaes em cada maxilla, incisivos fortes, largos e brancos, dezenove vertebras dorsaes, quatro sagradas e seis a dez caudaes.

COSTUMES

O logar de habitação varía com as especies: umas habitam descampados, outras florestas, umas logares seccos, outras pantanos, algumas rochedos, muitas emfim a agua mesmo. Alojam-se de ordinario nas cavidades das arvores velhas, nas fendas dos rochedos ou em tocas abandonadas por outros roedores.

Quasi todas as especies são sociaveis e nocturnas. Sustentam-se exclusivamente de substancias vegetaes: hervas, folhas, flôres, raizes, grãos, fructas e cascas d'arvores. Para comer, sentam-se, mantendo o alimento entre as patas anteriores.

*

De ordinario, teem um andar lento.

Algumas são habeis nadadoras. Em geral são pacificas, inoffensivas, timidas e doceis; estas qualidades distinguem principalmente as pequenas especies.

O ouvido e o olfato são os sentidos mais perfeitos. A intelligencia é muito limitada. Domesticam-se facilmente, habituam-se ao homem, reconhecem os que d'ellas se approximam; no entanto a sua dedicação pela nossa especie não é grande.

São extremamente fecundas. Algumas especies realisam um grande numero de partos por anno e de cada vez produzem muitos filhos, oito em alguns casos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As especies que formam a familia das cavias pertencem á America central e á America meridional.

Os generos principaes comprehendidos n'esta familia são: as *capybaras,* as *cobayas,* as *pacas,* os *dolichotios* e as *cotias.* De todos nos iremos successivamente occupando.

AS CAPYBARAS

Estes roedores, conhecidos tambem pelo nome de *hydrocheros* que quer dizer *porcos d'agua,* teem avultadas proporções e muito pezo. Os modos, o porte, assim como o pêllo são os do porco, motivo por que Brisson e Linneu os confundiam n'um mesmo grupo, embora os incisivos caracterisem evidentemente as capybaras como roedores. Anatomicamente distinguem-se assim: teem o corpo grosso, o pescoço curto, a cabeça alongada, alta e larga, de focinho obtuso, os olhos redondos, muito gran-

des, muito salientes, as orelhas pequenas, arredondadas, de bordo externo chanfrado, o labio superior fendido, os dedos reunidos por uma estreita membrana natatoria, as unhas em casco, muito fortes, os membros posteriores mais compridos que os de diante, sendo estes terminados por quatro dedos e aquelles por trez sómente, os incisivos fortemente desenvolvidos, pouco espessos, da largura approximada de trez centimetros, cavados em sulcos na face anterior, quatro pares de molares, sem raizes e de apparencia laminar, em cada maxilla. Não teem cauda.

N'estes roedores o anus e as partes genitaes externas são circumdadas por uma prega cutanea.

Apenas se conhece uma especie de que vamos occupar-nos.

A CAPYBARA DO BRAZIL

Quando adulta, a capybara tem pouco mais ou menos as dimensões de um porco de um anno: mede um metro e quinze centimetros de comprimento, meio metro de altura e peza cerca de cincoenta kilogrammas. A côr d'este animal é uma mistura de trigueiro, de ruivo e de amarello; as sedas que circumdam a bocca são negras.

COSTUMES

A capybara habita as regiões baixas, pantanosas, arborisadas, á beira dos lagos, de todos os cursos d'agua e sobretudo á margem dos grandes rios. É muito commum em certas regiões, habitando mais os logares desertos que os habitados. N'estes apenas se mostra de manhã cêdo e ao fim da tarde; n'aquelles apparece durante todo o dia em grandes bandos, sempre perto da agua.

Este animal é bom nadador; quando o perseguem lança-se á agua

gritando e, se tanto é preciso mergulha, embora para este ultimo exercicio não revele grandes aptidões.

Alimenta-se exclusivamente de vegetaes. Não cava tocas a capybara. Passa uma grande parte do seu tempo sentada, corre pouco e vagueia mais de noite que de dia. Raras vezes se deita sobre o ventre; a posição que parece convir-lhe mais é a do repouso sobre os tarsos.

A capybara do Brazil é pacifica e muito estupida. De todos os sentidos, o unico perfeito é o olfato. Assim sob o ponto de vista dos meios de communicação perceptiva com o mundo exterior, é mal dotada; em compensação tem uns musculos muito robustos e gosa de uma força tal que dois homens não são de mais para domar uma.

A femeà pare uma só vez por anno dois a quatro filhos, pelos quaes manifesta uma grande sollicitude.

CAÇA

A caça dada a este roedor pelos brancos é uma simples questão de prazer. O mesmo não acontece com os negros que o matam com um fim utilitario, como veremos adiante. O processo de caça mais empregado é o do laço, que se lhe lança em terra ou na agua mesmo. Empregam-se tambem mas mais raramente as armas de fogo; este processo tem comtudo o inconveniente fundamental de que se o roedor é mortalmente ferido na agua, perde-se para o caçador porque afunda invariavelmente.

O jaguar é, depois do homem, o mais terrivel inimigo da capybara do Brazil. Persegue-a constantemente, noite e dia, ás margens do rio, porque faz d'ella a sua alimentação habitual.

CAPTIVEIRO

Quando são apanhadas ainda novas, as capybaras reduzem-se ao captiveiro sem grandes cuidados. É certo comtudo que nunca se consegue d'ellas o grao de domesticidade que caracterisa outros animaes sem duvida melhor dotados de intelligencia.

Mao grado todos os esforços, as capybaras ainda depois de muito tempo de captiveiro revelam um caracter desobediente e indisciplinavel. Chegam algumas vezes, é verdade, á submissão a uma certa pessoa, chegam a reconhecer-lhe a voz e a responder aos apellos que lhe são feitos; no entanto conservam-se hostis em relação a todas as outras pessoas e mesmo muitas vezes desobedecem sem motivo plausivel áquella a que de ordinario são submissos. Encolerisam-se facilmente e então desconhecem a todos; não é raro que n'essas occasiões de mao humor cheguem a attacar á dentada o proprio dono ou quem se encarrega de as alimentar.

É facil sustentar estes animaes, porque se é certo que carecem de muito alimento, é não menos certo que os não preocupa a qualidade.

Bebem muita agua e a longos tragos, como o cavallo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As capybaras encontram-se em toda a America do Sul desde Orenoque ao Prata, desde o Oceano Atlantico até ás primeiras vertentes dos Andes.

USOS E PRODUCTOS

No Paraguay fazem-se das pelles das capybaras correias e sapatos. Os indigenas tambem lhes utilisam a carne como alimento.

AS COBAYAS

Teem formas vigorosas, a cabeça volumosa, quatro dedos nos pés de diante e trez sómente nos de traz, a cauda reduzida a um simples tuberculo, as orelhas curtas e arredondadas, o pêllo duro, pouco cerrado e quatro molares em cada maxilla.

A especie typica d'este genero é o porquinho da India de que vamos tratar.

O PORQUINHO DA INDIA

Teem as orelhas curtas, a cauda reduzida a um tuberculo ou pequena dilatação supra-anal, mollares resistentes, os dedos separados, sendo trez nas patas posteriores e quatro nas anteriores. Quanto á côr podemos dizer que é em geral a que resulta da mistura irregular do negro, do amarello, do ruivo e do branco em manchas mais ou menos largas e deseguaes. São muito raros os individuos cujo pêllo affecta uma só côr.

COSTUMES

O porquinho da India não se conhece senão em domesticidade. É muito estimado geralmente pela docilidade extrema de que dá provas e pela facilidade com que se cria. Se se lhe dá uma habitação secca e arejada conserva-se por largo tempo.

Come toda a ordem de substancias vegetaes, raizes ou folhas, grãos ou plantas succolentas; carece no entanto de uma alimentação abun-

dante. Quando as substancias alimentares que lhe são distribuidas abundam em succos, passam sem beber; notemos comtudo que o leite constitue para elle uma bebida deliciosa.

Quando se lhe dá bastante de comer, não carecemos de por elle nos inquietarmos. Supporta então todos os maus tratos. É por isso que justamente se considera um admiravel companheiro da infancia; não ha creança que o não estime e não faça d'elle um bom amigo de que se serve nos jogos da edade.

O porquinho da India tem alguma coisa do coelho e do rato pequeno. A marcha não é rapida; avança aos saltos. No entanto não é pezado; pelo contrario não pode negar-se que manifesta uma notavel agilidade.

Em repouso sustenta-se ordinariamente sobre as quatro patas pousando o ventre no chão; algumas vezes appoia-se exclusivamente sobre a parte posterior do corpo e, como muitos outros roedores, leva á bocca os alimentos com as extremidades de diante.

O porquinho da India é muito sociavel. Macho e femea vivem sempre juntos, manifestando um pelo outro uma grande ternura; como são muito limpos, passam o seu tempo lambendo-se e anediando-se o pêllo um ao outro. Em quanto um dorme, o outro vela pela sua segurança e quando o primeiro prolonga o somno por tempo demasiado o outro acorda-o, lambendo-o, para a seu turno cair em somno. O macho principalmente dedica á femea extremos de dedicação e prodigalisa-lhe testemunhos do maior affecto. Os individuos de um mesmo sexo vivem em boas relações de harmonia, excepto quando se trata de apanhar o melhor quinhão de alimento ou o melhor logar para dormir; os machos que perseguem uma mesma femea entram em colera, arreganham os dentes, batem-se com as patas posteriores e arrancam-se os pêllos, não terminando os combates senão pela fuga dos vencidos ou pela entrega espontanea e definitiva da femea ao vencedor.

O porquinho da India é um dos mamiferos domesticos mais fecundos. Entre nós, a femea pare duas vezes por anno, produzindo em cada parto dois a trez filhos e muitas vezes mesmo quatro ou cinco. Os novos seres nascem já inteiramente formados e com os olhos abertos; poucas horas depois de dados á luz encontram-se em condições de acompanharem a mãe. Ao segundo dia já compartilham da alimentação dos progenitores, comendo herva fresca e mesmo grãos. A mãe aleita-os apenas durante o espaço de dez a quinze dias, testemunhando-lhe então um inexcedivel affecto, dando-lhe mil cuidados, defendendo-os, conduzindo-os aos pastos, emfim nunca os abandonando. Quando os filhos teem adquirido uma certa experiencia, de modo a poderem prescindir de tantos desvelos, o amor materno declina e a femea trez semanas depois

entra de novo em relações sexuaes, descurando então completamente a progenitura. Da parte do macho não se notam nunca os desvelos e dedicações de que a femea dá provas; é indifferente aos filhos e chega mesmo a devoral-os.

Ao fim de cinco ou seis mezes o porquinho da India encontra-se apto á reproducção; aos oito ou nove mezes tem attingido as proporções definitivas.

Quando é bem tratado, o porquinho da India attinge a edade de seis ou oito annos.

Como é pouco intelligente não se consegue nunca fazel-o distinguir as diversas pessoas umas das outras; tambem nunca é possivel fazel-o perder, mesmo á custa dos maximos esforços, uma certa timidez caracteristica. De resto, é docil e nunca procura morder ou arranhar nem mesmo as creanças que muitas vezes o maltratam. No meio da grande indifferença que o caracterisa, uma coisa ha que immensamente o incommoda: as mudanças bruscas de temperatura, o frio intenso e a humidade.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O nome d'este roedor parece indicar n'elle uma proveniencia asiatica; no entanto nada menos exacto. Discute-se muito entre os naturalistas se elle é oriundo da America ou se pertence á Europa, mas ninguem se lembrou de arriscar a opinião de que fosse a Asia o continente que primeiro habitou. Brehm e Figuier suppoem que a patria do porquinho da India é a America do Sul, porque antes da descoberta d'este continente parece que elle era absolutamente desconhecido. De resto, o apparecimento d'este animal na Europa é posterior, affirmam os naturalistas citados, á descoberta do Novo-Mundo.

Como quer que seja não se conhece o porquinho da India em estado selvagem, mas sómente em captiveiro. Hoje encontra-se quasi em toda a Europa e America, sendo abundante no Paraguay, na Guyana e no Brazil.

USOS E PRODUCTOS

Ha quem utilise a carne do porquinho da India como alimento, não sei se justa se injustamente considerado bom. De resto, este animal é uma das victimas mais communs da experimentação physiologica; são incalculaveis as vantagens que d'elle se tem tirado para a apreciação dos factos organicos e para esclarecimento de multiplos problemas da economia humana.

A COBAYA APEREA

Mede cerca de trinta centimetros de comprimento sobre oito de altura. O pêllo é direito, forte, luzidio e sedoso. As orelhas, o dorso e as patas teem muito poucos pêllos; pelo contrario o labio superior é ornado de pêllos rijos, fartos e longos. De inverno os pêllos do dorso são trigueiros e amarellos, de ponta ruiva; de verão as tintas são mais claras, tornando-se o dorso pardacento com reflexos ruivos. A dentição é n'este roedor a mesma que no porquinho da India; sómente os incisivos são menos recurvados e os molares menos compridos.

COSTUMES

Rengger escreve ácerca dos habitos d'este animal: «Encontrei a cobaya aperea no Paraguay e no Brazil. No Paraguay, vi-a principalmente nos logares humidos. De ordinario, doze ou quinze individuos habitavam em conjuncto na orla das florestas, entre o matto ou junto das sebes. Não se encontra nunca no interior das florestas ou em campo

descoberto. Conhece-se o logar onde este animal se acoita pelas passagens estreitas e tortuosas que abre entre as bromelias. De manhã e de tarde sae do seu retiro em busca das hervas com que se alimenta, sem todavia se distanciar nunca mais de seis ou sete metros. Não é timido; pode um caçador approximar-se-lhe até meio tiro de espingarda. Nos movimentos, no modo de comer e nos gritos assemelha-se inteiramente aos porquinhos da India.

«A femea realisa um parto por anno, na primavera, dando á luz um ou dois filhos, que nascem com os olhos abertos, correm e seguem desde logo a mãe.»

INIMIGOS

O homem é um implacavel inimigo da cobaya aperea a que move uma caça tenaz, continua. Além d'este, conta o roedor entre os inimigos, os gatos, os cães e principalmente as grandes serpentes que habitam entre os massiços de bromelias.

CAPTIVEIRO

Resigna-se facilmente á perda da liberdade e attinge um alto grao de domesticidade, chegando a reconhecer o dono, deixando-se apanhar por elle, respondendo aos apellos que lhe faz e buscando-lhe á mão os alimentos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita o Paraguay, a Guyana e o Brazil.

USOS E PRODUCTOS

A carne d'este animal, apesar de um gosto adocicado que a torna desagradavel ao Europeu, entra na alimentação do indigena.

AS PACAS

Teem a cabeça volumosa, os olhos grandes, as orelhas pequenas, a cauda reduzida a um coto, quatro dedos nas patas anteriores, cinco nas de traz, o corpo coberto de pêllos, um par de incisivos e quatro de molares, papos aos lados da bocca, situados n'uma larga cavidade infra-zygomatica. O focinho é extremamente largo, o que depende do desenvolvimento extraordinario das arcadas zygomaticas.

A especie mais conhecida e mais completamente descripta pelos zoologistas, é a paca do Brazil de que vamos tratar.

A PACA DO BRAZIL

O macho adulto mede cerca de sessenta e seis centimetros de comprimento sobre trinta e trez d'altura. Tem os pêllos curtos de um amarello-escuro no dorso e na face externa dos membros, de um branco-

amarellado no ventre e na face interna das extremidades. Aos lados do corpo desde a espadua até ao bordo posterior da coxa, correm cinco fachas ou antes ordens de manchas amarello-claras, redondas ou ovaes. Em torno da bocca e por cima dos olhos inserem-se alguns pêllos tactis, dirigidos para traz. As orelhas são curtas e pouco abundantes em pêllos; a planta dos pés e os dedos são desnudados.

COSTUMES

É na orla das florestas que vive de ordinario a paca do Brazil, só ou acompanhada de filhos. Cava tocas de um metro e trinta a um metro e sessenta centimetros de profundidade. Dorme durante todo o dia. Sae á noite sómente para procurar o alimento que consiste em folhas, em flores e em fructos de toda a ordem.

A femea pare em meio do estio um filho unico que por muito tempo conserva na toca; parece com effeito que só ao fim de alguns mezes se atreve a sair com elle.

CAPTIVEIRO

Consegue domesticar-se a paca do Brazil, mas só ao fim de muito tempo de captiveiro. Nos primeiros tempos parece absolutamente indomavel. Mas ao fim de alguns mezes consegue-se que o animal se torne socegado e se familiarise com o homem, resignando-se emfim ao captiveiro e parecendo viver contente. O que é certo, o que affirma Rengger, é que ainda mesmo sentindo-se bem e sendo optimamente tratada em captiveiro, a paca não deixa nunca de aproveitar qualquer occasião propicia á fuga.

Buffon que possuiu uma paca em captiveiro durante muito tempo, diz-nos que era tão completamente insensivel ao frio que lhe parecia ser possivel a aclimação da especie na Europa.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A paca do Brazil encontra-se n'uma grande parte da America do Sul. Quanto mais selvagem e dezerta é uma região, mais commum é n'ella a paca do Brazil. Nos logares habitados tem-se tornado extremamente rara.

USOS E PRODUCTOS

A carne da paca do Brazil é nos mezes de Fevereiro e Março, quando o animal está muito gordo, de um bom gosto muito estimado. N'esses mezes dá-se-lhe uma caça desesperada, quer por meio de armadilhas quer por meio de cães, e apresenta-se nos mercados brazileiros sob o nome de *caça real.*

OS DOLICHOTIOS

São tambem designados estes roedores pelos nomes de *cotias da Patagonia* e de *lebres das pampas.*

No focinho assemelham-se muito ás lebres. As orelhas são mais curtas que n'estes mamiferos. O corpo é fino, alongado, mais estreito adiante do que atraz; as patas são compridas e delgadas; os dedos, que são quatro nas patas anteriores e trez nas posteriores, são munidos de unhas compridas e um pouco recurvas. A cabeça é comprida, o focinho ponteagudo, os olhos pequenos e vivos, o labio superior fendido, a cauda curta e levantada e a planta dos pés completamente coberta de pêllos.

Conhece-se d'este genero uma só especie de que nos vamos occupar.

O DOLICHOTIO DA PATAGONIA

Tem o pêllo curto, macio, espesso e lusidio. No dorso é pardo com maculas brancas, degenerando em côr de canella clara aos lados do tronco e na parte externa dos membros; no ventre e na garganta é branco, no peito trigueiro-amarellado, e na cauda tem uma mancha branca.

O ventre e collo são brancos, o peito é côr de canella clara e os pêllos do labio superior são negros e lusidios. O animal adulto mede cerca de cincoenta centimetros de comprimento, dos quaes pertencem quatro á cauda. A altura no logar das espaduas é de quarenta e sete centimetros.

COSTUMES

O dolichotio da Patagonia parece viver constantemente aos pares. Azara affirma que nunca viu o macho separado da femea. Corre muito rapidamente, mas durante pouco tempo. Um cavalleiro bem montado, apanha-o facilmente, fatigando-o e lançando-lhe laços depois. É muito timido, muito cauteloso e tem os sentidos muito desenvolvidos; por tudo isto é difficil ao caçador approximar-se d'elle e apanhal-o na toca, como se faz a tantos outros roedores.

Sobre a reproducção d'este mamifero sabe-se apenas que a femea pare duas vezes por anno, produzindo de cada vez dois filhos.

CAPTIVEIRO

Resigna-se muito facilmente á perda de liberdade. Em captiveiro é docil, interessante e inoffensivo, affeiçoando-se desde logo ao dono, acceitando-lhe da mão os alimentos e permittindo que lhe toquem sem se incolerisar e sem se mostrar impaciente.

Gœring possuiu um que se mostrava mesmo em extremo affeiçoado ás caricias, arqueando o dorso quando por elle se lhe passava a mão.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Darwin affirma que o dolichotio da Patagonia não excede na sua area de dispersão, ao norte, o septuagessimo terceiro grao de latitude austral. Habita os desertos pedregosos e aridos da Patagonia desapparecendo completamente nos pontos em que o solo começa a tornar-se humido e fertil. A oeste chega até ás cercanias de Mendonza e mesmo até ao trigessimo terceiro grao de latitude austral. Ha alguns seculos era muito mais commum do que é hoje.

USOS E PRODUCTOS

Aproveitam alguns indigenas a carne do dolichotio. Tambem lhe aproveitam o pêllo, que é muito macio, para a fabricação de tapetes e de cobertores.

AS COTIAS

As cotias assemelham-se ás lebres, embora entre ellas existam differenças sensiveis. As cotias são altas e teem a cabeça comprida, o focinho ponteagudo, as orelhas pequenas, arredondadas, o coto que lhes serve de cauda absolutamente desnudado, os membros posteriores mais compridos que os de diante, quatro dedos e um pollex rudimentar nas patas anteriores, trez dedos mais compridos e separados nas de traz. Todos estes dedos, exceptuando o pollegar, são munidos de unhas fortes, largas, pouco recurvas e em casco; o pollegar tem uma unha achatada e pequena. A dentição das cotias é vigorosa: os incisivos são chatos, lisos, os superiores de uma côr arruivada e os inferiores amarellos.

Conhecem-se quatro especies. Fallaremos sómente da mais commum.

A COTIA VULGAR OU AGUTI DO BRAZIL

A cotia vulgar, tambem chamada pela belleza e pela côr do pêllo a *lebre dourada*, é um dos roedores mais elegantes da familia das cavias. Os pêllos que a cobrem são rijos, espessos, luzidios tendo trez ou quatro anneis escuros, alternando com outros tantos amarellos ou arruivados de ponta ora clara ora escura. Em certas partes do corpo predomina a côr amarella, n'outras o escuro. Resulta d'aqui, como muito bem observa Brehm, que a coloração do animal varía segundo os movimentos d'elle, segundo o angulo de incidencia, emfim segundo os pêllos são mais ou menos compridos. A face e os membros são cobertos de pêllos curtos; só nas coxas e ao fundo do dorso é que elles se tornam compridos chegando a attingir oito centimetros. A garganta é desnudada. A côr mais ou menos ruiva domina na cabeça, na parte anterior do dorso e na face externa dos membros; a tinta amarella domina na parte posterior do dorso e no

sacro. A côr varía segundo as estações: é no inverno muito mais escura que no estio. A cotia vulgar mede cincoenta centimetros de comprimento; a extensão da cauda é de quatorze millimetros.

COSTUMES

A cotia vulgar frequenta as florestas virgens ou os prados que as orlam; em campo razo nunca se encontra este roedor. Vive ordinariamente em buracos feitos no solo ou em cavidades de arvores antigas, mais vezes solitario do que reuñido aos seus congéneres.

A cotia vulgar ou aguti do Brazil é um animal medroso, desconfiado, o que faz com que seja extremamente difficil observar os seus habitos em estado de liberdade. Dorme durante o dia no seu retiro habitual; se alguma vez sae, é só quando se sente em absoluta segurança. Ao cahir da tarde, procura o alimento e vagueia então durante toda a noite. Rengger observou que este animal costuma voltar para o seu retiro pelo caminho mesmo por que sahiu, o que determina, com o correr do tempo, a formação de um carreiro que denuncia o animal. Os cães conhecem estes carreiros ou veredas, que seguem para apanhar o animal dando ao caçador o signal de que elle se encontra sob as suas vistas. Se acontece porém que a cotia ouça os latidos a tempo, foge com rapidez tal que consegue collocar-se a salvo de todas as perseguições.

De todos os sentidos, é o olfato o mais perfeito n'este roedor. O ouvido é tambem apurado; a vista pelo contrario parece ser fraca e o gosto muito pouco pronunciado. A intelligencia é limitadissima.

Alimenta-se a cotia vulgar de plantas de toda a ordem, raizes, flores e grãos. Não ha vegetal que resista aos fortes incisivos d'este roedor capazes de partirem as nozes mais duras. Nos campos cultivados, especialmente n'aquelles em que abunda a canna do assucar, a cotia é um hospede perigoso, muito nocivo.

A femea realisa dois partos por anno, produzindo muitos filhos de cada um. Para renderem a femea á submissão sexual na epocha do cio, os machos empregam muitas vezes a violencia. Brehm conta que tendo collocado juntos dois machos e uma femea se viu obrigado a retirar esta ultima, tantos eram os attaques sangrentos que aquelles lhe moviam. Pouco depois do coito, os dois sexos separam-se. A femea aleita os filhos durante algumas semanas, depois do que sae com elles do retiro para os ensinar a procurar a alimentação.

*

CAÇA

Entre os inimigos naturaes da cotia, os gatos e cães do Brazil são indubitavelmente os peiores. O homem dá-lhe tambem uma caça muito activa, empregando laços ou cães, como observa o princepe de Wied, notavel n'estes e analogos exercicios.

CAPTIVEIRO

Azara n'um livro já mais de uma vez citado no decorrer d'esta obra, affirma que a cotia vulgar é indomesticavel. Nota porém Brehm que para nos convencermos do contrario basta sómente visitar os jardins zoologicos, onde este animal vive captivo, satisfeito d'este estado e reconhecendo os que d'elle se occupam. Nem admira que assim seja, porque a cotia vulgar é naturalmente mansa.

Pela gentileza e pela graça de que é dotada, a cotia torna-se estimavel. Dando-se-lhe alimento bastante, de modo que ella não sinta a necessidade de roer e destruir o que encontra em casa, é mesmo um companheiro agradavel, porque caracterisam este animal um grande aceio e uma inexcedivel limpeza.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A Guiana, Surinam, o norte do Brazil e do Peru são a patria da cotia vulgar ou aguti. Abunda principalmente ao longo dos cursos d'agua do Brazil.







1. A Lebre. — 2. O Coelho manso. — 3. O Coelho bravo

AS LEBRES

«Quem não conhece, diz Brehm, estes animaes de longos bigodes e de longas orelhas, cuja timidez é proverbial desde os mais remotos tempos e cuja carne era já estimada pelos gastronomos de Roma! Entre os roedores não encontramos de certo, se exceptuarmos os ratos, outros que sejam tão populares como estes. Todos os teem visto, todos os teem apalpado e no entanto são ainda muito pouco conhecidos, menos que outros animaes que muitas pessoas não viram nunca.» [1]

A familia das lebres caracterisa-se pela existencia de duas ordens de incisivos. Os molares são em numero de cinco ou seis pares em cada maxilla e formados de duas laminas. O esqueleto tem tambem algumas particularidades. A columna vertebral é formada de doze vertebras dorsaes, nove lombares, duas a quatro sagradas e doze a vinte coccygianas.

O corpo é alongado, as patas posteriores compridas, o craneo comprimido, os olhos e as orelhas grandes. Os dedos das patas anteriores são cinco, quatro os das posteriores. Os labios são grossos e profundamente fendidos. O pêllo é espesso e macio.

COSTUMES

Habitam todos os climas e todos os logares. Encontram-se nas planicies e nas montanhas, nos campos descobertos ou entre os rochedos, sobre o solo ou no fundo de tocas.

Todas as especies se alimentam das partes moles e sapidas das plantas e principalmente de folhas. Tambem se nutrem de raizes e de fructos.

A maior parte das especies são até um certo ponto sociaveis e persistem na região que as viu nascer. Em geral passam o dia occultas n'uma toca ou n'uma depressão do terreno d'onde saem de noite para

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 219.

procurar o alimento. Isto não quer dizer que as lebres sejam animaes nocturnos, porque não se conservam durante o dia em repouso senão n'aquelles logares em que receiam ser perturbadas e perseguidas; se se crêem em segurança correm, vagueiam de manhã e de tarde.

Correndo, as lebres são de uma extrema velocidade; quando marcham lentamente porém, são de um pezo e de uma falta de elegancia verdadeiramente incriveis:—parece então que as longas patas posteriores poem obstaculo á marcha. As lebres são absolutamente incapazes de trepar. Evitam muito a agua; em caso porém de extrema necessidade, attravessam riachos a nado.

De todos os sentidos é o ouvido o mais perfeito; attinge um desenvolvimento superior ao de todos os roedores. O olfato é fraco, sem todavia ser mao.

Relativamente aos habitos que as caracterisam, as lebres parecem desmentir completamente aos olhos do observador consciencioso o retrato que d'ellas se costuma fazer. Tem-se dito e escripto com effeito, que são ellas suaves, doceis; e no entanto asseguram muitos naturalistas que ellas são más, excessivamente más. Tem-se fallado muito da prudencia, do mêdo, da timidez; e comtudo ha tambem n'estes roedores muita astucia de que se não falla, dizem os mesmos naturalistas. A timidez das lebres, diz Brehm, tambem não é tão grande como se tem dito e mal avisado andou, na opinião d'este observador, o grande Linneu quando, suppondo aquella qualidade caracteristica, appelidou de *timida* a lebre ordinaria.

Sem ser tão grande como em outros roedores, a fecundidade é comtudo notavel ainda nas lebres, e muito especialmente se os logares que habitam são socegados e se n'elles a vida é facil. A maior parte das especies realisam varios partos por anno, dando á luz em cada um trez a seis e mesmo onze filhos. É de notar comtudo que a indifferença e a falta de cuidado com que a mãe olha pela prole, faz com que um grande numero de recemnascidos succumba. Uma outra causa importante de destruição é o grande numero de inimigos que por toda a parte perseguem estes roedores. A estrophe seguinte de Wildungen faz menção de todos esses inimigos nas nossas regiões:

Pauvre lièvre! va, je te plains!
Que d'énnemis! hommes et chiens,
Chats, loups-cerviers, martes, belettes
Renards, grands-ducs, aigles, chouettes,
Pie et corbeau... combien encore
Dévorent le lièvre aux poils d'or!

Por isto se comprehende que a multiplicação d'estes animaes seja limitada, como realmente o é.

Entre nós, os estragos que produzem são perfeitamente compensados pelas utilidades que nos proporcionam.

Na familia das lebres estão comprehendidos trez generos: as *lebres propriamente ditas*, os *coelhos* e os *lagomios*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os roedores d'esta familia encontram-se espalhados por toda a terra.

LEBRES PROPRIAMENTE DITAS

Os individuos d'este genero teem as orelhas muito compridas, os membros posteriores dispostos para o salto, a cauda muito curta e levantada, seis pares de molares na maxilla superior e cinco sómente na inferior. O peito é comprimido ou estreito em relação á parte posterior do tronco e o pêllo muito desigual. Não fazem tocas, parem a descoberto e os filhos nascem munidos de um pêllo espesso.

A especie mais commum é a de que nos vamos occupar.

A LEBRE ORDINARIA

Tem cerca de setenta e cinco centimetros de comprimento, dos quaes oito, pouco mais ou menos, pertencem á cauda. De altura mede trinta centimetros e peza, termo medio, quatro a cinco kilogrammas. As lebres que vivem nos montes são geralmente maiores que as das planicies.

A lebre ordinaria possue duas ordens de pêllos: uma pennugem curta e pêllos sedosos compridos e ligeiramente encrespados. A pennugem é branca na garganta e aos lados do corpo, branca com a extremidade de um escuro carregado no dorso, ruiva no pescoço e ruiva com a ponta branca na região da nuca. Os pêllos sedosos do dorso são uns negros, outros pardos na raiz, trigueiros escuros na ponta e marcados de anneis loiros ou fuliginosos. De resto, como notam todos os observadores, a côr geral dominante do pêllo harmonisa-se mais ou menos com a do solo. Fallando, no primeiro volume d'esta obra, dos mamiferos em geral tivemos occasião de insistir sobre este facto. De resto, notemol-o, a côr que deixamos mencionada é apenas a mais geral; mas ha muitas lebres amarellas, outras brancas, outras maculadas de escuro, etc.

Na lebre ordinaria, as orelhas são mais compridas que a cabeça e inclinadas para traz, o que distingue esta especie de todas as outras.

COSTUMES

Os logares que a lebre ordinaria prefere são os campos ferteis nas circumvisinhanças das florestas e as vertentes das montanhas ricas em vegetação. Nos Alpes attinge a altura de mil e seiscentos metros acima do nivel do mar e no Caucaso dois mil metros. Prefere as regiões temperadas ás frias e os logares abrigados aos descobertos.

Brehm reportando-se inteiramente ás narrativas de Dietrich de Winckell, crê nada poder fazer de melhor do que reproduzir as palavras d'este naturalista. Seguil-o-hemos traduzindo as passagens mais importantes.

«Geralmente, diz Dietrich, a lebre é um animal mais nocturno que

diurno, embora durante todos os bons dias de estio, se veja de manhã e de tarde correndo pelos campos. Não abandona nunca espontaneamente o logar onde se creou e cresceu. Se ahi não encontra par para a realisação do acto sexual, se o alimento lhe é insufficiente, affasta-se, mas para voltar no outono ou immediatamente depois de consumado o coito. Se a deixam tranquilla n'um logar, não o abandona; sendo perseguida porém, affasta-se para sempre. Em quanto o gêlo não cobre inteiramente um campo, a lebre não o deixa.

«Como generos alimenticios prefere, sempre que ha logar para isso, as plantas aromaticas, como o trevo, o serpão, o tomilho e a salsa. Tambem manifesta uma grande predilecção pelos nabos e pela couve. Em casos de necessidade, roe a casca das àrvores novas, nomeadamente das acacias e alerces.

«A lebre que habita os bosques não vae aos campos senão de tarde. No outono, quando as folhas caem, abandona a floresta e no inverno retira-se para as brenhas mais espessas e mais cerradas; quando o desgelo principia volta para os logares mais descobertos.

«A verdadeira lebre das florestas apparece durante a estação quente na orla dos bosques e, se lá não encontra alimento bastante, visita de tarde os campos. A queda das folhas não lhe faz abandonar a floresta.

«A lebre que habita as montanhas satisfaz-se inteiramente com as hervas aromaticas que crescem perto da habitação e não visita os campos senão accidentalmente e quando elles ficam muito proximos do logar onde reside.

«Se exceptuarmos a epocha do cio durante a qual se encontra excitada até ao mais alto grao, a lebre passa o seu tempo dormindo.

«Um facto cusioso: a lebre nunca se encaminha directamente ao logar onde se acantoa; passa sempre um pouco além, volta atraz, caminha de novo para diante, dá um salto de lado e só então chega ao sitio em que quer parar.

«Para preparar habitação, a lebre cava no solo um pequeno fosso de cinco a oito centimetros de profundidade bastante comprido e largo para que se não veja senão uma pequena parte do dorso do animal quando elle esteja deitado, com as patas de traz encolhidas, a cabeça repousada sobre as patas de diante estendidas e as orelhas inclinadas para traz. É este o unico abrigo que a lebre cria contra a chuva e as tempestades. De inverno cava mais profundamente. No verão fica sempre com a cabeça voltada para o norte, no inverno para o sul e nos periodos de tempestade sempre sob os ventos.

«Parece que a natureza deu á lebre a rapidez, a astucia e a vigilancia como compensação da timidez innata d'este animal.»

A astucia da lebre é bem maior do que geralmente se diz; uma

prova do facto é que—quando um cão persegue um d'estes animaes, elle procura comprometter os companheiros, substituir-se por elles, escapar victimando-os, para o que entra na habitação do primeiro que encontra, fal-o sair e deixa-se ficar no logar que o outro abandonou forçado. A lebre porém, astuciosa até este ponto, não é capaz de attacar outra lebre senão movida pelo ciume nas excitações do cio. Sob a influencia de um grande perigo, toda a intelligencia da lebre se annula; esquece então completamente os meios, os recursos de salvação e corre sem destino de um lado para outro, soltando gritos afflictivos.

A timidez da lebre é um facto que todavia se tem enormemente exagerado. Sem duvida que, quando novas ainda, todos os objectos desconhecidos lhe causam receio, até ao ponto de evitar cautelosamente os espantalhos que os agricultores collocam nos campos para protegerem as plantações. No entanto é necessario não esquecer que a lebre velha e experimentada perde estes infundados receios e se torna de um atrevimento e de uma impudencia sem eguaes; quando reconhece que os cães estão presos, chega a penetrar nos jardins e a procurar ahi o alimento na presença mesma dos seus mais terriveis e desapiedados inimigos.

A lebre femea parece desconhecer inteiramente o amor materno; o macho chega a comportar-se em relação aos filhos de um modo perfeitamente cruel.

A epocha do cio, quando os invernos são rigorosos, começa nos primeiros dias de Março, e se elles são suaves em fins de Fevereiro. A quadra do cio é um tempo de enorme agitação. Os machos disputam-se a posse da femea em combates porfiados; a femea faz a selecção do vencedor.

A lebre realisa quatro partos annuaes; o primeiro tem logar na segunda metade de Março e o quarto em Agosto. O primeiro parto dá um ou dois filhos, o segundo trez a cinco, o terceiro dois e o quarto outros dois ou um sómente. Para depositar os filhos escolhe um logar tranquillo, a cavidade de uma velha arvore, um leito de folhas seccas ou mesmo o solo descoberto e nu. Os filhos nascem já com os olhos abertos, com pêllo e bastante desenvolvidos. A mãe conserva-se na companhia d'elles cinco ou seis dias apenas, abandonando-os depois quasi completamente; só de tempos a tempos volta ao logar onde os deixou para os aleitar, ao que parece menos por incitações de amôr materno do que pela necessidade de se desembaraçar de um excesso de leite. Os machos são de uma inexcedivel crueza para os filhos. «Um dia ouvi, conta Dietrich Winckell, proximo de uma aldea os gemidos de uma pequena lebre; suppondo que ella era victima de algum gato, approximei-me para matar o perseguidor. Vi então porém que um macho adulto sentado perto da

pequena lebre, a batia e repelia ora com uma das patas ora com a outra; o pobre pequeno animal achava-se exhausto já.»

Um facto curioso que os naturalistas fazem notar é a disposição teratologica pronunciadissima d'esta especie. E com effeito nada mais vulgar que a apparição de monstros caracterisados pela existencia de duas cabeças, de duas linguas, de dentes salientissimos, etc.

Ao fim de um anno a lebre encontra-se capaz de reproduzir-se e ao fim de quinze mezes tem attingido o seu pleno desenvolvimento. O termo extremo da vida da lebre ordinaria parece ser de sete a oito annos.

CAPTIVEIRO

As lebres em quanto novas domesticam-se bem e rapidamente se habituam ao mesmo regimen alimentar que os coelhos. Como são animaes de uma organisação delicada não teem uma existencia longa. Quando teem para companheiro de prisão algum congénere já velho, são geralmente mortas por elle. Vivem de ordinario em boa harmonia com os porquinhos da India e manteem com os coelhos relações sexuaes. Os productos d'estes coitos são, como o provou Broca, fecundos.

As lebres novas attingem o grao de domesticidade precisa para responderem ao apello do homem, para lhe tomarem da mão os alimentos e até para com elle aprenderem exercicios de destreza. As lebres já velhas, pelo contrario, conservam-se em perfeita apathia cerebral e não chegam a habituar-se ao homem.

As lebres em captiveiro são vivas e alegres, divertindo-nos muito. Nunca perdem comtudo uma certa timidez nativa.

Desde que se collocam em liberdade, retomam muito rapidamente as caracteristicas do estado selvagem.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A lebre ordinaria é oriunda da Europa central e de uma pequena parte da Asia occidental. Ao Sul é substituida pela *lebre do Mediterraneo*, especie mais pequena e de pêllo mais ruivo, nas montanhas pela *lebre*

variavel e nas regiões septentrionaes pela *lebre dos gelos,* especie visinha da lebre dos Alpes. Ao Norte tem por limite de dispersão a Escossia, a Suecia meridional e o norte da Russia; o limite Sul é marcado pela França e pelo norte da Italia.

CAÇA

Sobre este ponto importante e curioso da historia da lebre ordinaria, damos a palavra ao naturalista allemão Brehm, talvez o que n'um tratado geral consegue ser mais completo. «Descrever, diz o naturalista, todas as caças, que se fazem á lebre, levar-nos-hia muito longe. Ha livros inteiros exclusivamente dedicados a este assumpto. Para apanhar dignamente este animal não podem empregar-se nem armadilhas nem laços. Estes meios devem reprovar-se; são inuteis, porque quando elles se usam é de ordinario a rapoza que se aproveita da captura. Pelo contrario a caça feita por homens intelligentes que conhecem as florestas, é um verdadeiro prazer. É difficil decidir qual o genero de caça mais attractivo. Pela minha parte prefiro a montaria e a espera. A primeira d'estas caças pratica-se sobre tudo nas grandes planicies; é muito productiva, mas exige um grande pessoal e nem todos podem permittir-se esse prazer. Os caçadores avançam silenciosamente; de repente o chefe ordena que se faça alto e então todos, caçadores e batedores, se dispoem em circulo e depois avançam. Os batedores gritam, os cães correm para diante, tudo se agita e move no recinto cercado. Então de um ponto levanta-se uma lebre, depois uma outra; esta procura fugir, aquella, mais prudente, agacha-se no seu retiro, uma outra corre desesperadamente dentro do cerco. Muitas vezes, uma rapoza surprehendida em meio de um passeio, procura encontrar uma saída, pondo em exercicio toda a malicia de que é dotada. O circulo fecha-se cada vez mais, pouco a pouco e o ruido augmenta; ouve-se a detonação do primeiro tiro. Bem vae se o tiro se emprega; é porém mais divertido que elle falhe, porque não é raro então que toda uma fileira de caçadores faça fogo sobre a pobre lebre antes que um chumbo consiga abatel-a. A planicie vae-se cobrindo de cadaveres, que os cães juntam e de que se carregam os paus dos batedores. O circulo aperta-se cada vez mais; as lebres atiram-se desorientadas contra os caçadores e mais de uma consegue escapar. É um espectaculo soberbo e immensamente divertido.

«Mas a caça de espera é ainda mais interessante; tem só o incon-

veniente de não ser permittida em toda a parte. A lebre, dissemos já, vê em todos os objectos um perigo ameaçador; é sobre esta particularidade que se basea a caça de que vamos fallar. No meio da noite, quando as lebres teem saído da floresta e vagueiam pacificamente na planicie, fecham-se-lhes todas as passagens por onde costumam fazer a sua reentrada. Trez ou quatro homens chegam carregados de grossos balotes de estopa, aos quaes se prendem pennas e pedaços de estofo branco. Estacas collocadas de distancia a distancia em volta do campo servem para ligar estes balotes, cuja elevação acima do solo deve ser pouco mais ou menos de trinta centimetros. Cortada assim a retirada ás lebres, os caçadores dirigem-se de manhã cêdo ao campo sob a direcção de um chefe que designa a cada um o seu logar. Todos se conservam immoveis á espera do que vae passar-se.

«Ao romper do dia as lebres dirigem-se para a floresta, seguindo sem receio e por entre folguedos o caminho costumado. Tudo é silencio na planicie e na floresta; quando muito ouve-se o grasnar de alguma gralha. No oriente o sol que se eleva, tinge de vermelho o horisonte. As lebres approximam-se, descobrem os espantalhos, enchem-se de cuidados, atemorisam-se, levantam e inclinam as orelhas; tudo porém se conserva tranquillo. Dão alguns passos mais para examinar de perto o objecto que as perturba e com isso conseguem apenas atterrar-se mais. Uma recúa, volta para o campo, mas bem depressa procura entrar n'outro logar; encontra os mesmos obstaculos. Então ouve-se o primeiro tiro que vem perturbar o silencio matinal. Um outro se segue ao primeiro, depois um terceiro e a fuzilaria começa, repetida por todos os echos das regiões visinhas. Tudo se agita; os tiros partem de toda a orla da floresta. As lebres desesperadas correm de um lado para outro, tomando o caminho habitual e vindo assim entregar-se aos caçadores. O morticinio continua até que seja dia claro. N'esta occasião todas as lebres teem desapparecido. As que não foram feridas, teem-se refugiado nos campos; ahi se conservam certas talvez de que á espera se não seguirá a montaria. Os caçadores saem da floresta para juntar a sua caça. Nem todos teem egual felicidade; muitos teem perdido os tiros, o que não admira porque nada mais difficil que o fazer pontaria áquella hora de luz indecisa.» [1]

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 225 e 226.

USOS E PRODUCTOS

A utilidade que se tira das lebres compensa perfeitamente os estragos que ellas produzem. A carne, que é succolenta, considera-se geralmente um prato muito delicado que não raro se paga por preços elevadissimos. Da pelle tiram alguns paizes, como a Russia e a Bohemia, um grande resultado na fabricação de objectos de consumo geral, chapeus, sapatos, etc.

A LEBRE VARIAVEL

Esta lebre affecta duas côres differentes segundo as estações: é trigueira no verão e branca no inverno. Sómente as extremidades das orelhas conservam inalteravel a côr preta nas duas estações. O comprimento é em geral de oitenta centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie habita a Noruega, a Laponia, a Groelandia, as montanhas da Escossia, a Russia e a Siberia.

A LEBRE DO EGYPTO

A lebre do Egypto, tambem chamada *lebre do deserto,* é pequena e tem as orelhas mais compridas que as da lebre ordinaria. A côr geral do pêllo approxima-se da côr da areia; é parda-ruiva superiormente e branca do lado inferior.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se esta especie exclusivamente no deserto ou nos seus immediatos limites, nas costas orientaes da Africa.

COSTUMES

É de uma enorme estupidez a lebre do Egypto, o que decerto se explica pelo facto de que os Abyssinios, mahometanos ou christãos, observando rigorosamente a lei mosaica, não comem carne de lebre e não perseguem portanto este roedor. É este pelo menos o modo por que Brehm, que a observou de perto, explica a boçalidade extraordinaria que caracterisa a lebre do Egypto. Esta explicação parece justa, porque este animal, que não evita o homem e se deixa estupidamente apanhar por elle, sabe comtudo fugir diantes dos cães, da rapoza, dos chacaes e dos lobos, seus inimigos habituaes. Um outro inimigo tem a que não é capaz de escapar: é a aguia que paira no ar esperando o momento em que o pobre roedor abandona a habitação para lançar-lhe as garras poderosissimas entre as quaes o comprime e mata.

OS COELHOS

Os coelhos distinguem-se das lebres propriamente ditas em terem as orelhas geralmente mais curtas que a cabeça, os membros posteriores menos desenvolvidos, a porção posterior do corpo menos larga, o pêllo mais egual. Emfim em vez de parirem em campo descoberto como as lebres propriamente ditas, preparam para os filhos um ninho subterraneo; os recemnascidos vêem á luz desnudados.

No ponto de vista dos costumes as differenças são, como vamos vêr na especialidade, mais notaveis ainda.

O COELHO BRAVO

Mede de comprimento quarenta e quatro centimetros, dos quaes oito, termo medio, pertencem á cauda. Esta é negra na face superior, branca na inferior; o resto do pêllo é pardo, passando atraz ao amarello escuro e adiante ao ruivo amarellado, aos lados do tronco e nas patas ao ruivo claro. O ventre, a garganta e a face interna das pernas são brancos; a parte anterior do pescoço é parda com reflexos ruivos e amarellos e a parte superior é fuliginosa.

COSTUMES

Evita sempre os logares descobertos, procurando todos os pontos em que lhe seja facil occultar-se; por maior que seja a deficiencia de

recursos alimentares da região que habita, multiplica-se sempre rapidamente.

É tão agil como a lebre ou mais talvez; não possue porém tanta força como ella. Não confiando no vigor dos membros, cava tocas de que não se affasta nunca; é pois, como lhe chama Brehm, um animal domiciliado e sedentario.

Cada toca é composta de um compartimento central muito profundo e de um verdadeiro labyrinto de canaes ou corredores angulosos e extensos que communicam entre si e terminam em fundo de sacco. Por menos numerosos que sejam n'uma dada região, os coelhos minam completamente o sub-solo por uma rede extensa de galerias que, collocadas umas adiante das outras, mediriam muitos kilometros.

O coelho bravo vive occulto todo o dia na toca, a menos que as arvores circumvisinhas não sejam tão espessas que possa procurar o alimento sem ser visto. Ao fim da tarde, uma hora antes do pôr do sol abandona a morada para procurar a subsistencia; caminha no entanto com prudencia e vacilla muito antes que definitivamente se resolva a deixar a toca.

O coelho é geralmente considerado um typo de covardia e de simplicidade, para não dizer de estupidez. Uma tal opinião é, no dizer de Brehm, sevéra de mais. Parece mesmo que, ao contrario do que tão vulgarmente se affirma, este animal é astucioso e dá provas de atrevimento no modo por que se comporta em face do caçador. Nunca se deixa apanhar, como á lebre acontece, em quanto pasta; encontra quasi sempre meios de escapar. Quando perseguido pelos cães, não corre em linha recta, processo pelo qual facilmente seria alcançado, mas sim dando voltas, fazendo curvas muito repetidas e por vezes de um diametro curtissimo, escondendo-se por traz das arvores, fazendo perder a pista aos seus tenazes perseguidores, divertindo-se talvez á custa d'elles. Para dar caça a este roedor é pois necessario um cão perfeitamente adestrado e um habil atirador.

Desde que consegue entrar na sua toca, o coelho está quasi sempre salvo; nem os cães, nem a rapoza podem ahi penetrar, sendo certo que o furão mesmo se recusa muitas vezes a entrar na habitação subterranea do roedor. Além d'isso, todos os buracos, todas as fendas dos rochedos lhe servem de refugio; introduzindo-se n'elles escapa muitas vezes aos que o perseguem.

A vista, o ouvido e o olfato são mais desenvolvidos e mais perfeitos que nas lebres.

O coelho bravo é em extremo sociavel. Vive em relações da mais intima e cordial amizade com os companheiros. Quando reunidos, estes roedores não se esquecem de velar pela segurança propria, postando

em logares apropriados os do bando que são mais velhos e mais experientes. Ao menor perigo as sentinellas vigilantes dão o signal de alarme, batendo com os membros posteriores no solo; este signal repetido por toda a linha determina a entrada de cada um para as tocas respectivas. Mas se algum mais novo, menos experimentado se não move ao primeiro aviso, os mais velhos deixam-se ficar nos seus postos, batem de novo uma e muitas vezes, expondo-se assim elles proprios pela salvação commum.

O cio começa em Fevereiro ou Março. O macho e a femea vivem muito tempo juntos e conservando-se fieis um ao outro. Isto não quer dizer comtudo que o coelho seja monogamo. A sua fidelidade á femea não vae além do tempo de gestação que dura trinta a trinta e um dias. Depois d'este periodo procura uma outra femea. Os filhos não são, como os das lebres, depostos simplesmente junto das arvores ou sobre um monticulo de folhas; a femea cava expressamente para elles uma toca, alguns dias antes de parir. Essa toca consiste essencialmente em um canal recto ou em cotovello, obliquo de cima para baixo e cujo fundo é um compartimento circular, largo, guarnecido de hervas seccas sobre as quaes assenta uma camada de pêllos muito finos arrancados pela femea ao proprio ventre. É sobre este leito fofo e quente que a mãe deposita os filhos em numero de quatro a oito. Depois de ter parido e de ter dado aos recemnascidos o primeiro leite, a femea abandona o ninho tendo o cuidado de lhe tapar a entrada. Em quanto os filhos conservam as palpebras fechadas a entrada da toca mantem-se hermeticamente obturada; desde porém que principiam a vêr, a mãe abre um pequeno ourificio que vae alargando á proporção que os novos seres se fortalecem e adquirem vigor. O aleitamento dura pouco mais ou menos vinte dias. Parece que a mãe visita os filhos de manhã muito cêdo. Tem-se dito que a femea esconde assim os filhos para os defender das iras do macho. É um erro grosseiro; o pae ama tanto os recemnascidos como a companheira. Uma vez saídos do ninho, o pae reconhece-os, toma-os entre as patas, lambe-lhes os olhos e o pêllo, ensina-os juntamente com a mãe a procurar o alimento e divide entre todos com equidade perfeita os seus cuidados e caricias. Affirmam até alguns naturalistas que esta dedicação se estende para além da infancia, que os filhos reconhecem os paes e que durante toda a vida lhes testemunham uma especie de deferencia, um como respeito pela dignidade paterna e pela edade.

Os novos coelhos encontram-se aptos para a reproducção ao fim de cinco mezes nos paizes quentes e ao fim de oito nas regiões mais frias. Ao fim de um anno estão perfeitamente adultos.

O regimen dos coelhos bravos é o mesmo que expozemos fallando das lebres.

Os coelhos, que entre si vivem na maior harmonia, são hostis a outras especies. É por isso que a lebre não existe nos logares que o coelho habita.

CAPTIVEIRO

O coelho domestico provem do coelho bravo; este domestica-se facilmente e aquelle em alguns mezes volta completamente ao estado selvagem, tendo então os filhos a côr dos coelhos bravos.

Mesmo no estado de domesticidade, os machos disputam-se a posse da femea em rudes combates d'onde é vulgar que alguns saiam gravemente feridos.

O coelho domestico possue-se facilmente de um enorme terror pelos inimigos naturaes. Lenz conta a este proposito que metteu uma vez cinco coelhos n'uma loja onde tinha estado uma rapoza; desde que entrando sentiram o cheiro que o rapace animal lá deixára, encheram-se de medo e começaram a correr sem tino em todas as direcções, batendo com as cabeças contra as paredes; foi difficil e demorado o habituarem-se ao alojamento.

É facil fazer alimentar o coelho domestico por femeas d'outras especies; a cadella e a gata prestam-se admiravelmente a amamentar os coelhos. Estas observações muitas vezes repetidas deram logar a fazer-se uma observação muito notavel—que as qualidades moraes se transmittem pelo aleitamento. É assim que os coelhos amamentados por gatas se distinguem entre todos pela malvadez, pelo espirito de hostilidade em face dos companheiros e sobretudo pela tendencia caracteristica a arranhar, facto que em nenhuns outros se repete. Brehm teve muitas occasiões de confirmar esta asserção de muitos naturalistas e observadores. Este facto perfeitamente digno de fazer-se notar é talvez um argumento poderoso em favor da opinião de alguns medicos que sustentam a influencia moral do aleitamento, recommendando que ao exame physico das amas se faça succeder, como não menos importante, o exame das qualidades psychicas. E se nos animaes que pertencem, como os coelhos, ao mesmo grande grupo taxonomico dos mamiferos a que a nossa especie pertence, a transmissão psycologica pelo leite é um facto comprovado, porque será a opinião que a sustenta como realisando-se no homem uma utopia ou um modo de vêr singular e sem importancia de alguns visionarios? Eu creio bem que em face do facto que acabamos de

fazer notar, todos teriamos uma grande vantagem em seguir o conselho prudente d'esses taes visionarios.

No estado de domesticidade e com esforços systematicos, consegue-se promover uniões sexuaes entre os coelhos e as lebres; essas uniões são fecundas e os productos offerecem dimensões intermedias ás do coelho e da lebre, um pêllo pardo na extremidade com cambiantes ruivas no meio, um tronco grosso, a orelha longa da lebre e uma carne que é reputada saborosissima e apreciada como iguaria muito delicada.

DOENÇAS

A sarna e a diarrhea são as mais vulgares doenças do coelho em domesticidade. Estes estados morbidos são provocados por uma alimentação muito succolenta ou muito humida. Cura-se a diarrhea geralmente ministrando ao animal alimentos seccos, como aveia de mistura com cevada. Contra a sarna aconselha-se o uso de fricções gordurosas.

USOS E PRODUCTOS

Ha regiões em que se criam os coelhos no intuito de lhes utilisar a carne que é branca e saborosa, embora menos delicada que a dos individuos que vivem em estado selvagem.

A pelle do coelho é tambem utilisada em usos industriaes, na fabricação, por exemplo, de chapeus, de regalos, etc.

Mas ha mais. O coelho tem sido desde ha muito nos laboratorios de physiologia e nas salas de dissecção um instrumento passivo importantissimo dos progressos da sciencia medica. São poucos os animaes que tantos serviços tenham prestado como este á solução dos problemas physiologicos e pathologicos. Não ha escóla experimental onde falte este mamifero; não ha observador que d'elle se não tenha servido como auxiliar dos seus estudos praticos. Abra-se um livro qualquer de physiologia ou de pathologia experimental e desde logo se encontrará pagina a pagina uma confirmação do que avançamos. Seria mesmo muito facil apresentar aqui uma longa lista de aquisições e de factos scientifi-

cos provados e definitivamente incluidos hoje na massa do saber biologico positivo á custa de vivisecções realisadas n'este bello e sympathico animal.

OS LAGOMIOS

Differem das lebres em terem as orelhas mais curtas, os membros posteriores pouco mais extensos que os anteriores, a cauda quasi nulla, reduzida a um tuberculo inapreciavel, e cinco pares sómente de mollares em cada maxilla. Os incisivos superiores são nos lagomios muito largos e offerecem um sulco profundo que os faz parecer formados de duas porções; os inferiores são pequenos e muito recurvados.

COSTUMES

Os lagomios vivem em buracos e nas fendas dos rochedos; passam o dia inteiro nos seus retiros d'onde saem sómente á noite.

A voz d'estes roedores lembra os assobios de algumas aves.

São prudentes, vigilantes, mas inoffensivos e doceis; suportam facilmente o captiveiro.

Arrecadam para o inverno provisões nas suas tocas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Todas as especies d'este genero habitam as altas regiões do hemispherio septentrional.

A LEBRINHA ALPINA DA ASIA

As dimensões e o todo d'este roedor são pouco mais ou menos os do porquinho da India, com quanto tenha a cabeça mais comprida, mais delgada e o focinho menos obtuso. O corpo é refeito e as patas curtas; nas de diante tem cinco dedos e nas de traz quatro. A cauda é substituida por um monticulo de gordura. Os pêllos são grossos e curtos, as orelhas, de grandeza media, ovaes e nuas na face externa. O dorso é amarello-ruivo, o ventre e as patas amarello-claras, o collo pardo, a face externa das orelhas negra e a interna amarella. Ha individuos inteiramente negros. O animal adulto mede cerca de trinta centimetros de comprimento sobre oito de altura.

COSTUMES

Vive nos logares mais aridos; frequenta as regiões pedregosas e selvagens perto das montanhas, aos pares ou em grandes bandos. Não se affasta nunca muito da habitual morada. Cava tocas; tambem se esconde porém nas fendas dos rochedos ou nas cavidades de arvores antigas. Durante os dias bons conserva-se occulta o dia inteiro, apparecendo sómente depois do crepusculo da tarde; quando o ceu está coberto conserva-se, pelo contrario, constantemente acordada e vigilante.

É um roedor pacifico, activo, trabalhador. Faz largas e abundantes provisões de feno para a estação dos frios e cobre-as com grande quantidade de folhas para as guardar da chuva. O trabalho de arrecadar as provisões começa em meiado de Julho; no entanto, como observa Radde, só no fim d'este mez é elle verdadeiramente activo.

Não é difficil de satisfazer na questão de alimentos. Se ha logar para preferencias, busca hervas succolentas; se o perturbam porém, ou se a aridez do logar é extrema, contenta-se com todos os vegetaes que encontra.

Não cae em somno hybernal.

No começo do estio a femea pare seis filhos nus, que, no dizer de Pallas, ella trata com o maximo desvello.

Este roedor é perseguido por um grande numero de inimigos da ordem dos carniceiros. O homem destroe muitas vezes cruelmente as provisões que o pobre animal com tanto trabalho consegue juntar; nos invernos rigorosos, por exemplo, os mongoes alimentam os seus cavallos e carneiros com os vegetaes que o roedor accumula.

CAPTIVEIRO

Este lagomio não é nem selvagem, nem timido; consegue-se domestical-o. O que é difficil, no dizer de Radde, é apanhal-o. «Nunca me dei, diz este observador, tão grande e tão inutil trabalho em caça alguma como na de este pequeno habitante dos rochedos.» [1]

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Nas elevadas montanhas da Siberia este roedor encontra-se a uma altitude de mil e quinhentos a quatro mil metros acima do nivel do mar. A lebrinha alpina encontra-se em toda a vertente norte das montanhas da Asia central e em Kamtchatka.

O seguinte quadro resume n'uma clave de facil inspecção, todos os generos e especies, aqui estudados, da ordem dos Roedores.

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, vol. 2.º, pg. 244.

ROEDORES

- OS ESQUILOS
  - ORDINARIO.
  - NEGRO.
  - TERRESTRE.
  - MAIOR VOADOR.
  - MENOR VOADOR.
- AS MARMOTAS
  - CITILLA MOSCOVITA.
  - SPERMOPHYLO DE HOOD.
  - MARMOTA DA POLONIA.
  - MARMOTA ORDINARIA.
- OS CASTORES — O CASTOR (*castor fiber*).
- OS MYOPOTAMOS — O COYPU.
- OS RATOS
  - GRANDE CASEIRO OU RATAZANA.
  - DECUMANO CASEIRO.
  - PEQUENO CASEIRO.
  - PEQUENO DOS MATTOS.
  - PEQUENO AGRARIO.
  - PEQUENO DA BARBARIA.
  - ANÃO.
  - O RATO CRICETO DO NORTE.
  - OS HYDROMYOS—*O hydromyo amarello.*
  - O RATO ALGALIOSO.
  - » CAMPESTRE.
  - » ORDINARIO.
  - » AMPHIBIO.
  - » PARCO OU ECONOMICO.
  - » LEMMINGO DA NORUEGA.
- OS ARGANASES
  - ORDINARIO.
  - DOS POMARES.
  - MUSCARDINO.
- OS RATOS ATOUPEIRADOS — O GEOMYO OU RATO DE PAPOS.
- OS BATHYERGOS — O BATHYERGO MARINHO.
- OS RATOS-TOUPEIRAS — O RATO TIPHLO.
- OS GERBOS
  - O GERBO DA ARABIA.
  - O GERBO COMMUM.
  - O HELAMYO OU GERBO DA CAFRARIA.
  - OS GERBINHOS.
- AS CHINCHILLAS
  - ORDINARIA.
  - LANIGERA.
- OS LAGOTIOS — O LAGOTIO DE CUVIER.
- OS LAGOSTOMOS — O VISCAQUE.
- OS CAPROMYOS — O CAPROMYO DE FOURNIER.

ROEDORES *(Continuação)*

- OS RATOS ESPINHOSOS ..... O RATO ESPINHOSO.
- OS PORCOS-ESPINHOS ......
  - COMMUM.
  - DA AMERICA.
- OS ATHERUROS.
- OS COANDUS .... O COANDU DE CAUDA PREHENSORA.
- OS SPHIGGUROS .... O SPHIGGURO MEXICANO.
- OS AULACODES .... O AULACODE DE SWINDERIEN.
- OS DOLICHOTIOS .... O DOLICHOTIO DA PATAGONIA.
- AS CAVIAS ....
  - AS CAPYBARAS—*A capybara do Brazil.*
  - AS COBAYAS
    - *O porquinho da India.*
    - *A cobaya aperea.*
  - AS PACAS—*A paca do Brazil.*
- AS COTIAS .... A COTIA VULGAR OU AGUTI DO BRAZIL.
- AS LEBRES ....
  - PROPRIAMENTE DITAS
    - *Ordinaria.*
    - *Variavel.*
    - *Do Egypto.*
  - COELHOS—*O coelho bravo.*
  - LEGOMIOS—*A lebrinha alpina da Asia.*



CARNICEIROS

CONSIDERAÇÕES GERAES

> Les Carnivores sont les plus forts et les plus redoutables des Mammifères terrestres.
>
> L. Figuier.

A ordem dos carniceiros é indubitavelmente a mais rica pela variedade de especies. Estão n'ella comprehendidos, como Brehm faz notar, animaes de todas as dimensões desde as mais regulares até ás mais exiguas e reunidas tambem as formas mais diversas desde as mais repulsivas, como as da hyena, até ás mais elegantes e mais bellas. Que enorme distancia, por exemplo, entre o leão ou o tigre e o glutão ou a lontra! E no entanto atravez de todas as differenças apparentes, por baixo de todas as distincções morphologicas que á primeira vista se descobrem, occulta-se um plano commum de organisação, uma analogia fundamental que o naturalista põe em evidencia trazendo assim todos os individuos, tão dessimilhantes para o vulgo, a um só e mesmo grupo geral denominado no arranjo taxonomico dos mamiferos—ordem dos carniceiros.

Examinemos pois as similhanças, os caracteres de analogia em todos os pontos de vista por que elles podem offerecer-se á nossa consideração.

CARACTERES

Giebel diz: «Os membros dos carniceiros são muito bem proporcionados e denotam agilidade e vigor em todos os movimentos. As patas teem sempre quatro ou cinco dedos munidos de unhas fortes e potentes.

«Todos os orgãos dos sentidos são quasi egualmente desenvolvidos.

«O systema dentario, perfeitamente apropriado a uma alimentação animal comprehende trez especies de dentes. Ha em cada maxilla, seis incisivos, dois caninos separados, longos e vigorosos, atraz d'estes alguns falsos mollares ponteagudos ou cortantes, depois mollares tuberculosos e por fim mollares rombos.

«Poderosos musculos maxillares e mastigadores são os auxiliares necessarios d'estes dentes fortissimos.»

Nos carniceiros o intestino é curto e o cœcum muito pequeno. Em algumas especies ha glandulas que segregam substancias de um cheiro muito activo servindo ora para defender o animal de inimigos mais fortes do que elle, ora para attrair outros mais fracos, ora emfim para fornecerem materia unctuosa que engordura o pêllo.

O esqueleto é solido. O craneo é alongado, a fronte e o focinho são bem proporcionados, as orbitas vastas, as caixas auditivas grandes e as cartilagens do nariz desenvolvidas; as arcadas zygomaticas muito separadas e recurvas indicam musculos vigorosos com insersões volumosas. As vertebras são munidas de apophyses longas e fortes; as lombares soldam-se ás vezes completamente e as da cauda variam muito quanto ao numero. Os membros adaptam-se invariavelmente ás condições em que o animal vive e denotam, qualquer que seja a forma que affectem, uma grande força e uma grande mobilidade.

As garras variam extraordinariamente. N'alguns individuos são retracteis e, protegidas assim contra os attritos durante a marcha, tornam-se, n'um momento dado, armas excellentes de attaque ou defeza; n'outros são rombas, immoveis e não servem senão para proteger o pé ou para trepar se são muito recurvadas; n'outros emfim são largas e cortantes servindo para fossar a terra.

Os caninos compridos e agudos e os mollares sempre mais ou menos tuberculosos são perfeitamente apropriados para apanhar e rasgar a presa.

Os orgãos dos sentidos são perfeitissimos. Raras vezes um d'elles

se encontra em estado rudimentar; mas mesmo quando tal acontece a deficiencia é compensada pelo maior desenvolvimento d'outros.

COSTUMES

Os carniceiros são geralmente intelligentes. Os costumes d'estes animaes relacionam-se com a sua organisação e necessidades. Encontram-se em toda a parte, sobre o solo como nos cimos das arvores, na agua como sob a terra, nas montanhas, nas planicies, nas florestas, ao norte como ao sul. São diurnos e nocturnos, perseguem a presa á hora do crepusculo tão bem e com tamanha tenacidade como á luz clara do sol ou em meio das trevas densissimas da noite. Uns, os mais intelligentes, formam sociedades, outros vivem solitarios; uns, os mais fortes, attacam abertamente e francamente a presa, outros fazem-lhe embuscadas, apanham-a de improviso. Os que são largamente dotados de força e de vigor não evitam a luz, vivem satisfeitos e são ageis; pelo contrario os fracos são nocturnos, morosos, desconfiados.

Todos os carniceiros se alimentam da carne d'outros animaes e só por excepção comem fructos, grãos ou outras substancias vegetaes. Onde quer que existam, ou seja na agua ou sobre o solo firme, no cimo das montanhas ou nos valles mais profundos, nos paizes occidentaes ou nas regiões do meio-dia, os carniceiros espalham em torno de si a desolação e a morte.

Os dois sexos vivem em commum durante um espaço de tempo geralmente restricto. Alguns unem-se em quanto dura a creação da prole; outros porém nem tanto. Entre estes ultimos, os machos procuram a femea na epocha do cio e depois achando os filhos boas presas, devoral-os-hiam se a isso não obstassem o cuidado e a attitude energica da mãe, que os affasta do logar em que os recemnascidos repousam.

O numero de filhos dados á luz em cada parto varia consideravelmente de especie a especie, não sendo senão por excepção inferior a dois; o que pode dizer-se é que aquelle numero se mede em geral pelo das mamas. Os filhos, excepto os do leão, são cegos ao nascer e fracos; desenvolvem-se porém rapidamente. A mãe protege os filhos e acompanha-os durante todo o tempo em que elles não se encontram com desenvolvimento preciso para prescindirem de auxilio. Em caso de perigo a femea foge com os filhos suspensos dos dentes ou deitados sobre o dorso.

Entre os carniceiros ha uns que são apenas prejudiciaes ao homem, outros que lhe são uteis: aos primeiros faz-lhes a nossa especie uma guerra sem treguas, tendo conseguido pouco e pouco diminuir-lhes o numero de um modo notavel; aos segundos domestica-os tirando d'elles um largo partido, como adiante veremos. A alguns porém, que podem ser-nos utilissimos, fazemos muitas vezes injustificavelmente uma grande guerra. É este um motivo para melhor estudarmos descriptivamente as especies; só assim se saberão distinguir os amigos dos inimigos, os que são uteis e que se devem poupar dos que são prejudiciaes e que se devem combater.



CARNICEIROS EM ESPECIAL

OS FELINOS

A familia natural de que primeiro nos occuparemos na ordem dos carniceiros é a dos felinos, porque n'ella, melhor que em qualquer outra, encontramos bem acentuados os caracteres da ordem. Os felinos são d'entre todos os mais perfeitos; a harmonia de formas, consideradas em conjuncto e a graciosidade de cada uma olhada isoladamente satisfazem, segundo a phrase de Brehm, «no mais alto grao o nosso sentimento do bello.» [1]

Podemos considerar o gato domestico como typo da divisão.

CARACTERES

Os felinos são animaes admiravelmente armados. Os dentes são formidaveis; os caninos ligeiramente recurvados, grandes e fortissimos excedem todos os outros e constituem armas verdadeiramente terriveis. Ao lado d'estes dentes, os incisivos quasi que desapparecem; os mollares são encimados de tuberculos ponteagudos e cortantes que engrenam uns nos outros. A lingua está em harmonia com esta dentição especial. A face superior d'este orgão é coberta de papillas inclinadas para traz e revestidas de uma especie de estojo corneo que a tornam aspera como lixa. D'esta sorte, a bocca é duplamente armada como a de certas ser-

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 182.

pentes e dos peixes mais carniceiros que teem entre as maxillas a abobada palatina guarnecida de dentes. Certo é que as asperezas linguaes dos felinos estão longe de ser dentes; no entanto são ellas sufficientemente fortes para que o animal rasgue uma pelle tenra lambendo-a durante algum tempo. Essas asperezas linguaes são no acto mechanico da mastigação as auxiliares dos dentes, por isso que estes não podem senão rasgar os alimentos sem os triturar ou reduzir a parcellas minimas.

Observemos porém que os dentes não são as verdadeiras armas de attaque dos felinos; as garras são instrumentos muito mais temiveis quando se trata de apanhar, de ferir mortalmente uma presa ou ainda de se defenderem contra os inimigos.

As patas, largas e arredondadas, são relativamente de um comprimento mediocre, o que depende de que a ultima phalange dos dedos é levantada e não toca o solo. Resulta d'esta disposição que as garras não podem gastar-se nem mesmo tornarem-se rombas quando o animal se desloca. Durante o repouso e durante a marcha ordinaria, dois ligamentos extensiveis, inseridos um por cima e outro ao lado da phalange da garra, levantam esta; quando o animal se irrita e no momento em que quer fazer uso dos seus meios de attaque, contrae os musculos flexores da phalange, alonga a pata e transforma-a assim em uma das mais terriveis armas. É por virtude d'esta conformação particular das patas que os felinos não deixam sobre o solo o vestigio das garras. Os bordaletes espessos e elasticos que guarnecem as patas pela face inferior, tornam a marcha d'estes animaes silenciosa.

A columna vertebral nos felinos é constituida por vinte vertebras thoracicas e lombares, duas ou trez falsas vertebras e dezesseis a vinte vertebras caudaes. Os dentes são trinta: seis incisivos e dois caninos em cada maxilla, quatro molares de cada lado na maxilla superior e trez na inferior. Os ossos dos membros são em geral muito fortes. As patas anteriores teem cinco dedos e as de traz quatro sómente.

O intestino mede trez a cinco vezes o comprimento do corpo.

A femea tem quatro mamas abdominaes, ou oito, sendo quatro no abdomen e quatro no peito.

FUNCÇÕES

Os felinos são muito vigorosos e muito ageis; todos os movimentos denotam n'elle força e destreza. Quasi todas as especies da familia se

assemelham pelas formas exteriores e pelos habitos, ainda que cada uma d'ellas se distingue de todas as outras por alguma particularidade mais ou menos caracteristica.

Todos teem a marcha facil, mas lenta, prudente e silenciosa; correm com grande velocidade e podem dar saltos da extensão de quinze vezes o corpo. Com raras excepções, todos os felinos trepam com agilidade extraordinaria. Receiam instinctivamente a agua; no entanto todos nadam. Estendem ou encurtam á vontade o corpo e servem-se com notavel agilidade das patas para apanharem a presa em meio da corrida ou do salto. Os membros são relativamente vigorosos; é assim que as mais avantajadas especies derrubam com uma só pancada das patas e arrastam mesmo a distancias de muitos kilometros animaes maiores do que ellas.

O ouvido e a vista são entre os felinos os sentidos mais perfeitos e de maior desenvolvimento. É o ouvido que os guia nas excursões da caça: percebem e apreciam claramente ruidos muito ligeiros a grandes distancias; muitas vezes percebem o mais leve deslocamento da areia e assim descobrem a presa sem a verem. O ouvido externo indica já pela sua estructura uma grande delicadeza de audição.

A vista é menos delicada que o ouvido, sem deixar todavia de ser perfeita. A inspecção anatomica dos olhos dos felinos deixa prever que a vista n'estes mamiferos não é de grande alcance, mas em compensação que deve ser excellente para o exame das coisas a pequenas distancias. Em algumas especies a pupilla é redonda e alarga consideravelmente durante os accessos de colera do animal; n'outras é eliptica e susceptivel de dilatar-se enormemente. Sob a influencia da luz a pupilla contrae-se até ao ponto de tornar-se uma simples fenda vertical; sob a influencia da irritação e sobretudo na obscuridade, dilata-se enormemente por forma que a mais exigua claridade penetra no olho e se reflecte no fundo da pupilla como n'um espelho. É por isso que os olhos do gato brilham nas trevas.

Immediatamente depois do ouvido e da vista vem, em grao de perfeição, o tacto. Os pêllos do labio superior e os que se situam na parte de cima dos olhos são os principaes orgãos d'esta funcção. Quando a um gato se cortam os bigodes, colloca-se o animal n'uma situação difficil, n'uma inquietação, n'um mal-estar que só termina quando os pêllos teem crescido. As patas exercem tambem o tacto, mas decerto menos perfeitamente; emfim todo o corpo gosa de uma grande sensibilidade.

O olfato e o gosto são pouco e egualmente desenvolvidos, embora dignos de notar-se em algumas especies. No gato, por exemplo, o paladar não deixa de offerecer um certo desenvolvimento, como o prova a preferencia que dá aos alimentos bem cosinhados e ao leite. O olfato é

menos perfeito. «A paixão, diz Brehm, com que certos gatos comem valeriana e chamedrios, plantas muito odorantes, prova que o olfato d'elles é muito pouco desenvolvido.» [1]

COSTUMES

Habitam as planicies e as montanhas, os logares seccos e arenosos tanto como as regiões pantanosas, as florestas e os campos. Encontram-se mesmo a alturas consideraveis. Uns vivem em logares cobertos de arvores e nos desertos, outros preferem as margens dos rios, dos riachos ou dos lagos; a maior parte d'elles porém habitam os bosques. As arvores são-lhes de uma grande conveniencia; podem n'ellas occultar-se para d'ahi cairem de improviso sobre a presa ou para escaparem aos inimigos. As pequenas especies refugiam-se nas fendas dos rochedos, nas cavidades das arvores e nas tocas abandonadas por outros mamiferos, ao passo que as grandes se refugiam no meio dos bosques. Em geral as especies selvagens habitam de preferencia os logares desertos, os pontos em que o homem não estabeleceu ainda a sua morada; no entanto approximam-se muitas vezes corajosamente dos povoados, quer para attacarem o homem quer para roubarem animaes domesticos. Os felinos em geral abandonam o seu retiro só ao fim da tarde, uns para irem ao longe perseguir os inimigos, outros para se collocarem de embuscada nos logares frequentados pelos animaes que lhes servem de presa. Durante o dia attacam poucas vezes; quasi sempre fogem se são perseguidos.

A verdadeira vida d'estes mamiferos começa depois que o sol se esconde e continua-se durante as trevas da noite.

D'entre os felinos, uns teem habitação fixa, outros escondem-se na primeira cavidade que se lhes offerece quando o dia os surprehende em meio de alguma excursão.

Os felinos não são os membros mais intelligentes da ordem dos carniceiros; são muito inferiores aos cães, por exemplo. É certo porém que dispoem de recursos um pouco mais amplos do que geralmente se diz e se acredita. Trazidos á domesticidade, estes animaes dão prova de

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 184.

um certo poder intellectual e de uma disposição regular ao desenvolvimento de sentimentos d'ordem superior. O gato domestico é um documento interessante comprovativo do que affirmamos. Não é possivel desconhecer n'este mamifero a existencia de memoria desenvolvida, de um poder de intelligencia que o faz descriminar as pessoas de casa de todas as outras e tambem os sentimentos da gratidão, do respeito, da obediencia, da amizade. Nunca um individuo que trata bem o gato domestico, que por habito lhe dá o alimento, que o affaga, tem de receiar n'elle a brusca apparição dos instinctos maus da especie. Ainda quando se irrita, mesmo em meio de um accesso de colera, o gato domestico reconhece o homem que o sustenta e faz acto de submissão diante d'elle. A dedicação d'este animal pela casa onde vivem os que o sustentam e onde tem abrigo, está perfeitamente provada. Quem não conhece o estado afflictivo, o longo gemer angustiado do gato domestico que por um accidente qualquer se deixou de noite fóra de casa? Quem não tem presenciado a alegria que elle manifesta se depois de uma separação d'alguns dias reencontra o amigo affeiçoado, que o alimenta e o ensina? Quem ha que não possua uma prova evidente, bem authentica de que o gato obedece ao que se lhe ordena, de que elle se submette por exemplo aos mais rigorosos preceitos de limpeza que lhe são impostos na domesticidade? O leão e o tigre reduzidos ao captiveiro documentam egualmente o que affirmamos. A auctoridade do homem é reconhecida por estas especies; e se algumas vezes os instinctos sanguinarios despertam em toda a intensidade primitiva, é certo que no captiveiro um tal facto é excepcional. Dezenas de domesticadores teem passado a vida inteira abusando da paciencia e da bondade d'estes animaes, batendo-lhes, negando-lhes o alimento quando teem fome, incitando-os mesmo á carnagem, sem que uma tal loucura tenha tido o resultado que á primeira vista pode suppor-se. Ha laços de estima evidentes entre estes animaes e o homem. Dir-se-hia que as feras comprehendem a necessidade de ajudarem a viver os miseraveis que as exibem.

Todas as classes de vertebrados fornecem alimento aos felinos; os mamiferos porém são os mais naturalmente expostos aos seus attaques. Algumas especies ha que perseguem de preferencia as aves, outras, mais raras, comem os reptis, outras emfim os peixes. Os invertebrados quasi que não receiam as perseguições dos felinos; raro é com effeito que estes lhes deem caça.

Quasi todos teem o habito cruel de atormentar a presa durante algum tempo, antes que se decidam a dar-lhe o golpe mortal; assim depois de terem apanhado o animal, soltam-o, deixam-o correr por algum tempo, para de novo lhe lançarem as garras. É o que muito vulgarmente se observa na caça dos gatos aos ratos.

Todas as especies, mesmo as maiores, as mais vigorosas e mais vorazes evitam todos os animaes que podem offerecer-lhes uma resistencia séria; só depois que a experiencia lhes tem demonstrado que podem sair victoriosos do combate, é que se attrevem a attacal-os. Assim é que o leão, o tigre e o jaguar receiam ao principio o homem e fogem diante d'elle covardemente; só quando por experiencia se reconhecem mais fortes, é que se tornam uns terriveis inimigos da nossa especie.

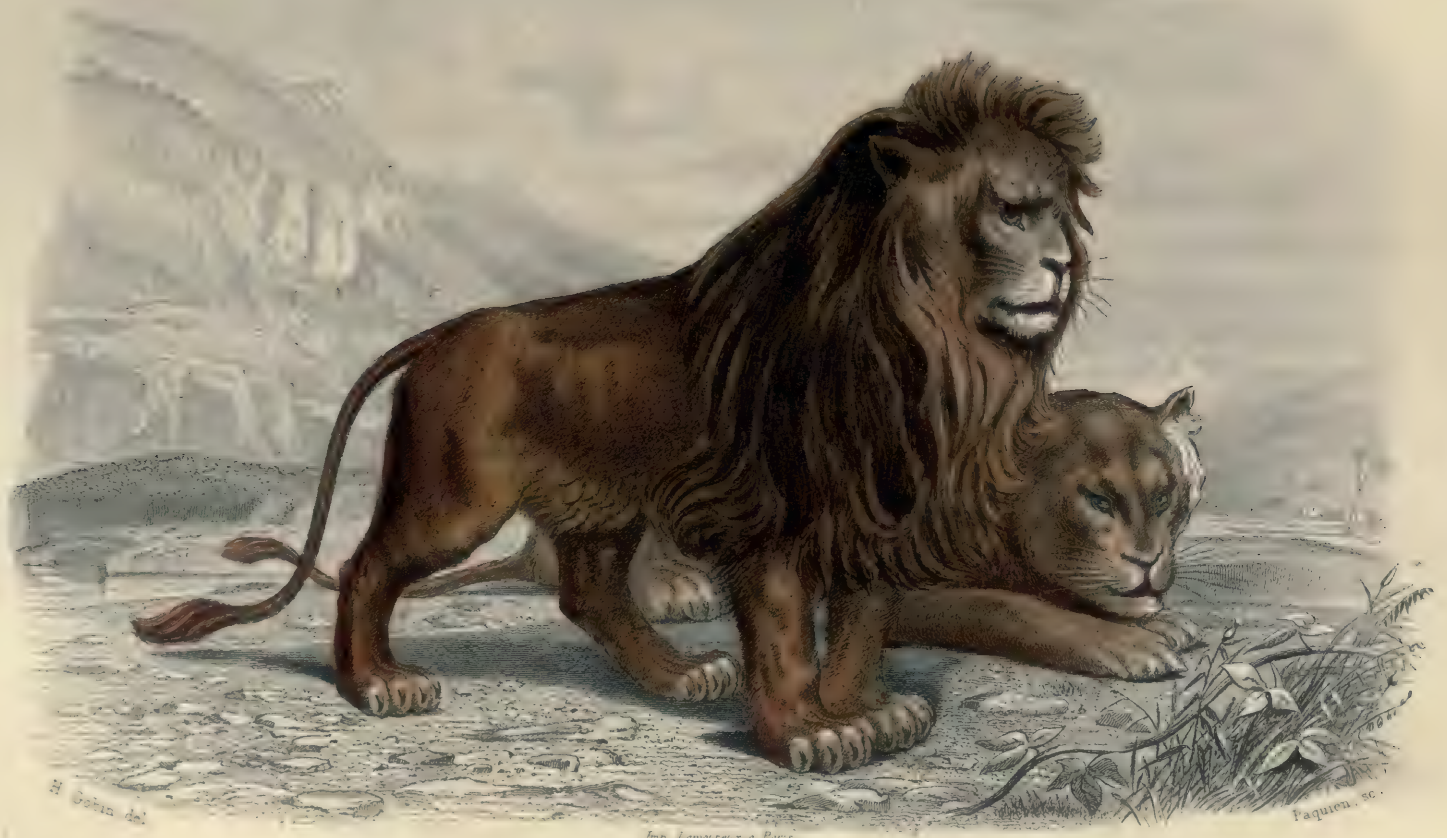
Os felinos quasi nunca devoram a presa no logar em que a apanharam; de ordinario, depois de terem matado um animal ou de o terem tornado incapaz de se salvar, fogem com elle para um logar solitario e occulto onde possam devoral-o á vontade, sem receio de perturbações. Quando ha abundancia de caça comem da sua victima apenas as partes mais tenras, abandonando o resto aos outros animaes; quando porém a necessidade os instiga, depois de saciados no primeiro dia com as porções melhores da presa, voltam ainda no dia seguinte a acabar com o resto.

Uma femea d'esta familia acompanhada pelos filhos, é um dos mais bellos espectaculos de que pode gosar um naturalista. Em todos os actos da femea se manifesta uma grande ternura; cada um dos seus gestos exprime o amor pela prole e na voz d'ella ha alguma coisa de terno, até então ignorado. A mãe observa os filhos com tanta attenção, cerca-os de tantos cuidados que é facil adivinhar quanto o seu amor é profundo. Ensina-os a serem limpos e defende-os mesmo com risco da propria vida.

É por isso que as grandes especies se tornam perigosissimas depois da parturição. Nas pequenas especies a mãe é muitas vezes obrigada a defender a ninhada contra a crua hostilidade do pae. É precisamente a este receio que o macho inspira que devemos attribuir o cuidado com que a femea occulta os filhos. Desde que os filhos crescem um pouco, todos os receios cessam; então principia para a familia uma vida alegre, cheia de folguedos. Ao mesmo tempo a mãe procura insistentemente despertar nos novos seres os instinctos carniceiros buscando pequenos animaes vivos que lhes entrega para que os devorem.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os felinos encontram-se em todas as regiões do antigo e novo continente.



O LEÃO

Magalhães & Moniz, Editores.

USOS E PRODUCTOS

A hostilidade franca e ardente dos felinos por todas as especies animaes poderia levar a crêr que não são senão prejudiciaes. Não é porém assim. Indirectamente são-nos utilissimos, porque destroem e impedem a multiplicação de muitos ruminantes e roedores que são nocivos á nossa agricultura e declarados inimigos da nossa tranquillidade domestica. Directamente mesmo, são-nos muitas vezes de uma inextimavel utilidade. Trazidos á domesticidade, muitos felinos tornam-se companheiros dedicados, verdadeiros auxiliares indispensaveis da nossa vida. Basta recordar o nome do gato para desde logo nos convencermos de quanto seria superficial e injusta a opinião que só visse nos felinos seres hostis e nocivos. Além d'isso, devemos lembral-o, alimentamo-nos da carne d'algumas especies e aproveitamos a pelle d'outras.

Na especialidade melhor estudaremos este capitulo interessante.

O LEÃO

O leão comparado com os outros felinos facilmente se distingue d'elles por caracteres importantes, embora não essenciaes, que passamos a expor. Tem o esqueleto mais solido e o tronco relativamente mais curto. A região cervical do rachis é curta, o que favorece a acção energica da cabeça, movida por musculos de extraordinario vigor e de grande volume. O pêllo curto do leão, collocado contra o corpo, é de uma côr quasi uniforme; a face é larga. Uma crina mais ou menos abundante, mas sempre notavel, cobre no macho o pescoço e as espaduas. Na extremidade da cauda e occulta sob um tufo de pêllos longos que terminam o orgão, encontra-se uma unha cornea. O apparelho muscular que produz a flexão do carpo e dos dedos tem um enorme desenvolvimento que dá um poder verdadeiramente extraordinario ás garras. Um

dos attributos mais caracteristico d'este felino é indubitavelmente a crina, da qual escreve Freiligrath:

> **C'est un manteau de roi que sa belle crinière**
> **Ondoyant et flottant sur sa poitrine entière;**
> **C'est un vrai diadème à son front attaché,**
> **Que ce fauve bouquet de poils empanaché.**

É este ornamento que dá ao macho aquelle ar caracteristico de magestade que o distingue entre todos os felinos e que fez dar-lhe o nome de *rei dos animaes*. A crina não é egualmente abundante nem egualmente comprida em todos os leões; o seu desenvolvimento varía de região para região.

CONSIDERAÇÕES HISTORICAS

Poucos animaes terão attraido tanto a attenção do homem como este. A Biblia faz menção d'elle em muitas passagens e os hebreus possuem nada menos de dez nomes para designal-o. Abundam ácerca do leão narrações exageradas e fabulosas que vêem de longe e se perpetuaram pela tradição. É esta a proveniencia das opiniões vulgares segundo as quaes o leão seria constantemente dominado pela febre, dormiria com os olhos abertos, possuiria em tal ou tal ponto do corpo virtudes therapeuticas maravilhosas e teria ossos tão duros que ao attrito feririam lume. É tambem da fonte tradicional que provem a crença popular de que a leoa não daria á luz em toda a sua vida mais do que um filho, por que este, essencialmente cruel, destruiria ao nascer com as garras aduncas o utero materno.

As qualidades moraes do leão teem sido tambem objecto em todos os tempos de não menor numero de phantasias. Acreditou-se por muito tempo que o leão mantem um verdadeiro desprezo orgulhoso pelos pequenos animaes, que o canto do gallo lhe inspira pavor, que elle tem tanto de cruel para os homens como de generoso e bom para as mulheres e as creanças e que, entre todos os animaes ferozes, é elle o unico sensivel ás supplicas. Contam os antigos a este respeito que uma captiva surprehendida pelos leões, os acalmára e se livrára d'elles, dizendo-lhes que era uma pobre e misera mulher fugitiva e doente, uma creatura humilde que pedia indulgencia, uma victima emfim indigna da grandeza dos reis da creação. Os leões, commovidos diante de tamanha humildade

e porventura affagados pela lisonja, deixaram que a mulher seguisse tranquillamente o seu caminho.

Aristoteles reconhecêra o absurdo palpavel d'estas fabulas, refutára mesmo directamente em nome da observação uma parte consideravel d'ellas. As palavras do erudito não encontraram echo, não produziram effeito. O maravilhoso tem um encanto, um poder enorme sobre os espiritos rudes; as narrações phantasistas subsistiram, foram passando de bocca em bocca e chegaram até nós.

A diffusão d'estas inexactidões entre os antigos causa uma certa estranheza, porque, sendo outr'ora os leões muito mais vulgares do que são hoje, não lhes faltaria decerto occasião de bem os observar. Sabe-se que estes animaes existiram n'outro tempo abundantemente em logares onde não existem hoje, como por exemplo na parte da Europa oriental hoje dependente da Turquia. No tempo de Aristoteles encontravam-se leões em todas as montanhas do norte da Grecia, desde o rio Nestos, perto de Abdero na Thracia, até Acheloüs em Acarnia. Os leões da Europa inquietaram o exercito de Xerxes; os camellos que eram os portadores das bagagens foram attacados pelos leões que desceram das montanhas durante a noite.

Na Asia, principalmente nas regiões situadas entre a India e a Persia, os leões não eram menos communs. A Cicilia e a Armenia eram, segundo Oppiano, paizes infestados por estes felinos.

A facilidade com que os romanos apresentavam nos seus circos dezenas de leões, faz-nos suppor que mesmo nos logares em que ainda hoje existem, esses carniceiros eram muito mais communs do que o são em nossos dias.

A destruição dos leões depois da descoberta das armas de fogo tornou-se verdadeiramente prodigiosa. Hoje pode, sem receio de errar, affirmar-se que é esta uma das especies zoologicas pereciveis, irremediavelmente destinadas a desapparecer n'um futuro talvez não remoto. Não ha com effeito, relação nenhuma de proporcionalidade entre a multiplicação e a destruição, entre o numero de individuos que nascem e o numero dos que são mortos pelo homem.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A area de dispersão d'este mamifero é, pode dizer-se de um modo geral, a de todos os felinos. Como as differentes regiões imprimem cara-

cteres especiaes aos leões que as habitam, occupar-nos-hemos de algumas variedades da especie, designando então o logar exacto que ellas occupam.

COSTUMES

É o leão o mais corajoso de todos os carniceiros, o mais poderoso, o mais forte e o mais temivel dos felinos. Sob o ponto de vista dos costumes todos os leões se assemelham; fazer a historia de um é fazer a historia de todos.

«O leão, diz Brehm, passa ordinariamente uma vida solitaria; não vive com a leoa senão desde a epocha do cio até que os filhos teem attingido um certo desenvolvimento. Habitualmente cada leão tem dominios especiaes de habitação e é raro que entre visinhos se estabeleçam combates por causa do alimento. Pelo contrario, é vulgar que se juntem muitos individuos para fazerem grandes caças; o macho e a femea, esses vão quasi sempre juntos em busca da presa. O leão porém não abunda em parte nenhuma; é tão voraz, consome tanto, que uma só região por mais fertil que ella seja, não pode nunca bastar á sustentação de muitos d'estes animaes. Os largos valles cobertos de arvoredo e atravessados pelos rios constituem os seus dominios favoritos; as montanhas agradamlhe menos.

«Cada leão cava um refugio pouco profundo á superficie do solo n'um logar occulto e ahi repousa um ou muitos dias segundo a região é pobre ou rica em caça, é tranquilla ou agitada. Nas grandes florestas conserva-se longo tempo no mesmo refugio, não o abandonando senão quando se lhe torna difficil encontrar uma alimentação abundante. Então caminha para mais longe e procura ao erguer do sol um abrigo em brenhas mais espessas.

«O leão possue os habitos geraes de todos os felinos; ha n'elle porém, sob este ponto de vista, traços perfeitamente caracteristicos. É o mais preguiçoso de todos os membros da familia; não tem predilecção pelas grandes correrias e gosta de levar a vida com pouco trabalho. Acompanha regularmente os povos nomades no Sudan oriental por toda a parte para onde elles se dirigem; segue-os nas charnecas e volta com elles para a floresta, fazendo pezar sobre esta pobre gente o mais duro de todos os impostos.

«A vida do leão é nocturna: durante o dia não abandona o seu retiro senão quando obrigado a isso e não é encontrado senão muito raras

vezes na floresta, a menos que o não persigam ou lhe não aticem os cães. Não é porém exacto dizer-se que lhe repugna a luz do sol. Na minha ultima viagem á Abyssinia pude assegurar-me de que o leão gira durante o dia nas brenhas ou occupa tranquillamente um ponto culminante para observar os animaes da região que habita. Assim um dos meus creados viu um leão sentado á hora do meio dia no valle que conduz de Mensa a Aïn-Saba. Este leão olhou com muito interesse o homem e o camello que elle conduzia, mas deixou-os passar tranquillamente. Tem-se considerado como falsas as affirmações de Le Vaillant e outros naturalistas sobre o habito que tem o leão de examinar assim todos os seus dominios; no entanto eu tive occasião de verificar pessoalmente o facto. Vimos um leão deitado n'uma collina arida e pedregosa na qual elle não podia evidentemente estar senão como explorador para o fim de descobrir em que ponto das cercanias encontraria mais facilmente a caça ao chegar da noite.

«Nas visinhanças das povoações o leão não apparece senão depois das trez horas da noite. «Muitas vezes, dizem os arabes, adverte da sua chegada os animaes por meio de gritos.» Infelizmente a boa intenção que se lhe attribue não me parece justificada, porque se muitas vezes ouvi o rugir do leão, pude muitas outras verificar que elle se approxima silenciosamente dos povoados para d'ahi roubar um animal. Assim, alguns dias antes da nossa chegada a Mensa, um leão tinha entrado trez noites seguidas na povoação, não denunciando a sua presença senão por uma porção de pêllos que tinha perdido na tentativa de passar por cima de uma sebe. Acreditava-se geralmente nas primeiras noites que seguiram a nossa chegada que elle vagueava ainda nas circumvisinhanças; no entanto não o ouvimos gritar senão duas vezes e de muito longe. Em Kordofan, pelo contrario, tive occasião de ouvir um na aldea mesma em que habitava.

«O que é curioso é que certos povos da Africa central se queixam raras vezes do leão; os habitantes de Mensa, por exemplo, fallam dos seus roubos mas não o accusam nunca de ter attacado os seus rebanhos. Seriamos tentados a crêr que o leão não attaca os seus animaes; não é porém assim e d'isso tenho as provas. No decorrer das minhas viagens só duas vezes encontrei o leão em liberdade, mas muitas vezes tive occasião de verificar a presença d'elle nas visinhanças da minha habitação. Por varias vezes entrou nas aldeas onde eu morava e durante a minha jornada ás margens do rio Azul superior ouvi todas as noites o seu rugir temivel. Procurarei transportar em imaginação o meu leitor a uma das aldeas do Sudan oriental ou aos campos habitados pelos nomades para fazel-o conhecer as emoções de uma noite perturbada pelo leão.

«Acaba de sumir-se o sol no horisonte; o pastor nomade tem agremiado o seu rebanho na *Sériba*, especie de campo entrincheirado, cercado por uma estacaria da altura de oito a dez pés, da largura de trez ou quatro e formada de ramos de mimosa cobertos de espinhos fortes; é este o abrigo mais seguro que o pastor pode encontrar. As sombras da noite estendem-se por sobre o campo animado. As ovelhas chamam pelos cordeiros e as vaccas a que acaba de tirar-se o leite estão deitadas; a matilha de sentinella vigia por todos. De repente os cães principiam a latir; n'um momento reunem-se todos e precipitam-se na mesma direcção em meio das trevas densas da noite. Ouve-se então o ruido de um combate que dura pouco, latidos furiosos, um grito rouco, mais furioso ainda, depois um uivar que denota victoria. Uma hyena tinha passado em torno do campo o os corajosos gardeões fizeram-a fugir depois de um combate de curta duração. Um leopardo tinha egualmente batido em retirada. O campo retoma a tranquillidade, o ruido extingue-se, a paz da noite estende-se sobre todas as coisas. A mulher e os filhos do pastor repousam sob uma tenda. Os homens teem acabado os serviços do dia e vão tambem deitar-se. Sobre as arvores proximas as andorinhas murmuram ainda a canção da tarde, volitam e avisinham-se ás vezes da *Sériba*, deslisando como phantasmas por sobre o rebanho adormecido. Reina por toda a parte o silencio; os cães mesmo deixaram de uivar, mas não dormem ainda. De repente parece que a terra treme: ouve-se o rugido do leão nas proximidades, produz-se um tumulto indescriptivel na *Sériba*, onde a maior consternação se espalha. As ovelhas tresnoitadas vão bater com as cabeças na estacada, as cabras principiam a balar, os ruminantes agrupam-se instinctivamente em bandos aterrados, o camello esforça-se por partir as cordas que o prendem para fugir e os corajosos defensores do rebanho, os cães vigilantes que venceram o leopardo e a hyena, uivam e refugiam-se trementes, consternados aos pés do homem. Este não sabe que fazer; desespera de si, dos seus recursos e treme prevendo a inutilidade da resistencia. Que fará elle, armado de uma simples lança, em face de um tão terrivel inimigo? O leão approxima-se, sem obstaculo, cada vez mais. Em breve o brilho dos olhos do animal, que parecem luzeiros, vem augmentar ainda o terror que inspiram os enormes rugidos.

«De um salto prodigioso o carniceiro avança por sobre a parede de espinhos de oito ou dez pés d'altura e vae escolher uma victima. Com uma só pancada de sua pata formidavel abate um bezerro de dois annos e com os dentes poderosos parte-lhe as vertebras cervicaes.

«O malvado, altivamente collocado sobre a presa, faz ouvir um rugido surdo; os seus grandes olhos brilham de raiva e de contentamento e com a cauda fustiga repetidamente o ar. Por momentos solta a victima

agonisante, em seguida rasga-a de novo com os dentes até que ella tenha cessado de mover-se. Depois pensa no seu retiro; é preciso passar novamente por cima da estacaria, mas d'esta vez levando a victima entre os dentes. Apesar da immensa força que o acto exige, o leão acaba sempre por triumphar.

«Vi uma *Sériba* de nove pés de altura, por cima da qual um leão tinha saltado arrastando comsigo um bezerro de dois annos; eu mesmo reconheci os traços d'este pezado fardo no vertice da estacaria e o buraco que elle fez na areia caindo do outro lado. O leão conduz facilmente uma tal carga a distancias de mais de meia milha e pode-se algumas vezes seguir o sulco cavado na areia pelo corpo da victima até ao logar em que foi devorada.

«O terror inspirado pela presença do leão tinha feito de algum modo suspender a vida na *Sériba;* a partida d'elle faz readquirir confiança e os animaes respiram de novo livremente. De resto, o pastor submette-se resignadamente á sua sorte infeliz; sabe que o leão é um rei com titulos eguaes aos do chefe da sua tribu e que o rouba quasi tanto como este.

«Concebe-se facilmente que todos os animaes que conhecem este terrivel devastador fiquem com as faculdades annuladas desde que lhe ouvem a voz. O rugido caracterisa o leão, é como a expressão da sua força; os arabes chamam-lhe *raad* que significa trovão. O rugido do leão é indescriptivel: dir-se-hia saído das profundezas do vasto peito que parece abrir-se para lhe dar passagem. Ás vezes mesmo, muitas vezes, é difficil determinar a direcção d'onde elle parte, porque o animal ruge voltado para a terra que espalha o som em todos os sentidos como um echo surdo. O rugido parece um complexo de sons fortissimos comprehendidos entre as vogaes *O* e *U*. De ordinario ouvem-se primeiro trez ou quatro sons expellidos lentamente como gemidos; em breve porém os sons accentuam-se e precipitam-se para de novo se retardarem, diminuirem de intensidade e transformarem-se n'uma especie de grunhido. Desde que um leão faz ouvir o seu rugido formidavel, todos os outros se juntam a elle e então nas florestas echoa um concerto verdadeiramente grandioso.

«É impossivel dar uma idéa do effeito que produz sobre os outros animaes a voz do leão. Freiligrath diz:

La panthère tressaile et tout son corps frémit,
La gazelle tremblante au fond des bois s'enfuit,
Crocodile et chameau frissonent sur la rive,
Quand sa voix de tonnerre à leur oreille arrive.

«Á voz do leão com effeito, a hyena cessa por momentos de uivar e o leopardo de grunhir, os macacos soltam grandes gritos agudos e refugiam-se nas arvores mais altas, um silencio de morte substitue os balidos dos rebanhos, as antilopes fogem apavoradas atravez dos bosques, o camello principia a tremer, não obedece á voz do homem que o conduz, alija a carga e o cavalleiro e procura salvar-se fugindo rapidamente e o cão, que não está ensinado para a caça ao leão, procura gemendo um refugio aos pés do dono.

«O homem mesmo, quando ouve pela primeira vez estes rugidos terriveis no meio das trevas da floresta virgem, pergunta a si mesmo se a coragem lhe não desfallecerá face a face com o animal que os solta.

«Os animaes experimentam as mesmas agonias e os mesmos terrores quando, sem ouvirem a voz do leão, descobrem a sua presença e mesmo quando o sentem sem o verem, porque todos sabem que a approximação do terrivel carniceiro é a morte para elles.

«Todas as vezes que pode, o leão approxima-se dos povoados, unica mira então das suas excursões. É um hospede desagradabilissimo, de que é difficil desembaraçarem-se os povos, porque combina os seus ataques com extrema destreza e astucia. D'isto nos convenceremos lendo a historia seguinte contada por um velho aldeão hollandez estabelecido em Draakenberg, onde vivia principalmente do producto da caça do elephante.

«Á distancia de kilometro e meio pouco mais ou menos da vivenda do rustico, n'uma brenha espessa, tinha-se estabelecido um leão, que ahi encontrava um abrigo, agua e um centro muito favoravel de excursões. O aldeão em breve deu pela presença do felino; a pista deixada no solo ensinava-lhe bem quem era o seu perigoso visinho e resolveu pôr-se em guarda. Desde a primeira noite, os cães uivaram com furia, mas o leão não se moveu e o rustico dava-se os parabens lisongeado por vêr-se desembaraçado do seu imperial importuno. Pensou que elle abandonára a região depois d'este primeiro aviso. No entanto o leão não se atterrára com os latidos d'esta matilha de anões. Na segunda noite veio roubar Roeber, o boi favorito do camponez. De manhã verificou-se que o leão tinha saltado por cima da estacada que cercava o abrigo do gado e que matára o boi; tinha procurado affastar-se pelo mesmo caminho, mas a estacada dobrando-se sob o pezo fornecera-lhe assim uma passagem menos incommoda.

«O rustico, acompanhado por um hottentote e seis dos seus melhores cães, seguiu a pista do leão. Os caçadores reconheceram ao fim de pouco tempo que o animal se occultára na brenha, mas este reconhecimento servia de pouco, por que o *Kloof* (é assim que se chama no Cabo a um logar coberto de matto) tinha cerca de sete kilometros e meio

de extensão sobre quatrocentos metros de largura. As arvores eram eriçadas de espinhos e o matto e as altas hervas cobriam o solo tornando a brenha quasi inaccessivel aos caçadores. Foi pois resolvido que se mandassem cães a desalojar o leão, em quanto o aldeão e o hottentote se collocavam de embuscada a cada uma das extremidades do bosque.

«Os latidos da matilha indicaram em breve tempo que o ladrão estava descoberto; mas depressa se reconheceu tambem a inutilidade de todos os esforços para o fazer fugir. Ouviam-se os cães latir caminhando para traz quando o leão furioso lhes repellia os attaques e depois voltarem de nova á carga; mas em summa o inimigo não se deslocava. Pouco a pouco os latidos tornaram-se mais fracos e julgou-se mesmo prudente chamar os cães. Assobiou-se, chamou-se, mas dois sómente voltaram e ainda assim um d'elles horrivelmente mutilado; o leão tinha matado todos os outros.

«A primeira tentativa pois tinha sido infructifera e o aldeão voltou para casa, magoado pela perda dos seus bons cães. Passou a noite de vela, mas o leão não voltou. No dia seguinte o hollandez foi de novo com o hottentote até junto da brenha. Subiram a uma arvore, perto da passagem do leão que esperaram debalde toda a noite. Emquanto estavam de espia, o atrevido ladrão evitava a embuscada tomando um outro caminho e ia tranquillamente apanhar um dos mais bellos cavallos da herdade. Calcula-se bem a colera do aldeão e as injurias que elle dirigiria aos hottentotes e aos cafres que accusava de falta de cuidado e de covardia. No entanto um novo plano foi concebido: o corajoso hollandez tomou a resolução extrema de entrar na brenha, a pé, desacompanhado, sem cães, para descobrir o leão e matal-o. Era um velho caçador experimentado e que sabia servir-se admiravelmente da sua arma de dois canos; todavia o projecto era cheio de perigos e toda a coragem seria pouca para leval-o a cabo.

«No mesmo dia, por volta das 10 horas da manhã, o caçador poz-se a caminho sem mesmo levar comsigo o fiel hottentote, receioso de que o cheiro muito pronunciado que espalham os negros advertisse o leão da presença d'um homem e o puzesse em fuga. Approximou-se com prudencia da brenha seguindo os vestigios que o corpo do cavallo tinha deixado na areia e penetrou bem depressa na brenha marchando ou antes deslisando com as maiores precauções para evitar o mais ligeiro ruido, o que não era facil por causa da grande quantidade de folhas e de ramos seccos que cobriam o solo. No entanto todas as difficuldades foram vencidas.

«O caçador tinha dado apenas uns cincoenta passos no interior da brenha quando viu entre as arvores os restos do seu cavallo. Pensando que o leão não devia estar longe, agachou-se por traz de umas arvores

na menos fatigante e menos incommoda posição que pode tomar. Depois de um certo tempo de espera, viu fazer-se um movimento adiante d'elle cerca de vinte passos por traz de umas plantas de folha larga e pouco a pouco distinguiu a cabeça do leão, que a seu turno observava attentamente o logar onde o homem estava. Era evidente que a besta tinha consciencia da visinhança de um ser animado, sem ainda saber bem onde elle estava occulto. Sentindo que a sua posição se tornava critica, o nosso hollandez guardou a immobilidade de uma estatua. Não queria arriscar-se a fazer pontaria á cabeça, porque para attingir esta região é preciso estar seguro de não errar fogo, o que se tornava difficil por causa dos numerosos ramos que cortavam a linha de tiro. Depois de uma exploração attenta de alguns instantes, o leão pareceu tranquillisar-se e deitou-se por traz de umas arvores. O caçador aproveitou-se da occasião para preparar tão silenciosamente quanto possivel a arma que dirigiu com lentidão para o logar onde se tinha deitado o devastador da sua herdade. O ruido quasi imperceptivel que estes movimentos determinaram, não escapou porém á vigilancia do leão que se levantou de repente com a face voltada para o lado do caçador. Uma bala dirigida á parte inferior da fronte, entre os dois olhos, mas que bateu um pouco mais acima por causa da pequenez da distancia e da força da carga, tombou o animal. No entanto, um momento passado, levantou-se ainda soltando um grito terrivel; d'esta vez porém uma segunda bala que lhe penetrou no peito fel-o cair mortalmente ferido. Antes do sol posto já a pelle do leão estava suspensa á porta da herdade.» [1]

Na caça que faz em meio das florestas, o leão serve-se de processos differentes dos que usa para roubar ao homem os animaes domesticos. Sabe bem por experiencia que os animaes selvagens o presentem de longe e lhe escapam fugindo com velocidade extrema; por isso em vez de os perseguir o leão prefere espiar-lhes a passagem caindo sobre elles de improviso.

As fontes e as margens dos pequenos cursos d'agua são os logares preferidos, porque depois dos calores ardentes do sol, quando a noite desce muitos animaes procuram estas paragens para se refrescarem.

Affirmam todos os observadores que o leão, uma vez saciado, não attaca animal algum; vem-lhe d'ahi talvez o titulo de *magnanimo* que vulgarmente lhe conferem.

O leão prefere evidentemente as grandes ás pequenas especies, sem todavia deixar de aproveitar-se d'estas. Em geral tambem não come

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 190 e seguintes.

senão os animaes que elle proprio mata; apertado porém pela fome contenta-se com os cadaveres que encontra.

Ha muitos carniceiros, a hyena é um d'elles, que se aproveitam dos esforços do leão para o ajudarem a devorar a presa. O terrivel felino nem sempre está muito disposto a supportar tão importunos hospedes; ás vezes, relatam testemunhas presenciaes, trava-se entre elles e os incommodos parasytas uma lucta encarniçada e tremenda. A hyena que no meio de uma floresta foge covardemente do leão, é de uma imprudencia e de uma coragem assombrosa quando se trata de compartilhar o banquete dos animaes mortos por este felino.

«No Sudan oriental, escreve ainda Brehm, um dos meus caçadores teve occasião de assistir em pleno dia a um combate ferido entre um leão e trez hyenas por uma causa d'estas. O leão estava sentado á beira de um rio e esperava tranquillamente trez hyenas maculadas que se approximavam rosnando. Pouco e pouco foram-se tornando insolentes, avançando até tocarem o valente animal. Uma d'ellas tentou mesmo mordel-o; na occasião porém em que fazia o ensaio, o leão bateu-lhe na cabeça uma pancada tão violenta que ella caiu por terra sem movimento. As outras retiraram-se prudentemente para a espessura da floresta.» [1]

O homem poucas vezes é objecto dos attaques do leão; parece que a elevada estatura da nossa especie lhe inspira respeito. Ha regiões onde os leões abundam e onde todavia se não ouve contar que um só homem fosse comido por elles.

A Africa meridional parece offerecer-nos uma notavel excepção ao que acabamos de affirmar; ahi é vulgar que o homem seja victimado aos instinctos carnivoros do leão. No entanto, como observam os naturalistas, a culpa é exclusivamente dos indigenas que deixam expostos na floresta os cadaveres dos companheiros; o leão habitua-se a comer a carne humana e acaba por preferil-a a toda a outra, fazendo guerra á nossa especie.

Diz-se que o leão prefere os negros aos brancos e até mesmo que não attaca estes ultimos. A este proposito citamos a narrativa seguinte de Moffat: «Uma manhã, depois de ter passado a noite deitado por terra á porta da cabana em que repousava um negro, o homem mais valente do logar, disse-lhe que tinha ouvido mexer do outro lado da estacada ao abrigo da qual me tinha deitado e que cria que de noite uma parte do gado se teria escapado. «Nada, replicou-me o meu hospedeiro; reconheci de manhã pelos vestigios que era um leão.» Ao mesmo tempo acrescentou que algumas noites antes esse mesmo leão saltára por sobre

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 197.

a estacada no ponto mesmo onde eu estava deitado e roubára uma cabra com que fugiu pelo outro lado do estabulo. Depois mostrou-me uns restos de palha que accendera para espantar o animal. Perguntei-lhe então como é que concebera a idéa de me fazer deitar precisamente n'um tal logar. «Não ha perigo, replicou; o leão não teria tido a audacia de o attacar.» [1]

A crêr a narração dos viajantes, o leão, que estrangula immediatamente os animaes que apanha, porta-se de um modo muito differente em relação á nossa especie. Nunca mata repentinamente o homem que tem sob as patas, a menos que a isso não seja excitado pela resistencia. Acontece mesmo que algumas vezes por um capricho inexplicavel, ordinariamente chamado generosidade, o leão poupa a vida do caçador que vem cair-lhe sob as garras, limitando-se por unica vingança a partir-lhe algum membro ou a arranhar-lhe o peito, depois do que se retira e o abandona. Sparrmann cita muitos exemplos d'estes.

David Livingstone, explorador digno de toda a fé, narra o seguinte successo occorrido n'uma caçada na Africa oriental: «Encontramos os leões n'uma colina que tinha pouco mais ou menos um quarto de milha de extensão. Os meus companheiros dispuzeram-se em circulo e subiram a colina approximando-se cada vez mais uns dos outros. Eu que fiquei na planicie com um indigena por nome Mébalué, um homem excellente, vi um dos leões sobre uma pequena rocha que os caçadores circumdavam. Mébalué deu um tiro antes de mim e a bala bateu no rochedo em que o animal estava sentado. O leão mordeu o logar em que a bala bateu, como o cão morde a pedra ou o pau que lhe atiram, depois, fugindo de um salto, passou por cima do circulo de caçadores, que se abriu á sua presença, e escapou sem ser ferido. O circulo reformou-se logo e dois outros leões appareceram; d'esta vez porém receiosos de ferir algum dos homens que formavam o cerco, nenhum de nós atirou e os animaes poderam retirar-se incolumes. Se os indigenas, seguindo os usos tradicionaes do paiz, tivessem attacado os leões ás lançadas, nenhum d'elles teria escapado. Vendo que era impossivel decidil-os ao attaque, retomamos o caminho do povoado quando, torneando a colina, descobri um dos leões sentado sobre uma rocha, como o primeiro que tinha visto, mas agora occulto por traz d'uma moita. Eu estava pouco mais ou menos a trinta passos do animal: fiz-lhe pontaria e descarreguei successivamente dois tiros. «Acertou! Acertou!» gritavam de todos os lados os indigenas. «O outro tambem o feriu, vamos a elle,» diziam os caçadores. Eu não tinha percebido que ninguem atirasse ao mesmo tempo que eu;

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 197.

mas por traz de umas sarças via a cauda de um leão agitar-se como signal de grande colera. Voltando-me para os que me cercavam, disse-lhes que esperassem ao menos que eu carregasse de novo a arma. Na occasião de metter as balas, ouvi um grito geral de terror, estremeci, e, levantando a cabeça, vi o leão que se arremeçava a mim. Eu estava sobre uma pequena eminencia; o leão lançou-me as garras a um hombro e rolamos ambos até á base do outeiro. Rugindo-me aos ouvidos pavorosamente, agitava-me ao mesmo tempo com assombrosa violencia. O extraordinario abalo lançou-me n'um estado de entorpecimento analogo talvez ao do rato sacudido pelo gato, estado em que se não sente o terror nem o soffrimento physico, embora subsista perfeita a consciencia de tudo o que se passa, situação emfim comparavel á dos enfermos que sob a influencia anesthesica do cloroformio vêem todos os detalhes de uma operação sem sentirem o ferro do operador. O facto não é consequencia de modificação alguma d'ordem moral; é que o abalo annula o terror e paralysa a sensibilidade em quanto se vê face a face o animal. Este estado singular realisa-se sem duvida em todos os animaes que são presa dos carniceiros e é uma prova da bondade generosa do Creador [1] que nos quiz tornar menos terriveis as agonias da morte. O leão tinha uma das patas sobre a parte posterior da minha cabeça; diligenciando subtrair-me a esta pressão, voltei-me e vi o olhar do animal fixo em Mébalué que lhe fazia pontaria á distancia de quinze passos. A arma do indigena era de pederneira e errou fogo duas vezes. O leão então deixou-me immediatamente, atirou-se ao pobre homem e mordeu-o n'uma coxa. Um individuo a quem eu salvára a vida uma vez n'um encontro com um bufalo que o atirára ao ar, tentou dar uma lançada no leão no momento em que este atacava a Mébalué. O animal abandonando este então, agarrou pelo hombro o novo inimigo; n'esse instante porém as balas que tinha recebido produziram o seu effeito e o leão cahiu morto. Tudo isto durou momentos apenas; devia ter-se passado durante os paroxismos de raiva que no leão precederam a morte. Além do humero completamente esmagado, recebi onze mordeduras na parte superior do braço.» [2]

As feridas produzidas pelos dentes do leão teem uma certa analogia com as das armas de fogo; são seguidas geralmente de uma grande

[1] A intervenção de uma força sobrenatural na explicação do facto é absolutamente inutil e anti-scientifica. Para dar conta de factos que o cloroformio é capaz de produzir, dispensam-se perfeitamente os devaneios theistas. Appelar para uma incognita na solução de um problema, é tornal-o mais complicado.

[2] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 198.

supuração, de um grande numero de escharas e deixam na parte attacada uma dôr que se faz sentir periodicamente.

O leão é menos perigoso para o homem do que geralmente se pensa. «Acontece todos os dias, diz Delegorgue, que os cafres desprovidos d'armas de fogo attravessam com as suas familias espaços em que circulam leões, sem que a presença d'estes animaes seja para elles motivo de terror. Mas ha mais: ou seja por prudencia ou seja por timidez, o terrivel felino se é surprehendido e se o não excita a fome, retira-se diante de um homem ou de uma creança, foge mesmo até á distancia de quinhentos passos pelo simples ruido de vozes humanas trazidas pelos ventos. Estes habitos, que parecem determinados por um sentimento de receio, são muito conhecidos de alguns povos.»

Os arabes sabem que todas as vezes que um homem encontra um leão em repouso, pode fazel-o fugir marchando para elle corajosamente e atirando-lhe uma pedra.

André Sparrmann relata um facto curiosissimo que é exemplo de quanto o homem é capaz de influenciar sobre o leão, atterrando-o. Um rico fazendeiro, Jacob Koch, passeando um dia pelas suas terras com a arma carregada, achou-se de repente quasi face a face com um leão; como era um amestrado atirador e na posição em que estava se julgou capaz de matar o animal, atirou. Infelizmente não se lembrou de que trazia a arma carregada havia muito tempo e que a polvora humedecêra; fez fogo mas não acertou, indo a bala enterrar-se no solo perto do leão. O fazendeiro atterrado em face do mau exito, deitou a fugir; em breve porém, desalentado e sentindo-se seguido de muito perto, saltou para cima de um pequeno monte de pedras e fez frente ao inimigo com a coronha da arma, resolvido a defender-se até á ultima extremidade. O animal parou tambem a poucos passos de distancia e sentou-se tranquillamente; o caçador tornou-se immovel. Assim ficaram frente a frente; passada meia hora segura, o leão levantou-se e foi-se com vagar affastando como quem quer escapar-se, deitando a correr desesperadamente desde que se apanhou a uma certa distancia.

O sangue frio junto á audacia e um olhar franco e cheio de firmeza parecem impor-se ao leão; de certo o ferocissimo animal teme tanto o homem como este o teme a elle.

No entanto pode acontecer que o leão persiga o homem com uma tenaz persistencia.

Barrow cita um exemplo curioso. Um pegureiro surprehendido por um leão quando levava o rebanho a beber, metteu-se no meio dos animaes na esperança de que o temivel carniceiro lhe levaria uma das rezes e o deixaria a elle socegado. Não aconteceu porém assim: o leão attravessou pelo meio do rebanho sem tocar n'um só dos animaes que

o compunham e caminhou sempre na direcção do pastor, que por felicidade conseguiu trepar a uma arvore. O leão deu um salto ainda para o apanhar, sem o conseguir comtudo e cahiu sobre o solo. Então começou a caminhar em torno da arvore soltando enormes rugidos e lançando de tempos a tempos um olhar feroz para o pobre homem cheio de pavor; por fim deitou-se ao pé da arvore e ahi se manteve immovel durante vinte e quatro horas. Como porém a sêde o atormentasse, levantou-se para ir beber a uma fonte visinha. O pastor aproveitando a ausencia do cruel inimigo, desceu da arvore e deitou a correr na direcção de casa que ficava distante apenas de um quarto de legua. O leão que lhe sentiu os passos, perseguiu-o ainda e só parou a trezentos passos da choupana.

É perigosissimo fugir diante de um leão; este animal corre com grande velocidade e tem-se visto que elle persegue e quasi alcança caçadores montados em bons cavallos de caça.

A quadra do cio varía nos differentes pontos da terra, porque a epocha da parturição corresponde sempre á primavera das differentes regiões que o leão habita. A selecção sexual tem por fundamento n'esta especie a força. Dez ou doze leões disputam entre si a posse de uma femea em combates sangrentos e terriveis. O vencedor é o escolhido; os outros affastam-se então e o par vive fielmente unido, pelo menos durante um largo tempo. O macho dá provas de um grande affecto pela femea, acompanhando-a sempre, procurando-lhe o alimento e, segundo affirmam muitas testemunhas presenciaes, concedendo-lhe sempre as premicias dos seus lautos banquetes, não comendo senão depois que a companheira se encontra saciada. O affecto da mãe pelos filhos é tambem extremo. Acompanha-os por muito tempo, defende-os, ensina-os a caçar, desperta n'elles emfim os instinctos sanguinarios.

Quanto tempo vivem os leões? Respondem diversamente os auctores. Buffon disse que não durariam mais de vinte e cinco annos; outros porém fixam em quarenta ou cincoenta annos o termo da vida n'estes animaes. Shaw falla mesmo de dois leões que viveram captivos em Londres, um sessenta e trez annos e o outro setenta.

CAÇA

Para bem comprehender-se o motivo do empenho e da tenacidade com que o leão é perseguido pelo homem, bastam as palavras seguin-

*

tes de Julio Gérard: «Nas regiões onde eu caço habitualmente, diz este notavel viajante, o arabe, que paga cinco francos de imposto ao Estado, paga cincoenta ao leão. Um só d'estes animaes consome um valor annual de seis mil francos em cavallos, mulas, bois, camellos e carneiros; calculando pela media da vida, que é n'este felino de trinta e cinco annos, cada leão custa portanto aos arabes duzentos e dez mil francos.» [1] Libertarmo-nos de um inimigo d'estes é sem duvida uma necessidade urgente, quasi uma obrigação reclamada pelo nosso bem estar e pelo dos nossos filhos.

Na Africa central, infelizmente, o indigena fanatisado e embrutecido dispõe contra os attaques do leão apenas de uns amuletos consistindo em extractos do Coran. Compram este religioso preservativo a pezo d'ouro, suspendem-o á porta dos seus estabulos e deitam-se confiados na acção todo-poderosa de Deus que ha-de tocar o coração dos leões. Os continuos desastres, os roubos e os attaques ininterruptos da fera, não desiludem estes miseraveis, explorados pelos fakirs. Elles crêem que o leão é um animal justo que deve respeitar as palavras do Propheta.

Na Africa oriental e occidental, o indigena dá provas de mais intelligencia, attacando vivamente o leão com lanças, com frechas envenenadas e até mesmo, em alguns pontos, com armas de fogo.

De resto, como todas, a caça do leão varía de região para região.

«Durante a minha demora na Nubia meridional, diz Brehm, teve logar uma caçada ao leão muito notavel, na cidade de Berbes. O terrivel animal infestava as cercanias e tinha roubado, havia já algumas semanas, bezerros e cabras nas *Séribas* mais proximas da cidade. Por fim as devastações fatigaram os Nubios que resolveram fazer uma grande caçada á fera. Quatro arabes occidentaes corajosos e munidos de armas de fogo juntaram-se a doze Nubios armados de lanças e dirigiram-se uma manhã para a floresta virgem onde o animal tinha por costume occultar-se depois de ter subtraido a sua presa. Marcharam directamente ao refugio do leão e, quando este, espantado da visita matinal, se apresentou para os receber, os quatro arabes descarregaram simultaneamente as armas sobre elle. Uma quantidade innumeravel de lançadas succedeu ás balas. O animal recebêra muitos ferimentos, nenhum porém mortal; por isso lançou-se immediatamente sobre os aggressores. Por felicidade, a sua furia não era ainda das maiores. Uma pancada da pata poz fóra

1 Julio Gérard, *La chasse au lion*, pg. 39.

do combate desde logo um dos caçadores que cahiu inteiramente mutilado sobre o solo; depois o animal suspendeu-se. Um segundo caçador avançou com a lança; antes porém que podesse servir-se d'ella, recebeu tambem uma terrivel pancada da pata do animal. Os outros iam fugir covardemente, abandonando ao leão cuja furia crescia os desgraçados companheiros, quando um rapaz, cheio de coragem, os salvou. Trazia elle, além da lança, um pau comprido e solido a que na linguagem do paiz se chama *nabuth;* com elle avançou para o leão que o fixava com espanto. Uma pancada solidamente descarregada na fronte atordoou a fera e fel-a cair por terra. A partir d'esse momento a victoria estava segura; o rapaz não cessou comtudo de bater no leão até o ter matado completamente.

«Eu mesmo, continúa o naturalista allemão, fui muitas vezes sollicitado pelos indigenas a matar um leão que tinha roubado uma rez da *Sériba,* durante a noite, e que segundo todas as probabilidades devia estar impudentemente deitado á sombra das arvores a digerir a copiosa refeição. Como naturalmente se suppõe, eu ardia em desejos de fazer uma tal caça e não teria hesitado um só instante se me fosse possivel encontrar um companheiro. Nenhum europeu porém, e com mais razão nenhum indigena, queria fazer parte da caçada. Teria sido loucura da minha parte o ir sósinho caçar pela primeira vez o leão; fui pois obrigado, com pezar meu, a perder esta bella occasião de coroar as minhas façanhas cynegéticas com a mais nobre de todas as caças.» [1]

Entre os beduinos faz-se geralmente a caça aos leões empregando para isso muita gente. Quando um d'estes terriveis animaes está occulto n'uma brenha, todos os homens válidos do logar empunham uma arma e se dirigem para a brenha. Ahi fazem cerco, formando-se em trez fileiras successivas, das quaes a primeira se encarrega de fazer sahir a fera, dirigindo-lhe, segundo os usos do paiz, injurias sobre injurias: «Estrangulador dos nossos rebanhos! Filho do diabo! Ladrão! Vagabundo! Levanta-te, se és tão corajoso como dizes! Levanta-te, amigo da noite, e mostra-nos a tua face á luz do dia! Prepara-te para o combate com homens que são filhos da coragem e amigos da guerra!» Se estas e outras imprecações não conseguem fazer mexer o animal, os beduinos atiram-lhe então tiros de bala para dentro da brenha até que a paciencia da fera se esgote e ella se decida a sair. Por este processo o leão apparece emfim rugindo e lançando em torno de si olhares chammejantes. Acolhem-o gritos selvagens de todas as filas. Espantado e furioso com tal

[1] **Brehm,** ***Obr. cit.,*** **vol. 2.º, pg. 202.**

recepção, o animal avança lentamente para a multidão que se prepara para festejar-lhe dignamente a chegada. Faz fogo a primeira fila. O leão dá um salto para diante e vem de ordinario cair sob as balas emittidas pelos homens da segunda fileira que ao tempo occupam já o logar dos da primeira.

Apesar do grande numero de pessoas que tomam parte n'esta caça, nem sempre ella deixa de offerecer perigos. O leão ferido por muitas balas lucta ainda algumas vezes desesperadamente, matando ou mutilando mais de um homem.

Uma das caças menos perigosas e provavelmente tambem das mais antigas, por isso que era usual ao tempo dos romanos, é a que se faz por meio de fossos. Vamos pedir a Julio Gérard a descripção d'essa caça.

«Nas regiões em que o leão se encontra ordinariamente, escreve o eminente caçador, os arabes, que são muito preguiçosos, chamam kabylas que por uma pequena somma cavam um fosso de dez metros de profundidade e quatro ou cinco de largura em forma de poço e mais estreito no ourificio do que na base. Este fosso cava-se sempre no sitio que os abarracamentos dos pastores devem occupar durante o inverno. As tendas são collocadas em torno por forma que o fosso se encontre para a parte de cima em relação ao abarracamento.

«O circuito limita-se externamente por uma estacada de dois ou trez metros, formada com ramos d'arvores cortados para este fim; o fosso fica pois occulto para quem olha de fóra.

«Para que os animaes do rebanho não caiam no fosso durante a noite, tem-se o cuidado de o cercar pelo lado de baixo por uma segunda estacaria interior que se liga ás tendas. Logo que a noite chega os rebanhos são introduzidos no circuito e os guardas velam por que elles se conservem do lado de cima do fosso, tão proximos d'elle quanto possivel.

«O leão, que tem o costume de saltar por sobre a estacada do lado de cima para o de baixo, chegado ao pé do abarracamento ouve os gritos, sente as emanações do rebanho do qual está separado por uma distancia de alguns metros, salta e cae no fosso rugindo de colera.

«No momento em que o leão salva a barreira opposta pela estacada e em que o rebanho espantado calca aos pés os guardas adormecidos, todo o abarracamento se levanta em massa. As mulheres soltam gritos de alegria, os homens queimam polvora para prevenir os abarracamentos visinhos, as creanças e os cães fazem um ruido infernal; é uma alegria que se approxima do delirio e em que todos tomam uma parte egual, porque todos teem perdas particulares a vingar. Qualquer que seja a hora da noite, ninguem mais dormirá. Accendem-se fogueiras, os

homens matam carneiros, as mulheres preparam cúscus, [1] emfim far-se-hão comezanas até ao dia. Durante todo este tempo, o leão, que tem dado saltos immensos para escapar, está emfim resignado.

«Antes do amanhecer, os arabes visinhos, prevenidos por tiros, teem chegado em massa com as suas mulheres, os seus filhos e os seus cães. O que ha de curioso em tudo isto é que as mulheres são sempre as mais desapiedadas e mais crueis.

«No entretanto o dia, tão ardentemente desejado, tem apparecido e os mais corajosos levantam a estacada que cerca o fosso para verem o leão de mais perto e julgarem do seu sexo e força provavel. Como os males que elle causou estão na razão directa da força de que goza, deverá ser tratado correspondente. Se é uma leoa ou um leão pequeno, os primeiros que o vêem retiram-se desalentados para dar logar aos curiosos, cujo enthusiasmo se tem acalmado já em vista da decepção dos que os precederam. Mas se é um leão macho, adulto, de longa crina, então são gestos freneticos, gritos de enthusiasmo; a nova corre de bocca em bocca e os espectadores que estão á beira do fosso carecem de todo o cuidado para não serem precipitados ao fundo pela multidão impaciente dos que estão atraz e tambem querem vêr. Depois que a curiosidade geral se acha satisfeita e que todos, um por um, lançaram a sua imprecação e a sua pedra sobre o bello animal, os homens chegam munidos de armas e atiram sobre elle até que não manifeste o mais leve signal de vida. De ordinario só depois de ter recebido uma boa dezena de balas sem se mexer é que o leão levanta magestosamente a sua bella cabeça para enviar um olhar de desprezo aos arabes que lhe atiraram as ultimas balas e que emfim se deita para morrer.

«Muito tempo depois e quando se está bem seguro de que a morte é real, alguns homens descem ao fosso por meio de cordas e cercam-o de uma rede solida bastante para poder supportar o pezo do leão que, quando macho e adulto, não peza menos talvez de trezentos kilogrammas. Fixam-se cordas a uma roldana de madeira consagrada a este uso e introduzida na terra fóra do fosso e suspendem-se d'ella os homens mais vigorosos do ajuntamento para o fim de içarem o cadaver do leão e tambem os homens que haviam descido ao fosso.

«Quando esta operação, muito demorada sempre, tem terminado, as mães de familia recebem, cada uma por sua vez, um pequeno fragmento do coração do animal que fazem comer aos filhos varões para que elles se tornem fortes e corajosos. Arrancam quanto podem da crina para

[1] Especie de pudings de farinha triga muito usados no interior da Africa.

fazerem amuletos que teem as mesmas propriedades; depois, quando os despojos teem desapparecido e a carne está dividida, cada familia volta de novo ao abarracamento respectivo, onde ás tardes o acontecimento será ainda por muitos dias a conversa favorita de todos.» [1]

Depois da caça que acabamos de descrever, a menos perigosa é a da embuscada que pode ser feita subterraneamente ou de cima de uma arvore.

A embuscada subterranea consiste essencialmente n'isto: Cava-se no solo um fosso dentro do qual se possam occultar uns poucos de homens e que se cobre com ramos d'arvores e com terra; deixa-se um ourificio ao qual se ajusta uma pedra e que pode, por isso, tapar-se ou descobrir-se á vontade. Para attrair a attenção da fera colloca-se a pouca distancia um animal morto; quando o leão ao passar se demora lançando as garras ao cadaver, os homens abrem o ourificio do fosso e descarregam sobre elle os seus tiros. Algumas vezes não acertam de produzir ferimento mortal e n'esse caso, o leão rugindo atira-se de salto para o lado d'onde os tiros partiram, sem todavia suspeitar que os inimigos estejam occultos sob a terra. Em saltos desesperados e continuos fatiga-se em breve tempo a fera, que ferida já e tendo perdido muito sangue se retira para as brenhas. Então pelo rasto de sangue os arabes seguem algumas vezes o animal; de ordinario porém, como uma tal perseguição é sempre funesta para algum dos caçadores, deixam em paz o animal, que, não raro, cicatriza as suas feridas e se cura definitivamente. Este resultado em nada lisongeiro torna um tal processo de caça pouco inspirador de confiança.

A embuscada de cima das arvores é um processo simples. Escolhe-se n'um logar ordinariamente infestado pelos leões uma arvore alta e solida e sobre ella com os proprios ramos construe-se uma especie de esconderijo onde cabem uns poucos d'homens que ahi esperam a fera na sua passagem sem d'ella serem vistos e lhe fazem fogo. Este processo é seguro, porque ha logar sempre para fazer uma boa pontaria. Ha em arvores d'estas esconderijos seculares que teem servido para embuscadas a muitas gerações successivas.

Em geral é o inverno, sobretudo quando os gelos cobrem as altas montanhas, a estação mais favoravel para a caça dos animaes ferozes e conseguintemente para a do leão. As feras são então obrigadas a descerem para os valles em busca de alimentos; por isso aos caçadores que naturalmente se guiam pelos vestigios deixados pelos passos d'ellas, é

1 Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 204.

facil descobrir o ponto em que se acoitam. É n'esta estação que de ordinario se fazem as grandes caçadas desde muito projectadas.

Os cafres do Cabo da Boa-Esperança empregam, segundo conta Delegorgue, um processo muito singular de caça ao leão. Um dos cafres munido de um escudo de bufalo, espesso, duro e de forma concavo-convexa, approxima-se do leão e attira-lhe uma das suas armas habituaes. O leão, como é de prever, atira-se ao aggressor; este porém deixa-se caír por terra e cobre-se inteiramente com o escudo. O animal ensaia o poder das garras e dos dentes sobre a parte superior do escudo, sem resultado porém; a unica coisa que consegue é escorregar uma e muitas vezes, cançando-se, enfurecendo-se, desalentando-se por fim. Então os outros cafres em numero bastante approximam-se do animal cheio de fadiga e preoccupado ainda com o inimigo occulto, crivando-o então de golpes que o animal julga partirem do inimigo occulto e contra os quaes não reage senão tentando cravar de novo, e ainda em vão, as garras e os dentes no escudo de bufalo.

Terminaremos este capitulo sobre a caça do leão, traduzindo uma bella passagem profundamente dramatica do livro *O matador de leões* de Julio Gérard, um dos mais intrepidos e felizes caçadores europeus. «Apenas chegado a Guelma, escreve o benemerito francez, foram-me expostas novas queixas, motivadas pela presença de um leão ferocissimo que tinha vindo fixar-se, logo depois da minha partida, entre os meus amigos de Makuna. Eu vinha attacado ainda pelas febres, mas sabia bem quanto o ar e as aguas d'estas montanhas eram salutares e parti nos primeiros dias de Agosto.

«De todos os indigenas do paiz, o que mais soffrêra era um tal Lakdar que tinha perdido, elle só, a cifra enorme de vinte e nove bois, quarenta e cinco carneiros e ainda muitas mulas e jumentos.

«Verdade é que este pobre diabo tinha escolhido para domicilio o ponto menos habitavel do logar, que mais parecia feito para leões do que para homens. Imagine-se na vertente de uma montanha inteiramente coberta de arvoredo, uma barroca a mais selvagem, um canto de terra ignorada em que o sol nunca penetra, e ter-se-ha feito uma idéa do retiro em que Lakdar estabelecêra os seus penates. Devo comtudo acrescentar que elle possuia ahi, defronte mesmo da habitação, um jardim coberto de arvores de fructo, um campo que elle proprio cultivára e uma fonte d'agua deliciosa, recursos naturaes que por todo o ouro do mundo elle não seria capaz de obter em qualquer outra parte.

«Era este o motivo unico por que Lakdar soffria com uma coragem verdadeiramente estoica as perdas causadas pelo leão.

«Quando cheguei a casa do meu hospede de Makuna fui recebido como um salvador.

«Encontrei o parque cercado por uma sebe de seis pés d'altura e de um metro de espessura que o leão saltava quasi todas as noites á procura de ceia.

«Passei muitas noites seguidas no parque sem lograr descobrir o faminto visitador. De dia examinava com cuidado todos os covis da visinhança mas com egual insuccesso.

«—Vês, dizia-me Lakdar, bastou que viesses para que o inimigo desapparecesse; logo porém que tu partires elle voltará e então os animaes que me restam, meu filho, meu irmão, minha mulher e eu passaremos todos pela guela da fera; não ha que duvidar!»

«—Casa-te no nosso paiz e não nos deixes mais, dizia-me a mulher de Lakdar. Apresentar-te-hemos as mais formosas raparigas da montanha, escolherás duas ou trez, a tribu dar-te-ha uma barraca e um rebanho e assim, ao teu lado, viveremos tranquillos.»

«Este exemplo da teimosia do leão em attacar a mesma tenda ou o mesmo abarracamento, não é rara.

«A 26 de Agosto, á tarde, em quanto, sentado no jardim, observava um velho javali que chafordava ali perto, veio Lakdar prevenir-me de que o touro negro não voltára com o rebanho, que segundo todas as probabilidades tinha sido victima do leão e que logo de madrugada iria em busca dos restos do pobre animal.

«No dia seguinte, quando despertei, encontrei o meu hospedeiro agachado ao pé da cama. Estava radiante de prazer.

«—Vem, disse-me, encontrei-o!»

«Um quarto d'hora depois chegava eu, atravez de um bosque espessissimo, ao ponto em que se encontravam os restos do toiro; as coxas e o peito tinham sido devoradas, o resto estava intacto.

«Logo que Lakdar me trouxe umas bolachas e um vaso d'agua, disse-lhe que se retirasse e estabeleci-me junto de uma oliveira a trez passos dos despojos do toiro. O bosque em que me encontrava era por tal forma espesso que se me tornava impossivel ver o que se passava a cinco ou seis metros de distancia.

«Tratei de vêr, examinando os caminhos que vinham dar a este ponto, por qual d'elles o leão se teria retirado para lhe fazer frente d'esse lado; depois tirei o turbante para facilmente poder ouvir os mais ligeiros ruidos.

«Ao pôr do sol todos os meus visinhos começaram os seus movimentos e eu fui obrigado a conservar-me álerta, umas vezes por causa de um lynce, outras por causa de um chacal e ainda por menos. Eram tantos os ruidos, tantas as emoções diversas que experimentei no espaço de meia hora que davam de sobra para satisfazer o espirito mais cubiçoso de aventuras.

«Pela volta das oito horas da noite, quando a lua nova alumiava um pouco o logar em que me encontrava, ouvi estalar um ramo. Não podia haver duvida; só o leão com o seu pezo era capaz de produzir um tal ruido.

«Pouco depois um ruido surdo resoou na matta e eu pude então apreciar distinctamente os modos precavidos e lentos que o caracterisam sempre que acaba de sair do seu covil.

«Esperei, com a arma ao hombro, o cotovello sobre o joelho e o dedo no gatilho, o momento em que a cabeça do leão se me tornasse evidente. Não a descobri senão quando a fera chegou ao pé dos despojos do toiro para os lamber com a sua enorme lingua, sem me perder um instante de vista. Apontei-lhe o melhor que me foi possivel á cabeça e fiz fogo. O leão caiu rugindo; mas logo depois levantou-se sobre as patas posteriores como um cavallo que se empina. Eu tinha-me erguido e, recuando um passo, fiz fogo á queima roupa. D'esta vez caiu como fulminado.

«Affastei-me alguns passos para traz com o fim de carregar de novo a arma; vendo porém que o animal se movia, approximei-me com o meu punhal na mão. Procurei cuidadosamente o logar do coração, levantei o braço e ia feril-o, quando n'um instante um movimento convulso do ante-braço da fera fez com que o punhal se me partisse contra uma costella.

«Como levantasse ainda a enorme cabeça, recuei ainda dois passos e dei-lhe o tiro de favor.

«A primeira bala penetrára uma polegada acima do olho esquerdo e saíra pela nuca sem o matar.

«Examinava eu as feridas, pensando uma vez mais na difficuldade de matar instantaneamente um leão, quando ouvi grande ruido por traz de mim. Era Lakdar que abria caminho por entre o matto como um javali.

«—Sou eu, gritou-me sem quasi poder respirar e esforçando-se por attravessar por entre uns tojos. Estava perto e ouvi tudo. Está morto emfim o infiel, o glotão, o flagello, o má raça!» Depois ria e fallava só.

«—Que dia tão feliz! exclamava, procurando ao mesmo tempo desembaraçar o albornoz de uns espinhos que o prendiam. Depois chamava o irmão, o filho, a mulher, como se elles podessem ouvil-o, gritando com toda a violencia: Venham cá! tragam os cães; está morto! está morto!»

«Por fim veio caír ao pé do leão dizendo-me ao mesmo tempo:— Obrigado, irmão, pelo que acabas de fazer. D'hoje em diante pertencem-te a minha pessoa e bens; dispõe de tudo, porque tudo é teu.»

«—Repara bem, disse-lhe, se é esse o teu amigo.»

«Agachou-se silenciosamente perto do leão e examinou-o com cui-

dado; depois, tentando levantar-lhe a cabeça, disse-lhe: «—Tudo quanto me roubaste, todo o mal que me fizeste é nada, porque encontraste emfim quem te ensinasse, porque finalmente estás morto, salteador, ladrão, assassino, porque posso agora dar-te murros á vontade.» E junctando a acção ás palavras, dava-lhe a valer.

«Pouco tempo depois, o irmão e o filho de Lakdar, attraidos pelos tiros, chegaram tambem e não foi sem difficuldade que os decidi a virem commigo para a tenda a esperarem lá o amanhecer.

«No dia seguinte, todos os homens, mulheres, creanças e cães da montanha se encaminhavam para a morada de Lakdar.

«Apezar de todo este reforço, a espessura do bosque e o pezo do leão tornavam impossivel removel-o do logar em que havia sido morto; por isso foi preciso tirar-lhe ali mesmo a pelle.

«Lakdar pediu-me como um favor que o acompanhasse a Guelma para ahi fazer a sua entrada ao meu lado, conduzindo elle mesmo os despojos opimos. Disse-lhe que sim; o pobre homem para melhor gozar em toda a plenitude as satisfações do triumpho, estendeu a pelle do leão sobre a mula em que montava, tendo-a cuidadosamente collocado por forma que a cabeça ficasse para o lado de diante e *debaixo de vista.*

«O general Bedean que estava de passagem em Guelma na occasião em que eu ahi chegava, manifestou desejos de vêr a pelle.

«Dei-me pressa em procurar entre os francezes um dos soldados mais valentes do esquadrão para o fim de conduzir a pelle com a cabeça, que eu sempre conservo juntas. Apenas lh'as colloquei aos hombros o homem vergou sob o pezo e foi preciso leval-as n'um carro de mão onde custaram a caber.

«Este leão estava para os que geralmente vemos nas collecções de feras vivas ou no Jardim das Plantas *como um cavallo está para um jumento.*»

CAPTIVEIRO

O leão, este animal terrivel e sanguinario, tão temido nas florestas e tão odiado pelo homem, domestica-se completamente, como o provam centenas de exemplos.

Hannon, celebre cartaginez de que fallamos já na parte d'esta obra consagrada ao estudo dos macacos anthropomorphos, foi o primeiro homem que domesticou um leão. Conduzia-o á mão; este facto foi a causa do seu exilio, segundo uns, da sua morte, segundo outros. Os seus con-

cidadãos para justificarem a condemnação d'elle, depozeram que a Republica tinha tudo a temer d'um homem que soubéra domar tanta ferocidade.

O triumviro Antonio fazia-se conduzir publicamente por leões, levando junto de si, no seu carro, a comediante Cythéride. Os antigos levaram pois a domesticação do leão a um ponto que ainda hoje nos espanta, comquanto todos nós tenhamos visto animaes d'esta especie reduzidos ao mais alto grao de subordinação.

Como faz notar Brehm, o natural do leão está mais longe de ser refractario á educação do que geralmente se suppõe.

Scheitlin, citado por Brehm, diz: «O leão domestica-se como o cão cuja memoria eguala. Ao fim de muitos annos reconhece instantaneamente um antigo guarda; se perdeu a lembrança da sua physionomia, reconhece-lhe sempre o som da voz amiga, do mesmo modo que o homem que reconhece mais tempo as pessoas pela voz do que pelas feições. A memoria do leão conserva preciosamente a lembrança dos beneficios recebidos, desmentindo assim a pretendida ingratidão proverbial de todas as creaturas d'este mundo. A historia de Androcles e do seu leão, contada por Celio, não é tão inverosimil como se tem dito. Affirma-se que não devemos confiar no leão, porque o seu natural feroz é muitas vezes mais forte que a educação. Decerto o leão tem caprichos; os animaes inferiores não os teem, mas os mais elevados na escala zoologica quasi todos os possuem. O homem mesmo os tem ás vezes e a creança sempre; poucos farão excepção á regra... Mesmo em captiveiro, o leão é mais nobre que o tigre e os outros felinos. Em quanto que estes se batem e arranham para apanhar um traço de carne que se lhes dá, o leão apenas se levanta, olha fixamente para a carne sem mesmo estender a pata para a apanhar e espera heroicamente que lhe sirvam o jantar. Não desce á degradação de brigar como os outros esfaimados.

«Os leões machos e femeas soffrem com paciencia egual á dos cães e dos gatos todos os brinquedos que lhes fazemos e com os quaes, de resto, parecem divertir-se. Deixam-se acariciar como todos os animaes domesticos mais mansos e se lhes puxamos pelas barbas, manifestam o seu desagrado por caretas semelhantes ás do gato em egualdade de circumstancias.» [1]

Quando apanhados na primeira infancia e tratados com desvello, os leões attingem a mais alta e mais perfeita domesticação. Reconhecem

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 207.

no homem um bemfeitor e estimam-o tanto mais quanto maiores são os cuidados d'este por elles. Nada mais adoravel que um leão assim domesticado, tendo esquecido ao fim de algum tempo a liberdade, mesmo quasi a sua natureza de leão para se entregar incondicionalmente ao dono.

Brehm descreve assim as doçuras de caracter e os traços mais salientes da vida de uma leoa que domesticou.

«Bachida, tal era o nome da leoa, tinha n'outro tempo pertencido a Latif-Pacha, governador egypcio da parte oriental do Sudan e fôra dada de presente a um amigo meu. Habituou-se depressa á nossa herdade onde a deixavamos vagar livremente. Dentro de pouco tempo seguia-me como um cão, acariciava-me a todos os momentos, tornava-se mesmo importuna ás vezes, porque lhe appetecia ir-me procurar de noite á cama e acordar-me com os seus afagos. Ao fim de algumas semanas apenas, tinha-se arrogado um direito absoluto sobre tudo o que vivia na herdade; no entanto, devemos dizel-o, antes para brincar com os animaes do que para fazer-lhes mal. Só duas vezes aconteceu de estrangulal-os para os devorar: da primeira vez foi um macaco a victima, da segunda um carneiro com o qual instantes antes tinha estado a brincar. Tratava a maior parte dos outros animaes com a maior arrogancia, perseguia-os e inquietava-os por todos os modos. Um só, entre todos, tinha descoberto o segredo de a domar: era um marabuto que logo desde os primeiros tempos das suas relações com a leoa, a feriu com o seu possante bico por tal forma que ella se viu obrigada a dar-se por vencida. Muitas vezes divertia-se deitando-se como os gatos e espreitando quando algum de nós passava para se atirar como o gato ao rato, nunca porém na intenção de nos maltratar. Para mim foi sempre boa e leal, ignorando a traição e voltando a mim, poucos minutos depois de eu a castigar, para com a maior confiança me acariciar. A colera dissipava-se-lhe facilmente; bastava o mais leve afago para abrandal-a.

«Na viagem de Chartum ao Cairo, pelo Nilo, conservavamol-a presa n'uma jaula em quanto o barco se movia e soltavamol-a quando paravamos. Aproveitava estas occasiões para dar largas ao seu contentamento, saltando, e para satisfazer necessidades naturaes, pois era tão aceiada que nunca durante a viagem sujou a jaula. Estas saidas, estas curtas revindicações de liberdade, permittiram-lhe commetter algumas inconveniencias; assim é que, uma tarde, estrangulou um carneiro n'uma aldea e d'outra vez agarrou um pequeno preto. Felizmente foi-me facil tirar-lh'o, porque sempre obedeceu á minha voz. No Cairo passeiava commigo presa por uma colleira e na viagem de Alexandria para Trieste eu deixava-a subir todos os dias para o tombadilho com grande aprazimento dos passageiros. Foi conduzida a Berlim e durante dois annos consecuti-

vos não tornei a vêl-a. Quando de novo a visitei reconheceu-me immediatamente.

«Depois d'isto que commigo se passou, não tenho motivo algum para pôr em duvida um grande numero de historias semelhantes com referencia a leões domesticados.» [1]

Não é só com o homem que o leão captivo revela signaes de dedicação. Este felino liga-se não poucas vezes por uma notavel amizade a outros animaes. Na collecção do Museu de Pariz existiu muito tempo um leão que vivia com um pequeno cão dentro da jaula na mais perfeita harmonia. Para fazer-se idéa de quanto era inquebrantavel a amisade d'estes dois seres, basta dizer que nem mesmo na occasião das refeições havia luctas ou mau humor pelo menos. Cada um comia do seu lado da jaula e quando um acabava mais depressa esperava que o outro levasse a cabo a refeição sem o perturbar. O cão morreu e o leão sentiu-se tanto do acontecimento que chegou a adoecer, perdendo as forças e a voz. Ainda passados annos, a vista de um pequeno cão era para elle motivo de soffrimento; rugia, desesperava-se, dava emfim todos os signaes de colera e de impaciencia.

O leão reproduz-se em captiveiro e sob os mais diversos climas. Em Napoles, em Florença, em Pariz, na Inglaterra tem-se obtido por muitas vezes a reproducção d'este felino. No entanto os pequenos leões raramente sobrevivem; de ordinario morrem na epocha da dentição. Os que escapam a esta crise, tornam-se doceis e meigos como o cão. Um houve d'estes, nascido na Europa, que muitas vezes figurou, tanto era a sua doçura, na representação da opera *Alexandre e Dario,* representada no theatro de *Covent-Garden* em Londres.

Admiramo-nos ás vezes da coragem dos domadores de feras que penetram nas jaulas dos leões e os obrigam a obedecer-lhes. No entanto essa coragem era um facto vulgar entre os antigos, em Roma por exemplo, onde os Nubios passeavam pelas ruas e pelo forum conduzindo atraz de si pares de leões africanos.

Na Turquia, na Persia e em Cabul não é raro encontrar verdadeiros leões domesticos deitados ás portas dos palacios ou nos pateos interiores. Em Constantinopla, um dos ministros do imperador possuia um leão que em casa gosava da mais incondicional liberdade, precisamente como se fôra o mais pacifico e fiel animal domestico. Um dos leões da collecção de feras do Museu de Paris foi conduzido a bordo de uma fragata, cuja tripulação com elle se divertia, deixando-o percorrer livremente a coberta e as baterias.

[1] *Obr. cit.,* vol. 2.º, pg. 207 e 208.

USOS E PRODUCTOS

A carne do leão é comida pelos indigenas e colonos africanos. Buffon considerava-a de muito mau sabor; Shaw porém compara-a á carne de vacca e Brehm faz sua a comparação.

A pelle é muito estimada e serve principalmente para a fabricação de tapetes.

O LEÃO DA BARBARIA

Como todos, o leão da Barbaria é forte, refeito, tem o peito largo e a região renal fraca, o que lhe torna a parte anterior do corpo muito mais vigorosa que a posterior. A cabeça volumosa, quasi quadrada, alonga-se n'um focinho largo. As orelhas são redondas, os olhos de grandeza media, mas vivos e chammejantes; a cauda é comprida e terminada em ponta aguda coberta por um grosso floco de pêllos. Os membros são refeitos e de um vigor verdadeiramente extraordinario e as patas maiores que as dos congéneres, mesmo em relação aos membros. O pêllo é curto e liso, de uma côr amarellada muito viva. A cabeça e o pescoço são cobertos de uma crina comprida que se estende anteriormente até ás patas e atraz se prolonga até a meio do dorso e flancos.

O leão da Barbaria, quando adulto, mede desde a extremidade do focinho até á da cauda, termo medio, dois metros e sessenta centimetros. D'esta extensão pertencem quarenta e nove centimetros á cauda.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O leão da Barbaria vivia outr'ora na parte oriental do norte d'Africa; era quasi tão commum no Egypto como em Tunis ou em Marrocos. O augmento da população e os progressos da civilisação affastaram successivamente esta especie a ponto que hoje se não encontra já no valle inferior do Nilo nem sobre o littoral do Mediterraneo. Encontra-se ainda na Argelia, em Marrocos, em Tunis e Fezzan. Na Argelia porém é hoje muito rara já; as guerras com os Arabes e a perseguição de caçadores como Julio Gérard, teem diminuido consideravelmente o numero d'estas feras.

Como variedades d'este typo citam-se geralmente:

O LEÃO DO SENEGAL, caracterisado por uma cauda espessa e por uma côr clara;

O LEÃO DO CABO, cuja crina é mais forte e mais carregada em côr;

O LEÃO DA PERSIA, de dimensões mais curtas e de crina ou juba em que existem misturados pêllos trigueiros e negros. Era este o que outr'ora se encontrava não só na Palestina, mas ainda na Grecia ou pelo menos no Peleponeso.

O LEÃO DO GUZZERATE

Este leão distingue-se de todas as outras especies por um caracter muito saliente. Ao passo que todos os outros teem uma juba abundante e mais ou menos longa, a d'este é tão pequena, tão pouco densa que nem merece quasi mencionar-se; por isso tem sido chamado *leão sem juba*. A estatura d'este leão é mais elevada que a das especies africanas. A côr é quasi uniforme, fulva em todo o corpo; só o tufo que termina a cauda é branco.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Vive no Indostão. Era a esta especie que se referiam provavelmente os antigos quando nos fallavam do leão desprovido de juba.

COSTUMES

Segundo o capitão Smee que o descobriu, o leão de Guzzerate frequenta as margens dos rios e vive no meio das hervas e dos cannaviaes. Na epocha dos calores, os incendios que os indigenas ateiam n'estas paragens para prepararem o solo do anno seguinte, desalojam-o dos seus covis.

Parece que esta especie produz terriveis perdas aos rebanhos e que não attaca o homem.

O TIGRE LOIRO DO BRAZIL OU CUGUAR

É este animal conhecido pelo nome de *leão da America* por ser n'esta parte do mundo que elle habita e porque a côr o approxima realmente do tigre. *Leão dos peruvianos, tigre poltrão, cuguar, puma, cão vermelho,* etc., são outros tantos nomes por que em localidades diversas este animal é conhecido.

CARACTERES

O tigre loiro do Brazil ou cuguar, chegado a um completo desenvolvimento, mede, muitas vezes, desde o focinho até á origem da cauda um metro ou mesmo um metro e vinte centimetros de comprimento. A cauda tem sessenta e cinco centimetros d'extensão.

A altura medida ao nivel das espaduas é tambem de sessenta e cinco centimetros. O seu talhe é elegante; a cabeça é porém tão pequena que desharmonisa quasi com o resto do corpo. Só tem vigorosos os membros, cujas patas são munidas de garras poderosissimas. O pêllo é espesso, curto e macio, um pouco mais abundante no ventre que na parte superior, mas em parte alguma alongado em forma de juba. A côr nas regiões superiores é um mixto de vermelho e amarello carregado, mais intensa no meio do dorso e sendo ahi as extremidades dos pêllos negras; a côr das regiões inferiores é um vermelho esbranquiçado, pouco intenso na face interna dos membros e no peito. A garganta é branca e da mesma côr são os pêllos da parte interna das orelhas; os da parte externa são negros com cambiantes rubras no meio. Por cima e por baixo dos olhos existe ordinariamente uma mancha branca. Os labios são cobertos de pequenos pêllos curtos e finos e de longos pêllos brancos. A cabeça é grisalha e a extremidade da cauda, escura.

Não ha differenças de côr entre o macho e a femea.

COSTUMES

O cuguar ou tigre loiro do Brazil construe o covil consoante as disposições especiaes da região que habita. N'uma região arborisada prefere sempre a floresta ao campo raso; do que mais gosta porém é das orlas dos bosques e das planicies cobertas de hervas altas.

«Trepa ás arvores, diz Azara, ainda que sejam verticaes, preferindo as mais altas; sobe e desce de um salto. Differe pois do jaguar que sobe e desce á maneira dos gatos e que escolhe as arvores um pouco inclinadas.» [1]

O cuguar parece que evita cautelosamente as margens dos rios, as correntes e do mesmo modo os logares sujeitos a inundações. Evita a agua, apezar de saber nadar perfeitamente; só em casos de extrema necessidade attravessa um rio a nado. Não tem covil, nem dominios fixos. Passa os dias dormindo no cimo das arvores; depois que o sol se esconde, vae para a caça e percorre muitas vezes nas suas largas excursões muitas leguas n'uma só noite. É raro, muito raro, que persista longo tempo n'um mesmo logar.

Todos os movimentos do cuguar são ageis e vigorosos; dá saltos de seis metros e meio e mais de extensão. O olhar não tem a expressão de ferocidade que caracterisa o da maioria dos felinos. Vê melhor de noite e á hora do crepusculo do que de dia; no entanto não o fascina o sol. Só em lances extremos revela coragem; fóra d'isso, nas condições ordinarias foge dos homens e dos cães. Só em face de animaes inoffensivos e inermes se mostra cruel, muito mais cruel que todos os felinos do novo mundo.

Todos os pequenos mamiferos lhe servem de alimento. Os macacos mesmo apezar da sua extrema vivacidade nem sempre conseguem escapar aos attaques d'este felino, que tanto vive no solo como nas arvores. Os abutres, tão rapidos na carreira, nem sempre o evitam tambem.

Não é facil surprehendel-o na caça, porque o ouvido extremamente sensivel annuncia-lhe de muito longe a presença do homem; de mais

[1] Azara, *Essais sur l'histoire naturelle des quadrupèdes de la province du Paraguay*, t. 1.º, pg. 133.

sendo principalmente de noite que faz as suas excursões, não é prudente para o homem arriscar-se nos dominios que a fera explora.

Na caça o cuguar approxima-se da presa deslisando sem ruido á maneira do gato, saltando sobre ella desde que se encontra a uma pequena distancia. Tem uma decidida predilecção pelo sangue que prefere á carne. Todas as vezes que apanha um animal, rasga-lhe as guelas para beber-lhe o sangue, antes que procure devorar-lhe os musculos. Se a caça é abundante, se lhe é permittido matar muitos animaes n'um curto espaço de tempo, quasi se limita a beber-lhes o sangue. É por isso que este felino se considera justamente um terrivel inimigo dos rebanhos. Os animaes de grandes dimensões, como o boi e os cavallos, nada teem a receiar d'este carniceiro.

O jacaré é o mais terrivel inimigo do cuguar. Diz Condamine que a lucta entre estes dois animaes constitue um espectaculo cheio de interesse. O felino, que conhece o ponto vulneravel do reptil, enterra-lhe as garras nos olhos; o jacaré mergulha, arrastando comsigo o cuguar que prefere afogar-se, dizem, a largar a presa.

A epocha do cio para esta especie é, na America do Sul, Fevereiro ou Março. Fóra d'esta epocha macho e femea vivem separados, fazendo caça para si exclusivamente. A gestação dura cerca de trez mezes. A femea pare de ordinario dois filhos, raras vezes trez, que veem ao mundo cegos. A mãe occulta-os nas brenhas, ás vezes em cavidades d'arvores e vela cuidadosamente por elles; no entanto não tem, como a leoa, coragem para defender a prole dos attaques dos homens ou dos cães aos quaes covardemente os abandona. Os filhos crescem rapidamente; ao fim de poucas semanas acompanham a mãe nas excursões da caça e dentro de muito pouco tempo principiam a viver isolados e independentes.

CAÇA

Os habitos sanguinarios d'este felino inspiram ao homem o desejo e quasi lhe impõem a obrigação de o perseguir tenazmente. A caça é difficil, porque o cuguar sabe perfeitamente fugir e occultar-se, mas não é perigosa; é muito raro que o homem saia ferido d'estas luctas.

Em vista da facilidade com que se evade e se esconde, os caçadores escolhem para o apanhar as horas do seu primeiro somno. O felino então, attacado de perto, decide-se a luctar face a face com os cães que o despertam; no entanto, por menos destemidos e adestrados que estes

sejam, pertence-lhes quasi sempre a victoria. De resto, os caçadores que se encontram a pequena distancia, podem em caso de necessidade, auxiliar os cães, enviando ao cuguar uma facada ao coração ou um tiro de bala á cabeça. Na America do Norte os cães forçam o cuguar a subir ás arvores, onde os caçadores o matam a tiro.

Tambem se caça com armadilhas.

CAPTIVEIRO

O cuguar ou tigre loiro do Brazil, depois de velho, não resiste á perda da liberdade; não acceita o alimento em captiveiro e deixa-se morrer á fome. Quando novo porém, domestica-se facilmente.

Sustenta-se de leite e carne cosida. Quando se lhe dá carne crua lambe-a antes de devoral-a, como faz o nosso gato domestico; como elle, conserva emquanto come a cabeça um pouco inclinada de lado. Durante o estio é preciso dar-se-lhe uma grande quantidade d'agua.

Aprende pouco e pouco a reconhecer as pessoas e os animaes da casa a que não faz mal; vive em boa intelligencia com os gatos e os cães, mas não resiste ao desejo de matar todo o genero d'aves. Á maneira dos gatos, o cuguar passa ás vezes horas inteiras do dia a brincar com pequenos objectos.

Ha cuguares aos quaes se permitte uma inteira liberdade no interior domestico. Estes procuram insistentemente as pessoas que d'elles se occupam; quando os afagamos, passando-lhes a mão pelo dorso, arqueiam-se como os gatos e dão todas as provas de uma intima satisfação. Emfim attingem o mais alto grao de domesticação.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se este felino na Patagonia, em Nova-Granada, no Mexico, nos Estados-Unidos e mesmo em Canadá. Esta dispersão explica a diversidade de nomes que lhe teem sido dados.

USOS E PRODUCTOS

Ao norte da America utilisa-se a pelle d'este carniceiro. N'algumas regiões come-se-lhe a carne, cujo sabor muitos comparam ao da carne de vacca.

O TIGRE

O leão, o tigre e o jaguar são justamente considerados os senhores da raça felina e cada um d'elles escolheu uma parte do mundo para dominio proprio. No entanto que enorme differença entre todos, especialmente entre os dois ultimos e o leão! O tigre e o jaguar são gatos mais perfeitos que o leão, mas por isso mesmo tambem mais sanguinarios e mais rapaces. A despeito da sua voracidade, o leão é um animal nobre e grandioso, que exerce francamente o seu poder; o tigre e o jaguar são animaes rasteiros e dissimulados, mais perigosos por isso para os grandes mamiferos e para o homem.

CARACTERES

Teem querido alguns auctores modernos fazer do tigre um genero á parte; os caracteres porém que se lhe reconhecem não são sufficientemente genericos e podem, quando muito, auctorisar-nos a formar um grupo. Os tigres são com effeito verdadeiros gatos, que apenas se distinguem dos outros grandes felinos em não terem crina ou juba e em possuirem uma barba mais desenvolvida e fachas transversaes pelo corpo.

COSTUMES

É o tigre o mais terrivel de todos os felinos. Nenhum animal junta tanta astucia e tanta crueldade a uma tão grande belleza.

Se se tomasse para termo de comparação entre os mamiferos o grao de perigo que apresentam para o homem, os tigres seriam os primeiros, porque até hoje teem resistido melhor do que todos á hostilidade da nossa especie. Em vez de se retirarem diante do homem e de perderem terreno á proporção que as nossas habitações augmentam em numero, pelo contrario são attraidos pela visinhança humana a ponto de Brehm dizer que «em algumas regiões caçam o homem em vez de serem por elle caçados [1].» Não se affastam, com effeito, dos logares populosos como o leão que escapa prudentemente ao perigo da exterminação que ameaça a sua raça; marcham contra o perigo como inimigos do homem, mas inimigos occultos, dissimulados, astuciosos que attacam de improviso.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O tigre pertence ás Indias, onde vive ainda hoje em numero verdadeiramente prodigioso.

O TIGRE REAL

O tigre real é um magnifico gato com o pêllo ricamente colorido. É mais alto, mais delgado e mais leve do que o leão. Mede o macho adulto

1 Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 221.



O Tigre

cerca de dois metros e vinte e cinco centimetros a metro e meio de comprimento total; d'esta extensão setenta e trez centimetros pertencem á cauda. A altura medida ao nivel das espaduas é de oitenta centimetros, termo medio. O corpo do tigre real é um pouco mais comprido que o do leão, a cabeça mais arredondada e a cauda mais comprida e sem tufo terminal. A femea tem menores dimensões e menos barba que o macho. O pêllo d'este felino distingue-se pela bella disposição das côres e pelo vivo contraste entre um fundo vermelho-amarellado e as listras ou fachas transversaes escuras que o cobrem. Como em todos os felinos, a côr principal é um pouco carregada no dorso, mais clara aos lados do tronco e branca na parte inferior, na face interna dos membros, na parte mais posterior do corpo, nos labios e na parte inferior das faces. Do dorso partem listras transversaes negras, irregulares e muito separadas que se dirigem obliquamente á parte inferior do peito e do ventre um pouco de diante para traz. D'estas listras algumas são duplas. A cauda é um pouco mais clara que as partes superiores do corpo e caracterisada tambem por meio de anneis de côr escura. Os pêllos do labio superior são brancos.

CONSIDERAÇÕES HISTORICAS

«Os antigos só muito tarde conheceram o tigre, diz Brehm; a Escriptura Santa não faz menção d'elle e os Gregos pouco nos disseram a seu respeito. Néarco, general de Alexandre, viu, é certo, uma pelle de tigre, mas não o animal mesmo, e foi pelos Hindus que soube ser o tigre do tamanho de um cavallo e exceder todos os animaes em velocidade e em força. Strabão foi o primeiro que ácerca d'este felino relatou algumas minuciosidades.

«Os romanos parece terem ignorado quasi completamente a existencia do tigre, antes da era actual; quando porém estenderam os seus dominios até ao imperio dos Parthos, estes deram-lhes tigres que foram conduzidos a Roma. Plinio escreveu que Scauro foi o primeiro a exibir no anno de 743 da fundação de Roma um tigre domesticado, dentro de uma jaula. Claudio possuiu quatro. Mais tarde estes animaes tornaram-se frequentes em Roma. Heliogabalo atrelou um ao seu carro e Avito n'um espectaculo fez matar cinco, o que até então ainda se não tinha visto.» [1]

[1] Brehm, *Loc. cit.*

COSTUMES

É o tigre sem contestação o *rei* de todos os felinos da Asia; o leão que ahi habita é mais fraco, não pode de modo algum medir-se com elle. Para oppor ao tigre real um outro *rei* seria necessario ir buscar o leão africano; e mesmo assim, diz Brehm, restaria saber se o *rei* africano seria capaz de vencer o seu querido irmão ou, o que vale o mesmo em linguagem real, o seu irmão odiado.

Seriamos tentados a crêr que um animal cujas côres são tão notaveis como as do tigre, deveria de longe dar na vista das victimas; mas não é assim. Já tivemos occasião de fazer notar que a côr geral de todos os animaes, e dos felinos nomeadamente, se harmonisa com a do meio em que vivem; ora o tigre habita principalmente os juncaes e os terrenos cobertos de hervas altas e espessas das côres as mais variadas. N'este meio o tigre dissimula-se tão bem que acontece a caçadores habilissimos e experimentados não o verem mesmo deitado ao lado d'elles.

Mas não são sómente os juncaes ou os campos cobertos de hervas altas que o tigre frequenta; vive tambem nas grandes florestas de arvores gigantes. Não se encontra nunca nas altas montanhas da Asia, cobertas de magnificos pastos; mas approxima-se muitas vezes das cidades e aldeas. Procura de preferencia os cannaviaes das margens dos rios; o que porém acima de tudo o attrae e constitue para elle um abrigo melhor do que nenhum é uma brenha de plantas chamadas *corynthos,* cujos ramos entrelaçados e pendentes de todos os lados quasi até ao solo formam um berço de verdura que occulta o animal a todos os olhos, envolvendo-o ao mesmo tempo n'uma agradavel frescura. A predilecção do tigre por estes abrigos é de tal modo conhecida que os batedores e monteiros dirigem antes de tudo a sua attenção para estas brenhas. É sob o *corynthо* que o animal repousa e é d'elle que sae rastejando para acommetter a presa.

O tigre tem absolutamente os mesmos habitos e costumes que os gatos e os seus movimentos, apezar do tamanho d'elle, são tão graciosos como os d'aquelles felinos. Corre com extraordinaria rapidez e resiste facilmente á fadiga. Attravessa em silencio os mattos, dá saltos enormes e trepa ás arvores com uma certa facilidade não obstante o comprimento e peso do corpo.

O tigre real não é propriamente um animal nocturno; como quasi

todos os felinos, vagueia a toda a hora do dia, preferindo no entanto a tarde depois do sol posto. Espera as victimas perto das nascentes, á beira dos caminhos vicinaes e nos carreiros da floresta; nas suas esperas e embuscadas prefere porém as brenhas das margens dos rios, porque d'ahi melhor podem surprehender os animaes que veem dessedentar-se ou os homens que veem fazer as suas abluções sagradas. Os penitentes que se estabelecem por algum tempo ás margens dos rios santos, caem, não raro, sob as garras perfurantes do tigre real. De resto, nenhum animal está ao abrigo dos attaques d'este terrivel carniceiro; chega a atirar-se aos elephantes e aos rhinocerontes novos. Quasi todos os mamiferos são victimas da sua ferocidade; tanto attaca os fracos como os fortes, os pequenos como os grandes. Muitas vezes vae procurar as suas victimas á classe das aves, outras á dos reptis. Nos logares frequentados pelo tigre, habitam muitas especies de gallinaceos e nomeadamente pavões, que muitas vezes são victimas dos seus attaques sangrentos e que bem o conhecem; são estes animaes os que, quando o tigre real deslisa silenciosamente ao encontro da victima, o denunciam aos outros animaes e aos caçadores, voando bruscamente ou soltando do alto das arvores os seus gritos agudos. Os macacos pelo seu lado tambem não raras vezes lhe perturbam as cruentissimas caçadas.

O tigre real repousa indolentemente no seu antro até que as sollicitações do appetite lhe revelem a necessidade de sair em procura de alimento; procura então um logar de embuscada favoravel onde possa deitar-se sem ser visto e do qual possa espiar a victima em todos os movimentos. Esse logar escolhido é umas vezes o souto de uma floresta, outras, uma arvore. Assim protegido pelo silencio e pelo mysterio, espera com uma vigilante paciencia a approximação da presa; se ella apparece, nada lhe valerá. O salto do tigre é tão notavel na extensão, como terrivel nos effeitos.

Caindo sobre a victima o tigre real enterra-lhe as garras na região da nuca com força tal que o animal mais vigoroso cae immediatamente por terra. Os ferimentos assim produzidos são perigosissimos, porque os dedos das patas penetram nas carnes ao mesmo tempo que as garras. O naturalista Johnson viu feridas que mediam seis centimetros de profundidade. As victimas succumbem muitas vezes mesmo com ferimentos relativamente pequenos, porque se sabe que as feridas por laceração são muito mais perigosas que as feitas com instrumentos cortantes. O capitão Williamson que viveu durante vinte annos em Bengala e ahi recolheu observações muito interessantes, assegura que todas as pessoas que viu morrer em consequencia de feridas feitas pelo tigre, foram attacadas de tetanos; acrescenta este observador que mesmo as feridas mais faceis

de curar, se reabriam com facilidade extrema. As feridas porém, raras vezes são pequenas; de ordinario o tigre dá golpes mortaes.

O tigre real é de uma audacia incomparavel. Nas Indias por causa do calôr viaja-se ordinariamente de noite; pois acontece n'estas circumstancias que o tigre, a despeito dos archotes accesos e dos tambores que rufam constantemente, a despeito do numero consideravel dos viajantes, tenta, e muitas vezes com exito, os seus attaques audaciosos. A tropa mesmo não está ao abrigo das suas funestas aggressões. Conta o naturalista Forbes que n'uma só noite trez sentinellas perfeitamente armadas foram perseguidas e devoradas por estes felinos.

O tigre real que acommette os grandes bandos de viajantes, entra tambem pelas aldeas e mesmo pelas cidades para ahi procurar impudentemente e em pleno dia uma victima humana. Aldeas inteiras são muitas vezes forçadas a emigrar, outras só conseguem proteger-se por meio de fogueiras constantemente accesas e de grandes sebes de espinhos com que se cercam. Refere Buchanan que os tigres mataram no curto espaço de dois annos nada menos de oitenta habitantes de uma só aldea. Em algumas localidades as perseguições repetem-se com insistencia tal que os habitantes vêem-se na dura necessidade de abandonarem as suas casas onde os tigres veem estabelecer residencia. Affirma Forbes que na India todas as communicações se tornariam impossiveis se não fosse o medo que a este terrivel felino inspira o fogo.

Os attaques d'esta fera são tão promptos e imprevistos que quasi não é possivel a ninguem evital-os; os companheiros da victima não percebem ordinariamente o tigre senão quando elle foge já com a presa, irremediavelmente perdida. No entanto ha casos, embora raros, em que o homem acommettido consegue elle mesmo salvar-se. Brehm refere um caso d'estes, muito curioso. Trata-se de um europeu que foi á caça do tigre montado n'um elephante ainda não adestrado n'estes perigosos exercicios. Um tigre femea de grandes proporções atirou-se ao elephante, trepou-lhe ao dorso, apanhou o cavalleiro por uma perna, atirou-o a terra e fugiu com elle, que tinha perdido os sentidos, atravez da floresta. O caçador quando voltou a si, encontrou-se deitado sobre o dorso da fera e lembrou-se de que levava no cinturão um par de pistolas; appelou em ultima instancia para esta unica probabilidade de salvação. Tirou não sem custo uma das pistolas e descarregou-a sobre a cabeça da fera, que estremeceu, enterrando mais os dentes na perna do desgraçado e apressou o passo. A dôr, como é facil prevêr, fez-lhe perder outra vez os sentidos. Quando voltou a si, procurou uma segunda pistola, apontou-a ao omoplata da fera na direcção do coração e descarregou; o tigre morreu instantaneamente. Os companheiros do caçador que o andavam desde muito procurando pela floresta para verem se ao

menos conseguiam disputar ao felino os restos do desventurado, encontraram-o em fim. A morte não conseguira fazer com que a fera deixasse a presa; foi preciso decepar o tigre para arrancar-lhe ás garras o pobre homem. Cuidados e desvellos posteriores curaram o desgraçado, que todavia nunca pôde mais fazer inteiro uso da perna.

Exemplos d'estes, repetimos, são rarissimos.

O tigre, como verdadeiro gato que é, quando dá um salto e não apanha o animal que acommette, deixa-o e volta rosnando para os juncaes a espiar outra presa. Se pois se consegue escapar ao primeiro ataque, está-se inteiramente a salvo de uma nova aggressão do mesmo individuo.

O tigre é um excellente nadador. Quando persegue um homem, o facto d'este se atirar á agua não é motivo de desanimo para a fera; atira-se tambem e continúa desapiedadamente a perseguição. São numerosos os casos relatados em obras especiaes de barcos acommettidos pelo tigre real.

Depois de uma refeição copiosa, o tigre cae n'uma somnolencia como que lethargica, que se prolonga ás vezes dois dias. O tigre tambem n'algumas circumstancias faz como o leão, isto é devora sómente uma parte da victima para voltar no dia seguinte a acabar com o resto. Algumas vezes porém, soffre na volta uma terrivel desillusão: quando pensa encontrar um lauto banquete nos despojos da vespera, não encontra nada, porque outros carniceiros se encarregaram de fazer desapparecer o que ficára. O tigre com effeito, como o leão, tem á sua meza numerosos hospedes: os chacaes, as rapozas, os cães selvagens e os abutres constituem o bando esfaimado e mendicante dos parasitas que se sustentam á custa das caças emprehendidas pelo tigre.

A epocha do cio n'esta especie varía segundo os climas da região por ella habitada; de ordinario porém pode dizer-se que o acto sexual tem logar trez mezes antes do começo da primavera. A selecção baseia-se, como entre os leões, na força; d'aqui os terriveis combates feridos entre os machos em conquista de companheira.

Cem dias, pouco mais ou menos, depois do coito, a femea dá á luz dois a trez filhos que occulta cuidadosamente n'um local innacessivel entre bambus ou melhor ainda sob o tecto umbroso d'um coryntho. Os recemnascidos teem metade do tamanho de um gato domestico e são graciosos como todos os pequenos felinos. Durante as primeiras semanas a mãe não os abandona senão quando vivamente sollicitada pela fome; quando porém principiam a precisar de alimento solido, a femea alarga um pouco a area das suas excursões, tornando-se então superlativamente perigosa. O tigre não se occupa geralmente da prole; no entanto em caso de necessidade auxilia a femea na defeza dos recemnascidos.

Nada ha mais arriscado e mais perigoso pelas consequencias do que roubar á mãe os pequenos tigres. A femea desesperada affronta n'estas condições todo o genero de perigos, entra por aldeas, por villas, por cidades, penetra no interior das casas, finalmente possue-se de uma ferocidade illimitada. Se consegue descobrir o roubador ou pelo rastro dos pequenos filhos ou porque lhe ouça o miar angustiado, difficilmente deixará de tirar uma terrivel vingança. O capitão Williamson a quem haviam dado dois pequenos tigres que conseguiram fazer-se ouvir dos paes, viu-se forçado a abandonal-os receioso de um attaque. E não eram sem fundamento os temores do inglez; no dia seguinte macho e femea tinham levado para a floresta os filhos, uma prova de que no momento do abandono não andavam longe.

CAÇA

O tigre real, justamente considerado para o homem um visinho mais terrivel ainda que o leão, tem sido em todos os tempos o objecto de caças muito activas. O governo inglez nas suas possessões asiaticas dá premios avultados aos matadores de tigres por cada cabeça d'esta fera que apresentem. Os colonos allemães e francezes procedem de egual modo recompensando o indigena largamente, em proporção dos tigres que mata. Ha mesmo caçadores europeus tão devotados á caça do tigre real como Julio Gérard á do leão. Henrique Ramos, um d'estes, matou durante a sua vida um numero não inferior a trezentos e sessenta. Infelizmente para a nossa especie, ha ainda hoje principes na India, tão indifferentes ao numero prodigioso de victimas que o tigre faz entre os seus subditos, que prohibem a caça d'esta fera, reservando-se exclusivamente para si o direito de a perseguirem.

Na India as caçadas ao tigre fazem-se muitas vezes com pompa extraordinaria. Mœckern, descrevendo uma d'estas caçadas mandada fazer pelo nababo de Aoudh, affirma ter tomado parte n'ella um verdadeiro exercito; iam infanteria, cavallaria, peças de artilheria, mais de mil elephantes, um numero prodigioso de carros, camellos e bois. As mulheres iam em carros cobertos. Na comitiva iam tambem bailarinas, cantores, bobos, leopardos adestrados na caça, falcões, gallos de combate, rouxinoes, pombos, etc. O imperador da China organisa ainda hoje exercitos para matar tigres, pantheras e lobos. N'uma d'essas espantosas caçadas,

em que tomaram parte cinco mil homens, foram devoradas não menos de oitenta pessoas.

As caçadas que os inglezes emprehendem ou sós ou com um pequeno numero de companheiros são, embora menos pomposas, muito mais ferteis em resultados positivos. O capitão Mundy descreve uma caçada d'estas em que no espaço de trez horas foram mortos por dois caçadores sómente trez tigres.

O capitão Rice desde 1850 a 1854 matou sessenta e oito tigres. O seu processo de caça era invariavelmente o seguinte: Rice munido de boas armas de dois cannos e acompanhado de alguns, poucos, caçadores e de uma valente matilha de cães, penetrava no matto seguindo o rastro do tigre. O chefe dos caçadores caminhava na frente, a distancia de poucos passos, cautelosamente, e indicava o caminho que todos deviam seguir. Aos lados marchavam os companheiros inglezes, com o dedo nos gatilhos das armas, sendo de perto seguidos por homens de confiança que levavam armas de reforço já preparadas. Seguia-se depois a musica composta de quatro ou cinco tambores de tamanhos differentes, de pratos metallicos e de cornetas. Ao mesmo tempo e emquanto se caminhava, iam os caçadores disparando ininterruptamente tiros de pistola. Atraz da musica desfilava a escolta que a protegia, composta de homens armados de sabres e de lanças compridas. Emfim, no couce do prestito caminhavam fundibularios que constantemente iam arremessando pedras. A reunião de todos estes elementos, como se pode prevêr, constituia um verdadeiro concerto infernal.

De tempos a tempos um dos homens subia a uma arvore e d'ahi vigiava todos os movimentos da fera.

O tigre real, qualquer que seja a sua coragem, não se atreve a acommetter um sequito d'estes, que assim se annuncia de longe por forma tão ruidosa. Assim perseguido, o tigre real, foge; se o attacam porém, atira-se desesperado, enfurecido e não mede a grandeza dos inimigos nem lhes conta o numero.

É este o melhor modo de os caçadores se garantirem contra o perigo; por muito espesso que seja o matto, se todos se conservam unidos, se não se distanceiam, não é facil ao tigre satisfazer os seus instinctos sanguinarios. Nas grandes caçadas apparatosas, ha muitas forças, é certo, mas tambem muito divididas; n'estas caçadas pequenas, como as que emprehendia Rice e que acabamos de descrever, ha menos gente e menos animaes, mas em compensação ha a união que centuplica as forças e que n'estes casos, o que mais vale ainda, garante do perigo. Porque, não devemos esquecer este facto, se o homem attaca, é indiscutivel que é attacado tambem e que precisa de se defender.

Um processo de caça muito curioso e ao mesmo tempo muito des-

provido de perigo, é o seguinte: Descoberto o rastro de um tigre, junta-se uma grande quantidade de folhas de *prauss*, muito semelhantes ás do sycomoro, cobrem-se de uma especie de visco que se obtem pelo esmagamento de uma certa baga muito commum no paiz e espalham-se pelos pontos em que o tigre costuma refugiar-se durante os grandes calores do dia. Se o animal colloca uma pata sobre qualquer das folhas assim preparadas, pode ter-se a certeza de que a victoria do homem sobre elle está segura. Começa a sacudir a pata para se livrar do incommodo que lhe produz a adherencia da folha; vendo frustrada a tentativa, leva a pata ao focinho e, dentro em pouco tempo, olhos, orelhas e nariz estão completamente untados. Isto causa á fera um tamanho prurido, uma sensação tão profundamente desagradavel, que, desorientada, ella atira-se ao chão para esfregar-se. Por este modo consegue apenas peorar as suas condições, porque o solo está coberto de folhas egualmente preparadas. Ao fim de muito pouco tempo encontra-se n'um estado só comparavel, na phrase de Williamson, ao de um homem untado de uma camada de breu e coberto por cima de pennas; os movimentos da fera estão completamente tolhidos. É então que o tigre principia a soltar gritos de raiva e de afflicção, que se ouvem a grandes distancias. Attraidos por elles, os caçadores acodem ao sitio e é-lhes então muito facil, como bem se prevê, matarem o animal.

Um outro processo de caça na apparencia arriscadissimo, mas no fundo absolutamente desprovido de perigo, consiste no seguinte: N'um logar infestado pelos tigres colla-se uma forte e solida jaula de bambus e n'ella introduz-se um homem que deixa a porta aberta e que por todo um systema de gritos e de lamentações procura attrair as attenções do carniceiro. No momento em que este, descoberto o homem, se atira na direcção da jaula, o caçador que está dentro fecha violentamente a porta. O tigre então levanta-se contra as grades procurando introduzir as garras; como n'este movimento deixa o peito a descoberto, o caçador aponta-lhe ao coração a lança e vara-o. As lanças empregadas são geralmente envenenadas, o que faz com que o tigre não dure muito tempo depois do primeiro golpe. Comprehende-se que seria possivel em identidade de condições, empregar a pistola ou o rewolver, meio talvez mais expedito e mais seguro para o caso de ser a jaula attacada por mais de um tigre simultaneamente.

Brehm faz-nos notar que o tigre real resiste difficilmente a um ferimento, embora pequeno; «um tigre ferido, diz o illustre naturalista, é quasi sempre um tigre morto.» [1] O numero consideravel de insectos

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 237.

que picam a ferida e n'ella depositam os seus ovos, activando assim a putrefação e ateando as febres violentas, explicam o phenomeno, apparentemente singular.

CAPTIVEIRO

Os tigres, apanhados ainda novos, domesticam-se bem, sem todavia chegarem a mostrar-se tão cheios de confiança e tão francos como o leão em egualdade de circumstancias. A arte de domar os tigres tem feito grandes progressos nos ultimos tempos; muitas vezes os domadores entram nas jaulas onde elles se debatem e fazem-lhes executar manobras de destreza ensinadas. Isto offerece sempre um grande risco.

Como todos os verdadeiros gatos, o tigre manifesta uma certa dedicação pelos que o acariciam; a sua amizade porém é sempre duvidosa, porque se elle se submette ao homem e chega a praticar actos contrarios á sua natureza, é sómente emquanto se sente forçado a reconhecer a nossa superioridade. Nunca merece uma plena confiança. «Os dois bellos tigres do jardim zoologico de Hamburgo, diz Brehm, saudam-me logo que me vêem, resfolgando de um modo particular e muitas vezes lambem-me ternamente as mãos; todavia eu não esqueço nunca ao pé d'elles as medidas de precaução necessarias. Um grande numero de accidentes desgraçados nos servem de aviso.» [1]

O tigre, depois de uma certa edade, não se doma; succumbe com todos os seus instinctos crueis á perda da liberdade.

O tigre real reproduz-se ás vezes em captiveiro. Sabe-se tambem que os tigres se reproduzem com os leões, sendo o resultado d'esta união um ser que offerece caracteres intermedios aos dos paes, conservando as listras proprias ao tigre.

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 237.

DOMESTICIDADE

Na India os grandes senhores chegaram a levar a domesticação do tigre real a ponto de poderem d'elle servir-se para a caça d'outros animaes, como nós fazemos com os cães.

Os padres mendicantes da India e os fakirs do Industão possuem tigres que os seguem submissos pelas ruas, como os cães nos seguem a nós.

COMBATES

Dois animaes de que o tigre não consegue triumphar, são o elephante e o bufalo. Muitas vezes o homem promove entre estes e aquelle combates sangrentos e terriveis, que offerecem, no dizer de quantos os teem presenciado, uma grande attracção selvagem. O tigre é geralmente vencido pelos seus inimigos, mas não sem os ter maltratado e sem lhes ter deixado vestigios indeleveis do combate. A colera impotente do tigre deve ser na realidade um grandioso espectaculo.

Uma vez na arena diante do elephante, o tigre real procura a todo o custo atirar-se-lhe de salto á tromba; o elephante porém levanta-a e recebe o tigre com os dentes á vista. Depois dá-lhe pancadas com a tromba de tal modo violentas que o mata.

Diante do bufalo o tigre real procura lançar-se-lhe ao pescoço. O bufalo porém apresenta-lhe invariavelmente as defezas, uns cornos fortissimos com os quaes espedaça o tigre e o arremessa a grandes distancias.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A distribuição geographica do tigre real é extensissima. Não se limita, como muitos suppoem, ás regiões quentes da Asia e á India oriental; pelo contrario abrange uma area que excede a Europa em extensão.

Encontra-se o tigre real desde o oitavo grao de latitude sul até ao quinquagessimo segundo ou quinquagessimo terceiro de latitude norte, e este unico dado basta para destruir a idéa de que elle não pode viver senão nas regiões da zona torrida.

A area de distribuição geographica do tigre, termina, a oeste, no limite meridional do Caucaso occidental, a éste, no grande Oceano, a sul, em Java e Sumatra, a norte, na Siberia e no lago Baï-Kal.

USOS E PRODUCTOS

Quasi todas as partes do corpo do tigre valem dinheiro. Se a carne se não come em consequencia do preconceito que faz crêr que os musculos dos felinos selvagens são venenosos, utilisam-se a pelle, as garras, os dentes e a gordura. Os caçadores seccam a pelle, protegem-a dos insectos e exportam-a depois para a Europa ou para a China, onde serve para cobertores de cavallos, *couvre-pieds* de trens, tapetes, coberturas de coxins, etc.

Os dentes e as garras são n'alguns pontos considerados não só tropheus de grande preço, senão tambem amuletos e preservativos contra os attaques do tigre «segundo o principio homœpathico, diz Brehm, de *similia similibus curantur*.» A lingua e o figado teem tambem um grande valor, porque com elles preparam os charlatães indianos toda a sorte de ceremonias cabalisticas, vendendo-os depois aos credulos. A gordura é considerada um magnifico remedio contra as dores arthriticas e paga por altos preços. Os Europeus servem-se d'ella depois de clarificada para unctarem as suas armas.

OS LEOPARDOS

Os membros mais bellos da vasta familia dos felinos pertencem ás especies cujo pêllo se caracterisa pela existencia de manchas redondas,

quer cheias, quer em forma de corôa. Estes felinos são todos designados pelo nome de um só d'elles, o *leopardo*, nome que sendo primitivamente especifico, se tornou generico.

CARACTERES

Todos os leopardos são gatos de grandes ou medianas proporções, sem juba nem tufos de pêllos em parte alguma do corpo. Teem o pêllo curto e de côres variadissimas, as orelhas pequenas, os olhos grandes, bellos, luzidios, de pupilla redonda. As manchas de que é semeada a pelle são ordinariamente dispostas em rozetas, mas variam muito de forma e de posição nas differentes especies; em algumas transformam-se mesmo em raias alongadas.

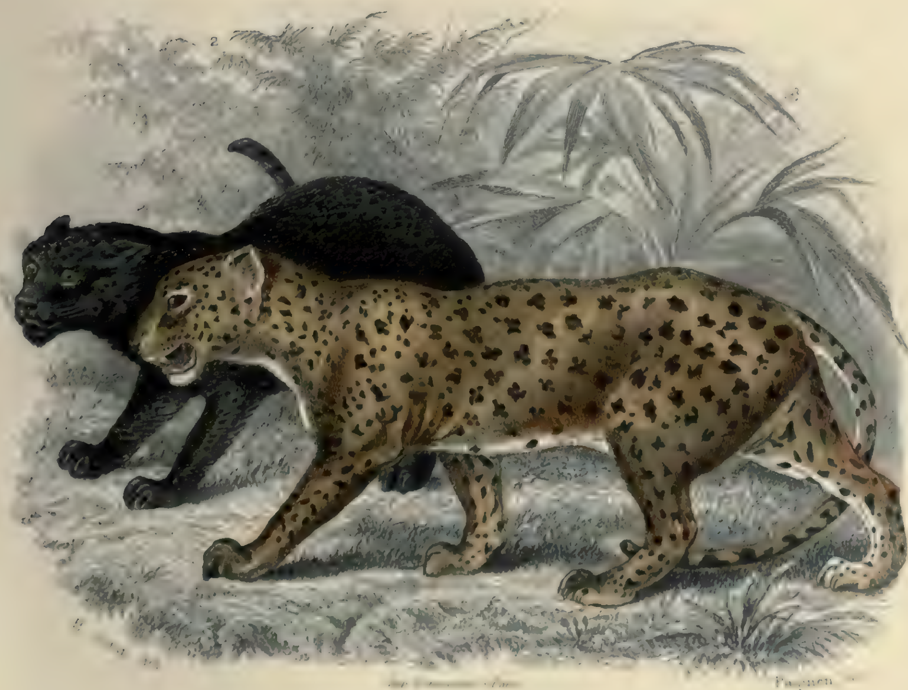
DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os leopardos habitam o antigo e novo mundo, sendo muito vulgares.

COSTUMES

Os habitos e costumes dos differentes leopardos teem entre si muito intimas relações; no entanto cada especie se distingue por alguma particularidade, o que torna necessaria a descripção minuciosa das principaes. É o que vamos fazer.





1. O Jaguar. — 2. A Panthera

Magalhães & Moniz Editores

O JAGUAR

É tambem conhecido pelos nomes de *onça*, de *tigre da America* e de *jaguarette* que significa *corpo de cão*. É o maior, o mais vigoroso dos membros do genero e ao mesmo tempo aquelle cujo pêllo é mais rico. É tambem o mais temido dos carniceiros do novo mundo.

Tem-se escripto muito sobre este carniceiro. Ao lado das fabulas e dos exageros de que tem sido objecto, figuram tambem as informações exactas de Azara, Wied, Humboldt e Rengger.

CARACTERES

O jaguar tem dimensões pouco menores que as do tigre. As suas formas geraes denotam antes força que agilidade; elle é com effeito um pouco pezado e os seus membros são relativamente mais curtos que os do tigre. O jaguar chegado a um completo desenvolvimento, mede, segundo Rengger metro e meio desde a extremidade do focinho até á raiz da cauda, que tem setenta centimetros. Humboldt viu alguns não menores que o tigre real. A altura, medida ao nivel das espaduas, é de oitenta centimetros, termo medio. O pêllo é curto, molle, espesso e luzidio, um pouco mais extenso na parte inferior do pescoço, no peito e no ventre do que em todo o resto do corpo. O pêllo varía muito, tanto na côr principal como nas manchas. No maior numero é de um amarello avermelhado; no entanto o branco predomina no interior das orelhas, no focinho, nas maxillas, na garganta, na parte inferior do corpo e na face interna dos membros. Toda a pelle é coberta de manchas que são ora pequenas, negras, circulares, alongadas ou de forma irregular, ora maiores, em forma de anneis bordados de vermelho e negro com dois pontos pretos no interior. As manchas cheias encontram-se principalmente na cabeça, no pescoço, na parte inferior do ventre e nos membros. São mais raras, mas maiores e mais irregulares nos pontos em que a côr dominante é o branco, do que em outras partes do corpo e formam muitas vezes raias transversaes na face interna dos membros. São tambem maiores na parte posterior do corpo do que na anterior.

Encontra-se em todos invariavelmente uma mancha negra a cada canto da bocca e uma outra, com um ponto branco ou amarello no meio, na face posterior da orelha.

A femea tem, em geral côres menos acentuadas e menos manchas annulares no pescoço e nas espaduas do que o macho.

COSTUMES

O jaguar habita as margens arborisadas dos rios e dos ribeiros, as orlas das florestas e as regiões pantanosas em que as hervas e os juncos attingem uma altura de dois metros. É raro encontrar-se em campo raso ou no interior das florestas; não passa por estes pontos senão para emigrar d'uma região para outra.

Não tem morada fixa nem forma covis. Deita-se no ponto em que a madrugada o surprehende, na espessura da floresta ou nas altas hervas, e ahi passa o dia.

Escolhe o crepusculo da manhã ou da tarde para proceder á caça; ás vezes aproveita tambem a luz do luar ou das estrellas, mas não caça em pleno dia ou pelas noites escuras.

Alimenta-se de todos os grandes vertebrados que pode apanhar. É um animal inteiramente perigoso. Quando nada o excita, a sua marcha parece, e é realmente, pezada; mas excitado dá provas de immensa agilidade. A força de que dispõe é, relativamente ás dimensões, prodigiosa e só comparavel á do leão ou do tigre.

Os sentidos no jaguar são delicados e muito desenvolvidos; apenas o olfato, como em todos os felinos, n'elle parece deixar alguma coisa a desejar.

Recusa a carne dos seus congéneres; pelo menos em captiveiro, é facto provado que um jaguar não aceita a carne d'outro jaguar que lhe distribuam em ração. De resto, e com esta simples excepção, toda a carne lhe serve. Azara viu misturados com os excrementos de um jaguar sêdas de um porco-espinhoso e Rengger examinando o estomago de um outro encontrou-lhe pedaços de carne de rato, o que prova que o jaguar faz tambem caça ás pequenas especies.

O jaguar apanha a presa tão bem na agua como em terra. Procura surprehender as aves dos pantanos e sabe perfeitamente tirar um peixe da agua. Lacordaire affirma que na Guiana e no Brazil o jaguar frequenta durante a noite as costas do mar junto dos sitios em que elle é mais tran-

quillo para ahi apanhar peixes no momento em que elles saltam ao lume d'agua, dando-lhes com a pata.

O jaguar faz notaveis destroços nos rebanhos; dá as suas preferencias aos cavallos, sem desdenhar a carne de especies mais pequenas. Aos grandes animaes, mata-os attirando-se-lhes ao pescoço e abrindo-lhes a garganta com as garras; aos animaes de pequenas dimensões dispensa apenas uma dentada na região da nuca. É de notar que o jaguar não attaca os bois, antes lhes tem um grande mêdo. As vaccas mesmo conseguem ás vezes defender a prole dos attaques sangrentos d'este felino. A este respeito tem-se dito que ellas se formam invariavelmente em circulo deixando no meio os bezerros que tratam de defender; a verdade porém é que, se o facto se dá, deve ser inteiramente excepcional, porque o que se tem observado quando um jaguar apparece, é uma verdadeira dispersão de todos os animaes do rebanho, excepto dos bois e dos toiros que esperam o carniceiro, impacientes, cavando a terra com as patas de um modo hostil e frenetico. Os cavallos e as mulas são sempre as victimas preferidas. Os primeiros ainda tentam escapar fugindo; mas os segundos apossam-se de tamanho terror que ficam como paralysados e chegam a cair por terra.

O jaguar quando mata algum animal de curtas dimensões, devora-o logo, sem lhe deixar nem osso, nem pêllo; quando a presa é grande, quando é por exemplo um cavallo, um boi ou qualquer outro animal semelhante, come apenas uma certa porção sem mostrar preferencias por nenhuma parte do corpo. Sómente deixa intactos os intestinos. Depois de satisfeito entrega-se ao somno; terminado este abandona os restos da presa ás aves carniceiras. O jaguar nunca mata mais do que um animal simultaneamente, no que se distingue d'outras especies de felinos; isto provem decerto de que prefere a carne ao sangue e uma só victima lhe fornece por isso alimento bastante.

Um jaguar que nunca luctou com o homem, evita-o cautelosamente, olha-o com espanto, mas de longe. «Acontecia-nos muitas vezes, diz Rengger, nas nossas explorações do deserto do norte do Paraguay encontrar mais de um jaguar que ao approximarmo-nos se refugiava na espessura dos bosques ou parava na orla das florestas assistindo de longe á nossa passagem. Não ha exemplo de que por estas regiões deshabitadas um homem tenha sido morto pelo jaguar. Os que habitam em logares povoados ou junto de rios animados pela navegação, esses não receiam o homem, antes o attacam. Desde que um jaguar prova carne humana, pode estar-se certo de que a preferirá a todas as outras e que, longe de evitar o homem, o procurará com avidez. Todos os annos nos fornecem exemplos de marinheiros imprudentes devorados pelo jaguar.» Este felino, observam os naturalistas, prefere sempre a carne dos ne-

gros á dos brancos; isto é tão sabido que qualquer membro da raça caucasica obrigado a passar a noite ao sereno, n'um logar perigoso, se crê todavia em segurança quando acompanhado pelos negros. Talvez as fortes emanações da pelle dos negros expliquem o facto d'esta attracção particular.

Nas largas excursões que ás vezes faz de logar para logar, um rio não põe obstaculo a este felino; o jaguar é com effeito um excellente nadador. Quando attravessa um rio, cabeça e grande parte do tronco ficam fóra d'agua, o que permitte distinguil-o facilmente de qualquer outro carniceiro.

É perigoso attacar um d'estes animaes, mesmo na agua, porque penetra nos barcos enfurecido e dá provas de uma crueldade sem limites.

A epocha do cio é nos mezes de Agosto e Setembro. Então os dois sexos vivem unidos quatro a cinco semanas, o maximo. O tempo de gestação parece ser de trez mezes e meio. Os filhos dados á luz são dois, raras vezes trez. A mãe que cuida d'elles desveladamente nos primeiros dias, abandona-os desde que elles attingem as proporções de um cão de caça ordinario.

CAÇA

Os prejuizos consideraveis produzidos pelo jaguar, teem attraido sobre elle, como é bem de prevêr, os maximos odios, que se traduzem por mil processos differentes de caça.

D'estes, o mais antigo é o das frechas temperadas em curara, um veneno subtilissimo que paralysa os que o recebem.

Um outro processo, bem mais temerario consiste no seguinte: O caçador envolve até acima do cotovello o braço esquerdo n'uma pelle de carneiro, toma no direito um punhal ou faca de dois gumes, de sessenta a setenta centimetros de comprido, faz-se acompanhar de cães e assim vae ao encontro do jaguar. Quando um d'estes felinos se approxima, (o que é vulgar, por que os latidos dos cães o attraem) o caçador provoca-o; no momento em que o carniceiro, levantando-se sobre os membros posteriores, como o urso, attaca o caçador, este offerece-lhe o braço esquerdo, protegido pela pelle e inclinando um pouco o corpo, crava-lhe o punhal no coração. Rengger conheceu um homem tão apaixonado por este systema de caça que tinha por elle matado mais de cem dos terri-

veis felinos. Por fim, refere o mesmo naturalista, morreu n'uma d'estas luctas.

Ha caçadores tão destemidos que chegam a procurar a fera, munidos simplesmente da pelle de carneiro e de uma forte massa; quando o jaguar lhes lança os dentes ao braço protegido, atiram-lhes uma vigorosa pancada á região renal. A fera cae com a columna partida para nunca mais se levantar.

Algumas vezes no Paraguay a caça ao jaguar faz-se por outro processo: São trez os caçadores: um munido de uma arma de fogo, outro de uma lança e o terceiro de uma forquilha de dois dentes. Cinco a dez cães acompanham os homens. Quando o jaguar apparece e se levanta contra os caçadores, o que leva a forquilha apresenta-lh'a, prende-o com ella pelo pescoço e o da lança enterra-lhe o ferro ao nivel do coração. Se o jaguar foge, faz fogo o caçador que leva a arma.

No Paraguay tambem é vulgar a caça que consiste essencialmente no seguinte: Caçadores a cavallo atiram laços ao pescoço do jaguar, quando este se encontra sobre uma arvore. Feita esta operação, que para elles é simples, porque teem uma longa experiencia do exercicio, galopam a toda a velocidade. O jaguar morre asphixiado por este processo. Se um só laço no pescoço atirado por um cavalleiro é insufficiente, um segundo cavalleiro atira-lhe um outro aos membros posteriores; e os dois homens galopam em sentido opposto.

CAPTIVEIRO

O jaguar apanhado quando ainda a mãe o alleita, é susceptivel de domesticação. Rengger alimentava um que possuiu com leite e carne cosida. Os legumes não os supporta por muito tempo e a carne crua torna-o ferocissimo. O jaguar quando come deita-se, colloca o alimento entre as patas anteriores e inclina para o lado a cabeça. Attinge o mesmo grao de domesticação que o tigre; ácerca dos seus habitos em captiveiro podemos dizer o mesmo quasi que dissemos fallando d'este carniceiro. É dedicado ao homem como o tigre; no entanto importa manter em relação a elle as mesmas reservas que em relação a este felino.

PRECONCEITOS

Entre alguns indigenas é opinião corrente que os jaguares muito ferozes são seres extraordinarios, encarnação do espirito de homens que durante a vida commetteram muitos crimes. Isto explica o facto de não quererem tocar nos despojos d'estes inimigos mortos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A area de dispersão do jaguar estende-se desde Buenos-Ayres e o Paraguay, atravez de toda a America meridional, até ao Mexico e mesmo até á parte sudoeste dos Estados-Unidos na America do Norte.

É hoje muito mais raro este felino do que nos fins do seculo passado.

USOS E PRODUCTOS

Na America do Sul, a pelle do jaguar é aproveitada para *couvre-pieds*.

Os Botocudos comem-lhe a carne, a despeito do activo e mao cheiro que exala.

O LEOPARDO OU GRANDE PANTHERA

Entre os animaes do antigo continente pertencentes ao grupo de que nos vimos occupando, considera-se o leopardo como o primeiro, razão por que deu o nome a toda a classe.

CONSIDERAÇÕES HISTORICAS

Antes de estudar os caracteres d'esta especie, seguindo o exemplo de alguns naturalistas, apresentaremos desde já algumas considerações historicas, transcriptas do livro de Brehm. «Os gregos chamam ao leopardo *Pardalis* e Aristoteles na obra da *Historia dos animaes* falla-nos d'elle muitas vezes. Conta que tem quatro mamas, que é maculado, que vive na Asia e se não encontra nunca na Europa, que as femeas são mais corajosas que os machos, que se sabe medicar quando envenenado pelo aconito, planta que mata tambem os leões e contra a qual acha nos excrementos humanos um contra-veneno efficaz.

«Oppiano distingue duas especies de leopardos perigosos: uns grandes, vigorosos, outros mais pequenos, mas não inferiores ao primeiro em força. Assemelham-se pela forma, pela côr e pelas manchas do pêllo; sómente os mais pequenos teem uma cauda mais comprida que os maiores. Estes seriam as nossas pantheras. Correm com muita velocidade e attacam corajosamente tudo o que encontram.

«Os poetas fazem do leopardo femea a ama de leite de Bacho e assim explicam o gosto do leopardo pelo vinho.

«Em Roma o leopardo gozava um grande papel nos combates das feras. A Asia Menor era povoada de leões no tempo dos romanos, e Cœlio escrevia a Cicero, então perfeito na Cicilia: «Se eu não mostrar ao povo grandes multidões de pantheras, attribuir-te-hão a culpa.»

«Scauro foi o primeiro edil que fez combater cento e cincoenta d'estes animaes maculados; Pompeu enviou quatro centos e dez ao circo e Augusto quatro centos e vinte. O senado tinha prohibido que se trouxessem para a Italia os «animaes africanos»; o tribuno Aufidio dirigiu-se ao

povo e obteve auctorisação de os fazer participar nos combates do circo, no anno de 670 depois da fundação de Roma.

«Foi o historiador Julio Capitolino que primeiro empregou o termo de *leopardo*, pelos fins do terceiro seculo, porque se considerava então este animal como um producto das relações sexuaes do leão e da panthera. É a esta opinião que se refere a passagem de Plinio em que este naturalista, que já conhecia muito bem estes animaes, diz que o leão sente quando a panthera macho se approxima da leoa e tira então vingança. O mesmo naturalista conta tambem que a panthera attrahe todos os quadrupedes pelo cheiro que espalha, mas que a sua cabeça repugnante os aterraria e poria em fuga se ella não usasse da estrategia de occultar a cabeça; approximam-se então os animaes attraidos pelo bom cheiro e ella apanha-os. N'uma outra passagem diz que os leões, as pantheras e os outros animaes do mesmo genero teem a lingua aspera como uma lima com a qual ferem a mão do homem lambendo-a e que, mesmo em captiveiro, se tornam furiosos desde que sentem o sangue sobre a lingua. É isto pouco mais ou menos o que os antigos nos dizem sobre estes animaes.

«O leopardo teve o privilegio de ser collocado em escudos, de occupar os auctores que escreveram sobre a arte heraldica, emfim de fornecer aos poetas imagens e comparações.

«Desde Aristoteles e Plinio até aos naturalistas dos nossos dias, tem-se incessantemente discutido sobre a determinação exacta dos trez felinos a que se tem dado os nomes de *leopardo*, de *panthera* e de *onça* e que se tem considerado ora como variedades, ora como especies distinctas. As opiniões mais contradictorias sobre os dois primeiros teem sido apresentadas e quasi se está já de accordo sobre o logar que deve dar-se ao terceiro.

«Os que consideram o leopardo e a panthera como variedades, porque nenhum naturalista conseguiu estabelecer os caracteres especificos que os distinguem, não esquecem senão uma coisa: é que os romanos que deram dois nomes differentes a estes animaes tiveram bem mais occasião de os estudar do que nós. Ser-nos-hia muito difficil hoje reunir um numero de pelles de leopardos e de pantheras egual ao d'estes animaes vivos que concorriam n'um só combate de feras entre os romanos.

«Apezar de todos os progressos que temos realisado, não possuimos de modo algum o direito de regeitar a opinião dos antigos antes de possuirmos os elementos necessarios para a julgar. Pela minha parte acceito a distincção que elles estabeleceram e todos os naturalistas que tiverem visto uma panthera e um leopardo vivos, farão o mesmo.

«O leopardo é sempre mais escuro que a panthera; a sua cauda,

menos extensa, em logar de ter vinte e oito vertebras como a da panthera, tem apenas vinte e duas.

«A côr fundamental do leopardo é um amarello, difficilmente visivel no dorso, onde as manchas negras quasi se tocam; o pêllo da panthera é um amarello de ocre passando ao branco puro na parte inferior do corpo e visivel em todo o corpo, porque as manchas são mais distantes no leopardo.

«Indubitavelmente é preciso olhar de perto para distinguir dois animaes tão visinhos, e mais de um naturalista que não tiver á sua disposição senão animaes empalhados, poderá enganar-se; aquelle porém que tiver observado estes dois animaes em vida aprenderá a distinguil-os á primeira inspecção. No momento em que escrevo estas linhas tenho sob os olhos um leopardo do Cabo e uma panthera da India que me foram directamente enviados dos paizes respectivos. Julgo-me portanto auctorisado a emittir uma opinião, sem de modo algum pretender que ella seja a ultima do debate.

«De resto, esta discussão não tem para nós senão um pequeno interesse. A panthera asiatica e o leopardo africano assemelham-se ainda mais pelos costumes e genero de vida do que pela organisação e pela côr do pêllo; basta-nos estudar a vida de um d'elles para conhecer a do outro. Vamos pois estudar o leopardo africano.» [1]

CARACTERES

O leopardo é sem contestação o gato mais perfeito. É verdade que o leão pela sua magestade reclama o primeiro logar, como rei dos animaes, que o tigre se eleva pela sua crueldade acima de todos os membros d'esta familia, que o gato malhado do Mexico é o que mais sobresae pelo mosqueado do pêllo; no entanto sob o ponto de vista da organisação, da belleza, da riqueza do pêllo, da graça e doçura dos movimentos, o leão, o tigre e o gato malhado do Mexico, assim como todos os outros felinos são muito inferiores ao leopardo. Este reune em si tudo quanto distingue cada um d'elles em particular: faculdades e qualidades physicas e intellectuaes. A pata avelludada rivalisa em doçura com a do nosso gato domestico, mas esconde uma garra tão robusta

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 259 e seguintes.

que desafia a de todos os outros carniceiros. Os dentes são relativamente mais fortes que os do tigre. Tão bello como agil, tão forte como vivo, tão prudente como astucioso, tão atrevido como habil, o leopardo é o carniceiro por excellencia.

Não é de uma grandeza imponente; o lynce das regiões septentrionaes eguala-o quasi em tamanho. Os machos adultos medem dois metros e quinze centimetros de comprimento, pertencendo uma terça parte d'esta extensão á cauda. A altura tomada nas espaduas é de oitenta centimetros. Os que vêmos ordinariamente nas collecções não attingem os trez quartos d'estas proporções.

O leopardo distingue-se, logo á primeira vista, de todos os outros felinos pela elegancia das formas.

A cabeça é redonda, o focinho curto, a cauda comprida, fina e, segundo recentes observações, terminada em ponta cornea. [1] As garras são de uma força extraordinaria. O pêllo é verdadeiramente explendido e coberto de magnificos desenhos. Sobre a côr amarella alaranjada passando ao branco na parte inferior do corpo apparecem manchas negras ou simplesmente escuras, ora fechadas, ora compostas de dois, trez ou mesmo quatro pontos dispostos circularmente em torno de um espaço sempre mais carregado que a côr do fundo. Sobre a linha medio-dorsal na parte posterior estas manchas produzem trez a quatro fachas regulares e parallelas. Aos lados do corpo apresentam-se tambem outras fachas mas irregulares e em numero determinado. Na cabeça e nas pernas, as manchas circulares transformam-se em pequenos pontos.

O ventre é semeado de grossos pontos duplos, irregularmente dispostos, e nas pernas pontos egualmente duplos formam pela sua reunião fachas ou bandas. A cauda é coberta na maior parte da extensão de manchas annulares que se tornam cheias do lado da ponta e formam alguns semi-anneis separados por fachas claras. Na parte posterior das orelhas encontra-se uma pequena mancha clara. Á medida que envilhece, o leopardo torna-se mais escuro na parte superior do corpo e mais claro na inferior.

Á primeira vista poderá parecer que a côr do leopardo é viva demais para um carniceiro, que deve esconder-se á vista prespicaz da presa. Não é assim porém. «Quem conhecer, diz Brehm, a Africa central, admirará as côres ricas e variadas de que se reveste a terra n'esta região e achará perfeitamente natural que um animal de côres tão garri-

[1] Esta ponta não existe na panthera e é portanto mais um caracter distinctivo.

das possa escapar á vista a muito pequenas distancias. O pêllo do leopardo e o solo teem côres quasi identicas.» [1]

COSTUMES

O leopardo encontra-se onde quer que haja florestas de uma certa extensão, ainda mesmo que não sejam muito espessas; é relativamente numerosissimo. Não gosta muito das planicies cobertas d'altas hervas, embora a presença d'elle ahi não seja absolutamente rara. Retira-se espontaneamente para os paizes montanhosos, cujas alturas cobertas de uma rica vegetação lhe garantem retiros favoraveis e uma caça abundante. Na Abyssinia uma cordilheira de montanhas de oito mil pés de altura acima do nivel do mar, offerece-lhe todas as commodidades apeteciveis.

Não é raro encontrar o leopardo nas proximidades dos logares habitados pelo homem; ás vezes mesmo estabelece-se n'uma casa que lhe serve então de centro de excursões. Lemos em Brehm que o naturalista Schimper lhe contára que um leopardo parira mesmo dentro de uma casa da cidade de Adoa, na Abyssinia. Seja porém qual fôr o meio que lhe sirva de refugio, o astucioso carniceiro sabe sempre escolher os logares onde menos dê em vista. Nas florestas esconde-se tão bem que é impossivel encontrar vestigios da sua passagem, a não ser nas arvores pelos riscos que faz na casca ao trepar. O olho mais experimentado do caçador de leopardo não logra descobril-o sobre o solo duro da floresta.

Como a maior parte dos carniceiros d'este grupo, o leopardo não tem residencia fixa e desloca-se segundo as circumstancias. Assim, abandona para sempre um logar em que deixou de encontrar alimento ou em que foi objecto de numerosas perseguições.

É o leopardo o mais astucioso de todos os carniceiros; sabe admiravelmente apanhar a caça mais agil e mais desconfiada. Não corre com demasiada velocidade; graças porém aos saltos que dá, pode rivalisar com os animaes de pernas altas.

Receia a agua; no entanto quando a isso o forçam, não hesita em attravessar os rios mais largos.

Pode dizer-se que não ha mamifero por valente que seja, se exce-

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 262.

ptuarmos os felinos, que o leopardo não attaque. Se elle chega a medir forças com o elephante!... Os pastores e donos de gado temem-o muito mais que ao leão, porque ao passo que este carniceiro se contenta com uma victima de cada vez, o leopardo que encontra um rebanho chega a matar vinte e trinta rezes n'uma só noite. Persegue tambem muitas vezes, e com exito, algumas aves.

Em geral o leopardo não attaca o homem senão quando provocado; infelizmente a regra tem excepções lastimosas. É pois certo que não devemos confiar no terrivel felino; todas as precauções são poucas nos logares onde elle abunda. O leopardo mata grande numero de creanças; ha mesmo regiões em que ellas são nomeadas pelo indigena entre a caça habitual do felino. Importa reconhecer que estes desastres não são, como poderia suppôr-se, filhos exclusivos da falta de cuidado; o leopardo é de uma astucia incomparavel e o que não obtem pela força, consegue-o pelo artificio e pela malicia.

A epocha do cio coincide sempre com os mezes que precedem a primavera da localidade. Os machos batem-se denodadamente na conquista da femea.

A gestação dura cerca de nove semanas e cada parto produz trez a cinco animaes que só principiam a vêr, decorridos dez dias. As femeas em quanto criam, são consideradas um verdadeiro flagello das localidades em que habitam pela audacia com que roubam.

CAÇA

Faz-se em toda a parte uma guerra de exterminio ao leopardo. As caças, como pode bem prever-se, são variadissimas e empregam-se n'ellas instrumentos muito differentes, desde a arma branca, a mais usada, até á carabina, a mais segura. Quando se caça o leopardo em pleno dia com bons cães, não pode haver motivo para medo ou receio de qualquer ordem. Emquanto os cães luctam, tem o caçador muito tempo de enviar ao felino um bom tiro de bala ou de chumbo.

Le Vaillant descreve de um modo minucioso no livro *Primeira viagem ao interior da Africa* uma caçada ao leopardo, na qual representou o principal papel. Durante a sua estada em Saldanha em casa do seu amigo Slaber, um colono de nome Smit veio pedir-lhe um dia que o livrasse de uma panthera, que se estabelecera havia algum tempo no cantão onde elle residia e que regularmente lhe tirava todas as noites

uma cabeça de gado. Uma tal caça era agradabilissima para Vaillant, que aceitou a proposta e partiu no dia immediato na companhia de alguns rapazes das cercanias que com uma certa difficuldade se resolveram a acompanhal-o.

«Ao romper do dia, conta o caçador, estavamos eu e a minha gente na planicie onde nos esperava Smit com alguns amigos. Eramos ao todo dezoito caçadores. Os nossos cães reunidos formavam uma matilha de egual numero. Soubemos que ainda na noite precedente a panthera tinha roubado um carneiro.

«Um dos canos da minha espingarda, continúa Vaillant, estava carregado de chumbo grosso e o outro de chumbo miudo; tinha porém uma carabina carregada com bala. Conduzia-a um hottentote que me acompanhava. O terreno era muito descoberto, offerecendo apenas de um e outro lado algumas moitas isoladas. Era preciso porém, visitar com muita precaução todas as que se encontravam na passagem. Depois de uma hora de investigações encontramos emfim o carneiro, de que a fera não comêra senão metade; encontrada a presa, estavamos certos de que o carniceiro não andava longe e nos não escaparia. Com effeito, alguns minutos depois, os cães que até ahi não tinham feito mais do que bater o terreno desordenadamente, reuniram-se de repente e correram para uma grande moita a duzentos passos de nós, ladrando e uivando com violencia.

«Apeei-me, entreguei o cavallo ao hottentote e, correndo para o lado da moita, estabeleci-me n'um monticulo que ficava distante d'ella uns cincoenta passos. Lançando os olhos para a minha rectaguarda, vi que nenhum dos meus companheiros se conservava firme. João Slaber, um dos filhos do meu hospedeiro, um collosso de seis pés d'altura, veio collocar-se ao meu lado. Não queria abandonar-me, dizia, mesmo com risco da propria vida. No entanto pelas pulsações do coração e pelo demudado da physionomia, foi-me facil perceber que o pobre rapaz contava pouco comsigo; era evidente que precisava de um homem resoluto que o animasse. Por maior que fosse o seu mêdo, eu penso que elle se julgava mais seguro ao pé de mim que no meio dos seus covardes companheiros que nós viamos divagar pela planicie a uma distancia respeitosa.

«Tinham-me todos dito que no caso de me encontrar tão perto do animal que podesse ser ouvido por elle, eu não devia gritar *saa, saa,* porque estas palavras enfureciam a fera, que de preferencia se atirava ao que as pronunciasse. Como porém n'um campo raso e bem descoberto não podia ser surprehendido pelo animal, gritei vezes sem conta *saa, saa,* tanto para incitar os cães como para obrigar a fera a abandonar o covil. Foi debalde; fera e cães cheios de mêdo reciproco não se

resolviam a entrar nem a sair. Havia no entanto na matilha alguns mastins pelos quaes eu teria apostado, se a coragem lhes viesse em auxilio da força. Só a minha cadellinha, a mais pequena da matilha, se apresentava na frente de todos e se atrevia, animada pela minha voz, a penetrar um pouco na moita.

«A terrivel fera soltava urros terriveis. A cada momento esperava vêl-a apparecer; os cães a cada movimento da fera recuavam precipitadamente e deitavam a correr. Alguns tiros dados ao acaso determinaram emfim o felino a sair. Irrompeu bruscamente. Esta apparição subita foi para todos um signal de se affastarem; fiquei eu só com o meu hottentote. O leopardo para alcançar outra moita, passou a cincoenta passos de nós, levando todos os cães no encalço. Saudamol-o na passagem com trez tiros.

«A moita em que se refugiou era menos alta, menos comprida e menos densa que a que deixára; traços de sangue caidos no solo fizeram-me crêr que o haviamos ferido, o que me foi confirmado pelo encarniçamento dos cães. Uma parte dos que me acompanhavam appareceu então; todavia o maior numero tinha completamente desapparecido.

«O leopardo foi ainda accossado pelo espaço de uma hora; atiramos ao acaso para o interior da moita mais de quarenta tiros. Por fim cançado, impacientado mesmo com este exercicio que não dava resultado algum, montei a cavallo e rodeei com precaução a moita para collocar-me do lado opposto ao dos cães. Presumia eu que, estando o leopardo entretido a defender-se d'elles, ser-me-hia facil surprehendel-o pela rectaguarda. Não me enganei; vi-o. Estava acantoado, servindo-se das patas para conter em respeito a minha cadella que lhe ladrava ao alcance da garra. Apontei e fiz fogo, largando immediatamente a carabina para deitar a mão a uma espingarda de dois canos que trazia carregada no arção da sella. A precaução foi inutil; o animal estava morto.»

Poucos caçadores se aventuram a perseguir o leopardo sem cães; mas quando tal acontece, munem-se de pelles grossas com que envolvem o braço esquerdo e de um punhal largo e afiado. Quando o animal furioso se precipita sobre o caçador, este apresenta-lhe o braço protegido e emquanto o animal n'elle crava os dentes, enterra-lhe o punhal no peito. Comprehende-se quanta coragem é precisa para fazer uma tal caça!

Brehm relata a seguinte historia que lhe foi contada pelo padre Filippini, durante a demora d'elle naturalista na Abyssinia: «Em Keeren, capital do paiz de Bogos, a missão catholica fundára um estabelecimento. Como todos os habitantes das montanhas, os missionarios teem os seus rebanhos e fecham todas as noites em estabulos bem seguros senão todos os animaes, pelo menos os mais pequenos. O pastor, que é geral-

mente um rapaz dos seus quinze annos, dorme no estabulo sobre uma especie de leito á altura de metro e meio acima do solo.

«N'uma noite de chuva, o reverendo, que estava deitado na cabana proxima, ouviu os gritos de terror das cabras e do pastor que pedia soccorro. Concluiu desde logo que algum leopardo penetrára no aprisco e, armando-se de uma carabina, approximou-se da parede que o separava do curral.

—«Que ha por ahi de novo, rapaz?

—«Foi um leopardo que entrou no curral, estrangulou uma cabra e provavelmente vae atirar-se a mim! Os olhos brilham-lhe que fazem mêdo.

—«Como entrou elle?

—«Fez um buraco na parede pelo lado de fóra, como pode verificar.

—«Socega que te não faz mal; acende uma luz para eu vêr o que faço.

—«Não tenho lume, meu padre.

—«Deixa estar que eu procuro.

«O padre foi procurar um archote e lumes, fez uma pequena abertura atravez da parede que separava a cabana da loja do pastor e entregou-lhe os petrechos, recommendando-lhe que acendesse o archote. A presença do leopardo atterrára tão profundamente o rapaz que elle não se atrevia a sair de dentro das pelles em que estava embrulhado. Emfim, depois de novas sollicitações acendeu o archote e o curral ficou alumiado.

«O leopardo começou a inquietar-se; abandonou a cabra que acabára de matar e deslisava já silenciosamente, com o corpo encostado á parede, do lado da porta que elle proprio abrira. Os movimentos de terror das cabras na passagem do leopardo indicavam a intenção da fera ao ouvido attento do padre que a esperava de carabina na mão.

—«Allumia mais d'este lado, rapaz.

«O cabreiro obedeceu; o padre porém não viu mais do que uma sombra e não pôde fazer pontaria. O rapaz tremia de modo que a luz vacillava; o leopardo cada vez mais inquieto soltou um rugido surdo. O caçador escutou attentamente. No momento em que um raio de luz illuminou os olhos chammejantes do leopardo, ouviu-se a detonação de um tiro; as cabras espantadas saltaram como loucas, o pastor deixou cair a luz e dentro em pouco tempo restabeleceram-se a escuridão e o silencio.

—«O leopardo ainda está vivo, rapaz?

—«Não sei, meu padre; mas as cabras socegaram.

—«Então é porque o alcancei», disse o corajoso padre.

«Logo depois carregou de novo a carabina, procurou a luz, abriu a porta e entrou no estabulo com a mão no gatilho da arma. O leopardo

estava estendido ao pé da parede em frente da porta; a bala tinha-lhe penetrado na cabeça entre os olhos.»[1]

Brehm observa que as armas de fogo são muito menos empregadas na caça do leopardo do que outros meios.

As armadilhas dão melhores resultados e são mais usadas. Uma d'estas, muito simples, consiste no seguinte: N'um ramo de arvore suspende-se a uma certa altura uma porção de carne e por baixo espetam-se verticalmente na terra algumas barras de ferro de extremidade superior ponteaguda; o leopardo, obrigado a dar um salto para attingir a carne que o sollicita, atira-se e, ao cair, espeta-se nas hastes de ferro. O padre Filippini empregava com muita frequencia armadilhas exactamente semelhantes ás nossas ratoeiras, sómente de proporções muito maiores. Como engodo, collocava na parte posterior da armadilha uma gallinha ou um cabrito. O leopardo, excitados assim os seus instinctos sanguinarios, esquecia a prudencia habitual e penetrava na armadilha cuja porta se fechava; no dia seguinte Filippini podia matal-o á vontade, sem o minimo receio. Estas armadilhas são muito empregadas no Cabo da Boa-Esperança. Quando acontece de cair n'ellas um leopardo, é uma verdadeira festa no logar; junta-se toda a gente a vêr a fera presa, a insultal-a e a feril-a atravez das grades da armadilha.

CAPTIVEIRO

Encontra-se o leopardo em todos os jardins zoologicos do mundo e em quasi todas as collecções que visitam a Europa. Quando é bem alimentado, este felino supporta perfeitamente o captiveiro. Para se domesticar um leopardo, é no entanto preciso apanhal-o nos primeiros tempos de existencia; depois de velho pode ainda, é certo, adquirir uma tal ou qual doçura, mas os instinctos sanguinarios e crueis apparecem, revivem a cada passo, com grande risco dos que o tratam. Ha sempre a receiar de um leopardo que se reduziu ao captiveiro depois de velho, algum acto de perfidia. Não acontece o mesmo, se o leopardo foi apanhado ainda novo; então é meigo, docil, reconhecido ás caricias que se lhe fazem, emfim inoffensivo como o gato domestico. J. Arago conta que Lindsay, de Calcuta, apanhára n'uma caçada um leopardo muito novo ainda, que domou até ao ponto de por elle se fazer acompanhar pelas ruas. Batiam-lhe as creanças, sem que elle se lembrasse de reagir; pelo contrario

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 268 e seguintes.

diante de um braço ameaçador de creança, baixava a cabeça e deitava-se servilmente como a pedir indulgencia.

Isto porém nem sempre acontece. Brehm conta que possuiu um leopardo ainda novo ao qual nunca pôde domar inteiramente; os seus instinctos selvagens resistiam a toda a educação.

Em captiveiro o leopardo alimenta-se de carne crua de todas as proveniencias, parecendo preferir a de boi; é pelo menos o que se deprehende do modo de proceder dos leopardos captivos nos jardins zoologicos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A Africa quasi inteira é a patria do leopardo. Encontra-se tambem em algumas regiões da India.

USOS E PRODUCTOS

A carne do leopardo é comida em alguns paizes pelos indigenas que a reputam saborosissima. A pelle tem sido sempre um bello artigo de commercio; ha cincoenta annos no Cabo uma pelle valia cerca de quarenta francos, diz Gerbe. Ainda hoje é muito procurada; com ella se fazem cobertores, guarnições de fato e principalmente tapetes.

Ha regiões em que todas as partes do leopardo teem um alto valor. O cafre que mata um d'estes felinos, enfia n'um cordão os dentes e n'outro as garras, á maneira de perolas, e lança-os ao pescoço, como tropheus de uma victoria para alcançar a qual é precisa uma coragem extraordinaria. A pelle lança-a ás costas á maneira de manto. Os que passam olham com inveja o guerreiro assim condecorado. A cauda é collocada em torno da cinta e apertada com uma fivella. O cafre que consegue enrolar assim oito ou dez caudas, reputa-se um grande homem e olha com desdem os companheiros cujos cintos ordinarios são caudas de macacos.

Tem-se feito numerosas tentativas de adestrar o leopardo para a caça, mas todas sem resultado. J. Arago conta que Lindsay, de que ha pouco fallamos, quiz ensinar o seu leopardo a caçar. Um dia o leopardo

entrou n'uma moita e, como se demorasse muito, Lindsay mandou um creado a vêr o que tinha acontecido; o animal ao vêl-o, lançou-se a elle e abriu-lhe o peito. O mesmo resultado teem colhido outros possuidores de leopardos em egualdade de circumstancias. Field conta que dois amigos seus foram, com oito dias de intervallo de um a outro, immolados ambos em caçadas por um leopardo que elles julgavam perfeitamente domesticado e que os seguia na rua como um cão.

A PANTHERA NEGRA

Ao estudo que acabamos de fazer do leopardo ou grande panthera vamos juntar o da panthera negra, felino que se lhe assemelha por mais de um lado, embora sob alguns pontos de vista seja muito distincto.

CARACTERES

É um bello felino côr de cinza ou pardo escuro, coberto de numerosas e pequenas manchas de um negro carregado. Ao primeiro aspecto e para um observador pouco attento, a panthera negra parece de uma côr uniforme, porque a côr geral da pelle é muito escura e as manchas que a cobrem são em grande quantidade e muito juntas; com alguma attenção porém reconhece-se a differença de côres e descobre-se até que a pelle tem os mesmos desenhos que tanto fazem admirar a da grande panthera de que precedentemente nos occupamos.

A panthera negra foi por muito tempo considerada como uma especie distincta. Hoje porém pretende-se que ella constitue simplesmente uma variedade, por isso que ella e a panthera commum são muitas vezes o producto de um mesmo parto. Brehm discorda d'este modo de vêr pela razão de que a panthera negra é sempre mais pequena que a panthera commum. Tendo na maxima consideração as opiniões do illus-

tre naturalista allemão, tão completo sempre e tão consciencioso, não nos parece comtudo que a circumstancia por elle invocada tenha o valor de um caracter especifico. De resto, não ligamos á questão uma grande importancia; no ponto de vista descriptivo em que nos collocamos importa muito pouco a distincção.

COSTUMES

N'este ponto nada temos que acrescentar ou reduzir ao que dissemos fallando do leopardo ou grande panthera.

CAPTIVEIRO

Toda a arte e paciencia de um domador são insufficientes para reduzir a uma plena domesticação a panthera negra. Consegue-se adoçar-lhe a natural ferocidade, obriga-se mesmo a um certo respeito, mas não se doma completamente nem d'ella se pode obter que execute o que se lhe ensina. Conta Brehm que em 1830 esteve em Paris uma curiosa companhia dramatica, cujos actores eram leões, tigres, pantheras, etc. O director da singular companhia, que tinha comprado por grandes sommas uma panthera negra para a fazer entrar n'uma certa scena, desistiu da empreza e viu-se forçado a vendel-a para uma collecção ambulante.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta fera encontra-se sómente em Java. É este mais um motivo invocado por Brehm contra Reinwardt e Kuhl em favor da especificidade da panthera negra.

O LEOPARDO CINZENTO

Teem-se encontrado leopardos cuja côr geral e dominante é o cinzento. Alguns teem considerado estas feras como o producto da união sexual do leopardo com outro qualquer felino. Outros preferem vêr n'ellas especies distinctas. Fitzinger designou-as a todas pela denominação unica de *leopardos cinzentos.*

A PANTHERA JASPEADA

Damos esta denominação, sem de modo algum a garantirmos como a mais exacta, á especie que em nomenclatura linneana se chama *leopardus marmuratus* e que os naturalistas designam pelo nome de *leopard marbré.* Emprego o nome de panthera, porque é este o geralmente empregado pelos naturalistas portuguezes e brazileiros, segundo a observação do Dr. Anstett, [1] para designar os leopardos que habitam Sumatra ou Java, como estes.

[1] *Historia Natural Popular,* coordenada e traduzida dos tratados dos auctores allemães Martin e Rebau pelo Dr. Anstett, 2.ª ediç. pg. 101. Rio de Janeiro, 1870.

CARACTERES

A panthera jaspeada distingue-se entre todas pela pequenez das suas dimensões. O corpo, com effeito, desde a extremidade do focinho até á raiz da cauda, mede meio metro apenas; a cauda tem sómente trinta e dois centimetros. Assim as dimensões d'este felino são pouco mais ou menos as do nosso gato domestico. A côr do pêllo é um amarello argiloso com uma tinta vermelha clara na parte superior do corpo. A parte inferior é um pouco mais clara e algumas vezes mesmo branca. Duas fachas longitudinaes negras partem da fronte e vão reunir-se n'uma raia unica sobre a nuca d'onde seguem unidas pelo dorso até que de novo se separam na parte posterior. Outras fachas sinuosas dividem-se em manchas e dirigem-se obliquamente da nuca para o ventre. As espaduas são cobertas de manchas em forma de ferradura e os membros de pontos arredondados negros. Por cima e por baixo dos olhos ha uma pequena mancha clara; duas fachas negras attravessam as faces. As orelhas, curtas e arredondadas, são de um cinzento argenteo com bordos negros por fóra e de uma côr fuliginosa por dentro. A cauda, muito espessa, é tambem um pouco fuliginosa e coberta de anneis.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A panthera jaspeada habita Malaca e Java.

O GATO TIGRE MALHADO DO MEXICO OU OCELOT

Esta especie que é sem contestação a menos temivel de toda a familia e a menos prejudicial, é uma das que apresentam mais bellas côres.

CARACTERES

O gato malhado do Mexico é sensivelmente mais pequeno que o jaguar; attinge no entanto as dimensões do nosso lynce, senão em altura, pelo menos em comprimento. Mede cêrca de um metro e trinta centimetros de extensão desde a extremidade do focinho até á da cauda; a altura, medida ao nivel das espaduas, é apenas de meio metro. O corpo é elegante. As pernas são altas, embora menos que as do lynce; a cauda, espessa, é aguçada na extremidade. As orelhas são curtas, largas, e um pouco arredondadas. A pupila é quasi redonda. O pêllo, espesso, brilhante e avelludado, é colorido com tanto gosto como profusão. Finas manchas occupam o alto da cabeça, e as faces são attravessadas por algumas raias que contornam a garganta. O fundo das partes superiores que é de um avermelhado escuro, como a parte superior da cabeça e a garganta, offerece no meio do dorso fachas longitudinaes, geralmente em numero de quatro, e aos lados da mesma região uma serie de manchas negras estreitas, no meio das quaes se encontram outras maiores. Aos lados do tronco ha series de fachas largas que correm desde as espaduas até á cauda; estas fachas são mais vivas na côr do que o fundo, cercadas de negro e semeadas muitas vezes no centro de pequenas manchas escuras. O ventre e a face interna dos membros são brancos; estes ultimos são cobertos de manchas inteiras, que tambem existem na cauda formando anneis.

A descripção que acabamos de fazer applica-se á generalidade dos felinos d'esta especie, mas não a todos; ha com effeito, como naturalmente se comprehende, variações de uns a outros.

As femeas distinguem-se dos machos pela coloração menos viva das manchas, que tomam então uma disposição circular nas espaduas e nuca.

COSTUMES

O ocelot não apparece nunca em campo raso; encontra-se só nas florestas e nos pantanos. Parece não ter domicilio fixo. Durante o dia dorme nos bosques mais espessos, ora nas cavidades das arvores, ora

no meio das impenetraveis bromelias. Escolhe os crepusculos da manhã e da tarde para a caça; tambem a faz porém nas noites escuras e tempestuosas ou nas serenas e estrelladas. As primeiras conveem-lhe mais, porque durante ellas melhor se pode approximar das herdades sem ser visto pelos cães.

Alimenta-se de aves que apanha dentro dos ninhos em terra ou sobre as arvores, bem como de pequenos mamiferos. «Como este animal só caça de noite, nunca pude observal-o, diz Rengger; parece-me porém que elle faz grandes correrias, porque muitas vezes segui durante horas inteiras os vestigios d'este felino nas florestas virgens. Raras vezes se encontram restos das suas refeições, d'onde eu concluo que elle não é muito avido de sangue e apenas mata o que lhe é preciso para satisfazer as necessidades de occasião. De resto, eu tive occasião de verificar o facto em alguns individuos que eu proprio alimentei.

«O ocelot não trepa muito bem, mas quando é perseguido, embora não seja muita a sua agilidade, salta facilmente de uma arvore para outra, se a distancia não é grande. Só forçado pela necessidade, quando por exemplo, deslocado por uma inundação, quer ganhar a terra firme de que está separado ou attingir uma margem proxima, é que se atira á agua; e no entanto sabe perfeitamente nadar. O ocelot, surprehendido no meio de um bosque por uma inundação subita, tem vindo aportar algumas vezes ao meio de cidades. Eu vi matar um n'um porto da Assumpção, no momento em que tomava pé, depois de ter attravessado uma parte do Paraguay.»

O ocelot vive constantemente aos pares.

A epocha do cio começa em Outubro e acaba em Janeiro. O numero de filhos dados á luz em cada parto raramente excede dois. Ignoram os naturalistas que li, o tempo que dura a gestação.

O ocelot é pouco nocivo á nossa especie. Tem muito medo ao homem e aos cães; por isso evita os logares povoados, onde, como ha pouco dissemos, só penetra pelas noites escuras e tempestuosas. É ás herdades que ficam proximo dos bosques que elle vae de quando em quando fazer as suas visitas, que ainda assim não são excessivamente prejudiciaes, porque raras vezes o ocelot rouba mais de duas gallinhas ou de um pato.

CAÇA

No Paraguay caça-se o ocelot por meio de armadilhas ou de cães. É covarde; diante d'estes inimigos foge constantemente, indo de ordinario

occultar-se sob as folhas das arvores, onde todavia o caçador o descobre facilmente, porque o denuncia o brilho chammejante dos olhos. As armadilhas onde se colloca como engodo uma gallinha ou um frango, são o melhor e o mais usual processo de caça.

CAPTIVEIRO

O ocelot domestica-se, mesmo apanhado na edade adulta, muito facilmente. Alimenta-se em captiveiro de carne cozida e crua, admittindo com uma certa restricção alguns vegetaes no seu regimen. É submisso embora pareça desconhecer os sentimentos de amisade e dedicação. Ao que não resiste, por muitos castigos que se lhe appliquem, é á tentação de perseguir as aves domesticas. Por causa d'este habito incorregivel, é costume tel-o preso em casa, ou seja n'uma gaiola ou por meio de uma corda.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se em toda a America central, na America do Sul, ao norte do Brazil, no Mexico e na parte sul dos Estados-Unidos.

USOS E PRODUCTOS

A perseguição que se faz ao ocelot é motivada menos pelos prejuizos que nos causa do que pelo desejo de lhe apanhar a pelle, que é de uma grande belleza e que serve em geral em todos os usos para que se empregam as pelles dos felinos. Os indigenas fazem d'ella botas para o inverno.

A ONÇA

O nome de *onça* foi dado por Buffon a um animal muito visinho do leopardo e da panthera, extremamente raro nas collecções e nos jardins zoologicos e de que nos vamos minuciosamente occupar.

CARACTERES

Attinge as dimensões do leopardo ao qual se assemelha tanto pelas formas como pelos habitos. O seu pêllo, mais espesso e mais comprido que o do leopardo, é crespo como a lã e sómente suave e brando no ventre. A côr geral é um mixto de cinzento esbranquiçado e amarello claro; é mais carregada no dorso do que na parte inferior. As manchas negras que se desenham muito claramente sobre a pelle, são pequenas e cheias na cabeça, maiores e em forma de annel no pescoço e transformam-se no tronco em um annel pontuado que cerca um espaço escuro. Uma raia negra segue ao longo da columna vertebral em toda a sua extensão e portanto pela cauda tambem.

O animal mede do focinho á origem da cauda um metro e trinta centimetros de comprimento; a cauda tem um metro.

COSTUMES

Os seus habitos de vida são analogos aos do leopardo de que pode considerar-se o substituto nas regiões montanhosas da Asia. Desce poucas vezes ás planicies quentes das Indias.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A patria d'este felino é a Asia central. Não é raro nas origens do Jenisseï ou nas margens do lago Baïkal, mas é ainda mais abundante nas costas do golpho Persico.

O GATO-TIGRE

O gato-tigre, tambem chamado *gato do Cabo,* distingue-se pelas suas formas delgadas, pelas pernas muito altas e pela cauda curta. Assemelha-se um pouco ao lynce. O corpo é delgado, elegante e a cabeça alongada. A cauda tem pouco mais ou menos metade do comprimento do resto do corpo. O pêllo, muito rico, é espesso e aspero; a côr geral é de um amarello claro ou, algumas vezes, avermelhado. As extremidades dos membros são brancas. Quatro fachas estreitas costeando a cabeça e o pescoço, se dirigem, a partir das espaduas, para traz e um pouco obliquamente para baixo. Na parte posterior do corpo outras fachas apparecem entre as quatro principaes e todas se dividem pouco e pouco em manchas longas, emquanto que os lados do tronco são cobertos simplesmente de pontos negros. No ante-braço e nas coxas as manchas fundem-se para formar algumas fachas transversaes. A cauda tem sete a oito anneis. De resto, ha muitas variações de côr e de disposição das manchas; ninguem poderá ter a pretenção de dar uma descripção exacta para todos os individuos. O corpo tem um metro de extensão, desde o focinho até á raiz da cauda; esta poucas vezes excede trinta e oito centimetros. A altura ao nivel das espaduas é de cincoenta e cinco centimetros nos individuos que attingiram o seu completo desenvolvimento.

COSTUMES

O gato-tigre dá caça ás lebres, ás antilopes, aos carneiros e manifesta uma grande preferencia pelas pequenas aves. Visita muitas vezes os gallinheiros mal fechados, onde faz terriveis estragos.

Durante o dia dorme; não vae á caça senão depois que é noite. Faz a caça como verdadeiro gato, empregando toda a manha e astucia possiveis para se approximar, rastejando, da victima e sobre ella se atirar bruscamente.

Este animal apanha-se em armadilhas.

CAPTIVEIRO

O gato-tigre captivo, desde que o tratam bem, domestica-se ao fim de muito pouco tempo, por que é naturalmente docil. É susceptivel de uma grande dedicação, como o gato domestico. É muito sensivel ás caricias do homem. Alimenta-se exclusivamente de leite e de carne crua. Incommodam-o muito as variantes de temperatura. No jardim zoologico de Hamburgo morreram dois em virtude de uma inesperada descida do thermometro a quinze graos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita quasi toda a Africa.

USOS E PRODUCTOS

A pelle do gato-tigre é muito estimada. Serve para todos os usos industriaes em que costumamos empregar a dos outros felinos.

O GATO MONTEZ

O gato montez ou selvagem foi durante muito tempo considerado como o tronco do qual deriva o nosso gato domestico. Ainda hoje muitos naturalistas perfilham esta opinião. Citaremos a este proposito as palavras de Tschudi: «Inclinamo-nos a considerar o gato selvagem como o tronco primitivo do gato domestico, porque tudo quanto ha de essencial na organisação d'aquelle é conforme nos dois typos e é impossivel attribuir positivamente outra origem ao nosso gato que, é preciso dizel-o, vive tambem no Meio-dia e tem sido encontrado embalsamado no Egypto. É no Oriente e não entre nós que se encontra o tronco da maioria dos nossos animaes domesticos. Tambem se quiz encontrar no pequeno gato da Nubia o antepassado do nosso. Mas esta especie está ainda muito longe de se encontrar sufficientemente estudada e parece differir da especie domestica tanto como o gato montez. Sabe-se bem quanto uma domesticidade de mais de mil annos e a mudança de alimentação modificam o typo de um animal. Damos muito menos importancia, para a solução d'este ponto controvertido, á opinião dos que pretendem que os gatos montezes domesticados acabam por não se distinguir dos gatos domesticos e que estes ultimos, voltando ás condições de selvageria, se tornam identicos aos gatos montezes, depois de trez gerações. A raridade das observações d'este genero tornam o resultado pouco positivo e tanto menos concludente quanto é difficil admittir que um gato montez em captiveiro se tenha copulado com um outro gato montez em condições analogas. A ter havido copula é provavelmente com um gato domestico, de







1. O Gato domestico. — 2. O Gato Angora. — 3. O Gato bravo

sorte que os mistiços, nascidos n'estas condições, poderam voltar facilmente ao typo domestico.» [1]

Brehm oppõe-se a este modo de vêr, allegando que as observações e os estudos mais recentes desmentem a opinião formulada por Tschudi. O estudo comparativo dos caracteres decidirá a questão.

CARACTERES

O gato montez é notavelmente maior e mais vigoroso que o nosso gato domestico. O corpo e a cabeça são mais volumosos, a cauda consideravelmente mais forte, muito mais curta e, além d'isso, egualmente espessa em todo o comprimento, em quanto que a do gato domestico se vae tornando mais fina da raiz para a extremidade. O gato montez na edade adulta attinge pouco mais ou menos as dimensões de uma raposa e tem portanto mais um terço que o gato domestico. O gato montez tem o pêllo mais rico, os bigodes mais abundantes, o olhar selvagem e os dentes mais fortes e mais cortantes que o gato domestico. Mas os seus verdadeiros caracteres distinctivos são os anneis negros da cauda e a mancha de um branco amarellado que tem na garganta. O corpo tem geralmente setenta centimetros de comprimento e a cauda trinta e dois; a altura é de trinta e oito a quarenta e quatro centimetros e o pezo de sete a oito kilogrammas.

O pêllo é longo e espesso, cinzento ou pardo escuro no macho e amarellado na femea. Da fronte partem quatro fachas negras parallelas que passam entre as orelhas; as do meio prolongam-se sobre o dorso e formam, depois de reunidas mais longe, uma facha media que segue pela espinha dorsal e parte superior da cauda. Dos dois lados d'esta facha media parte um grande numero de fachas transversaes mais carregadas que as outras e que se dirigem para o ventre. Este é amarellado com algumas manchas negras. As pernas são amarellas perto das patas e teem pelo lado de fóra algumas fachas transversaes negras. A cauda é regularmente coberta de anneis que se vão tornando cada vez mais escuros á medida que se approximam da ponta. O focinho é ruivo-amarello.

Encontram-se muitas vezes nas florestas europeas gatos domesticos

[1] Tschudi, *Les Alpes*, pg. 248.

vivendo n'uma perfeita e absoluta independencia. Embora a côr do pêllo se assemelhe á do gato montez e tenham um caracter mau e feroz, é sempre possivel distinguil-os. As dimensões d'elles, sempre maiores que as dos nossos gatos domesticos, não chegam todavia a egualar as do gato montez.

COSTUMES

O gato montez habita os grandes bosques cobertos de arvoredo alto e sobretudo os pinheiraes sombrios; quanto mais solitario e tranquillo é o logar que habita tanto mais tempo n'elle se demora. Estabelece-se de preferencia entre os rochedos, cujas anfractuosidades, fendas e cavernas lhe fornecem asylo seguro. Refugia-se tambem nas tocas das raposas e dos texugos.

O gato montez passa uma vida solitaria; quando muito, dois individuos apenas se reunem. Parece mesmo que o primeiro que occupa uma região impede o accesso d'ella aos outros. A sua vida é além d'isso completamente nocturna e tem muita analogia com a do lynce.

Trepa muito bem e sobe ás arvores quer para ahi repousar, quer para fugir a perseguições, quando não pode occultar-se em algum buraco.

Na caça para apanhar as aves nos ninhos e os pequenos mamiferos nas tocas, emprega todo o genero de ardis e toda a astucia que os outros felinos empregam. Quando attaca um animal de grandes proporções, salta-lhe ao pescoço e corta-lhe com os dentes as carotidas. Nunca persegue um animal que lhe escapou a um primeiro attaque; prefere n'estes casos collocar-se de embuscada á espera d'outra presa.

Relativamente ás dimensões, o gato montez é um felino perigoso; os instinctos sanguinarios levam-o a matar muitos mais animaes que aquelles que devora. Por isso o perseguem com encarniçamento os caçadores, sem lhe levarem em conta os grandes serviços que presta á nossa especie, destruindo os pequenos roedores. Tschudi no livro citado diz ter encontrado os restos de vinte e seis pequenos ratos no estomago de um individuo d'esta especie.

No inverno, o gato montez faz grandes emigrações e entra mesmo nas aldeas quando a fome o aperta.

A gestação dura n'esta especie nove semanas. A femea pare em Abril e escolhe para depositar os filhos a cavidade de uma arvore, a fenda de um rochedo ou a toca abandonada de uma raposa. De cada

parto resultam ordinariamente cinco a seis filhos, que nascem cegos e se assemelham aos do nosso gato.

CAÇA

A caça ao gato montez faz-se geralmente sem grande risco; no entanto pode ser ás vezes perigosa, quando, por exemplo, o animal é ferido, porque então atira-se desesperado ao homem.

Para caçar o gato montez escolhe-se de ordinario o tempo das neves, porque é mais facil então seguir-lhe a pista e encontrar o logar em que se esconde.

«Ordinariamente, diz Tschudi, o gato montez passa todo o dia agachado n'um ramo de arvore, esperando a presa na passagem para se atirar a ella de um salto. Quando se lhe faz fogo, é preciso todo o cuidado em acertar; se se não mata, mas apenas se fere, elle ergue-se com o pêllo estacado, o dorso recurvo e a cauda levantada, approxima-se do caçador fazendo ouvir essa especie de sôpro proprio dos gatos colericos, e lança-se sobre elle furioso. Enterra tão profundamente na carne, especialmente no peito, as unhas agudas que é difficil desembaraçarmo-nos d'ellas; as feridas que produz curam-se difficilmente. O gato montez tem tão pouco médo dos cães que desce espontaneamente da arvore para os attacar em quanto não chega o caçador. Fere-se então uma lucta terrivel. O gato exasperado rasga com as unhas sulcos profundos na carne dos inimigos e procura lançar-se-lhes aos olhos; defende-se com raiva em quanto lhe resta uma parcella de vigor e esta defeza é demorada porque poucos animaes teem uma vida tão difficil de extinguir-se. Em Jura um gato montez macho, deitado sobre o dorso fez face a trez cães e ficou senhor do campo de batalha. Cravára as unhas no focinho de dois em quanto continha em respeito o terceiro apertando-lhe o pescoço entre as poderosas maxillas. Este modo de defeza, que exigia uma coragem extraordinaria e uma destreza incomparavel, provava ao mesmo tempo a extrema prudencia do animal, porque era o unico capaz de pôl-o ao abrigo das dentadas dos cães.» [1]

Ás vezes as luctas do homem contra o gato montez teem conse-

[1] Tschudi, *Obr. cit.*, pg. 249.

quencias funestas. Conta Brehm que, perto da terra em que nasceu, um pobre homem tendo seguido em tempo de neves a pista de um gato montez até á cavidade de uma arvore onde devia ter-se recolhido, se decidiu a apanhal-o, seduzido pelo premio que então se dava aos caçadores d'este felino. N'essa intenção principiou a bater com um martello no tronco da arvore para fazer sair o gato. De repente, sem saber explicar de que modo, sentiu o gato sobre a nuca; desorientado, perdido, atirou por terra a espingarda, procurou proteger com as mãos o pescoço e o rosto e começou a chamar em altos gritos um filho que andava na mesma floresta. O gato lacerou-lhe as mãos, a cabeça e a face. O filho veio attraido pelos gritos de soccorro, conseguiu matar o gato com pancadas de martello na cabeça, mas o pae conduzido a casa, a despeito de todos os cuidados medicos durou apenas algumas horas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O gato montez encontra-se espalhado por toda a Europa. Entre nós é muito vulgar no campo. Fóra da Europa é muitissimo raro e parece existir apenas n'uma parte limitada da Asia.

USOS E PRODUCTOS

A pelle do gato montez é estimada. Serve para objectos de agasalhos. Tem comtudo um grande defeito: os pêllos destacam-se muito facilmente.

O GATO DOMESTICO

Vamos estudar um animal que sem contestação, d'entre os felinos, é o mais util ao homem.

CONSIDERAÇÕES HISTORICAS

«O gato domestico, diz Brehm, que a emigração dos ratos, este verdadeiro flagello das nossas casas, muito tem contribuido para espalhar, veio-nos provavelmente do Egypto, porque é n'este paiz que o collocam as primeiras menções historicas.

«Pelo anno 430 antes de Christo, Herodoto falla assim do gato que elle chama *Aielurus:* «Se um incendio se declara n'alguma casa do Egypto, os moradores occupam-se pouco do fogo e muito dos seus gatos. Cercam-os, velam por elles e se por desgraça algum lhes foge e se precipita no fogo, os Egypcios affligem-se enormemente. Quando um gato morre de morte natural, todas as pessoas da casa cortam as sobrancelhas. Collocam-se em urnas os gatos mortos, embalsamam-se e levam-se para a cidade de Bubastis.

«Todos os monumentos do antigo Egypto, assim como as mumias que ahi se tem descoberto, demonstram a veneração de que este animal ahi era objecto.

«Em Beni-Hassan encontra-se um pequeno templo chamado a *Gruta de Diana* e que na realidade é dedicada a Pacht ou Bubastis, que os gregos compararam ao seu Artemis. Em torno eram os hypogeos dos animaes consagrados a Pacht, isto é dos gatos.

«Todos os heroes d'esta raça, que por ser bella não merecia talvez honras divinas, juncam o solo com as suas mumias, dizem Cammas e André Lefèvre. Os donos teriam decerto feito melhor se os matassem e lhes utilisassem a pelle; elles porém não julgariam prestar assim uma sufficiente homenagem aos guardas dos seus selleiros, aos amigos das suas casas. Os gatos são a viva representação dos penates e dos lares. Assemelham-se aos deuses, porque recebem caricias e não as retribuem; ha n'elles alguma coisa de celeste e de mysterioso; vêem de noite como

de dia e os seus olhos claros parecem os reflexos dos astros. Do seu corpo sae uma luz que apparece de noite quando se lhe passa a mão pelo dorso.

«Eis porque a lei dos emblemas deu uma cabeça de gata ou de leoa e olhos phosphorecentes a Bubastis, nome sagrado da claridade que não vem do sol, deusa luminosa e nocturna; eis porque os gatos lhe são consagrados. Assim os pontifices dividiam os seus cuidados entre a estatua de Pacht e uma enorme multidão de gatos que trepavam aos altares ou dormiam sobre os joelhos da deusa. Nenhum movimento, nenhum passo d'estes animaes felizes deixava de ter o seu commentario. Fundavam-se oraculos baseados sobre os seus folguedos e o seu miar, como outr'ora sobre o vôo de ibis ou do abutre; foram os sacerdotes de Pacht que primeiro reconheceram a imminencia da chuva quando os gatos passam as patas por cima das orelhas. Pode suppor-se pela classificação das mumias que existiu entre os gatos uma verdadeira gerarchia. Uns são enrolados sós em fachas cobertas de hieroglyphos em sua honra, outros eram embalsamados em familia e um só involucro continha muitos. O pêllo, a côr, a edade e muitas outras circumstancias determinavam sem duvida a medida das honras que lhes eram devidas. Mas os perfumes de que foram impregnados não preserveraram sufficientemente os seus restos para que possamos restabelecer nas suas dignidades aquelles que os seculos ou a mão dos profanos atiraram indistinctamente para as galerias subterraneas.

«No entanto essas mumias conteem ao lado do verdadeiro gato domestico o lynce dos pantanos que n'este paiz se encontra ainda no estado selvagem.

«O gato segundo todas as probabilidades espalhou-se primeiro para éste do Egypto. Sabemos que elle era o favorito do propheta Mahomet.

«Aristoteles descreveu o gato com tamanha exactidão que somos forçados a crêr que pessoalmente o estudou.

«Diodoro de Sicilia, 30 annos antes da era christã, disse: «Todo aquelle que mata um gato no Egypto é condemnado á morte, quer tenha commettido o crime voluntariamente ou não; o povo agglomera-se e mata-o. Um desgraçado romano que involuntariamente matára um gato não pôde ser salvo nem pelo rei do Egypto nem pelo receio que Roma podia inspirar.»

«Não encontramos o gato mencionado nos historiadores gregos anteriores a Herodoto; além d'isso os gregos assim como os latinos fallaram muito pouco d'elle, mesmo mais tarde. Pode d'aqui concluir-se que o gato se espalhou muito lentamente do Egypto para a Europa.

«Na Europa occidental era quasi desconhecido antes do decimo seculo da nossa era.

«O codigo do paiz de Galles contem uma disposição introduzida por Howell Dha ou Howell o Bom, que morreu no decimo seculo, a qual fixava o valor de um gato domestico e as multas que tinha a pagar todo aquelle que atormentasse, ferisse ou matasse este animal. Fixava tambem o valor do gato que não tinha ainda entrado na caça do rato; a partir do momento em que tivesse feito a primeira victima, o gato valia o dobro. O comprador tinha o direito de exigir que as orelhas, os olhos e as garras fossem bem conformados, que o gato fosse um bom caçador de ratos e que, sendo femea, creasse bem os filhos. Quando n'um gato vendido se encontrasse um defeito qualquer, o comprador podia receber como indemnisação um terço do que deu por elle. Quem matasse ou roubasse um gato nos dominios do principe, pagal-o-hia com uma ovelha e a respectiva cria ou então era forçado a dar uma quantidade de trigo bastante para cobrir completamente o corpo do gato suspenso pela cauda e com o focinho tocando o solo.

«Esta lei interessantissima para a historia da sciencia, demonstra-nos que n'esta epocha o gato domestico era considerado como um objecto precioso e que elle não descende dos gatos selvagens ou montezes que existiam então em tamanha quantidade, na Inglaterra, que não seria difficil apanhal-os ainda novos, tantos quantos se quizessem, para os domesticar.» [1]

CARACTERES

O gato domestico é semelhante ao gato montez no pêllo. No entanto differe d'elle em ser um terço mais pequeno, ter uma cauda mais comprida, mais delgada, afilada na ponta, uma cabeça mais achatada e os intestinos cinco vezes mais compridos que o corpo em vez de trez como no gato selvagem. [2]

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 283 e 284.

[2] Este ultimo caracter não tem tão grande importancia como parecem attribuir-lhe alguns naturalistas para resolver a questão de saber se o gato domestico descende ou não do gato montez. Com effeito, sendo o comprimento dos intestinos determinado pelo genero de alimentação, era muito possivel que o gato selvagem, que no estado natural se alimenta exclusivamente de carne, atravez de um longo captiveiro de seculos, durante o qual a alimentação deixou de ser o que era para tornar-se mixta, alongasse por esse facto o comprimento dos intestinos. Ha muito com effeito que o gato domestico deixou de ser um verdadeiro carnivoro, na accepção rigorosa e

O gato apresenta trinta e dois dentes: doze incisivos, quatro caninos e quatorze molares, dos quaes oito pertencem á maxilla superior e seis á inferior. Os caninos são profundamente estriados na face externa, em vez de serem lisos como no cão.

As côres mais vulgares no pêllo do gato domestico entre nós, são: o negro uniforme com uma larga ou curta mancha branca no peito, o branco puro, o ruivo pouco ou muito acentuado, o pardo estriado, o cinzento uniforme, emfim o cinzento com estrias escuras. Ha tambem gatos de trez côres com grandes manchas brancas e ruivas, ou ruivos e negros ou ainda completamente pardos. Os gatos cinzentos claros são vulgares; mas para serem de raça pura é preciso que tenham a parte inferior das patas negra. Os mais bellos são incontestavelmente os raiados. O que é muito curioso é que os de trez côres que popularmente se chamam *gatos tartarugas* são sempre femeas. [1]

Um facto digno tambem de attenção é que n'esta especie a côr parece não depender da hereditariedade, porquanto de um mesmo parto resultam tantos individuos de côres differentes quantos os que são dados á luz.

O corpo mede de quarenta a cincoenta e quatro centimetros; a cauda tem trinta e dois, pouco mais ou menos. A altura ao nivel das espaduas é vinte e sete centimetros approximadamente.

pura da palavra; é antes um omnivoro. A digestão das substancias não animaes impõe á porção intestinal do tubo alimentar um maior trabalho e implica para ella portanto um maior desenvolvimento. Seria pois possivel que o gato domestico derivasse do montez; a differença no comprimento dos intestinos não é por si só impedimento para se admittir uma tal opinião.

[1] Acabavamos de escrever este periodo, quando n'um periodico brazileiro *Gazeta de Porto Alegre* deparamos com a seguinte noticia inserta na secção de *Variedades:*

«— No *Baependyano* de 27 do passado, lê-se o seguinte:

«É opinião geralmente admittida que não ha gatos (machos) de trez côres.

«O proprio Larousse, em sua obra monumental, o *Grande Diccionario Universal do Seculo* XIX, acolhe esta opinião; pois, fazendo a enumeração das diversas variedades do gato domestico, elle diz o seguinte sobre o da raça commum:

«...o *gato de Hespanha,* cujo manto é inteiramente amarello, ou formado de uma mistura de branco, amarello e preto para a femea, tendo o macho pêllo de duas côres sómente, *nunca de trez...*»

«Ora, eis que pessoa fidedigna nos refere que na fazenda do Favacho, pertencente ao Sr. Francisco Olyntho Fortes Junqueira, freguezia da Encruzilhada, ha nada menos de dous gatos de trez côres: branca, com malhas fulvas sobre o corpo e duas malhas amarellas bem sensiveis (de trez centimetros de diametro approximadamente sobre os olhos)!

«É um facto curioso, que deve ser registrado.»

Ácerca das qualidades physicas mais salientes d'esta especie, diz Scheitlin: «O gato é um animal de uma natureza elevada; a estructura do corpo denota desde logo um ser perfeito. É um pequeno leão, um tigre em dimensões reduzidas. Tudo n'elle é symetrico; nenhuma parte é demasiadamente grande ou demasiadamente pequena. Assim o menor defeito que um d'estes individuos possa ter impressiona-nos desde logo. Não ha nada de anguloso nas suas formas; a cabeça sobretudo, como pode verificar-se no craneo, offerece linhas graciosas, e nenhum outro animal tem esta parte do corpo tão bella. A fronte tem uma curva poetica, todo o esqueleto é bello e denota uma mobilidade extraordinaria e uma destreza particular para todos os movimentos ondulados e graciosos. As suas flexões não se fazem em zig-zag ou em angulos agudos; as curvas são apenas visiveis. Dir-se-hia que não tem ossos; todo o seu corpo parece não ser mais que uma massa molle e flexivel. Os sentidos são muito perfeitos e em exacta relação com as formas corporeas.» [1]

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Actualmente o gato encontra-se em quasi todas as regiões em que o homem se fixou. Existe em toda a Europa e tem-se extraordinariamente espalhado na America desde a descoberta d'este continente. Encontra-se tambem com frequencia na Asia e na Australia. É raro na Africa central, onde chega mesmo a faltar completamente em muitas regiões.

DOMESTICIDADE

Nos pàizes civilisados, de todos os felinos é o gato o unico que vive espontaneamente em nossas casas, gozando de uma certa independencia compativel com a domesticidade. Com effeito, se d'elle nos occupamos, se o acariciamos e desveladamente olhamos pela sua alimentação, criar-nos-ha affeição, ser-nos-ha reconhecido; se o abandonamos a si mesmo,

[1] Citado por Brehm, *Loc. cit.*, pg. 285.

se por elle nos não interessamos, não deixará o nosso domicilio, mas viverá n'elle sem dedicações pelos que o habitam. O homem pode pois variar sempre e á vontade o grao de domesticação do gato. Quando o descuramos completamente, elle abandona muitas vezes a casa no estio e foge para o campo onde passa uma vida quasi selvagem; quando o inverno chega, o felino volta a casa, sendo-lhe então quasi indifferentes as pessoas que a habitam. No Paraguay, os gatos costumam errar pelos bosques e campos, é Rengger quem o affirma, de noite e de dia fazendo a caça aos pequenos mamiferos e ás aves e só voltam a casa quando principiam a cair as primeiras chuvas. Só os gatos castrados se conservam sempre em casa, caçando os roedores que ahi se encontram.

Em Surinam e em todos os pontos em que os gatos, por causa da enorme quantidade de ratos que infestam as fabricas e armazens de assucar, se tornam muito uteis, os colonos para os reterem em casa são obrigados a cortar-lhes as orelhas. Este facto é muito curioso. O gato com as orelhas cortadas se vae para os campos e para as arvores, entram-lhe as folhas e os ramos pelos ouvidos, se chove entra-lhe a agua; em todo o caso o incommodo é tal que o gato sacrifica-lhe a liberdade. Virá d'ahi o costume tão vulgar que existe entre nós de se cortarem as orelhas aos gatos?

«Na Suissa, diz Tschudi, os gatos tornados selvagens estão longe de ser raros nas grandes florestas. Alimentam-se de aves e de ratos, são timidos, selvagens e maos. Durante o inverno estabelecem-se nas choupanas abandonadas ou nos palheiros das montanhas e fazem uma guerra encarniçada aos ratos, de sorte que a sua utilidade excede muito os prejuizos que causam. Os montanhezes para quem a diminuição dos ratos é bem mais importante do que a abundancia das aves, protegem de ordinario os gatos. No tempo da desovação das trutas causam grandes prejuizos nos ribeiros.» [1]

O nosso gato domestico, estando ao alcance da observação de todos, é um bello exemplar de estudo de costumes em captiveiro.

É um animal gracioso, limpo, encantador. Gosa de uma mobilidade perfeitamente admiravel.

Marcha tão silenciosamente escondendo as unhas recurvas sob as patas aveludadas, que o não percebemos ás mais curtas distancias. Todos os movimentos d'este felino denotam ao mesmo tempo mobilidade, graça e delicadeza. O gato não corre senão quando outro animal o attaca ou vivamente o amedrontam; a sua marcha transforma-se então n'uma serie de pequenos saltos que rapidamente o collocam a salvo. De

[1] Tschudi, *Obr. cit.*, pg. 250.

resto, escapa facilmente ás perseguições de toda a ordem escondendo-se atravez das mais estreitas aberturas ou trepando a logares elevados. Graças ás famosas unhas de que é dotado, trepa com facilidade extrema e indifferentemente quer pelas arvores, quer pelas paredes molles ou duras. De um salto eleva-se a dois metros de altura ou mais. Em campo raso a corrida do gato não é rapida; qualquer cão o alcança. A grande agilidade que o caracterisa, denota-se principalmente nos saltos que dá para escapar aos perigos. Quando cae, seja d'onde fôr, incide sempre sobre as pernas. A este proposito, são estas as palavras de Brehm: «Nunca consegui fazer cair um gato sobre o dorso, mesmo suspendendo-o de ventre para o ar a uma pequena altura acima de uma cadeira ou meza. Logo que se abandona á força da gravidade, volta-se com extrema rapidez e encontra-se muito naturalmente sobre as quatro patas. Quando a queda se realisa de uma certa elevação, pode-se admittir em rigor que o gato se serve da cauda como de um leme para se voltar; mas explicar o facto da volta quando a queda é de pequena altura é simplesmente impossivel.» [1] Ainda sobre o mesmo ponto, diz Scheitlin: «Se attentarmos nas principaes faculdades do gato, impressiona-nos desde logo a mobilidade extrema que possue. Que agilidade, quando se volta no ar para não cair sobre o dorso, mesmo quando a altura é de alguns pés sómente! A fraca resistencia do ar basta para dar-lhe como ás aves a possibilidade de se voltar.»

O gato evita cautelosamente a agua; só forçado n'ella entra. No entanto, nada excellentemente. «Eu mesmo vi, diz J. Franklin, uma gata attravessar a nado um pequeno ribeiro para buscar os filhos que haviam sido arrebatados pela corrente. Reconduziu-os uns após outros á margem, depois de os ter agarrado pelo pescoço com os dentes.» [2]

O gato senta-se como o cão sobre a parte posterior do corpo e apoia-se sobre as patas anteriores. Para dormir enrola-se ou deita-se de lado e procura sempre um leito tão molle e tão quente quanto possivel. Deita-se muitas vezes sobre o feno, talvez porque gosta das emanações d'elle, que lhe dão ao pêllo um cheiro muito agradavel.

Os sentidos do tacto, da vista e do ouvido são os mais perfeitos no gato. O alfato não o é tanto, o que facilmente se verifica. Quando se colloca ao pé do gato, mas sem que elle a veja, uma substancia favorita, embora muito odorante, podemos estar seguros de que não lhe tocará. As experiencias feitas n'este sentido em grande numero, são perfeitamente comprovativas. O tacto é muito perfeito. Como dissemos nas

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 286.
[2] J. Franklin, *La vie des Animaux*, pg. 244.

considerações geraes que fizemos ácerca dos felinos, elle reside em grande parte nos pêllos do labio superior. Como diz Brehm, «basta batermos de encontro a um d'estes pêllos para que recue bruscamente.» [1] As patas gosam tambem de sensibilidade tactil, mas em menor grau. A vista é excellente: pode exercer-se em pleno dia tão bem como na obscuridade. O ouvido é no gato o mais perfeito dos sentidos. Segundo Lenz, o ligeiro ruido produzido a quatorze metros de distancia pelos passos de um rato basta para o acordar.

Granville pretende ter observado no gato setenta e cinco expressões physionomicas diversas correspondentes a estados emotivos. Darwin no seu bello livro *A Expressão das emoções* consagra a este assumpto algumas paginas que traduziremos: «O gato irritado, sem medo, diz o eminente naturalista, agacha-se e rasteja pelo solo; algumas vezes estende para diante uma das patas anteriores e faz sair as unhas ficando assim prestes a arranhar. A cauda fica estendida e ondula ou bate vivamente para um e outro lado. O pêllo não se eriça; pelo menos é o que pude vêr n'alguns casos. O animal estende fortemente as orelhas para traz e mostra os dentes, soltando uns sons surdos particulares. Porque é que a attitude do gato que se prepara para a lucta com outro gato ou que se encontra vivamente irritado por um modo qualquer, differe tão completamente da que toma o cão em circumstancias semelhantes? Podemos comprehendel-o recordando que o gato fere com as patas anteriores, o que torna commoda ou mesmo necessaria a posição do agachamento. Além d'isso elle tem muito mais que o cão o habito de se collocar de embuscada para cair bruscamente sobre a presa. Quanto aos movimentos da cauda é impossivel determinar-lhes uma causa com alguma certeza. Encontram-se em muitas outras especies, no cuguar, por exemplo, quando se dispõe para a lucta; não se realisam pelo contrario no cão nem na rapoza, segundo as observações de Saint-John que examinou um d'estes ultimos animaes de embuscada e a apanhar uma lebre. Certas especies de saurianos e diversas serpentes agitam rapidamente a extremidade da cauda em signal de colera. Parece que se produz, sob a influencia de uma excitação energica, uma irresistivel necessidade de movimento de uma natureza qualquer, necessidade devida á superabundancia de força nervosa emanada do sensorio; então a cauda, que fica livre e cujos movimentos não perturbam a attitude geral do corpo, balança-se e fustiga o ar para um lado e para o outro. [2]

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 287.

[2] Estes movimentos da cauda batendo contra os lados do tronco, não poderão explicar-se como um processo pelo qual o animal a si mesmo se estimula para o

«Quando um gato quer testemunhar-nos o seu affecto, todos os movimentos que executa estão em antithese completa com os que acabamos de descrever. Mantem-se direito sobre as patas, com o dorso ligeiramente arqueado, a cauda levantada verticalmente e as orelhas inclinadas para diante; ao mesmo tempo roça o focinho ou os flancos pelo dono ou dona. Este desejo de exercer attrito com o corpo contra alguma coisa é tão intenso nos gatos que os vêmos muitas vezes roçarem-se pelos pés das cadeiras ou das mezas e pelos angulos das portas. Este modo de exprimir o affecto deriva provavelmente, por via de associação como no cão, das caricias que a mãe prodigalisa aos filhos durante o aleitamento ou talvez tambem da amizade que estes mutuamente sentem e testemunham nos seus folguedos.

«Ha um gesto pelo qual estes animaes, quer novos, quer velhos, exprimem o prazer: é o que consiste em estenderem alternativamente as patas de diante separando os dedos, como se estivessem suspensos ainda dos peitos maternos. Este habito é tão analogo ao de se roçarem por alguma coisa, que devem derivar tanto um como o outro dos actos praticados durante o periodo de aleitamento. Porque é que o gato manifesta a sua affeição roçando-se, muito mais do que o cão, embora este ultimo goste do contacto do dono? Porque é que o gato lambe raras vezes as mãos d'aquelle que estima, ao passo que o cão o faz tão amiudadas vezes? São perguntas a que não posso responder. O gato limpa-se lambendo o pêllo muito mais regularmente do que o cão; e no entanto, a lingua do primeiro parece muito menos propria para este genero de trabalho do que a lingua muito mais comprida e flexivel do segundo.

«Sob a influencia do terror, o gato levanta-se tão alto quanto possivel, arqueando o dorso de um modo perfeitamente conhecido e risivel. Bufa e resmunga. O pêllo eriça-se em todo o corpo e particularmente na cauda. Nos exemplos que observei a cauda mesma se levantava na base ao passo que a extremidade se dirigia para um dos lados; algumas vezes este appendice levanta-se um pouco sómente e encurva-se lateralmente a partir da raiz. As orelhas dirigem-se para traz e os dentes patenteiam-se. Quando dois pequenos gatos brincam, vemol-os muitas vezes tentarem atterrar-se pelos gestos. Inclino-me a crer que, assim como muitas aves eriçam as pennas, abrem as azas e estendem a cauda para parecerem tão volumosas quanto possivel, tambem o gato se ergue a toda a altura, arqueia o dorso, levanta muitas vezes a base da cauda e eriça

combate? Não será este o caso dos animaes cuja cauda termina por uma unha perfurante? Não ha mesmo homens que se estimulam, beliscando-se, batendo em si mesmos?

o pêllo precisamente para o mesmo fim. Diz-se que o lynce arqueia tambem o dorso quando é attacado; n'esta attitude o representa Brehm. Os guardas do Jardim zoologico nunca notaram a menor tendencia a tomar esta posição da parte de felinos de grandes proporções, tigres, leões, etc., que teem, verdade é, poucos motivos para se atterrarem diante d'outros animaes.

«O gato emprega frequentemente a voz como meio de expressão; emitte sob a influencia de emoções ou desejos diversos pelo menos seis ou sete sons differentes.» [1]

O alimento favorito do gato são os ratos e as pequenas aves; alguns apanham peixes tambem. Esta aptidão para a pesca parece ser uma reminiscencia da vida selvagem; tem desapparecido na maior parte dos gatos domesticos, mas existe ainda em alguns. «Assisti um dia em silencio, diz o Dr. Franklin, ás tentativas de um gato que olhava com grave attenção para dois peixes vermelhos nadando n'um vaso de vidro. Primeiro molhou uma pata na agua, depois sacudiu-a. Recomeçou e parou de novo, hesitante entre estes dois sentimentos: a repulsão pela agua e o appetite pelo peixe. Este ultimo venceu e os dois peixes vermelhos arrancados da agua pelas garras do felino foram emfim cair-lhe no estomago.» [2] Affirma Roulin [3] que nas casas dos moleiros é facil encontrar gatos muito habeis n'este genero de exercicios. E nem sempre é a necessidade que os obriga a desenvolverem-se n'esta industria; muitos trazem para casa o peixe que apanham. Em geral porém, devemos dizer que os gatos não gostam de molhar-se e que é portanto absolutamente excepcional o caso seguinte apresentado por um jornal inglez e traduzido por Gerbe: «Ha presentemente na bateria de Devil Saint Point uma gata que pesca com um ardor e uma pericia notaveis. Todos os dias mergulha no mar e traz na bocca peixes vivos que entrega para uso dos soldados. Tem actualmente sete annos e representa desde ha muito o officio de um utilissimo fornecedor de alimentos. Crê-se que foi a caça aos ratos d'agua que lhe fez perder a aversão que teem todos os gatos para se molharem; chegou a ponto de se encontrar tão bem na agua como um cão da Terra-Nova. Todos os dias dá o seu passeio pelos rochedos que circumdam o mar, espiando os peixes e disposta sempre a perseguil-os até ao fundo.» Nas casas dão-se ao gato alimentos de toda a ordem, animaes e vegetaes, crus ou cozidos. Pelo que

[1] Darwin, *l'Expression des Émotions chez l'homme et les animaux*, pg. 136 e seguintes.

[2] J. Franklin, *La vie des Animaux*, T. 1.º, pg. 244.

[3] *Histoire naturelle et Souvenirs de Voyage*, pg. 86.

elle manifesta grande predilecção é pelo leite. Nos campos além dos pequenos roedores a que faz uma guerra sem treguas, persegue tambem algumas aves; as gallinhas e as perdizes encontram n'elle um declarado inimigo.

Um espectaculo verdadeiramente curioso e attractivo é o que nos offerece o gato no momento de espiar o rato ou, como se diz na linguagem vulgar com admiravel propriedade, de *murar*. O gato colloca-se em face do buraco d'onde parte o ruido feito pelo seu inimigo subterraneo. A posição que toma denuncia desde logo uma profundissima attenção. Está agachado com os olhos fixos no buraco, as orelhas inclinadas para diante na attitude de receber o menor som produzido e a cauda deitada sobre o solo; n'esta posição a sua immobilidade é completa. Assim passa ás vezes horas inteiras com uma paciencia que faz honra aos seus instinctos de caçador. O rato ao sair é quasi sempre apanhado. Digo *quasi sempre* e não sempre, porque ha gatos que teem mêdo dos ratos grandes e não os attacam. Tive occasião de observar um facto d'estes com um gato que me pertencia. Chegando a uma janella que lançava sobre o quintal, vi no pateo o gato, que passava por bom caçador, na attitude de esperar a saida de um rato perto de um ourificio que servia de escoadouro ás aguas das chuvas. Resolvi-me a esperar o final d'aquella scena em verdade attrahente. Ao fim de mais de meia hora, do ourificio saiu com effeito um enorme rato; ao contrario porém do que eu esperava, o gato no momento em que o roedor appareceu, deitou a fugir. O gato não attingira ainda um pleno desenvolvimento; comprehende-se pois que receiasse medir forças com um inimigo que pelas proporções denotava possuir um extraordinario vigor.

O gato é excessivamente limpo e aceiado; está constantemente humedecendo as patas com a lingua para com ellas lavar e anediar o pêllo. Occulta systematicamente os excrementos e chega mesmo a enterral-os. Quando um gato, depois de ter estado na presença de um cão e de eriçar o pêllo, se encontra fóra de perigo e em logar seguro, o seu primeiro cuidado, diz Scheitlin, é o de anediar-se, de fazer desapparecer todos os vestigios de desordem.

O gato trepa a alturas verdadeiramente consideraveis. Não se pense porém que desconhece o mêdo das quedas ou o terror que nos inspiram as grandes elevações; é vulgar vêrmol-o nos cimos das arvores vigorosamente agarrado aos ramos, sem se atrever a descer e miando afflictivamente como a pedir soccorro.

Aprecia muito bem as distancias; antes de dar um salto, ou seja subindo ou seja descendo, calcula perfeitamente a altura, mede as proprias forças, ensaia-se, se pode, e procura mesmo posições diversas para examinar qual mais lhe convem. Aprecia tambem muito razoavel-

mente o tempo; as necessidades digestivas são, por assim dizer, o seu relogio. Nunca falta em casa ás horas de refeição. Em se lhe dando de comer duas ou trez vezes seguidas a uma certa hora, seja qual fôr, pode ter-se a certeza de que não faltará mais áquella mesma hora. Eu pude examinar um facto d'esta natureza. Um amigo meu habituou um gato a comer depois da meia noite os restos da ceia; á hora costumada o animal acordava e esperava o dono ao fundo da escada fazendo-lhe invariavelmente a mais affavel recepção, roçando-se-lhe pelas pernas, subindo ora adiante, ora ao lado, ora atraz d'elle, miando, fazendo ouvir o seu caracteristico *rum-rum* até á sala do jantar. Presenciei o facto muitas vezes.

O gato distingue tambem as côres e os sons. Conhece de longe o dono pela côr do fato e obedece ao chamamento que elle lhe faz.

O gato é muito intelligente. Vosmaer conta um facto interessantissimo que o prova exuberantemente. Um primo d'este naturalista possuia um gato que ao fim da tarde ao recolher a casa, se encontrava a porta fechada, batia distinctamente como qualquer pessoa. Trepava a um muro que ficava junto da porta, mettia a pata por baixo do ferrolho, levantava-o e deixava-o cair algumas vezes seguidas, precisamente como nós fazemos. Aos que consideram a *razão* uma faculdade exclusiva do homem, perguntamos o que é o facto citado por Vosmaer senão o resultado de uma *inducção*, embora muito rudimentar, que o animal fez?

O gato possue no mais alto grao o sentimento dos logares. Assim é que depois de attingir uma certa edade se torna quasi impossivel fazel-o mudar de casa. Ás vezes, por uma circumstancia fortuita, passa dois, trez ou mais dias fóra da habitação; volta porém e á chegada são innumeraveis as demonstrações de alegria. Diz Brehm que o gato se affeiçoa mais ainda á casa do que aos donos e que não abandona aquella por estes. «Não se sabe como, diz este naturalista, mas quando se conduz um gato dentro de um sacco atravez da floresta e á distancia de muitas leguas, elle sabe encontrar de novo o seu caminho e voltar á antiga casa.» [1] Isto nem sempre assim acontece. Ha gatos para os quaes as pessoas são tudo e os logares quasi nada; quando os donos mudam de casa, mudam elles tambem. J. Franklin conta que mudou muitas vezes, sendo sempre acompanhado pelo seu gato de uma habitação para outra.

A coragem do gato é verdadeiramente extraordinaria; revela-se principalmente na lucta com os cães. Se pode, trepa acima de qualquer objecto elevado para se subtrair ás dentadas do cão e para calcular o melhor modo de proceder ao seu attaque com maiores probabilidades

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 292.

d'exito. Se consegue proteger o dorso, a victoria pertencer-lhe-ha, ainda que o cão seja muito vigoroso e de grande coragem. De resto, todos os gatos teem por os cães um odio instinctivo, declarado. No entanto não é raro nas casas vêr um cão e um gato comendo juntos no mesmo prato. Isto é o effeito do habito, da convivencia de muito tempo e é na essencia um facto analogo a este outro de não attacar o gato as pequenas aves de casa, canarios, pintasilgos, etc. pelos quaes tem no entanto um inextinguivel appetite. O gato perseguido em campo raso por um cão, foge, mas quando sente o cão muito perto volta-se de repende para traz; este expediente é magnifico, porque o cão surprehendido por esta volta brusca e inesperada, abandona a perseguição cheio de susto.

Os gatos luctam tambem uns com os outros. Não é raro que se atirem uns aos outros em combates desesperados sobre os telhados, resvalando muitas vezes á rua. Presenciamos dois casos d'estes. No tempo do cio todas as manhãs os gatos não castrados entram em casa cobertos de sangue, cheios de arranhaduras, vestigios de luctas nocturnas pelos telhados e quintaes, feridas na conquista das femeas. N'esta quadra aventurosa os gatos não castrados passam ás vezes uma semana e mais fóra de casa. As gatas teem muito mais apego ao domicilio.

O gato é astuto e malicioso. Não conhece porém os sentimentos de orgulho e de vaidade. Quando se lhe bate, sacode o pêllo e momentos depois volta á presença do dono como se não tivera sido castigado. É no entanto muito sensivel ás caricias que se lhe fazem quando nos vem deitar aos pés os productos das suas primeiras caças.

A partir d'esse momento, não deixará de patentear-nos as provas da sua destreza, depondo-nos aos pés quantos ratos caçar.

Falla-se muito na perfidia dos gatos, mas pouco fundadamente em verdade. Ás vezes os gatos arranham-nos; mas chamar-lhes-hemos perfidos por isso? Não nos lembramos de que a maior parte das vezes este acto não é mais do que uma justa defeza de que elle usa contra os nossos destemperos. Somos injustos e essa injustiça provem da tendencia pouco racional mas muito vulgar que existe de estabelecer confrontos entre o gato e o cão, como se foram animaes de um mesmo genero ou de uma mesma familia. Como o cão nos suporta de ordinario todos os maos tratos, entendemos dever exigir a mesma paciencia e bonhomia ao gato. É uma injustiça, um erro grave.

N'uma certa epocha do anno os gatos fazem pelos telhados verdadeiros concertos vocaes. N'estes concertos figura de ordinario um numero maior de femeas do que de machos, facto que se explica muito facilmente recordando o costume immensamente generalisado de se castrarem os gatos.

As gatas parem de ordinario duas vezes por anno, uma em Abril

ou começos de Maio e outra em Agosto. A gestação dura cincoenta e cinco dias e cada ninhada é de cinco a seis filhos que nascem com as palpebras fechadas e só começam a vêr ao nono dia. A femea tem sempre o cuidado de procurar antecipadamente um logar affastado, onde de ordinario occulta os filhos, durante o maior espaço possivel de tempo, principalmente do macho que os devora se pode encontral-os.

Os gatos nos primeiros tempos são graciosissimos. Quem haverá que os não tenha observado, que não tenha disposto de um momento de attenção para examinar estes pequenos seres perpetuamente dispostos aos folguedos, perpetuamente em mobilidade? Quem haverá que os não tenha visto horas inteiras correndo atraz de uma pequena bola de papel ou torcendo-se para apanharem entre os dentes a propria cauda? A mãe é extremosissima pelos filhos. Prepara-lhes antes do nascimento um ninho tão confortavel quanto possivel e dispõe-se a mudal-os desde que receia um perigo qualquer para elles. Apanha-os entre os labios pela pelle da nuca e transporta-os tão suavemente que mal dão por isso os recemnascidos. Em quanto amamenta, não abandona os filhos senão para se alimentar a si; todo o outro tempo o dispensa em desvelos de toda a ordem pela prole. Se um cão ou um outro gato se approxima dos recemnascidos, é de vêr o furor com que a mãe se atira ao intruso. Ás vezes custa-lhe mesmo que o dono da casa se approxime dos filhos.

O que é muito curioso é que a gata durante o periodo de aleitamento dedica affeição a pequenos seres de especies differentes da sua. Assim são numerosos os exemplos de gatas tendo aleitado cães, coelhos, lebres, esquilos e até ratos! «Uma cadella hespanhola de pêllo comprido, diz o capitão Marryat, tivera de um parto cinco filhos perfeitamente conformados e cheios de vida; comtudo, como foram deixados á mãe, receiava-se que esta não podesse, por esgotamento, levar a creação ao fim. Parecia indispensavel sacrificar uma parte da prole para salvar a restante. A dona da cadella, não podendo resignar-se á idéa do sacrificio, lembrou-se de que seria possivel crear á mamadeira dois dos cachorros, conservando-os em logar quente; alguem, consultado sobre o caso, aconselhou que se fizesse amamentar dois dos cachorros por uma gata que acabava de ter filhos. Foi resolvido que se fizesse a tentativa e para isso tirou-se á gata um dos filhos e substituiu-se por um dos cachorros. Como a gata acolhesse bem o estranho, recebeu poucos dias depois um segundo cachorro que tratou como ao primeiro; dentro de pouco tempo ficaram só os dois cães porque houve o cuidado, afim de que não luctassem com falta de alimento, de fazer desapparecer um por um todos os irmãos de leite. Os cachorros medravam a olhos vistos e ao fim de quinze dias não só estavam de perfeita saude senão que, facto notavel, pareciam muito mais crescidos do que aquelles que a verdadeira

mãe alimentava. Ao passo que estes eram pezados ainda e rolavam mais do que andavam, aquelles eram lestos, ageis e alegres como pequenos gatos. A gata parecia deleitar-se em os exercitar e fazer brincar com a cauda. Em pouco tempo encontraram-se aptos para comer carne e n'uma epocha em que os seus trez irmãos eram ainda incapazes de procurar o sustento, achavam-se elles já sufficientemente robustos para poderem sem inconveniente dispensar a ama e foram-lhe por isso tirados. A pobre gata ficou inconsolavel: durante dois dias não teve um momento de descanço; correu a casa toda. Por fim, entrando no quarto em que a cadella amamentava os cachorros que lhe haviam deixado, julgou que ella lhe roubára os pequenos e levantou a pata n'uma intenção hostil; a verdadeira mãe respondeu com uma dentada. Ferida então a lucta, foi vigorosamente sustentada de parte a parte; a victoria porém pertenceu á gata que apanhou um dos cachorros e o levou em triumpho. Apenas o deixou em logar seguro, voltou a buscar outro que conseguiu tambem apanhar depois de nova lucta. A dupla victoria não lhe fez perder a cabeça; não renovou os attaques. Tinham-lhe roubado dois pequenos e ella roubava dois; sabia bem a sua conta.»

G. White relata um caso analogo de uma pequena lebre amamentada por uma gata.

N'uma herdade de Inglaterra deu-se um facto d'esta natureza, mais curioso ainda e mais surprehendente do que qualquer dos descriptos. Uma gata parira durante a noite. A gente da casa aproveitando um momento em que ella se ausentou do ninho, pegou nos gatinhos e deitou-os a affogar. A gata ao voltar, vendo-se sem filhos, impacientou-se, principiou a percorrer a casa toda, miando sempre angustiosamente, dando as provas mais evidentes de uma terrivel dôr. Em quanto a gata afflicta fazia por todos os cantos as suas explorações de mãe a quem roubaram cruelmente os filhos, uma das creanças da herdade, querendo consolal-a, foi-lhe collocar no cesto onde os filhos tinham estado, uma ninhada de ratos. A gata ao voltar ao sitio que servira de leito aos filhos, encontrou os ratos, não fez caso d'elles e deitou-se. Apertados pela fome os ratinhos venceram a natural antipathia que deveriam sentir pelo inimigo intransigente da sua raça e, procurando os peitos da gata, principiaram a mamar. A gata, talvez alliviada pela sucção do leite, começou a interessar-se pelos pequenos seres; na noite d'esse mesmo dia já ella os acariciava e lhes lambia o pêllo, como o teria feito aos seus proprios filhos. O facto constou e a herdade tornou-se um verdadeiro centro de romagem de todos os visinhos que queriam ser testemunhas presenciaes do caso singular. Estas visitas constantes fatigavam tanto os habitantes da herdade que se resolveram um dia a matar a ninhada. Brehm que relata o caso, manifesta, como o faria todo o naturalista, immenso pezar

por se não ter levado a experiencia mais longe. Desejava saber o illustre sabio se, uma vez chegados a um pleno desenvolvimento, os ratos não fugiriam da gata, ou se esta, uma vez tornados desnecessarios os seus cuidados, os não mataria instigada pelos instinctos de raça. É realmente de lastimar que a experiencia prematuramente acabada, não desse logar a que ficassem exactamente illucidados estes factos.

As gatas prestam-se a alimentar os filhos de outras gatas. Brehm conta a proposito o seguinte facto: Alguem tirou a uma gata os filhos recemnascidos; estando estes a ponto de morrerem de fome, houve quem se lembrasse de os ir entregar aos cuidados de uma gata visinha, cujos filhos lhe haviam sido tambem roubados e mortos. Esta consentiu na substituição e principiou a amamentar os pequenos com todo o carinho. Um dia porém, appareceu a verdadeira mãe, naturalmente afflicta pela perda da progénie, que teve o prazer de encontrar viva. Então as duas gatas, em vez de travarem lucta entre si, uniram-se no proposito de tratar, amamentar e defender os pequenos seres que ambas egualmente amavam.

Depois d'estes factos, que são apenas um pequeno numero dos que a sciencia pode consignar, dirá o leitor se é ou não uma flagrante e grosseira injustiça accusar os gatos de mao caracter.

Os gatos distinguem perfeitamente as pessoas estranhas das de casa, estabelecendo com estas relações de tanta amisade e tão familiares como as de alguns cães. Ha gatos que seguem os donos pela casa, pelos jardins e até pelos campos, como fazem os cães.

Os gatos familiarisam-se tambem com outros animaes em domesticidade. Tem-se visto gatos dedicando tanta amisade aos cães da casa que, n'uma lucta d'estes com outros de fóra, se collocam ao lado d'elles e os defendem valorosamente. As relações de boa camaradagem e affeição entre os gatos e os cavallos tambem não são raras.

Com as aves acontece o mesmo; os gatos, abafando completamente os instinctos naturaes que os impellem para a caça das pequenas aves, chegam a manifestar por ellas uma rara solicitude. A proposito, Brehm conta o que segue: «Na aldea em que nasci fui testemunha do seguinte facto: Um grande amador de passaros deixára fugir um pintarroxo que estimava muito; o gato da casa não só reconheceu o fugitivo, mas apanhou-o e trouxe-o ao dono, como se soubesse que esta acção lhe seria agradavel. São estes factos que me levam a crêr na historia seguinte: Havia um gato que vivia na maior intimidade com um canario da casa; o passaro saltava-lhe ao dorso, picava-o, brincava com elle e a tudo se prestava tranquillamente o gato. Um dia, o dono viu o gato atirar-se de um salto ao canario, com um ar furioso, segural-o nos dentes e trepar a uma estante, rosnando, sem nunca largar o passaro. Ia gritar-lhe para

salvar o pobre canario, quando viu um gato estranho que entrára no quarto; percebeu então que o gato de casa quiz apenas proteger o amigo contra o intruso cujas boas intenções lhe pareceram muito problematicas.» [1]

Não é possivel duvidar diante d'estes factos da intelligencia do gato. As provas accumulam-se n'este sentido. Brehm conta o caso de uma gata sua que não podendo por falta de leite bastante amamentar os filhos veio miando implorativamente aos pés da mãe do naturalista e a conduziu até ao ponto em que tinha os filhos, entregando-lh'os então, cheia de alegria, á sua protecção. Lenz conta muitos factos comprovativos da intelligencia dos gatos. Entre elles ha o seguinte, muito curioso: Em Waltershausen vivia um homem possuidor de um gato ao qual ensinára a não tocar em cousa alguma collocada sobre as mezas. Um dia entrou na casa um cão desconhecido, excessivamente guloso ou talvez esfomeado que trepava ás cadeiras e á meza da cosinha para apanhar o que lhe agradasse. O gato então, saltando a seu turno acima da meza, começou a defender o que ahi se encontrava, applicando ao cão uma vigorosa pancada no focinho com a pata armada. Um outro facto egualmente interessante é o narrado por Lenz de uma gata que, vivendo n'uma casa onde havia muitos passaros em gaiolas, castigava severamente um filho todas as vezes que este tentava lançar as unhas a algum dos encarcerados. A gata transmittia assim á progénie as lições que dos donos recebêra. J. G. Word [2] conta ainda um facto demonstrativo da intelligencia do gato, sem duvida o mais extraordinario de quantos a historia natural dos mamiferos archiva nos seus annaes. Trata-se de uma gata tão afeiçoada á dona, que durante uma longa doença nervosa que esta dama soffreu lhe serviu constantemente de enfermeira. Mas de que modo? perguntarão naturalmente os leitores, um tanto admirados e por ventura tambem um pouco incredulos. A gata após alguns dias de permanencia no quarto da enferma descobriu, porque era intelligentissima, as horas a que os remedios eram ministrados. Uma vez de posse d'este importante conhecimento, a gata, que uma extrema solicitude movia, ás horas marcadas e habituaes, ou fosse noite ou dia, avisava invariavelmente uma enfermeira que estava no quarto da doente e que, como mulher mercenaria, muitas vezes se deixava adormecer; quando isto acontecia, a gata acordava-a mordendo-lhe levemente o nariz. E o mais curioso é que, não havendo no quarto relogio que batesse horas, a gata não commettia erros de tempo superiores a cinco minutos.

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 296.
[2] Word, *The illustrated Natural History. Mámmalia*, pg. 199.

Factos d'esta natureza são tão extraordinarios, excedem tanto a idéa vulgar que fazemos da intelligencia e das aptidões dos animaes que os não acreditariamos se nos não fossem garantidos por observadores conscienciosos e naturalistas de provados creditos. Áquelles que teimosamente e conduzidos por idéas systematicas pretendem existir entre o homem e os brutos um abysmo insuperavel no ponto de vista da mentalidade, pedimos que examinem estes factos e os confrontem com a inepcia e profunda inintelligencia de tantos que centos de individuos da nossa especie diariamente praticam.

USOS E PRODUCTOS

São incontestaveis os serviços prestados pelo gato á nossa especie.

«Quem nunca viveu, diz Brehm, n'uma casa arruinada em que os ratos grandes e pequenos passeiam á vontade, não faz idéa do que vale um bom gato; mas quando se tem vivido durante annos face a face com este flagello e se tem observado a impotencia completa do homem para d'elle se livrar, quando se tem soffrido prejuizo sobre prejuizo e todos os dias se tem tido occasião para justamente sentir colera contra estes odiosos animaes, acaba-se emfim por adquirir pouco a pouco a convicção de que o gato é um dos nossos animaes domesticos mais preciosos e que, por isso, elle merece não só todos os nossos desvellos e cuidados, mas ainda o nosso reconhecimento e amisade.» [1]

O gato é um inimigo pertinaz, irreconciliavel, terrivel dos ratos; é a sombra que os segue, o inevitavel espia de todos os seus passos, o ser horripilante e mysterioso que d'um momento para o outro, quando menos o esperam, ou seja dia claro ou noite de trevas absolutas, os agarra e estrangula; emfim, para dizer tudo, o gato é para os ratos mais do que um simples inimigo que se move sómente pelas sollicitações da fome, é um tenaz perseguidor que os attaca por instincto, por odio inextinguivel e que é tanto mais terrivel quanto é certo que a sua marcha é leve, subtil, absolutamente silenciosa. Um gato para preencher completamente as suas funcções n'uma casa, não precisa mesmo de matar os ratos; a presença d'elle basta muitas vezes para que os terriveis roedores abandonem, cheios de mêdo, a habitação que elle guarda sol-

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 199.

licitamente. E se o não fazem, se persistem em casa, tanto peior para elles, porque serão violentamente exterminados. Lenz, baseado em grande numero de experiencias habilmente realisadas, calcula que nos annos abundantes em ratos o gato destroe annualmente nada menos do que sete mil e trezentos!

Além d'isso o gato come insectos nocivos, pequenos animaes prejudicialissimos, como gafanhotos e bezouros e destroe mesmo, diz Brehm, serpentes venenosas, desde a vibora até á cobra cascavel. Os monges da ilha de Chypre adestram gatos na destruição das serpentes que a infestam. Rengger conta que viu muitas vezes no Paraguay gatos perseguindo a cobra cascavel em logares arenosos e aridos. O gato mata a cobra batendo-lhe com as patas, enterrando-lhe as unhas e retirando-se com incrivel velocidade para evitar o arremesso do terrivel reptil.

DOENÇAS

Das doenças que podem affligir o gato domestico, a mais commum e que o attaca muitas vezes com violencia mortal, é a sarna. O tratamento contra esta doença consiste em ministrar ao animal fatias de pão ou de qualquer outra substancia alimentar polvilhada de enxofre. Esta medicação tem, além do valôr curativo, um grande valôr preventivo.

O GATO ANGORA

É um famoso gato, muito notavel tanto pelas grandes proporções, como pelo comprimento e finura do pêllo que é muito abundante principalmente nas regiões do pescoço, do ventre e da cauda. Quanto á côr, ora é completamente branco, caso mais geral, ora amarellado ou acinzentado e raras vezes de mais que uma côr. A planta dos pés e os labios são côr de carne.

COSTUMES

Relativamente aos costumes differe do gato ordinario. É preguiçoso e dorme muito. A intelligencia do gato angora parece superior á de todos os outros gatos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Pertence á Syria esta variedade.

O GATO DE MAN

Distingue-se pela quasi total ausencia de cauda. Este orgão é apenas indicado por um coto. Um tal defeito faz com que comparando-o aos outros gatos o achemos inferior em belleza. «Um gato de Man todo negro, com os olhos chammejantes e o pequeno coto no logar de cauda, realisa perfeitamente bem, diz Brehm, o ideal das velhas formas felinas que appareciam nos sabbats legendarios de Blocksberg.» [1]

[1] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 301.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta variedade, como o nome indica, pertence á ilha de Man no mar da Irlanda.

O GATO DA CHINA

Faz-se notar pelo pêllo comprido e sedoso e pelas orelhas pendentes como as do texugo.

USOS E PRODUCTOS

Os habitantes do Celeste Imperio engordam este animal e utilisam-o como alimento. É tambem um bello artigo de exportação que se troca por pelles de zibelinas.

Além das variedades que acabamos de estudar, podem citar-se as seguintes:

O GATO DOS CARTUXOS, que se distingue por um pêllo comprido, por assim dizer lanoso, de um cinzento azulado e escuro quasi uniforme;

o GATO DE KHORASSAN, que é, na Persia, o analogo do gato dos Cartuxos;

o GATO DE KOUMANIA, do Caucaso, geralmente menos conhecido;

o GATO VERMELHO DE TOBOLSK, da Siberia e finalmente

o GATO VERMELHO E AZUL DO CABO DA BOA-ESPERANÇA.

«É provavel, diz Brehm, que a maior parte d'estas ultimas variedades sejam hybridos derivados de typos especificos desconhecidos. Está provado que o gato domestico se copula facilmente com os outros gatos. Naturalistas distinctos teem mesmo affirmado que elle se copula com a foinha e produz então filhos que lembram extraordinariamente este ultimo typo pela cambiante e a disposição das côres do pêllo.» [1]

OS LYNCES

O continente europeu, apezar de restricto, possue certas especies da familia dos felinos, que não cedem, em relação aos instinctos rapaces e sanguinarios aos das regiões quentes. Fallamos dos lynces. Segundo as mais modernas classificações zoologicas estes animaes formam um grupo áparte, distincto do grupo dos gatos propriamente ditos como vamos vêr.

1 *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 301.





Imp. Ch. Chardon, à Paris

1. O LYNCE — 2. O LOBO-TIGRE

Magalhães & Moniz, editores

CARACTERES

Nos lynces a ponta das orelhas é ornada de um tufo de pêllos unidos em forma de pincel, facto que se não dá nos gatos propriamente ditos. O comprimento da cauda não excede o da cabeça ou a quarta parte do corpo, o que nos gatos propriamente ditos tambem não tem logar. Estes caracteres distinctivos são tão salientes que attraem a attenção dos mais inexperientes observadores.

COSTUMES

Na especialidade os estudaremos. Fazer a descripção d'elles para a especie *lynce vulgar*, de que vamos occupar-nos, é fazel-a para todas as especies do mesmo genero ou grupo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os lynces encontravam-se outr'ora espalhados em toda a superficie da Europa. Hoje porém para felicidade dos nossos rebanhos tornaram-se mais raros e não se encontram talvez senão nos limites extremos das regiões montanhosas do nosso continente e mesmo ahi em pequeno numero. Algumas especies habitam a Asia e a Africa.

O LYNCE DA EUROPA OU LOBO CERVAL

O nome de lobo cerval provem-lhe provavelmente, segundo Figuier, [1] de que elle uiva de noite á maneira de lobo e attaca, como este, os rebanhos.

CARACTERES

O lynce chegado a um pleno desenvolvimento não é menor que os leopardos que se encontram pelas barracas de feira. O comprimento do corpo attinge um metro ou um metro e trinta centimetros; o da cauda é de dezesseis a vinte e quatro centimetros. A altura ao nivel das espaduas é de sessenta e cinco centimetros. O pezo do lynce macho pode attingir quarenta e cinco kilogrammas. Toda a estructura do corpo d'este animal manifesta desde logo uma grande força e um vigor extremo. As garras poderosissimas recordam as do tigre e do leão. As orelhas são muito compridas, terminadas em ponta e ornadas na extremidade de um tufo de pêllos negros, de cerca de cinco centimetros de comprimento. O labio superior é guarnecido de differentes ordens de sedas compridas e rijas; o corpo é coberto de um pêllo espesso e molle que se alonga na face e forma uma barba densa que, caindo em ponta aos lados da cabeça, contribue para dar ao lynce uma estranha physionomia.

A côr do pêllo é um pardo arruivado com mistura de tons esbranquiçados na parte superior do corpo e salpicos vermelhos ou pardos escuros na cabeça, nas costas e no pescoço. A parte inferior do corpo, a anterior das pernas, a superior da garganta, os labios e as regiões que circuitam os olhos são brancos. O focinho é loiro e as orelhas são brancas com uma cercadura negra e trigueira aos lados. A cauda que tem a mesma espessura em todo o comprimento, é negra desde a extremidade até ao meio e depois annelada de escuro.

No estio o pêllo é curto e de um ruivo mais vivo; de inverno é

[1] L. Figuier, *Les Mammifères*, pg. 359.

mais comprido e de côr acinzentada. De resto, o tom geral varía muito de individuo para individuo; resultou d'aqui o querer-se por muito tempo admittir uma pluralidade de especies, idéa hoje abandonada.

COSTUMES

O lynce vive sómente nas montanhas, nas florestas mais sombrias e nos pontos mais desertos e cobertos de rochedos em cujas cavernas se esconde. Muitas vezes refugia-se nas tocas da rapoza ou do texugo. De dia conserva-se nos logares solitarios onde se julga em segurança: no vertice dos rochedos ou n'um vigoroso ramo de arvore a grande altura do solo. Elle trepa com effeito ás arvores e d'ahi salta aos animaes que passam. Como o gato selvagem, o lynce dissimula-se tão bem que é difficillimo dar com elle.

Os movimentos do lynce são lentos, mas muito vigorosos. Os sentidos são muito perfeitos e em relação com o extraordinario vigor do animal. Ouve admiravelmente, tem um olfato muito mais fino que o dos outros felinos e a vista é de uma agudeza proverbial.

A enorme força de que dispõe, permitte ao lynce attacar todo o genero de caça, grossa e meiuda. Rasteja até proximo da presa, atira-se-lhe de salto, morde-a na região da nuca, enterra-lhe bem profundamente as garras, segura-a vigorosamente e com os dentes corta-lhe as artérias. Conserva-se sentado sobre a presa até que ella morra. Muitas vezes o animal attacado conduz por muito tempo e até muito longe o terrivel cavalleiro.

O lynce come muito pouco dos animaes que mata; carece de uma grande variedade de victimas e na sua raiva sanguinaria, atacando os rebanhos, produz ao homem prejuizos quasi incalculaveis.

A epocha do cio é para esta especie em Janeiro e Fevereiro. Dez semanas depois do acto sexual realisa-se o parto n'algum logar solitario e bem occulto, n'uma gruta, sob um rochedo, ou na toca de uma rapoza ou de um texugo, toca que a femea alarga para o acto. Os filhos que nunca são mais de trez, nascem cegos.

CAÇA

«As occasiões de caçar o lynce, diz Tschudi, apresentam-se muito raras vezes, porque quando encontramos meio devorados os restos dos animaes que attacou, já elle vae muito longe; além d'isso quando se sente perseguido muda de regiões. No entanto quando, por acaso, o caçador se defronta com um lynce, o animal conserva-se immovel e pode-se-lhe atirar com facilidade. Deixa-se ficar agachado no ramo da arvore com o olhar fixo sobre quem se approxima, precisamente como o gato selvagem. Se o caçador se encontra no momento sem armas, basta-lhe collocar sobre um pau fixado na terra uma peça de fato para ter tempo de ir buscar a espingarda; o lynce continua a olhar fixamente para o espantalho até cair ferido de morte. Comtudo, que a pontaria seja bem feita! Se o lynce é sómente ferido, atirar-se-ha ao inimigo, enterrando-lhe vigorosamente as garras no peito, sem que seja possivel obrigal-o a largar». [1] Quando o caçador é acompanhado por um cão, o lynce atira-se ao quadrupede e o homem tem assim tempo de lhe atirar á vontade.

CAPTIVEIRO

Os lynces apanhados nos primeiros mezes de vida (o facto é muito raro) domesticam-se até ao ponto de ser possivel deixal-os em liberdade pelas casas. N'esta domesticação porém não ha vantagem nenhuma. Os lynces afugentam da habitação os gatos e os cães, dois animaes utillissimos.

[1] Tschudi, *Obr. cit.*, pg. 490.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O lynce vulgar ou lobo cerval habita nos paizes do norte da Europa, sendo porém muito raro, cada vez mais raro.

USOS E PRODUCTOS

A carne do lynce serve de alimento aos indigenas. A pelle é muito estimada e compra-se, no dizer de Gerbe, pelo preço de cincoenta a sessenta e cinco francos.

O LYNCE CARACAL

O nome de *caracal* é um nome turco que significa *orelhas negras*. E este é com effeito um dos caracteres da especie. O caracal differe muito dos outros lynces; d'aqui o quererem fazer d'elle um typo generico. No entanto, no dizer de Brehm e Figuier, as differenças não são tão notaveis que justifiquem a separação. É mais elegante e mais delgado que o lynce vulgar, tem os membros mais altos e mais apropriados, portanto, para a marcha e bem assim as orelhas maiores e, por isso mesmo, mais dispostas para a audição dos sons longinquos. A côr, como compete aos habitantes do deserto, é um ruivo amarellado ou um trigueiro com cambiantes vermelhas, sem manchas, tirante a branco na garganta e ventre. Ha no labio superior uma nodoa negra e do olho ao angulo nasal estende-se uma listra da mesma côr. Esta côr é exactamente a que ao caracal mais convem para o dissimular nas suas peregrina-

ções nocturnas, por que ella harmonisa exactamente com o meio em que o felino vive.

COSTUMES

Os seus costumes assemelham-se aos de todos os congéneres. Vive da caça dos pequenos mamiferos e das aves do deserto.

CAPTIVEIRO

Captiva-se este animal, mas não se tem conseguido domestical-o. Na phrase de Brehm elle é «um monstro de raiva e de ferocidade.» Ao fim de muitos annos de carcere, sente-se ainda disposto a morder e a arranhar quantas pessoas se lhe approximam da jaula.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A area de dispersão do caracal é consideravel. Habita toda a Africa e a Asia occidental.

O LYNCE CANADIANO

Tem de ordinario menos de um metro de comprimento desde a extremidade do focinho á raiz da cauda; esta mede geralmente cincoenta

e um centimetros no adulto. O pêllo é mais curto, mas mais espesso que o do lynce da Europa.

COSTUMES

Vive nas florestas como o lobo cerval, mas não tem nem a força, nem a ferocidade d'este. Richardson affirma que elle é covarde, que não attaca os grandes mamiferos e apenas faz caça aos pequenos roedores e ás pequenas aves. Foge ao homem e aos cães. Audubon discorda d'estas affirmações e descreve o lynce canadiano como um animal forte, perigoso e que sabe defender-se.

CAPTIVEIRO

Brehm, que observou detidamente no jardim zoologico de Hamburgo um d'estes felinos, crê nas informações de Audubon, dizendo que todos os esforços empregados nunca lograram levar aquelle animal até á domesticação.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita a America do Norte.

O LYNCE VERMELHO

Este felino, que habita a America, não possue caracteres distinctivos sufficientes para darmos d'elle uma descripção especial. Os seus costumes nada offerecem tambem de particular. Limitar-nos-hemos pois a fallar dos seus

USOS E PRODUCTOS

A carne d'este felino serve de alimento na America e é muito estimada pelo indigena. A pelle é um importante artigo de commercio; todos os annos se vendem milhares de pelles, diversamente cathalogadas, e avaliadas por preços que variam segundo o seu maior ou menor grao de delicadeza e finura.

O LYNCE DOS PANTANOS

Como o caracal, o lynce dos pantanos é delgado e tem os membros altos. A cauda porém é mais comprida e o tufo em forma de pincel que lhe encima as orelhas é mais pequeno. O pêllo é espesso, cinzento amarellado, com fachas confluentes mais escuras. Do nariz ao olho estende-se uma raia negra; os labios tem uma orla da mesma côr. Por cima e por baixo dos olhos ha uma pequena mancha branca. As orelhas são de um

pardo escuro e ponta negra; o ventre é amarello ou esbranquiçado. O corpo mede sessenta e cinco centimetros desde o focinho á raiz da cauda; esta tem cerca de vinte e dois centimetros.

COSTUMES

Não trepa ás arvores como os outros lynces; vive nos logares pantanosos, no meio dos cannaviaes e nos campos cobertos de gramineas altas. Nas vastas planicies cobertas de trigo ás margens do Nilo, planicies que não carecem de irrigações artificiaes, habita de preferencia.

Vagueia noite e dia em busca de caça; approxima-se muito das aldeas e frequenta os jardins que as cercam. Rasteja silenciosamente, como todos os gatos, no meio das hervas que o occultam; de quando em quando pára e escuta. Tem um ouvido muito perfeito; percebe os mais ligeiros e insignificantes ruidos.

Alimenta-se de pequenos mamiferos e de pequenas aves. Nos quintaes rouba aos aldeãos as gallinhas e os pombos, no campo dá caça ás lebres e nos confins do deserto aos gerbos; não attaca animal de maiores dimensões. Foge diante do homem. No entanto os arabes temem-o, como se fôra um animal terrivel, e teem inspirado o mesmo receio aos europeus. Brehm crê que elle é um carniceiro que tem tanto de prejudicial como de aproveitavel.

CAPTIVEIRO

O lynce dos pantanos quasi não tem sido observado em captiveiro. Conta Brehm que dois, aprisionados em epochas differentes, não resistiram á perda da liberdade, morrendo um ao cabo de doze dias e outro ao fim de trez mezes.

*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita as florestas pantanosas das costas do mar Caspio, do mar d'Aral, da Persia, da Syria, do Egypto, da Nubia e da Abyssinia. Não pode porém dizer-se que seja vulgar em qualquer d'estes logares.

OS CYNOFELIS

Depois dos felinos e como transição para a vasta familia dos caninos encontramos os *cynofelis,* carniceiros que, como o nome o indica, teem simultaneamente caracteres dos cães e dos gatos. São gatos pela cabeça e pela cauda que é comprida; são cães por tudo o mais. Como estes ultimos carniceiros, elles teem os membros altos; as unhas, com quanto retracteis ainda, são movidas por musculos muito fracos, tornam-se rombas com o uso e gastam-se pelo attrito. A dentição é essencialmente a do gato; no entanto, como no cão, os incisivos são largos. A pelle recorda a um tempo a do cão e do gato; tem d'este as côres variadas e d'aquelle o pêllo eriçado e grosso.

COSTUMES

Podem ainda no ponto de vista dos costumes caracterisar-se como uma transição. Teem ainda a expressão do gato, mas approximam-se do cão pela mansidão de caracter.

Conhecem-se duas especies de que vamos occupar-nos.

O LOBO-TIGRE MALHADO

É de um amarello alaranjado ou claro coberto de manchas redondas e negras. A extremidade da cauda é branca e o pescoço é desprovido de pêllos longos em juba.

COSTUMES

Posto que seja muito corajoso, como o prova quando lucta contra o caçador que o feriu, não attaca de ordinario o homem. Isto é geralmente desconhecido e eis a razão por que o indigena o attaca e persegue tenazmente.

Carecemos de mais indicações ácerca d'este carniceiro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este animal é proprio da Africa.

O LOBO-TIGRE DE JUBA

Não tem dimensões tão grandes como o seu congénere, o lobo-tigre malhado. A cabeça é pequena e antes alongada como a do cão do que curta como a do gato; as orelhas largas e um pouco caídas. Os pêllos são longos e eriçados, especialmente no pescoço, d'onde o nome de lobo-tigre de juba, um pouco improprio na verdade, seja dito de passagem. A côr é um cinzento amarellado, coberto de manchas negras e bronzeadas, confluentes no dorso e que se continuam no ventre. Estas mesmas manchas encontram-se na cauda formando anneis na extremidade d'este orgão.

O comprimento do corpo é de um metro até á cauda, tendo esta sessenta e seis centimetros. A altura ao nivel das espaduas é egual ao comprimento da cauda.

COSTUMES

Alimenta-se de ruminantes pequenos e de grandeza media que habitam os seus dominios e dos quaes se acercam com a maxima habilidade. Não corre nem muito depressa nem muito devagar; uma antilope fugindo, colloca-se rapidamente fóra do alcance das suas perseguições. É por isso que o lobo-tigre usa de astucia e se utilisa das embuscadas

para apanhar a presa. Approxima-se dos animaes que attaca, rastejando.

Não encontramos informações ácerca da reproducção d'este animal.

CAPTIVEIRO

O lobo-tigre de juba domestica-se muito facilmente. «Eu tive, diz Brehm, alguns d'estes animaes captivos na Africa; temos um no jardim zoologico de Hamburgo. Em nenhum logrei descobrir signaes de ferocidade. Quando se prende, elle não tenta nunca morder a corda; tambem não procura nunca ferir as pessoas que se occupam d'elle. Assim podemos sempre approximarmo-nos d'elle, ameigal-o, acaricial-o.» [1] O naturalista que acabamos de citar possuiu um d'estes carniceiros e trazia-o comsigo pelas ruas, preso simplesmente por um pequeno cordão. Era tão excessivamente manso que o naturalista levava-o ás casas das suas relações, onde as senhoras o affagavam. O lobo-tigre adestra-se para a caça, como um cão; n'este exercicio dá provas de muita intelligencia e aptidão.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A area de dispersão d'este carniceiro é muito grande, pois se encontra em todo o sudoeste d'Asia.

---

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º pg. 316.

OS CANINOS

Os caninos formam uma familia composta de animaes que nos são na grande maioria muito conhecidos, e dos quaes um mereceu mesmo em todos os tempos o cognome de *amigo do homem*.

CARACTERES

Se se affastam dos felinos pelos costumes e pela intelligencia, approximam-se d'elles pela conformação e disposição de algumas partes do corpo.

Nenhum canino eguala em dimensões, em força ou em ferocidade qualquer dos grandes felinos que estudamos, leão, tigre, etc. Os caninos são todos magros, teem o corpo muito alto, as pernas finas, alongadas e as patas estreitas. A columna vertebral compõe-se de vinte vertebras dorsaes e lombares, de tres sagradas e de dezoito a vinte e duas coccygianas. O thorax é formado por treze pares de costellas, nove verdadeiras e quatro falsas. A clavicula é recurva, o omoplata fino e a bacia forte. A cabeça é pequena, o focinho comprido, o nariz obtuso, proeminente e de cavidades nasaes muito amplas, multiplicando-se pela formação de cornetos numerosos, que representam isoladamente pequenos cones e pela existencia de volutas ethmoidaes que occupam a região mais superior das fossas nasaes.

O craneo é alongado e as maxillas são muito compridas.

Os dentes incisivos, sobretudo os da maxilla superior, são relativamente grandes; os exteriores quasi egualam em largura os molares e teem geralmente um tuberculo de cada lado da parte principal da corôa. Os caninos são compridos e recurvos. Os falsos molares, em numero de trez na maxilla superior e de quatro na inferior são menos ponteagudos que os dos gatos e os verdadeiros molares são tuberculos rombos, perfeitamente proprios para a trituração dos alimentos.

O osso parietal distingue-se no cão pelo grande desenvolvimento das cristas e da protuberancia parietal.

O pescoço é fraco e a cauda curta.

Teem cinco dedos nas patas anteriores e quatro nas posteriores, todos armados de unhas fortes, mas rombas e não retracteis.

As orelhas são alongadas e sempre maiores que as dos gatos; teem tambem um maior numero de mamas ventraes e peitoraes.

O estomago é arredondado e o intestino mede quatro a sete vezes o comprimento do corpo.

COSTUMES

Os membros d'esta vasta familia dos caninos habitam indifferentemente as montanhas ou as planicies, as florestas ou os logares aridos, as regiões desertas e tranquillas ou os povoados. Uns vagueiam constantemente e só se conservam n'um logar emquanto isso lhes é indispensavel para tratarem da prole nos primeiros tempos de vida; outros cavam tocas, occultam-se em cavernas e teem, portanto, moradas fixas.

Entre os caninos ha tambem especies diurnas, nocturnas e crepusculares. Todos são em maior ou menor grao sociaveis.

Sob o ponto de vista da agilidade, os caninos não cedem aos felinos; se não podem, como estes, por causa das suas unhas obtusas, trepar ás arvores e aos muros e dar saltos enormes, são no entanto admiraveis corredores, que resistem perfeitamente á fadiga. Todos sabem nadar; alguns mesmo, como os animaes aquaticos, sentem-se bem no meio das ondas. Marcham, como os felinos, sobre as extremidades dos dedos.

Relativamente aos orgãos dos sentidos, todos os caninos são admiravelmente dotados. O ouvido é quasi tão fino como o dos gatos; a vista é superior e o olfato é proverbialmente desenvolvido.

Nos caninos a intelligencia é notavel; dir-se-hia que meditam todos os seus actos. As especies mesmo absolutamente selvagens revelam, sob este ponto de vista, uma grande elevação.

O alimento dos caninos é animal; comem carne fresca ou corrupta, havendo alguns que preferem esta. Ha-os que devoram ossos, outros que encontram com que se manter nas dejecções do homem. No entanto pode dizer-se de um modo geral que os pequenos mamiferos e as aves constituem a base da sua alimentação. Em captiveiro nutrem-se ainda de substancias de origem vegetal, como faz o gato domestico. Examinando a dentição d'estes animaes facilmente se vê que um tal regimen alimentar é nada menos que violento.

Muitos são vorazes; nenhum porém sente em beber o sangue da victima aquella volupia inebriante que caracterisa os felinos e faz d'elles os carniceiros por excellencia.

A fecundidade dos caninos é superior á dos felinos e attinge mesmo o limite extremo da fecundidade dos mamiferos. N'esta familia chega a haver femeas que produzem n'um só parto, embora muito excepcionalmente, quinze e vinte filhos!

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os caninos são, pelo menos na Europa, os mamiferos mais espalhados. Appareceram muito cedo á superficie do globo, como o provam os restos fosseis que teem sido encontrados nas areias diluvianas, nas alluviões dos grandes rios ou nas cavernas. Os caninos encontram-se hoje dispersos por toda a terra e são por toda a parte abundantes.

USOS E PRODUCTOS

Entre os caninos ha especies nocivas, que o homem persegue e attaca com encarniçamento. As especies pequenas produzem grandes serviços, destruindo os roedores e devorando as carnes em putrefação. Aproveitamos-lhes a pelle e os dentes. «Se quizermos pezar, diz Brehm, o mal e o bem que fazem os caninos, não hesitaremos em reconhecer que os serviços que nos faz uma só especie, o cão, este fiel amigo domestico, excedem muito por si sós todo o mal que podem causar-nos os outros animaes da familia.» [1]

Esta familia comprehende tres generos: os *cães*, os *raposos* e as *hyenas*. D'elles passamos a occupar-nos.

---

1 *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 332.

OS CÃES

Os cães caracterisam-se principalmente pela pupilla que é circular e pela cauda que tem em geral um comprimento medio e que é de pêllo pouco denso.

Subdividem-se em *cães propriamente ditos* e em *lobos;* os primeiros podem ainda para facilidade do estudo subdividir-se em *cães selvagens*, *cães que se tornaram selvagens* e *cães domesticos.* Cada um dos grupos formados decompõe-se em novos grupos mais pequenos, representando raças, sub-raças e variedades.

CÃES PROPRIAMENTE DITOS

Estudando os cães propriamente ditos, começaremos por fallar dos selvagens que alguns naturalistas consideram como primitivos ou como as especies mais visinhas dos cães domesticos.

1. *Cães selvagens*

O que caracterisa os cães selvagens é o facto de não ladrarem. Custaria a crêr que na domesticidade os cães tenham aprendido a ladrar e que voltando ao estado livre tenham perdido a voz, se não conhecessemos as provas evidentes do facto.

O naturalista francez Roulin a quem devemos um estudo sobre os cães selvagens da America meridional affirma que entre os cães que habitam no continente os pampas de Buenos-Ayres e os das ilhas ha differenças pronunciadas; estes ultimos perderam a voz, ao passo que os outros não cessaram de ladrar. «Esta differença, diz o citado naturalista,

concebe-se facilmente desde que se pensa que os cães selvagens de Buenos-Ayres recebem entre si diariamente individuos creados nas herdades ou abandonados pelos viajantes, emquanto que os das ilhas, completamente isolados, esquecem rapidamente uma linguagem que a especie adquiriu na sociedade do homem e para servir ás nossas necessidades.

«Tem-se encontrado em muitas ilhas da America, nas grandes Antilhas e nas ilhas visinhas do Chili, cães originarios da Europa que, readquirindo a independencia, perderam a voz. Segundo alguns auctores, esta mudança não seria operada tão rapidamente que Colombo na sua segunda viagem a S. Domingos a tivesse observado nos cães que ahi tinha deixado no anno precedente.

«Ha aqui um erro manifesto e que depende sem duvida de se terem applicado aos cães levados da Europa algumas passagens relativas aos cães ou antes aos chacaes americanos que, na epocha em que chegaram os hespanhoes, se encontravam em algumas das Antilhas, mas sómente no estado domestico.

«Parece-me muito difficil determinar a epocha em que o mutismo se tornou geral entre os cães selvagens de S. Domingos; os primeiros historiadores nenhuma indicação me fornecem a este proposito. Assim Oviédo em 1526 e 1535, Gomara em 1543 e Acosta em 1590 fallam, em muitas passagens, d'estes animaes que se haviam multiplicado rapidamente e causavam nos rebanhos tão grandes estragos que se tornára necessario pôr-lhes a cabeça a premio; mas nada do que dizem leva a crêr que estes cães tivessem então perdido o poder de ladrar. Ora como elles tinham tido o cuidado de assignalar mudanças analogas em outros animaes domesticos, nomeadamente no gato e no gallo, o seu silencio n'estes casos prova ou que a mudança se não tinha ainda realisado ou que não era ainda conhecida. O mesmo raciocinio pareceria applicavel aos historiadores americanos do seculo XVII, taes como Herrera, Saet, etc., se não soubessemos que estes escriptores no que diz respeito a historia natural não fizeram mais do que repetir o que antes d'elles se tinha dito. Outras razões, demais, levam a crêr que na epocha em que este ultimo publicou o seu *Novus Orbis,* em 1633, os cães selvagens eram já privados de voz. Na verdade o padre Dutertre que visitou a America em 1640, falla de modo a fazer crêr que entre estes cães selvagens alguns pelo menos *uivavam* ainda. Mas é preciso notar que nada prova que elle tivesse ouvido fallar de um latido bem caracterisado, que elle parece antes fazer allusão a Guadelupe que a S. Domingos e que, n'este caso, estes cães poderiam ter sido levados não pelos hespanhoes, mas por caçadores francezes, isto é a um tempo insufficiente para que estes animaes podessem estar já notavelmente modificados pelo estado selvagem.

«Possuimos dados menos incertos sobre os cães selvagens das ilhas

do Chilli e podemos pelo menos comprehender entre limites muito proximos o tempo que lhes foi necessario para perderem a voz. Quando os piratas, na segunda metade do seculo XVII, começaram a visitar o mar do Sul, vinham muitas vezes abastecer-se á ilha de João Fernandes onde encontravam abundancia de cabras selvagens provenientes das que ahi tinham sido levadas pelos hespanhoes pelo anno de 1760. Dois homens que elles successivamente abandonaram n'essa ilha deserta, n'ella encontraram caça bastante para se alimentarem. Esses homens não encontraram em toda a ilha um só cão de raça europea; foram pois os hespanhoes que ahi introduziram pouco tempo depois estes animaes na intenção de destruirem as cabras e de tirarem assim um recurso aos cursarios que lhes infestavam as costas. Com o mesmo proposito muitos annos antes tinham já destruido o gado selvagem ao noroeste da ilha de S. Domingos; idéa desgraçada foi esta, porque foi a causa de perderem esta parte da ilha onde os piratas, não encontrando caça, se fizeram plantadores e se estabeleceram permanentemente. Em João Fernandes o fim foi um pouco mais bem preenchido; os piratas não encontraram tão facilmente de que abastecer-se. As cabras, verdade é, não foram inteiramente destruidas, mas tornaram-se muito menos numerosas e sobretudo menos faceis de apanhar. Em 1741, quando o almirante Anson abordou a esta ilha não encontrou mais do que duzentas que viviam refugiadas no meio dos rochedos quasi inaccessiveis, formando grupos isolados de trinta a quarenta individuos cada um. Os cães, pelo contrario, tinham-se já multiplicado prodigiosamente, porque quando as cabras começaram a faltar-lhes, encontraram nos lobos marinhos uma presa facil e quasi inexgotavel. Estes cães pertenciam a differentes raças, o que só por si teria bastado para indicar que não era de antiga data a sua introducção. «Elles vinham algumas vezes, diz Walter, capellão de Lord Anson, fazer-nos visitas de noite e roubar-nos os mantimentos. Aconteceu mesmo uma ou duas vezes que, encontrando um dos nossos affastado, o attacaram; mas como lhe fossemos em soccorro a tempo, fugiram antes que podessem fazer-lhe mal.» Uma vez foram vistos a dar caça a um bando de cabras selvagens. É muito singular que n'estas circumstancias não se tivesse observado que não ladravam, como o verificou dois annos mais tarde um official da marinha hespanhola, D. Antonio Ulloa.

«Ulloa, que tinha sido enviado pelo rei de Hespanha ao Peru para concorrer com os academicos francezes á medida de um grao de meridiano, abordou no começo de 1743 á ilha de João Fernandes e teve occasião de bem observar estes cães. «Notamos, diz elle, nos cães d'esta ilha uma particularidade muito estranha: nunca os ouvimos ladrar. Apanhamos alguns que foram conduzidos a bordo e só começaram a ladrar por imitação quando se juntaram aos cães domesticos, fazendo-o com-

tudo tão mal que bem se via estarem na aprendisagem de um costume a que até então eram completamente estranhos.

«Estes cães, cujos ascendentes tinham sabido ladrar, aprenderam pois este acto quando se encontraram em companhia de cães domesticos. A educação foi provavelmente mais difficil e mais demorada para animaes que pertenciam a uma raça habitualmente muda.» [1] Brehm accrescenta: «Os ornithologistas tomam em consideração o canto e a voz para distinguirem especies em tudo o mais muito semelhantes; que razão haverá para que este caracter não tenha valôr algum quando se trata de mamiferos?» [2]

O COLSÚN OU DHOLE

O coronel Sykes, que descobriu este animal, julgou vêr n'elle a especie originaria do nosso cão domestico; esta idéa está hoje abandonada.

CARACTERES

O dhole tem algumas semelhanças longinquas com o galgo, mas nenhumas com chacal, o lobo ou o rapozo. O corpo desde o focinho até á raiz da cauda mede um metro de comprimento; este ultimo orgão tem vinte centimetros. A altura é de meio metro pouco mais ou menos. O pêllo é de um trigueiro arruivado mais escuro nas patas, nas orelhas, no focinho e na extremidade da cauda do que no ventre, onde é claro e pardo. A cauda é densa e pendente. A cabeça é angulosa e os olhos são vivos.

1 Roulin, *Histoire naturelle et Souvenirs de Voyage*, pg. 65 e seguintes.
2 *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 326.

COSTUMES

É desconfiado; foge do homem, dos logares habitados e esconde-se nos juncaes e canaviaes de centos de leguas de extensão por onde o homem raras vezes passa.

Vive aos bandos de cincoenta ou sessenta individuos, caçando silenciosamente ou emittindo apenas de quando em quando uns gritos que nada teem de semelhante aos latidos do cão domestico. Todos os naturalistas que o conhecem estão de accordo sobre este ponto: que o colsun ou dhole é um excellente caçador. Jh. Williamson que muitas vezes o observou, é de opinião que não ha animal que lhe escape. Os seus costumes em caça são os do lobo com a simples differença de que o dhole é mais corajoso do que este carniceiro e, ao contrario d'elle, vive nas melhores relações de amisade com os companheiros. Desde que a matilha descobre uma presa presegue-a com preserverança e divide-se para lhe cortar a retirada. Um dos cães lança-lhe os dentes ao pescoço e atira-a por terra; os outros caem sobre ella e devoram-a. Se exceptuarmos o elephante e o rhinoceronte, podemos dizer que não ha animal, por vigoroso ou agil que elle seja, capaz de evitar o colsun.

DOMESTICIDADE

Tem sido algumas vezes domesticado e adestrado para o exercicio da caça.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os colsuns ou dholes habitam Dekhan, as montanhas de Nilagiri, Balaghad, Hyderabad e as florestas a éste da costa Coromandel. Não são communs em nenhum d'estes pontos, porque na lucta com os grandes carniceiros morrem ás dezenas. Além d'isso, como se occultam nos jun-

caes, é difficil vêl-os. É precisamente por estas razões que alguns viajantes os teem considerado uns animaes fabulosos com existencia só na imaginação dos indigenas.

O BUANSU OU CÃO DO HIMALAYA

É conhecido tambem pelo nome de *cão primitivo,* attenta a opinião que fazia d'elle uma especie da qual todas derivaram. Esta idéa está hoje abandonada.

CARACTERES

O seu porte tem muita analogia com o do colsun ou dhole.

Tem seis molares apenas na maxilla inferior. O pêllo é denso e cobre mesmo a planta do pé. As orelhas são grandes e rectas e a cauda é coberta na extremidade de um tufo grande de pêllos rijos.

COSTUMES

O buansu habita as cavidades naturaes dos rochedos. Caça de dia e de noite e vive, como o colsun, em matilhas que todavia não constam de mais de oito a dez individuos. As suas victimas mais communs são a lebre, os bufalos, os veados, as antilopes, as cabras e os carneiros; no entanto aventura-se á caça dos maiores e mais terriveis carniceiros.

DOMESTICIDADE

Quando se apanha ainda novo, domestica-se facilmente e adestra-se para a caça. Mas só obedece ao dono; para os outros caçadores é mais do que inutil, chega a ser perigoso.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita toda a região na base do Himalaya desde o rio Sutledge, a oeste, até ao rio Brahmapoutroum, a éste.

Foi descoberto, diz Brehm, por Hodgson.

O CÃO CABÉRU

No pêllo não differe do cão domestico. No entanto é uma especie distincta, como o são o lobo ou o chacal.

As dimensões são as de um grande cão de gado. Tem um metro de comprimento desde o focinho até á cauda que mede trinta centimetros; a altura é de meio metro approximadamente. É elegante; a cabeça recorda a da rapoza e a cauda é muito densa. Tem o dorso e os flancos de um ruivo escuro, o peito e o ventre brancos e a metade terminal da cauda, negra.

COSTUMES

Aprecia muito os animaes domesticos a que dá uma caça sem treguas; é por isso prejudicialissimo. Tambem se alimenta de carne em putrefação, como as hyenas. Vive em matilhas numerosas, mas não persegue o homem.

Os habitantes de Kordofahn denominam-o *cão do deserto.*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Parece habitar n'uma vasta extensão do interior d'Africa. Rüppell encontrou-o na maior parte das regiões da Abyssinia.

O DIHB

«Este animal, diz Brehm, considerado por alguns naturalistas como a sepa primitiva do nosso cão domestico, é certamente de uma origem antiga; tem-se encontrado nos hypogeus do antigo Egypto cabeças de cão que indubitavelmente pertencem a esta variedade.» [1]

---

[1] Brehm, *Obr. cit.,* vol. 2.º, pg. 329.

O ADJACK OU CÃO RUTILANTE

Assemelha-se ao cão domestico na marcha, no modo de sentar-se e de deitar-se. No entanto constitue uma especie distincta.

Tem a expressão do lobo, a qual se não encontra em nenhum outro cão; é tambem, de toda a vasta familia a que pertence, o mais feroz.

CAPTIVEIRO

Não se consegue, ou não se tem, pelo menos até hoje, conseguido domesticar este cão. Alimenta-se exclusivamente de carne. Ao fim de longo tempo de prisão, revela ainda tendencias pronunciadamente hostis contra os proprios guardas. Dorme quasi todo o dia e agita-se de noite.

O DINGO OU CÃO DA AUSTRALIA

É um dos cães selvagens mais temiveis. Acreditam alguns naturalistas que este animal foi domestico e se tornou selvagem; outros insurgem-se contra este modo de vêr e o exame dos caracteres e costumes d'estes animaes parecem dar-lhes razão.

CARACTERES

O dingo ou cão da Australia assemelha-se á rapoza pelas côres e formas; é porém maior e mais forte. O manto é ruivo-claro apresentando aqui e além, sobretudo no dorso e flancos, pêllos negros. Existe uma variedade negra d'esta especie, mas é muito rara.

Tem, como todos os cães selvagens, o focinho alongado e ponteagudo. As orelhas são curtas, a cauda é espessa e pendente e os olhos são pequenos e de expressão feroz. Os sentidos do olfato e do ouvido são muito perfeitos.

COSTUMES

Transcreveremos de Brehm a descripção que faz d'este cão, por ser o unico auctor que nos parece completo a este respeito. «Os colonos, diz o eminente naturalista, consideram o dingo, e com razão, o inimigo mais terrivel dos seus rebanhos; muitas vezes teem preparado enormes expedições para extinguir éstes rapaces animaes.

«Por todos os seus habitos, o dingo assemelha-se mais á rapoza que ao lobo. Se não se julga em perfeita segurança, conserva-se o dia inteiro occulto e não sae senão de noite. Attaca quasi todos os mamiferos australianos e, como os rapozos, só raras vezes persegue em matilhas; de ordinario encontram-se pequenos agrupamentos de cinco ou seis individuos, compostos de uma femea e respectivos filhos. Muitas vezes reunem-se os dingos em grande numero á volta de um cadaver em putrefação; alguns colonos affirmam ter encontrado n'estas condições oitenta a cem cães. Crê-se que cada familia tem o seu territorio exclusivo, que não abandona nunca para invadir o de outra familia e que tambem não consente que lh'o invadam.

«Os dingos, a despeito da sua natureza selvagem, parecem ter muita affeição ùns pelos outros. Oxlei conta o facto seguinte: «Matamos uma vez um d'estes cães e atiramol-o para uma moita; ao passarmos de novo pelo mesmo logar encontramol-o a trez ou quatro toezas da moita e, deitada ao pé, a femea moribunda. É provavel que alli estivesse desde o dia em que o cão havia sido morto. Estava tão fraca e tão magra que

nem pôde mover-se á nossa chegada; julgamos praticar um acto de caridade dando-lhe um tiro.»

«Antes que os colonos estabelecessem caças regulares contra este inimigo dos rebanhos, perdiam um numero consideravel de cabeças de gado. «N'uma roça denominada New-Billholm, a cento e setenta metros approximadamente de Sidney, diz Revoil, um dingo matou n'uma só manhã quinze ovelhas.» Assegura-se que n'um só curral mil e duzentos carneiros e cordeiros foram estrangulados pelos dingos no espaço de trez mezes.»

«O dingo come ainda kangurus de todas as especies e outros herbivoros pequenos ou grandes; attaca emfim todos os animaes indigenas da Australia e só receia os cães domesticos.

«Os cães de caça e os cães de gado estão em guerra continua com os dingos. Teem entre si um odio sem exemplo. Se muitos cães domesticos encontram um dingo, atiram-se a elle e dilaceram-o; o inverso tem logar se um cão perdido é surprehendido pelos dingos.

«A femea do dingo produz seis a oito filhos de cada parto, que realisa n'uma caverna ou entre as raizes de uma arvore. Se algum perigo está imminente dá-se pressa de transportar os recemnascidos para outro logar.

«O dingo foge do homem.» [1]

CAÇA

Empregam-se na destruição d'estes carniceiros, processos de toda a ordem. Matam-se a tiro, apanham-se em armadilhas e envenenam-se com strychnina.

CAPTIVEIRO

O dingo geralmente não se domestica. Mesmo quando vive com o homem, não é por dedicação, nem n'elle se revelam os sentimentos de

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 330.

fidelidade, de amor e de propriedade que fazem do cão domestico um animal precioso; vive n'um estado de semi-selvageria e se consente em habitar sob o mesmo tecto é simplesmente, porque a vida assim se lhe torna mais facil. Diz Brehm que todos os dingos que possuia captivos se conservavam selvagens e ferozes, não consentindo nunca em que lhes mettessem na jaula outros animaes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se o dingo em grande numero por todo o continente australiano.

O CÃO DOS PAMPAS OU AGUARA

O que torna este cão selvagem mais notavel é a belleza do manto que é espesso e de um famoso cinzento na região do dorso.

COSTUMES

Cavam os aguaras no solo grandes tocas onde criam os filhos e onde procuram um refugio contra o frio e a chuva. Vivem da caça de pequenos mamiferos e não attacam o homem.

CAPTIVEIRO

Ensinam-se facilmente e habituam-se ao homem quando apanhados novos; então não differem sensivelmente do cão domestico. Apenas teem os sentidos mais perfeitos e dispoem de uma maior coragem.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam a America do Sul.

USOS E PRODUCTOS

Dá-se-lhes caça para aproveitar a pelle, que é muito estimada.

O CÃO DOS AMERICANOS

Os indigenas do norte da America servem-se d'este cão para os exercicios de caça; d'aqui o nome porque é conhecido.

Este animal foi descoberto pelo naturalista Richardson.

CARACTERES

Tem o focinho estreito, as orelhas ponteagudas e rectas e a cauda coberta de pêllo muito espesso. As semelhanças d'este animal com a raposa são notaveis.

COSTUMES

Como todo o cão selvagem, este não ladra. É um magnifico e prespicaz caçador dos pequenos mamiferos.

USOS E PRODUCTOS

A posse d'este animal captivo é extremamente preciosa aos indigenas que vivem quasi exclusivamente dos productos da caça.

CAPTIVEIRO

Domesticam-se facilmente. J. Franklin e Richardson trouxeram dois, macho e femea, para a Inglaterra, offerecendo-os á Sociedade Zoologica d'este paiz. Foram estes os primeiros que se viram na Europa. Conservaram sempre o natural mutismo; um filho d'elles porém, nascido em Londres, aprendeu a ladrar como os cães domesticos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este animal occupava outr'ora todo o norte da America do Sul. Hoje encontra-se apenas nas margens de Mackenzic e perto do lago do Grande Urso.

2. *Cães se que tornaram selvagens* [1]

Brehm crê que não existem hoje cães que do estado domestico passassem ao estado selvagem, senão no Oriente. E esses mesmos vivem ainda assim n'uma tal ou qual dependencia do homem, no que revelam a sua verdadeira natureza.

CÃES DA EUROPA MERIDIONAL QUE SE TORNARAM SELVAGENS

«Na Europa meridional, diz Brehm, os cães passam uma vida muito diversa da que os caracterisa entre nós.

«Na Turquia e na Grecia em torno das cidades e aldêas giram matilhas de cães errantes que entram nas ruas sem nunca penetrarem nas casas e que dão caça aos cães domesticos. Alimentam-se de cadaveres em decomposição e de pequenos mamiferos. Os aldeões do sul de Hespanha raras vezes dão de comer aos seus cães, que por isso vagueiam de noite procurando elles mesmos o alimento.

«Segundo Bolle, nas Canarias os cães abandonados teem-se tornado selvagens, causando prejuizos nos rebanhos de carneiros.» [2]

[1] São estes os cães que os francezes denominam *marrons*, quer dizer *fugitivos* ou que passaram da vida domestica á vida selvagem e independente das florestas.

[2] *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 334.

CÃES DO EGYPTO QUE SE TORNARAM SELVAGENS

«Os cães de Levante, diz ainda o naturalista citado, não são tão independentes como os de que acabamos de fallar; são comtudo obrigados a procurar alimento, porque ninguem se occupa d'elles.

«As cidades do Egypto são todas construidas sobre ruinas de outras cidades e a maior parte, mesmo a Alexandria e o Cairo, são cercadas de verdadeiros montes de ruinas. É ahi a habitação dos cães selvagens.» [1]

CARACTERES

Todos estes cães pertencem a uma só e mesma raça. Teem as dimensões do cão de gado, as formas pezadas e um aspecto repugnante. A cauda é longa, pendente e coberta de pêllo denso. Em geral o pêllo é rijo e ruivo-escuro; ha-os negros ou de um amarello claro, mas são raros.

COSTUMES

Vivem independentes nas ruinas, dormem a maior parte do dia e vagueiam de noite. Habitam em cavidades que elles mesmos fazem cuidadosamente. Cada cão tem duas cavidades, uma voltada para éste outra para oeste. Se o monte está orientado por forma que ambas as cavidades ficam expostas ao vento norte, o cão faz uma terceira na vertente opposta, mas não a habita senão quando o frio lhe torna incommoda a estada em qualquer das outras.

Ao meio dia anima-se o monte, porque é então que principiam a

[1] *Loc. cit.*

formar-se grupos mais ou menos consideraveis de cães, e mesmo verdadeiras matilhas. Ouvem-se os uivos, os gritos. Em torno do cadaver de qualquer animal reunem-se os cães que o devoram completamente, por grande que elle seja.

Á maneira dos gatos, elles espreitam das cavidades os ratos ou procuram, como os rapozos e os chacaes, apanhar aves. Se não encontram com que se alimentem, percorrem as ruas e entram nas casas. São supportados, porque comem as immundicies.

A reunião dos sexos produz-se na primavera e no outomno; a femea deposita os filhos n'um covil que alarga de proposito para esse fim. Os novos seres desenvolvem-se rapidamente; dentro de poucos dias brincam já com a mãe. As cadellas chegam a parir no meio das ruas; contam absolutamente com a bonhomia e protecção dos mahometanos, que as não perturbarão no acto. E com effeito vêem-se os turcos e os arabes, que transitam montados, affastarem as cavalgaduras para não atropelarem as cadellas ou a progenie.

Os mahometanos teem na conta de um peccado o ferir ou maltratar os animaes; esta compaixão levam-a tão longe que se não atrevem a matar um animal ainda mesmo que o vejam soffrer sem remedio. Conta Brehm que um dia encontrou n'uma cidade do alto Egypto um cão com as patas posteriores esmigalhadas e arrastando-se com extrema difficuldade, cheio de dôres. Ha muito que os habitantes do logar o viam n'aquelle estado lastimoso. O naturalista descarregou-lhe á cabeça uma pistola. Este acto, aliás racional, incitou uma tamanha reacção do povo, que o sabio se viu forçado a uma defeza energica.

Estes cães apanhados nas primeiras edades domesticam-se promptamente, tornam-se fieis e vigilantes.

No estado de liberdade são desconfiados e hostis para o estrangeiro; maltratar um, é levantar contra si uma verdadeira sedição, porque se defendem e attacam em commum. Não é absolutamente raro que persigam um, estrangeiro. Em casos taes, o unico recurso contra a perseguição é metter uma bala na cabeça do mais atrevido. Com os mahometanos ou com quem quer que use os trajos do paiz, vivem da melhor harmonia.

Fazem uma guerra implacavel aos cães domesticos e mesmo os cães de um certo monte attacam os de outro.

Multiplicam-se com extraordinaria rapidez; por felicidade não são sujeitos á hydrophobia ou pelo menos não mordem o homem n'estas condições pathologicas.

Os mahometanos consideram estes cães impuros, idéa que, de resto, formam ácerca de todos os animaes que comem carne morta; não os tocam por isso. Quando domesticados, já assim não é. Então a unica

parte impura é o focinho humido; os crentes evitam tocar n'esta região, mas não teem escrupulo de passar a mão por outra qualquer. Só para o focinho é interdicto o contacto.

CÃES DE CONSTANTINOPLA QUE SE TORNARAM SELVAGENS

Hackalaender affirma que todos os auctores que escrevem ácerca de Constantinopla, ficam, por exagerados que pareçam, muito áquem da verdade no que diz respeito aos cães que vagueiam constantemente pelas ruas d'esta cidade. Constituem para o estrangeiro um verdadeiro flagello.

Estes cães pertencem a uma raça particular; assemelham-se muito aos nossos cães de gado, mas teem a cauda recurvada e o pêllo curto de um amarello sujo. A multiplicação d'estes carniceiros é verdadeiramente prodigiosa. Nem o facto causará estranheza, desde o momento em que nos lembrarmos de que os turcos, tendo em conta de peccado o maltratar estes animaes, não só lhes não fazem o menor mal, senão que os alimentam com os restos das suas refeições e lhes dão agua, mesmo quando ella é pouca e, por isso, muito cara.

Cada rua tem os seus cães, como entre nós cada casa tem os seus gatos, ou ainda, para me servir da comparação de Hackalaender, como cada bairro tem os seus mendigos habituaes.

Estes cães distinguem admiravelmente os estrangeiros dos naturaes, attacando aquelles principalmente de noite.

De resto, como nota Marmier, estes cães não deixam de ter uma certa utilidade; remedeiam a imprevidencia da policia urbana, purgando as ruas de uma grande quantidade de materias, cuja corrupção espalharia no ar germens pestilenciaes, originarios de terriveis epidemias.

CÃES TARTAROS QUE SE TORNARAM SELVAGENS

Os cães tartaros são de grandeza media e muito magros; os pêllos são compridos, eriçados e escuros.

COSTUMES

«Encontram-se, diz Schlatter, em quantidade prodigiosa nas aldêas, pela razão de que ninguem os destroe.» No entanto não são tratados pelo indigena como os de Constantinopla. Quando, apertados pela fome, penetram nas casas, são recebidos a bengalada. Isto não admira, porque, ao contrario dos cães de Constantinopla, estes attacam os proprios naturaes do paiz.

CÃES DA RUSSIA MERIDIONAL QUE SE TORNARAM SELVAGENS

«De inverno, diz Kohl, os cães na Russia meridional approximam-se em matilhas das cidades e precipitam-se sobre as immundicies e sobre os animaes mortos. Em algumas regiões, em Odessa por exemplo, ha guardas que os matam continuamente; esta medida é inutil, porque não é possivel extinguir a causa do flagello nas cidades e aldêas. Estes cães são um verdadeiro tormento para o paiz; destroem tudo, chegam mesmo a attacar os fructos.

3. *Cães domesticos*

O cão domestico, com quanto companheiro inseparavel do homem desde remotos tempos, não é, como vulgarmente se pensa, um animal dos mais conhecidos; ha muito ainda que investigar na historia natural d'este mamifero. E tanto que naturalistas conscienciosos e de vasta erudição, como Brehm, declaram ignorar muito do que desejariam saber a seu respeito.

CONSIDERAÇÕES HISTORICAS

As provas de que o cão domestico é um animal dos que ha mais tempo são conhecidos e apreciados pela nossa especie, existem em numero verdadeiramente consideravel.

No *Zend-Avesta,* um dos monumentos historicos mais antigos da humanidade, lêem-se as seguintes palavras: «O mundo subsiste pela intelligencia do cão». A phrase que traduz uma grande verdade para os tempos remotos da civilisação em que foi escripta, é, até certo ponto, aceitavel ainda hoje. A vida do homem, com effeito, mal se comprehende sem o cão. Na phrase de Brehm, estes dois seres completam-se a cada momento. O cão é o nosso dedicado e sincero amigo, o nosso companheiro, o animal a que mais de justiça cabem os nossos affectos e desvellos, emfim de todos os seres da creação o que mais solidario se torna comnosco já pela dedicação sem limites que nos consagra, já pelos enormes e incalculaveis serviços que nos presta. Esta solidariedade é tão grande que o cão faz por assim dizer parte integrante de nós mesmos; por isso Toussenel disse espirituosamente: «O que ha de melhor no homem é o cão».

Salomão e Isaias mencionam o cão domestico com palavras de louvor e gratidão. Os Egypcios tinham o cão na conta de um animal de origem divina, crearam-lhe uma genealogia e em sua honra levantaram altares e construiram uma cidade. Os Persas concederam-lhe tambem honras divinas nas suas festas religiosas. Homero encontrou notas tocantes de sentimento, cantando *Argus,* o cão de Ulysses. Socrates jurava em nome do cão e Alcibiades comprou um de caça por uma somma correspondente a um conto de réis.

Conta-se que Alexandre recebêra do rei de Albania um cão de enormes proporções; quiz fazel-o luctar com ursos e javalis e como elle se não movesse em face d'estas feras, mandou-o matar. Quando isto soube, o rei de Albania enviou-lhe um segundo cão semelhante ao primeiro, mandando-lhe dizer que estes cães não se batiam com animaes tão fracos, mas sim com o leão e o elephante, que não possuia senão dois individuos eguaes e finalmente que, se Alexandre mandasse matar este, não encontraria outro que o substituisse. Alexandre fez luctar o cão com um leão e depois com um elephante e ambos elles matou o molosso. Alexandre magoou-se tanto com a morte prematura do seu cão favorito que fez construir uma cidade e muitos altares em honra da sua memoria.

Plinio falla com enthusiasmo dos cães e Virgilio dedica-lhes nas *Georgicas* mais de uma passagem notavel.

Os antigos germanos e bretões tinham na mais alta consideração este animal.

COSTUMES

Os cães domesticos teem todos pouco mais ou menos, os mesmos costumes. São animaes mais diurnos do que nocturnos, mas que estão sempre dispostos, ou seja dia ou noite, á vigilia quando alguma coisa é confiada á sua guarda. «Ouvem bem, mesmo a dormir», dizia Linneu.

A vida em sociedade é para elles uma necessidade que os domina completamente.

Comem todas as substancias que entram na alimentação do homem, vegetaes ou animaes, cosidas ou cruas. Preferem no entanto a carne e muito mais apodrecida do que fresca. Todas as vezes que podem encontral-os, devoram cadaveres com verdadeira paixão; acontece mesmo que os cães mais bem nutridos comem muitas vezes com verdadeira avidez as dejecções do homem. D'entre os alimentos cosidos, os que preferem são os feculentos e estimam mais os fructos doces que os acidos. O caldo de carne, o pão, os legumes, o leite e mesmo os ossos que digerem em parte, são as substancias alimentares favoritas dos cães domesticos. Podem-se sustentar, de perfeita saude, com pão sómente. Mas seja qual fôr o regimen a que os submettamos, é sempre preciso dar-lhes as refeições a horas certas, não lh'as dar quentes e ministrar-lh'as n'uma vasilha bem limpa. Pode-se dar de comer aos cães uma vez só por dia; o melhor porém é ministrar-lhes duas refeições. Não devemos perder de vista que nos cães de guarda é util uma copiosa refeição á tarde, porque bem alimentados preenchem muito melhor as suas funcções do que com fome, circumstancia em que se deixam facilmente corromper.

Os cães bebem muito e muitas vezes; a agua é-lhes indispensavel para manterem a saude. Bebem introduzindo na agua a lingua, retirando-a depois bruscamente recurva como uma colher, de modo a projectar o liquido na bocca.

Quando aos cães se ministra uma porção de alimento maior que a que elles podem comer, cavam na terra um buraco, onde introduzem o excedente das suas refeições, que mais tarde voltam a procurar se os aperta a fome ou que abandonam definitivamente se continuam a ser bem alimentados.

Medicam-se a si mesmos, introduzindo na economia substancias vegetaes purgativas e vomitivas, quando d'isso carecem.

Os cães teem uma marcha obliqua perfeitamente caracteristica. Correm com velocidade e dão saltos consideraveis, mas não podem voltar-se rapidamente. Nadam maravilhosamente; ha raças que n'este exercicio são perfeitamente dignas da nossa admiração.

Para reupousar os cães sentam-se nas patas posteriores, mantendo as de diante em posição vertical ou deitam-se de lado, ou ainda sobre o ventre com as patas posteriores encolhidas, as de diante estendidas e a cabeça entre estas. Um costume muito peculiar aos cães e com cujo fim nem sempre se atina, é o de escarvarem a terra com as patas posteriores.

Todos os cães gostam muito de dormir, mas teem um somno leve, a cada momento interrompido e, ao que parece, povoado de sonhos, porque se vêem estes animaes mexendo a cauda, agitando-se, uivando e ladrando a dormir.

Os cães domesticos são muito limpos; depoem as fezes sobre logares descobertos e lançam-lhes em cima terra.

Transpiram pouco; o suor parece ser, diz Brehm, segregado pela lingua que no tempo quente lhes pende da bocca, muito humida.

SENTIDOS

Todos os sentidos dos cães domesticos são muito desenvolvidos, embora em grao differente. O olfato, o ouvido e a vista são os mais apurados, variando no entanto de perfeição de raça para raça.

Os cães não supportam as sensações muito fortes. Assim é que ao ouvir o som de muitos instrumentos elles uivam desesperadamente como se os torturasse uma dôr lancinante. O Dr. Mead affirma mesmo que um cão morrêra, porque o obrigaram a ouvir longo tempo uma certa musica que o fazia soltar gritos agudos. Conta-se é certo uma longa e minuciosa historia de um cão que era certo n'uma das praças publicas de Paris todas as vezes que ahi havia parada e que marchava ao lado dos musicos como se a instrumentação o deleitasse. No entanto o facto é absolutamente excepcional e bem pode ser, como Brehm faz notar, que o cão tendo pertencido a algum musico ao tempo fallecido, seguisse a banda marcial não por amor da musica, mas por ser o corpo a que o seu dono pertencêra. Ha exemplos que levam a crer na verosimilhança

de uma tal conjectura. No seu livro *Maravilhas da Natureza* Brehm conta o caso de um d'estes pobres animaes que perdêra na campanha da Russia o dono e que acompanhou o corpo a que elle pertencêra por toda a Allemanha e por uma parte da França até á Italia onde morreu esgotado pela fadiga.

Os cães não supportam tambem os cheiros fortes. Collocar-lhes junto do focinho uma garrafa de agua de Colonia, de amoniaco ou de ether, é desesperal-os.

O olfato é n'estes animaes desenvolvidissimo e, como o provam as experiencias de Boffi e Schiff, absolutamente indispensavel. Estes physiologistas cortaram em cachorros os nervos e bolbos olfactivos. As consequencias foram deploraveis para os pobres animaes. Não encontravam os peitos da mãe e foi preciso aleital-os artificialmente. Depois de crescidos, perdiam-se a cada passo, não atinando com o domicilio. Tambem não distinguiam as substancias alimentares e devoravam excrementos; finalmente não se affeiçoaram nunca ao homem, na edade em que as dedicações d'estes animaes costumam ser mais fortes.

INTELLIGENCIA E CARACTER

A este proposito escreve L. Figuier: «O cão tem todas as qualidades de coração e de intelligencia. Onde encontraremos amizade mais firme, mais constante, mais dedicada, memoria mais fiel, affeição mais forte, abnegação mais séria, alma mais leal e mais franca? O cão não conhece a ingratidão. Não será elle que abandone o seu bemfeitor na hora do perigo ou da adversidade! Offerece com alegria o sacrificio da propria vida a quem lh'a manteve. Leva a dedicação até perder espontaneamente toda a liberdade; pertence todo ao dono e esquece-se perpetuamente de si. Esquece os castigos e os maos tratos que lhe inflingiram n'um momento de colera; tem sêde de caricias, e a indifferença dos que o cercam afunda-o n'uma enorme tristeza. Caricias, ou se façam com a mão, com a voz ou com o olhar, causam-lhe uma alegria incomparavel. Então agita a cauda, dá saltos, e no seu olhar limpido e suave desenha-se a mais viva alegria. Bello animal! distracção do rico, consolação do pobre, inabalavel companheiro dos dias desventurados, graças a ti, o miseravel que morre isolado no meio da sociedade conta ao menos um amigo atraz do enterro e não desce sósinho á fria sepultura, porque tu irás verter-lhe sobre a campa as lagrimas sinceras da affeição e da

saudade; o excesso da tua dôr será tal que ninguem conseguirá arrancar-te do logar onde repousam os restos do que amaste!

«E que intelligencia, que penetração, que finura a d'este admiravel companheiro das nossas alegrias e das nossas dores! Como elle sabe traduzir as expressões da nossa physionomia! Como elle sabe descobrir e destrinçar os sentimentos intimos no meio de gestos e de palavras contradictorias! Debalde o ameaçareis, debalde procurareis fazer-lhe medo! O olhar trahiu-vos; o sorriso que mal assoma aos vossos labios revelou-lhe a vossa indulgencia e por isso longe de fugir, elle correrá para sollicitar as vossas caricias!

«Escrever-se-hiam volumes, se se quizessem relatar todos os factos extraordinarios de que os cães foram os heroes. Todos os dias na vida ordinaria, vemos produzir diante de nós alguns, que, por vulgares, nem por isso são menos curiosos.» [1]

Brehm diz egualmente: «Poder-se-hiam escrever volumes ácerca da intelligencia dos cães; fallar d'elles brevemente será pois difficil.» [2] Scheitlin escreve: «As differenças physicas dos cães são grandes, mas as differenças intellectuaes são-o mais ainda. Uns nada aprendem, outros aprendem tudo; uns educam-se facilmente, outros nunca; o que uns estimam, outros detestam.» E com effeito, crêmos bem que nada pode dizer-se de absoluto sobre o cão em geral, mas que cada raça ou variedade merece palavras descriptivas especiaes. Ha cães que parecem não estar bem senão na agua, outros que não abandonam o domicilio, uns attacam o homem quando perseguidos por elle, outros nunca o fazem. Uns ha que odeiam o lobo, outros que com elle se cruzam, uns que o instincto conduz a guardar fielmente os rebanhos, outros que não se adaptam a um tal exercicio, uns para que a caça é uma occupação agradavel, outros que se não adestram nunca para um tal fim. Ha mesmo variedades que, ao contrario da grande maioria dos individuos da especie, são astutas e falsas. Scheitlin diz pois muito justamente: «Nenhum cão é exactamente semelhante a um outro cão; cada um tem as suas virtudes e os seus defeitos. Offerecem entre si os mais frisantes contrastes. Fallar a um proprietario de cães dos seus animaes, é fornecer-lhe um thema inexgotavel.» Ha muitas raças e em cada raça muitas variedades; e todas offerecem no ponto de vista da intelligencia e do caracter alguma coisa de differente, de especial. Mas quando fallamos do cão em geral, referimo-nos ás qualidades que dominam a maioria dos individuos

[1] L. Figuier, *Les Mammifères*, pg. 381 e seguintes.
[2] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 343.

d'esta especie e quando, ao tratar de qualquer qualidade especial, a queremos pôr em relevo, naturalmente referimo-nos á raça em que ella é mais caracteristica ou mais desenvolvida.

A memoria pode no cão attingir um espantoso grao de desenvolvimento. O celebre physiologista Gall, auctor da phrenologia, possuio um cão cuja memoria era assombrosa. Comprehendia perfeitamente as conversações que se entretinham ao pé d'elle, porque uma vez que ouvisse uma palavra ligada a um gesto illucidativo, nunca mais esquecia essa palavra, nem a sua significação. Quando Gall, saindo da Allemanha, foi estabelecer-se em Paris, o cão nos primeiros tempos vivia tristissimo, porque nada percebia do que ao pé d'elle se fallava. Pouco e pouco porém foi aprendendo a interpretar o que ouvia, por forma que ao fim de um certo tempo, percebia egualmente bem o allemão e o francez.

Luiz Noir conta tambem uma experiencia decisiva que deante d'elle foi feita pela possuidora de um cão para provar que elle comprehendia inteiramente o que se dizia. A mulher com effeito, sem um unico gesto que denunciasse o assumpto da conversa, sem um olhar para o cão, sem mesmo pronunciar o nome d'elle, começou a negociar com Luiz Noir a venda do animal. Este porém percebeu tudo, porque veio de rastos gemendo implorativamente aos pés da dona. Experiencias como estas fez a mulher alludida mais vinte egualmente concludentes.

O cão possue ao lado das qualidades de intelligencia, qualidades de caracter em extremo apreciaveis. As noções de bem e de mal, conhece-as; aprendeu-as do homem e assimilou-as inteiramente. É assim que elle dá todas as provas de remorso quando pratica qualquer acção menos digna, um roubo por exemplo, e ao contrario todas as provas de intima satisfação quando se julga o auctor de uma acção louvavel.

Dupon [1] relata a historia seguinte, muito interessante, e que revela simultaneamente o alto intendimento e o bello caracter do cão. Pibrac, celebre cirurgião que viveu no seculo passado, encontrou um dia ao entrar em casa, deitado á sua porta, um bello cão com uma perna fracturada e cheio de dôres. O doutor transportou-o a casa, recolheu-o, tratou-o emfim até á cura completa. Durante e depois mesmo do tratamento o cão manifestou sempre por Pibrac um extremo reconhecimento.

Este cão porém tinha um dono e n'este animal a primeira affeição é sempre preponderante, dura toda a vida. Por isso, quando pôde sair, desappareceu, com grande espanto do cirurgião que tomou a fuga como prova de ingratidão, sentimento que este animal não costuma manifestar.

[1] Dupon, Quelques mémoires sur differents sujets, pg. 316.

Decorrem seis mezes e o cão volta á porta de Pibrac, que o enche de caricias e quer fazel-o subir a casa. Em vez de entrar porém, o cão lambia-lhe as mãos e puxava-lhe pelo fato alternativamente como para lhe mostrar qualquer coisa. Este alguma coisa era nem mais nem menos do que uma cadella com uma pata esmigalhada, que o animal trazia ao medico para que a curasse como o tinha curado a elle.

Este facto é realmente curiosissimo e demonstra ao mesmo tempo a intelligencia do cão, que se lembrou ao fim de seis mezes da existencia do medico para um curativo e a dedicação por elle tributada á femea doente.

INFLUENCIA DA EDUCAÇÃO

As qualidades e caracteres que acabamos de mencionar não se encontram reunidos e elevados ao mesmo grao em todos os cães. Ora predomina um, ora outro; e n'isto a educação tem uma grande influencia.

Com effeito, o cão é, como nota Richardson, um espelho fiel do dono. Se este é grosseiro e brutal, se o maltrata, se o castiga sem motivo quando se encolerisa, se o alimenta mal ou de má vontade, o cão será hostil, inclinado a morder, deselegante, magro, susceptivel de se deixar corromper por alimentos, subserviente, humilde sem dignidade, astuto emfim. Pelo contrario, se o dono é benevolo, se lhe ministra uma alimentação sufficiente, se o acaricia, se evita os castigos e nunca os inflinge injustamente, mas só quando o proprio animal se reputa um delinquente e sabe que os merece, o cão será docil, bom, elegante, franco e terá nos olhos uma limpidez que denuncia o bem estar intimo e a inclinação á pratica dos actos generosos e magnanimos. Se o dono é um velho celibatario, amigo da solidão, o cão será triste, sombrio; se vive em casa de sociedade, se é affagado por muita gente, será, pelo contrario, alegre e folgazão.

A proposito transcrevemos de Brehm o que segue: «Todos conhecem dois quadros de Landseer, o *Cão do senhor* e o *Cão do creado.*

«O primeiro está só no gabinete do lord; tudo o que o cerca revela a distincção de classe e de habitos: velhas armas, recordação de algum illustre antepassado, um precioso livro de bella encadernação, manuscriptos que provam estudos serios, emfim uma colleira delicadamente aberta que destaca elegantemente sobre o bello pêllo negro do cão aristocrata.

«Vêde agora o seu obscuro companheiro: encostado á bilha d'agua

da cosinha, entre um par de grossas botas, um chapeu arruinado e uma garrafa vazia, parece resumir na physionomia desgraciosa tudo quanto ha de grosseiro e de infeliz. Umas patas zambras sustentam o corpo deselegante e por sobre a colleira de cobre que lhe aperta o pescoço ergue-se uma cabeça em que a expressão da baixeza rivalisa com a da malignidade. Um dos olhos fôra-lhe rebentado n'uma lucta qualquer e a lingua meio fóra da bocca parece dar-lhe um ar de dissimulação.

«Mas estas differenças que á primeira vista se descobrem, entre os dois cães, tornam-se mais evidentes ainda se lhe estudarmos os habitos. Em quanto que o primeiro, meigo, fiel e submisso procura as caricias, obedece ao menor signal e respeita todas as ordens prohibitivas, o segundo, arisco e dissimulado espia constantemente uma presa, não se submette senão á pancada e chega mesmo a mostrar os dentes ás creanças. Qual a razão d'estes costumes oppostos? Perguntae-o á educação. N'um e n'outro as boas qualidades e os defeitos resultam do ensino; um e outro são a copia do respectivo dono.» [1] Como d'esta passagem se deprehende, a educação é tudo no cão domestico. Mas se ella é boa e distincta, que outro animal em toda a creação tentará rivalisar com elle em aptidões intellectuaes ou em qualidades de caracter?! J. Franklin diz: «A consciencia passou longo tempo aos olhos dos philosophos por uma qualidade exclusiva do homem. Eu não pretendo contradizel-os, nem distituir a nossa especie de um privilegio que a honra. Devo comtudo dizer o que presenciei. Um cão de preço, creado no campo mas trazido a Londres pelo dono, fôra submettido durante o estio de 1851 a uma escravidão para a qual todos os cães manifestam, sobretudo ao principio, uma extrema repugnancia. Quero fallar do açamo.

«O cão percorria só uma das ruas de Londres. De tempos a tempos parava e com as patas anteriores procurava desembaraçar-se do instrumento odioso que lhe captivava a bocca. Eu observava-o com a attenção e o sentimento de sympathia que me inspiram todos os seres vivos. Os esforços do animal foram ao principio impotentes; mas, como com paciencia tudo se consegue, á força de roçar a cabeça pela calçada libertou-se emfim do açamo, que deixou cair, passando adiante. Depois vi-o parar de repente; voltou atraz e, instigado talvez pelos remorsos, apanhou elle proprio o apparelho que levou tristemente, mas fielmente, ao dono. Dir-me-hão talvez que o pobre diabo receiava o castigo; é possivel, mas o dono com o qual travei relações n'esse mesmo dia, era um homem bom que tratava o animal como uma creança amimada. Creio-me pois auctori-

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 347 e 348.

sado a acreditar que rudimentos de consciencia, senão a total consciencia, existem no cão». [1]

A. Leonard que estudou as faculdades intellectuaes dos cães relativamente á conformação do craneo, chegou a estabelecer as tres classes seguintes:

«1.ª N'esta classe comprehendem-se os cães de fronte larga e cabeça dilatada nos temporaes de modo a indicar um grande desenvolvimento de cerebro. Teem todos as orelhas pendentes.

«2.ª N'esta classe estão incluidos cães de menos intelligencia e menos olfato que os precedentes. Teem a fronte estreita, os temporaes aproximados, o focinho comprido e estreito e as orelhas semi-pendentes.

«3.ª Esta classe compõe-se de cães de cabeça achatada, craneo curto e fugitivo ou muito inclinado. São os menos intelligentes.»

Emilio de Tarade que escreveu um livro curiosissimo intitulado *Educação do cão,* diz-nos que não devemos reputar intelligente o cão que obedece sómente ao dono. N'estes casos a obediencia é o effeito do medo, do receio de castigos, confunde-se com subserviencia e não pode, portanto, ser levada á conta de desenvolvimento intellectual. J. Franklin concordando inteiramente com este modo de vêr, diz tambem que de nada desconfia tanto como dos *cães sabios.* São naturezas subservientes, infimas, seres que vivem no exclusivo receio da pancada e por isso mesmo pouco intelligentes, atrophiados. O cão intelligente faz o que lhe mandam mesmo na ausencia do dono; recebe as ordens em nome da auctoridade racional do homem e não em nome da auctoridade injustificavel dos castigos que lhe applica o dono. E. Tarade diz que um cão não pode considerar-se desenvolvido e sufficientemente educado em quanto não conhece e distingue as lettras, os algarismos, as côres, os moveis e o valôr das proposições *acima, abaixo, adiante, atraz, á direita, á esquerda.*

Franklin no livro que citamos já, conta o caso de um cão que jogava o dominó perfeitamente bem; não se enganava nunca na collocação das pedras e, se o parceiro collocava mal uma, elle uivava para o advertir e atirava-lhe fóra, quando não era attendido, a pedra mal posta que substituia por uma do seu proprio jogo. Este cão não jogava só com o dono, jogava com qualquer parceiro que lhe apparecesse para a partida.

[1] J. Franklin, *Le Vie des animaux.* Tom. I, pg. 148.

ANTIPATHIAS E SYMPATHIAS

Teem todos os cães domesticos um certo numero d'habitos curiosissimos ligados a estes sentimentos e que muitas vezes não sabemos explicar.

Uivam e ladram á lua sem que possamos descobrir a causa de tão singular antipathia. Correm tambem atraz de carros, de homens, de outros animaes, de pedras, embora d'ahi não retirem utilidade alguma.

Detestam alguns animaes, os gatos e os ouriços nomeadamente e não sabemos tambem a razão do facto. Deante do ouriço atormentam-se, conseguindo apenas de todas as vezes ensanguentarem o focinho nos picos, mas sem nunca desesperarem da ingloria e inutil tarefa.

Uma coisa tambem curiosa é o presentimento que os cães teem das mudanças de tempo. Procuram de ante-mão precaver-se. Podemos reconhecer a approximação das chuvas pelo mao cheiro que então exalam.

Nas suas relações com o homem o cão dá provas de um descernimento que nos espanta. Reconhece admiravelmente os amigos e visitas da casa. Tambem distingue com rara habilidade a posição social dos estranhos que entram; isto explica o odio dos cães que vivem em casas luxuosas pelos mendigos e pelas pessoas mal vestidas.

Ha pessoas que entrando n'uma casa qualquer, embora pela primeira vez, são desde logo bem recebidas pelos cães que as affagam e lhes dão as maiores provas de sympathia. Outras, pelo contrario, são recebidas no meio de demonstrações hostis. Pela attitude benevola ou hostil dos cães que nos pertencem podemos julgar, segundo Menault, [1] as pessoas que são nossas amigas ou inimigas.

«Quanto á amizade, diz Montaigne, os cães possuem-a incomparavelmente mais viva e mais constante que o homem.» [2] Este auctor cita em abono da sua opinião os factos comprovativos de *Hyrcano*, cão de Lysimacho, que, quando este morreu, se atirou ao fogo e morreu queimado e o cão de um tal Pyrrho que fez precisamente o mesmo em identidade de circumstancias. Sonnini diz ainda o seguinte: «Paris inteiro viu em 1660, um cão deitado por muitos annos sobre o tumulo do dono no

[1] Menault, *L'intelligence des animaux*, pg. 281.
[2] Montaigne, *Essais*.

cemiterio dos *Innocentes* sem que nada conseguisse arrancal-o de lá. Muitas vezes foi conduzido ao extremo da cidade e fechado ahi; desde que o largavam porém voltava ao logar costumado a que o chamava a saudade e ahi permanecia, a despeito de todos os rigores do inverno. Os habitantes dos logares visinhos, commovidos por esta perseverança, levavam-lhe alimentos; o pobre cão parecia não comer senão para prolongar a sua dôr e dar o exemplo de uma fidelidade heroica.» Brehm cita tambem o caso de um cão cujo dono foi guilhotinado e que se lançou sobre o cadaver do amigo recusando obstinadamente todo o alimento até morrer, o que se realisou poucos dias depois da execução.

Os cães não vivem entre si precisamente de boa harmonia. Quando dois, que são desconhecidos, se encontram, mostram um ao outro os dentes e não é raro que se trave o combate. A animosidade dos cães uns pelos outros pode ir muito longe; o conde de Caylus conta o caso de um que ladrava irritado a uma estatua representando um caçador e um cão em attitude de ladrar. Este cão de marmore fazia illusão aos cães vivos que attravessavam o jardim das Tulherias onde está a estatua.

Outras vezes, em logar de animosidade, é o affecto mais intimo que se revela; não luctam entre si, procuram-se, prestam-se mutuos soccorros e uma perseverante assistencia em casos de necessidade. E para que isto se realise não é necessario que os cães se conheçam; ás vezes as provas de affeição trocam-se entre os que nunca se viram. Tarade na obra que citamos refere o seguinte que lhes foi contado por Leonce Guine:

«Duas creanças de doze a quinze annos (esta edade é desapiedada) acabavam de lançar ao Sena, ao nivel da rua Grande-Arche, um pobre cão cego, meio morto pela fome e pela velhice. Foi com um indizivel prazer de malignidade, direi mesmo com uma alegria cruel que os pequenos atiraram o misero bruto á agua. Não satisfeitos com esta execução capital, os pequenos carrascos lançavam ainda sobre a victima pedras sem conta; os gritos pungitivos do animal, os seus uivos desesperados, longe de os commover, mais lhes incitavam o humor folgazão.

«Ás vezes e por instantes, gemidos surdos lhes manifestavam, com grande aprazimento para elles, que algum dos projectis alcançára o pobre cão.

«Eu ia, diz Guine, a fechar a janella para não assistir por mais tempo a este drama das ruas, tão querido ainda dos vadios, com quanto tão pouco conforme á doçura dos costumes parisienses actuaes, quando, de repente, ouvi a multidão, que assistia com tanto prazer ao barbaro divertimento, bater ruidosamente as palmas e soltar vivas acclamações. Voltei a cabeça e vi, não sem surpreza o meu cão, *Valente*, que attraido

pelos uivos lugubres do camarada acabava de atirar-se ao rio e nadava na direcção do infeliz, fendendo a agua com inacreditavel rapidez; os gritos alegres que soltava e a direcção que seguia fizeram-me comprehender tudo: *Valente* levantava-se á altura de um salvador!

«O cão cego, com effeito, presentindo que lhe chegavam soccorros inesperados, pareceu redobrar de força e de vida; em pouco estava ao pé de *Valente*. Este comprehendendo todo o perigo da tarefa que se incumbira, levantou a parte posterior do corpo de modo que o naufrago podesse ahi segurar-se com as patas anteriores sem lhe embaraçar os movimentos e começou a nadar na direcção de minha casa. Os seus esforços tiveram um esplendido successo; dentro de poucos segundos tomou pé e começou a sacudir altivamente o pêllo emquanto o companheiro caía esgotado ao lado d'elle. Comtudo, a dedicação de *Valente* devia ir mais longe ainda. Os pequenos que não tinham contado com este salvador improvisado queriam pagar-se do insuccesso da primeira tentativa, procurando affastar o misero cão á paulada; mas ao approximarem-se d'elle, viram dois olhos tão brilhantes, tão terriveis, duas fileiras de dentes tão brancos, tão compridos, tão cerrados, que se viram obrigados a desviar caminho e a renunciar aos seus projectos.

«Este facto não me surprehendeu muito da parte de *Valente*, que é um animal tão bom como intelligente. Os espectadores porém que não tinham, como eu, a vantagem de conhecêl-o, enchiam-o de tantas caricias que eu acreditei por um instante que elle ia tomar o partido de se desembaraçar dos importunos, do mesmo modo que annulára as ameaças dos garotos. Quiz pôr termo ao enthusiasmo geral e preserverar as pernas d'alguns espectadores sollicitos, chamando *Valente* para ao pé de mim. Pela primeira vez, o docil animal recusou-se a obedecer ao meu appelo; em breve porém reconheci o motivo: *Valente* não queria abandonar o seu protegido á mercê dos inimigos. A pedido meu, um homem do povo carregou ás costas com o cego, muito fraco ainda para se arrastar, e veio depôl-o sobre o ninho do meu cão. Foi este o unico meio de fazer com que *Valente* se subtraisse ás ovações da multidão para vir fazer ao seu hospede as honras da casa.» . . . .

Os cães contraem mesmo amizade com outros animaes; ha-os que desmentem o proverbio: *Inimigos como o cão e o gato.*

REPRODUCÇÃO

N'esta especie a gestação dura nove semanas; a femea pare n'um logar escuro trez a seis filhos; por excepção, como dissemos já, o numero d'estes pode ir até vinte. Os novos seres nascem já com dentes incisivos e com as palpebras fechadas; esta cegueira original prolonga-se por o espaço de dez a doze dias. A cadella estima os filhos acima de tudo; alimenta-os, lava-os, aquece-os, defende-os. Muitas vezes, quando o julga conveniente, transporta-os de um logar para outro, levantando-os pela pelle do pescoço.

O amor materno n'esta femea é verdadeiramente commovente. Citam-se factos a este respeito que teem todo o direito á nossa admiração. Bechstein cita um que é quasi inacreditavel. «Um certo pastor de Walteurhausen, diz este escriptor, comprava carneiros todas as primaveras e era naturalmente acompanhado por uma cadella que possuia, até ao mercado, distante umas vinte legoas. Apenas chegada, uma vez, a cadella pariu sete cachorros e o pastor viu-se forçado a abandonal-a. Mas trinta e seis horas depois da volta, o pegureiro encontrou á porta da casa a cadella com os sete filhos. Trouxera-os um a um; quatorze vezes fizera a jornada e apezar de toda a fadiga e esgotamento inevitaveis, levára a empreza a cabo.»

Tem-se pretendido que entre os filhos de cada parto ha um sempre particularmente estimado pela mãe, verdadeiro favorito. A maioria dos naturalistas reputam esta asserção falsa e dizem que a femea reparte equitativamente por todos, os seus cuidados e extraordinarios desvellos.

Geralmente não se deixa a uma cadella mais que trez ou quatro filhos, quando muito, com receio de a esgotar. E com effeito os cachorros exigem um alimento extremamente abundante.

Em quanto amamenta, a cadella é de uma bondade e dedicação sem limites. Não só consente em aleitar cães estranhos, mas até gatos, coelhos e outros animaes.

Geralmente não se deixam os cachorros mamar mais de que seis semanas, excepto se a cadella é muito forte e vigorosa. Para os apartar, basta dar pouco alimento á cadella; o leite torna-se aquoso, mao e a femea mesmo não dá os peitos n'estas condições.

Aos trez ou quatro mezes, os cães mudam de dentes, aos seis tornam-se independentes da mãe e aos nove ou dez estão adultos.

A educação dos cães começa-se quando elles teem um anno; antes são fracos ainda e depois tornam-se um pouco refractarios.

Aos doze annos começa a velhice do cão, denunciada em todos os orgãos e nos movimentos geraes do corpo. Ós pêllos perdem o brilho e os da fronte e do focinho embranquecem; os dentes gastam-se e caem. O cão torna-se preguiçoso, indifferente a tudo quanto antes o alegrava; alguns mesmo perdem a voz e tornam-se cegos. Ha exemplos de cães que attingiram a edade de vinte e trinta annos; são porém excepcionaes estes casos.

DOENÇAS

Os cães estão sujeitos a um grande numero de doenças.

No dizer dos especialistas, um criterio seguro para saber se um cão está de saude é vêr se o focinho está humido e frio; realisada esta condição a saude do animal é certa. Se o focinho está secco e quente, o olhar perturbado e o appettite perdido, devem tomar-se precauções, porque está imminente, senão declarada já, uma doença qualquer. É preciso então fechar o animal n'um logar bem guardado e medical-o.

A doença mais vulgar é a tinha; é a consequencia de uma alimentação muito forte, muito salgada, do uso de agua corrompida ou da falta de exercicio e de limpeza.

Os cães são muitas vezes affectados do que se denomina mesmo a *doença dos cães*, estado morbido que consiste essencialmente em uma inflammação das mucosas determinada por arrefecimento e que se declara dos quatro aos nove mezes.

De todas as molestias porém, a *raiva*, impropriamente denominada *hydrophobia*, é sem contestação a mais terrivel. É refractaria a todo o tratamento e, o que mais é, propaga-se por inoculação de um animal affectado aos outros e ainda ao homem.

A raiva declara-se principalmente nos cães adultos durante os grandes calores do estio ou os grandes frios do inverno. A falta d'agua parece ser a causa principal.

O grande interesse que naturalmente deve ter o conhecimento de tão terrivel doença, leva-nos a estudar um pouco minuciosamente os seus symptomas, pedindo a um relatorio sobre a raiva apresentado á Academia de Medicina franceza pelo Dr. Boley, as indicações que seguem: «A idéa da raiva nos cães, diz este pathologista, implica geralmente a de

uma doença que se caracterisa *necessariamente* por accessos de furor, desejos de morder, etc.

«Esta idéa acha-se tanto mais profundamente arraigada, quanto é certo que a palavra *raiva*, fóra da accepção pathologica, significa colera, odio, crueldade, paixões furiosas.

«É um preconceito temivel este que consiste em crêr que a raiva é necessariamente e sempre uma doença caracterisada pelo furor. De todos os prejuizos acreditados e admittidos ácerca d'esta doença, é este talvez o mais fecundo em consequencias desastrosas, porque nos conservamos sem desconfiança em presença de um cão doente que não procura morder, quando a raiva pode no entanto estar bem acentuada já.

«A prudencia exige pois que desconfiemos sempre do cão que principia a não apresentar os caracteres de saude. Os primeiros symptomas de raiva, com quanto obscuros ainda, são já significativos para quem sabe comprehendel-os. Consistem, como Youatt observa, n'uma disposição triste e n'uma agitação e inquietude que se traduzem por uma continua mudança de posição. O animal foge dos donos, retira-se para o logar onde costuma dormir, esconde-se pelos cantos da casa, por baixo dos moveis, mas não revela disposição alguma para morder. Se o chamam obedece ainda, mas lentamente e como com magua. Crispado sobre si mesmo, mantem a cabeça profundamente occulta no peito e entre os membros anteriores.

«Em breve torna-se inquieto, procura um novo logar para repousar, mas não tarda por sua vez a abandonal-o por outro. Depois volta para o seu leito onde se revolve sem encontrar uma posição que lhe convenha. Lança então, como diz Youatt, em torno de si um olhar cuja expressão é estranha. A attitude do animal é triste e suspeita. Vae de um dos membros da familia a um outro, fixando n'elles os olhos como para lhes pedir um remedio ao mal que o afflige.

«Sem duvida não são estes ainda os symptomas pathognomonicos, os signaes caracteristicos; mas como esta pintura é já expressiva!

«Uma das particularidades mais curiosas e mais dignas de ser conhecidas na raiva do cão, é a preseverança, mesmo nos periodos mais adiantados da doença, dos sentimentos de affeição para com as pessoas a quem está ligado. Estes sentimentos subsistem tão fortes n'elle que o desgraçado animal abstem-se muitas vezes de attacar aquelles que estima, mesmo em plena raiva. D'aqui as frequentes illusões que os donos de cães raivosos nutrem ácerca da doença n'estes animaes. Como acreditar na existencia da raiva, como conceber sequer a idéa d'ella n'um cão que se conserva sempre affectuoso, docil e cuja doença se traduz sómente por uma tristeza, por uma agitação desacostumadas? Illusões temiveis, porque este cão de que se não desconfia pode n'um momento

dado, contra a sua propria vontade mesmo, fazer uma ferida fatal sob a influencia de uma contrariedade ou, como muitas vezes acontece, em consequencia de uma correcção que o dono julga dever applicar-lhe quer porque não obedeceu rapidamente a uma ordem, quer porque respondeu a uma primeira ameaça com um gesto aggressivo logo suspenso.

«A maxima parte das vezes, o cão raivoso respeita e poupa os que lhe são affeiçoados. A não ser assim, os accidentes rabicos deveriam ser muito mais numerosos, porque a maior parte das vezes, os cães raivosos são conservados vinte e quatro ou quarenta e oito horas no meio das pessoas da familia e dos creados, antes que se nutram receios sobre a natureza da doença.

«No periodo inicial da raiva e quando a doença está francamente declarada, nas intermitencias dos accessos, ha no cão uma especie de delirio que podemos chamar *delirio rabico.* Este delirio caracterisa-se por movimentos estranhos que denotam que o animal ouve ruidos e vê objectos, que existem apenas na sua imaginação. Com effeito, umas vezes o animal conserva-se immovel, attento, como de embuscada; depois de repente dá um salto e morde no ar, precisamente como um cão quando apanha uma mosca a voar. Outras vezes, atira-se furioso e uivando contra uma parede, como se tivesse ouvido do outro lado ruidos ameaçadores.

«Comtudo, os que não estão prevenidos não ligam ao facto grande importancia, porque os symptomas são muito fugazes e cessam desde que a voz do dono se faz ouvir. «Dispersados, diz Youatt, por esta influencia magica, estes objectos de terror desvanecem-se e o animal rasteja na direcção do dono com a expressão de affecto que lhe é peculiar. Então tem um momento de repouso; os olhos fecham-se lentamente, a cabeça pende, os membros anteriores parecem dobrar sob o peso do corpo e o animal acha-se prestes a cair. Mas, de repente levanta-se, acomettem-o de novo os symptomas, olha em torno com uma vista selvagem, lança a pata como se quizesse apanhar um objecto ao alcance do dente e corre até ao extremo da cadêa que o acorrenta como se fôra ao encontro de um inimigo que todavia não existe senão na imaginação d'elle.

«Taes são os symptomas que se observam no periodo inicial da raiva. Concebe-se que não appareçam sempre os mesmos em todos os individuos e que pelo contrario, diversifiquem na expressão, segundo o natural dos doentes.

«Se antes da invasão da doença, diz Youatt, o cão era de um natural affectuoso, a sua attitude inquieta é eloquente; parece em todos os movimentos appelar para a piedade do dono. Nas hallucinações de que é victima, nada revela ferocidade.

«No cão naturalmente selvagem ou no que foi educado para defeza, a expressão de todos os actos é terrivel. Algumas vezes as conjunctivas são fortemente injectadas, outras vezes apenas teem mudado de côr; os olhos porém teem um brilho desusado, parecem globos de fogo.

«N'um periodo mais avançado da doença, a agitação do cão augmenta; vae e vem, gira incessantemente de um canto para o outro. Levanta-se e deita-se continuadamente, muda incessantemente de posição. Dispõe o leito com as patas, recalca-o com o focinho para o juntar n'um monticulo sobre o qual parece ser-lhe agradavel repousar o epigastro; depois, de repente, levanta-se e atira tudo para longe. Se está fechado, não se conserva um só instante em repouso; gira ininterruptamente n'um mesmo circulo. Se está em liberdade, dir-se-hia que caminha em procura de um objecto perdido: busca, investiga por todos os cantos da casa com um ardor estranho, com um olhar que se não fixa em parte alguma. E, coisa notavel e ao mesmo tempo temivel, ha muitos cães em que a dedicação pelos donos parece ter augmentado, o que revelam lambendo-lhes as mãos e o rosto.

«Nunca é de mais tudo quanto se disser para chamar a attenção sobre esta singularidade dos primeiros periodos da raiva canina, porque é ella que principalmente mantem a illusão no espirito dos donos de cães. Custa-lhes a crêr, com effeito, que este animal actualmente ainda tão meigo, tão docil, tão submisso, tão humilde aos seus pés, que lhes lambe as mãos e lhes manifesta a sua dedicação por tantos e tão expressivos signaes, contenha em si o germen da mais terrivel doença. Vem d'ahi uma confiança e, o que é peor, uma incredulidade de que são victimas muitas vezes os que possuem cães.

«Na primeira semana de Novembro de 1862, duas senhoras, vindas á Escóla de Alfort com uma menina de quatro annos, traziam á consulta um cão apenas açamado, que tinham mantido sobre os joelhos durante todo o trajecto de Paris a Alfort e que ellas declaravam estar doente havia trez dias. Este cão, diziam, que dormia no quarto d'ellas, não as deixava dormir, tão grande era a sua agitação. Toda a noite se conservava de pé, indo e vindo, raspando o chão com as patas. Já de vespera tinham trazido o animal á Escóla; infelizmente a hora de consulta tinha passado já e ellas viram-se obrigadas a voltar para Paris levando comsigo de novo o doente.

«Pois este cão achava-se atacado de raiva. No entanto havia trez dias que a despeito da doença, respeitava as donas em cujo quarto dormia. Nas duas jornadas de Paris a Alfort, na volta de Alfort a Paris, conduzido sobre os joelhos das senhoras, acariciado por ellas, nem lhes fizera mal algum, nem mesmo ensaiára ameaça que podesse tornal-o suspeito. A creança fôra menos feliz. Um domingo de manhã, o cão, excitado de-

certo por alguma travessura, tinha-se atirado sobre ella mordendo-a ligeiramente n'uma nadega.

«Como eu manifestasse o meu espanto pela tranquillidade de espirito em que se haviam conservado, mao grado a agitação continua do cão e a aggressão perfeitamente extraordinaria que fizera o animal, responderam-me: «Como haviamos de suspeital-o? O cão bebia perfeitamente, procurava elle proprio muitas vezes agua; poderiamos nós imaginar que elle estivesse affectado da doença que acaba de diagnosticar?»

«O preconceito da hydrophobia é um dos mais perigosos que existem ácerca da raiva canina; e pode dizer-se que o termo *hydrophobia* que pouco a pouco se tem substituido, mesmo na linguagem usual, ao de *raiva*, é uma das mais detestaveis invenções do neologismo, porque tem sido fertil para a especie humana em desastres assombrosos. Este termo implica, com effeito, uma idéa hoje profundamente arraigada na opinião publica, embora radicalmente falsa e demonstrada tal pelos acontecimentos de todos os dias.

«Segundo o nome grego imposto á raiva, o cão com esta doença deve ter *horror á agua*. Portanto, se elle bebe, não está raivoso. Partindo d'este raciocinio, inabalavelmente logico, um grande numero de pessoas se deixam adormecer n'uma segurança mentirosa ao lado de cães raivosos que vivem com ellas no mesmo quarto e que se deitam no mesmo leito.

«Não ha erro mais funesto.

«O cão raivoso não é hydrophobo, não tem horror á agua. Quando lhe offerecem de beber, não recúa aterrado. Longe d'isso: aproxima-se do vaso, introduz a lingua no liquido, engole muitas vezes especialmente, nos primeiros periodos da doença; e quando a constricção da pharynge torna a deglutição difficil, nem por isso deixa de fazer as tentativas para engulir mettendo na bocca tantas mais vezes e por tanto mais tempo a agua quanto mais inefficaz se torna a sua introducção. Muitas vezes mesmo, desesperado, introduz o focinho todo na agua e morde, por assim dizer, o liquido de que não pode fazer a sucção.

«O cão raivoso não recusa sempre o alimento no primeiro periodo da doença, mas desgosta-se d'elle dentro de pouco tempo. Coisa natural então e perfeitamente caracteristica! Ou seja por uma completa depravação do paladar, ou por uma invencivel tendencia a morder, á qual o animal obedece, o que é certo é que elle apanha entre os dentes, rasga, tritura e engole por fim um grande numero de substancias inteiramente alheias á alimentação. O leito em que repousa, os estofos das cadeiras, as cobertas das camas, os tapetes, os fundos de cortinas, calças, madeira, herva, terra, pedras, vidro, fezes de cavallos, as suas proprias, tudo mette na bocca. Na autopsia dos cães raivosos encontra-se

no estomago um conjuncto de substancias disparatadas, de natureza diversissima que só por si fazem suspeitar a doença; a suspeita transforma-se em certeza pela narrativa dos actos do cão antes de morrer.

«Estes phenomenos constituem um preludio: o animal satisfaz já o seu furor rabico sobre corpos inanimados; está proximo o momento em que o proprio homem, por affeiçoado que seja ao cão, pode bem deixar de ser poupado. . . . .

«A baba não constitue pela sua abundancia exagerada, um signal caracteristico da raiva no cão, como se suppõe geralmente. É pois um erro inferir da ausencia d'este symptoma que a raiva não existe.

«Ha cães raivosos cuja pharynge se enche de uma baba escumosa, sobretudo durante os accessos. N'outros, pelo contrario, esta cavidade é completamente secca e a mucosa respectiva reflecte uma tinta violacea. Esta particularidade é principalmente notavel nos ultimos periodos da doença. Emfim n'outros casos, nada ha de particular a notar ácerca da humidade ou seccura da cavidade boccal.

«O estado de seccura da bocca e da pharynge dá logar á manifestação de um symptoma de extrema importancia no ponto de vista em que a raiva canina deve ser principalmente considerada aqui, isto é, no ponto de vista da transmissão por contagio ao homem.

«O cão raivoso cuja pharynge está secca faz com as patas de diante aos lados da face gestos naturaes ao cão em cujas guelas ou entre cujos dentes ficou retido um osso incompletamente triturado. O mesmo acontece quando a paralysia das maxillas deixa a bocca permanentemente aberta, como se nota n'uma variedade d'esta doença, denominada *raiva-muda*, ou n'um periodo avançado da raiva furiosa.

«Nada tão perigoso como as illusões que produz no espirito dos donos de cães, a manifestação d'este symptoma. Para elles, *quasi sempre* é expressão certa de um osso attravessado na pharynge e, desejosos de soccorrer os seus cães, procedem a explorações e recorrem a manobras que podem ter as mais funestas consequencias, quer porque se firam elles proprios contra os dentes introduzindo os dedos na pharynge do doente, quer porque este, irritado, approxime convulsivamente as maxillas e faça ferimentos.

«O vomito é algumas vezes um symptoma do começo de raiva. Algumas vezes tambem as materias expulsas são sanguinolentas ou mesmo formadas por sangue puro, que provém certamente de feridas feitas na mucosa do estomago por corpos duros e ponteagudos que o animal engole.

«Este ultimo symptoma tem muita importancia, porque, sendo excepcional, pode acontecer que não desperte a idéa da raiva, que o não apreciem no seu justo valor.

«Os latidos de um cão raivoso são perfeitamente caracteristicos; ao homem que lhes conhece a significação, basta ouvil-os para logo affirmar como certa a existencia da raiva no cão. E para attingir esta segurança de diagnostico, não é preciso ter o ouvido muito exercitado. Quem uma ou duas vezes ouvir ladrar um cão raivoso, fica tão fortemente impressionado quando lhe revelaram a significação d'este latido sinistro, que a recordação d'elle fica-lhe gravada na memoria e quando, uma outra vez, o mesmo ruido se faz ouvir, não se illude sobre a sua significação.

«Fazer comprehender por palavras o que é o latido rabico, parece-nos impossivel. Seria preciso para dar d'elle uma idéa poder reproduzil-o, como fazem alguns imitadores das vozes de animaes. O que pode dizer-se aqui é que o latido do cão raivoso se modifica notavelmente no timbre e no modo de emissão. Em vez de se fazer ouvir com uma sonoridade normal e de consistir n'uma successão de emissões eguaes em duração e em intensidade, é rouco, velado, de tom mais baixo e a um primeiro latido soltado com a bocca aberta succede immediatamente uma serie de trez ou quatro latidos decrescentes que partem do fundo da larynge e durante cuja emissão as maxillas se não approximam senão incompletamente em vez de se fecharem alternativamente como no latido franco.

«Esta descripção não pode dar, sem duvida, senão uma idéa muito incompleta do latido rabico; mas o importante, no fim de tudo, no ponto de vista prophylatico, é que devemos estar prevenidos de que a voz do cão raivoso muda *sempre* de timbre, que o seu latido se realisa *sempre* de um modo inteiramente diverso do physiologico. É preciso pois desconfiarmos todas as vezes que a voz conhecida de um cão familiar se modifica de repente e dá sons que por desacostumados devem impressionar-nos.

«Uma particularidade muito curiosa no estado rabico e que pode ter uma grande importancia no ponto de vista do diagnostico, é que o animal se conserva mudo sob a influencia da dôr. Quaesquer que sejam os soffrimentos que se lhe inflinjam, elle não fará ouvir sequer o assobio nasal, primeira expressão de queixume no cão, nem o grito agudo pelo qual traduz as dôres mais vivas.

«Batido, picado, ferido, queimado mesmo, o cão raivoso conserva-se mudo. Não porque seja insensivel; tanto o não é que evita as pancadas e quando lhe deitam o fogo ao ninho foge para subtrair-se ás chammas. Quando se lhe apresenta uma barra de ferro á temperatura rubra e que, levado pela raiva sobre ella se atira furioso e a morde, recua immediatamente depois de lhe ter lançado os dentes; o ferro rubro applicado sobre as patas fal-o tambem fugir. É evidente que n'estas circumstancias, o animal soffre, como o revela a expressão do focinho; apesar de tudo porém, não faz ouvir nem um grito, nem um gemido.

«No entanto, se a sensibilidade não está extincta no cão raivoso, é pelo menos inferior á do estado physiologico. Assim, quando se lhe atira sobre o corpo estopa inflammada, não se desloca immediatamente; quando se decide a fugir já o fogo tem feito grandes estragos. Alguns individuos (o facto é excepcional) não largam a barra de ferro a que lançaram os dentes.

«Estes factos auctorisam a crêr que os cães attacados de raiva não percebem as sensações dolorosas do mesmo modo que no estado normal, e é isto que explica porque satisfazem a furia em si mesmos. Um cão hespanhol do conde Demidoff, n'um accesso de raiva roeu a cauda e acabou por destacal-a do tronco. N'outros casos, os doentes destacam a pelle sómente. Devemos portanto desconfiar dos cães que se não mostram sensiveis á dôr no grao que sabemos ser-lhes habitual; devemos egualmente desconfiar dos que apresentam no corpo feridas profundas que deixam a descoberto os musculos e que appareceram de repente.

«O estado rabico caracterisa-se ainda por uma particularidade extremamente curiosa e que consiste na impressão que exerce sobre um cão raivoso a vista de um animal da mesma especie. Esta impressão é tão forte e tão efficaz para occasionar immediatamente a manifestação de um accesso, que pode dizer-se com verdade ser o cão o reactivo seguro por meio do qual se pode declarar a raiva ainda latente no animal que a incuba.

«Todos os dias na Escóla de Alfort nos servimos d'este meio para dissipar duvidas nos casos em que o diagnostico se conserva incerto e é raro que nos não dê o resultado pretendido. Desde que o cão suspeito se encontra em presença d'um individuo da sua especie, procura atirar-se a elle, se a doença é realmente a raiva, e, podendo alcançal-o, morde-o com furor.

«E, coisa estranha, todos os animaes raivosos, qualquer que seja a especie a que pertençam, experimentam a mesma impressão em presença do cão. Todos ao vêl-o, se excitam, se exasperam, entram em furôr, se lançam sobre elle e o attacam com as armas naturaes de que dispoem: o cavallo com as patas e os dentes, o touro com os cornos e de egual modo o carneiro.

«Uma outra particularidade ainda cujo conhecimento é de muita importancia e pode evitar grandes desastres: Acontece muitas vezes que o cão ao sentir os primeiros symptomas de raiva, foge de casa e desapparece. Dir-se-hia que tendo a consciencia do mal que pode causar, para o evitar, foge d'aquelles a quem é affeiçoado. Qualquer que seja porém a interpretação do facto, o que é certo é que muitas vezes abandona os donos e que ninguem mais o vê, ou seja porque vae morrer para algum logar retirado, ou seja porque, caso mais ordinario nas localidades po-

pulosas, em vista dos damnos que produz sobre os homens e animaes, o matam pelo caminho.

«Mas em alguns casos, numerosos ainda, o desgraçado animal depois de ter errado um dia ou dois por fóra e depois de ter escapado a todas as perseguições, volta, obedecendo a uma attracção fatal, á casa dos donos. É n'estas circumstancias principalmente que os desastres se realisam. Com effeito, na volta do *infeliz perdido* todos o rodeiam, todos querem soccorrel-o, porque a maior parte das vezes o cão apparece miseravel até ao extremo, emagrecido, coberto de lama e de sangue. Desgraçado porém do que se approxima! No periodo da doença em que se encontra, a propensão a morder tornou-se n'elle imperiosa; esta propensão domina os mais vivos sentimentos de affecto e o cão responde com dentadas aos desvellos e caricias que lhe fazem. Devemos pois ter ainda por suspeito todo o cão que, depois de ter abandonado por um dia ou dois a casa, ahi volta, sobretudo se apparece no estado de miseria de que fallamos acima.

«A terminação da raiva é sempre a paralysia.»

O leitor decerto está n'este momento absolvendo-me da excepcional transcripção. Fomos extensos demais talvez para o maior numero, mas deixamos consignados factos da maxima importancia para os possuidores de cães.

O valôr das reflexões que citamos, é obvio. Tem-se proposto um sem numero de receitas para a cura da raiva; o que é certo porém é que tudo quanto n'este sentido se tem dito não passa de phantasia. Se um homem ou um animal mordido por um cão raivoso, consegue logo depois do ferimento cauterisar o ponto mordido com ferro em braza, antes que o virus rabico tenha tido tempo de penetrar na torrente circulatoria, é possivel que se subtraia ao contagio; fóra d'estas condições não o conseguirá de modo nenhum. O cão raivoso tambem se não cura. Ora sendo assim, não existindo meio therapeutico algum contra a doença, o que importa é a prophylaxia, a prevenção. Cumpre conhecer a doença desde o começo para applicar ao animal esta execução summaria e unica: um tiro mortal. Tudo quanto dissemos, portanto, não é demais; importa desvanecer preconceitos funestos, esclarecendo os donos de cães, geralmente tão ignorantes d'estes assumptos. Já tivemos occasião de tomar pessoalmente conhecimento de factos desastrosos de raiva transmittida, devidos só á ignorancia do possuidor de um cão doente, que havia tres dias apresentava, segundo me foi declarado, symptomas rabicos verdadeiramente alarmantes, sem que todavia se lhes désse importancia, só porque o animal *bebia agua*.

Os cães são ainda affectados por outras doenças, especialmente parasytarias. Com effeito, um grande numero de episoarios e de entosoa-

rios vivem no cão; estes ultimos são os que mais incommodos produzem e os que mais difficilmente se extinguem. A tenia, por exemplo, é muito vulgar nos cães de caça. Quando o numero de vermes entosoarios é grande, o cão pode morrer no meio de convulsões. A substancia empregada com mais resultados contra estes vermes e especialmente contra a tenia, é o cousso.

MUTILAÇÕES

Ha muito espalhado o costume de cortar as orelhas e a cauda aos cães, como vimos já que se fazia aos gatos. Geralmente os naturalistas insurgem-se contra este habito que além de barbaro é inutil e dá aos animaes um aspecto de ordinario repugnante, falto de nobreza.

USOS E PRODUCTOS

«A utilidade do cão é incalculavel», diz Brehm.

Emprego domestico.—A este proposito dizia Linneu: «O cão encontra os objectos perdidos, faz sentinella de noite, dá signal se alguem se approxima, vigia os nossos bens, affasta os animaes dos campos cultivados, guarda as rennas, protege os carneiros e os bois contra as feras, mantem o leão em respeito, faz caça ás pequenas aves, suspende-as em meio da marcha, prende-as nos escondrijos, apanha as que o caçador abateu.» Ainda se utilisa para arrastar pequenos carros, como se vê na Siberia.

A sobriedade dos cães torna muito pouco dispendiosos os serviços que d'elles obtemos. N'uma officina de pregagens, bastam para mexer um dia inteiro uma roda, trez cães, que não chegam a gastar o alimento de um só homem.

Os antigos usavam muito dos cães nos circos em combates com as feras. N'estes terriveis exercicios chegaram a tornar-se notabilissimos os cães da Hyrcania.

A sagacidade dos cães tem sido explorada muitas vezes n'um sen-

tido menos digno. Assim Brehm affirma que em Londres se encontram muitos cães hespanhoes adestrados no roubo de lenços, de bolsas, etc.

Os cães foram tambem outr'ora empregados na guerra.

Os cães collocados em pontos elevados, denunciavam pelos latidos a approximação das tropas inimigas. Henrique VIII aos soldados que enviou a França para combaterem Carlos V juntou quatrocentos cães de grandes dimensões.

Refere um auctor normando que no seculo XVI os cães serviam nas cidades e nos portos para defender os habitantes contra as surprezas dos piratas e que nos combates, estes fieis e generosos animaes supportavam sempre o primeiro choque dos assaltantes; este mesmo escriptor acrescenta que na cidade de S. Malo nunca houvera melhores defensores.

É na caça porém, como todos sabem, que a notavel intelligencia dos cães se manifesta com extraordinaria utilidade para nós.

O cão tem ainda uma grande utilidade para os selvagens. Os Esquimós, os Grœlandezes, os Pelles-Vermelhas, etc., alimentam-se das carnes d'este bello animal. Em Angola, n'outro tempo pelo menos, um cão valia uns poucos de escravos. Na Nova-Zelandia e nas ilhas do mar do Sul, a carne do cão é mais estimada que a do porco. Na China ha açougues de carne de cão; o marchante porém, precisa de defender o estabelecimento dos cães das ruas que tentam penetrar em bandos, attraidos pelo cheiro.

Na Asia septentrional confeccionam-se vestidos com o pêllo do cão e diz Brehm que na Allemanha d'elle se fazem bonnets.

Dos ossos e dos tendões d'estes animaes faz-se colla forte; da pelle fina e tenra fazem-se sapatos de casa e luvas; com o pêllo enchem-se colchões; finalmente a gordura serve para untar rodas.

Emprego physiologico.—O cão é um dos animaes que maior consumo tem nos gabinetes dos physiologistas. Com os seus soffrimentos ha muito que elle contribue para os progressos da physiologia. Teriamos de escrever dezenas de paginas, se quizessemos mencionar todas as experiencias feitas n'este animal com o fim de estudar os multiplos problemas da physiologia e da pathologia. Não é, devemos dizel-o de passagem, sem uma visivel magua que o experimentador se decide a utilisar nas suas investigações um tão bello animal. Mas pela sua perfeição organica é um dos que mais resultados positivos pode fornecer á sciencia. Esta consideração e só ella, decide os experimentadores á vivissecção na raça canina, porque em geral os physiologistas não esquecem estas palavras de Littré: «É preciso não derramar sangue caprichosamente, não prodigalisar a dôr; o que interpreta os mysterios da vida deve ter o espirito elevado, a alma misericordiosa e as mãos innocentes.»

Emprego medico.—Todos os medicos da antiguidade descreveram propriedades e virtudes therapeuticas do cão. Desde Esculapio e Hippocrates até Amatus Lusitanus, o cão foi constantemente um objecto de estudos medicos; as idéas então emittidas vieram até nós, encontraram ecco na imaginação popular e constituem um capitulo magnifico no estudo das superstições. Apresentaremos por curiosidade algumas:

Um cão vivo deitado sobre o peito acalma as dôres; aberto e preso á fronte de uma mulher melancolica, cura-a da melancolia;

Cosido e comido com legumes, o cão é remedio contra a phtysica no periodo inicial; mas deve ser ainda de mama e cosido em milho e myrrha;

Se uma mulher, que já teve filhos, se torna esteril, curar-se-ha d'essa esterilidade pelo uso continuado da carne de cão cosida;

Comer os tendões d'este animal é um preservativo contra as mordeduras de outros cães;

As cinzas de um cão queimado curam doenças d'olhos e tingem de negro as sobrancelhas;

A carne salgada de um cão raivoso é remedio contra a raiva;

A cinza do craneo de um cão saudavel faz digerir, cura o cancro, é preservativo contra a raiva e calma todas as dôres quando bebida em agua. A cinza proveniente do craneo de um cão raivoso é boa contra mal de dentes;

O sangue do cão é bom contra a tinha; tomado em alta dose é um contra-veneno universal;

A gordura do cão faz desapparecer as manchas do rosto e torna fecundas as mulheres estereis; mas para obter este resultado é preciso coser o cão inteiro: n'este caso e se o cão é novo, a gordura que sobrenada no liquido é boa para fazer uma pomada efficaz contra as paralysias. Esta mesma gordura, misturada com absyntho, cura a surdez;

O cerebro do cão estendido em linho cura as fracturas de pernas e a cegueira; a medulla cura abcessos;

O baço do cão é remedio efficaz contra o carbunculo e doenças de baço; para produzir este effeito precisa de ser tirado a um cão vivo;

O figado cosido é bom contra a raiva, se provem de um individuo do sexo egual ao do que fez a mordedura;

A bile do cão misturada com mel é um colyrio excellente; tambem serve contra doenças de pelle e, applicado com uma penna, faz desapparecer a gotta;

A pelle do cão é efficaz contra a transpiração dos pés; enrolada trez vezes em torno do pescoço preserva de esquinencias. Um cinto de pelle de cão cura colicas;

O pêllo do cão enrolado em linho e collocado sobre a fronte cura

dôres de cabeça, preserva da raiva e cura-a quando applicado sobre a ferida;

O leite do cão misturado com salitre cura a lepra; misturado com cinza faz crescer os cabellos e facilita os partos laboriosos;

A urina do cão oppõe-se ao crescimento rapido dos cabellos;

Fricionar as gengivas das creanças com dentes de cães é bom para facilitar a dentição;

Deitar no lume o canino superior esquerdo de um cão é remedio excellente contra dôres odontalgicas. O dente reduzido a pó e misturado com mel produz o mesmo effeito;

Com os excrementos do cão faziam-se emplastros preconisados contra os abcessos. Estes mesmos emplastros curavam tambem a esquinencia e a dysenteria.

Notemos que muitos d'estes disparates gozam ainda do favor publico nas povoações ruraes.

ORIGEM DO CÃO DOMESTICO

O cão domestico encontra-se hoje espalhado por toda a superficie da terra, como companheiro inseparavel do homem. Em parte alguma porém se encontra no estado selvagem. Desde quando data a sua domesticação? Qual é a sua origem? Eis dois problemas que todos os naturalistas investigam.

Encontram-se testemunhos da presença do cão nos mais antigos monumentos da China, da India, da Persia e do Egypto. Os livros chinezes consideram este animal como exotico, o que tem levado alguns a conjecturar que elle fosse importado da Asia central, d'onde seria porventura originario. Em todo o caso o que incontestavelmente resulta de todos os testemunhos é que a domesticação do cão remonta á epocha dos primeiros caçadores e dos primeiros pastores.

A questão de origem é muito mais obscura. As tradições mais antigas que se conhecem nada ensinam a este respeito e as observações mais completas e mais conscienciosas são egualmente impotentes para nos illucidar. Emfim reina ácerca d'esta questão uma obscuridade impenetravel. Ha naturalistas que suppoem todos os cães representantes de uma só e mesma especie, outros que, pelo contrario, admittem muitas

especies originarias. Não entreteremos o leitor expondo-lhe longamente as hypotheses emittidas sobre a questão, por isso que não existem observações directas que confirmem umas ou outras.

VARIEDADES DO CÃO DOMESTICO

O MASTIM

O mastim é um cão corpulento, de pêllo curto e de orelhas incompletamente caídas. Buffon escreve ácerca d'este animal: «A cabeça é alongada e a fronte é achatada; as orelhas são pequenas, rectas desde a origem até cerca de metade do seu comprimento e o resto pendente. As pernas são compridas, nervosas e grossas. O corpo é alongado e de uma grossura proporcional ao talhe. A cauda recurva-se em cima e forma um arco cuja extremidade livre é voltada para diante. Os mastins teem ordinariamente o pêllo mais comprido no pescoço, no ventre, por traz das coxas e na cauda do que no resto do corpo, em que é muito curto. Estes cães são de côres muito differentes, taes como o branco, o cinzento, o ruivo, o trigueiro, o negro, etc.» [1]

[1] Buffon, *Histoire Naturelle,* t. v, pg. 239.

APTIDÕES E EMPREGO

Estes cães teem um caracter pouco docil e são, por isso mesmo, excellentes guardas que se empregam quer para defender as habitações, quer para velar pelo gado.

O CÃO DINAMARQUEZ

O cão dinamarquez é um mestiço do galgo e do mastim.

CARACTERES

«O cão dinamarquez, diz Brehm, é um grande e bello cão de formas nobres; as pernas são finas, as orelhas estreitas e curtas, um pouco pendentes, os olhos grandes, gazeos ou brancos, a cauda lisa, o focinho ponteagudo e o nariz roseo. A côr é um mixto de trigueiro, de pardo de rato e de negro. O manto é de ordinario mosqueado de manchas negras, redondas e muito regulares, o que lhe tem valido algumas vezes o nome de *cão tigrino*. O peito e o pescoço anteriormente são sempre esbranquiçados.» [1]

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 389.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

É raro em França e na Allemanha, mas vulgar na Dinamarca, na Russia e na Inglaterra, onde é o companheiro fiel dos cavallos.

APTIDÕES E EMPREGO

É fiel, docil e vigilante. Outr'ora era empregado na caça de animaes ferozes; hoje é apenas um cão de guarda, certamente o mais bello e o mais corpolento. Ha quem affirme ter visto cães d'estes da altura e proporções de um jumento.

O CÃO DE FILA OU MOLLOSSO

O cão de fila caracterisa-se essencialmente pelo tamanho da cabeça que é de proporções enormes e pela grossura dos beiços mais ou menos pendentes. O focinho d'este cão é curto, grosso e chato, o nariz incurvado para cima e fendido, o peito largo, a cauda geralmente levantada e recurva, as orelhas arredondadas, compridas e pendentes. O pêllo é muito curto e basto. A côr do manto é geralmente o trigueiro, sendo o focinho, os labios e a extremidade das orelhas negros.

O tamanho d'este cão varía muito; no entanto podemos avaliar a media das proporções no adulto, dando oitenta centimetros ao comprimento, sessenta e cinco á altura e trinta e seis á cauda.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A Irlanda parece ser a patria d'este famoso cão; é pelo menos ahi, segundo Brehm, que se encontram as melhores raças.

APTIDÕES E EMPREGO

O cão de fila ou mollosso é pezado, tem a marcha pouco rapida e de pouca duração. É porém dotado de uma força extraordinaria e de uma coragem assombrosa. Estas salientissimas qualidades fizeram com que no começo d'este seculo os inglezes o empregassem em combates contra toiros, ursos e leões; soltavam-se nos circos trez mollossos contra um urso e quatro contra um leão.

Não é tão intelligente como a maior parte dos outros cães, mas não pode dizer-se que seja absolutamente destituido de qualidades intellectuaes. Não é mao para os individuos da mesma especie; não procura combates, supporta os arremeços dos cães pequenos e é dotado de uma extraordinaria paciencia. Dir-se-hia que tem consciencia da propria força e que é generoso como todos os valentes. Se um cão o incommoda demais limita-se geralmente a atiral-o por terra e a poisar-lhe vigorosamente uma pata sobre o ventre, para lhe mostrar que é capaz de contel-o em respeito.

O mollosso é fiel ao dono, mas perigosissimo para os estranhos especialmente se contra elles o instigam. É um guarda excellente das nossas propriedades; emprega na defeza do que entregam á sua vigilancia uma coragem que vae até ao sacrificio da propria vida. É um preciosissimo companheiro de viagem em regiões perigosas e suspeitas; tem-se visto muitas vezes um cão de fila defender o dono contra cinco e mais salteadores, saindo d'esta lucta desegual coberto de feridas, mas victorioso. É um guarda excellente do gado grande; doma o toiro mais selva-

gem: atira-se-lhe n'um momento favoravel ao focinho e fica suspenso d'elle até que o toiro lhe obedeça.

Adestra-se facilmente este cão para a caça do lobo, do urso, do javali, e mesmo do leão. É por isso muito estimado pelos povos que vivem em regiões habitadas por estas feras.

O CÃO DE FILA DO THIBET

Os antigos conheceram este cão. Os gregos e romanos descreveram-o minuciosamente e fallaram com admiração dos seus combates com o javali e o leão.

Marco Polo que primeiro nos descreveu este animal, apresenta-o «volumoso como um jumento.» Alguns viajantes desmentiram logo depois esta asserção que todavia se encontra hoje plenamente confirmada. Encontramos a explicação d'estas dissidencias na determinação do volume do animal, nas palavras seguintes de Brehm: «O cão do Thibet degenera rapidamente á medida que desce das suas asperas montanhas e caminha para climas mais suaves.» [1]

CARACTERES

É um famoso cão, grande, magestoso, de aspecto medonho. O tronco e os membros são fortes e vigorosos, a cauda é coberta de pêllos longos e levantada. Tem as orelhas pendentes e o beiço superior levantado adiante e caido aos lados. Um sulco que vae do angulo da bocca á extremidade do focinho e se junta a um outro sulco que desce obliquamente sobre a face, dá-lhe á physionomia um aspecto terrivel.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 404.

Este cão é o maior da especie. O pêllo é negro, longo e sedoso; o focinho é amarellado.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Vive nos platós do Himalaya.

APTIDÕES E EMPREGO

No seu paiz este cão passa por ser tão util como obediente. Encontra-se em todas as aldêas do Thibet onde guarda as casas e os rebanhos. Algumas vezes todos ou quasi todos os homens de uma aldêa estão no campo á caça ou se dirigem a Calcuta para onde levam borax, almiscar e differentes perfumes; os cães ficam substituindo-os para proteger as creanças. O capitão Turner que penetrou um dia n'uma aldêa do Thibet, conta o facto seguinte: «Andava eu um dia só vagueando ao longo das paredes das casas e observando que tudo estava silencioso e tranquillo adiantei-me para um cercado de pedras que servia de couto ao gado. Mal tinha transposto o limiar da porta, appareceu-me um formidavel cão, bastante grande para, se a coragem correspondesse ao corpo, pôr em fuga um leão. Com um latido furioso fez-me parar. Lembrei-me então de um dos caracteres da raça; possuira um d'estes cães e sabia que elles são principalmente perigosos quando teem consciencia do receio que inspiram. Conservei-me pois firme. Algumas pessoas sairam fóra de casa e dentro de pouco tempo o meu adversario foi reduzido ao silencio. Se eu tivesse tentado fugir, é muito provavel que o cão se tivesse atirado a mim e me tivesse feito pedaços antes que alguem me viesse em soccorro.»

O BULL-DOG DE RAÇA PURA

O bull-dog *pur sang* tem a cabeça redonda, o craneo elevado, os olhos muito separados, os beiços pendentes, os dentes agudos e terriveis, a bocca larga e bem aberta, as orelhas quasi rectas e pequenas, o focinho negro e curto, o nariz completamente incurvado para cima de sorte que o animal tendo filado uma presa pode respirar á vontade sem a largar, a maxilla inferior projectada para diante, o peito largo, as pernas finas e as patas estreitas e bem fendidas. O pêllo é curto e fino. A côr é muito variavel; uns são brancos, outros negros com malhas brancas ou pardas, outros emfim amarellos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

É muito vulgar na Inglaterra.

APTIDÕES E EMPREGO

Este cão é, até um certo ponto, mao, pouco sociavel e pouco intelligente. É fiel ao dono, mas é preciso para isso que este lhe mostre e lhe faça sentir a sua superioridade; se assim não fôr, ensaia em relação ao homem um procedimento analogo ao que usa para com os outros cães, procedimento hostil e aggressivo. Isto não quer dizer que o bull-dog não tenha uma certa paciencia e generosidade, que são o apanagio dos fortes. Desdenha as ameaças dos pequenos cães e supporta-as impassivel por muito tempo; quando se lhe tornam incommodas de mais, muito persistentes, o bull-dog limita-se a inflingir ao aggressor um pequeno castigo humilhante, como por exemplo agarral-o pela pelle do pescoço e atiral-o á agua. Brehm que presenceou uma scena d'estas, escreve: «Mas o bull-dog, depois de ter contemplado um momento os esfor-

ços do seu pequeno tyranno, vendo que a corrente o arrastava, saltou á agua e salvou-o de uma situação difficil.» [1] Não é possivel, em face de um tal exemplo, negar ao bull-dog a generosidade.

Este cão é de uma força extraordinaria e de uma coragem maior ainda. Não duvida atacar um toiro furioso, um lobo esfomeado, um leão até. Lenz conta que n'uma collecção de feras expostas em Gotha no anno de 1850, um lobo enorme escapára um dia da jaula, no meio do terror dos assistentes. Um bull-dog que o proprietario da collecção possuia e que ao tempo estava tranquillamente deitado, levantou-se espontaneamente e precipitou-se sobre a fera, deitando-lhe os dentes ao pescoço e segurando-a até que o dono preparasse um laço para lançar-lhe. Quando o dono a prendeu para reconduzil-a á jaula, era já tarde; o bull-dog tinha-a estrangulado.

O bull-dog tem as maxillas construidas de modo e com vigor tal que aquillo que uma vez apanhou entre os dentes não o largará mais. Ninguem haverá que não tenha uma ou muitas vezes presenceado o espectaculo de um bull-dog preso pelos dentes a um panno, girando no ar suspenso d'esse panno sem o largar. Todos os possuidores d'estes cães se permittem muitas vezes esta scena curiosa que demonstra a força extraordinaria das maxillas do animal.

O bull-dog é ás vezes uma companhia terrivel. Brehm relata um facto curioso a este proposito. Um rapaz a quem deram um boll-dog entendeu devel-o deitar na noite mesma do dia em que lh'o deram no quarto em que dormia. Na manhã seguinte quando ia a levantar-se, o cão, saltando-lhe para cima da cama, mostrou-lhe os dentes e fixou n'elle os olhos de um modo aggressivo. O pobre rapaz, crendo que o melhor partido a tomar era o de se conservar immovel, adoptou-o e deixou-se ficar por muito tempo na mesma posição. Fatigado porém, tentou novamente levantar-se; a esta segunda tentativa correspondeu segunda ameaça do cão. Emfim de todas as vezes que o desgraçado se movia para erguer-se do leito, o cão revelava-lhe de um modo evidente que se atiraria a elle se levasse a cabo a empreza. E como acontecesse que n'esse dia ninguem visitasse o quarto do rapaz, elle teve de conservar-se vinte e quatro horas de cama, soffrendo fome e, o que mais é, a visinhança do cão, tanto mais hostil e perigosa quanto é certo que tambem elle devia sentir fome e necessidade de a satisfazer. Só no dia seguinte, pela presença do antigo dono, conseguiu libertar-se do inimigo.

O bull-dog, como acima dissemos, não é certamente intelligente; no entanto, alguns ha susceptiveis de apurada educação. Brehm conheceu

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 408.

um ao qual o dono ordenava que fosse buscar um carro. O cão partia a correr até á primeira praça em que estacionavam trens de aluguer, collocava-se diante de um e começava a ladrar. Os cocheiros, que já conheciam o cão, partiam em direcção da casa do dono. Este mesmo cão gostava muito de cerveja da Baviera e distinguia-a perfeitamente de todas as outras.

Na Inglaterra e em França estiveram por muito tempo em uso as luctas de feras nos circos publicos e n'ellas gozava um grande papel o bull-dog.

O CÃO DO MEXICO

«Outr'ora, diz Brehm, uma grande raça de bull-dogs era adestrada n'uma caça infame, a caça ao homem.

«O cão foi para os hespanhoes nas expedições d'estes ao Novo-Mundo, um poderoso auxiliar e isto desde o começo, porque o proprio Colombo deu o exemplo. Nos primeiros combates com os indigenas, o seu exercito compunha-se de duzentos infantes, vinte cavalleiros e vinte cães.

«Os cães foram depois empregados na conquista das differentes partes da terra firme, especialmente no Mexico, em Nova Granada e em alguns outros pontos em que a resistencia do indigena foi mais prolongada.

«No Mexico, conta Oviedo que um d'estes cães, chamado *Bezerillio* (vitello) se tornou celebre. Era um cão de Cuba? Não pode dizer-se ao certo. A denominação que lhe davam attesta a sua força e volume. Sabe-se que o seu pêllo era ruivo com maculas negras em torno dos olhos e do focinho; estes caracteres porém são insufficientes para determinar a raça a que pertencia. A coragem n'este cão era tanta como a prudencia. Era mais estimado que os outros cães e tinha uma ração dupla.

«Arremessava-se a um grupo de indigenas, agarrava um pelo braço e trazia-o comsigo; se o pobre homem obedecia, poupava-o; se, pelo contrario, tentava resistir, derribava-o e estrangulava-o. Este animal contribuiu poderosamente para que fosse ganha a batalha dada ao chefe Mabodomaca.

«Distinguia admiravelmente o inimigo e não attacava os indigenas

que se submettiam.» [1] Estes cães eram temidos pelos indigenas, como facilmente se comprehende.

O CÃO DE CUBA

Existe em Cuba uma outra variedade de cães ferozes, não menos terriveis que os do Mexico.

ORIGEM

O cão de Cuba é um mestiço do mollosso e do bloodhounds. Este cão paga-se nos paizes de escravos da America por altos preços.

APTIDÕES E EMPREGO

«Para vergonha dos tempos modernos, diz energicamente Brehm, empregavam-se ainda em 1798 estes cães para o mesmo fim que os do Mexico, e não eram os hespanhoes mas os inglezes que faziam a caça ao homem.

«Os naturalistas inglezes mal fallam do cão de Cuba; este povo orgulhoso não gosta de desvendar as suas infamias. A verdade porém é esta: os inglezes, hoje tão fogosos adversarios da escravatura, eram outr'ora os mais encarniçados defensores d'ella. Os negros fugitivos da

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 398.

Jamaica tinham-se revoltado, não podiam ser domados pelos meios ordinarios, a revolta crescia e começava a penetrar o medo na alma mercantil dos inglezes; o governo fez conduzir da Havana para a Jamaica um cento de caçadores de negros com os respectivos cães. O general Walpole quiz passar uma revista a estes cães e aos caçadores que eram quasi todos hespanhoes. Acompanhado do coronel Skinner tinha-se dirigido a um logar chamado *Sete-Ribeiras,* onde a parada devia realisar-se. Á chegada d'elles, os hespanhoes em numero superior a quarenta, appareceram no alto de uma colina, formados em linha. Á voz de fogo os caçadores descarregaram as armas. Os cães que estavam alinhados em frente d'elles, em ordem de batalha, sem açamos mas presos por cordas, precipitaram-se para diante furiosos. Tinha-se em vista n'este exercicio, mostrar ao general de que modo se portariam os cães n'um attaque verdadeiro quando recebessem o fogo dos negros inssureccionados. Mal a descarga tinha sido dada, os cães arremetteram no meio dos gritos dos hespanhoes aos quaes arrastavam com uma força invencivel. Alguns d'estes cães, embriagados no calôr da acção, atiraram-se, apesar de retidos por cordas, ás armas dos caçadores, arrancaram-lh'as e partiram-as em pedaços. A impetuosidade dos animaes era tal que a custo foi possivel impedir que saltassem ao pescoço do general. Este achou conveniente subir a toda a pressa para o trem, e mesmo assim foi preciso recorrer a todos os meios de violencia e de repressão para que estes cães sanguinarios não se atirassem aos cavallos. Quando chegou a hora do verdadeiro combate contra os negros fugitivos, a simples apparição dos cães bastou para que os revoltosos, que tinham sustentado com intrepidez os anteriores combates, fizessem acto de submissão.

«Podemos fazer uma certa idéa das atrocidades commettidas n'estas caças ao homem, por factos que desgraçadamente não pertencem a tempos muito remotos. Alguns annos antes que a ilha de S. Domingos fosse arrancada á dominação franceza, a historia do cão ligava-se ainda n'esta famosa região ás mais sanguinolentas da historia do genero humano. Na ultima guerra emprehendida contra os negros revoltados, os brancos empregavam regularmente cães para começarem os combates. Alguns donos de cães levaram mesmo a selvageria até ao ponto de lhes atirarem os escravos, que eram devorados em vida. A educação d'estes cães exigia que os confinassem dentro de uma casa com grades á maneira de jaula. Em quanto novos alimentavam-os com sangue de outros animaes, mas em pequena quantidade. Quando começavam a crescer, mostrava-se-lhes de tempos a tempos por cima da jaula uma figura de negro, feita com bambus entrelaçados contendo no interior sangue e entranhas de animaes. Os cães irritavam-se batendo de encontro ás grades que os retiam em captiveiro, e á medida que a impacien-

cia d'elles crescia, cada vez mais se lhes approximava das grades da prisão a effigie do negro. Entretanto a alimentação era todos os dias reduzida. Por fim atiravam-lhes para dentro o manequim e emquanto elles o devoravam com uma voracidade extrema procurando arrancar-lhe os intestinos, os donos animavam-os com affagos. D'este modo a sua animosidade á vista dos negros desenvolvia-se na medida da sua dedicação pelos brancos. Quando esta educação se reputava completa, eram mandados á caça.

«O desgraçado negro não tinha meio algum de escapar. Em terra, era perseguido e feito em pedaços pelo cão; se procurava refugio sobre uma arvore, era trahido pelos latidos dos ferocissimos cães e caía nas mãos dos donos, mais ferozes ainda. Ás vezes estes cães mal presos, conseguiram evadir-se e então as creanças negras que se encontravam pelas estradas eram attacadas e devoradas n'um momento. Muitas vezes tambem internavam-se nas florestas proximas do logar em que viviam, surprehendiam uma familia de trabalhadores negros na hora de tomarem a sua miseravel refeição, arrancavam o recemnascido aos peitos da mãe ou devoravam mesmo o homem, a mulher e os filhos. Depois voltavam para casa com as boccas horrivelmente manchadas do sangue d'esses pobres negros com cujo trabalho enriquecem os colonos.

«Não ha na historia mais horroroso espectaculo que o do homem servindo-se da intelligencia para depravar os proprios animaes, para inspirar á natureza viva paixões criminosas contra a propria especie. A raça d'estes cães caçadores de homens acabará, devemos esperal-o, com a escravatura que é um resto de selvageria.

«Ainda hoje em Cuba estes cães servem não só para a caça dos bois bravos e para os combates com os toiros, mas ainda para a perseguição dos salteadores, dos assassinos e principalmente dos negros fugitivos.» [1] O naturalista Revoil [2] assistiu a uma expedição d'este genero em que dois cães de proporções colossaes seguiam a pista de uns desgraçados negros.

---

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 393 e seg.
[2] Revoil, *Histoire des chiens*.

O CÃO DE GADO

Pertence ao numero dos cães mais intimamente ligados ao homem e que mais serviços lhe prestam.

CARACTERES

Esta raça distingue-se por uma altura mediana e por um pêllo aspero, disposto em madeixas compridas por todo o corpo, excepto cabeça e patas. São negros ou escuros com o focinho de um amarello fuliginoso. A cauda é guarnecida de longos pêllos, especialmente na face inferior.

APTIDÕES E EMPREGO

É de uma extrema sagacidade e possue uma disposição notavel, hoje innata, para a guarda dos rebanhos. Pouco tempo lhe é preciso para comprehender a significação dos gestos e do olhar do pastor; cumpre com obediencia e paciencia raras a tarefa que lhe é incumbida.

Como justamente observa Franklin «não ha na vida campestre quadro mais pittoresco que o do pastor com o seu cão e o rebanho.» [1] O cão só descança deitando-se aos pés do dono, quando este pára. Se o pastor quer ausentar-se, basta-lhe dar as suas ordens; elle sósinho conterá todo o rebanho. É de vêr então como o bello animal, orgulhoso por substituir o dono, vae e vem e se volta em todos os sentidos e corre e mantem a ordem no rebanho com infatigavel actividade durante horas inteiras!

[1] Franklin, *La vie des animaux*, t. I, pg. 166.

Na America, segundo Darwin, para estabelecer os laços de mais intima affeição entre os cães de gado e os carneiros que elles teem de guardar, fazem-se amamentar algum tempo por ovelhas e desviam-se cautelosamente de todos os cães.

O cão de gado na defeza dos rebanhos leva a sua dedicação até ao sacrificio da propria vida.

O affecto d'estes cães pelo dono é verdadeiramente prodigioso. Costuma citar-se a proposito o caso seguinte, affirmado como authentico. Em 1845 o imperador da Russia fez a um genovez a encommenda de um rebanho de carneiros merinos, encarregando o Dr. Pictet, medico e agricultor muito distincto, de proceder á escolha dos animaes. Comprado o rebanho á custa de enormes sommas, era preciso em fim envial-o ao seu destino, fazendo-o attravessar toda a enorme distancia que vae das margens do Leman ás do mar Negro, por caminhos perigosos e maus. No momento da partida reparou-se que faltava uma coisa essencial, indispensavel: o cão. O doutor lembrou-se de que tinha um capaz de levar a empreza a cabo, mas repugnava-lhe a idéa de separar-se do seu amigo, do seu companheiro fiel. Que fazer porém, se não havia tempo a perder? Com magua, como facilmente se prevê, mas ao mesmo tempo com a coragem que ás vezes inspiram as situações difficeis, o doutor chamou o cão e ordenou-lhe que acompanhasse o rebanho. O pobre animal, como se presentisse a distancia que o separaria do dono, obedeceu e partiu cheio de tristeza. O sacrificio do medico fôra enorme; não o abandonava a idéa tristissima da partida do seu cão. No entanto os dias passavam e o tempo ia lentamente produzindo os seus naturaes effeitos: desvaneciam-se no espirito do medico as saudades do bom e leal amigo. Um dia quando já ninguem, nem o proprio facultativo, se recordava do cão, avistaram os creados da casa um animal n'um supremo estado de miseria e de magreza: era por assim dizer o esqueleto de um cão que se dirigia tremulo para a casa. O aspecto d'este animal era tão horroroso que os creados, a despeito dos queixumes que soltava, procuraram desvial-o. Passadas horas, o doutor, que estava no campo, ao voltar para casa, viu arrastar-se para elle o pobre quadrupede informe que veio lamber-lhe os pés, soltando gemidos surdos. Ao principio repelliu-o tambem; mas reflectindo, examinou-o, verificou n'elle a existencia de signaes particulares, chamou-o pelo nome. O animal então, tentando levantar-se sobre as patas posteriores, soltou um latido que mais parecia um queixume e caiu exhausto de fadiga, de fome, de commoção talvez. O medico soccorreu-o desveladamente, tratou-o, salvou-o em fim e, como é de suppor, desde então mais intimos se tornaram os laços de estima entre o doutor e o sympathico animal. E em verdade o pobre cão percorrêra mais de metade da Europa sem outro guia que não fosse o seu

prodigioso instincto, sem outros recursos mais que os do acaso, attravessára rios, transpozera montanhas, e tudo no intuito exclusivo de encontrar o seu velho companheiro, o seu amigo!..

O CÃO DE S. BERNARDO

Assemelha-se aos bellos cães do Thibet pelo pêllo e pelas dimensões. Tem-se investigado muito a origem d'esta raça, diversificando notavelmente as opiniões a este respeito. Como quer que seja os de pura raça são raros e não se obteem por preço algum; os padres do convento não os vendem. Por isto se vê que é impossivel ajuizar d'estes cães pelos que vêmos entre nós com o nome de cães do monte S. Bernardo; estes ou não vieram de lá, ou não são *pur sang*.

«Os cães de S. Bernardo, diz Tschudi, são grandes animaes notaveis pela força, pelos longos pêllos sedosos, pelo focinho curto e largo, pela sagacidade e fidelidade. Durante muitas gerações successivas o typo tem-se conservado intacto e o mesmo sempre; mas teem morrido tantos pelas avalanches e pelos perigos de toda a ordem a que estão expostos, que se acham proximos de extinguir-se. A patria d'estes cães é o convento de S. Bernardo, situado na encosta de uma montanha excessivamente triste. O inverno dura ahi oito ou nove mezes consecutivos, durante os quaes o thermometro desce muitas vezes a 27.° Reaumur; a agua mesmo no estio gela ahi todas as noites. Não se gozam lá durante um anno dez dias exemptos de tempestade, dos turbilhões de neve e dos lugubres nevoeiros. A temperatura media é n'estas paragens inferior á do Cabo Norte. Só de verão se vêem cair grossos flocos de neve; de inverno são palhetas de gelo tão finas, tão leves, tão miudas que arrastadas pelo vento penetram pelas mais estreitas fendas das portas e das janellas. A tempestade vae-as amontoando, principalmente nas visinhanças do convento onde chegam a formar muralhas movediças de vinte e trinta pés de altura, cobrindo os caminhos e os precipicios e sempre proximas a despenharem-se em avalanches ao mais ligeiro abalo que as agite. Esta encosta só no verão, pelo tempo sereno, pode subir-se sem perigos; nos tempos de tempestade ou de inverno, quando o

gelo cobre as fendas dos rochedos e os barrancos, apresenta ao viajante estrangeiro caminhos tão perigosos como fatigantes. Todos os annos a montanha parece exigir, como os deuses da antiguidade, um certo numero de victimas. Umas vezes é uma avalanche que esmaga um peregrino; outras vezes é elle que cae na fenda do rochedo, que se envolve no gêlo, que se perde no caminho e morre de fome e de fadiga n'um logar deserto; ás vezes em fim succumbe a um somno de que se não desperta mais, porque todos os que viajam n'estas alturas por um grande frio ahi experimentam quasi geralmente uma irresistivel necessidade de dormir. O frio, a fadiga, a solidão, a monotonia do logar paralysam a actividade cerebral. O sangue pára nos vasos capillares e a circulação retarda-se em todo o corpo até que cessa absolutamente, primeiro nos membros e depois no cerebro; o desgraçado morre então em meio de um somno suave e tranquillo. Só uma vontade muito energica pode oppôr uma resistencia efficaz a este entorpecimento fatal que surprehende o viajante nas posições mais differentes; os padres do convento encontraram em 1829 um homem em meio do caminho, direito, de bengala na mão e com uma perna levantada, parecendo viver e andar e que todavia estava morto e gelado.

«Sem a actividade christã e a dedicação dos monges do monte S. Bernardo, esta passagem não seria praticavel senão durante algumas semanas por anno. Desde o seculo VIII que estes monges se consagram á segurança e salvação dos viajantes, serviço que custa cêrca de cincoenta mil francos annuaes e que para quem o recebe é gratuito. As grandes construcções de pedra em cujo interior o fogo hospitaleiro não cessa um momento, podem receber simultaneamente alguns centos de pessoas e conter provisões necessarias para esta numerosa população.

«Mas o que o convento offerece de mais raro e de mais interessante é o serviço de segurança em que os cães representam os principaes papeis. Todos os dias dois creados do claustro visitam as passagens mais perigosas, um pela parte superior do monte, outro pela inferior. Nas occasiões de tempestade ou na epocha das avalanches este numero é triplo, alguns religiosos se juntam aos creados, acompanhados de cães e munidos de pás, de varas, de paviolas, de sondas e de bebidas excitantes. Se apparece algum signal suspeito, seguem-o sem descanço, observando de perto os cães adestrados em conhecer a pista do homem. O instincto d'estes cães leva-os além d'isso a emprehenderem espontaneamente grandes excursões pelas quebradas e precipicios da montanha. Se encontram um homem gelado, voltam ao convento correndo com extraordinaria velocidade, ladram com toda a força e conduzem os padres até ao logar em que se encontra o desgraçado. Se encontram uma avalanche, farejam-a longo tempo para se certificarem que debaixo d'ella não existe sepultado

um homem; mas se descobrem algum vestigio humano cavam com as patas musculosas armadas de unhas de extraordinario vigor até que tenham descoberto o viajante enterrado. Se o não conseguem, vão procurar auxilio ao convento. Geralmente trazem preso ao pescoço ou no dorso um pequeno cesto com alimentos, uma cabaça com vinho e uma manta de lã. O numero de individuos que salvam é consideravel e registra-se nos annaes do convento. Um d'estes cães, por nome *Jupiter*, que viveu em 1830, fazia notar-se pelas dimensões gigantescas e pela intelligencia mais perspicaz ainda que a dos companheiros. Entre as pessoas a quem salvára a vida citavam-se uma mulher nova ainda e um filho. O cão vira que os viajantes tinham passado perto do convento e partiu-lhes immediatamente no encalço. Pouco tempo passado, a ausencia do animal foi notada por um dos religiosos que, seguindo-lhe a pista, foi encontral-o n'um logar perigoso, por cima de um precipicio em que a pobre mulher e o filho estavam a ponto de morrer.

«Um outro cão salvou um homem por modo que revela uma grande intelligencia. O animal acompanhava um viajante que foi colhido por uma avalanche, ficando enterrado no gelo só com a cabeça de fóra. O cão fez primeiro todos os esforços possiveis para desembaraçar o desgraçado; mas como o gelo fosse durissimo, nada conseguiu. Começou então a ladrar com toda a violencia, olhando ao mesmo tempo anciosamente em todas as direcções. Ninguem respondia ao afflictivo appelo; deitou então a correr com toda a velocidade, não na direcção do convento, mas de uma aldêa menos affastada do logar da catastrophe. Vendo-o só, os habitantes pensaram que alguma desgraça tinha succedido; de resto, a agitação do animal revelava-o bem. Seguiram-o e salvaram o viajante que esperava soccorros cheio de confiança.

«Mas de todos estes cães, o mais celebre foi o famoso *Barry* a cuja fidelidade e coragem deveram a vida mais de quarenta pessoas e cujo zelo era realmente extraordinario. Se de longe se annunciava tempestade ou queda de neve, nada havia que podesse retel-o no convento; tornava-se inquieto, ladrava, visitava e cavava sem descanço os logares mais perigosos e mais temidos. O feito mais commovente d'este cão durante doze annos de serviço é muito conhecido:—Encontrou um dia n'uma grutta de gêlo uma creança perdida, meio gelada e entorpecida já pelo somno que é precursor da morte. Então começou a lambel-a, a aquecel-a até a despertar; depois por caricias e affagos fez comprehender á creança que devia montar-lhe sobre o dorso e agarrar-se-lhe ao pescoço. E assim entrou triumphante no convento, carregado com o precioso fardo.

«Este cão que estava no convento ao tempo da passagem do exercito francez em 1800, tinha, dizem, o habito singular de exigir dos sol-

dados, que encontrava isolados, que collocassem as espingardas em posição de *braço armas,* impedindo-lhes a passagem em quanto o não faziam.

«Um dia recusou-se obstinadamente a attravessar um sitio perigoso por onde o frade que o acompanhava queria fazel-o passar; em vez de obedecer, ladeou dando uma grande volta. O frade entendeu conveniente imital-o, e fez bem, porque momentos depois uma avalanche cobriu todo o caminho que o instincto de Barry lhe fizera evitar.

«Cita-se ainda o caso de trez soldados francezes que, tendo-se perdido ao anoitecer entre o gêlo, seguiam uma direcção que os affastava do convento e devia conduzil-os a uns rochedos innacessiveis; Barry viu-os, attraiu-lhes a attenção pelos latidos e fez-se seguir por elles, salvando-os assim.» [1]

Este extraordinario cão foi morto violentamente com uma paulada na cabeça por um viajante que, vendo-o dirigir-se para elle com a bocca aberta, se julgou em perigo. O pobre animal pagou com a vida a sua dedicação pela nossa especie. Foi embalsamado e conserva-se no museu de Berne. Este famoso cão foi depois de morto objecto de muitos escriptos em prosa e verso consagrados á descripção dos seus feitos mais notaveis.

Como tivemos já occasião de dizer no começo d'esta descripção, os cães de S. Bernardo não saem do convento e suas circumvisinhanças, não são dados nem vendidos por dinheiro algum aos viajantes. Conheço alguem que offereceu por um recemnascido duzentos mil reis e que o não obteve. De resto, sabe-se pelo exemplo de alguns que n'outro tempo vieram a Inglaterra e á Allemanha, que elles perdem pela mudança de condições de existencia, a maior parte das qualidades que na sua patria os tornam justamente notaveis.

---

[1] Tschudi, *Les Alpes*, pg. 719.

O CÃO DA TERRA NOVA

Quando em 1622 os primeiros colonos inglezes se estabeleceram na Terra Nova não encontraram ahi cães. Vem pois naturalmente ao espirito ésta pergunta: d'onde provem a magnifica raça de cães que habitam hoje essa região? Accumulam-se nos auctores as hypotheses que procuram responder á interrogação; no entanto a verdade é que nada existe de averiguado e que é por isso inutil e fóra do nosso intuito encher paginas com a exposição de conjecturas.

CARACTERES

O cão da Terra Nova é grande e bello; tem a cabeça larga e comprida, o focinho grosso, as orelhas de um tamanho regular, pendentes e o pêllo muito comprido. O peito é largo, o pescoço grosso e vigoroso, as pernas altas, musculosas e cobertas de pêllo comprido, basto, sedoso quasi; a cauda é extensa, ramalhuda e caída. Os dedos das patas são ligados por um prolongamento da pelle, disposição esta que explica a tendencia invencivel d'este cão a penetrar na agua. A côr do manto é muito variavel; relativamente a ella uns são negros com manchas fuliginosas por cima dos olhos, no focinho e nas pernas, outros negros e brancos, alguns emfim brancos e castanhos.

O verdadeiro cão da Terra Nova raras vezes excede oitenta a oitenta e cinco centimetros de altura, tem o corpo comprido, o peito largo e um focinho que recorda o do raposo. O que n'esta famosa raça se nota é a evidente proporcionalidade de todas as dimensões dos seus representantes, que são animaes de uma extrema elegancia.

Os cães vulgarmente designados pelo nome de cães da Terra Nova, esses que a cada passo encontramos nas ruas e nas casas são o producto de um cruzamento com o mastim. São menos sagazes, menos activos e de um humor mais indisciplinado que os da raça original. Attingem muitas vezes noventa a noventa e cinco centimetros de altura.



1. O Galgo de Hungria.__2. O Terra Nova.

Magalhães & Moniz, Editores

APTIDÕES E EMPREGO

«O terra-nova, diz Brehm, é muito procurado e com justa razão, porque n'elle as qualidades moraes estão á altura da belleza.» [1]

É illimitada no terra-nova a dedicação pelo dono. É intelligentissimo e susceptivel da mais refinada educação.

É tambem o melhor dos cães aquaticos. Nada e mergulha com perfeição extrema e por prazer, parecendo que é a agua o seu verdadeiro elemento, o seu meio proprio. Ha observações que provam ser possivel a este cão nadar muitas horas seguidas. Umas vezes segue as vagas, a corrente dos rios, outras vezes nada em sentido opposto. Um dos seus grandes prazeres é apanhar objectos que caem á agua e trazel-os na bocca ao dono. «Nada ha, diz Brehm, mais divertido que o espectaculo de um bom nadador com o seu terra-nova. O cão vae possuido de uma alegria extrema e esforça-se por o manifestar: faz mil voltas, nada ora adiante ora atraz do dono, mergulha por baixo do corpo d'elle procurando sustental-o, brinca emfim como se estivesse em terra; e quando ao cabo de um certo tempo, o homem fatigado volta para terra, o cão desafia-o ainda para um novo exercicio.

«Comprehende-se facilmente de quanta utilidade podem ser estes cães á beira do mar. Ha centos de pessoas que devem a vida á coragem e á força extraordinaria d'elles; muitos navios ha que os teem constantemente a bordo, porque em casos de perigo elles podem salvar toda a equipagem, do que ha exemplos.

O *Durkam*, paquete de Sunderland, naufragára nas costas de Norfolk, perto de Clay. A equipagem e os passageiros só podiam ser salvos estabelecendo uma amarra entre o navio e a terra; a costa porém, era muito distante para que podesse lançar-se para lá uma corda e a tempestade muito violenta para que qualquer marinheiro se atrevesse a prestar aos companheiros de infortunio o perigoso serviço de levar a corda para terra. Felizmente para estes naufragos, havia a bordo um cão da Terra Nova; a elle foi confiada a aventurosa empreza. Metteram-lhe na bocca uma das extremidades da corda de salvação e o animal lançou-se ao mar no meio do fragor terrivel das ondas que se quebravam umas contra as outras. Tinha vencido já uma grande parte do trajecto quando as forças

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 45.

começaram a abandonal-o, sem que todavia largasse a extremidade da corda que lhe fôra confiada.

Dois intrepidos marinheiros que ao tempo se encontravam na costa, tinham admirado os preserverantes esforços d'este cão; viram a sua rara coragem e não vacilaram em expor-se elles proprios para o soccorrerem. Chegaram perto d'elle no momento mesmo em que ia succumbir, tomaram a corda que trazia entre os dentes, ajudaram-o a ganhar a costa e poderam então salvar-se nove pessoas que durante toda esta manobra tinham desesperado já de viver. Se o cão não tivesse poupado aos dois bravos marinheiros a maior parte do trajecto, ter-se-lhes-hia tornado impossivel attravessal-o duas vezes, indo e voltando, e todos os viajantes teriam morrido.» [1]

Para contar os casos d'este genero e analogos em que o cão da Terra Nova representa o verdadeiro e nobre papel de salvador da nossa especie seria necessario escrever um grosso volume. O que pode dizer-se em resumo é que o terra-nova tem por instincto a salvação dos naufragos e que, para satisfazel-o, nem o egoismo tem de inquirir se a sua propria vida correrá risco imminente ou não. Este instincto é tão forte que por elle o generoso cão esquece mesmo todos os sentimentos de rancor que muitas vezes tem o indiscutivel direito de manter em relação ao homem e a outros animaes. É assim que se refere o caso de cães d'esta raça tendo salvo a vida aos donos momentos depois de terem sido por elles espancados; egualmente se contam historias em que o terra-nova é o salvador de cães com que tem vivido longo tempo em relações hostis.

Se isto não é sentimento elevado, não sei então o que seja este predicado. Os que vêem no instincto uma cega impulsão irresistivel e inferior, que me expliquem o que ha no sentimento da maioria dos homens de superior a estes factos.

Tudo isto explica e justifica a estrophe de Byron inscripta no monumento que o grande poeta fez levantar á memoria do seu terra-nova:

Adieu, mon pauvre chien, ami le plus fidèle,
Défenseur le plus sûr, caressant, plein de zèle,
Cœur loyal! ton seul maître avait toute ta foi,
Pour moi seul tu vécus et tu mourus pour moi.

Estes celebres versos são precedidos de uma outra inscripção que

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 450.

diz assim: «Estão sepultos aqui os restos de um ser que possuiu belleza sem orgulho, força sem insolencia, coragem sem ferocidade, n'uma palavra, todas as virtudes do homem sem os seus vicios. Este elogio, que seria uma baixa lisonja, se fôra inscripto sobre cinzas de um homem, não é mais que um justo tributo á memoria de *Boatswain*, cão que, nascido na Terra Nova no mez de Maio de 1803, morreu em Newstead-Abbey em 18 de Novembro de 1808.»

OS GALGOS

Caracterisam-se estes cães pelo esguio das formas. As pernas são altas e finas, a cauda é longa, delgada, ligeiramente curva, as orelhas são dirigidas para traz, tendo sómente a extremidade caida. A cabeça é estreita e o focinho ponteagudo.

O que n'estes cães não deixa de fazer-se notar é a largura do peito em opposição com a estreiteza de todo o corpo. Esta disposição anatomica especial basta para indicar que o animal é admiravelmente adaptado para a corrida.

A magreza dos galgos é em geral extraordinaria; na phrase de Brehm «parecem preparações anatomicas.»

O pêllo é curto, denso e luzidio; ha no entanto variedades em que o pêllo é longo. Em geral a côr é uniforme; os maculados são rarissimos e além d'isso mais ou menos monstruosos.

QUALIDADES, APTIDÕES E EMPREGOS

A vista e o ouvido são nos galgos muito perfeitos. O olfato porém, se o compararmos ao dos outros cães, é pouco desenvolvido, o que se explica perfeitamente pela circumstancia de que as azas do nariz não encontram no focinho estreito e ponteagudo logar para se desenvolverem

e não podem os nervos olfativos espalhar-se por uma tão grande superficie como nos outros cães.

Os costumes dos galgos distinguem-os, tanto como as suas formas, de todos os demais cães. São animaes profundamente egoistas. Pouca dedicação manifestam pelo dono. Recebem as caricias que lhes fazem com grande prazer e impacientam-se, encolerisam-se á minima contrariedade. São tambem orgulhosos. Sob a influencia das emoções, o coração batelhes com violencia e todo o corpo lhes treme. De ordinario logo que o dono morre, deixa-se levar pelo primeiro que chega sem manifestar a mais ligeira saudade. Como isto differe da dedicação dos cães que vivem sobre o tumulo dos donos, sem lhes abandonarem os cadaveres, sem os esquecerem, recusando-se muitas vezes a comer, deixando-se succumbir á fome e ao frio nos cemiterios!

O procedimento dos galgos em relação aos outros cães é o mesmo que em relação ao homem. Em geral são-lhes indifferentes; mas se ás vezes um combate se trava, são os galgos sempre os que dão a primeira dentada. Apesar de delgados, são vigorosos; de resto, a altura é-lhes uma condição favoravel. Podem com toda a facilidade agarrar o adversario pela nuca, levantal-o e sacudil-o até o atordoar completamente.

Apesar de todos os seus defeitos, estes cães são estimados e apreciadissimos no interior da Africa e da Asia, porque se adestram muito facilmente para a caça.

OS BAIXOTES

Os baixotes caracterisam-se pela existencia de pernas muito curtas proporcionalmente ao tronco. Podem n'elles distinguir-se dois grupos: os baixotes de pernas direitas e os de pernas recurvas. São cães singularissimos.

CARACTERES

Teem o corpo alongado, a cabeça volumosa, o focinho forte, a dentição robusta, as orelhas pendentes e compridas, as patas, como dissemos, muito curtas, as unhas compridas e os pêllos curtos e lisos.

Nas patas anteriores a articulação radio-carpica é recurvada para dentro de modo que as duas patas se tocam na linha media e depois se curvam para fóra. Nas patas posteriores encontra-se um tuberculo, munido de unha, substituindo um dedo.

A cauda é espessa na raiz e fina na extremidade; o cão raras vezes a mantem em posição horisontal, mas antes, de ordinario, levantada e recurva para diante.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Crê-se geralmente que a Hespanha é a patria dos baixotes.

São muito vulgares em França e na Allemanha. Os de este ultimo paiz caracterisam-se pelo extremo comprimento das orelhas que chegam ao chão.

APTIDÕES E EMPREGO

São os baixotes, apesar de pequenos, fortes e corajosos. Teem o ouvido fino e o olfato apurado. Educam-se facilmente; são intelligentes, fieis, carinhosos, pacientes e vigilantes. Estas boas qualidades porém são compensadas por defeitos importantes: os baixotes são ardilosos e ladrões. Quando caminham para a velhice tornam-se maos; chegam a rosnar e a mostrar os dentes ao proprio dono. Não podem tolerar os outros cães e dão-lhes combates, mesmo aos de maiores proporções.

Os baixotes adestram-se para toda a especie de caça, em que são notabilissimos. N'aquella em que frequentemente são empregados é na

dos animaes que vivem subterraneamente; tornam-o propriissimo para este exercicio a pequena estatura e a força e vigor das unhas. Todas as vezes que o cão saír de uma toca, onde penetrou para caça, é util que o dono o acaricie, porque d'este modo crescerá no animal o desejo de continuar n'este exercicio.

O PERDIGUEIRO

«O cão, diz Brehm, era já um auxiliar do caçador quando as flexas não existiam ainda e eram os falcões empregados em apanhar a caça no ar; o cão já a esse tempo procurava a pista das aves, seguia-a e obrigava-as a levantarem-se. Quando o caçador armado de um arcabuz, era obrigado a atirar descançando a arma, ensinou os cães a ficarem immoveis e firmes desde que, depois de seguir a pista de uma peça de caça, se encontrassem proximos d'ella. Na edade media o cão achava-se ensinado a deitar-se sobre o ventre sem se mover depois; desde porém que as espingardas se aperfeiçoaram no sentido de mais facilmente se carregarem, o caçador pôde prescindir de que o cão se deitasse esperando que elle fizesse fogo.» [1]

O que acabamos de transcrever explica as duas denominações francezas, antiga e contemporanea, do cão de caça: *chien courrant* e *chien d'arrêt*.

CARACTERES

O perdigueiro têm uma estatura mediana e é fortemente e vigorosamente constituido; o focinho é comprido e espesso, o nariz muitas vezes fendido e as orelhas largas, compridas e pendentes.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 414.

O pêllo varia de comprimento, segundo as raças. O manto é de cores muito variadas: umas vezes preto com malhas brancas, outras vezes trigueiro, outras branco com malhas fuliginosas, etc.

É muito vulgar o costume de cortar a cauda a estes cães para que não espantem a caça, agitando-a.

QUALIDADES

O perdigueiro torna-se notavel pela prudencia, pela facilidade com que se educa e sobretudo pelo instincto que irresistivelmente o impelle para a caça. Pelo olfato, que é apuradissimo, conhece a caça a distancia.

Um perdigueiro *pur sang*, educado por um caçador que saiba sel-o, é nos exercicios venatorios um verdadeiro objecto de admiração, tanta é a intelligencia que revela e a obediencia que ao caçador manifesta.

«Observemos, diz Diezel, um d'estes cães bem exercitado, de trez a quatro annos de edade. Caminha investigando de todos os lados, com o nariz no ar, aspirando ora da esquerda, ora da direita; de quando em quando pára, olha para o caçador e espera que um signal qualquer lhe indique de que lado é que deve fazer as suas investigações.

«Se sente a caça, cessa immediatamente de remexer a cauda, fica immovel como uma estatua ou approxima-se rastejando; volta a cabeça para o lado do caçador para certificar-se de que elle o viu e de que avança.

«Algumas vezes mesmo, se nos logares de hervas altas ou nas florestas o dono não pode vêl-o, abandona por um instante a caça e vae procural-o. Poucos são no entanto os cães que assim procedem; os que vi assim eram todos velhos.

«Mas onde claramente se revela a obediencia do perdigueiro é nos casos em que este cão, novo ainda e ardente, vê cair a caça ao pé d'elle sob o chumbo do caçador e não se atreve a tocar-lhe, nem a apanha mesmo senão quando o dono o ordena.

«O mais difficil de obter de um cão, é que, a despeito dos impulsos naturaes, não persiga todas as lebres que passam por diante d'elle. Para chegar a isto, o cão precisa de luctar contra o instincto; consegue porém dominar a natureza. Fica um quarto d'hora diante da toca de uma lebre, mas se ella foge, não a perseguirá nem a surprehenderá ou estrangulará na toca; a lebre pode passar-lhe ao pé do nariz, entrar-lhe, por assim dizer, na bocca, que elle não a apanhará.

«Poder-se-hia crêr que este cão é um indifferente, que a lebre não o attrae. É um engano; não é indifferença o que elle manifesta, não é ausencia de paixão, é a obediencia, é o receio de um castigo que o retem. A arte domina a natureza.

«Sob o olhar attento do caçador, o cão conserva-se submisso e obediente; deixae-o só, abandonado a si mesmo ou acompanhado por alguem que lhe não preste attenção e vereis como a paixão se manifesta n'elle. Em quanto se educa, o cão que principia a obedecer ao dono, pratica muitas irregularidades quando se affasta d'elle.

«O ardor com que o perdigueiro persegue a caça é com effeito notavel. Ás vezes, porque não ouve nem os assobios nem a voz do caçador, é ferido pelo chumbo dos tiros; pois nem assim abandona a perseguição. No momento em que é ferido faz ouvir uns ganidos de dôr, mas continúa a caça; quando o ferimento é grave, vê-se obrigado a suspender, mas ainda uma hora não é passada, mal curado ainda, se uma lebre lhe passa ao pé, precipita-se sobre ella com a mesma paixão.»

Por aqui se vê que somma de esforços um perdigueiro precisa de fazer para, em obediencia ao dono, deixar de perseguir uma peça de caça.

«Um dos espectaculos mais interessantes, continúa o naturalista de quem extractamos a precedente noticia, é o de um perdigueiro que se approxima de perdizes que farejou. Quando não ha vento e não sabe, por isso, ao certo onde as perdizes se encontram escondidas, principia a descrever em torno da presumida toca das aves, grandes circulos que se cruzam; por fim descobre-as e cae na posição caracteristica dos cães em face da caça.

«Para procurar a caça n'um campo de trigo, o perdigueiro não precisa de n'elle penetrar; basta-lhe caminhar ao longo d'elle pelo lado opposto ao do vento.

«No começo do estio passeava eu um dia no campo acompanhado por alguns amigos que queriam mostrar-me as aptidões dos seus cães. As terras estavam cobertas de cultura e eu perguntava a mim mesmo como seria possivel observar os trez cães em exercicio. A resposta não se fez esperar. Nos campos de aveia, de cevada, de batatas em que a producção estava ainda atrazada, os cães passavam procurando a caça em todas as direcções; desde o momento porém, em que chegavam a um campo de centeio ou de trigo, o seu procedimento era outro: não corriam por um e outro lado, como nas terras onde a herva era curta, mas caminhavam só ao longo do rego exterior, collocando-se contra o vento para receberem as emanações da caça. Manifestei o meu espanto e perguntei como fôra possivel ensinar os cães a distinguirem as culturas umas das outras; responderam-me que fôra facil, que bastára tel-os

levado em alguns passeios e ter-lhes prohibido que penetrassem nos campos de hervas altas, tanto para evitar o desagrado dos proprietarios, como para ter sempre os cães sob a vista.

«Tive um perdigueiro que dava provas de um raciocinio quasi humano. Ao voltar da floresta, passava eu sempre perto de um pequeno lago onde na epocha da arribação, na primavera e no outomno, vinham poisar gallinholas. O meu cão sabia isto. Corria adiante de mim uns mil passos ou mais e parava em frente das gallinholas, voltando a cabeça para vêr se eu me dirigia para a lagôa ou se proseguia o meu caminho. Em quanto podia esperar que eu atirasse ás gallinholas, conservava-se immovel, com os olhos fixos em mim; se eu passava sem parar, elle levantava a ave e depois abandonava o lago e não proseguia a caça. Mais de vinte vezes o vi proceder assim e muitos dos meus amigos foram testemunhas do facto.

«Muitas vezes vi os meus cães em meio da carreira pararem bruscamente, agacharem-se e ficarem immoveis. Isto acontecia quando uma peça de caça, de ordinario uma lebre, corria adiante de nós ou antes direita a nós. E com effeito só quando a caça se approxima directamente e não obliquamente é que o cão se agacha assim, como o carniceiro que esperando de embuscada a victima que chega, procura furtar-se-lhe á vista para melhor a apanhar.

«Um perdigueiro que pertencia a um dos meus amigos foi caçar para uma pequena ilha e observou que uma lebre fugira pela ponte que dava passagem para a ilhota. A partir d'esse dia sempre que tinha a certeza de que na ilhota houvesse uma lebre, corria immediatamente para a ponte e ahi se agachava esperando que a lebre passasse para a apanhar.»

O perdigueiro é tambem um excellente cão de guarda. Nas florestas conserva-se ás vezes horas inteiras ao lado da espingarda ou da rede do caçador, não permittindo que ninguem lhe toque ou mesmo se approxime.

EDUCAÇÃO

As qualidades que acabamos de mencionar, perpetuadas no perdigueiro atravez de muitas gerações, existem hoje inherentes á especie como predicados innatos; no entanto desenvolvem-se pela educação. Quando esta é boa e pacientemente emprehendida, o cão torna-se um animal perfeito a que com justiça compete o nome latino de *canis sagax*.

*

Um caçador inexperiente que caça com um bom perdigueiro sujeita-se mesmo ao escarneo d'este. A proposito conta Brehm um caso em verdade interessante. Um caçador notavel que timbrava de possuir uma pontaria certissima e que tinha um perdigueiro exemplarmente educado, por nome *Basco*, recebeu um dia a visita de um amigo mais habituado a manejar a penna do que a espingarda. Este amigo porém pediu licença para ir á caça com *Basco* e obteve-a do dono d'este que todavia lhe observou: Atire bem senão o cão irrita-se. Partiu. Principiada a caça, *Basco* estaca em frente de um bando de perdizes; o cão recebe ordem para levantar a caça, obedece e ouve-se então um tiro que se não aproveita, porque não cae uma unica ave. O cão manifesta uma visivel admiração; no entanto estaca uma vez ainda em frente de um outro bando. Repete-se a scena anterior: o cão recebe ordem de levantar a caça, cumpre-a, ouve-se um tiro, mas o resultado é nullo como no caso anterior. *Basco* então lança ao inexperiente caçador um olhar de profundo desprezo e foge para casa. Um anno depois recusou-se a acompanhar o mesmo caçador que ficou conhecendo e desprezando.

A educação do perdigueiro não é absolutamente facil; para quem a emprehender é necessaria a posse de muitas qualidades, como a paciencia, o cuidado e o amôr dos animaes. O tempo é de certo modo um factor ou condição de aprendisagem, porque se não ensina um perdigueiro senão em muitas lições successivas.

O BRACO FRANCEZ

Entre as variedades do perdigueiro, figura o braco francez, cão de caça que antes do seculo XVI não era conhecido como tal.

N'esta raça ha uma variedade notavel denominada *braco de dois narizes,* não porque tenha dois orgãos olfatorios, mas porque uma gotteira profunda separa as duas narinas. Esta variedade parece ser originaria de Hespanha.

CARACTERES

O braco ordinario, muito vulgar em França, tem a cabeça volumosa, o focinho quadrado, os olhos pequenos relativamente ao volume do craneo, as narinas bem abertas, os labios pendentes, o pescoço um pouco alongado, o peito largo, o dorso arredondado, as pernas vigorosas e as patas largas. O talhe d'este cão varía entre sessenta e cinco e oitenta centimetros. O pêllo é curto, de ordinario coberto de maculas escuras.

APTIDÕES E EMPREGO

Tem um caracter vivo, impetuoso e um subtil olfato. Serve tanto para a caça de animaes de pêllo como de penna, embora de ordinario seja empregado na perseguição de lebre.

O BRACO INGLEZ

Por cruzamentos diversos e successivos tem-se obtido na Inglaterra uma raça especial de bracos denominados *bracos inglezes* ou mais particularmente *pointers*.

CARACTERES

Estes cães são muito elegantes, altos de pernas e de formas delicadas; correm com extrema velocidade á frente do caçador e param com o nariz no ar.

QUALIDADES

Teem um olfato apuradissimo, aprendem rapidamente o que se lhes ensina e transmittem á progenie as qualidades adquiridas pela educação.

Além dos bracos de que acabamos de fallar ha ainda muitas outras variedades, taes como:

O BRACO DUPUY, cão branco, de formas mais delgadas e mais elegantes que as do braco francez;

O BRACO PICARD, de manto trigueiro ou côr de vinho;

O BRACO SEM CAUDA, cão refeito e de cauda excessivamente curta;

O BRACO DE ANJOU, branco-alaranjado ou pardo;

O BRACO DE NAVARRA, branco com maculas côr de vinho e olhos que parecem de porcellana;

O BRACO AZUL DE ITALIA, de proporções avultadas e de pêllo semelhante ao do cão de caça da Gasconha;

O BRACO D'ALLEMANHA, de formas pezadas e espessas, falto de nobreza e distincção; e finalmente

O BRACO DE HESPANHA, variedade que se tornou rarissima.

O SETTER

Os inglezes chamam *setter* a um cão de pêllo curto que é um intermedio entre o perdigueiro e o cão hespanhol e ao qual os antigos davam o nome de *canis sequax*.

CARACTERES

Tem as formas mais finas e mais elegantes que as dos cães hespanhoes; o pêllo é tambem mais fino e sedoso. A côr do manto diversifica de individuo para individuo, mas a variedade em que domina o negro e a côr do fogo é talvez a mais estimada.

QUALIDADES

Possue todas as qualidades do perdigueiro, mas leva-lhe incontestavel vantagem na facilidade com que entra na agua.

Conhecem-se duas variedades d'esta raça:

O SETTER ESCOCEZ, que tem o focinho coberto de pêllos, as pernas direitas e firmes, as patas largas e cobertas tambem de pêllo e

O SETTER DA RUSSIA, que é o maior de todos os cães de caça e que possue os membros vigorosissimos e um pêllo comprido.

O CÃO CORREDOR

Os cães corredores são perdigueiros pela forma; o seu emprego porém é diverso. N'outro tempo conheciam-se apenas duas raças de cães corredores: uma de proporções medianas, de pêllo negro, pouco veloz e tendo muito olfato; outra, maior que a primeira, de pêllo ordinariamente branco, mais ligeiro na corrida, mas menos docil e de menos olfato.

CARACTERES

O cão corredor perfeito relativamente ás formas, deve ter as orelhas finas, largas e pendentes, a cabeça mais comprida do que grossa, o olho vivo e alegre, as narinas abertas, a altura variando entre cincoenta e quatro e sessenta e sete centimetros, um corpo emfim proporcionado á altura e ao comprimento. As espaduas não devem ser nem estreitas nem carnudas, os rins devem ser altos e a cauda comprida, lisa e quasi desnudada na extremidade. As pernas do cão *pur sang* serão nervosas, as patas pequenas e seccas, as unhas grossas e curtas.

APTIDÕES E EMPREGO

O cão corredor de pura raça é docil, obediente.

Empregam-se estes cães corredores em matilhas de oito a quarenta individuos e obrigam-se a perseguir um mesmo animal até que o tenham apanhado. Cada matilha é empregada na caça de uma só especie animal. «N'outro tempo, diz Brehm, empregava-se um grande cuidado na educação d'estes cães e ainda hoje na Inglaterra se dispendem para este fim sommas incalculaveis. Esses cães habitam ahi verdadeiros palacios e são melhor alimentados do que muitos homens. Um auctor inglez diz com razão que o paiz melhoraria se se empregasse em escólas e instituições de beneficencia todo o dinheiro que se dispende na educação e creação dos cães de caça.» [1]

Os caçadores estimam de ordinario os cães corredores inglezes *pur sang*.

É difficil conservar as raças. Pela união sexual com outros cães apagam-se rapidamente os caracteres que descrevemos.

O CÃO DE RAPOZO

O cão de rapozo é considerado como o melhor dos cães de caça inglezes. Esta raça, obtida por successivos e felizes cruzamentos, é nova; ha dois seculos apenas, não existia.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 423.

CARACTERES

Este cão tem a parte posterior do corpo refeita, o peito largo, as pernas direitas, as patas arredondadas como as dos gatos, a cauda espessa e as orelhas pequenas.

APTIDÕES E EMPREGO

O cão do rapozo tem a velocidade do galgo, a coragem do bull-dog, o olfato subtil do cão de raça e a prudencia do cão d'agua.

É docil e vigoroso. Corre com incalculavel velocidade, chegando a fazer quatro milhas e meia inglezas no espaço de oito minutos, e resiste admiravelmente á fadiga. Emprega-se na perseguição do rapozo.

OS GRYPHOS

Os gryphos assemelham-se ao cão d'agua pela natureza do pêllo, pela forma do focinho, das orelhas e da cauda; pelos caracteres moraes da doçura, da fidelidade e da alegria tambem se approximam d'elle. Differem porém por caracteres tirados da forma da cabeça e do esqueleto. O pêllo é basto, duro e sedoso.

APTIDÕES E EMPREGO

Os gryphos empregam-se na caça do rato domestico, exercicio em que se tornam notaveis.

O GRYPHO VULGAR OU RATEIRO

A côr d'esta variedade é geralmente escura. O corpo é elegante; mas o costume vulgar de cortar a este cão as orelhas e a cauda, dá-lhe um aspecto repugnante. A cabeça é volumosa e o focinho comprido e obtuso.

APTIDÕES E EMPREGO

Os rateiros são cães intelligentes, alegres e dedicados á caça. Apanham ratazanas, ratos pequenos e toupeiras, fazendo a todos estes animaes uma perseguição sem treguas. Mal se podem ter em casa, porque são de uma mobilidade espantosa, incommodativa. Mas estão perfeitamente ao lado de um cavalleiro; gostam de acompanhar o dono sobretudo quando este lhes fornece occasião de correrem.

Não comem as toupeiras que caçam; mas devoram os ratos com extraordinaria voracidade.

O BULL-TERRIER

Este cão é um mestiço do grypho e do pequeno bull-dog.

CARACTERES

As formas do bull-terrier participam, como é de prevêr, das do grypho e do bull-dog, assemelhando-se o corpo mais áquelle e a cabeça a este.

APTIDÕES E EMPREGO

É mais vivo e mais corajoso ainda que o bull-dog; é mais mau e mais tenaz que o grypho. A habilidade d'este cão para a caça dos ratos attrahiu a attenção dos inglezes que se permittem espectaculos d'esta natureza em que ha por vezes valiosas apostas. Em Londres ha gente que não faz mais do que juntar ratos para taes espectaculos. Os ratos são atirados para uma arena em torno da qual e por traz de uma muralha de madeira se collocam os espectadores. Os cães são atirados para esta mesma arena e a caça principia. É então que se fazem grandes apostas sobre o cão que mais ratos matará.

Theophilo Gautier descreve com immenso colorido estes espectaculos onde certamente ha alguma coisa de comico e alguma coisa de repugnante.

O CÃO DA LAPONIA

É negro, de proporções ordinarias. Tem a cabeça fina do rapozo, o pêllo do urso e a cauda bem guarnecida e recurva.

APTIDÕES E EMPREGO

O cão da Laponia, meio selvagem como os donos, é dotado no entanto de um fino instincto e por isso mesmo estimado como um bom auxiliar do homem. Clarke narra o seguinte: «Tinhamos, diz elle, um docil e estimavel companheiro, um cão que pertencia a um dos barqueiros. O cão nadava atraz do barco. Bastava que o dono o mandasse por um simples movimento de mão, para que elle attravessasse o lago tantas vezes quantas se quizesse, mantendo metade do corpo, a cabeça e a cauda fóra da agua. Em todos os logares da terra que tocava, batia as grandes hervas das margens ao longo do lago á procura de algumas aves. Depois voltava para nós, trazendo na bocca patos selvagens que depunha no barco. Logo que entregava a presa ao dono, affastava-se de novo e voltava para a caça.»

O cão da Laponia entrega-se com encarniçamento á caça dos lemingos que de quando em quando n'este paiz apparecem em quantidades prodigiosas.

O CÃO DOS ESQUIMÓS

O cão dos esquimós não é menos util que o da Laponia. Os povos selvagens que habitam as regiões polares, como os Samoiedos, os indi-

genas da America e emfim, nos logares em que o antigo e novo continente se approximam, os esquimós que habitam os dois littoraes consideram-o como um animal preciosissimo.

CARACTERES

É maior que o nosso cão de gado, de constituição mais vigorosa e coberto de pêllo mais espesso. O manto é geralmente ou branco ou negro. O pêllo que o cobre de inverno é denso e lanoso, mas cae na primavera para dar origem a um outro, liso, o pêllo do estio.

Quando bem alimentado, é na realidade um famoso cão; os donos porém fornecem-lhe o alimento com mão tão avara que o pobre animal mais parece um esqueleto que um ser vivo.

O cão dos esquimós assemelha-se muito ao lobo arctico pelo pêllo abundante, as orelhas direitas, levantadas, o craneo largo em cima e o focinho ponteagudo; a uma certa distancia chegam a confundir-se as duas especies de animaes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O cão dos esquimós habita todo o norte do antigo continente.

APTIDÕES E EMPREGO

Ácerca d'este animal diz Brehm: «O cão dos esquimós é talvez o animal mais desgraçado da especie; passa quasi toda a vida sob o jugo do trabalho. Puxa aos trenós, carrega pezos e ao norte da America e nas ilhas visinhas é o unico animal que o homem pode aproveitar em serviços d'estes. No verão o dono egoista concede-lhe uma certa liberdade, mas de inverno submette-o á mais completa escravidão.

«O animal sente que é um escravo e procura subtrair-se á servidão. Tem alguma coisa do lobo physicamente e intellectualmente.

«O cão dos esquimós é ladrão e não se consegue, por mais correcções que se lhe inflinjam, fazer-lhe perder o habito de apanhar todos os alimentos que encontra ao seu alcance. Com os outros cães é bulhento; rosna ao homem e está sempre prompto a mostrar-lhe os dentes. No entanto é, por outro lado, baixo e rastejante, como o escravo que se move pelo receio dos castigos.» Mas a prova evidente de que as más qualidades d'este cão são o effeito do modo por que é tratado, é que elle obedece admiravelmente ás mulheres, que o tratam com mais doçura, que o tomam a seu cuidado quando doente ou muito novo ainda.

Os esquimós sentem uma grande difficuldade em vender aos estrangeiros os seus cães; isto não depende de affeição que lhes tenham, mas do egoismo que lhes faz esperar os serviços dos pobres animaes.

O CÃO D'AGUA

Este cão é entre nós muito vulgar. A cada momento se encontra pelas ruas conduzido por algum hystrião que o obriga no publico á exibição de jogos de destreza.

CARACTERES

É baixo, tem o corpo grosso e curto, a cabeça redonda, o pêllo comprido, abundante, lanoso, frisado em anneis, as orelhas largas e compridas. Um bom cão d'agua é ou todo branco ou todo negro.

ORIGEM

Uns crêem que elle provem da Dinamarca, outros fazem-o originario de Piemonte.

APTIDÕES E EMPREGO

Tem grande attracção pela agua e nada admiravelmente. Ainda no seculo XVI era muito frequentemente empregado na caça das aves aquaticas. Na Inglaterra ainda hoje se emprega para este fim.

No entanto o que ultimamente mais se tem tentado desenvolver no cão d'agua são as aptidões que possue para nos divertir. «Aprende a dançar, diz Scheitlin, e por instincto conserva-se de pé andando sobre os membros posteriores na direcção do dono. Possue um gosto delicado; distingue perfeitamente os alimentos. É guloso e tem um olfato proverbialmente apurado; reconhece os filhos do dono, segue-lhes a pista, procura-os quando se perdem.»

O ouvido é n'este cão finissimo; reconhece a grandes distancias a voz do dono, a sua intonação particular, o som de uma sineta, os passos das pessoas da casa, que distingue de todos os outros sons analogos. O tacto é tambem delicado; a vista não é desenvolvida. «O cão d'agua, diz ainda Scheitlin, possue um perfeito sentimento dos logares. Ao fim de muitas horas, de muitos dias mesmo, encontra o caminho de casa. Vagueia pela cidade e pela aldêa e procura as casas onde uma vez entrou com o dono e onde foi bem recebido. Pode-se ensinar a ir ao padeiro e ao açougue.

«Tem a noção de tempo; sabe quando é domingo, quando é meio-dia, quando se abate rez no matadouro. Distingue as côres.»

Este cão é intelligentissimo. Conta Jesse que um seu amigo possuiu um d'estes cães ao qual julgou conveniente applicar uns certos castigos. Comprou um chicote e bateu-lhe com elle. Depois poisou o instrumento do castigo sobre um movel. No dia seguinte o chicote desapparecêra; depois de muito procurar foram encontral-o na latrina. O dono do cão comprou um outro, que desappareceu egualmente, vindo-se a provar

que o auctor das subtracções era nem mais nem menos que o interessado, o cão.

De resto, como se sabe, o cão d'agua aprende facilmente a dar tiros de pistola, a tocar tambor, a trepar por uma escada e tudo quanto se ensina aos cavallos e aos elephantes.

O cão d'agua possue em alto grao a tendencia imitativa. Observa tudo o que o dono faz para o reproduzir, á maneira do que acontece nas relações das creanças com os paes.

Entre as numerosissimas historias que se contam para provar a intelligencia d'este cão, ha uma que não resistimos á tentação de narrar. O caso passa-se em Paris. Um pobre homem que tinha por officio engraxar calçado installára-se á porta de um grande hotel. Possuia um cão d'agua que por um processo admiravel, quasi humano, lhe arranjava serviço. De manhã ia ás margens do Senna enlamear-se, humedecer as patas e vinha depois para ao pé do dono n'este lastimoso estado. Quando alguem entrava o cão ia rolar-se-lhe sobre as botas. O misero engraxador adiantava-se logo sollicito com as suas escovas para remediar o caso, offerecendo os seus serviços, que, claro está, não podiam deixar de ser acceites. Em quanto o engraxador exercia as suas funcções, o cão sentava-se tranquillo, como se reconhecesse a inutilidade de enlamear mais alguem. Desde o momento porém em que o serviço do dono acabava, o cão procurava-lhe um outro pelo mesmo curiosissimo processo. Era pois o verdadeiro ganha-pão do misero engraxador. Este notavel cão, vendido a um inglez e mandado de Paris para Londres conseguiu ao fim de quinze dias fugir e voltar ás mãos do primitivo possuidor. Esta historia é garantida por Dupont, testemunha occular dos factos narrados.

O HYENOIDE

«O nome imposto a este cão, diz Figuier, indica que elle tem alguns pontos de semelhança com a hyena. E com effeito, elle tem como este carniceiro quatro dedos em todos os membros e conserva no mesmo estado de flexão não só a parte posterior do tronco, mas ainda a anterior, a crêr em J. Geoffroy que o refere por indicações de um viajante

digno de fé. Approxima-se tambem da hyena pelo gosto que tem pelas carnes em putrefacção.» [1]

CARACTERES

As suas proporções são quasi as do lobo. O pêllo é acinzentado e coberto de malhas de côres differentes. Tem as orelhas grandes e levantadas. A cauda é comprida e basta.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita o meio-dia da Africa.

COSTUMES

Apesar do gosto pronunciado que teem pelas carnes corruptas, os hyenoides não fazem d'ellas a sua alimentação exclusiva. Caçam a gazella, a antilope, em matilhas numerosas sob a direcção de um chefe. Se no momento em que apanham a victima, apparece algum outro carniceiro que lh'a disputa, juntam-se, congregam-se, defendem-se valorosamente ainda que esse carniceiro seja um leopardo ou um leão.

---

1 L. Figuier, *Les Mammifères*, pg. 395.

OS CHACAES

Sob o nome de *chacaes* comprehendem-se todos os lobos de pequenas dimensões.

CARACTERES

«Os naturalistas, diz Brehm, estão longe de manifestar accordo ácerca de os chacaes; as especies do antigo continente sobretudo carecem de ser melhor definidas. A um profano seria completamente impossivel comprehender qualquer coisa das descripções contradictorias que teem sido feitas d'estes animaes e para o naturalista mesmo é um trabalho dos mais difficeis saber a que animal se refere exactamente uma dada descripção que está lendo.» [1] Em face d'esta declaração terminante de Brehm, um dos naturalistas que melhor conhece a zoologia descriptiva, e das declarações analogas de outros observadores, comprehende-se o motivo por que reservamos para o estudo das especies a exposição dos respectivos caracteres.

COSTUMES

Sob o ponto de vista dos costumes, pode dizer-se que os chacaes estabelecem a transição entre os lobos e os rapozos, de que adiante nos occuparemos.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 499.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontram-se no antigo e novo continente, mas em especial na Africa e na Asia.

O CHACAL ORDINARIO

É este o animal que os antigos denominavam *lobo doirado*.

CARACTERES

É vigoroso e de pernas altas. Tem o focinho mais ponteagudo que o lobo, mas menos que o rapozo; a cauda abundantissima em pêllo cae-lhe até aos pés. Tem as orelhas curtas e as pupilas redondas. O pêllo é grosseiro, de comprimento medio e de uma côr acinzentada passando a negro no dorso e aos lados do corpo. O ventre é ruivo amarellado ou amarello claro, o pescoço é branco inferiormente, os labios são negros. O corpo tem de comprimento cêrca de setenta centimetros, dos quaes trinta pertencem á cauda. A altura é de cincoenta centimetros. O chacal exala um cheiro muito forte e muito desagradavel; está provado hoje que este cheiro, proprio do animal selvagem, se desvanece na segunda ou terceira geração quando em domesticidade.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Existe em grande numero na Asia Menor, na Persia, nas margens do Euphrates, na Palestina e ao norte do Egypto. Na Europa existe apenas e em pequeno numero na Morea e em Dalmacia.

COSTUMES

O chacal ordinario habita as regiões montanhosas de preferencia ás planicies e vive principalmente nas florestas.

Durante o dia occulta-se e dorme; ao anoitecer sae á caça na companhia dos seus congéneres.

Passa por ser o animal mais destemido e mais importuno da vasta familia dos caninos. Não evita a proximidade do homem; introduz-se nas aldêas, mesmo no interior das habitações e ahi destroe o que encontra. Por isto se torna mais incommodo ainda do que pelos uivos com que constantemente perturba o repouso das noites.

Desde que o sol se esconde, ouvem-se de toda a parte os uivos repetidos d'este animal, que se assemelham aos do cão mas que são muito mais prolongados. Estes uivos são talvez um signal; o que decerto não são é manifestações de dôr. Mesmo depois de saciado o chacal solta uivos tão lamentosos, tão pungitivos que parece absolutamente esfomeado. Desde que uma voz se faz ouvir assim, mil outras lhe respondem de todos os lados. Algumas vezes estes uivos gelam de terror, porque parecem exactamente gritos de um homem que pede soccorro. Estes uivos tornam o animal insupportavel.

Mas o odio que aos chacaes teem os indigenas é justificado ainda por outras razões. É certo que destroem animaes nocivos, especialmente os ratos, é certo que limpam os caminhos das fezes, é certo emfim que prestam taes ou quaes serviços; no entanto os prejuizos que causam vão muito além dos beneficios que produzem. São animaes em que a paixão do roubo só encontra rival na voracidade de que são dotados. Quando entram em qualquer habitação é um enorme prejuizo com que

teem de contar os moradores: aves, pequenos mamiferos, carnes que haja, tudo roubam, tudo destroem.

De resto, os chacaes são eminentemente astuciosos. «Qantas vezes, diz Bombonnel, um unico chacal, andando para roubar-me uma cabra, me fazia acreditar que estava acompanhado! Ladrava em diversos tons e imitava muitas vozes, parecendo querer indicar aos companheiros: não venham que já somos muitos.» [1] Este mesmo naturalista relata um facto curiosissimo destinado a provar que o chacal é muito astucioso e singularmente provido de recursos para os casos difficeis. Trata-se de um chacal que tendo arrancado uma melancia pelo pé e não podendo elle só transportal-a, chamou outros que o auxiliassem. Outros vieram com effeito e então o animal, deitando-se de ventre para o ar, collocou sobre elle a melancia em quanto um dos companheiros encaixando as maxillas nas suas, poz em movimento o singular, o extravagante vehiculo.

Á beira do mar os chacaes alimentam-se de marisco que as aguas deixam a descoberto.

Seguem em bando os grandes carniceiros para partilharem dos seus festins.

Ás vezes os chacaes são muito uteis ao homem. «Mais de uma vez, diz J. Franklin, nas solidões d'Africa nos alimentamos com os restos das suas caças. Surprehendidos pela nossa chegada, abandonavam os despojos dos animaes de que faziamos depois d'elles a nossa refeição.» [2]

Estes serviços não podem fazer esquecer os prejuizos enormes que nos causam.

CAÇA

Os arabes caçam os chacaes fazendo-os perseguir por cães, galgos e mastins. Affirma J. Gerard que esta caça é interessantissima pela resistencia que o chacal offerece.

[1] Bombonnel, *Le tueur de panthères*, pg. 201.
[2] J. Franklin, *Le Vie des animaux*. Tom. I, pg. 141.





1. A Raposa. — 2. O Lobo

Magalhães & Moniz, Editores

CAPTIVEIRO

O chacal domestica-se facilmente, mas conserva sempre uma extrema timidez, que manifesta, escondendo-se sempre que ouve um som desacostumado ou vê uma pessoa estranha.

A facilidade com que o chacal se domestica e as suas tendencias sociaes no estado de servidão, fornecem a alguns auctores um argumento em abandono da opinião que faz derivar o cão do chacal.

As relações sexuaes do cão e do chacal são fecundas.

O LOBO

Todos conhecem este animal, ao menos de nome. Ha tradições antiquissimas que a elle se referem e no tempo dos gregos e romanos circulavam já a seu respeito os mais curiosos preconceitos, as lendas mais atterradoras, preconceitos e lendas que vieram até nós e que, nas aldêas principalmente, se contam ainda hoje ás creanças atterradas, transidas de susto. Acreditou-se geralmente n'outro tempo que se um homem era visto por um lobo antes de o vêr a elle, perdia a falla. Plinio e Virgilio referem-se a esta crença singular, que conseguiu, tanto é o poder da tradição, vir até nós e persistir nas povoações ruraes.

CARACTERES

O lobo tem pouco mais ou menos as dimensões de um cão grande. Buffon acha que o lobo se assemelha quer interna, quer exteriormente de tal modo ao cão que parecem os dois animaes modelados n'um mesmo typo. No entanto entre as duas especies ha differenças que facilmente se deprehenderão dos caracteres que vamos estudar.

O lobo tem o corpo magro, as partes lateraes do tronco escavadas, as patas finas e magras, a cauda coberta de pêllos e pendente até á altura da articulação tibio-tarsica, a cabeça larga, o focinho relativamente comprido e ponteagudo, a fronte inclinada. Os olhos são obliquos e collocados na direcção do nariz, ao passo que no cão domestico se abrem em angulo recto como no homem. As orelhas são rectas e o pêllo, segundo os climas, varía de espessura e de côr.

O lobo adulto mede um metro e sessenta e cinco centimetros desde o focinho até á extremidade da cauda. D'esta medida, cincoenta centimetros pertencem a este ultimo orgão. A altura é de oitenta centimetros. A femea é de talhe inferior, tem o focinho mais fino e a cauda menos abundante em pêllo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O lobo é hoje muito menos vulgar e menos espalhado do que o foi n'outro tempo. Encontra-se ainda n'uma grande parte da Europa, principalmente nas regiões montanhosas dos paizes pouco povoados.

É commum nas montanhas e mesmo nas planicies de Hespanha e de Portugal, abundante na Grecia, na Italia e em França. É raro na Suissa e desappareceu completamente do norte da Allemanha e da Inglaterra. Existe na Polonia, na Russia, na Suecia, na Noruega e na Laponia. Habita todo o centro da Asia; em toda a America do Norte, do Mexico ás costas do mar glacial, se encontra o lobo.

Foi muito commum na Irlanda, mas parece ter desapparecido de lá completamente. Ao tempo em que Buffon escrevia a sua grande obra de historia natural discutia-se já a existencia do lobo na Irlanda; Buffon

affirmava-a ainda, mas dizia já que escriptores inglezes o censuravam por isso. «Alguns inglezes, diz o illustre naturalista francez, que trabalharam em uma zoologia, de que foram excluidos todos os animaes não *bretões*, accusaram-me por eu ter dito que existiam ainda lobos ao norte da sua ilha.» [1] Buffon allega que se fundára no testemunho de Morton, homem respeitavel, ao tempo presidente da Sociedade Real. Esta questão tem para nós a importancia de provar que se o lobo não desapparecèra completamente da Irlanda no seculo passado, elle devia ser já raro ahi, visto que sobre a sua existencia discutiam os naturalistas.

COSTUMES

O lobo frequenta os logares solitarios e tranquillos, as florestas sombrias e espessas, as orlas das montanhas, em fim os pantanos. De dia repousa, esconde-se, occulta-se o melhor que pode; á noite sómente vagueia em busca de presa.

O lobo é um animal muito activo e que por isso mesmo carece de alimento abundante. Quando esfomeado é perigosissimo; ás vezes, de inverno, chega a attacar o homem.

O lobo attaca todos os vertebrados, excepção feita dos grandes animaes que teem muita mais força do que elle. Tanto lhe servem os pequenos roedores, os lemingos por exemplo, como o gado de avantajadas proporções. Dizem os naturalistas que o lobo, como o cão, prefere a carne em decomposição á carne fresca. É á carne dos cães que o lobo dá as suas decididas preferencias. Quando vê um d'estes animaes ao qual pode vencer, persegue-o seja onde fôr e apanha-o. Em casos taes é de um arrojo que nada eguala. Contam que chega a attacar cães que vão puxando a carros cheios de gente. L. Énault [2] narra mesmo o caso de um lobo que saltou acima de um cavallo e arrebatou um pequeno terra-nova que o dono levava na garupa.

No estio os lobos raras vezes se constituem em bandos; mas de inverno reunem-se muitas vezes em numero consideravel e percorrem assim vastas regiões, centenas de leguas. Caminham toda a noite, e só param de manhã quando encontram onde se recolher. Estas singulares

[1] Buffon, *Oeuvres complètes*, T. IV, pg. 321.
[2] L. Énault, *La Norwége*, pg. 256.

excursões são geralmente accidentaes e determinadas por alguma circumstancia particular, como aconteceu em 1033 em França, quando dezenas de mortos n'essa epocha de peste eram deixados insepultos. L. Viardot [1] conta que em 1812 oitenta soldados que mudavam de terra foram attacados de noite pelos lobos e todos devorados. Quando se deu pelo facto encontraram-se trezentos lobos mortos a tiro, a baioneta, a coronhada; dos soldados porém encontraram-se apenas os uniformes e as armas, ou pouco mais. Avalia-se por isto de que proporções seria o bando dos esfaimados.

Ás vezes os lobos dão provas de uma astucia só comparavel á do rapozo. Quando se trata, por exemplo, de attacar um redil confiado á guarda de um cão, mandam a femea adiante; em quanto o cão a persegue, o macho arrebata uma cabeça de gado de que a loba, uma vez desviado o cão, vae reclamar a sua parte.

Ha na historia do lobo um ponto ácerca do qual divergem muito as opiniões dos naturalistas. Dizem uns que os lobos se não attacam mutuamente, a não ser na epocha excepcional do cio; outros pelo contrario affirmam serem vulgares os combates dos lobos entre si, por questão de fome. É da primeira d'estas opiniões G. Leroy [2]; adopta a segunda Brehm [3]. «Mao grado o proverbio, diz este naturalista, a verdade é que os lobos se devoram muitas vezes.»

Nas epochas de fome para os lobos, não é raro que estes carniceiros penetrem nas aldêas, mesmo em pleno dia, para arrebatarem creanças. Chegam então a attacar o homem, mesmo quando vêem muitos companheiros mortos a tiro.

Franklin conta que na sua viagem aos mares polares foi muitas vezes obrigado a disputar aos lobos a propria alimentação.

Apanhavam-se e apanham-se ainda hoje os lobos em fossos e tambem em armadilhas semelhantes ás que se preparam ás rapozas. Envenenam-se tambem. No entanto o meio melhor, o processo mais seguro para caçar o lobo é a arma de fogo. Os fossos são muito inconvenientes, porque são uma cilada que inconscientemente se arma á innocencia dos homens e dos animaes domesticos; o envenenamento pela noz vomica é tambem inconvenientissimo, porque é um perigo para os cães de caça. A arma de fogo é meio mais prompto, mais efficaz e que se dirige com segurança.

[1] Louis Viardot, *Souvenirs de chasse*, pg. 135.
[2] G. Leroy, *Lettres sur les animaux et sur l'homme*, pg. 25.
[3] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 484.

Umas vezes espera-se de embuscada o animal para lhe atirar, outras vezes os homens de uma povoação, em massa, fazem ao lobo uma perseguição, o que se chama entre nós *montaria*.

CAPTIVEIRO

Os lobos, apanhados nas primeiras edades, chegam a um alto grao de domesticidade. F. Cuvier narra o caso de um lobo que adquiriu tanta affeição pelo dono que o reconheceu passados dezoito mezes de ausencia e o acariciou, como se fôra um cão. A caçadora Catharina Bedoin conta um caso semelhante. Emfim muitos naturalistas de cujas asserções não pode duvidar-se, affirmam a domesticidade do lobo desde que se captiva novo e se trata bem. No entanto é preciso não perder de vista que este animal á proporção que cresce em edade se torna mao e perde as affeições adquiridas na domesticidade, retomando os naturaes instinctos carniceiros. Buffon fizera já esta observação e Brehm que a reproduz, cita casos comprovativos.

USOS E PRODUCTOS

O lobo tem uma certa utilidade, como tudo. O seu pêllo de inverno é um agasalho excellente. Os caçadores de lobos fazem com estas pelles um notavel commercio, porque cada uma vale em França, segundo Gerbe, vinte a trinta francos. De resto, o caçador obtem ainda os premios concedidos pelos governos ou pelos municipios. As pelles são quentes e de grande duração. As brancas são as mais estimadas. Ha povos que dão um grande apreço á carne do lobo.

O LOBO DA AMERICA

O lobo da America foi outr'ora considerado uma simples variedade do lobo ordinario; hoje é considerado uma especie distincta. As differenças porém entre as duas especies são pouco notaveis. No lobo da America o pêllo é mais escuro e o cheiro que exala mais forte e extremamente desagradavel.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se nos Estados-Unidos, na America septentrional.

COSTUMES

Vive em grandes bandos que se associam para a caça e que se acham submettidos a uma como tactica regular. Attaca os veados, os gamos e mesmo algum brisão desgarrado que encontram.

É tão cobarde como o lobo ordinario. Os indigenas quando algum cae dentro de um fosso, apanham-o, cortam-lhe as pernas de traz e entregam-o aos cães que o matam, sem que o misero lobo tente sequer resistir.

CAÇA

Os indigenas caçam este lobo por meio de armadilhas a que serve de engodo o cadaver de um animal qualquer. Uma vez apanhado, o lobo é morto ás lançadas.

O LOBO DO EGYPTO

É mais pequeno que o lobo da Europa. O seu pêllo é cinzento e amarellado com maculas negras e ruivas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se na Africa oriental.

COSTUMES

Pouco se sabe dos costumes d'este carniceiro quer em estado selvagem, quer em captiveiro. Todas as observações porém levam a crêr que sob este ponto de vista elle não differe das outras especies.

O LOBO NEGRO

Vive ao norte da Europa; mas encontra-se, embora excepcionalmente, em França, nas altas montanhas.

O LOBO VERMELHO

Vive isolado na Republica do Rio da Prata nos logares pantanosos e á beira dos riachos.

Nas regiões glaciaes do velho e novo continente os lobos que se encontram são completamente brancos.

OS RAPOZOS

Distinguem-se dos cães, dos lobos e dos chacaes pela conformação do craneo, pela pupilla oval e um pouco obliqua, pela cauda longa e muito coberta de pêllo.

COSTUMES

É pelos costumes que os rapozos principalmente se distinguem dos outros caninos. Cada especie merece uma descripção particular, porque todas se distinguem umas das outras por algum caracter proprio.

O RAPOZO VULGAR

É um dos mais celebres animaes que habitam no estado selvagem a Europa. Todos o conhecem de nome pelo menos, todos fallam d'elle, todos sabem alguma das suas proezas, emfim é justamente considerado como o typo da astucia, da malicia.

CARACTERES

O rapozo tem a cabeça larga, a fronte achatada, o focinho alongado e ponteagudo, os olhos obliquos e as orelhas levantadas, largas na base, estreitecidas na extremidade. O pêllo que é basto, abundante, faz-lhe parecer o corpo grosso, mas em realidade elle é fino. As patas são finas e curtas, a cauda extensa e a côr do manto variavel, apropriada á vida errante, harmonisando-se emfim com a côr geral das florestas, dos campos, dos rochedos.

O rapozo vulgar tem na Europa cêrca de setenta centimetros desde o focinho até á origem da cauda, medindo este orgão trinta. A altura, ao nivel das espaduas é de trinta e oito centimetros.

A femea é mais delgada que o macho e tem o focinho mais estreito.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O rapozo habita a maior parte do hemispherio septentrional, toda a Europa, a Africa do Norte, a Asia septentrional e mesmo a America. É em quasi toda a parte abundante.

COSTUMES

«O rapozo, diz Tschudi, é um animal completo no seu genero. Figura, côr, modos, tudo n'elle é mais elegante que nos seus congéneres; é tambem mais vivo, mais desconfiado, mais calculador, mais fecundo em recursos que todos os outros animaes. Dotado de uma excellente memoria, sobretudo dos logares, é inventivo, paciente, resoluto, excellente saltador; rasteja, nada, marcha sem o menor ruido, n'uma palavra, reune todas as condições precisas para ser um habil ratoneiro.» [1] Montaigne diz egualmente que o rapozo concebe verdadeiros raciocinios, como quando approximando-se do gêlo e sentindo a agua inferior a pouca distancia, se retira sem se atrever a attravessal-o. O rapozo concebe decerto este raciocinio: o que faz ruido move-se, o que se move não está gelado, o que não está gelado é liquido e sobre os liquidos não se anda. Só assim se explica, diz Montaigne, porque o animal se retira do gêlo pouco espesso. Brehm accrescenta: «Se considerarmos o rapozo sob o ponto de vista da intelligencia, achamol-o sem rival entre nós. Mais do que qualquer outro animal, o rapozo possue recursos e meios de sair das difficuldades. A astucia colloca-o a par do mais veloz e mais forte, a agilidade, do mais leve e a destreza, do mais habil.» [2] Quando se estabelece em um logar qualquer procura desde logo um escondrijo seguro onde possa repousar á vontade e esconder o fructo das suas excursões de ratoneiro. Para isso cava um fosso profundo com differentes saidas e escolhe de preferencia as visinhanças de um matto espesso ou

[1] Tschudi, *Les Alpes*, pg. 492.
[2] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 510.

a encosta de uma collina escabrosa onde a natureza lhe tenha adiantado o trabalho constructivo. Muitas vezes não cava elle proprio a sua habitação. Se no logar ha tocas de coelhos, mata-os e alarga depois os subterraneos para seu uso. Se um texugo tem feito, n'um local que ao rapozo parece favoravel, um covil, este procura assenhorear-se d'elle. Para o conseguir não attaca o texugo, porque nada lhe garante que tiraria partido na lucta; faz sentinella ao covil e graças ao mau cheiro que consegue exalar, obriga o texugo, animal excessivamente aceiado, a abandonar a habitação.

O rapozo em geral não se satisfaz com uma habitação unica, no que se assemelha ao esquilo.

A toca do rapozo divide-se ordinariamente em trez partes: a primeira ou de entrada, que lhe serve de observatorio; a segunda que emprega na arrecadação dos alimentos; a terceira em fim, que é uma cavidade redonda, sem saida, servindo-lhe de quarto e de logar onde a femea deposita os filhos. A toca do rapozo tem muitas saidas, o que Dupont de Nemours explica como meio impeditivo da corrupção do ar e simultaneamente como um processo de evasão. A parte principal da toca é ainda dividida em compartimentos differentes: um para o macho, outro para a femea e um terceiro para os filhos.

O rapozo, uma vez perseguido, procura refugiar-se na sua toca ou na de algum companheiro, evitando comtudo, quando para lá se dirige, o caminho mais curto e fazendo rodeios para illudir o caçador e fazer perder aos cães a pista. Quando os cães o perseguem muito de perto, o rapozo evade-se pelo primeiro buraco que encontra.

O rapozo conserva-se na toca nos dias tempestuosos, nos dias de calôr intenso ou ainda nos dias que succedem á parturição da femea. Quando o tempo é bom vagueia por fóra, repousando nos logares que lhe parecem mais apropriados para isso.

«Dentro de muito pouco tempo, diz Leroy, o rapozo percorre os arredores da toca até grande distancia, tratando de reconhecer as aldêas, os logarejos, as casas isoladas que existem dentro de uma certa area, e de descobrir as capoeiras. Toma nota dos pateos onde ha cães ou em que se faz muito ruido, d'aquelles que são silenciosos, reconhece as sebes e os logares cobertos que podem facilitar-lhe a evasão nos casos de perigo.» [1]

No Egypto os rapozos vivem todo o anno em pleno ar, sem toca propriamente dita. Sómente a femea construe um corredor que termina por uma vasta cavidade em que deposita os filhos e onde os amamenta.

[1] G. Leroy, *Lettres sur l'intelligence des animaux*, pg. 127.

O rapozo caça antes de noite que de dia; no entanto caça tambem em plena luz nos logares silenciosos. Quando á hora do crepusculo, o rapozo sae para as suas excursões, é de vêr a precaução com que o faz; rasteja, caminha sem ruido, insinua-se por entre as sebes e as moitas, mantem constantemente o focinho no ar, farejando.

O rapozo, sem que o pareça, é todavia um dos mais perigosos carniceiros do nosso paiz. Tudo lhe serve para alimento, desde o cabrito montez até ao insecto e ao lagarto; os ratos campestres e dos mattos constituem a base da sua alimentação. É odiado pelos caçadores, porque destroe as lebres e os coelhos, apanhando-os nas tocas ou perseguindo-os quando feridos pelos tiros. Ás vezes cava a terra que cobre uma toca de coelho e apanha a cria. Procura tambem os ninhos das perdizes e das codornizes; agarra a mãe a chocar os ovos, devora-a e a estes, destruindo assim uma enorme quantidade de caça. De resto, não é de paladar exigente; á falta de melhor presa satisfaz-se com os pequenos roedores, as cobras, os sapos, uma caça miseravel.

O rapozo é o unico dos carniceiros que se atreve a affrontar os picos dos ouriços. Obriga-os a desenrolarem-se e devora-os, attacando-os pelo ventre, unica parte não protegida. Atreve-se a attacar o corso ainda novo quando sabe que a mãe o não protege e persegue mesmo aves grandes.

Um espectaculo curiosissimo é do rapozo que é descoberto quando anda á caça das pequenas aves. Estas desde que avistam o terrivel inimigo, reunem-se, congregam-se e soltam gritos afflictivos que servem de signal preventivo a outras aves domiciliadas a maior distancia. O rapozo, uma vez surprehendido retira-se em silencio, acabrunhado talvez pelo insuccesso, mas pensando já no modo de se embuscar a distancia para recomeçar a perseguição em melhores e mais astuciosas condições.

O rapozo entra nas capoeiras, nas herdades e se possue uma toca bem construida conduz para ella as aves mesmo em pleno dia. Tambem persegue a nado as aves aquaticas.

«Em Novembro, epocha da desova, diz Tschudi, o rapozo apanha muitas vezes nos regatos limpidos trutas de que gosta muito e que attrae, dizem, immergindo a cauda na agua.» [1] Fóra das cidades, frequenta muito os grandes quintaes para apanhar gafanhotos e besoiros; tambem ahi come fructos. Á sua grande predilecção n'este genero de alimentos são os figos e as uvas.

De inverno, quando o aperta a fome alimenta-se de bagas de zimbro.

O manjar que a todos parece preferir é o mel; para obtel-o não

[1] Tschudi, *Obr. cit.* pg. 495.

duvida affrontar o ferrão das abelhas e ainda o dos zangões, bem mais para temer. Logo que um rapozo attaca um cortiço, as abelhas precipitam-se sobre elle para obrigal-o a retirar-se; o carniceiro retira-se com effeito, mas para as esmagar rolando-se no chão até que os insectos, destruidos ou fatigados, lhe permittam gozar em paz a victoria.

Em casos de necessidade, o rapozo alimenta-se da carne de animaes mortos, de abelhas, de vespas, etc. Comprehende-se pois que este animal só pode ser attacado pela fome quando as neves lhe impedem a caça, retendo-o no covil.

Entre os pequenos mamiferos ha-os de que elle não gosta: taes são os musaranhos que mata, mas que não come, provavelmente por causa do forte cheiro almiscarado que espalham.

Em todas as suas excursões, o rapozo considera como primeiro cuidado o da salvação individual; não attaca nunca um rebanho, não se atira a um animal sem a certeza de que o vencerá, não come o que encontra pelos caminhos, receioso do veneno. Antes de se pôr em movimento examina tudo; é por isso que se torna difficil apanhar este perigoso ratoneiro em armadilhas. Isto não quer dizer que o rapozo não tenha por vezes temeridades assombrosas. Ha occasiões em que parece desconhecer toda a ordem de perigos, todo o genero de difficuldades. Nem os cães, nem os caçadores, nem as armadilhas, nem as neves servem então de obstaculo ao inquieto carniceiro. Estes factos são todavia excepcionaes. De ordinario, o rapozo manifesta uma grande prudencia e uma paciencia sem limites. «Se acontece, escreve Leroy, que todas as saidas da toca estão cercadas de armadilhas, o animal descobre-as, reconhece-as e antes de se deixar caír expõe-se a uma fome cruel. Vi alguns que se conservaram quinze dias na toca e só se determinaram a saír quando o excesso da fome não lhes permittia já senão a escolha do genero de morte. E este terror que retem o rapozo não é nem authomatico nem inactivo: não ha tentativa que elle não faça para se subtrair ao perigo. Em quanto lhe restam unhas, trabalha ininterruptamente na construcção de uma nova saida, por onde não raras vezes consegue escapar aos ardis do caçador. Se um coelho, fechado com elle no mesmo covil, cae n'algum dos laços, ou se por uma circumstancia fortuita a armadilha se desarma, o animal, certo de que a machina não funccionará mais, passa-lhe por cima com toda a segurança.» [1]

O rapozo não é só prudente, paciente e ardiloso, é tambem de uma enorme coragem. Conta Winckell que, tendo com um tiro fracturado um

[1] Leroy, *obr. cit.* pg. 30.

dos membros anteriores do rapozo, este tentou fugir, mas sendo-lhe obstaculo a perna, a arrancou ás dentadas para melhor correr.

Demais, o rapozo é de uma resistencia vital incomparavel. Windulgem conta ter visto um, já depois de esfolado, deitar os dentes ao homem que fazia a operação.

Aguilhoado pela fome, o rapozo não duvida attacar os seus congéneres.

O rapozo dorme deitado em dedubito lateral, como os cães. Tem o somno profundo; quando dorme não é portanto difficil apanhal-o.

A voz d'este carniceiro consiste n'um latido curto que termina por um grito agudo e forte. Este latido só se ouve por parte do rapozo adulto nos tempos de frio rigoroso ou na epocha do cio.

É nos fins de Fevereiro que os dois sexos se procuram, havendo então luctas desesperadas entre os machos para a posse da femea. Nove semanas depois do acto sexual, quer dizer em fins de Abril ou começos de Maio a femea pare trez a seis filhos. Estes nascem com os olhos fechados e assim se conservam durante quinze dias. A femea então não abandona os pequenos; é o macho que lhe procura o alimento. Quando os filhos estão já um pouco crescidos, pae e mãe vão á caça para lhes trazerem o alimento. Comprehende-se perfeitamente que uma familia assim numerosa deve ter innumeraveis necessidades. Por isso os paes, ou separados ou junctos, andam constantemente á caça e destroem então mais aves do que em todo o resto do anno.

Um mez depois de nascidos, os filhos cujo pêllo é então pardo-arruivado, saem do covil quando tudo está tranquillo, aquecem-se ao sol e brincam uns com os outros ou com a mãe. Os paes trazem-lhes animaes vivos, ratos, pequenas aves, rãs, insectos e ensinam-lhes a apanhal-os, a tortural-os, emfim a fazel-os pedaços. A prudencia da femea é tal que ao menor ruido suspeito, crendo n'um perigo, conduz immediatamente os filhos para o covil. Quando os filhos andam fóra e a mãe suspeita da existencia de armadilhas em torno do covil, apanha-os um a um e vae escondel-os em um outro covil distante. Em Julho os filhos principiam a acompanhar a mãe nas suas excursões ou caçam elles sós, procurando ao crepusculo apanhar algum rato, alguma avesinha, ou mesmo um insecto. E então toda a sua attitude, todos os seus modos são analogos aos dos paes.

Em todos os seus actos a rapoza manifesta um immenso amôr pelos filhos. Muitos factos o comprovam. Citaremos um que nos parece em extremo interessante; narra-o Eckstrom, naturalista sueco. Trata-se de um pequeno rapozo que foi agarrado na toca e amarrado por uma corda a uma arvore um certo dia á tarde; na manhã seguinte foi encontrado no mesmo logar com uma cabeça de peru ao pé. Averiguou-se então que os paes

tendo dado com a capoeira aberta mataram uns quinze perus e não se esqueceram do pobre filho prisioneiro, repartindo com elle.

Um dos mais accentuados caracteres do rapozo é a perfectibilidade. Á medida que o homem imagina mais e melhores processos de caça, o rapozo pelo seu lado imagina mais e melhores meios de lhes escapar. Assim os rapozos que habitam logares onde os não perseguem são infinitamente inferiores em astucia aos que vivem perto dos povoados e são a cada momento perseguidos.

CAÇA

Para matar o rapozo empregam-se processos de toda a ordem: o envenenamento, o tiro, as armadilhas, a paulada, a perseguição pelos cães, tudo emfim quanto se usa na caça dos outros carniceiros. Dado o ardor, a sollicitude que o homem põe na perseguição d'este mamifero, ha muito que a especie estaria extincta, se por sua parte elle não oppozesse astucia a astucia, ardil a ardil. Mas porque é intelligente e prudentissimo, continua a viver e a reproduzir-se, a despeito da guerra que lhe promovem.

É no inverno que a caça d'este animal se torna relativamente facil, porque deixa no gelo vestigios de passadas que se não confundem com outras e que os cães seguem.

Á falta de cães que obriguem a sair do covil um rapozo, quando se tem a certeza de que elle ahi está pode empregar-se para o matar um processo simples de que falla Cabarrus. [1] Consiste este processo em tapar todas as entradas da toca ou covil, deixando aberta apenas uma, pela qual se introduz um pedaço de panno coberto por uma camada de enxofre. Accende-se esse panno, introduzem-se ainda para dentro do covil feixes de palha ou de carqueja e tapa-se depois a ultima entrada. Ao outro dia vae encontrar-se o rapozo asphixiado á beira de uma das entradas do covil.

[1] Cabarrus, *Les animaux des forêts*, pg. 6.

CAPTIVEIRO

Quando se apanham novos, os rapozos educam-se facilmente e habituam-se á alimentação usual dos cães. Correm pela casa atraz do dono como o faz o cão. Habituam-se até a comer no mesmo prato com um cão e uma gallinha, como fazia um rapozo de um doutor inglez citado por Franklin.

INIMIGOS

O homem não é o unico inimigo do rapozo. Os lobos e os cães teem-lhe tambem um odio intransigente. Entre as aves algumas ha, como o açôr, o falcão e a aguia, que o apanham quando novo.

DOENÇAS

O rapozo está subjeito ás mesmas doenças que o cão, particularmente á raiva.

USOS E PRODUCTOS

O pêllo de inverno do rapozo vulgar serve para diversos fins; com o pêllo da cauda fazem-se espanadores utilissimos na limpeza de objectos delicados. Os romanos que engordavam o rapozo com uvas, consideravam a sua carne um prato delicado. Hoje ninguem se aproveita d'ella; tem um cheiro que a torna insupportavel.

O RAPOZO DO BRAZIL

Este carniceiro, tambem é conhecido pelo nome de *aguarachay* ou *aguaratschai*.

CARACTERES

Assemelha-se aos rapozos da Europa e da America do Norte; é mais pequeno do que elles, mas proporcionalmente mais vigoroso. Tem a pupila redonda. O comprimento é de sessenta a oitenta centimetros, dos quaes trinta e oito pertencem á cauda. A côr do pêllo varía. Geralmente tem o dorso e a nuca negros, a cabeça parda, os lados do tronco cinzentos escuros, o peito e o ventre amarellados, a face anterior das patas trigueira e a posterior negra. O focinho é branco com uma larga mancha circular amarella á volta dos olhos; as orelhas são amarellas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O aguarachay habita toda a America do Sul, desde as costas do oceano Pacifico ás do oceano Atlantico, desde o Equador até ao sul da Patagonia.

COSTUMES

Encontra-se nas planicies e nas montanhas. Nos Andes encontra-se á altura de cinco mil metros acima do nivel do mar. No Paraguay vive no meio dos mattos evitando tanto as densas florestas como os logares descobertos.

O rapozo do Brazil vive solitario no estio e no outomno e aos pares no inverno. Dorme de dia e vagueia de noite á busca de pequenos mamiferos, como os coelhos, e de pequenas aves domesticas ou bravas de que faz a sua alimentação. Segue o jaguar para o fim de aproveitar-se dos restos das suas refeições.

A voracidade de que é dotado, faz d'elle nos logares que habita um verdadeiro flagello.

«Muitas vezes, diz Rengger, passei durante as minhas viagens a noite ao clarão das estrellas e da lua. Se me deitava ao pé de alguma choça onde havia patos, via muitas vezes o rapozo do Brazil approximar-se prudentemente, sempre contra o vento, para poder farejar o homem e o cão.

«O rapozo deslisava silenciosamente atravez das hervas e das sebes, dando ás vezes grandes voltas, para chegar até aos patos, atirava-se subitamente a um e mordia-o no pescoço de modo a impedil-o de gritar e depois fugia com a presa, sustentando-a no ar para lhe não estorvar a corrida. Só mais longe, quando se sentia em segurança, é que a devorava, como o provavam as pennas e os ossos que se encontravam. Se um ruido o amedrontava, occultava-se logo nas sebes, para de novo voltar a uma outra tentativa; muitas vezes aconteceu approximar-se quatro ou cinco vezes de uma choça sem encontrar occasião favoravel para o roubo. Mas se o não conseguia n'uma noite, voltava na immediata. Mandei espreitar muitos dias seguidos um aguarachay que me tinha roubado um pato, sem que elle apparecesse nunca, apesar de todas as manhãs lhe encontrarmos a pista nas proximidades. Na primeira noite em que não encontrou ninguem de observação veio visitar-me a capoeira. Nas florestas e nos descampados, o aguarachay não manifesta tanta prudencia; tem ahi menos inimigos a receiar e facilmente apanha os pequenos mamiferos.»

Nos logares pouco habitados, o rapozo do Brazil é de uma temeridade inacreditavel.

A epocha do cio é para esta especie no inverno. Na primavera a femea pare trez ou quatro filhos que não abandona durante as primeiras semanas; n'este periodo de tempo é o macho que procura o alimento.

CAÇA

Os prejuizos que causa o aguarachay motivam e justificam a caça que os habitantes do Paraguay lhe fazem. Os processos de caça empregados contra este carniceiro são precisamente os mesmos de que fallamos a proposito do rapozo vulgar.

DOMESTICIDADE

Muitas vezes no Paraguay apanham-se os rapozos novos ainda e domesticam-se então perfeitamente. O que dissemos ácerca da domesticidade do rapozo vulgar pode inteiramente repetir-se n'este ponto. O rapozo do Brazil attinge um alto grao de domesticidade.

O RAPOZO AZULADO

Este animal tambem conhecido pelo nome de *rapozo dos mares polares* parece-se enormemente com o rapozo vulgar no ponto de vista physico, mas d'elle differe de um modo completo no ponto de vista dos costumes.

CARACTERES

O rapozo azulado é pequeno; o corpo mede apenas sessenta e seis centimetros de comprido e a cauda trinta e trez. Os membros são curtos, o focinho forte, as orelhas pequenas e redondas e o pêllo comprido e variavel de côr segundo as estações. Como quasi todos os animaes das regiões polares, este experimenta duas mudas por anno: no estio é da côr da terra ou dos rochedos, de inverno côr do gêlo. Muitos affectam n'esta ultima estação uma côr ligeiramente azulada; d'aqui o nome porque é conhecida a especie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita as regiões polares e cobertas de gêlo do antigo e novo mundo e as ilhas tanto como o continente. Brehm nota que o facto de apparecer em ilhas isoladas e desertas de que é o unico mamifero habitante só póde explicar-se admittindo que elle emigra ou antes é transportado para ahi com os gêlos das altas montanhas.

COSTUMES

É de uma voracidade espantosa; mata todos os pequenos mamiferos e todas as pequenas aves. Quando lhe falta o alimento, come mesmo excrementos. Quando o alimento é em abundancia, arrecada uma parte debaixo da terra para o procurar de novo quando lhe escasseiem os recursos alimentares.

Encontram-se muitas vezes estes rapozos em bandos numerosissimos, o que não quer dizer que entre elles exista uma grande união. Não é raro que entre si combatam desapiedadamente.

Nos costumes do rapozo azulado ha contradições curiosas: actos que

parecem reveladores de uma grande intelligencia e actos de uma inepcia superlativa. Se umas vezes dão prova de grande astucia, outras parecem demonstrar uma invencivel estupidez.

Steller narra o seguinte: «Durante a infeliz demora que tivemos em Behring, muitas vezes observei os costumes d'estes animaes que excedem muito o nosso rapozo em impudencia, em destreza e em astucia. De dia e de noite penetravam nas nossas habitações, roubavam tudo, mesmo objectos de que não podiam servir-se, como facas, bengalas, saccos, sapatos, etc., etc. Tiravam de cima dos nossos tonneis de provisões pezos de muitos arrateis para poderem roubar-nos carne e faziam-o com tal arte que ao principio não suspeitavamos dos singulares larapios. Se esfollavamos algum animal, viamo-nos sempre forçados a matar á facada dois ou trez rapozos que nos vinham roubar a carne ás mãos. Se enterravamos alguma coisa, por funda que fosse a cova e ainda que a cobrissemos com pedras grandes, auxiliando-se uns aos outros arredavam-as para o lado e apropriavam-se do objecto enterrado. Se collocavamos alguma coisa sobre uma columna alta, cavavam o terreno na base d'esta ou trepavam como gatos ou como macacos por ella acima e lançavam ao chão o objecto lá collocado. Observavam todos os nossos actos, seguiam-nos por toda a parte. Se o mar atirava á praia qualquer peixe, devoravam-o antes que qualquer de nós tivesse sequer tempo de se approximar; se não podiam comel-o inteiro, transportavam o resto, á nossa vista, para a montanha e enterravam-o, emquanto alguns faziam sentinella para avisar da approximação do homem.»

Estes habitos de destreza e astucia não condizem bem com o facto de se deixarem matar á paulada.

O mesmo auctor continua: «Não nos deixavam repousar nem de dia nem de noite; isto azedou-nos, irritou-nos tanto, que os matamos todos, novos e velhos. Só á minha parte dei cabo de duzentos, pelo menos. No terceiro dia depois da minha chegada, matei em trez horas mais de setenta, cujas pelles serviram para guarnecer o tecto da nossa cabana.» É realmente singular e extravagante tudo isto. A astucia d'estes carniceiros permitte-lhes tudo, inclusivé desenterrar objectos profundamente collocados, e não lhes permitte evitar a morte pela pancada!

A epocha do cio é em Abril e Maio. É então principalmente que entre elles se travam os maiores e mais sangrentos combates. Em meiado ou fins de Junho a femea dá á luz n'uma caverna ou na fenda de um rochedo nove a doze filhos. Se alguem lh'os rouba, a pobre mãe persegue o matador até que, se não é ella mesma morta, se vinga cruelmente da affronta feita ao seu amor materno.

CAÇA

Os ostiacos e samoyedos fazem ao rapozo azulado uma guerra desesperada durante o inverno. N'esta estação o rapozo cava tocas sob a neve; o indigena conhece-as e obriga-o a sair d'ellas, dando-lhe a morte então.

CAPTIVEIRO

Os rapozos azulados, quando se captivam novos, são susceptiveis de domesticidade. É certo porém que conservam sempre uma tal ou qual excitabilidade nativa e que reunidos em uma mesma jaula vivem em lucta uns com os outros. Conta Brehm que no gabinete zoologico de Hamburgo dois rapozos azulados se precipitaram sobre um terceiro que mataram.

USOS E PRODUCTOS

Da pelle do rapozo azulado fazem-se tapetes. A carne parece não ser má.

Além das especies que acabamos de descrever ha ainda:

O RAPOZO BRANCO E O RAPOZO NEGRO DO JAPÃO, o primeiro divinisado pelo indígena, o segundo odiado;

O RAPOZO CORSACO, pequeno, de dimensões intermedias ás do rapozo azulado e do gato domestico, habitante da Tartaria e das Indias, e finalmente

O RAPOZO CAAMA, habitante do Cabo, perseguidor terrivel das aves que fazem ninho no solo ou a pequena altura da terra.

OS FENNECOS

São carniceiros que alguns naturalistas fazem pertencer ao grupo dos rapozos e que outros consideram como formando um grupo distincto. Parecem-se extraordinariamente com os rapozos vulgares nas formas geraes do corpo; distinguem-se porém pela grandeza desmesurada das orelhas, que são muito maiores que a cabeça.

COSTUMES

São caçadores magnificos, de uma organisação admiravelmente apropriada á vida do deserto. São dotados de uma vista em extremo prespicaz e as grandes orelhas servem-lhes para ouvirem o menor som produzido. Vivem no meio da aridez do deserto relativamente sem grande trabalho, graças á agilidade, destreza e astucia de que são dotados.

Os fennecos vivem em tocas que cavam com rapidez assombrosa, no dizer do Dr. Buvry.

A femea pare no mez de Março trez ou quatro filhos que nascem cegos e a que ella tributa um grande affecto.

Os fennecos são animaes nocturnos; a vida activa principia para elles ao crepusculo da tarde.

Faz a caça a todas as pequenas aves do deserto. Uma vista prespicaz, um ouvido finissimo e um olfato de extraordinaria sensibilidade são qualidades que os fennecos collocam ao serviço d'este exercicio difficil da caça ás aves.

CAÇA

Caçam-se os fennecos em armadilhas collocadas á sahida das tocas. Como as suas maxillas são fracas não tentam sequer cortar o laço que os prende.

CAPTIVEIRO

Os fennecos reduzidos ao captiveiro são companheiros vivos e agradaveis do homem. Domesticam-se facilmente e criam affeição á nossa especie.

Em captiveiro os fennecos não se dão bem uns com os outros, antes vivem em luctas permanentes. E o que é mais de estranhar é que essas luctas realisam-se as mais das vezes entre machos e femeas.

É preciso preserverar estes animaes do frio, porque se o não fizermos contraem uma doença d'olhos mortal.

Ha duas especies de fennecos: o zerda e o otocyon.

AS HYENAS

Fallando d'estes carnivoros, Brehm principia dizendo: «Entre os animaes das collecções ambulantes ha sempre alguns sobre os quaes, graças ás explicações do emprezario, se fixa particularmente a attenção dos espectadores. Do numero d'elles é a hyena. O emprezario aponta estes carnivoros como verdadeiros monstros. Declama longamente sobre as suas terriveis qualidades, das quaes as menos importantes são o amor



1 A Hyena listrada. — 2 O Chacal. — 3 A Hyena maculada.

Magalhães & Moniz, Editores.

do roubo, do assassinato, da carnagem, a sede insaciavel de sangue, a astucia, o ardil; não se esquece de o denunciar como violador das sepulturas, como animal que estima acima de tudo a carne dos cadaveres. Por isso existe em todos uma profunda aversão por estes *seres pavorosos*.

«A sciencia não confirma uma tal descripção; e no entanto todos a crêem e repetem desde os mais remotos tempos.

«Poucos animaes terão fornecido como as hyenas assumpto para tantas fabulas e contos maravilhosos. Ácerca d'estes carniceiros contavam os antigos factos inacreditaveis. Um cão, diziam, perde a voz e os sentidos se o attinge a sombra de uma hyena; estes carnivoros imitam a voz na nossa especie para attrairem o homem e matal-o; um mesmo individuo toma para si o sexo que lhe appetece, torna-se macho ou femea, segundo lhe apraz. Todas estas fabulas encontraram echo na quasi totalidade dos povos que conheceram a hyena.» [1]

Os arabes consideram a hyena como a incarnação de espiritos malignos ou de grandes peccadores.

Todas as lendas, todas as fabulas conhecidas teem decerto origem na fealdade e em alguns costumes repugnantes da hyena, como o que lhe é muito caracteristico de exhumar os cadaveres para os comer.

CARACTERES

As hyenas teem o corpo alongado, o pescoço grosso, a cabeça volumosa, o focinho solido, as patas de diante recurvas e mais altas que as de traz, o dorso inclinado, a parte posterior do tronco mais baixa que a anterior, as orelhas cobertas de pêllos raros, formas pouco nobres, olhos obliquos, gazeos, de uma expressão repugnante, a cauda curta e coberta de pêllo comprido. O manto é de pêllo rijo, mas pouco basto. «N'uma palavra, diz Brehm, tudo se conspira para dar á hyena um aspecto dos mais desagradaveis.»

Sob o ponto de vista anatomico os caracteres differenciaes são não menos importantes. A hyena tem as maxillas rijas, os incisivos fortemente desenvolvidos, os caninos grossos, obtusos, os falsos molares de corôa deprimida, a porção facial da cabeça larga e obtusa, a abobada

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 537.

craneana pequena. As arcadas zygomaticas são fortes e salientes; as vertebras cervicaes são tambem fortes e offerecem largas superficies de insersão aos musculos do pescoço. As glandulas salivares são muito grandes e a lingua coberta de pupillas corneas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A aria de dispersão das hyenas é muito extensa. Encontram-se estes carniceiros no sul e oeste d'Asia até ao Atlas; abundam muito na Africa, continente que deve considerar-se como a sua verdadeira patria. Em epochas passadas eram as hyenas muito mais abundantes e achavam-se mais largamente espalhadas do que hoje, porque, como exuberantemente o provam muitos documentos, habitaram a Europa.

COSTUMES

As hyenas são animaes nocturnos. Não se vêem de dia senão quando uma circumstancia excepcional as sollicita a sair do covil; nem mesmo ao crepusculo se encontram. Só noite fechada principiam as suas peregrinações.

Nos logares populosos, não ousam approximar-se do homem; nas regiões menos habitadas, chegam pelo contrario, a penetrar nos casaes.

«Pouco mais ou menos uma hora depois do pôr do sol, diz Brehm, ouvem-se nos logares isolados das florestas e das montanhas, nas planicies e nos desertos, os gritos d'estes animaes que vagueiam sós ou em pequenos bandos. Nas florestas virgens do interior d'Africa, principalmente nas que orlam o Nilo, estes uivos formam, agglomerando-se, um côro formidavel; desde que uma faz ouvir a voz todas a acompanham desde logo. O uivar da hyena listrada é no entanto menos desagradavel do que se tem dito e divertia-nos muito aos meus companheiros de viagem e a mim. Este uivar offerece numerosas variantes: é um mixto de tons altos e de tons graves, de grunhidos, de murmurios, de ranger de dentes. O uivo da hyena maculada é uma especie de riso de escarneo, como o que as almas credulas e as imaginações excitadas devem prestar

ao diabo, um riso vindo do inferno. Quando pela primeira vez se ouvem estes sons é impossivel deixar de sentir um certo terror e de reconhecer n'elles uma das causas de todas as fabulas que correm acêrca das hyenas. É provavel que estes carniceiros se correspondam pelos gritos; o que é certo é que esta musica cessa desde que um dos executantes encontra alimento. Toda a apparição que lhes causa espanto ou terror é saudada pelos uivos da hyena listrada e pelo riso estridulo da maculada. Na ultima noite do anno de 1850, tinhamos acendido fogo n'uma floresta virgem á orla do Nilo para celebrar a festa a nosso modo, quando de subito vimos apparecer na margem alcantilada do rio uma hyena listrada sobre a qual batia em cheio o clarão da chamma e que, immovel, os olhos fixos na fogueira, principiou a uivar de um modo atterrador. Uma estrepitosa gargalhada foi a resposta que lhe enviamos; tanto bastou para que abandonasse immediatamente o seu posto de observação e tratasse de procurar um refugio na floresta.

«Não é possivel conceber uma noite n'estas paragens sem o uivo das hyenas; é elle que dá o tom, é elle que faz o acompanhamento a todos os outros gritos. Ao passo que os demais habitantes da floresta, o leão, a panthera, o elephante, o lobo, o mocho, só se ouvem de tempos a tempos, a hyena grita incessantemente. Toda a noite estes carniceiros vagueiam; só de manhã se recolhem. Pelo que pude vêr, elles não penetram nas cidades e nas aldêas senão depois das dez horas da noite; mas então penetram sem receio, sem se deixarem intimidar pelos cães.

«Na cidade de Sennaar, á margem do Nilo, retirando-me uma vez de um jantar pela volta da meia noite, vi uma numerosa reunião de hyenas de que me approximei muito; tomei-as ao principio por cães, e só depois, quando uma d'ellas fez ouvir o seu grito caracteristico, é que logrei reconhecel-as. Bastou atirar-lhes uma pedra para que fugissem em todas as direcções ao longo das ruas da cidade.

«Nas excursões que faz, a hyena guia-se tanto pelo olfato como pela vista e pelo ouvido. Um rebanho de carneiros, de cabras ou uma manada de bois encerrados n'um curral, attraem as hyenas que vagueiam em torno das sebes sem se atreverem a forçal-as, o olhar brilhante de maldade e de cubiça, a bocca escancarada e soltando uivos que aterram os animaes domesticos. Os cães de guarda facilmente as obrigam a fugir; estão perfeitamente ensinados a saltar na direcção do ponto em que o perigo parece imminente. As hyenas não tentam fazer-lhes face, procuram antes escapar, embora voltem passados momentos. Quando lhes cheira a preza, as hyenas marcham tão silenciosamente quanto possivel; não sabem rastejar, approximam-se, olham, escutam, farejam, promptas sempre a fugirem. A hyena maculada é um pouco mais corajosa que a

listrada; relativamente porém ás proporções, é ainda muito medrosa e cobarde. As hyenas não attacam senão animaes indefesos, como os carneiros, as cabras, os porcos pequenos, e ainda assim de lado. É raro que se atirem a um boi ou a um cavallo; tem-se visto fugir perseguidas por um jumento. Não são pois estes carniceiros prejudiciaes senão para o gado miudo em que fazem grandes devastações.

«A carne em decomposição é no entanto o alimento preferido das hyenas; quando a encontram, reunem-se-lhe em torno em bandos confusos e agitados. São os abutres dos mamiferos; são de uma voracidade incomparavel. Esquecem então toda a prudencia e toda a apathia que geralmente manifestam, para travarem entre si combates furiosos; os uivos, o ranger de dentes, as risadas que acompanham a lucta formam um côro que parece entoado pelos diabos todos que habitam o inferno.

«Ainda hoje no interior d'Africa, as hyenas se alimentam dos cadaveres de pobres e de escravos insepultos. Sob o dominio turco, em Sennaar e em Obeïd não era raro vêr durante a noite as hyenas fazerem o seu pasto dos corpos humanos. No sudoeste d'Africa desenterram os cadaveres que os hottentotes sepultam a uma pequena profundidade.

«Julio Gerard conta que a hyena em Argel, vagueia pelos cemiterios arabes que não teem muros nem sebes que os protejam.

«A hyena desenterra os mortos e come-lhes até os ossos. Quando a fome a aperta de mais e que nenhum alimento tem podido encontrar, chega até aos muros das aldêas e cidades para procurar ahi um animal morto ou algumas carnes em putrefação: tudo então lhe serve, o couro mesmo. No interior d'Africa o matadoiro é sempre distante do povoado; as hyenas vão ahi comer a terra impregnada de sangue secco e corrompido. Tambem as ha que encontram alimento nos excrementos humanos.

«É sem duvida a estes habitos que devem attribuir-se, em parte, as historias que correm ácerca d'estes animaes.

«Uma hyena que uma vez lançou os dentes a uma preza, difficilmente consentirá em abandonal-a. Ha de tirar-lhe ao menos um pedaço; e o que uma vez apanha entre os dentes não o larga senão morrendo.

«É muito provavel que o cheiro excessivamente desagradavel que as hyenas exalam seja devido, pelo menos em grande parte, ao seu regimen alimentar.

«Tem-se muitas vezes agitado a questão de saber se a hyena attaca ou não o homem. É certo que a hyena listrada não o faz; a maculada porém apanha creanças ou mesmo adultos, em quanto dormem. Dispoem estas hyenas de uma força tal que lhes é facil arrastar o pezo de um homem. Estes factos porém raras vezes teem logar; a hyena é temida, não pela força physica, mas pelo poder magico e mysterioso que lhe conferem.

«Na epocha em que o alimento é mais abundante, isto é no começo da estação das chuvas no interior d'Africa, na primavera na Africa do Norte a hyena pare n'um covil que ella mesma fez ou na fenda de algum rochedo ou mesmo sobre o solo nú trez a quatro filhos. Em quanto elles se conservam cegos e fracos, a mãe dedica-lhes um grande affecto e defende-os com coragem; mas desde que se tornam grandes, abandona-os ao menor indicio de perigo.» [1]

CAÇA

A perseguição sem treguas movida ás hyenas pelos colonos europeus e ainda por algumas povoações indigenas, é motivada pelas devastações que ellas causam nos rebanhos de gado miudo.

Contra as hyenas empregam-se todos os generos de caça; a armadilha, o tiro, o envenenamento. Tambem se apanham vivas. Este ultimo processo de caça é muito empregado no Egypto e Brehm descreve-o assim: «O homem encarregado de apanhar hyenas dirige-se com uma corda e um pedaço de estofo branco para ao pé de uma fenda de rochedo ou de uma caverna em que sabe que as hyenas teem o seu covil e entra com precaução até vêr brilhar os olhos do animal. Á medida que o homem avança, a hyena recua soltando gritos de raiva e não pára senão ao fundo da caverna; o caçador lança-lhe então o estofo á cabeça, envolve-a com elle. O animal morde o estofo, tornando assim mais facil a tarefa do caçador, que lhe prende as pernas, lhe atira um laço ao pescoço para o estrangular ou sómente á volta do focinho para impedil-o de morder. A hyena faz então baldados esforços para defender-se; está apanhada.» [2]

Pelo fragmento que acabamos de transcrever, vê-se que não é empreza tão difficil como poderia suppor-se, o reduzir a hyena ao captiveiro. O que vem de ser lido decerto não condiz com a opinião geralmente admittida da ferocidade indomavel da hyena. A julgar pelas descripções hyperbolicas e mesmo phantasiosas dos emprezarios ou donos de collecções de feras, descripções a que nos referimos no começo d'este

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 540.
[2] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 450.
*

estudo, nada mais natural que o acreditar na indomabilidade da hyena. E no entanto é falsa e absolutamente infundada uma tal opinião. «As tribus guerreiras do deserto, diz Brehm, julgam uma deshonra bater uma hyena.» E Julio Gerard acrescenta: «Embora os cães corredores sigam a hyena com o mesmo furor com que seguem o chacal e a persigam sem treguas, eu considero a hyena do numero dos animaes que se matam e não dos que se caçam.

«Os arabes dizem—*Cobarde como uma hyena* e teem razão.

«Toda a arma empregada em matar um d'estes animaes recebe uma macula de que nunca mais se lava e que a torna indigna de ser empunhada por um guerreiro.»[1]

O mesmo notavel caçador continúa: «Por uma formosa manhã do mez d'Agosto de 1844, saía eu a cavallo do campo de Ghelma em direcção á montanha de Mahouna, a convite dos habitantes d'este logar.

«Depois de uma hora de marcha pouco mais ou menos, durante a qual eu ia pensando nas probabilidades da empreza que ia começar, descobri dirigindo-se para mim e pela mesma estrada que eu seguia um animal de pêllo eriçado e de physionomia repellente que parecia coxo.

«Era uma hyena que o dia tinha surprehendido nas suas excursões e que envergonhada, corrida se dirigia, coxeando, para o covil.

«A minha arma de fogo tinha-a um arabe que viera como emissario da tribu de montanhezes e que ficára atraz. Não tendo senão o meu sabre, desembainhei-o e comecei a perseguir o animal.

«Logo que me viu, abandonou a estrada e desappareceu por entre o matto que a orlava. Sem poder alcançal-a, consegui comtudo seguil-a com a vista até junto de um penedo em que desappareceu. Apeei-me, prendi o meu cavallo a uma arvore, caminhei para a fenda em que a hyena penetrára e reconheci com alegria que era uma antiga pedreira tão alta e larga que podia eu caminhar dentro d'ella em pé e á vontade.

«Dois minutos depois estavamos em presença um do outro e tão perto que eu sentia os dentes da hyena prenderem a ponta do meu sabre; não via porém absolutamente nada por causa da profundidade em que me encontrava. Puz-me de joelhos, fechei os olhos por um momento e quando os abri pude vêr distinctamente o animal para saber onde deveria ferir. Fiz primeiro alguns esforços para arrancar-lhe dos dentes a ponta do sabre, depois enterrei-lh'o no peito voltando a mão para alargar a ferida. Um como grunhido surdo foi quanto ouvi; quando a lamina saiu do corpo ainda quente e nauseabunda, o animal estava morto.

[1] Julio Gerard, *La chasse au lion*, pg. 141.

«Ia agarral-o por uma pata para arrancal-o para fóra quando senti ruido de vozes á entrada da pedreira; era o meu arabe acompanhado de alguns ceifeiros, que me tinham visto perseguir a hyena e apeiar-me junto do rochedo. Quando o arabe viu a lamina do sabre tinta no sangue do animal, disse-me: «Agradece aos ceus terem permittido que eu ficasse atraz com a arma e nunca mais te sirvas na guerra d'esse sabre, porque te atraiçoaria.» E como eu désse signaes de não comprehender o sentido d'estas palavras, acrescentou: «Um arabe quando encontra uma hyena no covil, apanha uma porção de bosta de vacca e apresenta-lh'a, dizendo—Chega-te que quero alindar-te com *henné*. [1] A hyena estende a pata, o arabe apanha-a, puxa-a para fóra, açaima-a e leva-a ás mulheres e creanças do aduar para que a matem, como deve fazer-se a um animal cobarde e immundo.»

«Sem tomar precisamente á lettra as palavras do meu guia, comprehendi no entanto que tinha commettido um erro e que era preciso fazel-o esquecer por algum acto notavel de valentia para impor silencio ás más linguas das tribus.»

No Egypto as hyenas matam-se a tiro.

CAPTIVEIRO

Apanhadas em quanto novas, as hyenas domesticam-se facilmente e vivem longo tempo em captiveiro. No entanto quasi todas, tornando-se velhas, adquirem a catarata.

USOS E PRODUCTOS

Os mahometanos não utilisam uma unica parte d'este animal, porque o consideram impuro; tal é a opinião de muitos. Bombanel porém

[1] É o nome dado a uma substancia vegetal com que as mulheres arabes tingem as unhas e as mãos.

affirma que elles attribuem aos despojos da hyena virtudes medicinaes e que conservam o sangue d'estes carniceiros para o darem a beber a cavallos e mulas em casos de doença.

O serviço verdadeiramente importante das hyenas é o de devorarem as materias organicas animaes em decomposição, evitando assim um sem numero de doenças epidemicas que naturalmente se originariam sem essa limpeza. «Ao sul da Africa, diz Franklin, depois de uma batalha ninguem se dá ao cuidado de enterrar os mortos; as aves de rapina e as feras encarregam-se d'este serviço. Os ossos mesmo encontram sepultura no estomago voraz da hyena.» [1]

Observemos no entanto que este serviço não compensa de modo algum as devastações que a hyena faz nos rebanhos. As aves e os insectos bastariam a fazer a limpeza de que a hyena se encarrega.

A HYENA MACULADA

É a especie maior e mais vigorosa das actualmente vivas; é no entanto consideravelmente menor que a hyena das cavernas. Pelo corpo robusto e pelo manto inteiramente coberto de maculas distingue-se com facilidade e á primeira vista de qualquer outra especie. O pêllo é de um pardo esbranquiçado, tendendo mais ou menos para o fulvo.

O comprimento total d'esta hyena é de cento e quinze a cento e vinte centimetros e a altura de cincoenta.

1 J. Franklin, *Obr. cit.* Tom. I, pg. 188.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A hyena maculada habita a Africa meridional e oriental, desde o cabo da Boa-Esperança até ao decimo setimo grao de latitude norte e, sendo abundante, repelle a hyena listrada ou rajada. Na Abyssinia é commum e habita montanhas até quatro mil metros acima do nivel do mar.

COSTUMES

É de todos os carniceiros o mais disforme, o mais antipathico no ponto de vista physico; mas as faculdades intellectuaes tornam-o ainda, se é possivel, mais repugnante e odioso.

Ha naturalistas que affirmam cathegoricamente que a hyena maculada attaca o homem adormecido ou extenuado de fadiga. É cobarde, mas quando a fome a instiga, abalança-se ás mais altas temeridades: entra nas casas, investe com as creanças e attaca os adultos que dormem. De inverno habita os logares altos, as montanhas, mas no estio desce ás planicies onde se entrega á caça de pequenos mamiferos.

Strodtmann conta da hyena maculada historias medonhas. Quarenta pessoas, diz elle, entre creanças e adolescentes, foram no espaço de alguns mezes roubadas de noite pelas hyenas. Shepton affirma que ellas penetram nas cabanas dos cafres, circumdam a fogueira em torno da qual as familias dormem e roubam as creanças de um modo tão silencioso que os paes só dão pela falta d'ellas quando lhes ouvem de longe os gemidos e quando não é tempo já de lhes acudir ou pelo menos de as salvar. Brehm reputa estas narrativas exageradas.

CAÇA

No Cabo fazem-se caças regulares a estes carniceiros, obrigando-os pelo fogo a abandonarem os covis e a cairem nos dentes de cães adestrados n'este exercicio. Tambem se empregam armadilhas n'esta caça, mas com pequena vantagem, porque o animal sabe de ordinario evital-as.

CAPTIVEIRO

A hyena maculada domestica-se até um certo ponto á força de pancada, graças á sua natural cobardia. No entanto parece que não se consegue educar regularmente. De resto, como é um animal antipathico, immundo, disforme, ninguem, a não ser um emprezario de collecções, se dá ao trabalho de fazer tentativas n'este sentido. Franklin no entanto diz que na Africa se encontram colonos que possuem em casa hyenas maculadas em substituição de cães.

A HYENA LISTRADA

É esta a que de ordinario se vê nas collecções de feras.

CARACTERES

Tem o pêllo grosso e rijo, de um pardo esbranquiçado tendendo um pouco a amarello, coberto de listras transversaes. Tem a parte anterior do pescoço negra e a cauda ora unicolor ora listrada. A cabeça é volumosa, o focinho relativamente fino, as orelhas levantadas, grandes. O comprimento do animal é de um metro pouco mais ou menos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Esta especie tem uma area de dispersão muito maior que a anteriormente descripta; encontra-se desde Serra-Leoa até á costa oriental da Africa, bem como em toda a Asia. É abundante em todos estes logares, mesmo na visinhança das habitações.

COSTUMES

As hyenas listradas são muito menos prejudiciaes e por isso mesmo menos temidas que as maculadas. Não só são profundamente cobardes, senão que pela abundancia de immundicies e de carnes em putrefacção que encontram não sentem o estimulo da fome e não precisam portanto de attacar os animaes vivos. Se lhes cheira a carne pôdre rodam por perto das habitações em bandos ás vezes numerosos, tornam-se importunas. Apesar d'isto porém, ninguem as teme e ninguem as persegue de ordinario. Não attacam nunca um homem adormecido e não desenterram os mortos. Todas as historias medonhas narradas pelos donos de collecções a respeito d'esta hyena, são simples ficções.

CAÇA

Os cultivadores indigenas dão caça a estes animaes. As armadilhas que empregam são geralmente inuteis, porque as hyenas, muito habeis e astutas, prevêem o perigo e affastam-se d'elle.

CAPTIVEIRO

As hyenas captivam-se, domesticam-se, educam-se de um modo relativamente facil. A proposito traduziremos uma passagem interessante de Brehm: «Alguns dias depois da minha chegada a Kharthoum comprei duas hyenas novas ainda, do tamanho de um texugo quasi adulto e de um pêllo macio, lanoso, pardo escuro. Viviam já desde algum tempo em relação com a nossa especie, mas não estavam educadas. Fechei-as dentro de uma cavallariça onde todos os dias ia visital-as; mas como o logar era muito escuro, ao penetrar lograva divisar apenas quatro pontos esverdinhados a um canto, era recebido no meio de grunhidos e ranger de dentes e se me não acautelava mordiam-me nas mãos.

«Ao principio não receiavam a pancada; com os progressos da edade porém foram pouco e pouco adquirindo a noção da minha superioridade, de que lhes forneci um dia as provas. O meu creado depois de ter-lhes dado de comer, quiz brincar com ellas e foi tão violentamente mordido n'uma das mãos que não pôde servir-se d'ella durante quatro semanas. As hyenas tinham a este tempo attingido pouco mais ou menos a metade das suas dimensões definitivas e podiam portanto supportar uma correcção forte. Pensei além d'isto que mais valia matar uma do que expor-me a ser gravemente mordido por ellas. Resolvi-me pois a dar-lhes com um pau até que cessassem de rosnar quando eu me approximasse. Para vêr se a pancada tinha produzido effeito, colloquei-lhes uma meia hora depois a mão diante do focinho; uma d'ellas cheirou-a tranquillamente, mas a outra mordeu-m'a e recebeu uma nova correcção. Renovei ainda a experiencia no mesmo dia; a que me tinha mordido fêl-o novamente

e foi pela terceira vez castigada. Isto bastou; foi deitar-se a um canto e ahi se conservou immovel, desgraçada, todo o dia seguinte, sem querer comer.

«Vinte e quatro horas depois, voltei á cavallariça e entretive-me largo tempo com as duas hyenas que consentiram em que lhes fizesse quanto quiz sem sequer tentarem morder-me. A severidade tornava-se desde então inutil; os sentimentos hostis tinham desapparecido e os animaes rendiam-se evidentemente ao meu poder.

«Uma unica vez, mais tarde, tive de empregar contra ellas um banho d'agua fria, o melhor meio para domar um animal feroz. Tinha eu comprado uma terceira hyena que prevertêra as outras, já educadas; depois do banho porém, e uma vez separadas da nova companheira, voltaram á primitiva mansidão e affabilidade.

Trez mezes depois, brincava com ellas como o faria com um cão, sem o minimo receio de ser mordido. Cada vez me estimavam mais e mostravam maior alegria quando d'ellas me approximava. Quando entrava na cavallariça, levantavam-se immediatamente soltando gritos de alegria, saltando ao redor de mim, lançando-me as patas de diante aos hombros, cheirando-me a face e levantando a cauda. Era o seu processo de me saudarem; pude notar que manifestavam assim o seu contentamento.» [1]

Depois Brehm accrescenta que estas hyenas chegaram a um grao tal de domesticidade e de educação que era possivel leval-as para toda a parte sem receio de que fizessem mal ou de que fugissem. O naturalista alimentava-as principalmente com carne de cão. Um facto notou elle curiosissimo: que as hyenas não tocavam na carne do abutre, ainda que estivessem com fome. Alguns naturalistas affirmam que ellas não comem tambem a carne dos individuos da propria especie.

---

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 544 e seg.

A HYENA-CIVETA

Este carniceiro, que participa dos caracteres da civeta e da hyena é o que os francezes conhecem pelos nomes de *genette hyenoïde* e de *protèle Delalande.*

CARACTERES

Tem as orelhas alongadas e cobertas de pêllo curto e pouco abundante. As narinas fazem saliencia prolongada no focinho que é negro e guarnecido de grandes bigodes. Os pêllos da cauda são compridos, ruivos, asperos. A cauda offerece em toda a extensão anneis brancos e pretos. O manto offerece no peito e aos lados do tronco linhas negras transversaes, espaçadas e desegualmente pronunciadas. O corpo do animal mede, segundo Delalande, oitenta e dois centimetros de comprimento e a cauda trinta e trez.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A hyena-civeta pertence ao Cabo. A I. Geoffroy-Saint-Hilaire se deve uma primeira descripção completa da especie. O circulo de dispersão d'este animal é grande. Não habita só o Cabo e uma grande parte da Africa austral, mas tambem a costa de Moçambique, a Abyssinia e a Nubia.

COSTUMES

Não abundam as informações ácerca d'este carnivoro. Sabe-se que é nocturno e que faz tocas á maneira das rapozas, com muitas entradas. Corre com notavel velocidade e alimenta-se de pequenos ruminantes.

Sobre as funcções sexuaes nada se conhece.

OS VIVERRINOS

Esta familia é composta de animaes de corpo alongado, de membros altos e patas munidas de cinco dedos cada uma e unhas semi-retracteis. A lingua d'estes carniceiros é coberta de papillas e a cauda é comprida. Por baixo da cauda, entre o anus e as partes genitaes teem os individuos d'esta familia uma pequena bolça na qual continuamente depositam uma substancia muito cheirosa e da consistencia de pomada e que se denomina a *algalia*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os animaes d'esta familia existem na Asia e na Africa. Em epochas geologicas anteriores á nossa existiam na Europa tambem.

COSTUMES

São de uma extrema agilidade. Alimentam-se como todos os carniceiros.

CARACTERES

Apesar de selvagens e maos captivam-se e domesticam-se de um modo relativamente facil.

USOS E PRODUCTOS

A *algalia* que produzem é uma substancia muito estimada na therapeutica africana.

A CIVETA D'AFRICA

É este muito provavelmente o animal que os antigos conheciam pela designação de *hyena perfumosa*.

CARACTERES

Sob formas exteriores que recordam as do gato e da marta, este animal tem as dimensões de um cão de grandeza media. Tem a cabeça larga, o focinho estreito, as orelhas curtas e ponteagudas, os olhos obliquos, a pupilla redonda, o corpo alongado e mais vigoroso que o de qualquer outro viverrino. A cauda tem pouco mais ou menos metade do comprimento do corpo. As patas são de tamanho regular. O pêllo é espesso, grosseiro e susceptivel de se levantar; a côr é o cinzento tendendo n'um ou n'outro ponto a amarello e coberto de manchas escuras, dispostas aos lados do tronco em series transversaes ou longitudinaes e nas coxas em fachas transversas. O ventre é mais claro que o dorso e por isso as manchas escuras parecem ahi muito mais acentuadas. A cauda offerece seis a sete anneis negros que se estendem desde a raiz até á ponta. Aos lados do pescoço encontra-se uma grande mancha branca, quadrilatera, alongada, obliqua, limitada em baixo por uma facha escura e dividida em duas partes eguaes por uma outra linha egualmente escura. O nariz é negro, o focinho branco na ponta e trigueiro claro entre os olhos e a fronte amarellada. Por cima de cada um dos olhos existe uma extensa mancha que se continua sob o pescoço passando pelas faces. O corpo do animal mede cerca de setenta e cinco centimetros, a cauda quarenta e a altura é de trinta.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita uma grande parte da Africa e da Asia.

COSTUMES

A civeta d'Africa vive nas montanhas, nos logares seccos, arenosos, estereis. Pouco se sabe do seu genero de vida em liberdade. Ignora-se inteiramente o que diz respeito ás funcções de geração: a epocha do cio, o tempo que dura uma gestação, o numero de filhos dados á luz em cada parto, o termo do crescimento d'estes, etc. Sabe-se que a civeta d'Africa é um animal nocturno, que trepa ás arvores, que descobre os ninhos e lhes come os ovos, que attaca os pequenos mamiferos e emfim que, á falta de alimentação animal, se serve de fructos e de raizes. Este ultimo ponto, ainda assim, não está plenamente averiguado.

CAPTIVEIRO

Este carniceiro, como todos, quando se captiva ainda novo, domestica-se facilmente. Temos d'isto muitas provas, de que as principaes são fornecidas pelo Museu de historia natural de Paris e pelo jardim zoologico de Hamburgo.

USOS E PRODUCTOS

Da *algalia,* substancia que estes animaes produzem em grande quantidade, fazia-se n'outro tempo um largo commercio. Hoje essa substancia vale muito menos, porque perdeu em grande parte os usos therapeuticos em que era empregada e tambem deixou quasi completamente de entrar na composição dos perfumes de *toilette*.

Para que serve este perfume ao animal? Será para, pela sua grande intensidade, afugentar inimigos? Será pelo contrario para attrair os pe-

quenos mamiferos de que o animal se alimenta? A questão resta para discutir; não ha elementos bastantes de solução, segundo affirmam os mais conscienciosos naturalistas.

A CIVETA D'ASIA OU ZIBETA

Quasi tudo o que se diz da civeta d'Africa pode, tanta é a semelhança das duas especies, repetir-se da civeta d'Asia. Ha mesmo naturalistas que não distinguem duas especies, antes fazem da civeta asiatica uma simples variedade da civeta africana.

CARACTERES

A zibeta tem a cabeça mais alongada, as orelhas mais compridas e o corpo mais fino que a civeta d'Africa. A côr fundamental do manto é um trigueiro amarellado, coberto de manchas ruivas, numerosas, muito juntas e dispostas em fachas transversaes.

O animal adulto mede oitenta centimetros de comprimento de cabeça e tronco, quarenta de cauda e trinta e tres de altura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A zibeta vive nas Indias orientaes.

COSTUMES

É um animal nocturno. Ácerca dos costumes d'elle existe a obscuridade que fizemos sentir, fallando da civeta africana.

AS GINETAS

Este genero abrange individuos mais conhecidos que aquelles de que vimos de fallar. Caracterisam estes animaes um corpo muito alongado, a face plantar das patas absolutamente nua, a presença de cinco dedos em cada uma, a cauda longa e as orelhas de grandeza media.

A GINETA VULGAR

É das especies do genero a mais conhecida e a unica que vive na Europa.

CARACTERES

Assemelha-se muito ás civetas. O corpo mede cincoenta e cinco centimetros de comprimento e a cauda quarenta e quatro; a altura é de quinze a dezesseis. Tem como as civetas uma glandula sub-anal, mas que não segrega mais que uma pequena quantidade de um liquido gorduroso com um forte cheiro de almiscar.

Os pêllos são curtos e espessos, de um cinzento amarellado; aos lados do corpo e dispostas em quatro ou cinco fachas longitudinaes ha manchas de formas variadas, de côr geralmente negra, raras vezes misturada de ruivo. Quatro fachas longitudinaes orlam o pescoço. O focinho é trigueiro escuro com uma linha mais clara sobre o dorso do nariz e uma mancha clara acima e abaixo dos olhos. A cauda é branca na extremidade livre e tem sete a oito anneis negros no resto da extensão.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este carniceiro é originario da Africa. Encontra-se tambem na Europa meridional, Hespanha e meio dia de França principalmente.

COSTUMES

A gineta habita muito as regiões aridas e seccas; no entanto os logares humidos, a visinhança das fontes e dos regatos, as pequenas mattas de vegetação silvestre e as quebradas dos montes, são aquelles que prefere. É ahi que ella apparece mais vezes ao caçador. Observemos comtudo que a maior parte das vezes, porque o seu pêllo se harmonisa perfeitamente com a côr do solo, a gineta escapa ás vistas do homem. Deslisa como as serpentes por entre as pedras, as hervas, os mattos e desapparece com extraordinaria rapidez.

A gineta é um animal nocturno. Só muito depois do pôr do sol é que sae do seu covil para proceder á caça. Apanha os pequenos roedores, as aves e os insectos com admiravel certeza. É elegante e agil. Diz Brehm que ella reune «á mobilidade da serpente a agilidade do rapozo e a vivacidade da marta.» Trepa e nada maravilhosamente.

Nada se sabe ácerca da reproducção d'este carnivoro em liberdade. Em captiveiro sabe-se que a femea tem um filho de cada parto. É provavel que no estado livre não seja assim.

CAPTIVEIRO

As ginetas domesticam-se facilmente, porque são de caracter docil. Vivem de boa harmonia umas com as outras, motivo por que se podem reunir muitas e do mesmo sexo n'uma só jaula. Quando se irritam, fazem ouvir sons analogos aos que solta o gato domestico em egualdade de circumstancias e levanta os pêllos que occupam a parte media do dorso. As ginetas no captiveiro podem attingir a edade de dez annos, como aconteceu a duas enviadas de Tunis ao Museu de Historia Natural de Paris.

USOS E PRODUCTOS

Ha regiões na Africa em que as ginetas são empregadas para o mesmo fim em que nós utilisamos o gato domestico, quer dizer para a caça dos ratos. Desempenham tão bem esta missão que dentro de pouco tempo purgam uma casa.

Pela excessiva limpeza que as caracterisa,. tornar-se-hiam mesmo entre nós agradaveis companheiros domesticos se não fôra o intenso cheiro que espalham.

No tempo de Buffon e segundo affirma este illustre naturalista, faziam-se das pelles das ginetas guarnições leves e bonitas.

A GINETA DO SENEGAL

Distingue-se da antecedente sobretudo pela côr do pêllo que é mais clara. As manchas são tambem dispostas de outro modo. Ha uma facha quasi continua que occupa a região media do dorso; sobre a nuca e as espaduas, as manchas são confluentes em uma facha que se continua aos lados do tronco. Aos lados da face ha uma pequena macula de um negro retinto.

OS BASSARIDES

Offerecem caracteres mixtos e de transição entre a familia dos viverrinos e a dos musteleanos; teem grandes affinidades morphologicas com as ginetas principalmente pela existencia de glandulas odorantes, mas tambem se parecem com as martas na forma geral do corpo. No entanto distinguem-se de uma e outra das familias e caracterisam-se essencialmente pela presença de duas pontas nos dentes caninos superiores e por um molar inferior muito grande. As unhas são curtas e semi-retracteis apenas.

O BASSARIDE ASTUTO

Apesar de conhecido desde 1651, epocha da qual data uma primeira descripção d'elle, este animal só muito modernamente foi estudado com attenção.

CARACTERES

O macho adulto mede perto de um metro de comprido, pertencendo d'esta extensão duas quintas partes pelo menos á cauda. Tem o aspecto e a expressão manhosa do rapozo; d'aqui a designação especial que mereceu dos naturalistas que mais minuciosamente o estudaram em liberdade.

O pêllo é ruivo e quasi tão comprido como o do rapozo. A cabeça é alongada, o focinho nu e ponteagudo, os olhos grandes, as orelhas desnudadas pelo lado externo, cobertas de pêllo por dentro, levantadas e ponteagudas. A cauda é branca com oito anneis negros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita principalmente o Mexico.

COSTUMES

Procura de preferencia as habitações abandonadas ou as cavidades das arvores. É bom trepador e vive muito pelas arvores, onde encontra caça e ao mesmo tempo um abrigo contra as chuvas e os grandes tem-

poraes. Vive solitario e, ao que parece, distante dos logares em que habitam os homens. Audubon diz que o bassaride astuto quando escolhe para escondrijo a cavidade de uma arvore lhe roe a casca em torno d'essa cavidade, de tal forma que um caçador que não vê á volta da raiz de uma arvore vestigios de casca roida, pode estar seguro de que não existe lá o bassaride.

O alimento principal d'este carnivoro é-lhe fornecido por pequenos mamiferos, aves e insectos.

O bassaride astuto é vivo, alegre, disposto sempre a divertir-se e lembrando o esquilo pela mobilidade extrema de que é dotado.

Audubon diz que uma arvore não é nunca habitada por mais de um bassaride e todos os naturalistas perfilham esta opinião.

CAPTIVEIRO

Sabe-se muito pouco ácerca dos costumes d'este animal em captiveiro. Audubon diz-nos apenas que, apesar da natural timidez e desconfiança, elle é paciente, observador e domestica-se até ao ponto de ser possivel deixal-o em liberdade no interior da casa.

USOS E PRODUCTOS

O bassaride em captiveiro presta serviços aos Mexicanos, dando caça aos ratos grandes e pequenos. É esta a utilidade que d'elle se tira.

OS MANGUSTOS

Constituem um genero que pertence ainda á familia dos viverrinos e no qual se inclue o *ichneumon*, animal tido na antiguidade por sagrado.

CARACTERES

Assemelham-se nos traços geraes ás civetas; differem d'ellas porém em não possuirem bolsa sub-anal, em não terem as patas posteriores mais de quatro dedos e em não serem as unhas retracteis. N'estes animaes o terceiro molar da maxilla superior tem pelo lado interno uma ponta particular e caracteristica. O craneo é arredondado, o focinho comprido, a lingua coberta de papilas corneas e a pupilla quasi redonda.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam todas as regiões quentes do antigo continente.

COSTUMES

Vivem como todos os outros viverrinos.

O ICHNEUMON

É este o *rato de Pharaó,* animal sagrado dos Egypcios.

É verdadeiramente prodigioso o numero de historias fabulosas contadas ácerca d'este mamifero.

Strabão diz que o ichneumon, chamando em seu auxilio os congéneres, attaca as maiores serpentes e as mata. Eliano affirma, pelo contrario, que elle attaca sósinho as serpentes, usando para isso de uma grande prudencia; que se interna no lodo, que se colloca depois ao sol e que assim couraçado e tendo encoberto o focinho com a cauda á maneira de um escudo, affronta as mordeduras do inimigo. Plinio conta que este animal presta ainda grandes serviços ao homem matando o crocodillo por um processo singular e curioso: entrando-lhe pela bocca dentro, indo-lhe rasgar o coração, depois do que sae atravez do peito do animal por uma fenda que elle proprio abre com os dentes. Além d'isso, segundo o citado naturalista, devora com rapidez espantosa os ovos dos crocodillos.

Todas estas narrativas não passam de ficções.

CARACTERES

O corpo d'este animal mede pouco mais ou menos sessenta e cinco centimetros de comprimento e a cauda cincoenta. A altura raras vezes excede quinze centimetros. Este animal é menos elegante do que a gineta, mas mais vigoroso do que ella, como o demonstra o pezo de nove kilogrammas que muitos chegam a attingir. As patas d'este animal são desnudadas e os dedos reunidos até metade do comprimento por uma curta membrana. A cauda é espessa na raiz. Os olhos são pequenos, brilhantes, salientes, de pupillas redondas. As orelhas são curtas, largas, arredondadas. O anus é cercado por uma bolsa em cujo centro se abre. O manto é formado por pêllo fino, macio, abundante, ruivo-amarellado, por entre o qual apparece um outro mais raro, comprido, negro, aspero. A cabeça e o dorso são mais escuros que o resto do corpo; as patas e a ponta da cauda são negros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O ichneumon habita todo o norte d'Africa, o Egypto e a Barbaria.

COSTUMES

Não se affasta este mamifero dos logares baixos e habita de preferencia os cannaviaes que se estendem ao longo dos riachos. Cava tocas profundas, mas pouco vastas ás quaes dão ingresso carreiros estreitos e muito limpos.

«O nome de ichneumon, diz Brehm, que significa *descobridor de caça* está perfeitamente apropriado a este animal. As boas qualidades e os defeitos d'este mamifero são os mesmos das martas; tem d'ellas o cheiro desagradavel, a astucia, o amor do roubo, a voracidade. É timido, prudente, desconfiado. Nunca se revela a descoberto, rasteja occulto sempre, não penetra senão com excessiva prudencia n'um logar que não conhece e no entanto faz largas excursões.

«Segundo observações que eu proprio colhi, o ichneumon não vae á caça senão de dia; a côr do pêllo permitte-lhe approximar-se da presa sem por ella ser percebido. Come todos os animaes que pode apanhar—mamiferos desde a lebre até ao rato, aves desde o pato e a gallinha até aos passaros de menores proporções, emfim as serpentes, os lagartos, os insectos, os vermes; segundo todas as probabilidades alimenta-se tambem de fructos.» [1]

Faz grandes rapinas nas capoeiras e é por isso francamente odiado pelo indigena.

No estio este animal faz-se de ordinario acompanhar pela femea. O macho caminha á frente, logo depois a companheira e em seguida os filhos alinhados, por forma que toda a familia parece constituir um só animal, uma longa serpente. Quando o macho descobre uma presa, rasteja até perto d'ella silenciosamente, apanhando-a então de salto.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 562.

Toda a familia segue então o macho, volta a cabeça como elle, fareja na mesma direcção, olha attentamente para o mesmo buraco de ratos, emfim imita todos os actos do chefe. O ichneumon ensina os filhos a caçar como faz o gato.

Quando quer beber approxima-se da agua com prudencia, rasteja sobre o ventre olhando em todas as direcções e cae de um salto sobre a agua.

O olfato é n'este viverrino apuradissimo, egual talvez ao do melhor cão de caça.

Dos animaes a que dá caça o ichneumon bebe apenas o sangue e come o cerebro; mata pois muito mais do que devora. É por tal motivo muito mais temido que qualquer outro carniceiro indigena.

Só grita quando apanhado por uma balla; os outros ferimentos supporta-os em silencio.

A femea pare na primavera ou começo do estio dois a quatro filhos que amamenta durante longo tempo.

CAÇA

No Egypto faz-se uma guerra desesperada a este viverrino. Diz Brehm que basta chegar a uma aldêa e dizer que se quer caçar o ichneumon para que todos larguem immediatamente o trabalho e tratem de auxiliar o caçador. O carniceiro desde que se sente perseguido esconde-se logo nas suas tocas, d'onde todavia os caçadores o forçam a saír por meio de longos paus que n'ellas introduzem. O processo de caça empregado é o tiro de chumbo grosso. É preciso atirar-se de perto, porque, se é apenas ferido, o animal consegue escapar.

CAPTIVEIRO

O ichneumon domestica-se facilmente, é limpo e presta n'uma casa o grande serviço de a purgar dentro de pouco tempo de todos os ratos, grandes e pequenos. Infelizmente tem o habito de roer tudo quanto encontra, principalmente papeis, circumstancia que o torna insuportavel.

Em captiveiro não se dá bem com outros animaes; attaca os cães, os gatos e até mesmo individuos do genero a que elle proprio pertence. Foi o que observou Alpinus n'um ichneumon que possuiu e o que observou tambem Brehm n'um exemplar existente no Jardim zoologico de Hamburgo.

O MANGUSTO DE JAVA

Mede quarenta e sete centimetros de comprimento, desde o focinho á cauda; este orgão tem pouco mais ou menos a mesma extensão. O pêllo é abundante sobretudo na raiz da cauda. A côr é um ruivo claro com manchas amarellas o que dá ao manto do animal um reflexo dourado.

COSTUMES

O mangusto de Java é um viverrino de grande actividade; corre de rochedo em rochedo, de pedra em pedra, de caverna em caverna, examina emfim admiravelmente a região em que vive. Dá caça aos ratos, ás cobras, aos lagartos e ás pequenas aves.

Para caçar as gallinhas serve-se de um processo muito engenhoso: deita-se n'uma absoluta immobilidade, simulando-se morto, até que ellas movidas pela curiosidade se venham approximando a ponto de que com um salto as possa apanhar.

Mas o que principalmente dá a este viverrino uma justa celebridade é o modo porque combate as serpentes venenosas, nomeadamente as cascaveis. A vantagem que tem sobre estes reptis é a da extrema agilidade. Os indigenas crêem que o mangusto de Java quando se sente ferido n'estas luctas vae desenterrar uma raiz muito amarga, de nome

mungo, a come e volta assim rehabilitado para o combate.[1] Será verdade? Observadores conscienciosos dizem que sim; Horsfield, a quem se deve um estudo completo sobre o mangusto javanez, affirma nada ter observado de semelhante a este respeito e crê phantasticas as narrações dos indigenas. O que não pode pôr-se em duvida é a realidade dos combates travados entre os mangustos e as serpentes. Bousschenberg, Ida Pfeiffer e todos os naturalistas que teem observado o mangusto estão de accordo n'este ponto.

CAPTIVEIRO

De todos os mangustos é este o que mais facilmente se domestica. É um animal muito limpo e relativamente docil. Como o ichneumon, dá caça aos ratos, purgando em breve tempo uma casa. Destroe as cobras e os escorpiões, verdadeiro flagello dos paizes tropicaes. Quando entra n'uma casa estranha, examina-a minuciosamente, prescruta todos os buracos, todas as fendas, e graças ao excellente olfato de que é dotado descobre immediatamente qualquer dos animaes a que costuma dar caça, começando desde logo a perseguil-o com tenacidade e de ordinario com successo tambem.

O mangusto de Java em captiveiro revela uma extraordinaria affeição ao homem, seguindo-o como um cão, dormindo com elle e comendo pela sua mão. Vosmaer possuiu um durante um anno e d'elle diz: «... Era amigo do homem, familiar com todos, e deixava-se apalpar como um cão. Brincando, tomava os meus dedos entre os dentes sem nunca morder. De noite dormia ao pé de mim, deitado sobre a roupa da minha cama. Comia todo o genero de carne, cozida ou assada, preferindo a de carneiro. Não comia pão, mas era muito guloso de cerejas, de ameixas e outros fructos, bem como de ovos cuja casca partia com grande habilidade para sorver o conteudo. Bebia grandes porções d'agua. Tive a curiosidade de saber se attacaria os passaros vivos e introduzi-lhe um pardal na gaiola que era muito espaçosa; apanhou-o com admiravel rapidez e comeu-o como se o considerasse um optimo manjar. Patinhava muitas vezes na agua da celha em que bebia e gostava de andar em redor de si mesmo para apanhar a cauda, como fazem os cães. Corria e

[1] É por este motivo que os naturalistas francezes designam a especie de que nos estamos occupando pelo nome de *mangouste mungo*.

trepava com extraordinaria facilidade. De dia dormia muitas vezes com a cabeça e as pernas debaixo do corpo, affectando a forma de um ouriço enrolado ou de um hemispherio. Estes animaes parecem ser muito acciados; no que possui nunca se lhe encontrava a mais leve sugidade no corpo e satisfazia sempre as suas necessidades corporaes n'um mesmo logar ao fundo da gaiola.» [1]

O mangusto de Java vive na maior harmonia com os companheiros de captiveiro.

O MANGUSTO DA EUROPA

O mangusto da Europa, antes mesmo que os naturalistas tivessem tido occasião de estudal-o e de o descrever, era já muito conhecido dos caçadores hespanhoes.

CARACTERES

Mede de comprimento cento e quinze centimetros, dos quaes quarenta pertencem á cauda. Tem o pêllo curto e raro no pescoço e no ventre. A côr geral é um pardo escuro; o focinho, as patas e a extremidade da cauda são negros. No dorso os pêllos são negros e tendo tres anneis brancos. Os pêllos da face são muito curtos e os das orelhas macios e um pouco frisados.

[1] Vosmaer, *Description d'un recueil exquis d'animaux rares.*

COSTUMES

Habita, como o ichneumon, as beiras dos rochedos e frequenta muito os cannaviaes. Nunca se encontra nas montanhas. Nada mais se sabe ácerca dos seus costumes, que, segundo todas as probabilidades, são os do mangusto ichneumon.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se em Hespanha, especialmente na Andaluzia e na Extremadura.

USOS E PRODUCTOS

Os pêllos da cauda d'este animal são muito apreciados para a fabricação de pinceis que os pintores procuram muito e que, por isso mesmo, são muito caros. É por este motivo que se faz ao animal uma grande caça.

O MANGUSTO LISTRADO

É a especie mais pequena do genero. Mede apenas quarenta centimetros desde o focinho á raiz da cauda, tendo este orgão vinte. O manto é de pêllo espesso e pardo-amarellado, coberto de listras brancas e ful-

vas em numero de nove a quinze pares. O focinho e o ventre são de uma côr fuliginosa e a extremidade da cauda é negra.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O mangusto listrado encontra-se em todo o este d'Africa desde o Cabo da Boa-Esperança até a Abyssinia.

COSTUMES

Tem habitos de vida mais nocturnos que diurnos. Alimenta-se de aves e de pequenos mamiferos a que faz uma guerra desesperada. Embora se conserve de ordinario affastado dos povoados, quando a fome o estimula chega a penetrar nas aldêas. Deslisa como uma serpente por entre as pedras e rasteja silenciosamente. Apesar das côres vivas e penetrantes do manto, harmonisa-se admiravelmente com a tinta geral do solo, o que lhe permitte approximar-se da presa sem ser por ella descoberto. Brehm diz ter ouvido aos indigenas descripções de combates travados entre este viverrino e as serpentes, mas acrescenta que lhes não dá credito, porque reputa a origem d'ellas impura.

O mangusto listrado quando vê o homem foge immediatamente, fazendo ouvir um grunhido indicativo de mal-estar. De ordinario foge tambem aos cães, e fal-o com agilidade tal que escapa sempre á perseguição d'estes.

Alimenta-se de pequenos mamiferos, d'aves, de reptis, de insectos, d'ovos e ainda, segundo alguns, de fructos, o que é contestavel.

CAPTIVEIRO

Domestica-se o mangusto listrado tão facilmente como qualquer outra especie do genero. Affeiçoa-se inteiramente ao homem, recebendo da

mão d'elle caricias com as mais vivas manifestações de prazer. As relações d'este viverrino com os seus congéneres em captiveiro não são das melhores. De ordinario principiando por brincar acabam por se ferir desapiedadamente. No Jardim Zoologico de Londres varios mangustos reunidos n'uma unica jaula cortaram-se mutuamente as caudas.

Quando se encolerisa, o mangusto listrado faz ouvir um som muito analogo ao que solta o francolim.

O MANGUSTO NYULO

É proximo parente do mangusto de Java; alguns naturalistas consideram-o mesmo uma simples variedade d'esta especie.

Tem o pêllo cinzento-amarellado e coberto de manchas escuras.

COSTUMES

Nada se conhece de positivo sobre este ponto.

O MANGUSTO-RAPOZO

Este animal pertence a um genero que differe do genero dos mangustos propriamente ditos em terem os individuos que o formam quatro dedos sómente nas patas posteriores.

O corpo do mangusto-rapozo tem cincoenta centimetros de comprimento e a cauda trinta e trez. O pêllo é liso e de um ruivo claro, excepto nas sobrancelhas e bigodes em que é negro.

COSTUMES

Alimenta-se de pequenos ratos, d'aves e de insectos. É selvagem, mao, astuto e agilissimo. Como não é costume dar-se-lhe caça, são muito pouco conhecidos os seus habitos de vida.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita os oasis da Africa do sul.

OS PARADOXUROS

Distinguem-se dos mangustos pela maior robustez das formas, pelo macio do pêllo, pela dentição e pelos costumes. Teem cinco dedos em cada pata, unhas fortes, semi-retracteis, uma cauda comprida, de ordinario enrolada. A conformação do craneo é a das civetas. Os dentes são curtos e rombos. Teem glandulas anaes, mas em vez de bolsa correspondente teem apenas uma fenda longitudinal desprovida de pêllos e collocada entre o anus e as partes genitaes.

COSTUMES

Os paradoxuros alimentam-se de pequenos mamiferos, d'aves, de insectos, d'ovos e mesmo de fructos. Trepam admiravelmente, caçam de noite e são geralmente morosos, insociaveis. As glandulas anaes produzem um cheiro extremamente desagradavel.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam a Asia do Sul e ilhas proximas.

O PARADOXURO TYPO

Este animal é um dos mais conhecidos do genero. É vulgarmente designado em França pelo nome de *marta dos palmares*.

CARACTERES

Tem a attitude e o manto da gineta com as proporções do gato domestico. O comprimento total é de um metro, pertencendo cincoenta

centimetros á cauda; a altura não excede vinte. O corpo é alongado, os membros curtos e vigorosos, a cauda comprida, susceptivel de enrolar-se, as orelhas de grandeza media, a iris escura, a pupilla grande e reductivel a uma simples fenda sob a influencia da luz. O manto é formado simultaneamente de um pêllo muito fino e abundante e de um pêllo sedoso, raro. O fundo d'este manto é de um escuro amarellado de reflexos variados. Aos lados da linha medio-dorsal ha trez fileiras longitudinaes de manchas negras; as coxas e as espaduas são tambem cobertas de manchas. A cabeça e o focinho são negros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O paradoxuro typo encontra-se em abundancia na India.

COSTUMES

Frequenta as florestas, mas estabelece-se tambem perto dos logares habitados.

Os seus habitos são os de um animal nocturno. Conserva-se durante o dia escondido na cavidade de uma arvore e depois que anoitece sae á caça dos mamiferos e aves que constituem os principaes artigos da sua alimentação. Não despreza absolutamente o regimen vegetal, antes faz grandes destroços nas plantações de ananás e nos cafezeiros. Come os fructos d'este ultimo arbusto, mas excreta-os não digeridos, contribuindo por esta forma para espalhar o café. Os indigenas que lhe chamam *rato do café,* recolhem os grãos misturados com as fezes d'este paradoxuro.

Quando a fome o sollicita entra nas casas d'aldêa, nas capoeiras e faz ahi grandes estragos.

É um excellente trepador.

CAPTIVEIRO

Educa-se facilmente, como a maxima parte das especies da mesma familia. Habitua-se a uma alimentação mixta, comendo carne, ovos, arroz, fructos, tudo emfim quanto lhe derem. É pouco activo.

O PARADOXURO MUSANGO

É mais pequeno e tem o pêllo mais grosseiro que o paradoxuro typo. Mede desde o focinho á raiz da cauda quarenta e cinco centimetros; este ultimo orgão é menos extenso ainda. A côr é muito variavel; o unico caracter commum a todos os individuos é a existencia de uma facha branca ou parda que se estende da fronte á orelha. Conhecem-se oito variedades que differem todas sob o ponto de vista da côr principalmente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O paradoxuro musango encontra-se em Sião, em Java, em Sumatra e em Borneo, substituindo o paradoxuro typo.

CAPTIVEIRO

«Em Maio de 1833, diz Bennett, recebi um musango dado em presente por um indigena que viera visitar-me a bordo perto da costa de Java. O animal era novo ainda e parecia perfeitamente domesticado. O dono tinha-o fechado n'uma gaiola de bambu onde eu o conservei tambem durante os primeiros tempos. Dava-lhe fructos, mas elle gostava tambem de carne e de aves. O indigena dissera-me que elle não comia senão ananás, mas descobri em pouco tempo que o animal estava longe de desprezar as aves, qualquer que fosse a especie.

«O musango estava domesticado e brincava como um gato. Deitava-se sobre o dorso e divertia-se com a extremidade de uma fita, fazendo ouvir um ligeiro ruido de rom-rom. Se lhe mexiam emquanto comia, roncava e dava signaes de colera. De noite, principalmente quando tinha fome ou sede, soltava gritos fortes e agudos. Bebia do mesmo modo que os gatos e os cães e mettia muitas vezes as patas anteriores no vaso d'agua. Gostando muito de brincar quando o deixavam á vontade, mostrava-se furioso quando o incommodavam; se lhe não eram satisfeitas todas as vontades tornava-se colerico, por um modo difficil de explicar. Procurava apanhar a mão de quem o importunava, mordel-a-hia, se podesse, com os seus fracos dentes, enrugava o focinho, levantava os bigodes, gritava e rosnava. Quando alguem o importunava ou lhe punha a mão, o animal alisava depois o pêllo e procurava a obscuridade. Uma manhã que elle estava deitado na minha cama, tomei-o entre as mãos e fui collocal-o muito cuidadosamente n'um outro logar do meu beliche; tanto bastou para que se encolerisasse, sendo preciso collocal-o outra vez na cama para calmar-lhe a irritação. Então alisou o pêllo, estendeu-se e adormeceu. Muitas vezes brincava com a cauda ou com qualquer outro objecto como fazem os gatos pequenos. Corria atraz de todas as coisas; quando se aborrecia, gritava tão alto que se ouvia em todo o navio. Denunciava-se assim de modo que era sempre possivel encontral-o quando se escondia.

«De noite era muito barulhento. Corria em todas as direcções, gritava constantemente de modo que se tornava impossivel dormir a bordo. Para o impedir de gritar, dava-lhe todas as noites um osso d'ave para roer e n'este serviço o entretinha até ao outro dia.

Dormia quasi todo o dia e tinha o cuidado de escolher para se deitar os logares mais commodos e mais quentes.»

Brehm acrescenta a esta descripção que o caso geral é darem-se os musangos muito mal em captiveiro.

OS CYNOGALOS

Este genero é um dos mais curiosos da vasta familia dos viverrinos.

CARACTERES

Este genero é representado por uma unica especie caracterisada por um corpo volumoso, muito alongado, cauda e membros muito curtos, face plantar das patas nua, dedos palmados até metade do comprimento e armados de unhas fortes e recurvas, cabeça alongada e focinho ponteagudo. A dentição dos cynogalos é a de um omnivoro e de um carnivoro.

O nome de cynogalos é um composto de dois termos e significa cão-doninha.

O CYNOGALO DE BENNETT

Já descrevemos acima a maxima parte dos caracteres d'esta especie, unica, como foi dito, que representa o genero. Aqui resta-nos apenas dizer que o pêllo é, em geral, pardo escuro e que o animal possue grandes

bigodes de pêllos brancos e duros assim como um feixe de pêllos egualmente brancos e do mesmo comprimento nascidos das faces pouco adiante e abaixo das orelhas.

COSTUMES

Sabe-se muito pouco dos costumes d'este animal. O que encontramos a este proposito, resume-se no seguinte: vive á beira dos riachos, trepa com agilidade ás arvores e alimenta-se de peixes, d'aves e de fructos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se este viverrino em Sumatra e em Borneo.

O CRYPTOPROTO FEROZ

Este curiosissimo carniceiro tem as apparencias exteriores de um felino, embora pertença á familla dos viverrinos. Tem de comprimento sessenta e quatro centimetros, dos quaes trinta e um pertencem á cauda. Tem a cabeça arredondada, o focinho curto, as orelhas largas e grandes, a cauda espessa, cinco dedos em cada pata, as unhas retracteis e uma bolsa anal. O systema dentario é o de todos os viverrinos.

COSTUMES

Este animal é de um caracter ferocissimo, como o nome indica. Talvez não haja relativameute ás dimensões animal mais selvagem do que este. Não cederia mesmo ao tigre em instinctos sanguinarios e ao amor da destruição. É de uma força e agilidade notaveis.

É isto sómente o que se conhece, por informações de Bennett, ácerca d'este carniceiro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O individuo estudado por Bennett, unico que se conhecia em captiveiro, fôra apanhado ao sul de Madagascar.

OS MUSTELEANOS

Esta familia é muito mais rica em generos e especies que a dos viverrinos.

CARACTERES

Esta mesma multiplicidade de generos e especies torna difficil senão absolutamente impossivel dar uma descripção que os abranja a todos. O

que pode dizer-se em geral é o seguinte: São carniceiros de corpo alongado e membros curtos tendo quatro ou cinco dedos em cada pata. Perto do anus existem n'estes animaes glandulas cujos productos de secreção exalam um cheiro desagradavel, muitas vezes fetido. É n'esta familia que se encontram as pelles mais estimadas no commercio e nos usos industriaes, por causa do pêllo que é abundante e muito macio. O esqueleto, segundo Brehm, é muito notavel pela delicadeza dos ossos. Contam-se n'elle dez a doze vertebras dorsaes, a que corresponde um numero egual de pares de costellas; oito a nove vertebras lombares; trez vertebras sagradas e doze a vinte e seis vertebras caudaes. O omoplata é largo; a clavicula quasi nunca existe. Os dentes caninos são muito desenvolvidos, os falsos molares agudos e as unhas não retracteis.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Exceptuando a Australia, não ha região do globo em que os musteleanos não existam.

COSTUMES

Vivem tanto nas regiões montanhosas como nas planicies; preferem para habitação as florestas e os logares em que abundam rochedos.

Dos individuos d'esta numerosa familia uns teem habitos terrestres, outros aquaticos. Uns cavam tocas para si, outros apropriam-se das que especies differentes teem cavado já. Uns teem uma habitação certa, outros vagueiam constantemente errantes. Uns teem vida activa todo o anno, outros hybernam na estação dos frios. Todos nadam e trepam admiravelmente.

Em todos, os sentidos são perfeitos, sobretudo o ouvido, a vista e o olfato. Todos possuem uma notavel intelligencia. São todos prudentes, astutos, corajosos e excessivamente affeiçoados aos filhos. Uns são sociaveis, vivem em bandos numerosos, outros existem isolados ou sómente aos pares. Uns são tão activos de dia como de noite, outros, em maior numero, devem ser considerados animaes nocturnos. Nos logares habitados, os musteleanos não saem á caça senão de noite.

Estes animaes sustentam-se principalmente de pequenos mamiferos, d'aves, d'ovos, de reptis e de insectos; ha-os que comem moluscos, peixes e crustaceos. Alguns gostam de carnes corruptas, outros emfim teem um regimen mixto, em parte animal, em parte vegetal. Todos parecem ter uma sêde insaciavel de sangue e por isso matam mais do que devoram.

Os filhos nascidos de cada parto são de dois a dez e veem ao mundo cegos.

CAPTIVEIRO

Apanhados em quanto novos e criados com cuidado, os musteleanos podem domesticar-se; é possivel habitual-os a seguirem o dono, a caçarem e a pescarem para elle. Ha mesmo uma especie inteiramente dominada pelo homem e que vive na domesticidade desde tempos immemoraveis.

USOS E PRODUCTOS

Os musteleanos pelos estragos que fazem, são geralmente considerados animaes nocivos; no entanto tem para nós utilidades directas e indirectas que excedem muito os prejuizos que causam. Isto é geralmente ignorado e em toda a parte se lhes faz uma guerra desapiedada. São utilissimos destruindo incessantemente animaes nocivos. A pelle d'elles é muito estimada e ha muitos pontos tambem em que a carne entra na alimentação do homem.

OS TEIXUGOS

Pelo pesado do corpo e pela marcha plantigrada, os teixugos foram por muito tempo incluidos no genero dos ursos. Mas pelo esqueleto, pela dentição e pela disposição das partes molles, são inquestionavelmente musteleanos e formam dentro d'esta familia um genero perfeitamente caracterisado.

CARACTERES

«Teem o corpo baixo, o pescoço curto, a cabeça alongada, o focinho ponteagudo, um pouco prolongado em forma de tromba, os olhos pequenos, as orelhas pouco desenvolvidas, a planta de pés nua, as patas anteriores armadas de fortes unhas, a cauda curta e coberta de pêllo abundante, o manto espesso e grosseiro, uma bolsa anal abrindo-se por uma fenda transversa, um unico dente molar de dimensões desproporcionadas na maxilla superior e os caninos pequenos e rombos, o que indica habitos mediocremente carnivoros. Os outros dentes são fortes e os musculos mastigadores muito vigorosos. Os teixugos parecem ser mais robustos do que ageis; o desenvolvimento muscular está em relação com estas apparencias.»

É esta a descripção dada por Brehm, a mais completa que conhecemos.

O TEIXUGO VULGAR

É tambem chamado *teixugo da Europa*. Mede setenta e cinco a oitenta centimetros desde o focinho á raiz da cauda; esta tem a extensão

de vinte centimetros. A altura é apenas de trinta e trez. O corpo é coberto de pêllos rijos, luzidios, compridos, amarellados na raiz, negros no meio e pardos na extremidade.

A femea é mais pequena que o macho e o seu pêllo é mais claro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O teixugo vulgar encontra-se em toda a Europa, se exceptuarmos a Sardenha e o norte da Escandinavia. Encontra-se tambem na Asia, desde a Syria, a Persia, a Giogia até ao Japão.

COSTUMES

O teixugo é, no dizer de todos os naturalistas, o typo do egoismo. Não contestaremos nós a opinião geral.

É um solitario, um melancolico, um misantropo se quizerem, mas emfim, um animal util e de modo nenhum credor dos odios que tem attraido sobre si, das perseguições que tão tenazmente lhe são feitas. No ponto de vista das sympathias ou antipathias que em nós despertam os animaes, já tivemos occasião de dizel-o no primeiro volume d'esta obra, parece-nos inteiramente falso e desprovido de elevação o criterio geral dos homens. Estimamos de ordinario um animal porque elle é elegante, ou possue um manto primorosamente colorido ou revela em todos os seus actos uma extrema vivacidade. Esse animal pode ser um inutil, pode incommodar-nos mesmo pelos seus gritos, pelos habitos de pouco aceio, pode ser um macaco obsceno, um cão de regaço que nos acorda alta noite com latidos impertinentes, que nos destroe as alcatifas pela insolente deposição de excreções fetidas, pode mesmo ser um imbecil, não importa: se é bonito, se é sociavel, aturamol-o, soffremos-lhe as incurias, cercamol-o de affectos e de cuidados, assistimol-o nas doenças, preocupamo-nos com a sua falta de appetite, andamos em busca de alimentos caros e saborosos que possam agradar-lhe, perdemos tempo precioso a brincar com elle, contamos ás pessoas que nos visitam os mais insulsos actos do animal como se foram manifestações de aprimorada

intelligencia, fazemos-lhe um leito fofo quando não preferimos conceder-lhe um logar sobre o nosso, e se um dia o inutil animal nos morre choramos por elle, como o fariamos por um leal e prestimoso amigo. Pelo contrario, se um animal é feio, se é deselegante, se prefere a vida solitaria e se esquiva aos affagos enervantes para procurar por si, pelo seu trabalho o alimento com que ha-de sustentar-se, se prefere honestamente a vida laboriosa e obscura mas independente ás ostentações que lhe não custam trabalhos a elle, mas apenas despezas e cuidados a nós, então odiamol-o, chamamos-lhe egoista, fazemos-lhe guerra, esquecemos que elle é muitas vezes um activo, embora inconsciente, collaborador da nossa felicidade.

Se nos fosse permittido fazer como Buffon, o illustre naturalista que constantemente comparava os costumes animaes aos da sociedade humana, que famoso confronto não poderiamos estabelecer aqui entre as injustiças que nos merecem alguns obscuros e infatigaveis animaes e as que fazemos a muitos typos humanos egualmente productivos só por que não teem o caracter accomodaticio e o amor da ostentação que levam os mediocres aos logares que um melhor criterio de apreciação social lhes fecharia para sempre! Quantas vezes o verdadeiro merito, porque não sabe fazer-se valer, é esquecido, desprezado e quantas outras o charlatanismo se impõe ao respeito e á estima publica! Ao menos em relação ao homem pode dizer-se que cedo ou tarde chega uma occasião em que o merecimento real triumpha e se faz justamente respeitar. Mas os animaes, os miseros trabalhadores, como se farão elles notar, se são mudos e se é cego o odio que lhes vota o homem? Eu conheço apenas um meio de adoçar a existencia d'estes miseros habitantes da terra: tomarem os naturalistas a sympathica defeza d'elles, obrigando todos os homens a pensarem nos serviços reaes, directos ou indirectos, que elles nos prestam. É preciso que a nossa especie conheça o interesse que d'elles tira, para que os não persiga, para que os não odeie, para que os não perturbe. A historia natural tem, entre muitos outros, esse fim; denunciando ao homem os animaes nocivos e os animaes uteis, apontando-lhe os que são amigos e os que são inimigos, a historia natural, uma vez divulgada, far-nos-ha estabelecer um mais justo criterio de sympathia ou antipathia pelos animaes do que o actualmente acceite.

Mas voltemos ao teixugo vulgar.

O teixugo habita subterraneos, tocas que elle proprio cava no flanco mais exposto ao sol das montanhas cobertas de vegetação. Cada toca tem quatro a oito entradas e outros tantos corredores que vão terminar a um quarto principal, amplo, em que o musteleano vive á vontade com os filhos sobre um leito espesso de musgo. N'esta habitação subterranea existe uma limpeza, um aceio que se não encontram nas tocas de ne-

nhum outro mamifero. Eis um primeiro traço sympathico da vida do teixugo.

Este animal gosta de passar uma vida suave, tranquilla e sobretudo independente. A força enorme que possue permitte-lhe cavar a terra com surprehendente rapidez; faz uma toca em alguns minutos apenas. Affirma Buffon que de todos os animaes que passam vida subterranea, é este o que faz a toca mais ampla e que a construe em melhores condições de segurança individual. Cada um dos corredores tem sete a dez metros de extensão, as entradas estão a distancia de trinta passos umas das outras e a peça principal da toca está de ordinario a metro e meio abaixo da superficie do solo, e ás vezes excepcionalmente a quatro ou cinco metros. O teixugo forma não raro a sua toca em despenhadeiros quasi inaccessiveis ao homem onde encontra reunidas as condições que elle procura: segurança e repouso.

O teixugo passa, no dizer de Buffon, trez quartas partes da sua vida dentro da toca, que apenas abandona quando o instiga a fome. Acreditou-se muito tempo que as apparições do teixugo á superficie da terra eram exclusivamente nocturnas. Buffon dizia que o teixugo odeia a luz; isto não é perfeitamente exacto e Tschudi teve occasiões de o vêr fóra da toca em pleno dia. Parece até que longe de aborrecer a luz, elle sente um indescriptivel prazer ao sol. É de crêr por isso que o facto de permanecer por tanto tempo escondido na toca se deva explicar não pelo receio da luz, mas pelo medo que lhe inspira o homem, seu injusto e irreconciliavel inimigo. Mas as sortidas diurnas que faz nos logares desertos onde não tem a receiar a presença da nossa especie, evita-as em quaesquer outros logares, saindo então de noite sómente e não se affastando mais de um quarto de legua, o maximo, da respectiva toca. É por isso muito raro que nas suas excursões o caçador tenha occasião de encontrar o teixugo. Só de madrugada no outomno estando de espia no meio da solidão e do maior silencio, é que se torna possivel surprehender o teixugo na volta para a toca. Os movimentos d'este animal são lentos, a sua marcha é arrastada, vagarosa e diz-se que o homem correndo pode perfeitamente alcançal-o mesmo quando mais veloz é a sua marcha.

No outomno, é certo, produz alguns prejuizos porque se alimenta de fructos. No entanto, dado o medo que elle tem ao homem, parece-me facil evitar estes prejuizos guardando os pomares e as cearas. Alimenta-se tambem, e é este o grande serviço indirecto que presta ao homem, de insectos de toda a ordem, de caracoes, de lesmas e de vermes. Faz uma guerra de morte aos besoiros e ás serpentes. Emfim, á falta de melhor, alimenta-se tambem de carnes em decomposição, no que nos presta não pequeno serviço.

Come pouco, mas no fim do outomno encontra-se muito gordo, porque não faz senão limitadissimos exercicios.

No começo do inverno cae n'um torpor e n'um somno que não pode bem chamar-se lethargico, porque é a cada momento perturbado, mas que tem alguma coisa de hybernal, por isso que o teixugo se não alimenta durante todo esse tempo.

A epocha do cio é para o teixugo vulgar em fins de Novembro ou começos de Dezembro e excepcionalmente em Fevereiro ou Março. Ao fim de dez ou doze semanas depois do coito a femea pare n'uma toca que ella propria cava para este fim, trez a cinco filhos cegos. O leito em que os depõe é de musgo, de folhas, de todo o genero de hervas que pode apanhar e conduzir entre as patas posteriores até á toca. A mãe dedica aos filhos todo o genero de cuidados, manifesta por elles uma ternura e um affecto pouco vulgares.

INIMIGOS

Além do homem, ha um outro inimigo terrivel do teixugo: é o rapozo. Este carniceiro sem se atrever a luctar abertamente com o teixugo que é mais valente, incommoda-o todavia e desaloja-o mesmo. Para obter este ultimo resultado já n'outro logar dissemos como o astuto canino procede. Espera pacientemente que o teixugo saia da toca, penetra n'ella então e ahi deposita as fezes. Um tal procedimento fere o instincto de limpeza do teixugo, que irritado abandona o subterraneo ao infame inimigo.

CAÇA

A caça ao teixugo é difficil, porque o animal é excessivamente timido e por isso mesmo muito prudente. No entanto em alguns paizes, na Allemanha principalmente, este genero de caça é muito estimado. Os processos empregados n'este exercicio são muito differentes. Consistem umas vezes em collocar armadilhas na passagem do animal, outras vezes em o fazer perseguir por cães, outras ainda em lhe fazer esperas de madrugada, á hora em que elle volta para a toca.

Os cães empregados n'esta caça são os baixoles, que penetram nas locas em busca do teixugo e d'ahi saem não poucas vezes profundamente feridos, embora sempre victoriosos.

Um facto curioso e que devemos notar, é que uma só pancada no nariz do teixugo é sufficiente para matal-o, ao passo que n'outras partes do corpo elle pode receber dezenas sem se mostrar molestado.

O teixugo quando sente que lhe dão caça, redobra de prudencia chegando a permanecer trez dias successivos na toca.

CAPTIVEIRO

Os teixugos reduzem-se ao captiveiro, mas não são nunca companheiros agradaveis. Dormem o dia inteiro e só de noite despertam. Comem cenouras, viboras, pão, fructos de todo o genero e carne crua. Chegam a um alto grão de domesticidade e copulam-se em captiveiro.

USOS E PRODUCTOS

Além dos serviços indirectos que nos presta destruindo animaes nocivos, o teixugo é-nos ainda utilissimo pela carne, que muitas pessoas acham preferivel á do porco, pela pelle espessa e de grande duração que serve para cobrir mallas e outros objectos da mesma ordem, pelos compridos pêllos da cauda que se empregam na fabricação de pinceis, emfim pela gordura empregada na illuminação e ainda em certos preparados pharmaceuticos.

O TEIXUGO D'AMERICA

Parece-se muito com o teixugo vulgar da Europa, mas é mais pequeno do que elle, tem a cauda espessa, o focinho curto, o pêllo macio, a face, o peito e o ventre brancos e as patas de um trigueiro escuro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Como o nome indica este animal pertence á America, onde habita indifferentemente as planicies e as montanhas pedregosas.

COSTUMES

Sob o ponto de vista dos costumes nada de especial temos a dizer. Regimen e habitos de vida tanto em liberdade como em captiveiro, são os mesmos no teixugo americano que no europeu, que acima descrevemos.

OS FEDORENTOS

Sob esta designação comprehendem-se os generos de que passamos a occupar-nos.

AS FOETAS

O nome dado a este grupo de animaes está por si mesmo indicando o caracter especial que os distingue. Diz Brehm: «Nem um laboratorio de chimica, nem uma latrina, nem uma estrumeira, nada emfim de quanto se conhece de mais putrido pode comparar-se ao cheiro terrivel que espalham estes animaes, cheiro que persiste durante semanas e até mezes e que se chama não sem razão, um cheiro pestifero.» [1] Um homem que tem a infelicidade de ser tocado por um d'estes animaes é obrigado a evitar durante muito tempo a sociedade. As foetas podem tornar absolutamente inhabitavel uma casa e bem assim fazerem perder todo o valor aos artigos de commercio contidos n'uma loja. Os colonos francezes de Canada, chamavam a estes animaes *filhos do diabo*.

CARACTERES

As foetas distinguem-se dos teixugos por um corpo alongado como o da marta, pela existencia de patas pequenas, curtas, de planta seminua. Teem o focinho alongado e ponteagudo, cinco dedos nos pés, armados de unhas compridas e vigorosas. A dentição lembra a dos teixugos. As glandulas anaes são muito desenvolvidas e abrem-se no recto; estas glandulas são comprimidas por um musculo especial e assim excretam o conteúdo de um cheiro fortissimo, como dissemos já, e mais penetrante na epocha do cio do que em qualquer outra.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 587.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As foetas habitam a America do Norte ou a America do Sul. Encontravam-se já no Brazil em epochas geologicas anteriores á nossa; hoje são abundantes em todo o continente americano.

COSTUMES

As foetas conservam-se durante o dia nas cavidades dos troncos d'arvores, nas fendas de rochedos ou ainda em tocas d'onde não saem senão á noite para procurarem alimento. São então de uma enorme actividade.

Alimentam-se de vermes, de insectos, de reptis, d'aves, de mamiferos e ainda de fructos e de raizes.

Só quando irritadas ou perseguidas é que as foetas fazem uso da excreção mephitica, arma defensiva importante que nenhum outro animal possue e por meio da qual chegam a affastar até os felinos mais amantes de sangue. Só os cães, a despeito do cheiro nauseabundo, repugnante, não cessam de perseguil-as até as matar.

As foetas não produzem estragos; no entanto pelo producto de secreção que as caracterisa, são incluidas no grupo dos animaes que o homem detesta.

A FOETA CHINGA

D'entre as numerosas especies ou variedades do genero, escolhemos a foeta chinga para descrever, na certeza de que fazer a historia d'esta, é fazer a de todas.

CARACTERES

Tem pouco mais ou menos o talhe do gato domestico, a cabeça pequena e larga, o focinho ponteagudo, o nariz nu, as orelhas curtas e arredondadas, o corpo pouco alongado e a cauda espessa, coberta de pêllo. Esta foeta mede quarenta centimetros de comprimento desde o focinho até á raiz da cauda que tem vinte; a altura é de quinze. O pêllo é negro e lusidio; uma linha branca e estreita parte do focinho, passa entre os dois olhos, alarga-se na fronte, mais ainda no pescoço e divide-se posteriormente em duas fachas que vão da espadua á cauda, onde se reunem. Vêem-se ainda no manto d'esta foeta algumas pequenas manchas brancas no pescoço, na espadua, na parte externa das patas e mais raramente no peito e ventre. Na cauda existem duas fachas longitudinaes brancas ou maculas brancas e negras.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A foeta chinga é conhecida desde tempos antiquissimos. O seu circulo de dispersão é muito extenso. Encontra-se principalmente nas cercanias da bahia de Hudson, d'onde se espalha na direcção norte. Para o lado do sul é substituida por outras especies.

COSTUMES

Habita nas regiões elevadas, nos bosques, ao longo dos ribeiros e nas anfractuosidades dos rochedos.

«A foeta, diz Kalm, é muito conhecida pelas suas propriedades. Acossada pelo homem ou pelo cão foge a toda a pressa ou trepa ás arvores; se não encontra um refugio, tem ainda um meio de escapar aos inimigos, projectando sobre elles urina a grandes distancias. Muitas pessoas

me teem affirmado que foram attingidas á distancia de seis metros. O liquido tem um cheiro terrivelmente fetido. Quem estiver perto do animal n'estas occasiões difficilmente poderá respirar, tanto é o receio de suffocação. Quando se recebe o jacto nos olhos fica-se exposto a perder a vista; quanto ao cheiro de que se impregna o vestuario, é impossivel dissipal-o rapidamente.

«Ha muitos cães que se recusam a caçar a foeta; os de boa raça porém não deixam de perseguil-a, senão depois de a terem apanhado e estrangulado; esfregam consecutivamente o focinho na terra para se libertarem do cheiro putrido que lhes foi communicado durante a lucta.

«Os vestidos conservam o cheiro da foeta durante mais de um mez; uma parte d'elle dissipa-se porém quando ha o cuidado de cobrir os vestidos com terra durante vinte e quatro horas. É preciso tambem friccionar as mãos e o rosto com terra pelo menos durante uma hora, porque as simples lavagens são insufficientes para fazer desapparecer o cheiro. Quando um homem tem tido a desgraça de ser apanhado por um jacto de urina da foeta e tenta entrar n'uma casa para lavar-se, todos lhe fecham a porta e procuram affastal-o. Tambem se não permitte a entrada aos cães, depois da caça á foeta. Quando se attravessa uma floresta, é-se obrigado a tapar o nariz por muito tempo se o animal espalhou junto do logar por onde se passa o seu cheiro empestado.

«Ia eu uma noite a deitar-me n'uma herdade em cuja corte estava um carneiro morto; tinha-se approximado uma foeta e o cão deu-lhe caça. De repente porém espalhou-se um tal cheiro putrido que eu julguei que suffocava e as proprias vaccas tossiam ruidosamente.

«Uma vez a cosinheira, reparando que durante muitos dias seguidos lhe tinham comido a carne que estava guardada na adega, fechou todas as portas para impedir a entrada dos gatos e na noite immediata ouvindo ruido, desceu e vio brilhar na escuridade, como os de um gato, os olhos do rapinante, que o denunciaram para desgraça d'ambos; porque se a mulher matou o animal, esta morte foi vingada, espalhando-se o cheiro infecto das glandulas por forma que a cosinheira suffocada não pôde fugir logo e contraiu uma doença que lhe durou muitos dias seguidos. Provisões de toda a ordem que estavam arrecadadas na adega tiveram de ser lançadas fóra.»

A foeta conhece perfeitamente o valor da sua singularissima arma de defeza. É esta a razão por que nunca manifesta medo. Na marcha appoia sobre o solo todo a planta e leva a cauda de rastos. Se encontra um homem, pára, ergue a cauda, volta-se e expulsa o liquido nauseabundo. Siedhof, Audubon e Frœbel relatam factos comprovativos do que acabamos de dizer. Azara, naturalista que aqui temos citado muitas vezes, affirma que se uma foeta despejasse o conteúdo das suas bolsas

anaes no centro de Paris, o cheiro infecto do liquido seria em breve tempo sentido em todas as casas da cidade!

Sem este processo de defeza, as foetas seriam facilmente destruidas pelas numerosas especies inimigas.

CAPTIVEIRO

Em captiveiro as foetas não despejam as glandulas, talvez porque ha o cuidado de as não excitar. Domesticam-se facilmente e habituam-se aos guardas dentro de pouco tempo. Depois de comerem, limpam o focinho com as patas anteriores, como os gatos. E o que é curioso é que estes animaes, capazes de tudo infeccionarem, são extremamente limpos e nunca depositam as fezes no logar em que se deitam. Para dormirem enrolam-se n'uma bola.

São dotadas de uma extrema voracidade; comem muitas vezes mais do que podem digerir e vomitam. Quando bem alimentadas, dormem o dia inteiro e só velam de noite.

Comprehende-se facilmente que o homem deva olhar com desconfiança para estes companheiros dos quaes ha sempre a receiar um instante de mau humor.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas retiram uma certa utilidade das foetas: comem-lhes a carne e das pelles fazem cobertores macios.

Um singular e extravagante preconceito leva ainda alguns a empregarem precisamente a parte mais repugnante do animal, isto é o liquido, como remedio contra a enxaqueca. Crêem muitos tambem que o melhor remedio contra pontadas é tomar uma pequena quantidade de figado de foeta, secco á sombra e reduzido a pó. Os mesmos acreditam que este pó tomado no vinho ou na sopa é o melhor sudorifico conhecido.

AS ZORILLAS

Estes animaes formam entre os musteleanos um pequeno genero visinho das foetas, que alguns naturalistas chegaram mesmo a incluir entre estas por causa das formas geraes das zorillas, das suas unhas solidas das patas anteriores e das glandulas anaes. No entanto é preciso fazer uma distincção entre as foetas e as zorillas, porque estas teem a parte inferior das patas coberta de pêllos. A forma dos dentes differe muito pouco da que affectam os das foetas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Ao passo que o genero anteriormente estudado das foetas é americano, o das zorillas é africano.

O genero comprehende uma só especie de que vamos occupar-nos.

A ZORILLA VARIEGADA

Mede cerca de sessenta centimetros de comprimento e a cauda vinte e cinco. O corpo é alongado e as patas curtas, sendo as de diante armadas de unhas fortes, compridas, mas obtusas. Tem a cabeça larga, o focinho alongado, as orelhas curtas e arredondadas, os olhos de grandeza media, a cauda comprida e coberta de pêllo abundante de um negro lusidio com maculas ou linhas brancas. Em alguns individuos d'esta especie, a região occipital é coberta por uma larga facha transversal branca,

d'onde partem quatro outras longitudinaes que se alargam no meio do corpo e que separam trez manchas negras intermediarias; as duas mais externas reunem-se na raiz da cauda e continuam-se sobre este orgão n'uma linha branca. N'outros individuos, a nuca e uma parte do dorso são brancos e as quatro fachas brancas não apparecem senão no meio do dorso. A cauda tem manchas brancas e negras, ora transversaes, ora longitudinaes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A zorilla variegada encontra-se em toda a Africa. Acha-se mesmo espalhada na Asia Menor e tem sido encontrada até perto de Constantinopla sobre a costa asiatica do Bosphoro.

COSTUMES

Frequenta de preferencia as regiões pedregosas e habita covis e tocas que ella propria cava nas florestas.

É um animal nocturno e que, por isso mesmo, poucas vezes temos occasião de observar no estado natural.

Nutre-se de pequenos mamiferos, nomeadamente de ratos, e tambem d'aves, d'ovos, de reptis e de insectos. Muitas vezes penetra nas herdades e faz grandes estragos nos gallinheiros.

A zorilla é pouco agil, marcha lentamente como as foetas, não trepa e receia muito a agua, embora nade perfeitamente bem.

O producto das glandulas anaes é para ella um agente de defeza, como para as foetas. Quando se sente perseguida por um animal qualquer, procede exactamente como estas: suspende a marcha, volta-se contra o inimigo, levanta a cauda e atira sobre elle um jacto do liquido infeccionante. Se a perseguição continua, a despeito d'esta defeza energica, o animal emitte um novo jacto sobre o inimigo. Como acontece nas foetas, o liquido segregado é mais infecto na epocha do cio que em qualquer outra.

Nada se conhece de perfeitamente averiguado sobre a reproducção d'este animal.

CAPTIVEIRO

No Cabo da Boa-Esperança alguns colonos hollandezes conservam nas habitações a zorilla variegada para caçar os ratos grandes e pequenos. A educação d'este animal não attinge nunca um alto grao; conserva-se sempre insensivel ás caricias.

O RATEL DO CABO

Este animal denomina-se tambem *teixugo mellivoro* pela semelhança de formas que tem com o teixugo e pela paixão que manifesta pelo mel.

CARACTERES

O ratel do Cabo tem, como acabamos de dizer, muita analogia de configuração com o teixugo. O comprimento do corpo é desde o focinho até á origem da cauda de oitenta centimetros; este ultimo orgão tem trinta e a altura é de vinte e cinco. O corpo é pezado, volumoso, o focinho alongado, as orelhas curtas, os olhos pequenos, as patas curtas e fortes, a planta nua e as patas anteriores armadas d'unhas vigorosissimas. Os pêllos são compridos e rijos, cinzentos na fronte, no occipital, na região da nuca, no dorso, na espadua e no focinho, pardo-escuros nas facés, nas orelhas, no pescoço, no peito, no ventre e nas patas. As duas côres são nitidamente separadas por uma facha cinzenta-clara.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se no Cabo da Boa-Esperança e na Africa Central.

COSTUMES

Cava tocas com inacreditavel habilidade. «Lento, preguiçoso, desajeitado como é, diz Brehm, não escaparia senão muito difficilmente aos inimigos, se não podesse enterrar-se, isto é cavar um buraco com rapidez bastante para n'elle se occultar antes que o inimigo tenha tempo de apanhal-o.» [1]

Os habitos d'este animal são mais nocturnos que diurnos. É principalmente de noite que elle vagueia em busca de alimento, que consiste em pequenos mamiferos, ratos sobretudo, aves, tartarugas, raizes e fructos. A sua paixão dominante em questões de alimentação é o mel.

Na Africa as abelhas construem os favos no solo e principalmente em cavernas abandonadas. É precisamente o que o ratel deseja.

As abelhas, como é facil prevêr, defendem a sua obra com os ferrões; no entanto, o pêllo grosseiro do ratel e a camada gordurosa subcutanea que possue, constituem um bello escudo sob a protecção do qual o ratel fica inteiramente a coberto dos attaques furiosos das abelhas. Estas nada podem contra elle; assim elle come os favos tranquillamente e com indizivel voluptuosidade.

Diz-se que o ratel do Cabo vive com duas ou trez femeas que não perde nunca de vista. Na epocha do cio, excita-se a um ponto tal que chega a morder furiosamente o homem.

Quando o attacam, o ratel do Cabo defende-se corajosamente ás dentadas. De resto, elle possue uma vida tenacissima. Ás vezes recebe um, dois ou trez tiros que seriam mortaes para um leão ou para um tigre, e escapa. No entanto como o Achyles legendario, elle possue um

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 592.

ponto vulneravel, que não é o calcanhar mas o focinho; uma pancada n'esta região basta para matal-o immediatamente.

CAPTIVEIRO

Quando se apanha nos primeiros mezes de existencia, o ratel domestica-se com facilidade. Podem introduzir-se n'uma só gaiola duas especies na certeza de que viverão em paz. O ratel do Cabo é alegre em captiveiro e diverte a todos pelo pezado e grotesco dos movimentos. Foi isto o que observaram Weinland e Brehm n'alguns exemplares existentes no Regent's-Park de Londres.

O RATEL DA INDIA

Assemelha-se notavelmente ao seu congénere africano; as affinidades são taes que a independencia especifica dos dois tem sido muitas vezes posta em duvida.

CARACTERES

Tem, segundo Bennett, uma cauda menos comprida e n'elle não existe a facha lateral branca que é caracteristica da especie anterior. O pêllo é comprido, rude, pouco denso, cinzento no dorso e negro no ventre, na cauda e nas orelhas. Tem setenta centimetros de comprimento desde o focinho á raiz da cauda; este orgão mede apenas quinze.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se em muitas regiões da India, sobretudo nas margens do Ganges.

COSTUMES

Sob o ponto de vista de habitos de vida, pode ácerca do ratel da India repetir-se tudo o que foi dito a proposito do ratel do Cabo.

CAPTIVEIRO

O ratel da India depois de velho supporta mal o captiveiro. Apanhado quando novo, pelo contrario, domestica-se facilmente e vive satisfeito n'estas condições.

Alimenta-se de carne. Faz uma caça pertinaz aos ratos. Não perde em captiveiro os habitos nocturnos.

OS GLOTÕES

Attendendo ás formas volumosas e á marcha pezada d'estes animaes, seriamos tentados a introduzil-os na classe dos ursos. Attendendo porém

a outros caracteres mais importantes, especialmente á dentição, convencemo-nos de que o logar que lhes compete é no grupo dos musteleanos.

CARACTERES

Os caracteres d'este genero são: corpo pezado e baixo, pescoço curto e grosso, dorso arqueado, cabeça volumosa, focinho alongado, orelhas curtas e arredondadas, membros baixos e fortes, unhas recurvas, cauda curta e muito coberta de pêllo, craneo largo e abobadado, fronte e nariz muito proeminentes. A maxilla é forte e os caninos são muito desenvolvidos. O numero de dentes é trinta e oito. A columna vertebral comprehende quinze a dezesseis vertebras dorsaes, a que corresponde egual numero de costellas, quatro ou cinco vertebras lombares, quatro vertebras sagradas e quatro caudaes.

Este genero comprehende apenas uma especie que vamos descrever.

O GLOTÃO ARCTICO OU BOREAL

Mede cerca de oitenta centimetros a um metro de comprimento total; d'esta extensão onze a quatorze centimetros pertencem á cauda. A altura ao nivel da espadua é de quarenta a cincoenta centimetros. Os olhos são pequenos e encimados de cinco pêllos rijos, fortes. Os bigodes são formados por quatro ordens de sedas compridas. O pêllo do tronco é lanoso. A cabeça e o dorso são de um trigueiro muito escuro; o focinho é da mesma côr. O dorso, o ventre e as patas são de um negro carregado. Entre o olho e a orelha ha uma pequena macula de um cinzento claro; uma facha da mesma côr desce ao longo da espadua e estende-se aos lados do tronco.

COSTUMES

O nome de glotão dado a este animal na maxima parte senão em todas as linguas, funda-se nas historias fabulosas que os naturalistas antigos fizeram correr ácerca d'elle. Para dar uma idéa dos disparates emittidos sobre a vida e costumes d'este animal, transportaremos para aqui algumas das mais curiosas citações de escriptos antigos que Brehm reproduz na sua obra *As maravilhas da Natureza.*

Mathias de Miechow, naturalista e medico polaco, diz do glotão o seguinte: «Quando encontra o cadaver de um animal, come-o até que o ventre se lhe dilate como um tambor; n'estas circumstancias passa por entre duas arvores muito approximadas que o apertam e o forçam a expulsar os excrementos. Feito isto, recomeça a comer, passa de novo entre as arvores e assim successivamente até que tenha devorado todo o cadaver.» Isto, dito por um pobre ignorante de tudo que respeita á organisação humana, explicava-se; ha muito quem pense que as fezes excretadas depois de um jantar são o resultado da elaboração dos alimentos ingeridos n'essa refeição. Mas que um medico em 1517 se lembrasse de proferir um dislate d'esta ordem, faz extranheza, decerto.

Conrad Gesner reproduz a insolita affirmação do medico polaco e diz mais do glotão este não menos insolito dislate: «A força dos seus braços é tal que lhe permitte rachar ao meio uma arvore, por grossa que seja. É o que faz muitas vezes, quando sente necessidade de comprimir o ventre para recomeçar a comer.»

Olaüs Magnus affirma que as pessoas que se cobrem com as pelles do glotão são forçadas a comer e beber continuadamente. Vê-se que para este auctor a influencia gastronomica do glotão é tal que para ser contagiado do terivel vicio não é preciso tocar o animal inteiro e vivo senão os simples despojos d'elle!

A verdade é que tudo quanto acabamos de citar são fabulas elaboradas na cabeça de qualquer naturalista phantasioso e inconscientemente transmittidas por todos os outros. Os observadores modernos rectificam inteiramente estas affirmações.

O glotão é inquestionavelmente dotado de um magnifico appetite e come talvez mais do que qualquer outro musteleano; no entanto está longe de ser o gastronomo que geralmente se imagina.

O glotão arctico habita as regiões montanhosas do Norte e é mais facil encontral-o nos cimos escalvados dos Alpes escandinavos do que nas

florestas sombrias e baixas. Prefere os logares desertos. Não tem morada fixa; vive á mercê das circumstancias, alojando-se ora n'uma caverna, ora na espessura das florestas, ora no covil abandonado d'outro animal.

Como todos os musteleanos, este é mais nocturno do que diurno; no entanto vagueia muitas vezes á luz do sol. De resto, é forçado a fazel-o para alimentar-se, por isso que nas regiões que elle habita o sol não abandona o horisonte durante trez mezes consecutivos.

O glotão arctico é pezado e moroso em todos os movimentos. Só á força de paciencia e de perseverança consegue apanhar a presa. Como toda a alimentação lhe serve, passa em geral uma vida tranquilla, descuidosa, não agitada pelas instancias da fome.

Marcha pezadamente e trepa ás arvores pouco elevadas.

Possue um olfato apurado, uma vista desenvolvida e um ouvido muito agudo.

Os ratos e os lemingos constituem a base principal da alimentação d'este musteleano. Segue muitas vezes os lobos e as rapozas para tomar parte como commensal nos festins d'estes carniceiros. Dá caça ao rangifer por um processo que faz honra ás suas aptidões e astucia: trepa ás arvores, raspa com as unhas os lichens que caem por terra e quando o rangifer chega para os comer, precipita-se sobre elle, crava-lhe as unhas nos olhos, prende-se-lhe ao dorso e não o abandona senão depois de morto e em parte devorado. É isto o que se conta. Que a caça se realisa é um facto incontestavel; se o processo empregado é o descripto, não o affirmam desassombradamente os naturalistas. Thunberg diz que viu o glotão matar vacas, abrindo-lhes as carotidas, Steller affirma tel-o visto attacar cavallos e Sœwenhjelm assegura que elle faz grandes devastações nos rebanhos de carneiros. Dá tambem caça ás aves, principalmente no tempo das neves.

O glotão tem o habito de visitar as armadilhas que os caçadores collocam pelos caminhos para apanhar differentes animaes. Quando encontra algum prezo, devora-o.

Os caçadores do norte da America detestam o glotão, porque elle lhes rouba provisões que arrecadam, por maior que seja a arte com que construam os respectivos esconderijos. O que escapa á vista prespicaz do homem, não escapa ao olfato apuradissimo do glotão. Enterrar comida no gêlo e collocar-lhe por cima pedras de grandes dimensões e de enorme pezo, não é obstaculo aos roubos do glotão; com a força extraordinaria e com a perseverança incomparavel de que é dotado, affasta as pedras, retira o gêlo e chega até onde quer.

O glotão não é notavel nadador; no entanto não receia a agua, antes entra n'ella em busca de presa, quando isso lhe é preciso.

Nas habitações dos laponios o glotão faz enormes destroços. Abre passagem para ellas atravez dos tectos e rouba aos pobres moradores o queijo, o peixe secco e ainda pelles de que come uma parte.

Nos pontos da montanha completamente despidos de arvoredo, onde vivem os rangiferos, faz o glotão incalculaveis destroços.

Quando a presa é pequena, o glotão come-a inteira; se é grande enterra os restos da primeira refeição para uma segunda, quando isso lhe fôr preciso.

A epocha do cio é para este animal em fins do outomno ou começos do inverno. Quatro mezes depois do coito a femea pare dois a trez filhos, raras vezes quatro, que deposita n'uma cama fôfa, macia, previamente feita no tronco de uma arvore ou na cavidade de um rochedo.

CAÇA

Os povos do Norte detestam o glotão e fazem-lhe uma guerra desapiedada. Os esquimós tapam-lhe as entradas do covil, lançam-lhe os cães que o fazem parar em attitude de respeito e atiram-lhe depois ao pescoço laços com que o estrangulam.

Apezar de pequeno, o glotão é um inimigo terrivel porque possue uma enorme força. São necessarios muitos cães para domal-o. O glotão deita-se por terra sobre o dorso e com as unhas faz aos cães ferimentos muitas vezes mortaes.

CAPTIVEIRO

É tão difficil domar um glotão depois de velho, quanto é facil domal-o em quanto novo. Em captiveiro este animal alimenta-se com leite e carne principalmente. Consegue-se levar a domestição d'elle até ao ponto de obrigal-o seguir o dono, como fazem os cães. É alegre, consente que outros animaes domesticos partilhem da sua alimentação e não esvazia as glandulas anaes senão quando maltratado ou perseguido pelos cães. Á medida que envilhece vae-se tornando mau.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita a Europa, a Asia e a America do Norte. Tem, como se vê, um circulo de dispersão muito grande.

USOS E PRODUCTOS

O manto do glotão não cede em finura e em brilho ao das martas; é quente e ao mesmo tempo leve. Os mantos de côr branca-amarellada são, sobretudo, muito estimados e pagos por um alto preço.

AS IRÁRAS

Estes carniceiros estabelecem a transição entre os glotões e as martas propriamente ditas.

CARÁCTERES

Teem o corpo alongado, as patas pequenas, a planta nua, os pêllos curtos, a cauda coberta de pêllo pouco extenso, a cabeça grossa e larga atraz, o focinho ponteagudo, os dedos em parte reunidos e armados de unhas de comprimento medio. Teem tambem glandulas anaes cujo producto de secreção exala um cheiro de almiscar.

COSTUMES

São vivas em todos os movimentos e trepam com extraordinaria facilidade. Alimentam-se de mamiferos pequenos e gostam muito de mel.

Conhecem-se duas especies: a irára barbara e a irára grisalha.

A IRÁRA BARBARA

Tem o porte da marta, mas a cabeça proporcionalmente maior e o focinho mais arredondado. Tem o corpo comprido, o pescoço pouco mais ou menos da grossura da cabeça, os membros curtos e vigorosos, os dedos completamente reunidos, as unhas comprimidas, o manto espesso, o tronco, as patas e a cauda quasi negros, as faces de um pardo claro, o resto da cabeça, a nuca e os lados do pescoço de um cinzento amarellado. A côr do resto do corpo varia muito nos differentes individuos.

O comprimento desde o focinho á raiz da cauda é de sessenta e seis centimetros; a cauda tem meio metro.

COSTUMES

Rengger affirma que a irára barbara se esconde nas hervas altas ou nas florestas e se abriga nos troncos d'arvores cavadas ou em tocas

abandonadas pelos armadilhos. Durante o calôr do dia, não abandona o seu retiro; não sae senão de tarde e só noite fechada procede á caça.

A irára barbara é geralmente considerada um animal muito nocivo. Alimenta-se de pequenos mamiferos indefesos, como ratos e coelhos. Nos campos persegue as gallinhas e os abestruzes novos. Levada pelos instinctos sanguinarios, mata mais do que come. Trepa com pasmosa agilidade ás arvores mais altas para apanhar ninhos d'aves e favos d'abelhas; desce com egual rapidez.

Esta irára vive de ordinario com a femea, que pare na primavera dois a trez filhos, cegos nos primeiros dias de existencia.

CAPTIVEIRO

Na America do Sul é vulgar encontrar-se esta irára domesticada. Alimenta-se então de leite, de carne, de peixe, de pão, de fructos, de tudo emfim que se lhe dá. Quando se lhe fornece o alimento, procede exactamente como o gato, lançando-lhe as patas anteriores, levantando-se sobre as de traz, e deitando-se sobre o ventre para comer. Quando alguem a perturba durante uma refeição, desespera-se e morde. Bebe como os cães e é extremamente aceiada. Quando se irrita espalha um forte cheiro de almiscar proveniente de uma glandula subanal.

Bem tratada, habitua-se ao homem, brinca com elle, obedece-lhe, segue-o emfim pela casa. É sempre perigosa porém, para os animaes domesticos mais fracos, especialmente para as aves contra as quaes se lança furiosa sempre que pode, sem que a educação consiga reprimir estas inclinações.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Existe n'uma vasta região da America do Sul. Abunda no Brazil e no Paraguay.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas comem a carne d'este animal e servem-se-lhe do manto para fazerem pequenos saccos ou cintos de que usam como ornato.

A IRÁRA GRISALHA

Esta especie é mais pequena que a anterior; tem apenas de comprimento total sessenta e seis centimetros, dos quaes vinte pertencem á cauda. A irára grisalha tem os membros mais curtos ainda que a irára barbara. O manto offerece esta singularidade: o dorso é mais claro que o ventre. O focinho, a parte anterior do pescoço, o ventre e as maxillas são de um trigueiro escuro; a parte superior do corpo, desde a fronte até á cauda, é de um cinzento claro ou grisalho, d'onde o nome caracteristico da especie. As extremidades da cauda e das orelhas são amarellas; na fronte e nas faces ha pequenas maculas fuliginosas.

COSTUMES

Como a sua congénere, a irára grisalha abriga-se nas cavidades dos troncos d'arvores, nas fendas dos rochedos, em tocas abandonadas e só de noite sae para a caça. É dotada de extraordinaria coragem e de uma sêde insaciavel de sangue. Por isso mata muito mais do que come.

CAPTIVEIRO

A irára grisalha chega a domesticar-se, mas com difficuldade e de um modo incompleto. É perigosa sempre, porque mesmo quando mais domesticada parece, attaca desapiedadamente os animaes da casa, se pode alcançal-os.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A aria de dispersão d'este carniceiro é a mesma que a da especie anteriormente estudada.

USOS E PRODUCTOS

Alguns indigenas comem a carne da irára grisalha e aproveitam-lhe as pelles. Os colonos europeus, destroem-a por onde quer que a encontram.

AS MARTAS

Pelas formas exteriores, pelos costumes, pelos habitos particulares de vida, as martas são os mais perfeitos animaes da grande familia dos musteleanos. Teem o corpo alongado, as patas curtas e vigorosas, os dedos separados e armados de unhas curtas e ponteagudas, a cabeça pequena e achatada, as orelhas e os olhos grandes, a dentição solida.

COSTUMES

Graças á conformação especial do corpo, as martas podem penetrar atravez das aberturas mais estreitas e perseguir uma presa em todos os esconderijos.

Os sentidos das martas, são delicadissimos; o olfato é subtil, o ouvido excellente e a vista perspicaz. As glandulas de conteúdo fetido que possuem servem-lhes de arma defensiva contra os mais vigorosos e temiveis carniceiros.

As martas são prudentes, astutas, corajosas e intelligentes. Vivem indifferentemente nos campos ou nos jardins, nos pinheiraes ou nos rochedos, nas casas de campo ou á beira dos regatos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O circulo de dispersão geographica das martas é muito extenso. Vivem na Europa, na Asia e na America. Em todos estes continentes se encontram espalhadas pelo territorio inteiro, excepto na America, onde habitam apenas a região septentrional.

USOS E PRODUCTOS

Todos os prejuizos causados ao homem por estes musteleanos são talvez compensados pelas famosas pelles que lhe fornecem.

A MARTA COMMUM

É sem contestação um dos mais nocivos carniceiros da Europa. Tem cerca de cincoenta centimetros de comprimento desde o focinho até a cauda, que possue trinta a trinta e trez; a altura é de vinte e cinco centimetros. A parte superior do tronco é geralmente trigueira escura, os lados e o ventre amarellados e as patas quasi negras. O pêllo é macio, espesso e luzidio. De inverno as côres são mais escuras ou carregadas que de verão. N'esta especie ha variedades albinas, isto é individuos cujo manto é inteiramente branco. De resto, devemos observal-o, as côres da marta commum variam muito de intensidade segundo os differentes climas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita todas as regiões arborisadas do hemispherio septentrional.

COSTUMES

A marta commum habita as florestas e de preferencia as que são desertas, sombrias e espessas. Vive sobre as arvores a que trepa com incomparavel agilidade. Esconde-se nas cavidades dos troncos d'arvores antigas e em ninhos abandonados das aves de rapina e dos esquilos; raras vezes se abriga nas fendas dos rochedos.

Dorme quasi todo o dia e só proximo do crepusculo é que sae para a caça. Nenhum pequeno mamifero está isempto dos attaques d'este carniceiro. Muitas aves ha que são tambem perseguidas pela marta commum. O esquilo, apesar da extrema agilidade de que é dotado cae muitas vezes sob os dentes da marta. Além da alimentação animal, a marta commum faz entrar no quadro das substancias que come, fructos de toda a ordem, como uvas, peras, cerejas, etc.

Quando o alimento lhe falta na floresta, a marta instigada pela fome approxima-se das habitações humanas e penetra nas capoeiras e nos pombaes, onde faz destroços incalculaveis; embora arrebate apenas algumas aves, é certo que as mata a todas.

A quadra do cio começa nos ultimos dias de Janeiro ou nos primeiros de Fevereiro. Os machos luctam entre si na conquista da femea, que se entrega ao vencedor. Nove semanas depois do coito, em fins de Março ou começos de Abril, a femea pare trez a quatro filhos que depõe ou dentro de um ninho d'esquilo ou na cavidade d'alguma arvore. A mãe cuida dos recemnascidos com extremos de affecto, não se affastando d'elles um instante. Ao fim de algumas semanas, os filhos acompanham já a mãe nas excursões que esta faz pela floresta.

CAÇA

Para fazer á marta uma caça tenaz e desapiedade ha dois motivos capitaes: por um lado, o desejo de diminuir os estragos e prejuizos que ella nos causa matando os animaes domesticos, por outro, o alto valor do seu manto.

A marta commum caça-se a tiro com o auxilio de bons cães corajosos ou por meio de armadilhas, que surtem geralmente bom effeito.

CAPTIVEIRO

Quando apanhada nos primeiros tempos de existencia, a marta commum domestica-se de um modo relativamente facil e torna-se um animal graciosissimo, embora nunca seja possivel fazer-lhe perder completamente a natural ferocidade.

USOS E PRODUCTOS

As pelles das martas são as mais estimadas entre todas as de animaes europeus. Tschudi avalia cada uma em doze francos ou mais. A America do Norte exportou em 1835 para a Inglaterra cento e sessenta mil pelles de marta.

A MARTA ZIBELINA

Assemelha-se muito á marta da Europa, de que pode dizer-se o representante aziatico.

CARACTERES

Tem o corpo um pouco mais alongado, as orelhas maiores e a cauda mais curta que a marta commum. O que mais distingue esta especie é o manto, uma verdadeira preciosidade que já os antigos pagavam por um preço fabuloso. O corpo mede pouco mais ou menos quarenta e cinco centimetros desde o focinho até á raiz da cauda, tendo este orgão metade d'aquelle comprimento.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Actualmente não se encontram as martas zibelinas senão em uma pequena parte do norte d'Asia. Foram n'outro tempo numerosissimas em

muitos outros pontos d'este continente; as caças porém, que o homem desapiedadamente lhes move, obrigou-as pouco e pouco a retirarem-se, por forma que hoje encontram-se muito confinadas e são tambem em muito menor numero do que o foram n'outro tempo.

COSTUMES

Os costumes da marta zibelina são os mesmos que os da marta commum. Alimenta-se, como ella, de pequenos mamiferos, de pequenas aves e de fructos. É tambem tão corajosa, tão astuta, e possue tanta sêde de sangue como qualquer outro musteleano.

A epocha do cio é em Janeiro. Trez mezes depois da realisação do acto sexual, a femea dá á luz trez a cinco filhos que tracta com desvelo egual ao que emprega a marta commum. Prefere a todos os logares os que ficam na visinhança de cursos d'agua. De certo encontra ahi melhores condições de caça do que em outro ponto qualquer.

CAÇA

A caça da marta zibelina é por vezes muito lucrativa, mas tambem muito perigosa. Muitos caçadores perdem a vida nos desertos cheios de gêlo onde aquelle animal se refugia.

As caças organisam-se e levam-se a effeito desde outubro até meiados de Novembro ou começos de Dezembro, porque na primavera as martas mudam de pêllo, de sorte que no estio e outomno ainda elle não é bastante comprido e denso. Os caçadores reunem-se em companhias numerosas, não inferiores geralmente a quarenta individuos; as provisões que é preciso juntar para muitos mezes, são dispostas em trenós e estes tirados por cães durante a viagem. A caça faz-se quer atirando ás martas tiros de arma de fogo, quer de flexa, quer emfim preparando-lhes armadilhas. D'estes processos, os primeiros teem o inconveniente fundamental de prejudicar as pelles do animal; o ultimo processo é o melhor, mas não deixa de ter a desvantagem grande de obrigar o caçador a visitar as armadilhas a cada momento para que o rapozo azulado ou outro

carniceiro não devorem a marta caida em prisão. E ainda assim, a despeito de todos os cuidados, quantas vezes o caçador vê com magua, por uns restos de pelle abandonados ao pé da armadilha, que um carnivoro errante do deserto apanhára a marta, o que equivale para o homem a uma perda importante de dinheiro!

CAPTIVEIRO

Raras vezes se tem tentado domesticar a marta zibelina. Por alguns exemplares reduzidos ao captiveiro se tem podido observar que este animal attinge um alto grao de educação, que é alegre, naturalmente disposto a dar combate aos gatos e que não perde pelo captiveiro os seus habitos de vida nocturna.

A MARTA DE JAVA

A marta zibelina é substituida em Java por uma especie que d'ella muito se approxima.

CARACTERES

Tem a cauda mais curta que a zibelina. O dorso e lados do tronco são ruivos, o ventre e a cauda mais claros, o focinho escuro, a cercadura dos olhos quasi negra e as orelhas orladas de branco. Offerece de

cada lado do focinho uma pequena mancha branca. A pelle d'esta marta é menos estimada que a da zibelina; tem pouco mais ou menos o valor da marta da Europa.

A MARTA DE CANADA

O genero marta é na America representado pela especie de que vamos occupar-nos.

CARACTERES

A marta de Canada é de maiores proporções que a da Europa. O corpo mede sessenta e seis centimetros de comprimento desde o focinho á raiz da cauda, medindo este orgão quarenta e quatro. O pêllo é pardo, excepto nas patas, na cauda e ventre onde é trigueiro. São rarissimos os individuos completamente brancos.

COSTUMES

Os costumes d'esta especie são precisamente os mesmos que os das congéneres.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se em todo o norte da America.

CAÇA

Os indigenas perseguem este animal, servindo-lhes esta caça de ensaio para a do urso. Perseguindo a marta vão experimentando a propria coragem sem os riscos que correriam na caça do urso.

A FUINHA

Distingue-se da marta commum por ter menores dimensões, as patas mais curtas, a cabeça alongada e os pêllos curtos. É de um trigueiro acastanhado, excepto no pescoço e peito que são brancos e nas patas que são quasi negras. O comprimento do corpo é de cincoenta centimetros desde o focinho até á cauda que mede vinte e cinco.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita os mesmos paizes e n'elles as mesmas regiões que a marta commum. Encontra-se em toda a Europa central, na Allemanha, na França, na Italia, na Inglaterra, na Suecia, na Russia da Europa até Oral, a Crimeia e o Caucaso.



1. O Furão. — 2. A Doninha. — 3 A Fuinha. — 4. A Marta. — 5. O Arminho

COSTUMES

É muito vulgar e approxima-se mais do que a marta commum das habitações humanas. Pode mesmo affirmar-se que é principalmente nas cidades e aldeas que a fuinha se estabelece de preferencia.

Os celleiros, as cavallariças, os pardieiros são quasi constantemente habitados pela fuinha, esse inimigo terrivel das aves domesticas.

Os costumes da fuinha são os mesmos que os da marta commum. É, como ella, viva, corajosa, astuta e amiga de sangue. Trepa pelas arvores ainda as mais lisas, suspende-se nas asperezas dos muros, nada com extrema facilidade, dá saltos prodigiosos, passa atravez das fendas mais estreitas e, quando se deixa cair de grande altura, a cauda serve-lhe de leme, de modo que cae sempre sobre as patas.

Os dentes e as garras da fuinha são acerados; o ouvido e a vista são n'este animal sentidos perfeitissimos. É a fuinha, como se vê, um dos carniceiros mais bem dotados.

A fuinha alimenta-se de pequenos mamiferos, ratos e coelhos, por exemplo, de aves de toda a especie e de reptis; aprecia muito os ovos, que sabe partir admiravelmente para beber o conteúdo. Não lhe repugna uma alimentação vegetal; pelo contrario, gosta de fructos. Tschudi affirma que a fuinha procura avidamente o mel, no que se assemelha ao glutão e ao ratel.

A epocha do cio é para esta especie em fins de Fevereiro; travam-se então entre os machos porfiados combates na conquista da femea. No mez de Abril ou de Maio, a fuinha dá á luz trez a quatro filhos.

CAÇA

Dá-se caça á fuinha quer fazendo-a perseguir pelos baixotes e dando-lhe tiros depois, quer dispondo armadilhas nos logares onde se sabe que ella habita.

CAPTIVEIRO

Emquanto nova, a fuinha domestica-se sem difficuldade e habitua-se a todos os regimens. Affirma Tschudi que ella segue o dono pelos campos, que sabe encontral-o nas florestas e que, suffocando os instinctos de carnagem, poupa as aves domesticas. Sobre este ultimo ponto ha talvez exagero da parte do naturalista citado, porque todos os observadores estão de accordo em dizer que a fuinha, embora domesticada, não é nunca superior á tendencia instinctiva que possue para attacar as aves.

A fuinha é em captiveiro um animal vivo, alegre, de extraordinaria mobilidade; infelizmente o cheiro que exala torna-a repugnante e a tendencia á carnificina perigosa para os pequenos animaes domesticos.

USOS E PRODUCTOS

As pelles das fuinhas em fins do outomno ou começo do inverno são muito estimadas.

O TOURÃO FETIDO

É um animal pezado, cujo corpo mede de comprimento desde o focinho até á raiz da cauda quarenta centimetros, tendo este ultimo orgão desesseis. O manto, apezar de espesso, tem muito menos valor que o da marta zibelina ou mesmo da marta commum. O pêllo é mais escuro no ventre que no dorso. As orelhas são trigueiro-escuras orladas de branco, a extremidade do focinho é branca amarellada e o ventre é attravessado

por uma facha ruiva-escura. Os individuos inteiramente brancos ou amarellados são raros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O tourão fetido existe em toda a zona temperada da Europa e da Asia.

COSTUMES

O tourão fetido está bem onde quer que encontre alimento; habita tanto as planices como as montanhas, as florestas como os campos. Onde porém mais vezes se encontra, precisamente porque ahi depara com maior abundancia de alimento é na visinhança das herdades e das habitações. Esconde-se nas cavidades das arvores, nas barrocas ou nos subterraneos abandonados pelos rapozos; se tanto é preciso, elle proprio cava esses subterraneos.

Tschudi, a quem se deve quasi tudo o que se conhece d'este animal, diz: «Durante o dia, o tourão fetido dorme ordinariamente no seu escondrijo, ao passo que vela de noite e é então mais inquieto ainda que a marta. Tem a marcha leve e saltitante d'este animal, mas possue um olfato menos apurado. Salta e trepa com mais difficuldade, não ascendendo ás arvores. É tambem menos temivel e menos sanguinario que a marta.» [1]

Como todos os musteleanos, o tourão fetido penetra quando pode, para ahi fazer largas devastações, nos gallinheiros, nos pombaes e nas coelheiras. No entanto este animal tem grande utilidade. O fazendeiro, desde que se dá ao cuidado de fechar bem e collocar em segurança as gallinhas, as pombas e os coelhos encontra no tourão fetido um precioso auxiliar da sua prosperidade, porque elle faz uma caça pertinaz aos ratos e ás serpentes. É por isso que em muitos paizes elle é tão estimado, quanto é odiado em outros.

O tourão fetido não attaca sómente os pequenos animaes domesti-

[1] Tschudi, *Obr. cit.*, pg. 172.

cos, aves e coelhos; é tambem um incarniçado inimigo das toupeiras, dos cricetos, dos ratos do matto, etc. As rãs constituem tambem para elle um alimento precioso; apanha quantas pode. Á falta de melhor, satisfaz-se com lagartos, salamandras, cobras e viboras a que dá uma caça pertinaz sem attender ao veneno, que lhe não é fatal como a outros animaes. Come tambem gafanhotos e caracoes. Á beira dos lagos, dos riachos e dos tanques espreita o peixe que sabe admiravelmente perseguir, mesmo quando para isso seja necessario mergulhar. Gosta o tourão fetido de fructos e de mel. É menos sequioso de sangue que qualquer marta; quando penetra n'um gallinheiro não mata todas as aves n'elle contidas, mas apenas as que em face das suas necessidades nutritivas julga dever sacrificar.

Os movimentos do tourão fetido são seguros; salta, corre, trepa, nada e mergulha com perfeição. É astuto, prudente, desconfiado; possue sentidos delicados e, quando o attacam, sabe revelar coragem. Defende-se emittindo, como as foetas, um liquido fetido e assim consegue muitas vezes escapar ás perseguições dos cães. Ha occasiões em que o tourão fetido é de uma temeridade assombrosa; attaca então animaes mais fortes de que elle e até creanças, como o provam factos observados por Lenz.

O tourão fetido é de uma incrivel resistencia vital. Salta sem perigo de grandes alturas, supporta tormentos de toda a ordem que lhe fazem e resiste a ferimentos espantosos. Lenz refere o caso de um tourão fetido que depois de ter quebrado as pernas n'uma armadilha e depois de ter sido espancado por mais de meia hora, foi ainda cravado por duas frechas, uma que lhe attravessou o coração e outra a cabeça, ficando com vida ao cabo de todos estes martyrios!

A epocha do cio é para o tourão fetido em Março. Ha por este tempo combates sangrentos dos machos em honra da femea, que é inevitavelmente conquista do vencedor. Em Maio a femea pare quatro, cinco ou mesmo seis filhos, que, como animaes nocturnos, se conservam cegos por espaço de algum tempo. A mãe cuida-os com ternura e defende-os com coragem, quando mesmo o inimigo seja um homem. Ao fim de seis semanas os filhos acompanham a mãe ás caças.

INIMIGOS

Não é o homem o unico inimigo do tourão fetido. Os cães fazem-lhe uma tenaz perseguição e o rapozo é tambem para elle um adversario

importuno, senão temivel. Pela astucia que possue em larga escala, o rapozo fatiga o tourão fetido e consegue vencel-o.

CAÇA

A perseguição que o homem move a este musteleano é devida aos prejuizos que elle nos causa. Empregam-se contra o tourão fetido todas as armas e toda a ordem de armadilhas.

CAPTIVEIRO

É possivel levar o tourão fetido a um certo grao de domesticidade, desde que se apanha quando muito novo ainda; no entanto nunca se consegue fazer perder-lhe inteiramente os instinctos sanguinarios e por isso é sempre um animal perigoso para os outros animaes domesticos, menos fortes do que elle.

USOS E PRODUCTOS

Nem só prejuizos se colhem do tourão fetido. Pela destruição dos ratos junto dos logares habitados e pela guerra sem treguas que move ás serpentes venenosas nas florestas, pode este animal ser-nos utilissimo. E mesmo depois de morto nos offerece vantagens, porque o seu manto é quente e de longa duração; se não fosse um cheiro mau que exala e que é difficil fazer dissipar, esse manto seria de um alto valor. A despeito d'este inconveniente, paga-se ainda assim por dois ou trez francos em França, segundo Gerbe. Dos pêllos da cauda, que são compridos, fazem-se pinceis.

É possivel tambem adestrar o tourão fetido para a caça do coelho.

Crêmos pois, que, havendo cuidado de guardar bem as aves para que as não surprenda, o tourão fetido é mais util do que prejudicial á nossa especie.

O FURÃO

Não se conhecem os costumes do furão em liberdade, mas apenas em captiveiro, estado a que se acha reduzido desde tempos antiquissimos. Por falta de tal conhecimento não estamos habilitados a dizer se o furão constitue uma especie á parte ou simplesmente uma variedade do tourão fetido. Sobre esta questão divergem muito as opiniões dos naturalistas. Cuvier diz: «O furão não é senão uma variedade do tourão fetido.» [1] Buffon diz a este proposito: «Teem alguns auctores discutido se o furão e o tourão fetido são animaes de especies differentes. A duvida sobre este ponto é talvez fundada em que ha furões que se assemelham aos tourões fetidos pela côr do pêllo; no entanto o tourão fetido, natural dos paizes temperados, é um animal selvagem como a fuinha, ao passo que o furão, originario dos climas quentes, não pode subsistir em França senão como animal domestico. Ninguem se serve do tourão fetido, mas do furão, para a caça do coelho, porque se domestica mais facilmente; mas o que prova melhor que estes dois animaes são differentes é que elles se não misturam e differem por um grande numero de caracteres.» [2] Brehm não se decide em favor de qualquer d'estas opiniões, embora pareça inclinar-se á de Cuvier.

[1] Cuvier, *Règne animal*, T. 1.º, pg. 143.
[2] Buffon, *Oeuvres complètes*, T. 2.º, pg. 596.

CARACTERES

O furão tem o porte e o talhe do tourão fetido; sómente elle é um pouco mais pequeno e mais fraco, o que não admira, attendendo a que vive em domesticidade. Mede desde o focinho até á cauda trinta e oito centimetros de comprimento, tendo este ultimo orgão quatorze. Os caracteres esqueletologicos são os mesmos que os do tourão fetido.

Na Europa não se encontram de ordinario senão furões albinos, isto é, inteiramente brancos ou brancos amarellados. «Sabe-se, diz Brehm, que o albinismo é um signal de degeneração, e isto parece favorecer as opiniões dos que fazem do furão uma simples variedade domestica do tourão fetido.» [1]

Pelo que acabamos de dizer, vê-se que os caracteres suppostos especificos entre o furão e o tourão fetido não teem senão uma importancia minima. Por isso, embora nos faltem alguns dados para decidir a questão de um modo positivo, inclinamo-nos a crêr que o furão não é na realidade mais do que uma variedade do tourão fetido.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

«Alguns naturalistas, diz Brehm, pretendem, appoiados em Strabon que o furão é uma especie africana que se espalhou na Europa, mas não referem observação alguma em abono d'esta affirmação.» [2] Buffon é do numero dos que appoiam a opinião do naturalista antigo, dizendo: «Segundo o testemunho de Strabon, o furão foi trazido da Africa para a Hespanha; e isto não me parece sem fundamento, porque a Hespanha é o clima natural dos coelhos e o paiz onde outr'ora elles eram mais abundantes. Pode presumir-se que para diminuir o numero d'elles, já incommodo, foram mandados vir furões com os quaes se faz áquelles roedores uma caça util.» [3]

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 617.
[2] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 616.
[3] Buffon, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 596.

Seja como fôr, admitta-se ou não a conjectura de Buffon, o certo é que hoje o furão se encontra largamente espalhado pela Europa.

CAPTIVEIRO

Só com extremos de cuidado consegue manter-se o furão nos climas frios; abandonado a si desappareceria rapidamente. «Não pode dizer-se, affirma Franklin, que o furão tenha passado ao estado domestico, mas apenas que o homem fez reverter os seus instinctos sanguinarios e habitos de rapina em proveito proprio.» [1] Buffon diz tambem: «O furão apesar de muito domesticavel e até de muito docil, não deixa nunca de ser extremamente colerico.» [2]

Em domesticidade o furão alimenta-se de pão, de leite, de carne de animaes recentemente mortos.

Os costumes do furão assemelham-se aos do tourão fetido; é porém menos vivo do que este. Tem uma sêde insaciavel de sangue; embora completamente saciado, se descobre um animal mais fraco, arremette contra elle, como se o instigasse a fome. Attaca sempre hesitantemente e com excessos de prudencia os reptis; sabe quanto elles são perigosos.

Tem-se visto excepcionalmente casos em que o furão segue o dono por toda a parte, manifestando por elle a maxima affeição. Mas nem por isso Brehm deixa de dizer: «É muito raro que se consiga domesticar completamente o furão.» [3]

A femea pare duas vezes por anno cinco a oito filhos que se conservam cegos durante duas ou trez semanas.

EMPREGO DO FURÃO NA CAÇA

O furão presta ao homem na caça do coelho enormes serviços. A caça consiste essencialmente em preparar laços em todos os buracos da toca habitada pelos coelhos, excepto n'uma, pela qual penetra o furão. Os coelhos desde que sentem o inimigo tratam de fugir pelas differentes

[1] J. Franklin, *Obr. cit.* Tom. I, pg. 260.
[2] Buffon, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 597.
[3] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 598.

aberturas que dão para o exterior e são então apanhados; se casualmente conseguem evitar os laços são mortos a tiro pelos caçadores que os esperam nos diversos buracos da toca. N'esta caça ha sempre o cuidado de collocar um açamo no furão ou de lhe limar os dentes para que não mate os coelhos; tambem é costume lançar-lhe um cordão á volta do pescoço para, pelas oscilações d'este, se reconhecerem os movimentos do animal. Logo que o furão chega a uma das aberturas da toca, deita-se-lhe a mão ou puxa-se pela corda que o prende; se isto se não fizer, acontece geralmente que o animal volta ao fundo da toca e se deixa ahi ficar por espaço de horas. É este um dos inconvenientes da caça pelo furão, para os que a não conhecem; um outro inconveniente é o matar elle os coelhos pequenos. Desde o momento porém em que se conhece este genero de caça, taes inconvenientes desapparecem: o primeiro, pelo laço que se lança em torno do pescoço do furão e que serve para o chamar para fóra da toca quando quizermos; o segundo, pelo açamo, pelo processo nomeado de se limarem os dentes ao furão ou ainda pelo meio, um tanto barbaro, seja dito de passagem, que n'outros tempos se usava em Inglaterra e que consistia em cozer os labios ao animal.

Na Inglaterra emprega-se tambem o furão na caça dos ratos. É preciso porém educal-os para isso, habituando-os a combater primeiro com ratos pequenos e successivamente com outros maiores, dos quaes possam triumphar. Esta educação é indispensavel por que o furão, que a não recebeu, receia extraordinariamente as mordeduras dos ratos.

Os inglezes teem n'um alto apreço estas luctas dos furões com os ratos.

Ás vezes entrando nas tocas em perseguição dos coelhos, o furão encontra o tourão fetido. Quando isto acontece é inevitavel entre os dois uma lucta tremenda, encarniçada, feroz e egualmente bem conduzida por parte d'ambos os contendores. A victoria não é sempre do furão; depende da robustez e mais ainda da astucia de cada combatente.

CRUZAMEMTO COM O TOURÃO FETIDO

Mao grado os terriveis combates, o furão copula-se facilmente com o tourão fetido e produz mestiços que os caçadores teem em alta estima, porque são fortes e dotados de uma rara coragem.

AS DONINHAS

São de todos os musteleanos os que teem o corpo mais alongado. Alguns naturalistas reunem as doninhas aos tourões fetidos e outros consideram-as como constituindo um grupo separado. Tanto basta para revelar que as differenças entre estes animaes não são muito consideraveis.

COSTUMES

Encontram-se nos campos, nos jardins, á beira dos caminhos e ao longo dos cursos d'agua. Habitam subterraneos, fendas de rochedos, montões de madeira ou de pedras. Caçam tanto de noite como de dia. São as doninhas de todos os carniceiros das nossas regiões os mais pequenos; são porém corajosas.

A DONINHA VULGAR

Este animal é muito conhecido nas nossas regiões e mesmo em toda a zona temperada e fria do antigo continente.

Mede de extensão apenas vinte centimetros, dos quaes quatro pertencem á cauda. Estas são as dimensões maximas, as do macho adulto. O corpo é alongado e mais o parece ainda pelo facto de serem o tronco e o pescoço quasi da mesma grossura; só os lados do corpo são um pouco escavados. Tem as patas curtas e finas, as plantas cobertas de pêllo e os dedos armados de unhas vigorosas como verdadeiras garras. O focinho é obtuso, o nariz é dividido por um sulco longitudinal e as

orelhas são largas e arredondadas. O dorso, os lados do corpo, as patas e a cauda são de um ruivo escuro; o bordo do labio superior, o ventre, o peito, a parte anterior do pescoço e a face interna das patas são brancos. No angulo da bocca existe uma pequena mancha redonda, trigueira. Ao norte a doninha é no inverno de uma côr trigueiro-clara.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A doninha vulgar encontra-se em toda a Europa e ao norte da Asia. Buffon diz que ella é «tão commum nos paizes temperados e quentes quanto é rara nos climas frios.» [1]

COSTUMES

Habita indifferentemente as planicies ou as montanhas, os campos ou as florestas, os logares habitados ou os desertos. Qualquer ponto lhe serve, porque em toda a parte encontra uma arvore, um monte de pedras, um buraco no solo ou uma toca abandonada onde penetre. Quando n'um logar qualquer se encontra em segurança, vagueia todo o dia; no caso contrario só de noite sae.

De ordinario a doninha não foge á approximação do homem; pelo contrario, muitas vezes avança para elle com inacreditavel audacia, como se quizesse interrogal-o.

Geralmente vive aos pares; ás vezes porém encontram-se grupos numerosos d'estes animaes. Ha mesmo quem affirme que se juntam ás vezes bandos de cem doninhas e mais para attacar o homem. O facto parece á primeira vista inacreditavel, attentas as dimensões da doninha; e no entanto não podemos exercer a duvida sobre elle, porque é narrado por habeis e conscienciosos naturalistas. J. Franklin por exemplo narra o caso de um pobre homem que se debateu durante vinte minutos

[1] Buffon, *Obr. cit.*, t. 2.º, pg. 599.

contra um bando de vinte doninhas e que teria succumbido, tanta era já a sua fadiga, se lhe não fosse em soccorro um outro homem que casualmente passava por aquelle logar.

As doninhas atiram-se muitas vezes ás patas dos cavallos, sendo preciso da parte d'estes e dos cavalleiros grandes esforços para que desistam de morder. Mas a audacia da doninha vae mais longe ainda, porque, segundo Franklin, ella pode, embora excepcionalmente, matar uma aguia abrindo-lhe as arterias do pescoço. Lenz narra tambem o combate de uma doninha e um hamster, combate em que ambos os contendores com pequena differença de tempo morreram cobertos de ferimentos.

Comprehende-se facilmente que um animal assim corajoso e forte deve ser um terrivel inimigo de todos os pequenos vertebrados. Estrangula e devora ratos, toupeiras, cricetos pequenos, lebres, coelhos, gallinhas, pombos, todas as aves que fazem ninho em terra e ainda muitas que o fazem sobre as arvores. Destroe lagartos e cobras, attaca a vibora, com quanto succumba ás mordeduras repetidas d'este reptil e come rãs e peixes; emfim toda a carne lhe serve, até mesmo a dos congéneres. Gosta de crustaceos, e, quando a fome a aperta, dá caça ás lesmas e caracoes.

Como é de pequenas dimensões e de grande agilidade, a doninha é um terrivel perseguidor de todos os pequenos animaes que com ella habitam uma dada região. Persegue a toupeira até ao fundo das suas galerias subterraneas e os ratos nos buracos que lhes servem de refugio, dá pesca aos peixes penetrando na agua e apanha os passaros entre a folhagem das arvores. Corre com notavel agilidade, trepa facilmente e nada muito bem. Introduz-se pelos mais estreitos buracos, pelas fendas mais diminutas.

A doninha commum apanha geralmente os animaes pela região da nuca; se são um pouco grandes procura mordel-os no pescoço para abrir-lhes as carotidas. Aos animaes pequenos come-lhes as carnes, aos grandes satisfaz-se em beber-lhes o sangue. Fura as cascas dos ovos com extraordinaria habilidade, sorvendo todo o conteúdo sem derramar uma gotta.

A estação do cio comprehende para esta especie todo o mez de Março. Cinco semanas depois do coito, em Maio ou Junho, a femea pare trez a oito filhos, que nascem cegos. Depõe-os na cavidade de qualquer arvore, n'um buraco, n'um logar bem occulto, sobre uma camada de palha, de feno, de folhas dispostas em forma de ninho e dedica-lhes o maximo cuidado. Aleita-os por muito tempo e alimenta-os largos mezes, depois da amamentação, com pequenos ratos que lhes traz vivos. Quando alguem lhe descobre a ninhada, a doninha procura-lhe um novo escondrijo, transportando os filhos um a um na boca. Em caso de perigo, defende a

prole com valentia. Desde que os filhos attingem certas proporções, é um magnifico espectaculo vel-os brincar ao sol com a mãe pelos prados.

CAÇA

Faz-se em quasi toda a parte uma caça desesperada ás doninhas, empregando para isso armadilhas, lançando-se-lhes cães, geralmente os baixotes, e tambem simulando a voz das gallinhas, do coelho ou do rato para as attrair em pleno campo e atirar-lhes depois á vontade.

Esta guerra de exterminio não se explica senão pela total ignorancia da historia natural descriptiva. A doninha só pode prejudicar-nos entrando nos pombaes ou gallinheiros que por descuido deixamos mal fechados. Em compensação presta-nos extraordinarios serviços, porque é talvez de todos os animaes o mais bem conformado para a caça dos roedores. Assim, os estragos que produz podem perfeitamente evitar-se com um pouco de cuidado, ao passo que os serviços que nos presta não pode outro animal prestal-os. Esta é a verdade; infelizmente é, como diz Brehm, muito difficil desenraizar prejuizos e combater a rotina.

CAPTIVEIRO

Buffon dizia que a doninha é indomesticavel. Observadores mais modernos desmentiram esta asserção. Muitos factos demonstram que, sendo apanhada quando nova, a doninha attinge um alto grao de domesticidade. D'entre os muitos casos d'esta natureza ha um narrado por uma senhora e transcripto por Wood, [1] que vamos traduzir por ser extremamente interessante: «Quando, diz a dama, deposito uma certa quantidade de leite na palma da mão, a minha doninha bebe-o com avidez; uma vez saciada, adormece. Conserva-se ordinariamente no meu quarto; encontrei meio de combater por substancias odorantes o mau cheiro que ella espalha.

[1] Wood, *Natural History*, pg. 364.

«De dia dorme no interior de um coxim onde conseguiu penetrar; de noite é, com grande desprazer seu, introduzida em uma gaiola d'onde não sae senão de manhã, cheia de alegria. Quando é posta em liberdade antes de eu acordar, vem ter comigo ao leito e, depois de mil saltos, introduz-se sob a roupa para deitar-se-me nas mãos ou no seio. Se já estou acordada enche-me de caricias por espaço de mais de meia hora. Brinca-me com os dedos como um cãosinho, sobe-me pelas costas até á nuca, trepa-me ao longo dos braços ou do tronco com uma ligeireza e uma elegancia sem eguaes. Se lhe colloco a mão um metro distante do solo, salta-lhe sem nunca cair. Manifesta muita agilidade e muita astucia para chegar a um fim que premedita e sente muitas vezes um grande prazer em fazer o que se lhe prohibe.

«Dá grande attenção à tudo o que se passa, olha para todos os buracos, examina todos os objectos. Se sente que a observam, cessa de brincar e deita-se; apenas desperta, recomeça os saltos com a mesma vivacidade. Só quando a fecham ou a atormentam, manifesta mau humor. Em casos taes, faz ouvir um murmurio inteiramente diverso do que se lhe escuta quando está contente.

«Reconhece a minha voz no meio de muitas outras, procura-me e salta por cima das pessoas que se collocam entre mim e ella. Com as patas anteriores acaricia-me muitas vezes o queixo e olha-me com uma expressão de prazer. Quando vê que me visto para sair, não quer deixar-me e não é facil desembaraçar-me d'ella. Astuta como é, esconde-se de ordinario perto da porta e quando eu passo atira-se a mim, procurando acompanhar-me.

«Pela vivacidade, pela agilidade, pelo murmurio que faz ouvir recorda os esquilos. Durante o estio corre toda a noite pela casa; no inverno declina de actividade. Parece gostar do calor; muitas vezes, quando o sol bate sobre o meu leito, vem deitar-se sob os seus raios e ahi fica murmurando de prazer por algum tempo.

«Só bebe agua na falta de leite e sempre com excesso de prudencia. Dir-se-hia que apenas quer refrescar-se um pouco e que tem medo dos liquidos; assim, apesar de sentir grande prazer em beber leite pela minha mão, não o bebe nunca senão gotta a gotta e só posso obrigal-a a tomar uma pequena quantidade de cada vez. É provavelmente o modo por que bebe o orvalho, quando em liberdade. Enchi uma vez uma taça com agua de chuva e procurei fazel-a banhar, mas não o consegui; molhei um panno, dei-lh'o e vi-a então envolver-se n'elle com extremo prazer.

«É extraordinariamente curiosa. É impossivel abrir uma caixa, uma gaveta, olhar ao menos para um papel, sem que a attenção da doninha se fixe immediatamente. Para attrail-a a qualquer parte basta-me pegar

n'um papel ou n'um livro e fixal-o attentamente; desde logo me segue, trepa ao meu braço e olha tambem aquillo que eu olho.

«Devo dizer tambem que ella brinca muito espontaneamente com um gatinho e um cão que attingiram já notaveis proporções. Sobe-lhes ao dorso, trepa-lhes pelos membros e pela cauda sem todavia os magoar.»

Wood, que transcreve os trechos acima citados, acrescenta que essa doninha se alimentava de carnes.

O caso que acabamos de citar não é unico; pelo contrario, ha muitos analogos. Brehm falla de um inglez que possuia uma doninha tão bem domesticada que o acompanhava por toda a parte.

Em captiveiro a doninha vive, termo medio, quatro a seis annos; em liberdade deve attingir oito a dez.

PRECONCEITOS

Geralmente não só se desconhece a utilidade da doninha vulgar, senão que se lhe attribuem propriedades fabulosas e maleficas. Um dos preconceitos mais curiosos e mais extraordinarios que correm no vulgo ácerca d'este animal é que elle dá os filhos á luz pela bocca. Crê-se tambem que a mordedura d'este animal produz ulceras de má natureza. Tristes prejuizos contra os quaes a sciencia combate desde ha muito!

O ARMINHO

Esta especie é muito proxima da que acabamos de descrever; tem as mesmas formas que ella, mas o corpo um pouco mais alongado, me-

dindo trinta e trez centimetros de comprido. De inverno o manto d'este animal é branco, excepto na extremidade da cauda que se conserva sempre negra; no estio esse manto é como o da doninha.

Ha muito quem, vendo o arminho com o pêllo de estio, chegue a duvidar que seja elle o mesmo animal cujo manto de inverno affecta uma brancura de neve. Esta mudança de côr de estação para estação tem dado logar a numerosas discussões. Na primavera a transformação de côr faz-se com a muda; não está porém definitivamente estabelecido se no outomno se realisa uma segunda muda ou se são os pêllos mesmos da primavera que embranquecem ao chegar o inverno. De resto, a transformação de côr effectua-se em muito poucos dias. O capitão Lyon diz: «Tive um arminho que uns maritimos me trouxeram da Norwega com o pêllo de inverno, isto é completamente branco. Conservei-o fechado n'uma gaiola e observei cuidadosamente a mudança de côr que começou nos primeiros dias de Março e que estava completa no dia 17 do mesmo mez. Infelizmente, o animal morreu antes da estação seguinte e eu não pude portanto continuar as minhas observações. Estava com curiosidade de vêr se sob o nosso clima (da Inglaterra) o arminho teria retomado, ao voltar o inverno, o manto immaculadamente branco.»

Sabe-se por outras observações que o arminho na Inglaterra raras vezes se torna, mesmo no rigor do inverno, completamente branco.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O arminho encontra-se espalhado em todo o norte do antigo continente. Existe em toda a Europa, na Asia septentrional e central, na Persia e na Asia Menor. É vulgar em todos esses paizes. «Na Allemanha, diz Brehm, é um dos carnivoros mais communs.» [1] Buffon diz tambem: «Os arminhos são muito communs em todo o norte, principalmente na Russia, em Norwega e na Laponia.» [2]

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 625.
[2] Buffon, *Obr. cit.*, t. 2.º, pg. 601.

COSTUMES

Como a doninha, o arminho encontra em toda a parte um logar conveniente para habitação. Um buraco na terra, uma toca, um covil, a fenda de um rochedo, um montão de pedras, a cavidade de uma arvore, tudo lhe serve para habitação. De inverno cava elle proprio tocas no gelo. O capitão inglez Lyon descreve-as assim: «Observei um curioso processo de galerias profundas, feitas pelos arminhos, e que tinham a mesma direcção que os subterraneos da toupeira em Inglaterra. Corredores obscuros correm e serpeiam como passagens sinuosas e na approximação do logar em que os arminhos tem estabelecido o seu domicilio, multiplicam-se os circulos como para tornar a chegada a elle mais difficil.»

Em geral o arminho conserva-se dormindo o dia inteiro no seu subterraneo; algumas vezes porém sae expondo-se ás vistas do homem. É ao crepusculo no entanto que principia para elle a caça. É então que um observador attento, convenientemente occulto, tem occasião de surprehender-lhe os movimentos ageis e graciosissimos. Ora deslisa rapidamente por entre um montão de pedras, ora pára immovel diante de um buraco, de uma fenda que examina, ora emfim ergue e volta o focinho em todas as direcções como para surprehender pelo olfato a existencia de uma presa.

O arminho é em todos os exercicios corporaes de uma grande perfeição; corre, salta e nada com prodigiosa agilidade.

No ponto de vista das faculdades diz Brehm que o arminho «possue a coragem da doninha, uma sêde insaciavel de sangue e uma paixão pela carnagem sem eguaes.» [1] Affirma ainda o mesmo naturalista que não ha para o arminho animal capaz de causar-lhe medo. Chega a attacar o proprio homem. «Um homem, conta Wood, passando um dia nas cercanias de Ericklade, viu dois arminhos deitados no caminho. Atirou-lhe uma pedra que deitou um por terra; o outro soltou então um grito agudo, particular, investiu com elle, trepou-lhe pelas pernas e procurou mordel-o no pescoço. O grito de guerra tinha sido escutado e repetido por outros arminhos, que correram em soccorro do primeiro. O homem ao principio tentou affastal-os á pedrada; dentro em pouco porém do que tratava

[1] Brehm, *Obr. cit.*, pg. 627.

já era de defender o pescoço. Teve que fazer; valeu-lhe a robustez e uma grossa gravata para não ser gravemente ferido. Ainda assim, o rosto, as mãos e uma parte do pescoço ficaram cobertos de mordeduras; o homem conservou da lucta uma recordação tal que nunca mais lhe appeteceu fazer mal aos arminhos.»

Não é sómente aos mamiferos e ás aves pequenas que o arminho dá caça, mas ainda a animaes maiores do que elle. Persegue com exito os ratos, as toupeiras, os coelhos, os cricetos, os pombos, as gallinhas, os pardaes, as andorinhas pequenas que vae apanhar aos ninhos, as cobras e os lagartos que encontra e até muitas vezes as lebres. Sobre este ultimo ponto divergem as opiniões dos naturalistas. Lenz é de parecer que a lebre adulta nada tem que receiar do arminho; os naturalistas inglezes perfilham opinião contraria e Hope assistiu elle proprio a um combate entre uma lebre e um arminho, estando este agarrado ao peito do roedor como uma verdadeira sanguesuga. Bolle diz tambem o seguinte: «É notavel que quando perseguida pelo arminho, a lebre não use das suas vantagens naturaes; bastariam alguns saltos para fugir-lhe como foge aos cães e aos rapozos. Parece que despreza um inimigo tão pequeno, que não faz caso d'elle; esta indifferença porém custa-lhe a vida.»

Um espectaculo extremamente interessante é o da caça ao rato campestre amphibio pelo arminho. O roedor é constantemente perseguido, ou seja em terra ou na agua. O arminho procura-o nos subterraneos e se o descobre não cessa de o perseguir emquanto não consegue deitar-lhe os dentes; não serve de nada ao rato trepar, esconder-se, attravessar um rio. O arminho seguil-o-ha desapiedadamente por toda a parte, matal-o-ha necessariamente. Diz Wood que algnns arminhos bastam para destruir em alguns dias uma colonia inteira de ratos amphibios.

Os arminhos copulam-se em Março. Em Maio ou Junho a femea pare cinco a oito filhos, que deposita em qualquer sitio escondido, seguro, sobre uma cama macia, fofa. A creação dura até ao outomno; só no inverno é que os novos seres abandonam a mãe. Quando um perigo qualquer ameaça a prole, a mãe muda-a, procura pol-a em segurança, para o que muitas vezes é obrigada a attravessar um rio com os filhos na bocca.

CAÇA

Faz-se caça aos arminhos dispondo armadilhas de differentes formas a que servem de engodo carnes de rato, de coelho e outras.

CAPTIVEIRO

Os arminhos quando se captivam novos, são susceptiveis de uma boa domesticação. Ha-os a que pode conceder-se a faculdade de entrarem e sairem de casa quando quizerem e alguns mesmo que acompanham o dono, como fazem os cães.

Grill narra ácerca dos arminhos captivos alguns factos curiosos que apontaremos aqui. Um d'elles é o desespero que se apodera d'estes animaes quando ouvem musica; diz Grill que bastava tocar guitarra em frente da gaiola de um arminho que possuia, para o encolerisar de um modo excepcional. Um outro facto observado é o de impressão desagradavel que produz o frio n'estes carniceiros captivos. Quando a temperatura abaixa, enrolam-se no leito e só com difficuldade, tremendo, é que se resolvem a sair d'elle, quando o homem a isso os sollicita. Uma qualidade que distingue os arminhos captivos é o amor da limpeza. O seu alimento favorito é o leite e pequenas aves.

Grill pôde observar que a muda se realisa no começo de Março, de forma que a 19 ou 20 d'esse mez um pêllo trigueiro tem substituido o pêllo branco do inverno.

Costuma dizer-se que o arminho quando se encolerisa derrama o conteúdo fetido da glandula anal. Grill contesta o facto, affirmando, ao contrario, que o esvaziamento da glandula só tem logar quando o arminho se amedronta. «Sou conduzido a crêr, diz o auctor citado, que a evacuação fetida é involuntaria. É provavel que o mêdo produza o relaxamento do musculo esphincter da glandula anal e que então o conteúdo se derrame.»

USOS E PRODUCTOS

O arminho é utilissimo na industria; fornece pelles de um alto valor e com as quaes se decoram, na phrase de Brehm, a gravidade dos magistrados e a *coquetterie* das damas.

AS LONTRAS

É este o genero dos musteleanos aquaticos.

CARACTERES

Todas as especies d'este genero, em numero consideravel, teem o corpo alongado, os membros curtos, a cabeça achatada, o focinho obtuso, os olhos pequenos, salientes, as orelhas curtas, arredondadas, os dedos fortemente palmados, a cauda comprida, ponteaguda, de pêllo curto, rijo, liso e luzidio. Cada uma das patas tem cinco dedos, sendo os dois medios mais compridos que os outros. Não teem bolsa anal, mas duas glandulas que se abrem perto do anus. O esqueleto e a dentição são os de todos os musteleanos, de que todavia se distinguem por um craneo achatado e um focinho curto.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

As lontras encontram-se espalhadas por toda a superficie da terra, exceptuando a Nova-Hollanda e as regiões polares.

COSTUMES

Habitam as margens desertas dos rios. É muito raro que as abandonem para darem caça aos animaes terrestres; são casos estes absolutamente excepcionaes. Nadam e mergulham maravilhosamente, conservando-se longo tempo debaixo d'agua. Correm tambem com rapidez, apesar de terem os membros muito curtos. São robustas, corajosas, atrevidas, intelligentes e susceptiveis de domesticação. Cavam tocas á beira dos cursos d'agua. Produzem geralmente grandes estragos, prejuizos grandes que mal nos compensam pelas magnificas pelles que nos fornecem.

A LONTRA VULGAR

Buffon apresenta este animal assim: «A lontra é um animal voraz, mais avido de peixe que de carne; que não abandona as margens dos ribeiros ou dos lagos e que algumas vezes despovoa completamente os tanques. Tem mais facilidade do que qualquer outro animal para nadar, mais mesmo do que o castor, porque ao passo que este só tem membra-

nas nas patas posteriores e os dedos separados nas patas de diante, a lontra, pelo contrario tem membranas em todas as patas. Nada quasi tão bem como caminha; não vae ao mar como o castor, mas percorre as aguas doces, sobe e desce ribeiros a distancias consideraveis. Não é propriamente um animal amphybio, isto é capaz de viver egualmente no ar e na agua; não tem conformação para habitar n'este ultimo elemento, precisa de respirar pouco mais ou menos como todos os outros animaes terrestres. Se, perseguindo um peixe, alguma vez acontece cair n'uma rede, vae-se mesmo encontrar depois afogada e vê-se que não teve tempo de cortar as malhas para sair.» [1]

Adiante estudaremos mais detidamente os costumes caracteristicos d'esta especie, depois de a examinarmos no ponto de vista da organisação.

CARACTERES

Tem noventa centimetros a um metro de comprido desde o focinho á raiz da cauda que tem pouco mais ou menos quarenta e cinco centimetros; a altura raro excede trinta e trez e o pezo dez a doze ou quinze kilogrammas. A femea é mais pequena e tem o pêllo mais claro. Os naturalistas antigos compararam a lontra á serpente; por disparatado que á primeira vista pareça o confronto, a verdade é que a cabeça pequena, muito achatada e larga da lontra e o seu corpo alongado lhe dão com effeito alguma coisa da physionomia da serpente. As orelhas são arredondadas, curtas, pouco salientes e susceptiveis de serem tapadas por uma membrana, á vontade do animal. Os olhos são pequenos, de pupilla redonda. Os labios são espessos, o nariz é desnudado e a pelle coberta em toda a extensão de papillas. As patas assemelham-se ás de todos os musteleanos, mas possuem uma forte membrana palmar que se estende até meio dos dedos. O pêllo é espesso e curto. A côr geral é nas partes superiores um trigueiro escuro, brilhante e um acinzentado no ventre.

1 Buffon, *Obr. cit.*, tom. 2.º, pg. 588.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se a lontra ordinaria na Europa e n'uma parte extensa da Asia central e septentrional.

CONSIDERAÇÕES HISTORICAS

Os naturalistas antigos, gregos e romanos, fallando da lontra emittiram muitas opiniões erroneas, fabulosas, que vieram até nós pela tradição. Uma d'ellas é, por exemplo, que a lontra attaca o homem e só o abandona depois de lhe ter partido os ossos.

Aristoteles é entre todos o mais correcto e verdadeiro, embora commetta o erro de confundir uma vez a lontra com o castor. Plinio falla uma só vez da lontra e para dizer uma incorrecção: que ella pertence ao mesmo genero que o castor. Em geral os auctores antigos ou avançam ácerca do animal proposições falsas ou não se occupam d'elle senão de um modo inteiramente vago, como o fez Eliano chamando-lhe *cão dos ribeiros.*

COSTUMES

Habita exclusivamente ao pé da agua doce, preferindo os ribeiros que correm á margem de florestas ou cujas margens são largamente cobertas de arborisação. Habita sempre em subterraneos. A abertura d'estes é sempre de cincoenta a sessenta centimetros abaixo do nivel da agua; d'ahi parte um corredor ou canal de um metro e vinte centimetros a um metro e cincoenta, que se dirige a um vasto compartimento central. Um outro corredor estreito dirige-se para a margem e serve para ventilar o subterraneo. Na construcção d'este, a lontra aproveita de ordinario as aberturas que as aguas cavam nas margens dos ribeiros e que ella alarga para formar os corredores. Algumas vezes, mas raras, apro-

pria-se da toca abandonada do teixugo ou do rapozo, situada perto d'agua. De ordinario possue mais do que uma habitação. Quando as aguas, levantando-se muito, lhe submergem a toca, a lontra então refugia-se no cimo das arvores.

A lontra é detestada pelos pescadores, não só porque mata uma grande quantidade de peixe, senão porque destroe as redes. Para o naturalista porém, possue ella attractivos de primeira ordem. A vida na agua, os movimentos, as caças, as qualidades de intelligencia emfim, fazem da lontra um animal curiosissimo. «Basta vel-o, diz Brehm, para reconhecer que elle é aquatico. Caminha de um modo que faz recordar a serpente; deslisa muitas vezes até longe no gelo e serve-se n'este exercicio da cauda que é muito vigorosa. Quando marcha, conserva a cabeça inclinada e o dorso ligeiramente recurvo. Pode virar-se com incrivel facilidade, erguer-se sobre as patas posteriores e conservar-se n'esta posição alguns minutos, inclinando-se para a direita, para a esquerda, para diante ou para traz sem perder o equilibrio, trepar ás arvores inclinadas, enterrando nos troncos as unhas solidas e agudas; n'este ultimo exercicio porém é muito inhabil. Só instigada pela fome é que dá caça aos animaes terrestres.

«Vista na agua, a lontra parece um animal inteiramente diverso: está no seu verdadeiro elemento. É por isso que ao menor perigo se refugia na agua. Acha-se admiravelmente organisada para nadar e mergulhar: o corpo alongado como o de uma serpente, as patas que a membrana palmar transforma em valentes remos, a cauda comprida e forte que lhe serve de leme, o pêllo liso e que se não molha, tudo se encontra disposto para permittir á lontra attravessar facilmente a agua.» [1] Diz depois este mesmo naturalista que se não fosse a necessidade que a lontra sente de vir á superficie d'agua respirar, nenhum peixe lhe escaparia, tanta é a agilidade com que persegue a presa.

Os sentidos da lontra são muito desenvolvidos: vê, ouve e sente admiravelmente. Percebe á distancia de alguns centos de passos o homem ou o cão e foge, esconde-se, mergulhando. Como é perseguida, tornou-se astuta e desconfiada por forma que é difficil chegar a vel-a.

Na Europa a lontra é um animal mais nocturno que diurno. Passa o dia inteiro occulto nos subterraneos onde come restos do peixe apanhado na vespera, e onde ha sempre, por isso mesmo, um mau cheiro, que ás vezes denuncia o animal. Procede á pesca de noite, sobretudo se ha luar. A lontra nos logares em que não é constantemente, mas antes raras vezes, perseguida pelo homem, pesca mesmo durante o dia. No Bra-

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 1.º, pg. 636.

zil, por exemplo, affirma o principe de Wied que a lontra é facil de apanhar de dia, porque nada cheia de confiança mesmo por perto dos barcos, com a cabeça sempre fóra d'agua. É facil fazer-lhe pontaria. No Paraguay acontece o mesmo precisamente.

As lontras de ordinario vivem sós; no tempo do cio comtudo vivem em pequenas sociedades e procedem á pesca reunidas.

A lontra, quando se lhe depara grande quantidade de peixe grosso, contenta-se com comer de cada individuo que pesca, uma pequena parte apenas do dorso, deixando o resto á margem. É este o motivo por que na Inglaterra, onde geralmente o direito de pesca pertence como previlegio a algum grande proprietario, a gente das aldêas se abstem de perseguir as lontras que elles consideram como beneficas fornecedoras das suas miseraveis mezas. E com effeito, essa pobre gente dos campos percorre de madrugada as margens dos ribeiros em busca dos restos de peixe que as lontras abandonaram. De resto, a lontra é um animal insaciavel; ainda mesmo depois de uma refeição copiosa, não deixa de destruir todo o peixe que encontra ao seu alcance.

A lontra tambem se alimenta de rãs, de ratos d'agua e aves; o que a tudo prefere porém, é o peixe.

Não existe para as lontras uma epocha de cio bem determinada porque durante todo o anno se encontram recemnascidos; no entanto parece ser em Fevereiro e Março que mais activamente se realisa a copula n'esta especie. Nove semanas depois pare a femea dois a quatro filhos cegos que depõe n'um buraco preparado para tal fim. A mãe prodigalisa aos recemnascidos illimitados cuidados. «A sua affeição por elles, diz J. Franklin, é tal que muitas vezes prefere morrer a abandonar a prole.» [1] Ao fim de nove ou dez dias, os filhos abrem os olhos e quando teem oito semanas principiam a pescar com a mãe. Só devem considerar-se adultos aos trez annos, porque só então estão aptos para se reproduzirem.

CAÇA

De ordinario a lontra é perseguida com encarniçamento. Como é porém muito prudente, a caça é difficil. A embuscada no inverno é o processo que dá mais resultados. Tambem se apanha este animal por

[1] **Franklin**, *Obr. cit.*, **tom. 1.º, pg. 265.**

meio de armadilhas que se collocam seis centimetros pouco mais ou menos abaixo da superficie da agua em logares que forçosamente tenha de attravessar na passagem de um tanque para um outro. Tambem algumas vezes, raras no entanto, se surprehende a lontra nas suas excursões venatorias por terra. Os cães porém, recusam-se geralmente a seguir-lhe a pista, ou seja porque o cheiro que ella espalha lhes repugne, ou seja porque receiam as mordeduras do terrivel carniceiro. E realmente essas mordeduras são para temer. Leio em Brehm que um caçador tendo lançado a mão á cauda de uma lontra, foi por ella mordido de modo e forma que perdeu a ultima phalange do pollegar.

Nos grandes lagos dá-se caça á lontra mettendo-se homens com armas de fogo em pequenos barcos e atirando sobre o animal no momento em que elle emerge para respirar. Este meio não pode empregar-se nos logares em que a agua é alta, porque a lontra vae ao fundo e quando reapparece á superficie está já corrupta e a pelle tem perdido todo o valôr.

Nos ribeiros em que as lontras são muito abundantes é costume attravessar e cortar a corrente por numerosos fios á maneira de redes; os caçadores penetram na agua com cães e assim obrigam as lontras a prenderem-se nos laços, atirando-lhes então. É assim que se procede na Escocia.

CAPTIVEIRO

Como quasi todos os animaes, a lontra domestica-se desde que é apanhada e reduzida a captiveiro nas primeiras edades. Buffon diz que as lontras que elle quiz domesticar «procuravam morder, mesmo alimentadas a leite e quando ainda não eram fortes bastante para mastigar o peixe; que ao fim de alguns dias se tornavam mais doceis, talvez porque adoeciam; que longe de se habituarem á vida domestica, todas morriam nas primeiras edades; emfim que a lontra é naturalmente selvagem e cruel.» [1] N'este ponto, como em muitos outros, o illustre naturalista errou, porque, em vez de fazer elle proprio as experiencias e observações a que na sua obra se refere, confiou esse trabalho a terceiros. Ao contrario do que pensava Buffon, não é uma fabula, nem mesmo um exagero dizer-se que a lontra pode attingir um grao tal de educação que vá pes-

[1] Buffon, *Obr. cit.*, tom. 1.º, pg. 589.

car para o dono. Este facto é verdadeiro; affirma-o uma tradição e comprovam-o factos actuaes.

A lontra domesticada é um animal muito agradavel. Conhece o dono e segue-o como um cão. É possivel fazer com que não toque em peixe. Dá-se bem com um regimen vegetal. Franklin, Winkel, Lotz, Wood e Richardson confirmam o que acabamos de escrever.

USOS E PRODUCTOS

O manto da lontra é tão bello e tão brilhante como quente e duradouro. Segundo Gerbe, uma pelle de lontra vale em França trinta e sete a sessenta e sete francos. Serve para fazer *bonnets,* capas, mantos e em geral muitos objectos de agasalho.

Os pêllos da cauda servem para pinceis.

Tempo houve em que o sangue, a gordura e as visceras d'este animal tinham numerosas applicações therapeuticas.

A LONTRA MARINHA

Mede pouco mais ou menos um metro e trinta centimetros de comprimento, não contando a cauda que tem trinta. O pêllo é trigueiro escuro com maculas brancas. Ás vezes os pêllos sedosos negros teem a ponta branca, d'onde uma tinta argentea que o manto offerece então.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A lontra marinha habita as ilhas e as costas do grande Oceano entre a Asia e a America do Norte. Na costa americana encontra-se mais para o sul que na costa asiatica.

COSTUMES

O que vae ser lido sobre os costumes da lontra marinha é devido a Steller; depois do que este observador escreveu não ha uma noticia nova sobre o animal, uma observação a acrescentar, um facto novo a exprimir. Isto explica-se; a especie vae-se extinguindo e torna-se por isso cada vez mais difficil encontrar individuos que se observem.

«A lontra maritima, diz Steller, é um animal encantador, amigo de divertir-se, em extremo caricioso. Vive em familias compostas de macho, femea e filhos, uns de mama ainda, outros semi-adultos já. Os paes estimam immensamente a prole, expoem-se por ella a toda a ordem de riscos e se alguem a rouba, gemem como uma creança. Observei n'alguns que o pesar de perderem os filhos, os reduz a estado de esqueletos; fracos e doentes conservam-se quinze dias sem entrarem na agua. Vivem todo anno com os filhos. A femea não produz mais do que um em cada parto. Os filhos nascem com todos os dentes; a mãe toma-os entre as maxillas, atira-se com elles á agua, deita-se sobre o dorso, mantendo-os entre as patas anteriores, como fazem as amas ás creanças, brinca com elles, abraça-os, atira-os ao ar e apanha-os como a pellas, deita-os á agua para que se ensaiem a nadar e ampara-os quando elles se sentem fatigados.

«Uma femea que amamenta e que se sente perseguida, toma o filho entre os dentes, foge com elle e não o abandona senão pela morte. Tenho roubado ás femeas os filhinhos para vêr o que ellas fazem. Gemem como um homem, seguem-me de longe, chamam por gemidos os filhos que lhes respondem por egual modo. Desde que eu os colloco em terra, as mães correm para elles e arrebatam-os.

«... A lontra maritima alimenta-se de caranguejos, de molluscos, de pequenos peixes, mas muito pouco de hervas do mar.

«Os movimentos da lontra maritima são graciosissimos e muito rapidos. Nada maravilhosamente e corre com muita rapidez. Não conheço nada mais bello do que vêr correr um d'estes animaes que parece vestido de um manto de seda negra e brilhante. E, coisa notavel, quanto mais alegre, mais vivo e mais astuto é o animal, tanto mais bello é o manto.»

A muda nas lontras maritimas realisa-se em Julho ou Agosto.

USOS E PRODUCTOS

A carne da lontra maritima parece não ser má, a crêr na opinião de Steller. O que porém é n'este animal mais util, é sem contestação o manto que tem um alto valôr. Exportam-se estes mantos em grande numero para a China, onde d'elles se faz um largo consumo.

Comprehende esta familia animaes que todos nós conhecemos desde as primeiras edades: os ursos propriamente ditos. Parece mesmo que nos poderiamos dispensar de os caracterisar physicamente, tanto o conhecimento que d'elles temos nos parece familiar. No entanto como na familia ha especies que se affastam muito do typo habitual é indispensavel estudar os seus caracteres geraes.

CARACTERES

Os ursinos, ou, como vulgarmente se diz, os ursos são animaes pezados. Teem os membros de comprimento medio e cinco dedos em cada pata, armados de unhas grandes, fortes, recurvas, não retracteis, e por isso mesmo, rombas. A planta é nua e appoia-se toda sobre o solo, d'onde a designação de *plantigrados* dada a estes animaes. O facto de assentarem toda a planta sobre o solo permitte aos ursos sustentarem-se sobre as patas posteriores exclusivamente como fazem os quadrumanos. O pescoço é relativamente curto e grosso, a cabeça oval, o focinho alongado e ponteagudo; as orelhas são curtas e os olhos pequenos. A dentição offerece

caracteres especiaes: os incisivos teem a corôa muitas vezes dividida em lobulos; os caninos são fortes, munidos de cristas, os falsos molares conicos ou munidos de tuberculos accessorios e os verdadeiros molares rombos, sendo os superiores mais compridos que largos. As vertebras dorsaes são dezenove a vinte e uma e as caudaes sete a trinta e quatro. A lingua não tem papillas, o estomago encontra-se reduzido a um simples tubo liso, o intestino delgado differe muito pouco do grosso e o coecum falta absolutamente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontram-se na Europa, na Asia, na America e ainda, segundo alguns, n'uma parte da Africa do Norte.

COSTUMES

Habitam os ursinos tanto as regiões torridas como as polares, os cimos mais altos como as costas dos mares glaciaes; no entanto parece preferirem as montanhas. Vivem pela maior parte nas florestas espessas e extensas ou nos logares pedregosos e solitarios; alguns sómente se conservam nas visinhanças dos logares habitados. Uns preferem os logares humidos, os pantanos, as margens dos ribeiros, dos lagos ou as costas maritimas; outros, os logares seccos. Uma só especie, o urso branco, se encontra confinada nas costas do mar e não apparece nunca no interior das terras; transportada pelos gelos, esta especie attravessa os mares polares e vae de um continente a outro. As outras especies nunca se affastam muito dos logares que lhes servem de habitação.

Os ursos em geral vivem solitarios, e só no tempo do cio se encontram aos pares; ha-os porém que vivem em sociedades numerosas. Uns cavam tocas na terra e na areia e ahi fazem o seu acampamento, outros habitam os troncos cavados das arvores ou os pontos pedregosos das montanhas. A maior parte das especies teem habitos nocturnos ou crepusculares e passam o dia dormindo.

Um facto muito curioso se dá relativamente ao regimen alimentar dos ursinos; comquanto carniceiros, elles podem contentar-se com uma alimentação exclusivamente vegetal ou mixta. Comem não só fructos, senão tambem grãos, cereaes, hervas succulentas, raizes, gomos, etc. Tambem quando tomam alimento, não o levam á bocca, como fazem os macacos, nem vão com a bocca procural-o ao chão, como fazem os outros carniceiros; diz Franklin que o seu modo de comer é um meio termo entre esses dois systemas: levantam com as patas anteriores os alimentos até certa altura do solo e baixam depois a cabeça para os apanhar com os labios. Tem-se alimentado ursos captivos com aveia exclusivamente, sem que a saude d'elles pareça ressentir-se.

Quando novos, estes animaes teem uma alimentação toda vegetal e mesmo depois de adultos preferem esse regimen ao regimen animal. De resto, comem tudo quanto encontram: crustaceos, molluscos, vermes, insectos, especialmente abelhas e formigas, peixes, aves, mamiferos, ovos; tambem não desdenham a carne corrupta. As grandes especies, quando as instiga a fome, tornam-se carniceiros terriveis que não hesitam em attacar os maiores animaes domesticos. Alguns levam mesmo o arrojo até entrarem nas aldêas, a roubarem aves e a penetrarem nos estabulos para de lá arrancarem uma presa. São mesmo perigosos para o homem, se este os attaca e lhes desperta a colera.

Os ursos de grandes dimensões não se movem com grande agilidade, mas são robustissimos, infatigaveis; os de pequenas dimensões são activos, movem-se com agilidade. Alguns ursos ha que podem marchar durante um certo tempo sobre as patas posteriores, mesmo levando nas de diante pezos consideraveis. Quasi todos trepam bem. Muitos receiam a agua; outros, pelo contrario, nadam e mergulham admiravelmente. Encontram-se muitas vezes ursos brancos nadando no mar, a algumas milhas de terra. São dotados de uma enorme força: arrastam facilmente um boi ou um cavallo e, quando apertam qualquer animal contra o peito, partem-lhe as costellas.

De todos os sentidos dos ursinos é o olfato o mais apurado; depois é o ouvido. A vista é mediocre, o gosto nada offerece de notavel e o tacto é muito imperfeito em geral. A maior parte dos ursinos são intelligentes. Muitos são dotados de grande prudencia e sagacidade; não são porém astutos. Educam-se facilmente mas nunca d'elles se obtem tanto como de um cão. Á proporção que envelhecem, vão-se tornando maus, irritaveis, muito perigosos.

As grandes especies que habitam o Norte só de estio apparecem; no inverno cavam subterraneos ou mettem-se em cavernas d'onde não saem. Collocam no fundo d'esta habitação uma camada molle de ramos d'arvores, de musgo, de folhagem, de hervas e ahi dormem durante a

estação dos frios. O somno não é continuo, e não pode chamar-se hybernal, porque não dura toda a estação nem é lethargico.

A femea pare na primavera um a seis filhos cegos, que protege e defende com sollicitude.

Os ursos nos combates levantam-se sobre as patas posteriores e quasi nunca se servem dos dentes.

CAPTIVEIRO

Os ursos captivos são muito conhecidos de todos. Quem haverá que os não tenha visto pelas ruas e praças conduzidos pelos miseros hystriões que os exhibem açamados, magros, pellados, doentes talvez, com os pés feridos na calçada, dançando grotescamente ao som do pandeiro, do tambor ou do realejo?

Estes miseros animaes, como a cada passo se vê, executam quanto se lhes ordena. O açamo de que andam munidos é antes uma prevenção policial do que uma necessidade reclamada pelos seus instinctos ferozes de todo apagados já, esquecidos.

USOS E PRODUCTOS

A pelle dos ursos é muito estimada, a sua carne serve a muitos homens de alimento e emfim o animal vivo presta-se ás exhibições das ruas e das collecções zoologicas.





1 O Urso escuro — 2. O Urso negro

Magalhães & Moniz, Editores

OS URSOS PROPRIAMENTE DITOS

É este o genero que comprehende os ursos do continente.

CARACTERES

Este genero é caracterisado pelas formas pezadas de todos os individuos que elle abrange. N'elles o focinho é pouco alongado, os membros são de comprimento medio, as patas teem cinco dedos cada uma, os labios são pouco retracteis e o pêllo é denso.

O URSO VULGAR

O corpo é volumoso, o dorso arqueado, o pescoço curto e grosso, o craneo achatado, o focinho conico, truncado, os olhos pequenos, fendidos obliquamente, a pupilla redonda, as pernas grossas, fortes, as unhas compridas e vigorosas.

A côr varia n'esta especie desde o trigueiro puro, o trigueiro amarello ou o trigueiro ruivo até ao pardo argenteo ou ao quasi negro.

O urso vulgar é um dos maiores mamiferos da Europa. O macho adulto mede um metro e sessenta centimetros a dois metros de comprimento, pertencendo d'esta extensão dez centimetros apenas á cauda. A altura ao nivel da espadua varia entre um metro e um metro e trinta centimetros; o pezo é pouco mais ou menos de duzentos e cincoenta a trezentos kilogrammas. A femea é mais pequena e menos pezada.

DISTRIBUIÇÃO GEOLOGICA

Em França, nos terrenos superiores teem sido encontrados ursos vulgares das dimensões de cavallos e que pela dentição e robustez muscular, denunciada nos sulcos osseos das maxillas, deviam ser ferocissimos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Brehm, illustre naturalista que aqui temos citado muitas vezes, referindo-se ao affastamento cada vez mais pronunciado dos ursos, que são pelo homem forçados a procurarem a solidão, escreve: «Os bellos tempos dos ursos passaram.» Bellos ou não, passaram com effeito. Á medida que as necessidades crescentes da civilisação nos obrigam a dominar cada vez mais a terra, estendendo a nossa agricultura, abatendo florestas, marchando na conquista do solo inculto para o fertelisar, o urso recua, evade-se, é destruido. Não é de certo arrojo annunciar que um dia elle tará desapparecido completamente ao menos na Europa central e meridional.

Na Allemanha central e nas ilhas britanicas já elle não existe. E no entanto no seculo XVII era ahi abundante. Na Suissa, quando espessas e sombrias florestas lhe cobriam o solo, eram os ursos vulgarissimos; actualmente são raros.

Ainda hoje encontram estes animaes um asylo relativamente seguro nos Pyrineos, nas Asturias, nos Alpes, nas montanhas da Transylvania, no Caucaso, nos montes Urals; ahi mesmo porém tem diminuido o seu numero.

Na Siberia e na Persia são frequentes. Existirão tambem na Africa? Ha quem o affirme; no entanto ha quem o negue tambem, d'onde a necessidade de uma confirmação.

COSTUMES

Pelo que acabamos de dizer, vê-se que o urso vulgar se distanceia cada vez mais dos logares habitados pelo homem. As regiões pedregosas, sombrias, solitarias, os bosques impraticaveis, os logares alcantilados onde encontram tranquillidade e segurança, são os pontos que hoje prefere para habitação. De noite vagueia, procurando a caça; não é porém notavel a concorrencia que faz ás outras feras, porque, como dissemos já, fallando da familia dos ursinos, elle não só se dá bem com a alimentação vegetal, mas até a prefere á animal. Ás vezes penetra nos campos de trigo e milho e faz ahi incalculaveis devastações. Tem tambem uma decidida predilecção pelos fructos d'arvores, o que o conduz muitas vezes aos logares povoados e, podemos dizer tambem, á morte, porque é n'estas excursões que é apanhado pelo homem, que lhe atira desapiedadamente.

Observa Brehm que os ursos apparecem geralmente magros no principio do estio, mas que quando termina esta estação se apresentam gordos, graças aos fructos de toda a ordem com que se alimentam.

Um facto notavel e excepcional caracterisa a vida do urso vulgar: o de dar caça a animaes infinitamente pequenos relativamente ás suas proporções. Sabe-se que os grandes carniceiros não attacam os pequenos animaes, senão quando lhes falta alimento; o urso porém, mesmo no meio da maior abundancia, persegue as formigas e as abelhas. Gosta muito de mel e n'isto está a razão do attaque a estes ultimos insectos que não deixam de defender os seus trabalhos com coragem, embora com inutilidade manifesta.

Á proporção que envilhece, o urso vulgar muda de regimen; notando que a caça aos animaes lhe é menos penosa, menos arriscada e por ventura mais facil que a procura de fructos, torna-se com a edade um perfeito carniceiro na acepção rigorosa do vocabulo. É então que elle principia a perseguir os carneiros, os bois, os cavallos e toda a especie de aves. Entre o urso e o touro ha combates soberbos em que este ultimo animal é ordinariamente o vencedor. O urso vulgar attaca geralmente os grandes mamiferos por traz e depois de os ter fatigado por correrias e demoradas perseguições; nas montanhas e perto de precipicios, procura atterral-os com os rugidos, obrigando-os a atirarem-se ao abysmo. Depois desce cautelosamente e sacia-se então de carne. Embriagado com o successo de repetidas caças, adquire coragem e chega a

penetrar nas aldêas, nos estabulos mesmo, em busca de presa. Muitas vezes escolhe habilmente os postos de embuscada, d'onde no momento favoravel se atira sobre os rebanhos.

Apertados pela fome, os ursos não só se approximam dos estabulos, mas tentam até arrombar as portas. Dá testemunho d'este facto o naturalista Tschudi no seu bello livro *Os Alpes*. Outras vezes tambem, como parece que na Escandinavia acontece frequentemente, em vez de arrombarem as portas dos estabulos, os ursos procedem á demolição dos telhados, que são de madeira. É n'essas occasiões que os ursos revelam uma enorme força; matam uma vacca, por exemplo, apanham-a com um dos membros anteriores e com o outro agarram-se ao tecto e por ahi saem com o fardo. Que assombro de força! Fazendo do tecto do estabulo uma *barra fixa*, os ursos conseguem nem mais nem menos do que executar, com um só braço e sustentando o pezo de um boi, o que em gymnastica se chama uma *dominação*. De resto, é perfeitamente admiravel a energia, o vigor, a força excepcional que o urso desenvolve nas correrias nocturnas quando carregado pelo pezo de um d'estes grandes mamiferos—o boi ou o cavallo. Attravessa os maiores perigos; por exemplo—elle attravessa dois troncos d'arvores collocados sobre um precipicio.

No tempo dos nevoeiros, o urso vulgar torna-se perigosissimo: approxima-se então dos rebanhos sem ser percebido. Quando de uma grande manada de bois elle arrebata uma femea, trava-se geralmente entre elle e os machos um renhido combate, cuja victoria de ordinario lhe pertence. O urso principia geralmente a devorar a presa quando esta vive ainda. As tetas e os rins são para elle a melhor parte da presa; é tambem por ahi que costuma principiar. Persegue egualmente o peixe, penetrando na agua para o apanhar.

Quando por qualquer circumstancia o homem que persegue um urso não consegue matal-o, é certo voltar-se este contra elle. Luiz Enault no seu livro *A Norwega* conta que um certo caçador, tendo errado fogo contra um urso foi por este accommettido e atirado immediatamente por terra, perdendo os sentidos. Como o urso na occasião não tivesse fome, tratou de enterrar o homem como provisão para um momento opportuno; felizmente em meio da operação o homem voltou a si, pôde encontrar uma faca e cortou as carotidas ao terrivel inimigo. Attaques d'esta natureza são raros e só teem logar quando o homem persegue o urso. A prova mais evidente de que em condições normaes o valente carniceiro não accommette a nossa especie, está em que ha paizes, Kamtschatka por exemplo, onde elle vagueia em bandos numerosos, sem que o homem tenha a sentir com isso inconveniente algum. De resto, nem as mulheres, nem mesmo as creanças se intimidam n'estes logares com a presença do urso. Atkinson conta que duas creanças de quatro a seis

annos fugiram um dia de casa e foram encontradas pelos paes a brincar com um urso; uma dava-lhe de comer emquanto a outra cavalgava tranquilla e cheia de confiança sobre o dorso do valente animal. A mansidão do urso em muitas regiões da Asia septentrional e oriental é de natureza que os homens o respeitam como a um Deus.

Os movimentos do urso vulgar parecem mais pezados do que na realidade são. Quando o irritam elle corre e alcança um homem em caminho plano. Sobe com extrema rapidez, graças á extensão dos membros posteriores; desce porém muito vagarosamente para não caír. Em Fevereiro marcha mal porque então as plantas dos pés perdem a epiderme. Nada maravilhosamente e trepa com destreza. Quando desce uma arvore é ás arrecuas, com a parte posterior do corpo voltada para baixo. Não receia a agua como muitos outros carniceiros; pelo contrario, no estio procura-a e mergulha com prazer por muito tempo. Quando se sente perseguido perto de uma corrente, deita-se a nado, conservando sempre o focinho acima da superficie d'agua.

De todos os sentidos d'este animal é o olfato o mais desenvolvido; é elle que o guia na perseguição da presa. O ouvido é tambem fino, mao grado o pequeno desenvolvimento das orelhas. A vista é má; o gosto é muito desenvolvido. Sob o ponto de vista da intelligencia, forçoso é dizel-o, a despeito da opinião contraria de alguns naturalistas, o urso é quasi um desherdado. Elle não pode rivalisar com os felinos, muito menos com os cães; quasi todos os carniceiros lhe são superiores em memoria e em poder de relacionação. Captivo, elle não é nunca susceptivel de grande dedicação ao homem; segundo a phrase de Brehm elle «prefere a ração ao guarda que lh'a distribue.»

Quando o inverno se approxima, o urso vulgar trata de fazer um covil n'uma floresta longinqua, sombria, espessa, deserta, tão distante quanto possivel dos logares habitados pelo homem. Tapeta esse covil com hervas, musgo, folhas e ramos d'arvores, fazendo assim um leito tão agradavel quanto possivel. Quando os grandes frios e os gelos principiam, o urso retira-se para o covil e enrola-se, ficando com o focinho deitado sobre o ventre. Como não arrecada provisões para o inverno, vive por *autophagia*, isto é á custa da sua propria substancia, o que nos explica o emagrecimento que apresenta, como já dissemos, no começo do estio. Dorme muito; o seu somno porém, não é lethargico. Desperta a cada momento. Em captiveiro se lhe é fornecido alimento em abundancia, come como no estio e tambem não dorme mais do que então; não é pois um animal hybernante.

Quando a temperatura sobe e o desgelo principia, o urso abandona o covil que é então inundado.

Nos paizes em que o frio não é muito, o urso desce aos valles no

inverno como no estio. O que melhor que tudo prova não poder classificar-se a inacção do urso na estação dos frios de somno hybernal, é o facto de a femea parir em Janeiro. Segundo Linneu o cio é em Outubro e a gestação dura cento e doze dias. Flourens affirma ao contrario que a gestação dura sete mezes. O cio teria logar em Junho.

A femea que tem filhos torna-se perigosissima para os outros animaes e mesmo para o homem.

A proposito de gestação diremos que existe um preconceito curiosissimo desde remotos tempos e que consiste em suppor que é a mãe que dá aos pequenos ursos as formas, lambendo-os. Plinio, Eliano, Ovidio, Aristoteles mesmo acreditaram e expozeram este erro singular. Estes auctores para justificarem a sua crença diziam que o tempo de gestação era apenas de trinta dias e que por essa razão os novos seres eram dados á luz como massa informe, a qual a mãe tinha de modelar. O erro passou na tradição e em França chama-se a um homem deselegante—*um urso mal lambido*. Buffon crê que a origem de um tal erro provem da disformidade do urso, que é mais accentuada ainda nas primeiras edades do que no animal adulto. «Sabe-se, diz o illustre naturalista, que em todas as especies o feto ou o recemnascido é sempre mais desproporcionado que o mesmo animal adulto.» [1] Um outro erro curioso é o de suppor que na epocha do cio o ardor sexual é na femea mais intenso que no macho e que o coito se realisa como na nossa especie. Escreve a este proposito Buffon: «A femea, dizem, é mais ardente que o macho: affirma-se que ella se deita em decubito dorsal para o receber, que o abraça muito estreitamente, que o retem por longo tempo, etc.; a verdade porém é que elles se copulam á maneira dos quadrupedes.» [2]

Aos trez mezes os filhos vão já á caça com os paes. A mãe durante as primeiras semanas alimenta-se exclusivamente de vegetaes e não abandona os filhos quando mesmo a instiguem a fome e a sede. Parece que os filhos se conservam cegos quatro semanas e que só começam a marchar na edade de dois mezes. De resto, como todos os animaes, elles gosam na infancia de uma grande mobilidade, de um insaciavel desejo de exercer os musculos, o que diverte extraordinariamente o espectador, porque em todos os seus actos são de um comico, de um grotesco excepcional.

O tempo que dura um urso em liberdade não o sabemos ao certo;

[1] Buffon, *Obr. cit.*, t. 2.º, pg. 643.
[2] Buffon, *Loc. cit.*

podemos comtudo calcular que é longo, porque os ha que em captiveiro vivem cincoenta annos e sabe-se que a femea pare ainda depois dos trinta.

CAÇA

É perigosissima a caça dos ursos para os inexperientes, que não sabem aproveitar o seu tempo ou perdem facilmente a tranquilidade d'espirito necessaria nas conjuncturas difficeis. Quando se attaca um animal das proporções e da força do urso é preciso calcular friamente as probabilidades da lucta, estar absolutamente senhor de si; a cobardia é n'estes casos tão prejudicial, tão compromettedora como a temeridade. O urso que se attaca e se não mata, mas apenas se fere, é um inimigo terrivel, arrojado, que desconhece inteiramente todas as difficuldades, que salta por sobre todos os obstaculos para tirar uma vingança. E a vingança de um animal assim, tão valente e tão colerico, comprehende-se que deve ser tremenda. Se consegue apanhar o homem, defronta-se com elle, ergue-se sobre os membros posteriores, e com os braços aperta-o contra o peito, partindo-lhe os ossos. Para que um homem só possa dar caça ao urso, é preciso, segundo Enault, que esse homem «esteja na força da edade, que seja um fino atirador, cuja vista se não perturbe nunca, cujos musculos d'aço não tremam, cujo peito emfim, de valentes pulmões não receie o abraço dos membros terriveis do animal.» [1] De resto, como é facil suppôr, poucos são os homens que se atrevem a ir sós ao encontro do urso. Geralmente para esta caça junctam-se muitos e ainda levam comsigo cães vigorosos e experimentados na perseguição das feras. Estes cães não servem sómente para indicar a presa ao caçador; em caso de necessidade elles mesmos accommettem o animal.

Geralmente junctam-se uns poucos de homens munidos de armas de fogo, de facas e de bons cães; os individuos que entram na caça são sempre valentes, porque, no dizer de Brehm, os fracos recebem dos outros o amigavel conselho de ficarem a lêr *Horacio* ou *Virgilio,* isto é de permanecerem em casa. O conselho é judicioso, porque um caçador fraco e timido, não só não presta serviços n'esta caça, mas até pelo medo e pela perplexidade incommoda e perturba os outros.

[1] Lois Enault, *La Norvege*, pg. 297.

O urso perseguido tenta ao principio fugir; vendo porém que o não consegue, porque os caçadores lhe tomam a retirada, enfurece-se e determina defender-se, o que faz com excepcional coragem. Os cães são os que principiam o attaque, em geral alguns são sempre sacrificados; por vezes o urso lança mão de um pedaço de madeira que maneja com habilidade e assim mata á pancada os adversarios. Em quanto esta lucta se realisa, é que os caçadores procuram a posição mais propria para atirarem ao urso. Mas se perdem os tiros, se erram fogo, infelizes d'elles! O urso enthusiasmado pela victoria sobre os cães, será desapiedado, terrivel com o novo inimigo.

De todos os processos de caça porém, o da embuscada é o mais seguro e menos perigoso. N'este caso um só caçador basta. O homem arma-se de uma espingarda de dois canos com carga de bala e de uma boa faca solida, metade ferro, metade aço, extensa e bem cortante; assim preparado, o caçador colloca-se de embuscada n'um logar onde sabe que o urso tem de passar em direcção de um campo ou dos restos de um animal morto na vespera. Quando o urso passa, o caçador descarrega sobre elle; se os tiros falham, resta o expediente extremo da faca. Mas se a arma é boa e se o caçador faz bem a pontaria, nada ha que receiar; o urso cairá morto ao primeiro tiro. Affirmam os que teem assistido á caça do urso que um homem experiente e corajoso nem mesmo munido só da faca tem que receiar, porque o urso levanta-se sobre as patas de traz e é facil cravar-lhe o ferro no coração, que fica a descoberto. Mas ás vezes a faca parte-se de encontro a um osso. Que resta ao caçador n'estas condições extremas? Ha um recurso ainda: recuar alguns passos rapidamente e servir-se da espingarda como de um instrumento contundente, espancar com ella o urso, tendo o cuidado de dirigir os golpes á cabeça. Uma coronhada valente dada entre os olhos, basta para matar o urso. É pois certo que se o caçador não perder a presença de espirito, ainda nas condições extremas que figuramos poderá salvar-se.

O cão mais proprio para a caça do urso é o baixote, dotado de uma excepcional coragem e que morde o ferocissimo carniceiro, sabendo evitar perfeitamente o desforço d'este.

Ás vezes dá-se caça ao urso, indo procural-o ao covil de inverno; esta empreza porém só pode tentar-se quando o gelo não é muito ainda. Se o inverno vae adiantado, os perigos d'esta caça são immensos e os resultados não os compensam, porque, como é sabido, o animal encontra-se então muito magro.

Tambem se caça o urso vulgar por meio de armadilhas mais ou menos complicadas e seguras cuja descripção omittiremos por extremamente longa.

CAPTIVEIRO

Os ursos vulgares, quando ainda novos, são agradaveis em captiveiro. Distingue-os o aceio, a facilidade com que é possivel alimental-os, a obediencia e até mesmo, dentro de certos limites, a dedicação ao homem e aos animaes domesticos. Ácerca da amizade que os ursos podem manter pela nossa especie relatam os naturalistas o caso curiosissimo de *Masco,* um urso de Nancy que viveu por muito tempo nas melhores e mais intimas relações com uma creança. O caso é interessante: a creança, um pobre rapaz, aprendiz no officio de limpa-chaminés, não encontrando onde deitar-se uma noite em que o frio era intenso, resolveu n'uma hora de desespero, talvez de loucura, penetrar na jaula onde Masco estava preso; o urso, longe de fazer-lhe mal, chegou-o para si e aqueceu-o. D'ahi em diante o pequeno encontrou constantemente uma dormida quente na jaula do urso e um protector no animal que se dizia ser ferocissimo, mas que, como se vê, era capaz das maiores dedicações. Um dia o pequeno morreu, victima da variola; a contar d'então o urso recusou todo o alimento e morreu tambem. Brehm conta os casos de alguns ursos educados nos mesteres de creados de meza, de guardas das casas, de carregadores, etc. Devemos no entanto observar que estes casos são raros, excepcionaes, e que o caso geral é o de resistirem os ursos a todo o genero de educação; embora doceis nos primeiros tempos, vão-se tornando maus á proporção que envelhecem.

COMBATES

Houve tempo em que as luctas dos ursos com os cães constituiam uma diversão principesca estimada. Ainda nos começos do seculo XVII estavam em voga estes espectaculos. Os ursos eram conduzidos á arena dentro de uma jaula, construida de modo que n'um momento se abria de todos os lados; os cães eram em seguida soltos para principiarem o combate. A victoria só pertencia a estes quando o seu numero era notavelmente maior que o dos ursos.

USOS E PRODUCTOS

A caça dos ursos é muito productiva. O homem que os mata recebe um premio dos governos ou das camaras e geralmente ainda um outro dos proprietarios de gado. Além d'isso a carne dos ursos é boa como alimento. As pelles são estimadas e vendem-se pelo preço de quarenta e cinco a setenta e cinco francos. A gordura é tambem procurada e bem paga.

O URSO DA SYRIA

Parece-se bastante com o urso vulgar ou trigueiro.

CONSIDERAÇÕES HISTORICAS

É d'este urso que falla a Historia Santa. Parece que os antigos romanos conheceram este animal. Diz uma passagem de um auctor antigo que um urso branco combateu n'um circo de Roma; e é provavel que esse urso fosse, não das regiões polares, mas o urso da Syria.

CARACTERES

A côr d'este urso varia muito com as edades. O urso novo é pardo trigueiro; envelhecendo, torna-se branco ou quasi branco. O pêllo é comprido e um pouco crespo.

COSTUMES

O urso da Syria conserva-se durante o dia em logares altos; de noite desce das montanhas e então é o terror dos pastores e dos viandantes. A alimentação d'este urso é mais vegetal do que animal, embora frequentemente seja terrivel para o gado.

CAPTIVEIRO

O urso da Syria parece muito mais susceptivel de educação e de sentimentos de franca amizade em relação á nossa especie que o seu congénere, o urso vulgar. É isto o que se deprehende da minuciosa observação d'alguns exemplares trazidos á Europa, nomeadamente á Inglaterra.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-sa este urso nas montanhas da Palestina e principalmente no Libano.

O URSO PARDO

É uma das especies americanas mais conhecidas. É um animal ferocissimo comparado com o qual, dizem os caçadores indigenas, o jaguar parece inoffensivo.

CARACTERES

O urso pardo tem o porte do urso trigueiro ou vulgar, mas é maior, mais grosso, mais pezado e tambem mais robusto. Tem a fronte larga, chata, quasi no mesmo plano que o nariz, as orelhas curtas, a cauda menos comprida que a do urso vulgar, as unhas muito compridas, recurvas, o tronco coberto de pêllos escuros e ponta clara, compridos principalmente nas espaduas, na parte anterior do pescoço e no ventre.

Distingue-se dos ursos da Europa pelo menor comprimento do craneo e pela convexidade dos ossos do nariz.

O comprimento d'este urso é dois metros e trinta a dois metros e cincoenta centimetros; o pezo é geralmente de trezentos e cincoenta a quatrocentos e cincoenta kilogrammas.

COSTUMES

Os habitos de vida d'este urso são pouco mais ou menos os do urso vulgar. Os movimentos d'aquelle são no entanto mais pezados; só quando muito novo consegue trepar. Depois de uma certa edade, é-lhe impossivel renovar este exercicio; e é por isso que os caçadores conseguem escapar-lhe trepando rapidamente a uma arvore. Nada com facilidade.

É um carniceiro vigorosissimo que não receia o homem. Ao passo que pode dizer-se do urso vulgar que, mesmo quando mais colerico e terrivel, elle não passa, segundo a phrase de um naturalista allemão, de um *covarde revoltado,* é forçoso convir que o urso pardo é corajoso e

notavelmente atrevido: não foge do homem, antes marcha altivamente ao seu encontro, ou este vá a pé ou a cavallo, ou vá desarmado ou armado, ou o attaque ou não. O homem se lhe não foge a tempo ou lhe não envia uma bala certeira, é inevitavelmente uma victima do terrivel carniceiro.

Mas um facto em verdade curioso e garantido pelo testemunho de todos os caçadores, é que o urso pardo, que marcha atrevidamente ao encontro do homem, se o vê, foge d'elle correndo, se pelo olfato o sente a distancia. De resto, um facto tambem observado pelos naturalistas é que todos os animaes receiam as emanações do urso pardo, tanto como este receia as do homem. Os animaes domesticos se sentem este urso, ficam inquietos como quando sentem o leão ou o tigre.

CAÇA

Das caças ao urso, a mais perigosa é esta. A coragem o vigor e a resistencia vital d'este carniceiro explicam o facto. Ferimento que o não mate, serve apenas para o irritar e tornar mais feroz, mais temivel. Relata Pallissier o seguinte: um urso pardo depois de ter sido gravemente ferido pelos tiros de seis caçadores, persegue-os na direcção de um ribeiro, recebe ainda o fogo de quatro d'elles, continua a perseguil-os, obriga-os a attirarem-se á agua, attira-se tambem e sairia da lucta victorioso, se um d'elles que ficára na margem lhe não attravessa a cabeça com uma balla. O caçador que mata um urso pardo é tido pelos indigenas e mesmo pelos brancos na mais alta consideração. O homem que possue um collar feito de dentes e unhas do urso pardo, goza entre as tribus dos Pelles-Vermelhas de um respeito superior áquelle de que gozam os chefes ou generaes victoriosos. Esse colar é uma decoração incomparavel.

CAPTIVEIRO

Consegue-se domesticar este urso quando muito novo; é de advertir porém que elle é sempre companheiro perigoso.

O URSO NEGRO DA AMERICA

É uma outra especie do urso americano, muito espalhada.

CARACTERES

Tem o talhe do urso da Europa; mede dois metros a dois metros e vinte centimetros de comprimento e um metro de altura. Mas tem a cabeça mais estreita, o focinho mais ponteagudo e as patas mais curtas; differe tambem pelo pêllo que é comprido, liso, rijo, mais curto na fronte e no focinho. Perto dos olhos tem uma pequena mancha amarella.

Os filhos são ao principio de um pardo claro; com os progressos da edade, aos dois annos tornam-se negros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se o urso negro em toda a America do norte, principalmente nas florestas.

COSTUMES

Correm ácerca dos costumes d'este animal as mais fabulosas narrativas. Uns teem dito que é o animal mais docil que existe, outros affirmam que elle é terrivel. Audubon e Richardsòn restabelecem a ver-

dade sobre este ponto. A estes naturalistas pedimos as considerações que seguem.

O urso negro habita de ordinario as florestas onde encontra tudo o que precisa, desde a morada solitaria que lhe convem até á alimentação de que usa. Muda de pouso segundo as estações e outras circumstancias. Na primavera procura o alimento nos valles e conserva-se á beira dos lagos ou dos pequenos cursos d'agua, em logares de vegetação densa.

No estio retira-se para as florestas, ricas então de fructos de toda a especie. No inverno emfim procura um escondrijo n'um lugar bem occulto onde possa dormir tranquillamente o seu somno. Este somno poderá chamar-se hybernal? Variam as opiniões. Dizem uns que o urso pardo dorme effectivamente de inverno semanas inteiras, mas que tambem sae do seu covil e que se transporta de região a região, particularmente do norte para o sul; affirmam outros que tal facto se realisa sómente nos invernos muito benignos e que, se o frio é muito, o urso dorme constantemente. E o que mais provavel parece com effeito é que o somno seja umas vezes interrompido, outras continuo, segundo o maior ou menor rigor do inverno.

Por pezado que pareça, o urso negro é agil e vivo. Corre com rapidez tal que um homem não o alcança. Trepa muito bem e nada na perfeição. Raro é que seja elle o primeiro a attacar o homem, embora se conheçam casos d'estes; de ordinario foge para a floresta desde que descobre um homem. Mesmo depois de ferido, procura ainda fugir e só quando todo outro expediente lhe falta é que procura defender-se e se torna perigoso.

A alimentação do urso pardo é principalmente vegetal; no entanto, como carnivoro que é, attaca tambem os rebanhos e chega mesmo a apanhar bois. Á falta de melhor alimento, contenta-se apanhando crustaceos que apparecem nas aguas dos lagos; é o que affirma Samuel Hearne.

Ácerca da reproducção do urso negro, parece existirem entre os naturalistas americanos as mesmas incertezas que entre nós existem ácerca do urso trigueiro ou vulgar. Richardson e Audubon pensam que a gestação dura n'esta especie quinze a desesseis semanas. Segundo observações de Fred. Cuvier deveria admittir-se que esta duração é maior, de seis mezes pouco mais ou menos. O numero de filhos dados á luz variaria segundo Richardson, de um a cinco; segundo Audubon esse numero seria sempre dois. Em que epocha tem logar o cio? Quando pare a femea? São perguntas para que não existe uma resposta definitiva.

CAÇA

O urso negro da America é muito prejudicial aos proprietarios ruraes, quer pelo destroço que faz nos campos cultivados, nas plantações de toda a ordem, quer porque dizima os rebanhos; d'aqui a guerra sem treguas que lhe faz o homem.

Os meios empregados na caça ao urso negro são diversissimos. Desde a armadilha até á espingarda todos os meios são considerados bons para destruir este importuno animal. Os cães prestam grandes serviços n'esta caça, porque contendo o urso em respeito, permittem ao caçador que prepare as armas e dão-lhe o tempo preciso para fazer uma boa pontaria. Nos logares em que o urso se domicilia nos troncos d'arvores velhas e carcomidas, destroe-se o animal lançando o fogo ás arvores.

O que dissemos sobre a caça dos outros ursos, dispensa-nos de sermos mais extenso n'este logar.

CAPTIVEIRO

Os americanos teem muito o costume de reduzir o urso negro ao captiveiro, principalmente com o fim de o fazerem combater com os cães.

O urso negro differe de todos os seus congéneres pela docilidade de caracter. Nunca ensaia as suas forças contra os guardas; pelo contrario reconhece a superioridade do homem e vive com elle de boa harmonia. Tem medo a quasi todos os outros animaes. Diz Brehm que os ursos negros captivos no jardim zoologico de Hamburgo tinham tanto medo a um pequeno elephante que ás vezes lhes passava por diante das jaulas que mal o viam trepavam immediatamente pelo tronco d'arvore collocado ao meio de cada jaula, como para procurarem ahi um refugio. Não teem tambem estes animaes tendencia alguma a baterem-se com os outros ursos.

USOS E PRODUCTOS

No Canada a gordura do urso negro é um famoso artigo de commercio; forma-se com ella uma pomada que no dizer dos charlatães é meio infallivel para fazer crescer o cabello. A carne é muito estimada; os pés do urso cosinhados constituem um prato que gosa de reputação. A pelle do urso negro é tambem muito considerada e occupa um logar distincto entre as pelles grosseiras.

O URSO DO TIBET

Deve considerar-se como o representante do urso negro na Asia.

CARACTERES

É negro e tem o focinho ponteagudo, o nariz e a fronte no mesmo plano, os membros de tamanho medio, os dedos armados de unhas curtas, recurvas e muito vigorosas. As orelhas são redondas e relativamente grandes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O circulo de dispersão d'este urso é grande. Encontra-se na China, no Japão e na maxima parte das montanhas do continente e ilhas.

COSTUMES

Segundo Duvancel, este urso seria mais mao que qualquer d'outras especies. Franklin [1] conta um facto que parece demonstrar uma tal opinião. Diz este naturalista que andando um dia com um amigo á caça dos javalis ouviu um grito lamentoso que partia de um bosque proximo. Caminhando armado de lança e espingarda na direcção da voz, encontrou uma pobre mulher deitada no chão, sem sentidos. Voltando a si e sendo interrogada pelo naturalista, a mulher conduziu-o á distancia de alguns metros e mostrou-lhe o marido horrivelmente mutilado. O desgraçado, que poucas horas depois morreu, pôde ainda contar que fôra assaltado pelos ursos que o reduziram áquelle misero estado. Em quanto um o apertava contra o peito, os outros (eram sete, segundo affirmava a mulher) enterravam-lhe as unhas no pescoço e na cabeça. «Levamos, continua o naturalista, o pobre homem para casa, onde, passadas algumas horas, a morte veiu libertal-o de um estado ao qual toda a sciencia humana não conseguiria dar um allivio.» [2] O mesmo observador relata ainda outros factos da mesma natureza, egualmente comprovativos da ferocidade do urso do Tibet. Parece que este terrivel animal não espera para attacar o homem que este o fira; n'isto se distingue dos seus congéneres; é certamente muito mais feroz do que elles. Brehm diz que os

[1] **J. Franklin, *Obr. cit.*, t. 1.º, pg. 101.**
[2] **Ibidem.**

que tem visto em captiveiro não confirmam de modo algum esta fama de malvadez, porque se mostram doceis; no entanto observa muito justamente o naturalista allemão que não pode avaliar-se um animal pelo que elle é em captiveiro.

O URSO BEIÇUDO

Como indica o proprio nome, este urso distingue-se desde logo e á primeira vista de todos os outros pela existencia de um beiço, o inferior, excessivamente comprido.

CARACTERES

Mede pouco mais ou menos um metro e sessenta e cinco a um metro e oitenta centimetros de comprido, extensão da qual dez centimetros pertencem á cauda; a altura é de noventa centimetros approximadamente. A cabeça d'este urso é achatada, a fronte larga, achatada tambem e continuando-se com um focinho fino, ponteagudo, alongado em forma de tromba. O nariz é muito largo e os labios muito moveis e susceptiveis de se alongarem em tubo para a formação do qual concorre tambem a lingua que é comprida e fina. D'este modo, o animal consegue attrair a si os objectos por aspiração. As orelhas são direitas, curtas, de ponta obtusa e os olhos pequenos e semelhantes aos do porco. No vertice do craneo ha uma grande quantidade de pêllos compridos, crespos, voltados para diante que encobrem uma parte notavel da cabeça. No dorso os pêllos reunindo-se formam duas massas que fazem parecer o animal giboso. As unhas são compridas, agudas e recurvas. Quanto á dentição ha a notar quo os dentes incisivos lhe caem muito cedo, razão por que algumas vezes se tem querido classificar este ani-

mal no grupo dos desdentados. O pêllo é negro brilhante; o peito tem de ordinario uma mancha branca em forma de ferradura. As unhas são brancas de extremidade negra.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O urso beiçudo é um animal das Indias orientaes. Habita o sul do continente asiatico, Bengala, as montanhas que a limitam a éste e oeste e a ilha de Ceylão; abunda muito nas montanhas de Tetan e Népaul. Raras vezes desce ás planicies; vive de preferencia nas montanhas e nos bosques solitarios. Tambem prefere os logares seccos aos humidos.

COSTUMES

Durante as horas mais quentes do dia, o urso beiçudo retira-se para uma caverna natural ou para um covil que elle proprio cava. Soffre muito com o calôr e adoece quando é forçado a attravessar os flancos nús das montanhas aquecidas pelos raios directos do sol. Alguns caçadores inglezes encontraram queimadas as plantas dos pés de um urso que elles tinham obrigado a percorrer grandes espaços sob um forte calôr. Esta extrema sensibilidade do urso beiçudo é-lhe fatal; mata-se facilmente este animal depois de o ter fatigado ao calôr.

Como a maior parte dos ursos, este é inoffensivo, se o deixam em paz, perigoso, se o ferem. A alimentação do urso beiçudo é, tambem como a de todos, principalmente vegetal; só quando a necessidade o aperta é que attaca animaes. Gosta muito de mel. Trepa ás arvores mais altas para dar caça ás abelhas e formigas, no que faz lembrar o urso trigueiro. Nos logares em que o mel é uma das maiores riquezas dos proprietarios, concebe-se bem que o urso beiçudo é odiado e perseguido.

Relativamente á reproducção sabe-se apenas que a femea pare um ou dois filhos, o maximo.

CAPTIVEIRO

Como todos os outros ursos, este domestica-se facilmente nos primeiros tempos de existencia e parece ser muito docil. Alimenta-se com leite, pão, fructos e carne. Nas Indias expoem-se pelas ruas exhibindo jogos, como faz entre nós o urso trigueiro. Os francezes que ahi o teem visto, dão-lhe o nome vulgar de *ours jongleur*. Na Inglaterra tem-se conservado este animal captivo por espaço de dezenove annos.

USOS E PRODUCTOS

Os Indianos utilisam o urso beiçudo do mesmo modo que os europeus, os asiaticos e os americanos utilisam o urso trigueiro, o pardo e o negro. A carne é estimada, principalmente pelos inglezes. A gordura é muito procurada; os europeus servem-se d'ella para untar as armas.

O URSO BRANCO OU POLAR

Este urso não pode collocar-se ao lado dos já descriptos como uma especie ao lado d'outras do mesmo genero. Os primeiros navegadores que viram o urso branco, foram tentados a não o considerar mais que uma variedade do urso trigueiro, cujo pêllo sob influencias climatericas especiaes se teria tornado branco. Em breve porém se reconheceu quanto

ha de erroneo n'uma tal opinião. O estudo a que vamos proceder dos caracteres e vida do urso branco, demonstrará isto; de resto, comprehende-se mesmo à priori que um animal cuja organisação admiravelmente se adapta á vida do mar e das costas não pode ser semelhante a um outro que escolhe para habitação os bosques e as montanhas.

CARACTERES

«O urso branco ou polar é maior que o urso pardo; o macho mede dois metros e quarenta ou mesmo dois metros e sessenta centimetros de comprimento e peza desde quatrocentos e cincoenta até setecentos e cincoenta kilogrammas.

«O urso polar tem o corpo mais pezado e mais alongado que o urso trigueiro, o pescoço mais fino e mais comprido, a cabeça comprida, achatada, fina relativamente, a região occipital alongada, a fronte chata, o focinho espesso atraz, ponteagudo na região anterior, as orelhas pequenas, curtas, arredondadas, as narinas abertas, a bocca menos fendida que a do urso trigueiro, as unhas de grandeza media, fortes e recurvas e a cauda curta, espessa, menos comprida porém que a do urso beiçudo e do trigueiro. O manto é formado de uma pennugem curta e de pêllo sedoso, fino, luzidio, quasi lanoso, mais curto na cabeça, pescoço e dorso que na parte posterior do corpo, no ventre e nas patas; as plantas são cobertas de pêllo. O bigode e as sobrancelhas são pouco abundantes e as pestanas faltam completamente. Todo o manto é branco, abstração feita de um circulo negro em torno do olho, da extremidade do focinho, da cercadura dos labios e das garras. Em quanto novos são de um branco argenteo e depois de velhos adquirem uma tinta um pouco amarellada, resultado, ao que dizem, de uma alimentação muito gorda. As estações não influem de modo algum sobre esta coloração.» [1]

É esta a descripção que dá Brehm, a mais completa que lêmos.

1 Brehm, *Obr. cit.*, pg. 691.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O urso branco habita o circulo arctico. Não se encontra senão aonde o mar é coberto de gêlo todo o anno ou, pelo menos, a maior parte do anno. Não se conhece com precisão o limite septentrional que este urso attinge; até onde quer que o homem tenha attingido, elle tem encontrado sempre este carniceiro.

O urso branco não desce para o sul de boa vontade; ás vezes porém é, mao grado seu, conduzido ahi pelos gêlos fluctuantes. Assim se tem visto os ursos brancos em meio do Oceano, a uma distancia consideravel das costas. É no vasto campo dos gêlos, diz Figuier, que elle reina como soberano. E com effeito, sem ser perseguido pelos outros animaes, insensivel aos frios mais intensos e ás mais terriveis tormentas, elle vagueia pela terra e pelo mar, ora sobre os gêlos, ora em meio das ondas livres como senhor absoluto, indiscutido das regiões geladas. Ás vezes vive em bandos numerosos.

COSTUMES

Os movimentos do urso branco são pezados, mas em compensação o animal sustenta-os por largo tempo. Nadando, não faz mais que trez milhas inglezas por hora, mas sustenta esta velocidade por largo tempo. A sua muita gordura fazendo-lhe deslocar um grande volume d'agua, explica-nos a facilidade com que se mantem á superficie do mar, se nos lembrarmos do principio hydrostatico de Archimedes. [1] O urso branco mergulha tambem com extrema facilidade e por muito tempo, como se deprehende do facto de pescar salmões.

Os sentidos do urso branco são muito desenvolvidos, sobretudo a vista e o olfato. Percorrendo os vastos espaços de mar gelados, elle trepa, diz Scoresby, até ao cume das montanhas de gêlo para d'ahi ex-

[1] Este principio enuncia-se assim: um corpo mergulhado n'um fluido perde uma parte do seu pezo, egual ao pezo do volume do fluido que desloca.

plorar o vasto horisonte que se descerra diante de si e para descobrir a presa. Sente a uma incrivel distancia o cheiro de uma balea morta ou de um pedaço de carne lançado ao fogo.

O urso branco alimenta-se de todos os animaes que habitam o mar ou as costas miseraveis que lhe são patria. «Tambem se alimenta, diz Figuier, dos restos que o mar atira para as costas, taes como cadaveres de peixes, de amphibios, de cetaceos, etc.» [1] Ás vezes no estio, internando-se pela terra, dá caça aos raros mamiferos habitantes d'estas regiões inhospitas, sobretudo ao rangifer. De resto accommoda-se a um regimen vegetal, comendo fructos d'arvores, grãos e raizes.

O urso branco no inverno cae em lethargia ou somno hybernal. A grande quantidade de gordura que tem no começo do inverno suppre ás necessidades nutritivas.

O urso polar, uma vez ferido, é um inimigo terrivel de que só podemos libertar-nos, matando-o. Nada eguala a furia d'este animal. De resto, se o não attacarem, elle tambem se não resolve de ordinario a ser o primeiro a mover guerra ao homem. Seria longo narrar aqui a serie de desastres a que tem dado origem a temeridade e imprudencia dos caçadores de baleias e dos navegantes que não conhecem a ferocidade do urso polar e que o attacam na esperança de um facil triumpho.

O coito realisa-se em Julho, Agosto ou Setembro. Então as femeas formam no gêlo uma especie de covil onde parirão e para ahi conduzem grande quantidade de gordura que lhes servirá d'alimento durante o inverno. Antes da primavera parem um a trez filhos, que seriam, segundo Samuel Hearne, não maiores do que um coelho. No mez de Março ou Abril já elles teem as dimensões de um cão d'agua. A mãe ensina-os a nadar e a pescar, o que elles aprendem com extrema facilidade. A femea em quanto aleita é extremamente perigosa.

CAÇA

A caça do urso branco offerece extraordinarios perigos e no entanto ha muito quem a elles se entregue com paixão. Os esquimós, os iacutas e os samoyedos caçam este terrivel animal de embuscada. Os europeus empregam na caça do urso branco armas de fogo; geralmente reunem-se

[1] L. Figuer, *Les Mamifères*, pg. 412.

muitos homens para o perigoso exercicio, porque o animal tem tanta força como coragem e além d'isso uma tenacidade vital que lhe permitte resistir por longo tempo na lucta ainda depois de muito ferido. Muitas vezes os pequenos vasos que navegam nos mares dos polos são accommettidos pelos ursos brancos; a tripulação mantem n'essas condições uma lucta desesperada, em que todavia os homens teem a vantagem da posição.

Observam os naturalistas que o urso branco se arreceia mais dos cães que do homem e que se apavoram extraordinariamente com o fogo e com os sons fortes de uma trombeta, por exemplo.

CAPTIVEIRO

Quando se apanham novos ainda, o que é muito difficil porque mesmo desde as primeiras edades, os ursos brancos são prudentissimos, é facil domestical-os e ensinal-os até, dentro de uns certos limites. No entanto é necessario advertir que o urso branco é desagradavel em captiveiro. Na Europa este urso soffre extraordinariamente com o calôr, conserva-se triste sempre, nostalgico decerto; além d'isso é um companheiro perigoso.

Em captiveiro o urso branco é facil de alimentar. Emquanto novo dá-se-lhe leite e pão; depois de velho submette-se ao regimen da carne, do peixe e do pão.

A mobilidade d'este urso em captiveiro é pequena: dorme toda a noite e passa a maior parte do dia deitado ou sentado. Á medida que envelhece, torna-se feroz, mao, verdadeiramente temivel.

Relativamente á duração do urso polar em captiveiro, citam-se casos de ser ella de vinte e um annos. Com os progressos da edade, este urso torna-se de ordinario cego.

USOS E PRODUCTOS

Do urso polar são estimadas a pelle, a gordura e a carne. A pelle serve para fazer coberturas quentes, solas de calçado e luvas. Na Islan-

dia, os padres cobrem-se com pelles de urso branco durante a missa para se preserverarem do frio intenso. A gordura e a carne constituem para os habitantes do polo um alimento estimado. Comtudo, no dizer de Scoresby e de Kane, o uso da carne do urso e das suas visceras, é muito incommodo e mesmo doentio ao principio. Scoresby diz que muitos individuos se encontram gravemente doentes depois de comerem o figado do urso branco e que alguns ha mesmo que depois de uma tal refeição sentem cair-lhes a pelle.

A gordura serve ainda para a illuminação e tem n'este uso uma vantagem notavel sobre a da balea, porque não espalha cheiro.

Acabamos de passar em revista as principaes especies do grupo dos ursos propriamente ditos. Vamos agora occupar-nos de animaes que uns incluem no grupo antecedente e outros preferem, como Blainville, reunir em uma divisão particular como a designação de SUB-URSINOS.

Estes são plantigrados e teem as formas geraes dos ursos, mas são de menores proporções e offerecem uma cauda comprida, espessa e macia. Podem considerar-se como constituindo a transição dos ursos para outros carniceiros. Formam varios generos bem distinctos.

OS COATIS DE FOCINHO CURTO

São estes carniceiros mais pequenos que os ursos propriamente ditos, mas delgados, de membros mais finos, mais altos e teem uma cauda comprida e coberta de pêllo. A cabeça é larga atraz, o focinho pequeno e ponteagudo. Teem os olhos grandes, approximados um do outro, as orelhas grandes tambem e distanciadas, inteiramente lateraes, a planta nua de todos os plantigrados, embora a não appoiem de todo em terra senão quando sentados ou em pé. A dentição d'estes animaes não differe muito da dentição dos ursos propriamente ditos.

COSTUMES

Habitam florestas e os seus habitos de vida recordam mais os das martas que os dos ursos. Alimentam-se d'aves de toda a ordem, de pequenos mamiferos e tambem de fructos. São alegres e doceis.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

São animaes proprios da America.

USOS E PRODUCTOS

Estes carniceiros são utilissimos, porque fornecem magnificas pelles de grande consumo.

O COATI LAVANDEIRO

Das duas unicas especies conhecidas como pertencendo ao grupo que acabamos de referir e que habitam uma o norte e outra o sul, o coati lavandeiro é uma, a ultima.

CARACTERES

O coati lavandeiro parece-se com o teixugo. Tem sessenta e seis centimetros de comprimento; a cauda é de vinte e sete. De altura tem trinta e cinco centimetros pouco mais ou menos. O pêllo é pardo com tons amarellados e outros, mais raros, negros. Atraz de cada orelha ha uma pequena mancha negra. Por sobre os olhos até á região temporal segue uma linha esbranquiçada.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O coati lavandeiro pertence á America septentrional. Habita o norte como o sul, mas principalmente o sul. É hoje um pouco raro nas regiões habitadas, mercê da caça que lhe é feita. Nas florestas porém ainda se encontra em abundancia.

COSTUMES

Os ribeiros, os lagos, em geral todos os cursos d'agua são os logares de predilecção d'este animal. De ordinario a caça principia para elle ao crepusculo; durante o calôr do dia dorme nas cavidades dos troncos d'arvore ou sobre os ramos copados. Nos logares porém, onde gosa de plena tranquillidade, não tem hora certa de principiar a caça; vagueia de dia ou de noite quasi indifferentemente.

É um animal vivo, elegante, de movimentos graciosos. Tem a marcha obliqua. Desde que descobre um animal descuidado, uma presa, erriça-se-lhe o pêllo, as orelhas dirigem-se para diante, ergue-se sobre as patas posteriores, salta, corre e trepa com rapidez incrivel mesmo pelos troncos verticaes. Ás vezes corre pelos ramos d'arvores como os macacos, com o corpo pendido, sustentado apenas pelos membros anteriores, dando saltos notaveis d'arvore para arvore. Em terra corre com extrema

velocidade, saltando tambem. Ha n'elle, segundo a phrase de Brehm, alguma coisa de macaco. É alegre, vivo, curioso, cheio de malicia, amigo de folguedos, corajoso quando é preciso e astuto como o rapozo quando procura apanhar um inimigo. Vive em boas relações com os da sua especie e brinca com elles horas inteiras, mesmo depois de velho. Nem o captiveiro, como veremos, é capaz de tirar-lhe o bom humor nativo.

Relativamente á alimentação é um verdadeiro urso; como a este, todo o genero de alimentação lhe serve. Persegue tambem as aves, rouba os ninhos, abre os ovos e esvazia o conteudo sem perda de uma gotta. Penetra muitas vezes nos jardins, nas capoeiras e nos pombaes para apanhar as aves. Tambem não desgosta de peixe, para pescar o qual penetra muitas vezes na agua. Gosta extraordinariamente das ostras que abre com perfeição; mas dizem alguns observadores que as ostras grandes, fechando as suas valvulas, o prendem como n'um estojo e que as ondas o sumergem e affogam depois. Esta narrativa é pura e simplesmente uma fabula.

O coati lavandeiro alimenta-se tambem de insectos.

Antes de devorar uma presa qualquer, toma-a entre os membros anteriores, mergulha-a na agua, agita-a, lava-a emfim, d'onde o nome de *lavandeiro* que lhe foi concedido pelos naturalistas. Quando porém a fome o instiga desiste de toda a lavagem, esquece-se d'estas precauções. No tempo das chuvas e dos temporaes conserva-se no seu escondrijo sem comer.

CAÇA

O homem persegue o coati levandeiro não só por causa do manto que é estimavel, senão pelo prazer mesmo da caça. Quando se quer apanhar a pelle intacta, caça-se o animal em armadilhas cujo engodo é um pedaço de peixe ou de carne. Outras vezes a caça faz-se de noite e com o auxilio de cães. Os homens reunidos para a caça acendem archotes e caminham atraz dos cães que seguem a pista do coati lavandeiro. Este logo que se sente descoberto pelos cães trepa rapidamente a uma arvore e esconde-se sob a folhagem. Os caçadores então com pedaços de madeira, com folhas seccas, pinhas, etc., fazem uma fogueira que illumina largamente a paysagem e um d'elles, o melhor trepador, sobe a uma arvore e persegue ahi o animal, que foge aterrado de ramo em ramo. Quando o coati attinge um dos ramos terminaes da arvore, o ca-

çador agita-o até que o animal caia. Os cães que estão circumdando a arvore recebem em baixo o perseguido no meio de latidos alegres. Se o coati consegue escapar aos cães e trepa de novo a outra arvore recomeça a caça, repetem-se as scenas anteriores. Por fim, cançado, exhausto, o coati lavandeiro cae no poder dos inimigos. Ás vezes o coati, á beira d'um lago, de um ribeiro ou de um tanque, atira-se desesperado á agua. Nem assim escapa. Os cães perseguil-o-hão ainda, matal-o-hão sem duvida.

CAPTIVEIRO

Domestica-se facilmente nas primeiras edades. Tendo o cuidado de guardar as gallinhas por modo que fiquem completamente fóra do seu alcance, é possivel deixal-o livre pela casa e jardins, como a um cão. A alegria e mobilidade continua de que é dotado, dão-lhe em captiveiro os attractivos do macaco, sem os desgostos que pela sua extraordinaria obscenidade este nos causa. Chega a ter uma grande dedicação pelo dono e brinca espontaneamente com os pequenos cães de casa.

Dá attenção a tudo, a tudo presta os seus sentidos. Em casa quando vê qualquer vaso coberto, esforça-se por destapal-o para roubar o conteudo. É um lambareiro de primeira ordem. Nos jardins rouba os fructos e por isso é preciso no estio exercer sobre elle uma extraordinaria vigilancia.

Vagueando constantemente pela casa e mexendo em tudo, acontece que parte muita louça e este é o inconveniente principal que tem para nós em captiveiro.

Alimentar este animal é facil. Come quanto lhe dão: carne cozida ou crua, peixe, insectos, leite, pão, ovos, pequenas aves, assucar, fructos, doce, tudo emfim. O que é curioso é que este coati não perde em captiveiro o costume de lavar as substancias alimentares antes de as ingerir. Este habito é-lhe por vezes prejudicial, como quando, por exemplo, elle se lembra de lavar o assucar. O alimento de preferencia para elle é a carne. Quando come leva os alimentos solidos á bocca com os membros anteriores, sustentando-se em pé sobre os de traz.

O coati lavandeiro captivo vive em boa paz com os outros mamiferos quando estes o não irritam.

Bem tratado dura no dominio do homem largo tempo.

Ás vezes adquire uma affeição extraordinaria a um ou outro animal domestico. No livro de Brehm, muitas vezes aqui citado, conta-se o caso

de uma amizade surprehendente entre um coati lavandeiro e um cão hespanhol.

Vê-se que o coati lavandeiro é um bello animal em domesticidade, cheio de attractivos, para quem quer que possua um espaço sufficiente que lhe conceda, um jardim ou um campo.

USOS E PRODUCTOS

A carne do coati lavandeiro é muito estimada não sómente pelos Pelles-Vermelhas e pelos negros, mas ainda pelos brancos. O manto é tambem muito procurado em toda a parte. Com os pêllos sedosos d'este manto fazem-se magnificos pinceis, com a pennugem fabricam-se chapeus e com a cauda pellatinas para senhoras.

O COATI CARANGUEJEIRO

Este animal substitue na America do sul o coati lavandeiro.

CARACTERES

Differe do coati lavandeiro em ter as patas mais altas, as orelhas mais curtas e o pêllo mais espesso, mas menos comprido. O manto é de um pardo amarellado passando a branco no ventre. A cauda é negra com trez ou quatro fachas de um branco amarellado.

COSTUMES

O coati caranguejeiro é um animal nocturno que passa quasi todo o dia no seu escondrijo e só procede á caça depois do crepusculo da tarde. O regimen alimentar d'este coati é analogo ao do seu congénere.

Deve o nome de caranguejeiro á predilecção que manifesta por crustaceos e molluscos; apanha-os nas praias. Só na primavera é que vive com companhia; fóra d'esta epocha anda isolado á caça.

A femea pare na primavera, que é em Outubro ou Novembro, dous a quatro filhos que educa no seu escondrijo até que elles se encontrem em estado de a abandonarem.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este animal encontra-se ao longo das costas orientaes da America do Sul, nas florestas, á beira dos pantanos e dos cursos d'agua; nunca se encontra nos logares seccos e elevados, nem em campo raso.

CAÇA

O coati caranguejeiro é perseguido pelos indigenas selvagens que lhe apreciam a carne e a pelle. Os brancos não o caçam, porque elle não lhes causa prejuizo algum e tambem lhes não é de utilidade. Perseguido, o animal trepa para as arvores e cae de ordinario em poder do caçador. Sobre o chão secco defende-se corajosamente dos cães. Se está perto de um pantano, de um charco, refugia-se n'elle com velocidade tal que os cães não podem seguil-o; occulta-se e desapparece aos olhos do caçador.

CAPTIVEIRO

Nas primeiras edades domestica-se facilmente. Vive em boa harmonia com os animaes domesticos sem manifestar preferencia por nenhum. Passa a maior parte do dia dormindo, enrolado sobre si mesmo, com a cabeça occulta entre as patas anteriores. Ao fim da tarde torna-se activo e roda no jardim ou no interior da casa, cheirando todos os objectos, procurando introduzir o nariz em todas as fendas, em todos os buracos. Quando quer ver bem qualquer coisa, levanta-se sobre as patas posteriores. Come quanto encontra, sem todavia attacar os animaes domesticos. O que geralmente se lhe dá é carne, raizes cosidas e fructos. Não mergulha as substancias em agua como o coati lavandeiro, mas toma-as entre as patas de diante e dá-lhes muitas voltas antes de as comer.

É docil e de bom humor. Mas se o perturbam quando come, encolerisa-se e chega a morder o guarda ou o dono. Em captiveiro não se reproduz; pelo menos não se conhece um só caso de reproducção em esta condições.

OS COATIS DE FOCINHO COMPRIDO

Estes animaes collocam-se naturalmente ao lado dos anteriores de que os não distanceiam caracteres morphologicos muito importantes.

CARACTERES

Tem o corpo fino, alongado quasi como as martas, o pescoço curto, a cabeça comprida e ponteaguda, a cauda cheia de pêllo duro, de com-

primento egual ao do corpo e os membros curtos, vigorosos, de patas largas. O focinho principalmente é caracteristico: alonga-se adiante da bocca em forma de tromba. As orelhas são curtas e arredondadas, os olhos de grandeza media, os dedos em numero de cinco, reunidos quasi em todo o comprimento e armados de unhas compridas e recurvas. A dentição é a dos coatis de focinho curto.

Conhecem-se cinco especies de que as mais interessantes são as de que vamos occupar-nos.

COSTUMES

As differentes especies de coatis de focinho longo teem os mesmos costumes, o mesmo genero de vida e por isso nos occuparemos sómente de duas especies, as primeiras que foram conhecidas.

O COATI SOCIAVEL OU RUIVO

Mede pouco mais de um metro de comprimento total; metade d'esta extensão pertence á cauda. A altura é de trinta centimetros. O manto é formado de pêllo sedoso, grosseiro, rijo, luzidio e de um outro, curto, molle, um pouco crespo e espesso principalmente no dorso e aos lados do tronco. O dorso é ruivo, o ventre amarellado, a fronte e o alto do craneo de um pardo com tons amarellos, os labios brancos e as orelhas negras atraz e amarelladas adiante. Por cima de cada olho encontra-se uma pequena mancha redonda e branca, uma outra no angulo externo do mesmo orgão. Ao longo da raiz do nariz desce outra mancha branca, pequena.

O COATI SOLITARIO OU PARDO

Descreveremos separadamente os caracteres d'este coati, apresentando em seguida a distribuição geographica e os costumes das duas especies, d'esta e da anterior, não porque sejam os mesmos ou communs, mas porque, áparte umas certas differenças aliás notaveis, teem muita semelhança.

CARACTERES

O coati solitario que em França se conhece pelo nome vulgar de *urso de tromba*, é maior e mais vigoroso que o coati sociavel; não é mais comprido do que elle mas é mais alto. Os pêllos são escuros na raiz, pardos no meio e annelados de amarello na ponta. A cauda tem sete anneis de um escuro amarellado que alternam com sete outros negros. A face, as patas e todas as partes desnudadas do corpo são negras. Por cima e por baixo dos olhos ha manchas de um pardo claro. As orelhas são negras, orladas de pardo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA D'ESTA ESPECIE E DA PRECEDENTE

Os dois coatis, sociavel e solitario, habitam as regiões quentes da America do Sul. Existem principalmente nas montanhas e nas grandes florestas.

COSTUMES D'ESTA ESPECIE E DA PRECEDENTE

Como os nomes mesmos o indicam, o coati sociavel e o solitario differem um do outro em que o primeiro vive em bandos de vinte e mais individuos, ao passo que o segundo existe só, habita um espaço sempre limitado e sómente se reune aos companheiros na epocha do cio.

O coati solitario parece ter varios escondrijos e passar a noite ora n'um ora n'outro. O coati sociavel não tem nem dominio certo, determinado de caça, nem escondrijo; passa uma vida vagabunda, errando o dia inteiro na floresta e alojando-se na cavidade de uma arvore velha, entre as raizes ou no ponto de bifurcação de dois ramos, quando a noite o surprehende.

O coati sociavel marcha em bandos ruidosos que a grandes distancias fazem ouvir os seus gritos. O coati solitario marcha silenciosamente, lentamente, examinando tudo com vagar e prudencia.

Os coatis se pelo olfato descobrem um verme no chão ou a larva de um insecto no tronco de uma arvore fazem todos os possiveis esforços por os apanharem. Ora cavam o solo com as patas anteriores, ora introduzem o focinho nos buracos do tronco d'arvore até que tenham attingido o fim desejado. N'este ponto o modo de proceder das duas especies é o mesmo.

Do facto de viver um d'estes animaes solitario e o outro em sociedade, resultam para elles consequencias diversas na vida. Assim ao passo que um aproveita naturalmente todas as vantagens da associação o outro experimenta todos os desconfortos do isolamento. Um, o sociavel, resiste melhor aos perigos, porque tem os companheiros a vigiarem alternadamente pela segurança do bando; o outro, o solitario, tem de velar por si, mesmo ás horas das refeições e é forçado a repartir constantemente a actividade entre a funcção que executa e o cuidado de vigiar a propria segurança.

Quando os coatis sociaveis procedem a uma refeição, ha sempre entre elles algum ou alguns que velam pela segurança dos outros e os previne do perigo por um forte som sibilante. Com o coati solitario, nada de semelhante se realisa.

O coati sociavel desce as arvores de cabeça para baixo; se o perseguem porém, deixa-se cair dos ramos como um corpo inanimado, para

depois fugir, correndo no solo. Nas arvores os movimentos d'este animal são mais ageis, mais rapidos que no chão, onde caminham de vagar, a passo, ou por pequenos saltos successivos, com a cauda erguida verticalmente. Receiam muito a agua e só n'ella penetram em circumstancias extremas; comtudo nadam muito bem, attravessam facilmente os cursos d'agua.

O olfato é o mais apurado dos sentidos dos coatis sociavel e solitario; depois vem o ouvido. A vista, o gosto e o tacto parecem ser muito fracos. Não vêem de noite, e de dia mesmo vêem mal; o tacto, que é obtuso, parece residir principalmente no focinho.

Os coatis são tão sensiveis aos ferimentos como ás influencias atmosphericas.

Nada se conhece ácerca da reproducção do coati solitario. Quanto ao sociavel, diz Rengger que a femea pare trez a cinco filhos de cada vez e na primavera das regiões que habita, isto é em Outubro. Deposita os filhos nas cavidades dos troncos d'arvores, n'um covil, n'um logar coberto de vegetação ou em qualquer outro sitio bem occulto. Os filhos desenvolvem-se muito rapidamente e cêdo acompanham os paes nos bandos excursionistas que estes formam.

CAÇA

Para obter a pelle e a carne dos coatis, dão-lhes os indigenas uma caça pertinaz. Os brancos só por divertimento perseguem estes animaes. A caça é simples: penetra-se nas florestas com uma boa matilha de cães que descobrem os bandos dos coatis; estes refugiam-se nas arvores, mas os cães cercando-as denunciam quaes ellas sejam aos caçadores, que podem então atirar á vontade. O coati solitario apanhado pelos cães, bate-se com coragem e muitas vezes antes de ser vencido, põe cinco ou seis fóra de combate ás dentadas.

CAPTIVEIRO

É vulgar encontrarem-se estes animaes captivos e domesticados. É facil creal-os. Alimentam-se ao principio de leite e fructos e mais tarde

de carne cozida ou crua, principalmente de vacca, que é a que preferem. Não teem grande predilecção pelas aves nem pelos pequenos mamiferos; todavia não desdenham estas presas. De resto, o regimen animal não lhes é por forma alguma indispensavel; um regimen exclusivamente vegetal basta-lhes. Ao contrario dos outros carniceiros, os coatis não tentam surprehender, apanhar as aves; o que parece provar que em liberdade elles se nutrem mais de insectos e de vegetaes que de vertebrados. É preciso vêr que lhes não falte agua, porque carecem de beber muito e muitas vezes, o que fazem á maneira dos cães, tendo o cuidado de levantar a extremidade do focinho e de o tirarem para fóra do liquido.

Como animaes diurnos, vivem em constante movimento durante o dia e só dormem de noite ou de dia ás horas de calma. Se o tempo é fresco deitam-se de lado, enrolando-se e escondendo a cabeça entre os membros anteriores; se o calôr é muito deitam-se ao comprido, não se enrolam.

Antes de comerem a carne que se lhes dá, os coatis dilaceram-a com as unhas das patas anteriores. Partem os ovos ou entre os dentes ou contra o solo e sorvem o conteudo com avidez. Gostam de melão e de laranja. Remexem a terra para de lá tirarem vermes ou larvas de insectos cuja presença o olfato lhes denuncia.

Habituam-se ao homem embora não cheguem a adquirir uma affeição especial por pessoa alguma; brincam com todos os animaes domesticos, cães, gatos, gallinhas, patos, etc. O que não admittem é que os perturbem no momento das refeições; por mais domesticados que estejam, mordem sempre todo aquelle que tentar roubar-lhes a comida.

Os coatis são muito independentes; nem mesmo em captiveiro se submettem á vontade do homem. Contrarial-os é apenas fazel-os encolerisar, sem nada obter. Nem pela pancada se consegue a obediencia dos coatis. Em quanto podem luctar, luctam, mesmo com os guardas que mordem como se foram estranhos; se reconhecem a superioridade do adversario, deitam-se, enrolam-se, cobrem o focinho com as patas para o proteger dos golpes e caem em perfeita immobilidade. Concebe-se pelo que acabamos de dizer quanto será difficil ensinar qualquer coisa a estes animaes tão irritaveis e independentes. Rengger encontrou um coati que obedecia, como um cão, ao dono; o caso porém é absolutamente excepcional. Os coatis são, além de tudo, muito destituidos de intelligencia. Teem uma memoria deficientissima, o que faz com que se esqueçam facilmente dos bons ou maos tratos, assim como dos perigos a que se expozeram uma vez e a que se expõem outra e outra.

Em liberdade dentro de casa, são muito desagradaveis, porque cheiram tudo, mexem em tudo, atiram ao chão quanto encontram. Se apa-

nham um livro folheam-o com rapidez, se se lhes dá um cigarro desenrolam-o, se encontram um objecto levantado dão-lhe pancadas com as patas esquerda e direita alternativamente até o derrubarem. Fazem estragos incalculaveis nos quartos e nas bibliothecas. São ainda desagradaveis, porque espalham um cheiro forte de almiscar e são pouco limpos, depositando em toda a parte os excrementos, extraordinariamente fetidos.

Quando se encontram uns poucos de coatis dentro de uma gaiola, de ordinario o macho mais valente faz sentir aos outros a sua superioridade, atormentando-os. É por isso inconveniente juntar muitos individuos de sexos differentes; de ordinario os machos mais fracos acabam de succumbir.

Ás vezes, em certas epochas, sem que se saiba porque, os coatis affeiçoam-se a certas pessoas e detestam outras, deixam-se acariciar por aquellas e mordem estas, sem que todavia mesmo com as primeiras cheguem a attingir um alto grao de domesticação. Tambem acontece que enfurecendo-se, quando presos, se tornam de uma incomparavel doçura desde que os soltam. As observações de Saussure [1] que possuiu longo tempo um d'estes animaes em captiveiro, concordam plenamente com quanto acabamos de escrever.

Parece que os coatis captivos se não reproduzem; é o que affirmam Brehm e Rengger.

Geralmente estes animaes supportam bem o captiveiro em que vivem muitos annos; em liberdade calcula Rengger que elles duram dez a quinze annos.

USOS E PRODUCTOS

A carne dos coatis é estimadissima pelos indigenas selvagens. Os europeus mesmo consideram um bom prato a dos individuos novos. Os selvagens utilisam tambem a pelle dos coatis, empregando-a na fabricação de pequenas bolsas.

---

[1] Vid. H. Saussure, *Bibliotheque universelle de Genève.*

OS POTOTES

Foi Alexandre de Humboldt o primeiro que forneceu sobre estes curiosissimos animaes informações exactas e precisas. Antes, este genero existiu por muito tempo sem logar fixo, determinado, na classificação zoologica, occupando successivamente tantas situações differentes quantas as que aos naturalistas que os estudavam aprazia dar-lhes. Uns consideravam-os lemures e denominaram-os *makio trigueiros*. Outros considerando a dentição d'estes animaes muito diversa da dentição dos macacos, julgaram vêr n'elles antes viverrinos e deram-lhes a denominação de *doninha mexicana*. No entanto, a cauda prehensora, enrolante e principalmente a dentição de mollares rombos, indicando um omnivoro, não justificavam a introducção d'estes animaes no grupo dos viverrinos. Por fim foram collocados entre os ursos.

CARACTERES

Esta ultima collocação não é ainda rigorosa, exacta. Os pototes distanceiam-se sob muitos pontos de vista quer dos ursinos, quer dos subursinos. Uma cauda longa, prehensora, as narinas abertas aos lados do focinho e uma lingua macia e extensivel, são outros tantos caracteres que os constituem em typo zoologico completamente á parte e auctorisam a fazer d'estes animaes um genero distincto, estabelecendo a passagem entre os ursos e as martas, como os coatis a estabelecem entre os ursos e as civetas.

Conhece-se d'este genero uma especie unica de que seguidamente vamos occupar-nos.

O POTOTE AMARELLADO

É este o animal que no Brazil se conhece pelos nomes de *manaviri* e de *cuchumbi*.

CARACTERES

Teem o corpo comprido, mas pezado, repousando sobre membros curtos. A cabeça é volumosa e e focinho muito curto. Os olhos são grandes, as orelhas pequenas, os dedos reunidos até meio do comprimento e armados de unhas solidas; a planta dos pés é nua. A cauda é mais extensa que o resto do corpo, enrolante como a de muitos marsupiaes e dos macacos urradores. O macho adulto mede para além de oitenta centimetros de comprimento, dos quaes cincoenta pertencem á cauda; a altura é de dezesete centimetros apenas. O pêllo é espesso, comprido, um pouco crespo, macio e lustroso; no dorso e aos lados do tronco este pêllo é de um pardo amarellado-claro com reflexos um pouco avermelhados e outros de um trigueiro escuro. Cada pêllo é pardo na raiz, amarello-arruivado no meio e escuro na ponta.

Ao longo da columna vertebral estende-se uma longa facha escura, nitidamente limitada. A parte inferior do corpo é de um trigueiro ruivo, claro no ventre em cujo centro existe uma facha longitudinal de um ruivo carregado. O lado externo das patas é trigueiro carregado. A cauda é trigueira na metade anterior e negra na metade posterior.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O potote amarellado tem uma larga area de dispersão. Encontra-se em toda a parte norte do Brazil, em Nova-Granada, no Peru, na Guiana, no Mexico, na parte sul de Luiziana e de Florida. Segundo Humboldt elle

é principalmente abundante nas margens do Rio-Negro e em Nova-Granada.

COSTUMES

Habita as florestas virgens, perto dos cursos d'agua e vive sobre as arvores. Os habitos d'este animal são nocturnos. Passa o dia a dormir nas cavidades dos troncos carcomidos d'arvores. De noite, pelo contrario é vivo, muito activo e corre pelos cimos das arvores á busca de alimento; a cauda prehensora é-lhe de immensa utilidade n'estas correrias. Não cede em agilidade aos macacos. Todos os movimentos do potote amarellado são seguros e rapidos. Suspende-se aos ramos d'arvores com a cauda ou as patas posteriores e desce das arvores com a cabeça para baixo. É plantigrado, quer dizer, marchando appoia no solo toda a planta.

A alimentação do potote amarellado consiste em pequenos mamiferos, aves, insectos, ovos, larvas, mel e fructos, nomeadamente bananas e figos. Tem uma decidida predilecção pelo mel e por isso destroe os favos. É esta a razão por que o detestam os indigenas; os missionarios teem-lhe dado o nome de *urso do mel.*

Serve-se da lingua, como o elephante da tromba.

Embora pareça preferir uma alimentação vegetal, é certo que em liberdade se manifesta como um animal sanguinario, cruel.

Nada absolutamente se conhece ácerca da reproducção do potote amarellado. Em captiveiro não se reproduz. Do facto de ter a femea duas mamas apenas, tem-se concluido que não dá á luz mais que dois filhos em cada parto; é uma inferencia provavel, mais nada.

CAPTIVEIRO

O potote amarellado é, segundo a affirmação de todos os mamilogistas, um animal docil, que dentro de pouco tempo o homem é capaz de tornar tão caricioso como o cão. Recebe todos os affagos com prazer, reconhece a voz do dono e chega a preferir a sociedade do homem á dos outros pototes. Affeiçoa-se extraordinariamente ao guarda ou a quem quer que d'elle se occupe e sollicita-o a brincar, a occupar-se d'elle.

Em Nova-Granada é este animal domestico um dos preferidos pelos indigenas.

Não perde em captiveiro os habitos nocturnos que o caracterisam em liberdade; dorme o dia inteiro, cobrindo o corpo e principalmente a cabeça com a cauda. Quando se lhe dá o alimento, o animal desperta, mas para adormecer novamente desde que acaba de comer.

Ao crepusculo da tarde, o potote amarellado desperta, dá alguns passos incertos, estende muito a lingua fóra da bocca, procura a agua, bebe e lava-se. Principia então para elle a vida activa: salta, dá mil voltas, brinca com o dono e emitte sons de prazer como qualquer pequeno cão que se festeja. Senta-se sobre as patas posteriores e come tomando os alimentos entre as de diante como os macacos.

Ha nos modos do potote amarellado alguma coisa do urso, do macaco, do cão e da civeta. É de uma sensibilidade extraordinaria para a luz; ao erguer do sol, a pupilla reduz-se-lhe a um simples ponto, tão fortemente se contrae! e o animal procura o canto mais obscuro para esconder-se e subtrair-se aos martyrisantes estimulos luminosos. Collocar-lhe ao pé uma luz artificial, por pouco intensa que ella seja, é provocar da parte d'elle toda uma serie de manifestações de desagrado, de contentamento.

Ácerca da alimentação pode dizer-se com verdade que tudo lhe serve, que tudo lhe agrada: pão, carne, fructos, batatas cosidas, legumes, assucar; como bebidas toma quasi indifferentemente o leite, a agua, o café, o vinho, a propria aguardente e todas as bedidas estimulantes e espirituosas que todavia o embriagam e tornam doente por muitos dias. De quando em quando apanha uma ave, mata-a e sorve-lhe avidamente o sangue.

Quando se encolerisa, emitte sons muito fortes e agudos. Embora captivo de longa data e muito domesticado, nem por isso deixa de tentar por todos os modos reconquistar a liberdade. Alexandre Humboldt teve um já velho que lhe fugiu uma noite, matando duas femeas de um gallo bravo e levando-as comsigo como provisão.

OS ICTIDES

Collocam alguns mamilogistas ao lado do potote um outro animal, pouco conhecido ainda e que outros teem introduzido no grupo dos viverrinos. Brehm diz que depois de ter visto o animal em questão é do parecer dos primeiros e cria para este um genero sob a designação de *ictides*.

CARACTERES

O genero ictides é essencialmente caracterisado pela posse de unhas compridas, um pouco recurvas, proprias para trepar e por uma cauda extensa e prehensora, uma pupilla alongada e orelhas terminadas por um feixe ou especie de pincel de pêllos.

Tem-se descripto muitas especies; uma só se admitte como certa. D'essa passamos a occupar-nos.

O BENTURONGO OU ICTIDE NEGRO

É, como vamos vêr, um animal excessivamente singular no ponto de vista morphologico.

CARACTERES

Recorda os pototes pela dentição e pela cauda e a civeta pelo porte. Em grandeza porém, excede estes animaes.

O macho adulto attinge um metro e trinta centimetros de comprimento, pertencendo á cauda metade d'esta extensão. A femea é mais pequena. O benturongo negro tem o corpo robusto, a cabeça larga, o focinho alongado, a cauda comprida, as patas curtas, a planta dos pés nua, cinco dedos em cada pata, armadas de unhas fortes e não retracteis. O manto é espesso, mas grosseiro. As orelhas são curtas, arredondadas e terminadas por um feixe de péllos negros. O labio superior é ornado de péllos brancos e espessos. A côr geral é o negro passando a pardo na cabeça e a trigueiro nos membros. A femea é mais parda e os recemnascidos são amarellados com as cercaduras das orelhas e dos olhos brancas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Este animal vive em Sumatra, Java, Malaca, Butan e Nepaul. Foi descoberto por Farquhar, e em 1855 appareceu no Jardim Zoologico de Londres o primeiro exemplar vivo.

COSTUMES

Dos costumes e habitos de vida d'este animal em liberdade, sabe-se apenas que elle habita florestas e ahi vive como todos os carniceiros. É quanto se conhece.

CAPTIVEIRO

Das observações da vida do benturongo ou ictide negro em captiveiro, apurou-se pouco. Vamos resumir o que se sabe.

É um animal nocturno. Como tal, dorme o dia inteiro enrolado sobre si mesmo; se o despertam, resmunga, manifesta um grande mao humor, range os dentes e volta ao somno. É á bocca da noite que o animal desperta.

A alimentação d'este mamifero é mixta, vegetal e animal. Fred. Cuvier observou um que comia ovos, cabeças de aves e tunchagem, planta medicinal, por que manifestava uma grande avidez.

Trepa ás arvores servindo-lhe de auxilio a cauda prehensora.

Não tem um appetite proporcional ás dimensões; come pouco e é facil alimental-o com pouco dinheiro, porque basta dar-lhe arroz cosido.

OS PANDAS

«São os ultimos sub-ursinos, entre os quaes se distinguem particularmente por um corpo vigoroso, pés semi-plantigrados, unhas mediocres e comprimidas e sobretudo por uma cauda muito coberta de pêllo e egualmente espessa até á extremidade.»

São as palavras de Brehm sobre este grupo a que conservamos a denominação franceza por não nos ter sido possivel encontrar uma portugueza, auctorisada.

Representa este genero a especie de que vamos occupar-nos.

O PANDA RUTILANTE

É conhecido vulgarmente em França pelo nome de *urso-gato*. Pode dizer-se que pelo porte, está entre o coati lavandeiro e o gato. O focinho assemelha-se um pouco ao d'este ultimo.

CARACTERES

Tem as dimensões do gato domestico: cincoenta e cinco centimetros de comprimento sobre trinta e sete d'altura; o comprimento da cauda é de vinte e cinco centimetros. O manto é formado por pêllos sedosos, macios, lisos e muito compridos que fazem parecer o animal mais volumoso do que realmente é. A porção superior d'esse manto é de um ruivo accentuado, vivo e luzidio, com reflexos de um amarello doirado. A parte inferior do corpo e as patas são de um negro brilhante. Tem este animal as orelhas grandes e os pêllos do focinho extremamente abundantes o que faz parecer esta parte da face excessivamente volumosa. As patas são curtas e os dedos armados de unhas muito recurvas, ponteagudas e semi-retracteis. A cauda, abundante em pêllo, é ruiva e coberta de anneis mais claros, estreitos e pouco distinctos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

É originario das montanhas da vertente sul do Himalaya.

COSTUMES

Habita florestas collocadas a grande altura e vive sobre as arvores proximo dos ribeiros e em geral de todos os cursos d'agua.

Trepa maravilhosamente, dá caça ás pequenas aves, por cujos ovos tem uma grande predilecção, aos pequenos mamiferos e aos insectos; alimenta-se tambem de fructos.

Os gritos que faz ouvir nas florestas são fortes, agudissimos.

Sobre a reproducção d'este animal nada se sabe; apenas se suppõe, por ter quatro pares de mamas, que dá á luz muitos filhos de cada parto.

CAPTIVEIRO

Sobre este importante capitulo da vida dos animaes, escasseiam absolutamente as informações para o caso subjeito.

Á maneira do que temos feito para todas as outras grandes classes de mamiferos, daremos aqui o quadro synoptico dos carniceiros:

CARNICEIROS.

- FELINOS
  - OS LEÕES........
    - DA BARBARIA
    - DO SENEGAL
    - DO CABO
    - DA PERSIA
    - DO GUZZERATE
  - OS TIGRES....... O TIGRE REAL
  - OS CUGUARES..... O TIGRE LOIRO DO BRAZIL
  - OS LEOPARDOS....
    - LEOPARDO CINZENTO
    - LEOPARDO OU GRANDE PANTHERA
  - AS PANTHERAS....
    - PANTHERA NEGRA
    - » JASPEADA
  - AS ONÇAS........ A ONÇA
  - OS GATOS.......
    - GATO-TIGRE OU OCELOT
    - GATO-TIGRE
    - GATO MONTEZ
    - » DOMESTICO
    - » ANGORA
    - » DE MAN
    - » DA CHINA
  - OS LYNCES.......
    - DA EUROPA
    - CARACAL
    - CANADIANO
    - VERMELHO
    - DOS PANTANOS
  - OS CYNOFELIS....
    - LOBO TIGRE MALHADO
    - » » DE JUBA
    - » » SELVAGEM
- CANINOS
  - 1. CÃES SELVAGENS
    - COLSUN OU DHOLE
    - BUANSU OU CÃO DO HYMALAYA
    - CÃO CABERU
    - DIHB
    - ADJACK OU CÃO RUTILANTE
    - DINGO OU CÃO DA AUSTRALIA
    - CÃO DOS PAMPAS
    - » » AMERICANOS
  - 2. CÃES QUE SE TORNARAM SELVAGENS
    - DA EUROPA MERIDIONAL
    - DO EGYPTO
    - DE CONSTANTINOPLA
    - TARTAROS
    - DA RUSSIA MERIDIONAL
  - 3. CÃES DOMESTICOS
    - MASTIM
    - DINAMARQUEZ
    - DE FILA OU MOLLOSSO
    - » » DO THIBET
    - BULL-DOG
    - DO MEXICO
    - DE CUBA
    - DE GADO
    - DE S. BERNARDO
    - DA TERRA NOVA

CARNICEIROS.

(Continuação)

- **CANINOS**
  - CÃES DOMESTICOS.
    - GALGOS
    - BAIXOTES
    - PERDIGUEIRO
    - BRACO FRANCEZ
    - » INGLEZ
    - » DUPUY
    - » PICARD
    - » SEM CAUDA
    - » DE ANJOU
    - » DE NAVARRA
    - » DE ITALIA
    - » DA ALLEMANHA
    - » DE HESPANHA
    - SETTER
    - CORREDOR
    - DE RAPOZO
    - GRYPHO VULGAR
    - BULL-TERRIER
    - DA LAPONIA
    - DOS ESQUIMÓS
    - D'AGUA
    - HYENOIDE
  - CHACAES........ CHACAL ORDINARIO
  - LOBOS..........
    - DA AMERICA
    - DO EGYPTO
    - NEGRO
    - VERMELHO
  - OS RAPOZOS......
    - VULGAR
    - AZULADO
    - BRANCO DO JAPÃO
    - NEGRO » »
    - CORSACO
    - CAAMA
  - OS FENNECOS..... O FENNECO
  - AS HYENAS.......
    - MACULADA
    - LISTRADA
    - CIVETA
  - AS CIVETAS......
    - CIVETA D'AFRICA
    - » D'ASIA
- **VIVERRINOS**
  - AS GINETAS......
    - GINETA VULGAR
    - » DO SENEGAL
  - OS BASSARIDES... BASSARIDE ASTUTO
  - OS MANGUSTOS...
    - MANGUSTO DE JAVA
    - » DA EUROPA
    - » LISTRADO
    - » NYULO
    - » RAPOZO
    - ICHNEUMON
  - OS PARADOXUROS. PARADOXURO MUSANGO
  - OS CYNOGALOS... CYNOGALO DE BENNETT
  - OS CRYPTOPROTOS. CRYPTOPROTO FEROZ

CARNICEIROS.
(Continuação)

- **MUSTELEANOS**
  - OS TEIXUGOS ..... TEIXUGO VULGAR; » D'AMERICA
  - AS FOETAS .... A FOETA CHINGA
  - AS ZORILLAS ..... A ZORILLA VARIEGADA
  - OS RATEL........ RATEL DO CABO; » DA INDIA
  - OS GLOTÕES ..... O GLOTÃO BOREAL
  - AS IRÁRAS .... IRÁRA BARBARA; » GRISALHA
  - AS MARTAS ...... MARTA COMMUM; » ZIBELLINA; » DE JUBA; » DE CANADA
  - AS FUINHAS ...... A FUINHA
  - OS TOURÕES ..... O TOURÃO FETIDO
  - OS FURÕES .... O FURÃO
  - AS DONINHAS ..... A DONINHA VULGAR
  - OS ARMINHOS .... O ARMINHO
  - AS LONTRAS ..... LONTRA VULGAR; » MARINHA
- **URSINOS**
  - OS URSOS .... URSO VULGAR OU TRIGUEIRO; » DA SYRIA; » PARDO; » NEGRO; » DO THIBET; » BEIÇUDO; » BRANCO OU POLAR
  - OS COATIS DE FOCINHO CURTO ..... COATI LAVANDEIRO; » CARANGUEJEIRO
  - OS COATIS DE FOCINHO COMPRIDO .. COATI SOLITARIO; » SOCIAVEL
  - OS POTOTES ..... POTOTE AMARELLADO
  - OS ICTIDES ...... BENTURONGO OU ICTIDE NEGRO
  - OS PANDAS ...... O PANDA RUTILANTE

DESDENTADOS

CONSIDERAÇÕES GERAES

Sob a designação de *desdentados*, pouco rigorosa, seja dito de passagem, reunem os naturalistas um certo numero de mamiferos tão curiosos quanto difficeis de classificar. Uma certa dissimilhança entre os individuos que formam esta ordem, é o motivo que explica a difficuldade e mesmo a divergencia dos naturalistas mais conscienciosos sobre o logar a conceder-lhes. É certo portanto que o facto de se gruparem taes individuos n'uma *ordem*, não significa de modo algum que entre elles exista uma relacionação intima, analoga á que explica a formação de outras ordens, carniceiros, roedores, primatos, etc.

CARACTERES

Não pode dar-se ácerca d'estes animaes uma idéa geral rigorosa, porque as differenças de uns para outros são consideraveis. Distinguem-se de outras ordens pela ausencia de *certos* dentes.

De certos dentes e não de todos, dizemos, porque, ao contrario do que o nome parece indicar, ha-os que teem muitos d'aquelles orgãos. «A denominação de desdentados, diz Figuier, imposta aos mamiferos que

compoem esta ordem, não significa que elles sejam completamente privados de dentes, embora seja este o caso de muitas especies, mas sómente que lhes faltam os incisivos, de sorte que na parte anterior das maxillas existe sempre um espaço vazio.»[1] A dentição pode fornecer-nos ainda outro caracter distinctivo. Nos individuos que possuem dentes, estes em vez de serem diversiformes como nos outros mamiferos, são, pelo contrario, tão semelhantes quanto possivel. Não ha logar para distincção entre mollares, caninos e incisivos. Estes faltam, e os caninos não differem dos mollares senão em serem um pouco mais compridos. A raiz é simples em todos e em todos falta o esmalte. Ha mesmo individuos em que os dentes são representados apenas por massas fibro-cartilagineas. O numero de dentes varía entre vinte e dois e vinte e seis.

As unhas são desenvolvidissimas. Os dedos poucas vezes são perfeitamente moveis; a ultima phalange é sempre abraçada por uma unha comprida, fortemente recurvada, comprimida dos lados ou curta e larga. Quando o primeiro caso se realisa, o animal é trepador; quando se dá o segundo, é conformado para escavar a terra.

Os caracteres estudados são os unicos geraes que podem mencionar-se; todos os outros variam n'esta serie zoologica mais que em qualquer outra. A cabeça, os membros, o tronco tomam formas diversissimas. N'uns a cabeça é curta, n'outros alongada; n'estes é tão alta como comprida, n'aquelles é cylindrica. A cauda é rudimentar umas vezes, outras muito mais extensa que em qualquer outro mamifero, contando quarenta e seis vertebras.

O esqueleto offerece variantes não menos notaveis que as estudadas. O mesmo se realisa em relação ao manto. Uns são cobertos de pêllo molle e espesso, outros de pêllos rijos e sêccos; uns teem picos, outros escamas; ha-os mesmo que são cobertos por uma solida couraça.

Os orgãos digestivos offerecem particularidades curiosas. As glandulas salivares são muito desenvolvidas, o esophago assemelha-se ao das aves, o estomago é dividido como o dos ruminantes.

Os orgãos genitaes, em alguns pelo menos, terminam n'uma cloaca, como nas aves.

As dimensões dos desdentados actualmente conhecidos diversificam pouco. Se compararmos porém as especies d'hoje ás de epochas geologicas anteriores, encontramos uma variação prodigiosa; ao passo que entre as especies actuaes ha algumas que pouco excedem o tamanho de

[1] L. Figuer, *Les Mammifères*, pg. 285.

um rato grande, entre as especies fosseis havia-as das dimensões do elephante.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA

Hoje, como outr'ora, os desdentados habitam as regiões tropicaes; é exclusivamente ahi que se encontram os restos fosseis de estes animaes.

COSTUMES

As differenças de costumes dos desdentados são taes que não julgamos possivel tratar tal assumpto de um modo geral. Estudaremos os habitos de vida d'estes animaes, fallando das especies.



DESDENTADOS EM ESPECIAL

OS PREGUIÇOSOS OU TARDIGRADOS

Das familias em que se desdobra a ordem dos desdentados, é a dos preguiçosos talvez aquella em que mais se assemelham os membros, como vamos vêr.

CARACTERES

Os preguiçosos teem todos as patas anteriores mais compridas que as posteriores, os dedos armados de unhas fortes e recurvas, o pescoço relativamente comprido, a cabeça redonda e curta como a dos macacos, a bocca pequena, os labios pouco moveis, o pavilhão ou orelha externa encoberto por pêllo, a cauda rudimentar e o manto grosseiro.

A organisação interna d'estes animaes é muito curiosa. Em vez de sete vertebras cervicaes que geralmente possuem os mamiferos, os preguiçosos teem nove ou dez; o numero das vertebras dorsaes eleva-se de quatorze a vinte e quatro. Os dentes são em numero de cinco pares de mollares, o maximo, em cada maxilla; ás vezes não ha mais de quatro mollares na maxilla inferior. Estes dentes, a que falta o esmalte, mais parecem orgãos corneos do que verdadeiros dentes.

As visceras offerecem tambem particularidades notaveis. O estomago é alongado em crescente e formado de duas partes, esquerda e direita, entre as quaes o esophago termina. A parte direita, que é mais pequena que a esquerda, offerece tres circumvoluções analogas ás circumvoluções intestinaes; a metade esquerda é dividida por pregas espessas e musculosas em tres cavidades distinctas. O coração, o figado e o

baço são muito pequenos. O cerebro é não só muito pequeno, mas apresenta um diminutissimo numero de circumvoluções, o que permitte estabelecer á priori n'estes animaes uma intelligencia extremamente limitada.

Estes animaes são pezados, informes, grotescos. As proporções relativas dos membros obriga-os a uma penosa marcha, difficil, tarda; d'ahi o nome por que são conhecidos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os preguiçosos são animaes da America do Sul.

Estes animaes foram geologicamente precedidos por outros, mais curiosos talvez, os *preguiçosos gigantes*, entre os quaes tem o logar d'honra o *megatherio de Cuvier,* desdentado que, a avaliar pelo esqueleto, devia ter quatro metros e sessenta centimetros de comprido sobre dois metros e sessenta d'altura! Este desdentado collossal possuia quatro dedos nas patas anteriores e tres nas posteriores, armados todos de enormes unhas. A extraordinaria mobilidade dos ossos do ante-braço e a forte cinta escapular que o caracterisam, parecem indicar que os membros anteriores não serviam nem para marchar, nem para trepar. É provavel que o animal se erguesse sobre os membros posteriores e attingisse com os de diante os ramos d'arvores para a elles se encostar procurando com os labios os fructos e as folhas. A descoberta do megatherio data de 1789. Mais modernamente foram encontrados como exemplares da fauna extincta e visinhos do megatherio, o *megalonix* de membros anteriores mais compridos que os posteriores e o *mylodon* de membros eguaes e de cauda enorme, formada de muitas e fortissimas vertebras e na qual provavelmente se appoiava. São estes animaes que constituem o grupo extincto dos *tardigrados gigantes*.

CONSIDERAÇÕES HISTORICAS

Os primeiros naturalistas que se occuparam da descripção dos preguiçosos, phantasiaram largamente. Isto não quer dizer que tudo quanto affirmaram, seja falso; appoiaram-se em parte sobre a realidade, mas

exageraram sempre e crearam algumas vezes. Oviedo diz-nos, por exemplo, que um preguiçoso gasta um dia para dar cincoenta passos! Stedmann affirma tambem que um tardigrado consome dois dias para chegar ao topo de uma arvore! Outros disseram que o preguiçoso para se não incommodar, quando quer descer de uma arvore para o solo, se enrola e se deixa cair! Restabeleçamos a verdade.

COSTUMES

Os preguiçosos frequentam as grandes florestas baixas onde os vegetaes attingem um extraordinario desenvolvimento. Quanto mais espessa e deserta é a floresta, quanto mais impenetraveis são as brenhas, quanto mais os cimos das arvores se tocam e se confundem, melhor, mais á vontade se encontram os preguiçosos.

Estes animaes são, como os macacos e os esquilos, habitantes das arvores; com a differença porém, de que ao passo que estes ahi vivem como senhores, dominativamente, os preguiçosos vivem ahi como escravos, rastejando vagarosamente e com custo pelos ramos.

Os preguiçosos reunem-se em pequenos bandos e, porque são vagarosos e estupidos, passam uma vida tranquilla mas ao mesmo tempo cheia de tedio. Não se pense porém, que são tão lentos na marcha pelas arvores, como pelo solo. Relativamente á marcha sobre o chão, pode dizer-se que trepam ás arvores com uma certa agilidade.

São de uma inactividade pasmosa; o nome de preguiçosos é justo. Acontece ás vezes, com effeito, passarem um dia ou uma noite inteira suspensos de um ramo d'arvore por um dos membros, sem o mais ligeiro movimento. É exagero dizer-se que nem sollicitados pela fome se mexem; mas é verdade, e pode sem receio affirmar-se que só no acto de comer revelam uma certa actividade.

Alimentam-se os preguiçosos principalmente de fructos, de gomos, de rebentos novos; o orvalho que cobre as folhas é bastante para matar-lhes a sède. É de notar que podem passar dias, semanas até, sem comer nem beber; e d'ahi vem talvez o dizer-se que é tamanha a preguiça d'estes animaes que nem para satisfazerem as necessidades alimentares se movem; o facto tem outra explicação: elles não sentem facilmente essas necessidades, porque, sendo inactivos, consomem pouca substancia, não carecem de prompta renovação organica.

Em quanto que uma arvore lhes fornece alimento, não pensam em

abandonal-a. Só quando os fructos e os rebentos se esgotaram, é que os preguiçosos descem em busca de uma outra arvore. E na maioria dos casos não precisam de attingir o solo n'esta transferencia de arvore para arvore; nas florestas virgens que habitam, os ramos estão de tal modo entrelaçados que podem os preguiçosos passar de uns a outros sem tocar o chão. De resto, a não ser que a isso os forcem, os tardigrados não abandonam as arvores; n'ellas passam toda a existencia, estranhos completamente á vida terrestre. No solo pode dizer-se que não marcham, mas que se arrastam penosamente. E teem d'isto consciencia, ao que parece; se são surprehendidos em terra, erguem a cabeça, estendem o pescoço, levantam vagarosamente um dos longos braços contra o peito, como se quizessem apanhar o inimigo entre as unhas. Em condições taes, a lentidão e desconcerto de movimentos dão-lhes, diz Brehm, um ar infeliz que impressiona.

Os preguiçosos nadam bem e mais rapidamente do que trepam. É pois a marcha, pelo seu vagar extremo, que justifica o nome de *tardigrados* ou *preguiçosos,* dado a estes animaes.

É extremamente difficil arrancar-lhes o quer que seja das patas; quando se agarram a um ramo d'arvore só muitos homens e com um enorme esforço conseguem fazel-os abandonar o ramo.

Os preguiçosos que se mostram quasi indifferentes á fome e á sêde, são, pelo contrario, muito sensiveis á humidade e ao frio. Desde que chove, por pouco que seja, tratam de procurar um abrigo no ponto das arvores em que as folhas são mais abundantes.

Os preguiçosos raras vezes fazem ouvir-se. Só de madrugada ou ao fim da tarde ou quando a fome os instiga soltam gritos curtos, plangentes que se traduzem pela vogal *i* muitas e successivas vezes repetidas.

Sob o ponto de vista da intelligencia, os preguiçosos são muito mal dotados. Os sentidos são n'estes animaes de uma obtusidade pasmosa, sendo talvez o da vista o mais imperfeito. Nenhum mamifero possue um olhar mais inexpressivo que os preguiçosos. O ouvido é fraco, muito fraco mesmo, o que á primeira inspecção parece provar-se pela pequenez do pavilhão. O olfato, o gosto e o tacto são rudimentares. Sob o ponto de vista das faculdades cerebraes, os preguiçosos estão abaixo de todos os mamiferos: são estupidos, indifferentes e parecem possuir apenas um vago instincto inconsciente, cego. Conhecem sómente o pequeno mundo em que vivem: as folhas que comem e as arvores que habitam. De resto, são estranhos a toda a ordem de sentimentos que agitam outros animaes; desconhecem a amizade, o odio, o medo, a coragem.

A femea pare um filho unico de cada vez; este nasce já revestido do manto e munido de longas unhas. O amor pelo filho existe da parte da femea por pouco tempo; ella consente que lh'o arranquem do seio

sem manifestar por isso o odio intenso de todas as femeas em condições analogas. Quando o amor materno é assim incaracteristico, que outra emoção poderia existir intensamente no animal!

Quando a inactividade dos preguiçosos mais claramente se manifesta é nas occasiões em que são feridos. Recebem um tiro e ficam na posição em que estavam. A acção do curara, subtilissimo veneno, é n'elles tambem, segundo o naturalista Schomburgk, muito tardia.

INIMIGOS

São poucos os inimigos dos preguiçosos. A vida das arvores fal-os escapar aos attaques ferozes dos carniceiros. Parece que só as grandes serpentes os perseguem. Se descem á terra e algum pequeno animal os attaca, defendem-se com energia. De resto, como estes animaes vivem só nas florestas desertas e são activamente perseguidos pelo homem, embora inoffensivos, pode dizer-se que estão destinados a uma completa extincção.

CAPTIVEIRO

O que se conhece da vida dos preguiçosos captivos é muito pouco. Buffon refere-se a um que o marquez de Montmirail comprou em Amsterdam e diz que era pelo dono alimentado a pão, batata e raizes, acrescentando que o animal nunca reconheceu o dono. Brehm, que no Jardim Zoologico de Amsterdam observou um exemplar que ahi vivia havia nove annos, affirma que elle respondia ao apello dos guardas desenrolando-se, erguendo-se quando estes o chamavam pelo nome e tambem que reconhecia as horas de refeição consistindo essencialmente em arroz cosido e cenouras. O mais que o naturalista allemão acrescenta tem pequena importancia.

USOS E PRODUCTOS

A utilidade que de ordinario teem para o homem os preguiçosos, é muito pequena. Ha regiões em que os indigenas lhes utilisam as carnes como alimento. Estas carnes são desagradaveis para o europeu principalmente pelo cheiro mao que exalam. Da pelle dos preguiçosos, que é forte e duradoura, fazem-se saccos e coberturas de agazalho.

A PREGUIÇA DO BRAZIL

É um pouco maior que o gato adulto; mede sessenta e sete centimetros de comprido. É de um pardo trigueiro, mais accentuado na face interna dos membros do que no dorso onde os pêllos terminam por uma ponta amarella suja ou branca. Os pêllos das partes superiores são compridos e lisos e os da face muito curtos.

Tem duas unhas apenas nas patas anteriores e trez nas de traz; não possue cauda.

COSTUMES

São precisamente os mesmos da especie que em seguida descreveremos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita o Brazil, a Guiana, o Surinam e outros paizes da America do Sul.

O PREGUIÇOSO MENOR

Differe sob o ponto de vista anatomico da especie anterior em possuir trez dedos munidos de unhas fortes tanto nos membros de diante como nos de traz. Tem além d'isso uma cauda rudimentar.

O macho adulto mede cincoenta e quatro centimetros de comprimento, dos quaes quatro pertencem á cauda. As unhas das patas anteriores medem seis centimetros e as de traz cerca de quatro. O manto é formado de um pêllo fino, curto, espesso e de sedas seccas, duras e lisas. Nos lados do dorso, da espadua e da coxa estende-se uma larga facha trigueira mais ou menos accentuada. O resto do corpo é ruivo palido ou cinzento e o ventre de um pardo argenteo. Se ao animal se arrancam os pêllos sedosos, deixando apenas os finos, torna-se manifesta no manto a disposição das côres; nota-se então uma facha de um trigueiro accentuado correndo ao longo do dorso e sobre os lados do tronco duas fachas brancas, sendo todas trez perfeitamente limitadas. Uma larga facha branca estende-se da região temporal aos olhos, cercados por uma pequena macula de um trigueiro acentuado; uma facha da mesma côr desce ao longo dos temporaes. As unhas são amarelladas. O dorso apresenta tambem maculas de um pardo amarellado. Em geral os pêllos d'esta região são destruidos quer por attritos do animal contra as arvores, quer pelo facto de trazer a mãe sobre o dorso os filhos que não só lhe arrancam os pêllos aos punhados, mas ainda os deterioram pela deposição de urinas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se esta especie desde o Brazil ao Mexico.

COSTUMES

O que dissemos sobre os habitos de vida dos preguiçosos em geral, permitte-nos ser breve n'este logar.

As especies que acabamos de descrever morphologicamente, habitam as arvores; só por excepção se encontram sobre o solo. Quando marcham só assentam no chão o lado externo das patas. Nos exercicios sobre os ramos d'arvore, parece que a cabeça em constante movimento para todos os lados lhes serve para manterem o equilibrio, como aos funambulos a maromba. É vulgar surprehender estes animaes suspensos de um ramo pelos membros anteriores ou posteriores, immoveis, quietos, impassiveis.

A alimentação consta essencialmente de folhas, renovos e fructos.

São estupidos, como todos os preguiçosos, e de sentidos de uma obtusidade pasmosa.

A femea n'estas especies não dá á luz de ordinario mais que um filho de cada parto.

OS DASYPODOS OU TATUS

Formam, como os preguiçosos, uma familia que podemos chamar degenerada, porque na realidade não passam de uns miseros anões se os compararmos, taes quaes hoje são, com o que foram em epochas geo-

logicas anteriores. Tempo houve em que estes animaes attingiram as proporções do rhinoceronte e as do boi, pelo menos. Os actuaes não excedem o limite maximo de metro e meio de extensão, comprehendida a cauda, sobre trinta centimetros de altura.

CAPTIVEIRO

Os dasypodos ou tatus são animaes pezados, de cabeça alongada, de focinho comprido, de grandes orelhas, de cauda extensa e forte, de membros curtos e de patas munidas de unhas vigorosas, apropriadas para o exercicio de cavar a terra. São cobertos por uma couraça escamosa que n'elles substitue o pêllo que de ordinario orna mais ou menos e protege os outros animaes. Esta couraça é unida á pelle de que representa uma especial modificação. Todo o corpo é protegido pela couraça, excepto o ventre onde existem pèllos mais ou menos grosseiros.

Os orgãos internos offerecem particularidades notaveis de estructura.

As costellas são muito largas e offerecem as cartilagens inteiramente ossificadas. As vertebras cervicaes, excepção feita do atlas e axis são soldadas umas ás outras. O sacro é formado de oito a doze vertebras e a cauda de dezeseis a trinta e uma. A dentição offerece variações notaveis de especie a especie. Algumas ha que possuem tantos dentes que, se não fosse a falta de incisivos, não mereceriam o nome geral da ordem. De resto, o numero de dentes varia ainda com a edade. Individuos ha que possuem noventa e seis a cem dentes; estes orgãos porém, são imperfeitos—não passam de eminencias osseas comprimidas lateralmente, desprovidas de raizes e cobertas de uma tenuissima camada de marfim. Estes orgãos são tambem muito fracos; o animal não pode com elles morder fortemente nem triturar os alimentos. A lingua assemelha-se á dos tamanduás, sem todavia ser nem tão comprida, nem tão protactil. É prismatica, triangular, ponteaguda, coberta de pequenas papillas filiformes e fungiformes. A saliva que é viscosa e segregada por glandulas muito desenvolvidas, humedece continuamente a lingua. O estomago é simples e o intestino tem oito a onze vezes o comprimento do corpo. As mamas são duas, raras vezes quatro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam a America, principalmente a parte sul d'este continente.

COSTUMES

Vivem nos logares descobertos e arenosos, nos campos e chegam até á orla das florestas sem comtudo penetrarem n'ellas.

Os habitos d'estes animaes são solitarios; só no tempo do cio se reunem. São nocturnos; evitam cautelosamente e quanto podem a luz do sol. De ordinario cavam canaes subterraneos pouco extensos; uma especie ha porém, que forma ou construe uma verdadeira morada como a toupeira. Geralmente estabelecem de preferencia a morada junto dos grandes formigueiros, porque são as formigas o seu principal alimento. Só accidentalmente comem vermes ou outros insectos, e tambem só impellidos pela fome se alimentam de raizes ou de partes vegetaes molles.

Ao vir da noite saem dos subterraneos e vagueiam lentamente de um logar para outro. Nenhuma especie nada ou trepa; são todas exclusivamente terrestres. São lentos, excessivamente lentos na marcha; em compensação porém, cavam a terra com uma rapidez prodigiosa. Se alguem os persegue ou os assusta, desapparecem debaixo do solo com uma velocidade tal que a custo o olhar pode seguil-os. Ha uma especie que tem o poder de enrolar-se como o ouriço cacheiro; não se utilisa porém d'este curioso poder senão em ultima instancia e de ordinario recorre como todas as outras especies ao refugio subterraneo quando a perseguem.

Os tatus são pacificos, inofensivos e quasi desprovidos de entendimento. De todos os sentidos é o olfato o menos obtuso, e no entanto é ainda assim inferior ao de qualquer outro mamifero de vida subterranea. A estupidez assombrosa d'estes animaes não permitte que d'elles consigamos uma utilidade qualquer em captiveiro.

Os tatus são de uma fecundidade geralmente limitada. Ha especies, é certo, em que a femea pare nove filhos de cada vez; o crescimento d'estes é comtudo por tal forma lento e estão tão subjeitos a causas nu-

merosissimas de destruição, teem tantos inimigos que poucos se vingam. Pode pois dizer-se com Brehm que estes animaes caminham para uma completa destruição.

Os caracteres que servem para a divisão d'este genero em especies são tirados da dentição, do numero de dedos, da forma das unhas e da conformação da couraça.

OS ARMADILHOS

Teem o corpo vigoroso, os membros curtos, a cauda de um comprimento medio, arredondada e a couraça ossea e completamente soldada ao corpo e formada por fachas mais ou menos moveis umas sobre as outras. Teem cinco dedos em cada pata e as unhas vigorosas, sendo as de diante mais recurvas que as de traz.

COSTUMES

Quanto de positivo se conhece ácerca dos costumes dos armadilhos é principalmente devido a Azara e Rengger, a quem pedimos as informações que seguem.

Os armadilhos não teem morada fixa; mudam constantemente de habitação. Cavam corredores subterraneos de um a dois metros de comprimento e tendo uma largura circular de vinte e cinco a sessenta e seis centimetros de diametro, segundo as dimensões dos individuos que os habitam. Estes corredores subterraneos vão alargando sempre da superficie do solo para o fundo, terminando n'uma parte ampla em que o animal se encontra perfeitamente á vontade. A direcção d'estes corredores é variavel: obliqua primeiro com uma inclinação de quarenta a quarenta e cinco graos e depois horisontal para a direita ou para a esquerda da parte obliqua. É n'estas habitações que os armadilhos passam o seu tempo quando não tratam de procurar o alimento. Se a região em que vivem

é deserta, os armadilhos aventuram-se a sair dos subterraneos mesmo de dia quando o sol está encoberto; nos logares mais ou menos habitados só saem de noite. Se na volta á habitação, a não encontram, abrem outra. Azara notou e depois d'elle outros naturalistas observaram que os armadilhos construem, abrem os seus subterraneos de ordinario por baixo ou muito perto de formigueiros; procedem assim para terem subsistencia garantida. Destruido um formigueiro, passam a abrir um novo subterraneo perto d'outro. No entanto os armadilhos não se alimentam exclusivamente de formigas. Longe d'isso: nutrem-se tambem de coleopteros, de larvas, de vermes, de carnes em putrefação e ainda, segundo Azara, de aves que fazem ninho no solo, de lagartos e de cobras. Não desdenham inteiramente o regimen vegetal, como o provou Rengger encontrando no estomago d'estes animaes variadas plantas.

Quando um armadilho se estabelece junto de um formigueiro, não sae do subterraneo durante muitas noites seguidas; tem o alimento preciso e não carece de vaguear para satisfazer necessidades digestivas. Mas quando este alimento principia a escacear-lhe, emprehende então as esquecidas excursões; é quando visita os jardins e os campos cultivados em busca das larvas de insectos e dos vermes. É n'estas excursões, como Rengger observou, que a copula se realisa; macho e femea encontram-se casualmente, copulam-se e separam-se logo depois com a maior indifferença.

Os armadilhos marcham muito lentamente; por mais que se apressem não conseguem velocidade superior á do homem, nem mesmo egual. Não saltam e são perfeitamente incapazes de se voltarem rapidamente; é causa d'isto o pezo do corpo e a couraça que os envolve. De mais só correm em linha recta ou descrevendo curvas de raio muito grande. Pelo que acabamos de referir, é facil prevêr que as excursões dos armadilhos não podem ser grandes; e não o são realmente. Mas o que a estes animaes falta em agilidade abunda em força muscular. Cavam a terra com incomparavel valentia, por dura que ella seja. Cavam com as unhas das patas anteriores e com as de traz atiram a terra a distancia. A largura do corredor subterraneo é precisamente ajustada á do corpo; por isso basta que se dilatem um pouco para que os bordos das placas de que é feita a couraça se enterrem no solo. Juntando a esta resistencia, a das unhas que mergulham tambem na terra, conseguem annular as maiores forças possiveis que tentem arrancal-os do subterraneo. Pode um homem prendel-os pela cauda e puxar por este orgão com toda a força, com força extraordinaria, que não conseguirá fazel-os sair do sub-solo. «Mas o que a força não obtem, diz Roulin, consegue-o a astucia ou destreza; em quanto com uma das mãos seguramos o animal, com a outra armada de um pau batemos na parte do corpo que se nos

offerece. Por um movimento instinctivo o armadilho dobra os membros para enrolar-se como costuma fazer em caso de perigo; é este o momento que se aproveita para arrastal-o para fóra.» [1]

A femea pare na primavera ou no inverno trez a nove filhos que pouco tempo amamenta. Desde muito novos, os armadilhos abandonam o subterraneo onde vive a mãe pela vida livre dos campos. Em cada subterraneo encontra-se apenas um armadilho ou, quando muito, a mãe com os filhos durante o periodo de aleitamento.

CAÇA

A caça dos armadilhos faz-se em noites de luar. O caçador munido de um bom pau duro, resistente e acompanhado de cães adestrados n'este exercicio procura o desdentado. Este, se vê os cães a distancia, consegue geralmente escapar. Mas se, pelo contrario, os cães logram approximar-se d'elle sem serem sentidos, está perdido. O armadilho enche-se de terror, estaca, não tenta sequer empregar as longas unhas com que podia fazer aos cães gravissimos ferimentos. Os cães não o mordem, mas, contendo-o em respeito, dão tempo a que o caçador venha espancar o animal. Mesmo quando o armadilho tem conseguido penetrar no seu subterraneo, é possivel apanhal-o, quer pelo processo de que acima fallamos, descripto pelo naturalista Roulin, quer enchendo d'agua o canal por onde o animal penetrou, quer, emfim, enterrando-lhe uma faca no anus. Ás vezes tambem se lança mão, ainda que mais excepcionalmente, do processo que consiste em collocar á entrada do subterraneo cavado pelo animal uma armadilha onde, quando quizer sair, ficará prezo.

Para reconhecer se um subterraneo está ou não habitado ha indicios seguros. Se á entrada de um subterraneo encontramos os vestigios da cauda do armadilho, se vemos depostos ahi os excrementos do animal, emfim se em torno da entrada volitam mosquitos em grande numero podemos estar certos de que o subterraneo é habitado; se estes signaes faltam, é que o animal abandonou a habitação.

Os armadilhos são detestados na America do Sul, porque são causa de gravissimos desastres. Minando o solo, dão logar a que muitas ve-

[1] F. Roulin, *Histoire naturelle et souvenirs de voyage*, pg. 223.

zes os cavallos enterrem as patas com prejuizo gravissimo dos cavalleiros que não raro fracturam os membros, caindo. Por isso os americanos do Sul os perseguem com energica tenacidade.

INIMIGOS

Os armadilhos estão expostos aos attaques dos grandes felinos, dos lobos do Brazil e da rapoza da America do Sul. Apezar de tudo são abundantissimos nas regiões em que o homem os não persegue.

CAPTIVEIRO

Não é vulgar o encontrar-se um armadilho em captiveiro. O ar triste d'estes animaes, a sua extraordinaria morosidade, os estragos que produzem escavando em toda a parte, tornam-os tão desagradaveis para a nossa especie que de modo nenhum nos seduz a idéa de captival-os. Além d'isso são animaes nocturnos; a vida para elles começa exactamente quando sôa para o homem a hora de repouso. Passam o dia deitados a um canto da gaiola com as patas escondidas sob a couraça, immoveis, dormentes. Ao cair da tarde despertam, procuram o alimento e tentam cavar buracos na gaiola. Se em vez de os prender, o homem os deixa nos campos ou jardins, tratam desde logo de cavar subterraneos e passam a viver como em liberdade, apparecendo só de noite.

Em captiveiro, como em liberdade, os armadilhos manifestam uma deficiencia quasi absoluta de intendimento. Mal distinguem o homem dos outros animaes e só reconhecem os gatos e cães, inimigos naturaes a que fogem.

Alimentam-se em captiveiro de vermes, insectos, larvas, carne crua ou cosida partida em pequenos pedaços. A prehensão dos alimentos fazem-a com os labios ou com a lingua que é, como dissemos, extremamente protactil.

De resto, cumpre observar, os armadilhos trazidos á Europa não supportam por muito tempo o captiveiro. Conseguiu-se no Jardim Zoologico de Londres que uns armadilhos ahi conduzidos se reproduzissem.

Os filhos nasceram completamente nus, mas cresceram rapidamente. Um d'elles experimentou no espaço de seis semanas um augmento de pezo de mil e quinhentas grammas e de tamanho de vinte e seis centimetros.

USOS E PRODUCTOS

Os armadilhos parallelamente aos estragos que produzem, offerecem uma certa utilidade. Os indigenas servem-se-lhes das carnes como alimento. Os europeus mesmo apreciam muito a carne de duas especies. A couraça serve no Paraguay para a confecção de cabazes e os Botocudos fazem do involucro da cauda porta-vozes.

O ARMADILHO ENCOBERTO

Esta especie é considerada a mais feia e a mais pezada do genero.

CARACTERES

O armadilho encoberto tem a cabeça larga e achatada, o focinho obtuso, os olhos pequenos, as orelhas em forma de funil e de pelle dura, escamosa, o pescoço curto e espesso, o tronco largo, as patas curtas e vigorosas terminadas cada uma por cinco dedos, armados de unhas muito fortes e reunidos por uma curta membrana. A parte superior da cabeça é coberta por placas hexagonaes, irregulares. Na parte anterior e superior do pescoço encontram-se na parte media sete ordens ou series de placas irregulares, hexagonaes e aos lados cinco. Depois seguem

seis series de placas rectangulares, alongadas. A parte posterior do dorso é coberta tambem por seis series de placas semelhantes, encostadas umas ás outras. A cauda na parte anterior é coberta de ordens separadas de pequenas placas quadrilateras e na parte posterior de escamas irregulares, hexagonaes. Pela parte inferior dos olhos ha series de placas horisontaes, adherentes e da extensão de cinco a oito centimetros. Por baixo do pescoço existem duas series analogas, não adherentes e transversaes. A parte dorsal das patas e a parte anterior do ante-braço são cobertas de placas irregulares, hexagonaes. O resto do corpo é vestido por uma pelle espessa e rugosa. A planta dos pés é chata. Nos bordos da couraça em muitos pontos encontram-se sedas rijas pouco numerosas. A côr da couraça é trigueira e a da pelle egualmente.

Este animal tem trinta centimetros de comprido sobre vinte e cinco de altura, a extensão da cauda é de vinte e cinco centimetros.

O ARMADILHO MATACO

Este desdentado, conhecido entre os hespanhoes pelo nome de *bolita* por motivos que adiante exporemos, é descripto por Azara nos seus *Ensaios sobre a historia natural dos quadrupedes do Paraguay* de um modo completo e preciso. A este auctor pedimos todas as informações que seguem.

CARACTERES

Um fio estendido sobre o dorso do animal desde a extremidade do focinho até á da cauda, mede quarenta e seis centimetros. D'esta extensão, sete centimetros pertencem á cauda, que não é, como na especie anterior, redonda ou conica, a não ser na ponta, sendo chata a raiz. A couraça é fortissima, sendo as peças que entram na sua composição irregulares e semelhantes a pedaços de pedra britada. A côr geral d'este

armadilho é de um escuro de chumbo, muito brilhante. A pelle das partes inferiores não cobertas pela couraça é muito escura, quasi negra. Os membros são mais fracos do que nos outros armadilhos e as unhas menos duras, menos vigorosas tambem.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O armadilho mataco habita Tucuman e Buenos-Ayres a partir do trigesimo sexto grao e caminhando para o Sul.

COSTUMES

Segundo Azara, o nome de *bolita* dado a este armadilho provem do facto de que, quando se amedronta ou se sente perseguido, occulta a cabeça, a cauda e os membros sob a couraça, ficando enrolado como um ouriço cacheiro. N'estas condições o animal affecta uma forma exactamente semelhante á de uma avellã. Pode por divertimento fazer-se rolar esta bola, sem que o animal se desenrole.

Este armadilho é muito moroso em todos os movimentos e marcha apoiando verticalmente sobre o solo as unhas maiores dos membros anteriores.

Azara crê que este animal não cava subterraneos, porque tem os membros muito fracos e as unhas, pela sua falta de vigor, improprias para o exercicio de abrir a terra. Vive de certo sobre o solo e se alguma vez se interna em subterraneos é nos que outros animaes abriram.

Os cães attacam com verdadeiro furor o armadilho mataco; mas inutilmente porque o animal perseguido enrola-se offerecendo aos dentes dos inimigos a impenetravel couraça apenas.

CAPTIVEIRO

Não é vulgar encontrar-se captivo o armadilho mataco. Sabendo-se que é um animal inutil, estupido e grotesco, não surprehenderá o facto. Pode dizer-se que este desdentado não serve senão para o fim secundario de divertir as creanças que o fazem enrolar e o jogam pelo chão como uma pella.

Alimenta-se principalmente senão exclusivamente de folhas e fructos.

Para dormir esconde a cabeça entre as patas anteriores e colloca as de traz sob a couraça.

Faltam informações sobre a reproducção d'este desdentado.

O ARMADILHO GIGANTE

É o maior de todos os armadilhos actualmente existentes; d'aqui o qualificativo de gigante que lhe dava Linneu. Tambem ha regiões onde lhe dão o nome de *grande armadilho negro dos bosques*. Com effeito, este armadilho mede um metro e cincoenta a sessenta centimetros de comprimento, em quanto que os maiores animaes da mesma familia não excedem vinte e sete centimetros. O volume do armadilho gigante é tambem nove ou dez vezes mais consideravel que o de qualquer outro.

CARACTERES

Como todos os outros armadilhos, este tem a cabeça e o dorso cobertos por placas osseas irregulares, formando couraça. A cauda é tambem envolvida por placas osseas, irregulares, quadrilateras. As orelhas são curtas, largas e cobertas por tuberculos osseos arredondados. O corpo é negro, excepto a cabeça, a cauda e uma facha lateral que são brancas. Os cinco dedos curtos, immoveis das patas anteriores são armados de unhas fortes e vigorosas. Nas patas posteriores as unhas são largas e chatas, quasi em forma de casco.

Offerece algumas particularidades dignas de menção a estructura interna. As vertebras cervicaes são soldadas umas ás outras. As apophyses espinhosas são compridas, largas, em contacto umas com as outras para supportar a couraça. As vertebras sagradas em numero de doze acham-se soldadas aos ossos illiacos e aos ischions. As costellas, em numero de doze tambem, são largas. O esterno compõe-se de seis peças. A tibia e o peroneo são muito intimamente unidos na parte superior e inferior. Tem na maxilla superior vinte e quatro a vinte e cinco dentes e na maxilla inferior vinte e dous a vinte e quatro. Muitas vezes, alguns d'estes dentes caem. A utilidade d'esta abundancia dentaria está por conhecer; parece que o regimen alimentar do armadilho gigante é analogo ao de todos os outros armadilhos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O armadilho gigante encontra-se muito espalhado no Brazil e talvez, como o suppõe o principe de Wied, em toda a America do Sul.

OS CHLAMYDOPHOROS

Constituem uma divisão dos dasypodos ou tatus, de que são os representantes mais pequenos e de couraça mais simples.

CARACTERES

Teem oito a dez pares de dentes em cada maxilla, cinco dedos nas patas sendo os das anteriores armados de unhas grandes, gancheadas, cortantes, e o dorso coberto de uma serie de fachas transversaes de placas escamosas. A cauda é recurva e insere-se na parte mais inferior do tronco.

O CHLAMYDOPHORO TRUNCADO

Este desdentado foi descoberto por Harlan em 1824.

CARACTERES

Assemelha-se notavelmente aos outros tatus sem deixar de manter um certo parentesco de physionomia e de costumes com as toupeiras. A cabeça, que parece extremamente apropriada a escavar a terra, é larga atraz e fina adiante, terminada por um focinho curto, truncado. Os

olhos são pequenos e as orelhas desprovidas de pavilhão, cobertas de pêllo. Os labios são duros, rudes e salientes e a lingua é comprida, conica e coberta de pequenas papillas. Não tem este animal incisivos nem caninos; os mollares são em numero de oito em cada maxilla. Estes dentes são cylindricos, desprovidos de raiz e teem a corôa achatada, excepto os dois primeiros de cada maxilla que são ligeiramente ponteagudos e lembram dentes caninos. O pescoço é curto e espesso e o tronco alongado, largo atraz, estreito ao nivel das espaduas e escavado aos lados. A parte anterior do corpo é mais robusta que a posterior. Os membros são curtos; os anteriores são grossos e quasi tão vigorosos como na toupeira e os posteriores finos, mais fracos e terminados por patas compridas e estreitas. Em cada pata ha cinco dedos. Os de traz são livres e os de diante immoveis e quasi completamente reunidos uns aos outros. O segundo dedo das patas anteriores é o mais comprido e o externo o mais curto. Nas patas posteriores o terceiro dedo é o mais comprido e o externo o mais curto. Todos os dedos, tanto os das patas anteriores como os das posteriores, são munidos de unhas obtusas. As unhas das patas anteriores são verdadeiramente proprias para escavar a terra, compridas, pouco recurvas, cortantes no bordo externo. As unhas das patas posteriores são curtas, quasi rectas e achatadas. A cauda, inserida a uma chanfradura que apresenta o bordo inferior da couraça na parte posterior do tronco, recurva-se immediatamente para baixo e para diante, vindo applicar-se ao longo do ventre entre as patas. Esta cauda é curta, rija, quasi immovel, espessa na raiz e tornando-se fina e chata para terminar bruscamente n'uma placa alongada e recurva nos bordos em forma de espatula.

A parte superior do corpo é toda coberta por uma couraça cornea, muito espessa. Esta couraça tem origem na cabeça, estende-se sobre o dorso em cuja parte posterior toma a direcção vertical, fazendo parecer o animal truncado. A couraça não adhere fortemente, como nos outros tatus, á pelle do corpo, antes sobre ella repousa lachamente; só no meio do corpo se prende por uma membrana ás apophyes espinhosas e na cabeça se insere por duas escamas ás saliencias hemisphericas do frontal. Assim aos lados do corpo ella pode ser levantada. A parte immovel da couraça cephalica é formada por duas series transversaes de quatro placas cada uma e de tres outras de cinco placas. A porção dorsal offerece vinte e quatro series transversaes, quasi todas regulares. Tanto a face superior como a parte livre da face inferior da couraça são lisas e desprovidas de pêllos. Nas partes do corpo não cobertas pela couraça, os pêllos são compridos, finos, molles, quasi sedosos; estes pêllos são mais compridos mas menos espessos que na toupeira. A cauda, a face plantar das patas, a extremidade do focinho e o mento são desnudados. Os pêl-

los mais compridos são os das partes lateraes do corpo e os dos membros, os mais curtos e mais raros são os da face superior das patas.

O animal tem duas mamas peitoraes. A couraça e os pêllos são de um branco-amarellado sujo; o ventre é mais claro. Os olhos são negros.

O animal mede quatorze centimetros de comprimento, pertencendo quatro á cauda, e cinco centimetros de altura.

Esta descripção é a que dá Fitzinger que observou detidamente o animal.

COSTUMES

Pouco, muito pouco se sabe ácerca d'este ponto. Dizem que o chlamydophoro habita plainos arenosos e ahi cava tocas semelhantes ás da toupeira, de longos canaes subterraneos de que não sae senão accidentalmente. Caminha rapidamente nos subterraneos e é vagaroso sobre o solo.

Alimenta-se provavelmente de vermes, de insectos e de raizes.

A reproducção d'este animal é muito limitada.

A passagem d'este animal sobre o solo é facil de reconhecer, porque, arrastando as patas na marcha em vez de as erguer alternativamente, deixa no chão dois sulcos parallelos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Vive em Mendoza, provincia situada no limite occidental da republica do Rio da Prata, onde foi descoberto por Harlan e em S. Luiz. Não é abundante em nenhum d'estes pontos.

CAÇA

Em parte alguma se faz uma caça regular a este animal; mas, ás vezes, caçando os tatus ou abrindo canaes de irrigação, apanha-se ca-

sualmente. De resto a caça d'este animal parece ser muito difficil, porque Gœring, que habitou sete mezes em logares onde elle existe, não conseguiu obter um vivo ou morto de fresco, apesar de todas as instancias, de todas as offertas de dinheiro.

OS TAMANDUÁS

«A familia dos tamanduás, diz Brehm, é ainda mais pobre em especies que a dos dasypodos; estas especies teem além d'isso caracteres de tal modo particulares que cada uma d'ellas representa quasi um genero. É por isso difficil estabelecer caracteres geraes para este grupo. Por outro lado, os naturalistas não estão d'accordo sobre os limites a assignar a esta familia. Uns collocam os orycteropos entre os dasypodos, outros fazem d'elles tamanduás; uns não vêem em toda a ordem mais do que uma familia unica, outros elevam cada genero ao logar de familia.» [1] Luiz Figuier pertence ao numero d'estes ultimos; assim na ordem dos desdentados estabelece como distinctas as familias de *preguiçosos*, *tatus*, *orycteropos*, *tamanduás* e *pangolins*. [2]

CARACTERES

Os tamanduás são animaes de corpo alongado e coberto de pêllo, de membros fortes e curtos, de pescoço curto tambem, grosso e pouco mobil, de cabeça alongada, de focinho cylindrico, de olhos pequenos, de orelhas emfim de forma e grandeza variaveis. Uns teem a cauda comprida e ramalhuda, outros teem a cauda mais comprida ainda, prehên-

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 266.
[2] L. Figuier, *Les Mammifères*, pg. 286 e seguintes.

sora, e de pêllos raros, uns terceiros finalmente teem-a curta e fraca. Teem dois a trez dedos apparentes nas patas anteriores, quatro a cinco nas posteriores, todos armados de unhas vigorosas para escavar a terra. A dentição varia muito de uns a outros. Ha-os que não teem um unico dente, outros que possuem alguns mollares. A bocca n'estes animaes não é mais que um buraco destinado á passagem da lingua, de forma vermicular.

O esqueleto varia muito tambem. Tem treze a dezoito vertebras dorsaes, duas a sete lombares, quatro a seis sagradas, vinte e trez a quarenta coccygianas. As costellas variam na grandeza e solidez. No estudo particular das especies, ver-se-hão melhor as differenças morphologicas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Os tamanduás vivem na Africa meridional e central e n'uma grande extensão da America do sul.

COSTUMES

Habitam as planicies seccas, os campos e ainda as florestas onde encontram grande numero de formigueiros e de ninhos de termes. Quanto mais solitaria é uma região, melhor ahi vivem; podem, na certeza de que não serão perturbados, fazer uma guerra de destruição ás formigas e aos termes, perigosos inimigos do reino vegetal.

Cavam admiravelmente a terra; no curto espaço de algumas horas conseguem construir uma toca; por isso possuem quasi todos uma ou mais habitações subterraneas. Alguns porém vivem em buracos por entre as raizes ou sobre as arvores. Nenhum tem morada fixa; vagueiam e param onde muito bem lhes parece; demoram-se apenas nos logares onde encontram uma alimentação abundante. Os que teem habitos nocturnos e que são os que vivem em terra, conservam-se sob o solo até ao fim da tarde. Os que vivem sobre as arvores teem habitos diurnos. Os tamanduás não são sociaveis, mas, pelo contrario, extremamente egoistas e solitarios; apenas na quadra do cio se encontram reunidos macho e femea, e ainda assim esta reunião dura muito pouco tempo, é

ephemera. São preguiçosos, pezados, deselegantes e estupidos. Marcham saltitando e não apoiam sobre o solo senão as patas posteriores e o bordo interno das de diante. São vagarosos a andar e carecem da cauda para manter o equilibrio. As especies trepadoras são mais ageis e a cauda prehensora é-lhes de grande auxilio. Ha uma especie que vive exclusivamente sobre as arvores.

Estes animaes teem um modo curioso de caçar as formigas e os termes: desde que os descobrem, estendem para elles a lingua, deixam-os pousar, agarrar-se a ella e morderem-a, retirando-a só então bruscamente para a cavidade boccal. As especies trepadoras nutrem-se de insectos e vermes que encontram occultos nas fendas do cortex das arvores; são tambem, ao que dizem, muito gulosas pelo mel.

Nos tamanduás o ouvido e o olfato são os orgãos sensoriaes mais desenvolvidos. A lingua é simultaneamente um orgão tactil e um orgão prehensor.

Os outros sentidos parecem muito obtusos e a intelligencia limitadissima. São medrosos, inoffensivos. Poucos se servem das formidaveis unhas contra os inimigos.

A fecundidade é limitada n'estes desdentados. A femea não produz em cada parto mais do que um filho.

As especies que procedem á caça das formigas perto das habitações humanas e escavam o solo em grande extensão, são as unicas prejudiciaes.

USOS E PRODUCTOS

Come-se a carne dos tamanduás e utilisa-se ainda a gordura, bem como a pelle e as unhas.

OS ORYCTEROPOS

Constituem o primeiro genero da familia dos tamanduás.

CARACTERES

Teem o corpo grosso e comprido, o pescoço fino, a cabeça comprida, affilada, o focinho cylindrico, as pernas finas, as anteriores terminadas por quatro dedos, as posteriores por cinco, todos armados de unhas fortes, muito pouco recurvadas, de bordos cortantes e em forma de cascos e a cauda de comprimento medio, arredondada. A bocca é muito grande, os olhos pequenos e as orelhas compridas. Em quanto novos, estes animaes possuem oito mollares na maxilla superior e seis na inferior; depois de velhos não teem mais do que cinco em cima e quatro em baixo. Estes dentes são cylindricos, fibrosos, não teem raiz e compõem-se de um grande numero de pequenos cylindros ou tubos encostados uns aos outros. A secção ou corte transversal de um d'estes dentes recorda o do junco.

O esqueleto dos orycteropos faz-se notar pelas apophyses compridas e finas das vertebras cervicaes.

O ORYCTEROPO OU TAMANDUÁ DO CABO

No tempo de Buffon este animal era geralmente considerado fabuloso. Kolbe deu no entanto em principios do seculo passado uma descripção d'elle que é ainda hoje a mais completa que se conhece.

CARACTERES

O animal adulto mede um metro e trinta centimetros de comprimento ou dois metros comprehendendo a cauda, e cincoenta centimetros de altura. Tem a pelle espessa, os pêllos rijos, sedosos, muito espalhados, sendo os do dorso mais curtos que os do ventre. A raiz dos dedos é cercada por um tufo espesso de pêllos. A côr do manto é uniforme, de um trigueiro amarellado. Os recemnascidos são côr de carne.

COSTUMES

O tamanduá do Cabo encontra-se por toda a parte onde as formigas e os termes, seu principal alimento, abundem.

Os habitos de vida são os dos tatus; sendo porém mais sociavel do que elles, não é raro encontrar-se em grupos, embora habitualmente viva só. Como animal nocturno, vive o dia inteiro occulto nos subterraneos, saindo sómente ao declinar da tarde, ao crepusculo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita a Africa do Sul, sobretudo na costa occidental, sem que se conheça justamente o limite geographico da sua dispersão.

O ORYCTEROPO OU TAMANDUÁ ETHIOPICO

Não é facil encontrar este animal vivo. Brehm affirma que encontrou muitas vezes em Kordofan, nas florestas e nos campos cobertos de hervas altas, as tocas d'este desdentado, sem comtudo lograr vel-o. O naturalista Heuglin, mais feliz do que elle, possuiu um cujos costumes teve tempo de observar. A este sabio se deve quanto conhecemos sobre o animal.

COSTUMES

O orycteropo ethiopico vive aos pares. Sendo animal nocturno dorme o dia inteiro enrolado sobre si mesmo n'um buraco profundo que elle proprio cava e que de ordinario fecha atraz de si. Ao fim da tarde sae á busca de alimento.

Na marcha não é rapido, mas dá saltos muito grandes. É plantigrado; caminhando, assenta sobre o solo toda a planta do pé. Na marcha conserva a cabeça inclinada para o chão, curva o dorso e arrasta a cauda. As orelhas conserva-as de ordinario inclinadas sobre o dorso.

O olfato e o ouvido são os sentidos que lhe servem de guia; em marcha agita constantemente o nariz e as orelhas, move a cada momento os pêllos que lhe circumdam as narinas, alonga o focinho ora para a direita ora para a esquerda, farejando a presa. Assim caminha até encontrar um rancho de formigas que segue até ao formigueiro, fazendo então ahi uma caça famosa.

Cava admiravelmente, conseguindo n'um breve espaço de tempo esconder-se sob o solo, por mais duro que este seja. Para este fim emprega as unhas vigorosissimas; com as anteriores escava e com as posteriores atira a grandes distancias a terra levantada. Quando dá com um formigueiro ou com um ninho de termes, escava a terra até ter attingido a habitação principal ou central a que vão terminar todos os corredores ou canaes; mergulha então a lingua, que é muito extensa, no compartimento descoberto e retira-a quando ella se enche de formigas. Esta operação repete-se tantas vezes quantas as necessarias para saciar-se. Quando apanha um ninho de termes, come dezenas d'estes inse-

ctos de cada vez. É talvez o mais implacavel inimigo das formigas e dos termes.

Este trabalho executa-se todo de noite; desde que o dia começa a apontar, trata de esconder-se no sub-solo. Se não encontra um buraco aberto, abre um escavando a terra com extraordinaria velocidade. Se um perigo o ameaça, continua cavando sempre; não ha animal capaz de perseguil-o nos subterraneos. Cava com tal presteza, atira a terra para traz de si com tanta violencia que não ha inimigo que não desista da empreza de seguil-o. O homem mesmo se tenta caçal-o, sente as maiores difficuldades, porque se encontra n'um momento absolutamente coberto de terra ou de areia.

O orycteropo ethiopico é excessivamente timido; até de noite, ao minimo ruido, ao menor indicio de perigo cava rapidamente a terra, escondendo-se, collocando-se em segurança.

Relativamente á reproducção sabe-se apenas que a femea pare um só filho de cada vez.

CAÇA

A caça d'este animal é difficil e por isto se explica o facto acima mencionado de Brehm não ter conseguido vêr o animal vivo, mao grado ter muitas vezes encontrado as respectivas tocas. Não basta surprehender o animal para d'elle nos apossarmos. O orycteropo uma vez mettido na sua toca, projecta a terra sobre quem quer que o persiga com força tal que é preciso ter os olhos fechados para se não cegar; além d'isto mergulha as unhas com violencia tal no sub-solo que um homem só, apanhando-o pela cauda não é capaz de arrancal-o para fóra. Mesmo alguns homens junctos teem difficuldade n'isso. Como a força é insufficiente emprega-se para o fim desejado o ardil; a armadilha é muito usada, assim como o é tambem a lança que se introduz nas tocas e com que se fere o animal para tirar-lhe a força e poder arrancal-o dos subterraneos. Os cães em algumas regiões prestam um grande auxilio n'esta caça, não porque elles apanhem o orycteropo, mas porque servem para denuncial-o, para indicar ao homem o logar em que elle se encontra.

CAPTIVEIRO

Este desdentado, trazido ao captiveiro, o que raras vezes acontece, domestica-se facilmente. Alimenta-se de leite, de mel e de formigas. Apesar de reconhecer o dono e de chegar mesmo a seguil-o, não perde o habito que o caracterisa em liberdade de cavar subterraneos e, como animal nocturno, passa o seu dia dormindo. É um companheiro aborrecido, estupido.

USOS E PRODUCTOS

Nos logares onde passam caravanas é muito prejudicial, porque, cavando o solo, abrindo muitos subterraneos, torna o transito perigosissimo. Fóra d'isso é mais util do que se pensa, porque destroe as formigas e os termes. É util ainda depois de morto: a carne é boa, semelhante á do porco, e da pelle, que é forte e espessa, faz-se um coiro muito apreciado.

O TAMANDUÁ BANDEIRA

É a especie mais notavel de toda a ordem dos desdentados. Mede o comprimento de metro e meio desde o focinho até á raiz da cauda, que tem pouco mais ou menos um metro. Este ultimo orgão é muito ramalhudo, de pêllos extremamente compridos, formando uma especie de pe-

nacho ou bandeira, d'onde o nome por que o animal é conhecido no Brazil.

O pêllo do manto é aspero, duro, muito basto, pardo cinzento e negro na cabeça, nas partes superiores do corpo, nos membros posteriores e na cauda. Na parte inferior do pescoço, no peito, no ventre e nos membros anteriores a côr é um trigueiro escuro. Aos lados do peito correm duas fachas negras, bordadas de branco, que passam pelas espaduas e se continuam sobre o dorso, diminuindo pouco e pouco de largura e terminando perto da cauda. Os membros são curtos relativamente ao resto do corpo; as patas anteriores tem quatro dedos e as posteriores cinco, armados todos de unhas muito recurvas. A lingua é muito estreita, mas extremamente comprida: sae fóra da bocca mais de meio metro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O tamanduá bandeira é originario do Paraguay, mas não é ahi abundante. Encontra-se tambem em muitas outras regiões da America do Sul.

COSTUMES

Este curioso desdentado habita as regiões desertas ou pouco povoadas. Não tem morada certa e repousa onde quer que a noite o surprehende. Encontra-se sempre solitario.

A marcha d'este animal é lenta; quando o perseguem galopa pesadamente, mas não com velocidade tal que consiga escapar ao homem em marcha.

A alimentação do tamanduá bandeira compõe-se exclusivamente de termes e formigas. O processo de caça intentado por elle a estes pequenos animaes é analogo ao que empregam os outros desdentados.

Parece desconhecer-se a epocha do cio e o tempo que dura a gestação. A femea pare na primavera um filho, que amamenta durante largo tempo.

Dos sentidos, o melhor é o olfato, que parece muito desenvolvido; depois vem o ouvido. A vista é incontestavelmente má.

O tamanduá bandeira é um animal tranquillo, inofensivo, que não attaca nem o homem, nem os outros mamiferos. No entanto se alguem o maltrata, ergue-se sobre os membros posteriores e procura, estendendo os de diante, apanhar o inimigo entre as unhas. O combate pode ás vezes ser terrivel. Roulin conta a proposito o seguinte: «Uma vez passeando á tarde com um padre, vi ao longe um pastorsito, que andava a cavallo para reconduzir o gado ao curral, galopar em direcção a nós, fustigando com o chicote um tamanduá bandeira que encontrára um quarto d'hora antes a contas com um formigueiro.

«Quando o vimos, o animal vinha já muito cançado e galopava tanto como as vaccas que o pastor conduzia. Caminhei para elle e deitei-lhe a mão á cauda na esperança de fazel-o parar, o que decerto não conseguiria ainda mesmo que não fosse obrigado, como fui, a deixal-o á voz do rapaz que espavorido me gritava que o animal acabaria por matar-me.

«Sem perceber bem onde estava o perigo, cedi, porque mais de uma vez tinha attraido sobre mim desgraças por não dar credito á experiencia dos indigenas; obedeci pois ao primeiro aviso e em breve tempo reconheci que se o não tivesse feito, a teima me seria fatal. Apenas larguei o animal, este, parando bruscamente, ergueu-se sobre os membros posteriores á maneira dos ursos e, voltando-se para mim por um movimento rapido, traçou no ar com uma pata estendida um circulo em cuja area por pouco que me encontrava, pois vi á distancia de duas pollegadas da minha cinta passar uma unha cortante, talvez do comprimento de meio pé, que, se me tivesse apanhado, certamente me rasgaria o ventre de lado a lado. Um grunhido de colera que acompanhou esta evolução, já de si tão significativa, fez-me comprehender que seria temeridade querer continuar a lucta com um animal cujas mãos eram armadas bem melhor que as minhas; retirei-me prudentemente ao logar de simples espectador. O pastor que dirigia com singular destreza o cavallo, conseguiu conduzir o tamanduá até ao centro da aldêa; ahi chegado, o pobre animal que mal podia correr, refugiou-se sob o portico da igreja. Então, das casas visinhas vieram logo laços com que o prenderam e levaram, ligado pela cabeça e pelos membros anteriores, até ao meio da praça da aldêa. Passados alguns momentos, parecia que o animal desistira, renunciára a toda a resistencia e eu aproveitei a occasião para fazer o desenho d'elle. Emquanto me conservava a uma certa distancia, o animal deixava-se estar completamente immovel; mas se, pelo contrario, eu me approximava para melhor examinar um detalhe qualquer, collocava-se desde logo em posição defensiva, não já como da primeira vez pondo-se em pé e procurando ferir-me, mas deitando-se sobre o dorso e abrindo os braços para me apanhar.

«Esta attitude defensiva, a melhor talvez que o animal podia tomar, cercado, como estava, de todos os lados, não é a que escolhe quando se sente ameaçado por um lado só; então, em vez de deitar-se, contenta-se em sentar-se e fazer assim face ao inimigo, ameaçando-o com as formidaveis unhas.» [1]

Pela transcripção que acabamos de fazer, vê-se claramente quanto é perigoso e para receiar o attaque do tamanduá bandeira. Se o não perseguem, é inofensivo; mas se alguem o attaca, não é facil prevêr na maioria dos casos qual deverá ser a consequencia final de uma lucta em que um dos contendores, o tamanduá, dispõe de armas valentes, as unhas verdadeiramente terriveis.

CAÇA

Poucas vezes se dá caça a estes desdentados. Mas se algum homem o encontra casualmente no campo, o animal é attacado. Tendo-se o cuidado de não o deixar approximar, batendo-se-lhe a distancia com um pau na cabeça, a victoria é da nossa especie, porque algumas pancadas n'aquelle orgão bastam a matal-o.

Devemos observar que o homem, se tivesse em conta a utilidade do tamanduá bandeira, se soubesse os beneficios que d'elle lhe proveem, não o attacaria, antes faria esforços por protegêl-o. E com effeito, este animal, alimentando-se quasi exclusivamente de formigas e termes, os numerosos e declarados inimigos da vegetação, favorecem indirectamente a cultura das terras.

INIMIGOS

O jaguar e o cuguar são os unicos inimigos naturaes do tamanduá bandeira. O homem, por uma deploravel inopia de conhecimentos scientificos, tem sido e continua a ser um adversario da utilissima especie.

[1] F. Roulin, *Obr. cit.*, pg. 239.

No dia em que se aperceber de que hostilisar este animal é hostilisar-se a si, tornar-se-ha um protector d'elle. Sendo o interesse, e é-o sem contestação, um dos maiores, senão o maior estimulo dos actos humanos, confiamos que assim ha de acontecer.

CAPTIVEIRO

O tamanduá bandeira não é difficil de reduzir ao captiveiro quando se apanha novo ainda. É um pouco mais intelligente que a maioria dos desdentados e, embora não chegue a reconhecer e a distinguir as pessoas, é certo que não evita a sociedade humana, antes recebe com demonstrações de agrado as caricias que se lhe fazem. Alimenta-se de leite, de carne partida em pequenos pedaços e de formigas que descobre nas visinhanças de casa. Vive em boa harmonia com os animaes domesticos.

São estas as informações de Rengger que possuiu muito tempo um d'estes animaes.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas americanos comem a carne d'este animal e utilisam-lhe a pelle. No Paraguay a gente rustica acceita geralmente o preconceito de que a pelle do tamanduá bandeira deitada na cama sobre os cobertores, é um excellente preservativo contra as doenças renaes.

O TAMANDUÁ MEDIOCRE

É este o animal que entre nós se designa propriamente pelo nome de tamanduá. Em este nome apparecendo em portuguez sem designação qualificativa, é d'esta especie que se trata.

CARACTERES

Este desdentado mede cerca de um metro de comprimento total; d'esta extensão pertencem sessenta e seis centimetros ao tronco e quarenta pouco mais ou menos á cauda. A altura é de trinta e trez a trinta e quatro centimetros. A cabeça é menos alongada e o focinho menos proeminente que na especie anterior. A maxilla superior é mais comprida que a inferior; as orelhas são ovaes e affastadas do craneo; o pescoço é grosso e o tronco largo; as unhas das patas anteriores são recurvas, comprimidas dos lados e medem desde vinte e trez a trinta e cinco millimetros; as das patas posteriores são mais curtas e menos recurvas. A cauda é espessa, cylindrica, truncada e um pouco prehensora. O corpo todo é coberto de pellos rijos e luzidios, um pouco crespos; os da cabeça são curtos e todos os outros medem de ordinario oito centimetros de comprido. A côr geral é um branco amarellado; ha no entanto em torno dos olhos um circulo negro, bem como uma facha da mesma côr, que parte do pescoço, passa por sobre a espadua, corre ao longo das partes lateraes do corpo e vem cobrir completamente as coxas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O tamanduá mediocre habita precisamente as mesmas regiões que o tamanduá bandeira, de que precedentemente fallamos, e chega até ao Perú.

COSTUMES

No Paraguay e no Brazil encontra-se o tamanduá mediocre nas regiões solitarias, junto das florestas, nos mattos e até mesmo na visinhança das casas.

Os habitos d'este animal não são exclusivamente terrestres; vive muito nas arvores. Embora tenha os movimentos vagarosos, quasi tão vagarosos como os dos tardigrados, é certo que no exercicio de trepar manifesta uma grande agilidade. Serve-se constantemente da cauda prehensora para manter-se em equilibrio. Quando dorme, deita-se sobre o ventre, prende-se pela cauda, dobra a cabeça sobre o ventre e cobre-a com os membros anteriores.

Alimenta-se principalmente de formigas, e em especial das que vivem nas arvores. Gosta tambem de termes e come mel.

É um animal estupido que raras vezes deixa ouvir a voz.

A femea pare na primavera um filho unico que amamenta e carrega sobre o dorso longo tempo.

Roulin soube por um padre de S. Martins, terra em que este animal abunda, que ahi lhe davam o nome de *Dominus vobiscum* por causa do habito que elle tem de abrir os braços como faz o ecclesiastico no altar quando pronuncia aquella expressão latina. Esta curiosa attitude é a que o animal toma na defensiva desde que vê approximar-se um cão.

USOS E PRODUCTOS

O tamanduá quando se irrita, espalha um fortissimo cheiro de almiscar que penetrando nas carnes as impregna e torna improprias para a alimentação de um europeu. No entanto, os indigenas dão-lhe um grande apreço e para a obterem, preparam armadilhas ao animal. Os caçadores brazileiros aproveitam-lhe a pelle, fazendo d'ella coberturas em que envolvem as armas.

O TAMANDUÁ PEQUENO OU MINIMO

Tem pouco mais ou menos as dimensões do esquillo. O manto é sedoso, ruivo no dorso e pardo no ventre.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

A área de dispersão geographica d'este animal parece ser muito limitada, porque até hoje não se encontrou senão ao norte do Brazil e do Perú, entre o decimo sexto grao de latitude sul e o sexto de latitude norte. É raro em todos os pontos onde vive.

COSTUMES

Vive solitario; apenas na epocha do cio se vêem juntos macho e femea. Tem habitos nocturnos; passa o dia inteiro dormindo entre os ramos d'arvore. Trepa com agilidade, servindo-se sempre da cauda, que é extensa e prehensora.

Nada se sabe ácerca da reproducção d'este animal.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas comem a carne d'este animal.

OS PANGOLINS

São no antigo continente os representantes dos tamanduás ou papa-formigas do novo mundo.

CARACTERES

Teem o corpo alongado e coberto de escamas ou appendices corneos imbricados como telhas de um telhado, a cauda comprida, os membros curtos e terminados por cinco dedos armados de unhas fortes e vigorosas, a cabeça pequena, o focinho conico, o mento, a face inferior do corpo e a face interna dos membros não guarnecidos de escamas. Estas são rhomboidaes; uma das pontas penetra na pelle e os bordos são cortantes, duros e solidos. Quando o animal se enrola, as escamas levantam-se, de forma que a ponta e os bordos cortantes fazem saliencia dos lados e constituem um poderoso meio de defeza. O focinho é coberto de pelle cornea. Não teem dentes. Offerecem quatorze a dezenove vertebras dorsaes, cinco lombares, trez sagradas e vinte e quatro a quarenta e seis caudaes. A lingua é muito comprida e muito protactil.

COSTUMES E DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Occupar-nos-hemos d'estes pontos, tratando das diversas especies separadamente.

O PANGOLIM MENOR

É conhecido em França pelos nomes de *pangolim tetradactylo* e de *pangolim de cauda comprida.*

CARACTERES

Mede de comprimento um metro, pertencendo á cauda sessenta e seis centimetros; a altura é de quatorze. Quando o animal é muito novo a cauda parece mais extensa ainda, porque tem mais do duplo do corpo. Este é cylindrico, pouco grosso. O focinho é saliente, a maxilla superior excede a inferior, a abertura da bocca é pequena, os olhos são tambem pequenos e myopes e as orelhas apenas visiveis, não sendo o pavilhão representado senão por uma ligeira prega cutanea. Tem os membros curtos, pezados, quasi de egual comprimento, os dedos, em numero de quatro, pouco moveis, as unhas das patas anteriores mais fortes que as das posteriores, as plantas espessas, callosas, nuas e salientes nas patas posteriores, como nos gatos, de modo que as unhas apenas tocam o solo. A cauda é larga, um pouco chata e vae estreitecendo a caminhar da raiz para a ponta.

As partes superior e lateral do corpo são cobertas de escamas; onde estas não existem, substituem-as sedas rijas. A face e parte inferior do pescoço, ao nivel da larynge, são quasi nuas. As escamas são todas solidas e cortantes, sendo as da parte media do dorso as mais fortes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O pangolim menor encontra-se nas florestas da Guiné.

COSTUMES

A Desmarchais deve a sciencia quanto se sabe relativamente aos habitos e regimen d'este curioso desdentado.

Alimenta-se, como tantos outros animaes da mesma ordem, de formigas, que apanha com a lingua. É inoffensivo; não attaca ninguem e parece desejar apenas que o deixem tranquillo nos logares onde existem formigas em abundancia e que elle escolhe para habitar.

Um facto curioso na vida d'este animal, é o modo por que resiste ás perseguições do leopardo, seu irreconciliavel inimigo. O carniceiro, immensamente feroz, como o leitor sabe já, e além d'isso perfeitamente armado para um combate, não consegue victoria sobre o pangolim menor. Este, que não pode luctar porque não tem forças nem armas de attaque eguaes ás do adversario, toma a defensiva; e fal-o, enrolando-se como o ouriço e offerecendo ao leopardo um corpo quasi globuloso, coberto de escamas ponteagudas e cortantes. O carniceiro volve-o, revolve-o, fere-se nas escamas, enche-se de raiva impotente, mas acaba por abandonar a presa. Assim consegue o fraco escapar ao forte.

USOS E PRODUCTOS

Os negros matam o pangolim menor ás pancadas, comem-lhe a carne e vendem aos europeus a pelle. Os indigenas attribuem a diversos orgãos d'este animal eminentes virtudes medicinaes.

O PANGOLIM MAIOR

É conhecido entre os naturalistas francezes pelos nomes de *pangolim pentadactylo, de pangolim de cauda curta* e de *pangolim de cauda larga.* Estes qualificativos derivam de caracteres referentes ao numero de dedos e á morphologia da cauda.

CARACTERES

O pangolim maior distanceia-se da especie atraz estudada pelas dimensões do corpo, como o nome o indica, e bem assim pelas escamas que são maiores, mais largas, sobretudo no dorso e cauda. Este orgão parece mais uma continuação do corpo que um simples appendice, porque tem na raiz a mesma grossura que o tronco. O macho adulto attinge o comprimento medio de um metro e trinta centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O pangolim maior habita o sul do continente asiatico e as ilhas de Ceylão, de Sumatra e de Formosa.

COSTUMES

O pangolim maior alimenta-se, segundo Burt, de formigas.

Quando o perseguem e attacam, enrola-se como os congéneres e assim fica ao abrigo de maus tractos por parte d'outros animaes.

Vive em subterraneos de dois metros e mais de profundidade que elle proprio cava em terreno secco; permanece ahi com a femea e cria todos os annos dois ou trez filhos.

É quanto se sabe da vida d'este desdentado.

CAPTIVEIRO

Supporta muito bem a perda de liberdade; e, com quanto não seja intelligente, reconhece o dono e procura attrair-lhe as attenções, trepando-lhe pelas pernas. Como animal nocturno, incommoda em captiveiro o homem porque começa a vida activa e agitada depois do sol posto, precisamente quando nós carecemos de repouso e de silencio.

USOS E PRODUCTOS

Os chinezes aproveitam a pelle do pangolim maior para fazerem com ella couraças e para guarnecerem os seus escudos.

O PANGOLIM TEMMINCK

Assemelha-se um pouco à especie anteriormente descripta.

CARACTERES

Tem o tronco largo, a cabeça curta, grossa e coberta de escamas ovaes. A cauda é pouco mais ou menos do comprimento do corpo e não se torna fina senão muito perto da ponta. A côr geral das escamas é um trigueiro pallido. A extremidade do focinho é negra.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita a Africa desde a Cafraria até ao equador.

COSTUMES

Procura os logares solitarios, onde encontra em grande abundancia termes, seu principal alimento. É nocturno como a especie anterior. Em captiveiro é facil sustental-o, dando-lhe leite e pão. É inofensivo e muito limpo. Deposita os excrementos n'um buraco que elle mesmo cava e cobre-os depois com terra.

Nada se sabe relativamente á reproducção.



RUMINANTES

CONSIDERAÇÕES GERAES

Os mamiferos comprehendidos na designação geral de ruminantes teem todos, como qualidade a que devem o nome, o poder de fazerem voltar á bocca, para soffrerem nova mastigação, os alimentos já ingeridos. Este poder singular e privativo da ordem cujo estudo encetamos, depende da estructura especial do estomago que é mais complicado n'estes que nos outros mamiferos. Este orgão é, com effeito, dividido em differentes cavidades, cada uma das quaes tem sido por alguns naturalistas considerada um verdadeiro estomago distincto. A primeira d'estas cavidades, a maior, denomina-se *pança;* é esta a que segue ao esophago e com elle communica directamente. Occupa a maior parte do abdomen, especialmente do lado esquerdo. Ahi vão lentamente caindo e ahi vão sendo depositados os alimentos que o animal ingere, grosseiramente divididos por uma primeira e imperfeita mastigação. Á pança succede uma outra cavidade mais pequena, denominada *barrete.* Esta cavidade communica tambem com o esophago; é n'ella que os alimentos, provenientes da pança, se moldam em pequenos pedaços e é d'ahi tambem que elles passam de novo á bocca pela contracção do orgão. Este phenomeno da passagem dos alimentos do barrete para a cavidade boccal constitue o que se chama *ruminação,* que differe do *vomito* dos outros animaes em que para produzir este são precisas contrações violentas e convulsivas do estomago, ao passo que para determinar aquelle bastam as contrações lentas e naturaes do barrete.

Os alimentos mastigados uma segunda vez e uma segunda vez insalivados, reduzidos a uma pasta molle e semi-fluida, passam a uma nova cavidade, denominada *folhoso* por causa das largas pregas que lhe guarnecem o interior e que se assemelham ás folhas de um livro.

Do folhoso, os alimentos passam a uma quarta cavidade, o *coagulador,* verdadeira séde da digestão. O nome d'esta cavidade é devido ao facto de se encontrarem constantemente as suas paredes internas humedecidas pelo succo gastrico, liquido que possue a propriedade de coagular ou, como vulgarmente se diz, de coalhar o leite.

As substancias liquidas passam ao folhoso e ao coagulador sem se demorarem nem na pança, nem no barrete.

O intestino dos ruminantes é muito mais longo que o dos carniceiros; ao passo que o d'estes não excede sete vezes o comprimento do corpo, o dos ruminantes chega a ser vinte e sete vezes essa extensão.

Para a distincção a estabelecer entre os ruminantes e os outros grupos zoologicos da mamilogia, aproveitam-se os caracteres derivados do regimen alimentar e da dentição.

Os ruminantes alimentam-se essencialmente de hervas, de caules tenros e de folhas.

Os dentes caninos ou não existem n'esta ordem, caso ordinario, ou existem apenas em numero de dois, um em cada maxilla. Os incisivos são em geral seis a oito na maxilla inferior; a maxilla superior ou é d'elles completamente desprovida ou tem dois sómente. Os mollares são trez a seis na maxilla superior e quatro a seis na inferior. Na maxilla inferior ha sempre um espaço vazio, geralmente grande, entre os incisivos e os mollares. Os incisivos inferiores são largos, cortantes e os superiores assemelham-se um pouco a caninos. Nas especies em que existem, os caninos são conicos e fazem uma pequena saliencia fóra da bocca; o facto é excepcional. Os mollares são fortes, de corôa muito larga. Os movimentos das maxillas no acto da mastigação não são verticaes, mas horisontaes, quasi circulares; os ruminantes mastigam por *movimentos de lateralidade.*

O craneo dos ruminantes é alongado, estreitecido para a extremidade do focinho. A capacidade da abobada craneana é pequena. As vertebras cervicaes são longas, estreitas e moveis. As vertebras dorsaes são doze a quinze, as lombares quatro a sete, as sagradas trez a seis e as caudaes seis a vinte.

A maior parte dos ruminantes são armados de *cornos,* massas de substancia dura sustentadas por uma apophyse do frontal, e que servem ao homem para usos differentes. Dos cornos, uns são persistentes, outros mudam annualmente, uns pertencem exclusivamente ao macho, outros ao macho e á femea.

Os cascos variam muito, sendo ora estreitos e compridos, ora curtos e largos, de bordos cortantes umas vezes, arredondados outras, etc.

As formas d'estes animaes são muito variadas. Ha-os pezados, como o camelo, e graciosos como a gazella, uns de uma grande belleza como o cavallo, outros feios como o dromedario.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Existem em todas as partes do mundo, excepto na Australia. A nenhum d'elles se pode determinar uma area de dispersão geographica regular.

Os ruminantes appareceram á superficie do globo na epocha terciaria e com as formas que vemos nas especies actuaes; eram porém então menos espalhados do que o são hoje.

COSTUMES

Os ruminantes são animaes timidos, pacificos. Teem uma intelligencia em geral muito limitada. São sociaveis; muitos vivem em bandos numerosos. Uns habitam as montanhas, outros as planicies. Não ha entre elles especie alguma aquatica; alguns porém preferem os logares pantanosos aos terrenos seccos.

Como foi dito, o regimen d'estes mamiferos é exclusivamente vegetal.

A femea não pare de ordinario mais do que um filho em cada parto; é raro que produza dois e excepcional que dê á luz trez.

USOS E PRODUCTOS

Algumas especies selvagens produzem estragos nos terrenos cultivados; no entanto pode dizer-se em geral que os ruminantes são mais uteis do que nocivos. A carne, a pelle, os cornos e os pêllos, tudo o homem utilisa. A carne é em geral um magnifico alimento; a pelle, os cornos e o pêllo servem em muitos usos industriaes importantes. São os ruminantes, os animaes a que devemos a maior parte dos nossos vestidos.

Em domesticidade prestam-nos serviços notaveis, porque são robustos, obedientes, sobrios, pacientissimos. Recordemos o boi e o cavallo; isto basta para avaliar o que devemos a esta ordem.



RUMINANTES EM ESPECIAL

OS CAMELIANOS

Teem a planta dos pés callosa; não teem cornos nem unhas rudimentares e offerecem o labio superior fendido. Differem pela dentição de todos os outros ruminantes: teem dois e na mocidade quatro ou seis incisivos e tambem caninos na maxilla superior e na maxilla inferior seis incisivos apenas.

Os cascos são pequenos; parecem unhas.

O estomago é n'estes ruminantes um pouco atrophiado; o folhoso é tão pequeno que quasi se confunde com a pança.

Os camelianos são animaes de grandes proporções, de pescoço comprido, de cabeça alongada, de pêllo longo, crespo, quasi lanoso. As vertebras cervicaes são n'elles muito compridas e quasi desprovidas de apophyses espinhosas; as costellas são largas e os ossos dos membros muito vigorosos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam a Africa do Norte, a Asia central e a parte occidental da America do Sul. As especies do antigo mundo encontram-se reduzidas á domesticidade; as do novo continente só em parte se tornaram domesticas. As primeiras vivem de preferencia nas planicies quentes e seccas; as segundas habitam as montanhas até trez mil metros acima do nivel do mar.

COSTUMES

Alimentam-se de hervas, de folhas, de pequenos ramos d'arvores, de cardos e outras plantas espinhosas. São sobrios; supportam por muito tempo a fome e a sêde. Na marcha projectam para diante quasi simultaneamente os membros de um mesmo lado; é por isso que correndo parecem deselegantes, desgraciosos, vacillantes mesmo.

São sociaveis; vivem em grandes bandos.

Teem uma intelligencia muito limitada. Submettem-se ao homem resignadamente, reconhecem-lhe a força, o dominio; mas não são bons, nem doceis, como se tem dito, antes são maos.

A femea não dá á luz mais que um filho de cada parto.

Esta familia abrange os *camelos* e os *lhamas*.

OS CAMELOS

Distinguem-se dos lhamas pela estatura que é maior, pela presença de uma ou duas elevações sobre o dorso e por um mollar a mais em cada maxilla. São feios; a cabeça sobretudo é horrivel. O pêllo é lanoso e desegual. Offerecem callosidades no peito, nos joelhos e nos talões.

Conhecem-se duas especies d'este grupo: o *dromedario*, que offerece sobre o dorso uma elevação ou corcova unica e o *camelo* que apresenta duas.





1. O DROMEDARIO — 2. O CAMELLO

Magalhães & Moniz Editores

O DROMEDARIO

O dromedario é um ruminante de grandes proporções: tem metro e meio a dois metros e vinte centimetros de altura, dois metros e vinte a trez metros de comprimento desde o focinho até á extremidade da cauda e trez a quatro quintaes de pezo. Ha muitas variedades n'esta especie. Uns são grandes, elegantes, de membros muito altos; outros, pelo contrario, baixos e pezados. Entre o dromedario creado pelas tribus nomades e o dromedario de carga do Egypto, ha, diz Brehm, tanta differença como entre um corsel arabe e um cavallo de carro. Conhecer as differentes variedades de dromedarios é tão difficil e tem tanto merecimento como distinguir as diversas raças de cavallos. Não é possivel, portanto, dar uma descripção geral de caracteres que abranja todos os individuos com egual rigor. O que pode fazer-se, e d'isso nos vamos occupar, é uma resenha dos caracteres communs e mais salientes que estes ruminantes affectam. Seguiremos, n'este ponto, passo a passo, a Brehm, por ser o naturalista, de quantos conhecemos, que mais desenvolvimento dá ao assumpto.

O corpo do dromedario é volumoso. As pernas são compridas mas pezadas, as coxas são relativamente fracas e os pés largos e callosos. O pescoço é comprido e o animal apresenta-o sempre recurvo; a cauda é como a da vacca. Sobre o dorso ha uma elevação ou corcova formada não por uma amplificação vertical da columna, como á primeira vista se é tentado a crêr, mas por tecido adiposo ou gordura subcutanea.

A cabeça desprovida de appendices corneos é curta e o focinho comprido; a fronte é arredondada e os olhos são grandes, de uma expressão perfeitamente bestial. As orelhas são muito pequenas, moveis e inseridas muito atraz na cabeça. Os labios são muito musculosos, pezados e pendentes; o superior excede em extensão o inferior; a bocca conserva-se quasi sempre aberta. Na região occipital encontram-se duas glandulas de cerca de cinco centimetros de comprimento sobre oito de largura, cujos canaes excretores se abrem á superficie e ahi lançam na epocha do cio um liquido negro, de um cheiro repugnante.

O pescoço é extenso, comprimido lateralmente e mais grosso no meio que nas extremidades. A corcova varía de dimensões segundo as estações. É maior quando o dromedario anda bem alimentado e diminue quando a alimentação se torna insufficiente. Nos animaes cuja alimentação é muito abundante e boa em qualidade, a corcova tem uma forma

de pyramide e cobre pelo menos uma quarta parte do dorso. Nos animaes em completo estado de emagrecimento chega a desapparecer inteiramente. Na epocha das chuvas, quando os pastos são abundantes, a corcova cresce e chega a pezar quinze kilogrammas; nos mezes de secca vae diminuindo até ao pezo de dois ou trez kilogrammas apenas. Os dedos são compridos e largos, separados pela face dorsal por um sulco profundo; na face plantar a pata é arredondada e apresenta o mesmo sulco longitudinal que se descobre na face dorsal. A pista ou vestigio da marcha do dromedario é facil de reconhecer.

Os pêllos são molles, lanosos e alongados no vertice da cabeça, na região da nuca, na face inferior ou anterior do pescoço, nas espaduas e na corcova. No peito ha uma callosidade que faz saliencia como uma corcova e forma um como coxim sobre o qual repousa o corpo quando o animal se deita.

A dentição offerece caracteres dignos de menção. Primitivamente o dromedario tem quatro incisivos na maxilla superior e seis na inferior. Os dois incisivos medianos superiores caem cedo e não são depois substituidos; assim os adultos não offerecem mais que dois incisivos superiores. Estes incisivos são um pouco ponteagudos, conicos e recurvos, em forma de caninos; na maxilla inferior os incisivos são semelhantes aos dos cavallos. Ambas as maxillas apresentam caninos, que pela forma e grandeza recordam as de um carniceiro.

No apparelho de ruminação do dromedario ha uma particularidade a notar: é a presença na pança de dous grupos de cellulas nas quaes o animal conserva uma certa quantidade d'agua como n'um deposito ou reservatorio. Estas cellulas são mais estreitas na entrada do que no fundo o que permitte que os alimentos solidos se não misturem com a agua n'ellas contida. Estas cellulas são forradas por um epithelio que impede a absorpção dos liquidos depositados, que servem de certo para humedecer os alimentos reenviados á bocca no acto da ruminação.

O manto do dromedario é de ordinario côr de areia; ha no entanto individuos pardos, trigueiros e negros com as patas claras. Não os ha porém maculados. No dizer de Brehm, os arabes consideram os dromedarios negros como de má qualidade e matam-os muito cêdo, razão por que são rarissimos.

Os dromedarios em quanto novos teem um pêllo lanoso que lhes cobre todo o corpo; as formas são então arredondadas e mais agradaveis á vista que as dos velhos. Só com os progressos da idade se tornam angulosos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O dromedario não se encontra hoje senão no estado domestico em toda a Africa para áquem de decimo segundo grao de latitude norte e na parte mais oriental da Asia. A área de dispersão d'este ruminante confunde-se com a dos arabes. Da Arabia estende-se atravez da Syria, da Asia Menor e da Persia até Boukania; por outro lado estende-se atravez do Sahara até ao Oceano Atlantico. O dromedario parece ser originario da Arabia.

CONSIDERAÇÕES HISTORICAS

O dromedario não foi provavelmente importado para o norte d'Africa senão no terceiro ou quarto seculo da era vulgar, bem que já no tempo de Moisés elle fosse conhecido no Egypto. E com effeito, se exceptuarmos as columnas Memnon, em nenhum monumento egypcio se encontra representado o dromedario; os gregos e romanos que visitaram o Egypto tambem não fallam d'elle como animal indigena d'ahi. Provavelmente foi transportado para o Egypto com os arabes e espalhou-se com elles por todo o norte d'Africa.

A Biblia faz repetidas vezes menção do dromedario. Job possuia muitos; eram empregados como ainda hoje. Tudo nos leva a crêr que a domesticação do dromedario remonta aos tempos ante-historicos. Nem na Africa, nem na Asia se encontram dromedarios selvagens ou tornados taes por abandono.

O dromedario é o verdadeiro animal do deserto; só se encontra bem nos logares seccos e quentes. Nos logares cultivados perde a sua verdadeira natureza. No Egypto obteem-se por meio de um bom alimento dromedarios muito grandes e muito vigorosos; estes dromedarios porém, teem perdido as suas principaes qualidades: a ligeireza, a paciencia e a sobriedade. Por isso os arabes os desprezam. Nos tropicos onde a vegetação affecta o typo caracteristico da americana do Sul e da asiatica do Sul, o dromedario não prospera. A aclimação do dromedario no centro d'Africa é impossivel; até ao duodecimo grao o animal passa bem, mas caminhando mais para o sul enfraquece e chega mesmo a morrer

sem doença conhecida, por mais abundante e melhor que seja a sua alimentação. A verdadeira causa da morte é a presença da humidade; o dromedario reclama para viver as regiões seccas. Tem-se conseguido aclimar o dromedario ao sul da Hespanha e fazem-se tentativas para obter o mesmo resultado na America, nomeadamente no Mexico. Desde 1858 que se empregam dromedarios no percurso do Mississipi ao Oceano Pacifico. A utilidade immensa do dromedario explica as tentativas feitas em toda a parte no sentido de o aclimar. Estas tentativas poucas vezes surtem effeito. Pode dizer-se com Brehm: «O deserto é a patria, o solo natal do dromedario; é-lhe tambem o leito de morte e o tumulo.» [1]

COSTUMES

Ácerca dos costumes do dromedario seguimos principalmente as informações de Brehm a quem as longas e demoradas viagens aos paizes dos dromedarios permittiram tomar d'este ruminante um conhecimento completo, perfeito. Diz este naturalista que, combatendo em muitos pontos opiniões geralmente acceites, consagradas quasi, tem a certeza de não satisfazer a maioria dos leitores que esperam vêr confirmados nos livros de historia natural os factos e apreciações correntes. Tem razão o observador allemão. Todo o naturalista que disser completa e inteira a verdade, sem prejuizos, sem respeito pela opinião geral recebida, sem preocupação de agradar, passará por exagerado, por falso. Mas que importa, se a verdade é o fim supremo, ou deve sel-o, de quem escreve? Entre a multidão innumeravel de naturalistas que fallam do dromedario, parece-nos que é Brehm o que se encontra em melhores condições para nos fornecer uma descripção completa, minuciosa, real. Seguiremos pois o livro d'este naturalista.

«O dromedario, escreve, tem uma alimentação exclusivamente vegetal e não é difficil de satisfazer. Pode dizer-se que a sobriedade é o primeiro dos seus attributos. Contenta-se com os peiores pastos. É capaz de alimentar-se durante muitas semanas apenas das plantas mais seccas e queimadas do deserto, de hervas e de ramos semi-mortos. Em casos de necessidade contenta-se com comer um cesto ou uma esteira tecidos de folhas de palmeira. No Sudan oriental é mesmo pre-

1 Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 439.

ciso proteger contra os dromedarios, por meio de uma sebe espinhosa, as cabanas dos indigenas formadas apenas por um ligeiro tabique e cobertas de relva; comel-as-hiam até aos alicerces. Os picos, os espinhos mais agudos não ferem a bocca dos dromedarios. Mais de cem vezes os vi comerem ramos de mimosas, todos eriçados de picos que são, como se sabe, bastante agudos para conseguirem attravessar as solas do calçado.» [1] A transcripção que acabamos de fazer e que não é senão o registro de factos estudados *de visu,* prova quanto é facil de encontrar a alimentação do dromedario e justifica o motivo por que Brehm o denomina o verdadeiro filho do deserto.

O dromedario, se encontra bons pastos, hervas succulentas, pode passar semanas sem beber; o succo das plantas e o orvalho que as cobre bastam a mitigar-lhe a sède. No tempo absolutamente secco porém, não é assim; e o dizer-se que então, o dromedario é capaz de passar sem beber quinze ou vinte dias, não passa de fabula: Brehm conta que, fazendo a travessia de um deserto d'Africa n'uma occasião em que havia uma absoluta falta de plantas verdes, vira cair exhaustos pela sêde de dois dias os dromedarios da caravana. Partindo da inexactidão de que o dromedario pode caminhar vinte dias sem beber em mezes de seccura completa, quando as plantas verdes não existem, alguns auctores teem pretendido que o facto se explica porque o animal contem nas cellulas da pança agua que entorna no estomago quando d'ella precisa; tem-se mesmo affirmado e é para muitos materia incontestada, que os viajantes do deserto, em extrema penuria de liquidos e semi-mortos de sêde, abatem os dromedarios e os camellos e no estomago d'estes ruminantes encontram agua sufficiente para os dessedentar. Brehm contradita o facto e affirma que tendo visto abater dromedarios e camellos se convencera da falsidade de uma tal opinião. Diz este auctor que a agua que se encontra no estomago de taes ruminantes, achando-se misturada ao succo gastrico e aos alimentos não pode de modo algum servir de bebida a um homem; além d'isso, affirma, o cheiro que exala o estomago de um dromedario ou de um camello, no momento mesmo em que se mata, é verdadeiramente repugnante, insupportavel.

O dromedario quando uma vez bebeu n'um certo logar, nunca mais o esquece e, quando passa a distancia, deita a correr para elle de modo que o cavalleiro precisa de segurar-se bem para não cair. A quantidade d'agua que bebem, quando abrazados pelas sêdes do deserto, é immensa. Quando assim bebem, sente-se depois durante a marcha que a agua contida no estomago faz um ruido semelhante ao que se ouve agitando um

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 439.

barril meio de liquido. De resto, é necessario não perder de vista que a sobriedade do dromedario é em certo modo dependente dos habitos em que o homem o colloca. Se a um d'estes ruminantes se dá uma abundante alimentação e agua com fartura, elle tornar-se-ha incapaz de supportar por muito tempo sem doença a fome ou a sêde; se, pelo contrario, é insufficiente e mao o alimento que se lhe fornece, se é pouca a agua de que em favor d'elle se dispõe, ha a certeza de que conseguirá resistir por largo tempo á necessidade de beber e de comer, nas largas travessias do deserto, por exemplo. É assim que os dromedarios do Sudan, habituados desde os primeiros dias de existencia a uma alimentação má, mesquinha e a não beberem senão de quatro em quatro ou de seis em seis dias, são admiravelmente adaptados á vida do deserto, ás longas viagens; os que nascem nas regiões cultivadas e são bem alimentados, servem apenas de bestas de carga e ninguem se atreve a utilisal-os nas viagens extensissimas e cheias de provações no deserto.

Os dromedarios, apesar da sua apparencia pezada e deselegante, andam com notavel velocidade e sustentam a marcha por longo tempo sem cansaço. O comprimento dos membros permitte-lhes avançar em cada passo uma extensão muito grande. Pelo que se refere ao tempo por que supportam a marcha, basta lembrar que elles são capazes de caminhar sem descanço e bem carregados desde as cinco horas da manhã até ás dez da noite! E isto que faz n'um dia, repete-o no seguinte e mesmo trez ou quatro dias consecutivos. Pode-se, empregando um dromedario unico, percorrer em quatro dias seiscentos e quarenta kilometros ou mais.

Os arabes para classificarem de bom um dromedario, exigem-lhe trez condições: que tenha o dorso macio, que não seja necessario para fazel-o andar o emprego do chicote e que se conserve silencioso ao levantar e ao deitar.

O dromedario não tem grande utilidade nas regiões montanhosas, porque não sabe trepar e quando desce carregado, só o faz muito lentamente, cheio de precauções. Este curioso ruminante não nada e tem pela agua um indiscriptivel terror. No entanto é preciso ás vezes forçal-o a attravessar cursos volumosos d'agua, rios, por exemplo, porque não ha no local como meio de transporte por agua senão pequenas canoas incapazes absolutamente de o conterem. N'estas condições extremas, os arabes passam-lhe um laço pela cabeça e pela cauda de modo que o não estrangulem e obrigam-o depois a chicote a entrar na agua. Então dois arabes em pé nas canoas, sustentam-o, um pela cabeça para que não mergulhe e outro pela cauda, e assim o conduzem até á margem. O dromedario, uma vez chegado a terra firme, corre de ordinario como um furioso; depois da violencia recebida, vem a expansão das forças.

De todos os sentidos do dromedario, é o ouvido o melhor, o mais perfeito; a vista é-lhe inferior e o olfato é mao. O tacto é delicado e o gosto muito pouco desenvolvido.

O dromedario é estupido. Não é possivel, com effeito descobrir n'elle um acto unico revelador de entendimento, mesmo muito limitado. É tambem mao, extremamente colerico e tem uma obstinada repugnancia por tudo o que seja fazer um serviço, cumprir uma ordem. Quando se submette ao homem, não é a resignação que a isso o conduz, mas pura e simplesmente a necessidade.

Os arabes tratam geralmente os seus animaes domesticos como se foram filhos; o dromedario porém fal-os muitas vezes desesperar, tanta é a maldade e a estupidez que o caracterisa.

Brehm affirma que de milhares de dromedarios que viu durante as suas viagens na Africa, um apenas mostrava uma tal ou qual dedicação pelo dono. Os outros revelavam pelo homem que d'elles cuidava uma completa indifferença, não trabalhando nunca senão quando a isso eram forçados.

O dromedario é cobarde. O rugido de um leão é bastante para dispersar uma caravana numerosa; n'estes casos, o dromedario atira a carga ao chão e foge, correndo quanto pode. A voz da hyena, a presença de um cão, de um macaco são motivo bastante para os aterrar. Não vive em relações de amisade com animal nenhum; parece olhal-os a todos com a mesma indifferença que tem pelo homem.

O dromedario é tambem desobediente, obstinado. É precisa da parte do homem uma grande experiencia para o dominar em marcha, tanta é a teimosia com que se oppõe a todas as ordens que recebe do cavalleiro. Se este não possue todo o segredo de o dominar, está perdido; «se quer ir para o sul, diz Brehm, pode estar certo de que o dromedario marchará para o norte, se quizer ir a trote, o animal irá a passo, se quizer ir a passo, o animal irá a trote.» [1]

Parece pois que a unica qualidade boa do dromedario é a sobriedade.

Brehm, a quem pedi as informações que o leitor acaba de lêr, affirma na obra acima citada que tendo apresentado as suas opiniões n'uma outra publicação e tendo sido vivamente combatido e contraditado, persiste no entanto em sustentar o que escreveu primeiro. Fazendo, já depois da critica dos seus contendores, uma nova viagem em que teve occasião de observar uma vez mais o dromedario, o illustre naturalista confirmou quanto havia escripto. Ora é precisamente esta persistencia

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 444.

em affirmar, mao grado todas as criticas, as mesmas opiniões, sempre confirmadas pela observação directa, que nos leva a prestar a Brehm uma confiança superior á que me inspiram todos os outros auctores que se occupam do mesmo assumpto.

O tempo do cio para o dromedario varia segundo as localidades. Ao norte é de Janeiro a Março e dura oito a dez semanas. O animal apresenta-se então inquieto, ruidoso, inclinado a morder. É preciso n'esta occasião pôr-lhe um annel nasal ou um açaimo para prevenir desgraças. Ás vezes tem accessos de raiva desastrosos; Brehm viu um dromedario partir com uma dentada a articulação do cotovello a um homem e refere que são mesmo conhecidos alguns casos de morte. Ha no dromedario na epocha do cio uma particularidade curiosa a notar: é a propriedade que o animal tem de lançar fóra da bocca uma bexiga membranosa vermelha que torna a entrar ahi no acto da inspiração. Esta bexiga, conhecida pelo nome de vesicula pharyngea, é um orgão proprio do macho e que, quando este é velho, chega a attingir trinta e oito a quarenta centimetros de comprimento e o volume de uma cabeça de adulto. No acto da expiração a vesicula sae e no da inspiração entra na cavidade boccal. Uma outra particularidade curiosa tambem e que já de passagem fizemos notar, fallando dos caracteres do dromedario, é o facto de segregarem as glandulas cervicaes um liquido nauseabundo, detestavel, de um cheiro horrivel. O dromedario é pois mais insuportavel ainda na epocha do cio que em qualquer outra. Quando na quadra dos amores dois dromedarios se encontram em face das femeas, trava-se entre elles uma lucta terrivel, feroz, á dentada e ao coice. Segundo se affirma um só macho copula oito e mais femeas; ha mesmo quem affirme, Santi por exemplo, que elle copula vinte ou trinta, no que Brehm vê uma exageração.

Ao fim de onze a treze mezes, a femea pare um filho unico, que nasce com os olhos abertos e o corpo coberto por um pêllo comprido, molle, espesso e lanoso. O recemnascido mede de ordinario oitenta centimetros de altura; cresce muito rapidamente, apresentando a mesma dimensão ao fim de uma semana um metro ou ainda mais. É de notar que o dromedario femea, esse animal estupido, indifferente e covarde, experimenta em face do filho uma como transfiguração. Torna-se corajoso até ao ponto de o defender, com risco de vida, dos attaques d'outros animaes; em opposição á habitual indifferença, torna-se amoroso; emfim parece mesmo que a estupidez decresce, porque ha então no animal movimentos vivos, expeditos, planeados.

Quando o dromedario attinge dois annos, os arabes desmamam-o, separando-o da mãe. Em certas regiões fixam no nariz do pequeno animal uma ponta aguda qualquer que fere a glandula mamaria da mãe e a obriga a affastar-se d'elle. Os dromedarios novos começam muito cêdo

a seguir os paes nas longas excursões dos desertos; obrigam-se a isto para os habituar desde pequenos ás extensas marchas forçadas.

Os dromedarios são destinados á cavallaria ou á carga, conforme são mais ou menos feios. Os que se educam para cavallaria são de ordinario entregues aos filhos do respectivo dono, que tomam a peito e com extrema satisfação adestral-os.

Tem-se dito que, quando um dromedario é excessivamente carregado, se não levanta, ainda mesmo que lhe diminuam a carga, por simples teimosia. É falso; só se não levanta quando não pode. Desde que lhe aligeiram o pezo, ergue-se; e se nem sempre o faz, é por que se sente exhausto. Houve tempo em que as cargas impostas aos dromedarios eram por tal forma exageradas que o governo do Egypto se julgou obrigado a intervir, fixando o maximo da carga em trezentos e dezenove kilogrammas. A transgressão d'esta medida implicava duros e barbaros castigos para os transgressores.

O preço de um dromedario bom e em primeira mão é de trezentos a quatrocentos e cincoenta francos em moeda franceza. Um dromedario de carga ordinario vale, termo medio, cento e dez francos; por quarenta compra-se um ainda pequeno ou de qualidade inferior. É o que affirma Gerbe. O numero prodigioso d'estes animaes nos logares em que vivem explica esta para nós excepcional barateza.

DOENÇAS E INIMIGOS

Os dromedarios estão sujeitos a muitas doenças, que ao sul revestem muitas vezes o caracter epidemico e os matam em numero espantoso.

Ao norte as mais temiveis d'essas doenças são as colicas e as diarrheas; o tetanos é tambem uma doença que, embora não muito vulgar, os mata rapidamente. A etiologia geral d'estas doenças encontra-se no clima. Poucos são os dromedarios que se abatem; a grande maioria morre nas viagens do deserto. Ahi, o vento conhecido pelo nome *simoun* é o mais terrivel inimigo do dromedario; o animal prevê a tormenta imminente pelo calôr que a precede, e torna-se inquieto, ancioso; embora fatigado, trota tão rapidamente quanto possivel. Se o vento se levanta, é impossivel fazer marchar o dromedario: pára, deita-se com a parte posterior do tronco voltada para o simoun e conserva o pescoço alongado e a cabeça pendida para a terra. Com estas tempestades o drome-

dario soffre tanto como o homem, que fica n'um estado de abatimento só comparavel ao que succede a uma longa doença. Passada a tempestade, a marcha do ruminante é dolorosa; a sêde tem augmentado e a fraqueza que o invadiu cresce continuadamente. Ás vezes, a maior parte das vezes, cae e não ha gritos nem estalos de chicote que logrem fazel-o erguer. O arabe então, entristecido, lacrimoso, descarrega-o e abandona-o á mercê de uma sorte inclemente. Tambem elle, o homem, precisa de marchar, aterrado como fica pela idéa da sêde que porventura terá de soffrer. A agua, o alimento, salvariam o animal decerto; mas que fazer se se está no deserto e o vento seccou as fontes e cobriu de areias os pastos? No dia immediato, de manhã, o dromedario é cadaver; antes do meio dia já os abutres, que pairam no ar em torno d'elle, lhe disputam as carnes e de noite a hyena e o chacal encontram ainda os restos do banquete.

Na Africa o dromedario attinge quarenta e mesmo cincoenta annos; os de carga, continuos viajantes do deserto, teem uma duração media de vinte annos.

USOS E PRODUCTOS

São evidentes os serviços que o animal vivo presta ao homem. Mas ainda depois de morto tem para a nossa especie uma grande e incontestavel utilidade. Come-se-lhe a carne, aproveita-se-lhe o pêllo, que serve para estofos, para cordas, utilisa-se-lhe a pelle que dá um couro magnifico para cobertura de malas e em geral para todos os usos em que o couro costuma ser empregado. O leite d'este ruminante é precioso, embora ao europeu custe geralmente habituar-se a tomal-o por ser muito gorduroso e espesso. Os mesmos excrementos do dromedario teem utilidade, porque depois de seccos servem no deserto de combustivel. Segundo Santi, o pêllo dos dromedarios é empregado em Pisa para encher enxergões e tambem para fazer cobertores grosseiros.

O CAMELO

Differe do dromedario em ter, em vez de uma, duas elevações adiposas ou corcovas, correspondentes á espadua e ao sacro; em possuir um pêllo mais denso, de côr mais carregada; finalmente em apresentar um corpo de ordinario mais grosso que o do seu congénere e os membros mais baixos. É mais feio, mais repugnante que o dromedario.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

O camelo é o representante e o substituto do dromedario na Asia central e oriental.

COSTUMES

Os habitos de vida do camelo são sensivelmente os mesmos que os do dromedario. Na epocha do cio estabelecem-se entre as duas especies relações sexuaes, de que derivam mestiços ora de uma, ora de duas corcovas, mas sempre fecundos.

USOS E PRODUCTOS

É utilisado como animal domestico desde tempos remotissimos pelos tartaros, mongóes e chinezes. Não é tão aproveitavel como o dromedario para a cavallaria nas viagens do deserto, porque não tem, em virtude da menor extensão dos membros, marcha tão rapida. Em compensação é um excellente animal de carga, largamente utilisado no commer-

cio. Como tem um pêllo espesso, resiste melhor que o dromedario aos climas frios, asperos, no inverno mesmo. Entre os persas, os camelos servem, como entre nós os cavallos, para os exercicios militares; ha um corpo especial de artilheiros montados em camelos, como na Europa ha uma cavallaria.

OS LHAMAS

São na America os representantes da classe dos camelos. Confirmam uma vez mais, segundo Brehm, este facto geral—de que as especies americanas são verdadeiramente minimas em relação ás especies correspondentes do velho mundo. «Os lhamas, escreve o naturalista allemão, differem dos camelos pela pequenez de proporções, como o cuguar differe do leão, como os grandes pachidermes do novo mundo differem dos gigantes do antigo continente. Convém todavia acrescentar que os lhamas habitam as montanhas e que não podem, por isso mesmo, adquirir as dimensões dos seus congéneres africanos ou asiaticos.» [1]

Os lhamas distanceiam-se pois, e á primeira vista, dos camelos em serem mais pequenos do que elles. Ha porém ainda mais caracteres morphologicos de differenciação. Relativamente ao tamanho, a cabeça dos lhamas é maior que a dos camelos; as orelhas são tambem proporcionalmente muito grandes. As calosidades dos lhamas são pouco pronunciadas e o pêllo é comprido e lanoso; nota-se n'estes animaes uma perfeita ausencia de corcova. Teem dois incisivos superiores e dois outros inferiores, muito largos; o primeiro mollar que apparece, affecta a forma de um canino e cae durante o periodo de aleitamento. A columna vertebral compõe-se de sete vertebras cervicaes muito compridas, dez dorsaes, sete lombares, cinco sagradas e doze caudaes. A lingua d'estes animaes é comprida, fina e coberta de papilas duras e corneas. Teem a pança dividida em duas partes e não possuem coagulador. O intestino é dezeseis vezes mais comprido que o corpo.

[1] Brehm, *Obr. cit.*, vol. 2.º, pg. 450.

COSTUMES

As especies selvagens refugiam-se durante o tempo frio e humido nas montanhas, não se permittindo descer aos valles ferteis senão em tempos seccos.

Vivem de ordinario em bandos numerosos, de alguns centos de individuos.

Defendem-se dos inimigos, deixando-os approximar e atirando-lhes saliva e hervas que tenham na bocca. Quando muito enraivecidos, mordem e dão coices.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habitam as altas montanhas da America e preferem as regiões frias ás quentes.

USOS E PRODUCTOS

É muito aproveitavel a carne e utilissimo o pêllo. D'aqui deriva a caça que se faz a estes animaes.

Costumam geralmente descrever-se quatro especies, admittidas desde remotissimos tempos pelos indigenas; Tschudi sanceiona com a sua grande auctoridade de sagacissimo observador a existencia d'estas quatro especies como perfeitamente distinctas. São: *lhama guanaco, lhama propriamente dito, alpaca* e *vicunha*. Descreveremos successivamente e pela ordem exposta estas especies.

O LHAMA GUANACO

O guanaco e o lhama propriamente dito são os maiores mamiferos terrestres da America do Sul. O primeiro vive exclusivamente em estado selvagem; a sua historia é no entanto importantissima.

CARACTERES

Tem pouco mais ou menos as dimensões do veado; o seu porte é um meio termo entre o do carneiro e do camelo. O animal adulto mede dois metros e sessenta e cinco centimetros de extensão, comprehendida a cauda que tem vinte e cinco d'estas unidades; a altura é, ao nivel da espadua, de um metro e dez centimetros e ao nivel da parte superior da cabeça, quando erecta, de um metro e sessenta. A femea é um pouco mais pequena.

O corpo d'este animal é proporcionalmente curto e vigoroso, o peito e as espaduas são altos e largos e os flancos escavados. A cabeça é comprida, lateralmente comprimida, o focinho obtuso, o labio superior saliente, profundamente fendido, pouco pelludo e muito mobil. As orelhas teem, pouco mais ou menos, metade do comprimento da cabeça; são compridas, ovoides, finas e muito moveis. Os olhos são grandes e vivos, de pupilas transversaes. As pernas são altas e finas, os pés alongados, os dedos fendidos e cercados na extremidade de cascos incompletos, pequenos e estreitos. As articulações não offerecem calosidades. A cauda é coberta de pêllo na face superior e quasi desnudada na inferior. O manto é abundante e formado de um pêllo pequeno, macio, fino e de um outro sedoso, comprido. A côr geral é um ruivo escuro; o corpo offerece porém em diversas regiões maculas brancas e negras. A femea tem quatro mamas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Encontra-se nas montanhas desde o estreito de Magalhães até ao norte do Peru. É principalmente abundante na parte sul da cordilheira dos Andes. A caça movida contra este animal tem-o distanciado e tornado raro nos logares habitados pela nossa especie.

COSTUMES

No tempo das neves sobe até ao topo das montanhas; no tempo secco desce até aos valles, ás planicies. É aqui que encontra os pastos mais abundantes. Evita cautelosamente os campos cobertos de gêlo. Não tem pés organisados para poder manter-se n'um solo resvaladiço. O guanaco vive em pequenos bandos de sete a dez individuos; excepcionalmente encontram-se cem. Estes bandos teem apenas um macho; se ha mais, é um apenas o que se encontra em estado de reproduzir-se, sendo os outros pequenos ainda. Desde que estes attingem uma certa idade, desde que se approximam da epocha da reproducção, principiam luctas, em consequencia das quaes os mais fracos abandonam o bando, cedem o logar aos mais fortes e vão reunir-se com os seus eguaes e com femeas ainda novas n'um outro bando. Os guanacos pastam todo o dia e bebem de manhã e ao fim da tarde; de noite não comem.

Os movimentos do lhama guanaco são vivos, expeditos. Nas planicies, os cães seguem-o com difficuldade; um bom cavallo no entanto facilmente o alcança. Correndo, galopa como o dromedario. Trepa admiravelmente, excedendo n'este exercicio o mais habil montanhez. Fita sem se perturbar, antes com inteira segurança, os mais fundos precipicios. Deita-se, como o dromedario sobre o peito e sobre os membros.

Quando um bando d'estes ruminantes foge, as femeas e os machos ainda novos correm na vanguarda, ao passo que os machos adultos seguem atraz, empurrando-os muitas vezes com a cabeça. Durante os pastos, o macho vela pela segurança do bando, soltando, ao menor indicio de perigo, um som analogo ao do carneiro. Todo o bando ergue a ca-

beça, volta-se de um lado e d'outro e por fim lança-se n'uma corrida cuja velocidade é sempre crescente.

A epocha do cio é em Agosto e Setembro. Travam-se então entre os machos luctas vigorosas para a posse das femeas e direcção do bando; mordem-se e atirando-se de impeto uns aos outros procuram despenhar-se nos abysmos. Ao fim de dez a onze mezes de gestação a femea pare um filho unico, que vem á luz completamente desenvolvido, coberto de pêllo e com os olhos abertos. A mãe occupa-se d'elle com ternura, aleita-o durante quatro mezes e conserva-o junto de si até que elle tenha attingido a edade adulta.

CAÇA

O homem é o mais terrivel inimigo do lhama guanaco, pelas caças que contra elle emprehende, movido pelo desejo de possuir a carne e o manto d'este ruminante. Os processos empregados na caça, são a arma de fogo e o laço. Nas altas montanhas, onde os recursos alimentares faltam absolutamente ao homem, a caça do guanaco é para elle uma necessidade.

CAPTIVEIRO

Nas primeiras idades o guanaco domestica-se muito facilmente, chegando a seguir o dono como um cão. Á medida que envilhece porém, a affeição pelo homem vae pouco e pouco desapparecendo para dar logar a manifestações hostis. Alimenta-se facilmente com feno, hervas, pão e grão. Reproduz-se em captiveiro, mesmo na Europa, quando o tratam bem.

O LHAMA PROPRIAMENTE DITO

Pensam alguns naturalistas, Meyen entre outros, que o lhama propriamente dito não é senão um guanaco aperfeiçoado. Tschudi protesta contra uma tal opinião nas palavras seguintes, cheias de bom senso: «Por que motivo se aperfeiçoa um animal? Porque recebe um melhor alimento, tem um bom abrigo contra o mao tempo e lhe dispensam assiduos cuidados; por isto e só por isto. Mas em liberdade o guanaco tem a melhor alimentação possivel nas altas montanhas, encontra sempre um clima conveniente—durante o calor nos pincaros mais elevados das montanhas, em tempo frio nos valles, ao abrigo dos ventos. De que outros cuidados careceria ainda?

«Como é differente a sorte do lhama propriamente dito! Curvado sob o jugo, carrega o dia inteiro fardos que excedem quasi as suas forças; tem apenas alguns momentos para procurar o alimento; de noite levam-o para um armazem humido e repousa sobre pedras ou em terreno pantanoso. Foi creado nas altas regiões dos Andes, onde o ar é fresco e puro; carregam-o pesadamente, impellem-o para as florestas virgens, onde existe um calôr humido, ou então para as areias ardentes do deserto, onde com sacrificio encontra um raro alimento, onde milhares dos seus congéneres morrem depauperados. Será por este processo que o guanaco se tem successivamente aperfeiçoado até se tornar um lhama propriamente dito? Ou ter-se-ha transformado em alpaca, em um animal que é bem tratado, decerto, mas que é muito menos forte do que elle, embora muito superior pela delicadeza das formas e pela finura de pêllo? Todos se convencerão de que estas differenças são especificas e não dependentes de mudanças produzidas pela domesticidade.» Brehm, pelo seu lado, affirma que por experiencias proprias se convenceu de que o lhama e o alpaca se não copulam e que o lhama e o guanaco se copulam, mas sem resultado prolifico. Estas affirmações avigoram as de Tschudi.

CARACTERES

É um pouco maior que o lhama guanaco e apresenta callosidades accentuadas no peito e na parte anterior das articulações do carpo. Tem a cabeça fina e curta, os labios pelludos, as orelhas curtas, a planta dos pés grande. Relativamente á côr, apresentam extraordinarias variantes: ha-os brancos, negros, maculados, ruivos-escuros e ruivos-claros, ruivos só, trigueiros, etc. O animal adulto attinge a altura, medida ao nivel da espadua, de um metro e, medida no vertice da cabeça, de um metro e cincoenta e cinco centimetros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA

Habita principalmente nos altos platós do Perú.

COSTUMES

Faber refere-se ao lhama propriamente dito, nos seguintes termos: «O lhama é tão util aos indigenas como aos estrangeiros; aos primeiros ajuda-os a viver, aos segundos permitte que voltem ricos a Hespanha, porque não só lhes fornece a carne senão que lhes transporta as mercadorias. Pode percorrer dez leguas por dia durante cinco dias consecutivos, repousando apenas no fim. A marcha d'este animal é tão regular que quasi nos podiamos dispensar de ligar a carga. Trezentos mil lhamas se empregam continuamente no transporte de barras de prata de Potosi destinadas a serem partidas antes da fusão. Na volta trazem alimentos aos habitantes das montanhas.

«O lhama serve de besta de carga desde os trez annos até aos doze, idade em que é considerado velho. É muito docil e perfeitamente apropriado aos indigenas. Quando se quer parar em meio de uma jor-

nada, o lhama colloca-se prudentemente de joelhos por forma que lhe não caia a carga. A um assobio do conductor, ergue-se e continua a marcha. Come onde pode, mas nunca durante a noite que emprega a ruminar.»

Acosta diz que os indigenas atravessam as montanhas com bandos de trezentos, quinhentos e mesmo mil d'estes animaes carregados com barras de prata; ás vezes, conta o referido naturalista, os lhamas espantam-se, deitam a correr pelos montes com velocidade extraordinaria, e então os indigenas são obrigados a atirarem-lhes tiros para não perderem as cargas.

Segundo Meyen, o lhama é tão util para os Peruvianos como o rangifer para os Lapões.

Só os machos servem de bestas de carga; as femeas são exclusivamente destinadas á reproducção.

Stevenson diz: «Nada ha mais bello que presencear a passagem de um bando d'estes animaes, carregados approximadamente com o pezo de um quintal cada um, caminhando em ordem, uns após outros e levando na frente o lhama guia com uma campainha ao pescoço e uma bandeira á cabeça. Assim atravessam os cimos das cordilheiras cobertas de neve, por veredas onde a custo passariam mulas, obedecendo aos conductores que não carecem de chicote nem de aguilhada para os fazer caminhar. Vão tranquillos, e sem nunca pararem, ao seu destino.»

A epocha do cio é, segundo Tschudi, violentissima: os machos mordem-se e procuram mutuamente despenhar-se dos altos das montanhas. A femea pare um filho apenas. Acontece ás vezes que a mãe alleita ao mesmo tempo os filhos de duas gestações.

CAPTIVEIRO

O lhama propriamente dito dá-se bem em captiveiro, mesmo na Europa, onde existe em muitos jardins zoologicos e onde se tem mais de uma vez reproduzido. Isto não quer dizer que o seu caracter seja, fóra da liberdade, bom e docil; pelo contrario, é sempre irritavel. Alimenta-se com muita facilidade.

DOENÇAS

A maior que ataca o lhama e que toma o caracter epidemico, é uma especie de tinha, que principia pela face interna das coxas e se propaga rapidamente a todo o corpo. Esta doença de pelle parece ter-se manifestado a primeira vez em 1544 com assustadora intensidade. Hoje é menos intensa do que era então, sem todavia deixar de ser muito perigosa. O remedio contra ella applicado actualmente é a fricção com gordura de condor.

O ALPACA

As propriedades especialissimas da lã d'este animal, tornaram-o nos ultimos annos o mais importante de todo o grupo dos lhamas. Procura-se hoje aclimal-o em toda a parte.

CARACTERES

O alpaca é mais pequeno que o lhama propriamente dito; assemelha-se ao carneiro e tem o pescoço alongado e a cabeça pequena. O pêllo é comprido e molle. A côr é de ordinario o branco ou o preto; ha-os tambem malhados.

COSTUMES

Vive em bandos ou rebanhos numerosos durante o anno inteiro nos topos das montanhas. Se se apanha um fóra do rebanho, é impossivel fazel-o andar; nem gritos, nem pancadas o conseguem.

É de uma grande fecundidade. Com quanto não dê á luz mais do que um filho de cada vez, as gestações succedem-se rapidamente.

USOS E PRODUCTOS

Os indigenas servem-se desde os tempos mais remotos da lã do alpaca para a fabricação de mantas e cobertores. Esta lã, depois que na Europa se descobriu a maneira de a fiar e tecer, é para cá importada em grande quantidade. Procura-se com empenho aclimar o alpaca na Europa.

O VICUNHA

Tem um talhe intermediario ao do lhama propriamente dito e ao do alpaca; distingue-se d'ambos pelo manto que é formado de pêllo muito fino, mais curto e mais crespo. O pêllo na garganta é amarellado, no ventre e na parte interior das coxas é branco e no resto do corpo trigueiro. As pernas são compridas, delgadas e bem feitas. Os olhos são grandes, de uma expressão ao mesmo tempo viva e meiga.

COSTUMES

Durante o tempo da humidade, o vicunha conserva-se nos cimos das montanhas, onde crescem raras plantas; no tempo do calôr desce para os valles. Portanto procura no tempo de inverno os logares frios e no estio os quentes; isto parece paradoxal, mas explica-se pelas necessidades alimenticias. No tempo secco e quente as montanhas conservam-se absolutamente despidas de vegetação; só nos valles encontra o animal o preciso alimento.

Na epocha do cio, os machos entregam-se a combates desesperados para conquistar um bando de femeas. Estes bandos que se compoem de seis a quinze individuos, tem apenas um macho que vela pela segurança de todos. Ao menor perigo, este dá o signal de fuga e cobre sempre a retirada.

A corrida do vicunha é um galope menos veloz que o de um bom cavallo; trepando nas montanhas, excede muito a velocidade d'este.

As femeas pagam a dedicação do macho, a sua vigilancia, cercando-o quando ferido, permanecendo junto d'elle, embora com o sacrificio da propria vida.

Em Fevereiro a femea realisa o parto de que resulta um filho unico, dotado desde começo de uma grande agilidade e de uma incalculavel resistencia á fadiga. Conta Tschudi que correu a cavallo durante trez horas consecutivas para apanhar um vicunha nascido no dia anterior e cujo cordão umbilical se conservava fresco ainda e engorgitado de sangue!

Ás vezes encontram-se nas montanhas vicunhas isolados que se deixam facilmente prender. Estes animaes são sempre doentes; a autopsia manifesta a existencia de uma quantidade extraordinaria de vermes no pancreas e no figado.

CAPTIVEIRO

Quando se apanham novos, os vicunhas domesticam-se facilmente; adquirem grande confiança, seguem o dono e dão-lhe provas de dedica-

ção. Á proporção porém, que envelhecem tornam-se maos, desconfiados e esquecem todos os beneficios recebidos da mão do homem.

USOS E PRODUCTOS

Desde a mais remota antiguidade que é uso entre os indigenas tosquiar os vicunhas e fazer da lã cobertores de muita duração e com apparencias de seda branca quando o pêllo aproveitado é o do pescoço e ventre. Os vestidos d'este tecido são muito quentes. O pêllo do animal é empregado tambem na fabricação de chapeus.

A acclimação d'este ruminante em paizes da Europa seria de uma alta conveniencia para as industrias de tecelagem.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE DO SEGUNDO VOLUME

MAMIFEROS

ROEDORES EM ESPECIAL

(Continuação)

Pag.

OS BATHIERGOS — Considerações geraes 5

O BATHIERGO MARINHO — Caracteres — Costumes — Caça — Distribuição geographica 5-7

OS RATOS-TOUPEIRAS — Considerações geraes 7

O RATO TIPHLO — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos 7-9

OS GERBOS — Considerações geraes 9

OS GERBOS PROPRIAMENTE DITOS — Considerações geraes 10-11

O GERBO DA ARABIA — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica 11-13

O GERBO COMMUM — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Preconceitos — Distribuição geographica 14-16

OS HELAMYOS — Caracteres — Distribuição geographica 16-17

O HELAMYO OU GERBO DA CAFRARIA — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 17-18

OS GERBINHOS — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . 19

Pag.

AS CHINCHILLAS — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos 20

A CHINCHILLA ORDINARIA — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica—Usos e Productos. 21-23

A CHINCHILLA LANIGERA — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos 24-25

OS LAGOTIOS — Costumes — Distribuição geographica 25-26

O LAGOTIO DE CUVIER — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica 26-27

OS LAGOSTOMOS — Considerações geraes 27-28

O VISCAQUE — Caracteres — Costumes — Inimigos — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 28-31

OS CAPROMYOS — Considerações geraes. 31

O CAPROMYO DE FOURNIER — Caracteres — Costumes — Caça — Distribuição geographica 31-33

OS RATOS ESPINHOSOS — Considerações geraes 33

O RATO ESPINHOSO — Caracteres — Costumes 34

OS PORCOS ESPINHOS — Considerações geraes 35

OS PORCOS ESPINHOS PROPRIAMENTE DITOS — Considerações geraes . . . 35

O PORCO ESPINHO COMMUM — Caracteres — Costumes — Caça —Captiveiro— Distribuição geographica — Usos e Productos 36-39

O PORCO ESPINHO DA AMERICA — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 39-42

OS ATHERUROS — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . 42-43

O ATHERURO AFRICANO — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica 43-44

OS COANDUS — Caracteres — Distribuição geographica 45

O COANDU DE CAUDA PREHENSORA — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 45-46

O SPHIGGURO MEXICANO — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica 47-49

OS AULACODES — Considerações geraes. 49

Pag.

O AULACODE DE SWINDERIEN — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos 50-51

AS CAVIAS — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . . 51-52

AS CAPYBARAS — Considerações geraes. 52-53

A CAPYBARA DO BRAZIL — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 53-55

AS COBAYAS — Considerações geraes 56

O PORQUINHO DA INDIA — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos. 56-58

A COBAYA APEREA — Caracteres — Costumes — Inimigos — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 59-61

AS PACAS — Considerações geraes 61

A PACA DO BRAZIL — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 61-63

OS DOLICHOTIOS — Considerações geraes 63-64

O DOLICHOTIO DA PATAGONIA — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 64-65

AS COTIAS — Considerações geraes. 66

A COTIA VULGAR OU AGUTI DO BRAZIL — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica 66-68

AS LEBRES — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . . 69-71

LEBRES PROPRIAMENTE DITAS — Considerações geraes. 71

A LEBRE ORDINARIA — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica — Caça — Usos e Productos 72-78

A LEBRE VARIAVEL — Caracteres — Distribuição geographica 78

A LEBRE DO EGYPTO — Distribuição geographica — Costumes 79

OS COELHOS — Considerações geraes 80

O COELHO BRAVO — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Doenças — Usos e Productos 80-85

*

Pag.

OS LAGOMIOS — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . 85

A LEBRINHA ALPINA DA ASIA — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica. 86–87

Quadro eschematico da ordem dos roedores 88–89

ORDEM DOS CARNICEIROS

Considerações geraes — Caracteres — Costumes 91–94

CARNICEIROS EM ESPECIAL

OS FELINOS — Caracteres — Funcções — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos. 95–101

O LEÃO — Caracteres — Considerações historicas — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 101–128

O LEÃO DA BARBARIA — Caracteres — Distribuição geographica — Variedades: o *leão do Senegal*, o *leão do Cabo*, o *leão da Persia* 128–129

O LEÃO DE GUZZERATE — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes 130–131

O TIGRE LOIRO DO BRAZIL OU CUGUAR — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos . . . 131–135

O TIGRE — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . . 135–136

O TIGRE REAL — Caracteres — Considerações historicas — Costumes — Caça — Captiveiro — Domesticidade — Combates — Distribuição geographica — Usos e Productos 136–147

OS LEOPARDOS — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes . . 147–148

O JAGUAR — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Preconceitos — Distribuição geographica — Usos e Productos 149–154

O LEOPARDO OU GRANDE PANTHERA — Considerações historicas — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 155–166

A PANTHERA NEGRA — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica 166–167

Pag.

O LEOPARDO CINZENTO — É uma especie distincta ou uma variedade? . . 168

A PANTHERA JASPEADA — Caracteres — Distribuição geographica . . . 168–169

O GATO-TIGRE MALHADO DO MEXICO OU OCELOT — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos. . 169–172

A ONÇA — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . . 173–174

O GATO-TIGRE — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 174–176

O GATO MONTEZ — Caracteres — Costumes — Caça — Distribuição geographica — Usos e Productos. 176-180

O GATO DOMESTICO — Considerações historicas — Caracteres — Distribuição geographica — Domesticidade — Usos e Productos — Doenças. . . 181–199

O GATO ANGORA — Costumes — Distribuição geographica. 200

O GATO DE MAN — Caracteres — Distribuição geographica 200–201

O GATO DA CHINA — Caracteres — Usos e Productos. 201

Outras variedades — o *gato dos cartuxos*, o *gato de khorassau*, o *gato de koumania*, o *gato vermelho de Tobolok, o gato vermelho e azul* do *Cabo da Boa-Esperança* 201–202

OS LYNCES — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica. . . 202–203

O LYNCE DA EUROPA OU LOBO CERVAL — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos . . . 204-207

O LYNCE CARACAL — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica 207–208

O LYNCE CANADIANO — Caracteres — Costumes — Captiveiro—Distribuição geographica 208-209

O LYNCE VERMELHO — Caracteres — Usos e Productos 210

O LYNCE DOS PANTANOS — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica 210–212

OS CYNOFELIS — Caracteres — Costumes 212–213

O LOBO-TIGRE MALHALO — Costumes — Distribuição geographica . . . 213–214

Pag.

O LOBO-TIGRE DE JUBA — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica 214–215

OS CANINOS — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos 216–218

OS CÃES — Considerações geraes 219

OS CÃES PROPRIAMENTE DITOS — 1. Cães selvagens 219–222

O COLSUN OU DHOLE — Caracteres — Costumes — Domesticidade — Distribuição geographica 222–224

O BOANSU OU CÃO DO HIMALAYA — Caracteres — Costumes — Domesticidade — Distribuição geographica 224–225

O CÃO CABÉRU — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . 225–226

O DIHLO — Caracteres 226

O ADJACK OU CÃO RUTILANTE — Caracteres — Captiveiro 227

O DINGO OU CÃO DA AUSTRALIA — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica 227–231

O CÃO DOS AMERICANOS — Caracteres — Costumes — Usos e Productos — Captiveiro — Distribuição geographica 231–233

CÃES PROPRIAMENTE DITOS — 2. Cães que se tornaram selvagens — *Cães da Europa meridional que se tornaram selvagens; Cães do Egypto que se tornaram selvagens; Cães de Constantinopla que se tornaram selvagens; Cães tartaros que se tornaram selvagens; Cães da Russia meridional que se tornaram selvagens* 233–237

CÃES PROPRIAMENTE DITOS — 3. Cães domesticos — Considerações historicas — Costumes — Sentidos — Intelligencia e Caracter — Influencia da educação — Antipathias e Sympathias — Reproducção — Doenças — Mutilações — Usos e Productos — Origem do cão domestico. 237–264

VARIEDADES DO CÃO DOMESTICO 264

O MASTIM — Aptidões e emprego 264–265

O CÃO DINAMARQUEZ — Caracteres — Distribuição geographica — Aptidões e emprego. 265–266

O CÃO DE FILA OU MOLLOSSO — Caracteres — Distribuição geographica — Aptidões e emprego 266–267

Pag.

O CÃO DE FILA DO THIBET — Caracteres — Distribuição geographica — Aptidões e emprego 268-269

O BULL-DOG DE RAÇA PURA — Distribuição geographica — Aptidões e emprego 270-272

O CÃO DO MEXICO — Aptidões e emprego 272-273

O CÃO DE CUBA — Origem — Aptidões e emprego 273-275

O CÃO DE GADO — Caracteres — Aptidões e emprego 276-278

O CÃO DE S. BERNARDO — Caracteres e aptidões 278-281

O CÃO DA TERRA NOVA — Caracteres — Aptidões e emprego 282-285

OS GALGOS — Qualidades — Aptidões e emprego 285-286

OS BAIXOTES — Caracteres — Distribuição geographica — Aptidões e emprego 286-288

O PERDIGUEIRO — Caracteres — Qualidades — Educação 288-292

O BRACO FRANCEZ — Caracteres — Aptidões e emprego 292-293

O BRACO INGLEZ — Caracteres — Qualidades 293-294

OUTRAS VARIEDADES DO BRACO — *O braco Dupuy — O braco Picard — O braco sem cauda — O braco de Anjou — O braco de Navarra — O braco azul de Italia — O braco de Allemanha — O braco de Hespanha.* . . 294-295

O SETTER — Caracteres — Qualidades — Variedades d'esta raça: o *setter escocez*, o *setter da Russia* 295-296

O CÃO CORREDOR — Caracteres — Aptidões e emprego 296-297

O CÃO DE RAPOZO — Caracteres — Aptidões e emprego 297-298

OS GRYPHOS — Caracteres — Aptidões e emprego 298-299

O GRYPHO VULGAR OU RATEIRO — Aptidões e emprego 299

O BULL-TERRIER — Caracteres — Aptidões e emprego 300

O CÃO DA LAPONIA — Caracteres — Aptidões e emprego 301

O CÃO DOS ESQUIMÓS — Caracteres — Distribuição geographica — Aptidões e emprego. 301-303

Pag.

O CÃO D'AGUA — Caracteres — Origem — Aptidões e emprego . . . 303–305

O HYENOIDE — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes . . 305–306

OS CHACAES — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . 307-308

O CHACAL ORDINARIO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro. 308–311

O LOBO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 311–315

O LOBO DA AMERICA — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça 316–317

O LOBO DO EGYPTO — Distribuição geographica — Costumes 317

O LOBO NEGRO — Distribuição geographica 318

O LOBO VERMELHO — Distribuição geographica 318

OS RAPOZOS — Costumes 319

O RAPOZO VULGAR — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Inimigos — Doenças — Usos e Productos. . . 319–326

O RAPOZO DO BRAZIL — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Domesticidade 327–329

O RAPOZO AZULADO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 329–333

OUTRAS ESPECIES DE RAPOZOS — *O rapozo branco — O rapozo negro do Japão — O rapozo corsaco — O rapozo Caama* 332–332

OS FENNECOS — Costumes — Caça — Captiveiro 333–334

AS HYENAS — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 334–342

A HYENA MACULADA — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro 342–344

A HYENA LISTRADA — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro 344–347

A HYENA CIVETA — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes . 348–349

Pag.

OS VIVERRINOS — Caracteres — Distribuição geographica — Captiveiro — Usos e Productos 349-350

A CIVETA D'AFRICA — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 350-353

A CIVETA D'ASIA OU ZIBETA — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes 353-354

AS GINETAS 354

A GINETA VULGAR — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 354-356

A GINETA DO SENEGAL 357

OS BASSARIDES 357

O BASSARIDE ASTUTO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 358-359

OS MANGUSTOS — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes . . 360

O ICHNEUMON — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro 361-364

O MANGUSTO DE JAVA — Caracteres — Costumes — Captiveiro . . . 364-366

O MANGUSTO DA EUROPA — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos 366-367

O MANGUSTO LISTRADO — Distribuição geographica — Costumes — C aptiveiro 367-369

O MANGUSTO NYULO — Costumes — Distribuição geographica 369-370

OS PARADOXUROS — Costumes — Distribuição geographica 370-371

O PARADOXURO TYPO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro 371-373

O PARADOXURO MUSANGO — Distribuição geographica — Costumes . . . 373-374

OS CYNOGALOS — Caracteres 375

O CYNOGALO DE BENNETT — Costumes — Distribuição geographica . . . 375-376

O CRYPTOPROTO FEROZ — Costumes — Distribuição geographica . . . 376-377

Pag.

OS MUSTELEANOS — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos. 377–379

OS TEIXUGOS — Caracteres 380

O TEIXUGO VULGAR — Distribuição geographica — Costumes — Inimigos — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 380–385

O TEIXUGO D'AMERICA — Distribuição geographica — Costumes . . . 386

OS FEDORENTOS 386

AS FOETAS — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes. . . 387–388

A FOETA GINGA — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 388–391

AS ZORILLAS — Caracteres — Distribuição geographica 392

A ZORILLA VARIEGADA — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro 392–394

O RATEL DO CABO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro 394–396

O RATEL DA INDIA — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro . 396–397

OS GLOTÕES — Caracteres 398

O GLOTÃO ARCTICO OU BOREAL — Costumes — Caça — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos 398–402

AS IRÁRAS — Caracteres — Costumes 402–403

A IRÁRA BARBARA — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos. 403–405

A IRÁRA GRISALHA — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica — Usos e Productos. 405–406

AS MARTAS — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos . 406–407

A MARTA COMMUM — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 408–410

A MARTA ZIBELINA — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro 410–412

A MARTA DE JAVA — Caracteres 413

Pag.

A MARTA DE CANADA — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica — Caça 413-414

A FUINHA — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 414-416

O TOURÃO FETIDO — Distribuição geographica — Costumes — Inimigos — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 416-420

O FURÃO — Caracteres — Distribuição geographica — Captiveiro — Emprego do furão na caça — Cruzamento com o tourão fetido 420-423

AS DONINHAS — Costumes 424

A DONINHA VULGAR — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Preconceitos 424-429

O ARMINHO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 429-434

AS LONTRAS — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes . . 434-435

A LONTRA VULGAR — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Considerações historicas — Caça — Captiveiro — Usos e Productos . . 435-441

A LONTRA MARINHA — Distribuição geographica — Costumes — Usos e Productos 441-443

OS URSINOS — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 443-446

OS URSOS PROPRIAMENTE DITOS — Caracteres 447

O URSO VULGAR OU TRIGUEIRO — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Combates — Usos e Productos 447-456

O URSO DA SYRIA — Considerações historicas — Caracteres — Costumes — Captiveiro — Distribuição geographica 456-457

O URSO PARDO — Caracteres — Costumes — Caça — Captiveiro . . 458-459

O URSO NEGRO DA AMERICA — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 460-463

O URSO DO TIBET — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes . 463-465

O URSO BEIÇUDO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 465-467

Pag.

O URSO BRANCO OU POLAR — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 467-472

OS COATIS DE FOCINHO CURTO — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos. 472-473

O COATI LAVANDEIRO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 473-477

O COATI CARANGUEJEIRO — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica — Caça — Captiveiro 477-478

OS COATIS DE FOCINHO COMPRIDO — Caracteres — Costumes 479-480

O COATI SOCIAVEL OU RUIVO — Caracteres 480

O COATI SOLITARIO OU PARDO — Caracteres — Distribuição geographica d'esta especie e da precedente — Costumes de uma e outra — Caça — Captiveiro — Usos e Productos 481-485

OS POTOTES — Caracteres — Considerações geraes 486

O POTOTE AMARELLADO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro. 487-489

OS ICTIDES — Caracteres — Considerações geraes 490

O BENTURONGO OU ICTIDE NEGRO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro. 490-492

OS PANDAS — Considerações geraes 492

O PANDA RUTILANTE — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro. 493-494

Quadro synoptico dos carniceiros estudados n'esta obra. 495-497

ORDEM DOS DESDENTADOS

Considerações geraes — Caracteres — Distribuição geographica e geologica — Costumes 499-501

Pag.

DESDENTADOS EM ESPECIAL

OS PREGUIÇOSOS OU TARDIGRADOS — Caracteres — Distribuição geographica — Considerações historicas — Costumes — Inimigos — Captiveiro — Usos e Productos 503-508

A PREGUIÇA DO BRAZIL — Costumes — Distribuição geographica . . . 508-509

O PREGUIÇOSO MENOR — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes 509-510

OS DASYPODOS OU TATUS — Caracteres — Captiveiro — Distribuição geographica — Costumes 510-515

OS ARMADILHOS — Costumes — Caça — Inimigos — Captiveiro — Usos e Productos 513-517

O ARMADILHO ENCOBERTO — Caracteres 517-518

O ARMADILHO MATACO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro. 518-520

O ARMADILHO GIGANTE — Caracteres — Distribuição geographica . . . 520-521

OS CLAMYDOPHOROS — Caracteres 522

O CLAMYDOPHORO TRUNCADO — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica — Caça 522-524

OS TAMANDUÁS — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Usos e Productos 525-527

OS ORYCTEROPOS — Caracteres. 527-528

O ORYCTEROPO OU TAMANDUÁ DO CABO — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica 528-529

O ORYCTEROPO OU TAMANDUÁ ETHIOPICO — Costumes — Caça — Captiveiro — Usos e Productos. 530-532

O TAMANDUÁ BANDEIRA — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Inimigos — Captiveiro — Usos e Productos 532-536

O TAMANDUÁ MEDIOCRE — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Usos e Productos 537-538

O TAMANDUÁ PEQUENO OU MINIMO — Distribuição geographica — Costumes — Usos e Productos. 539

Pag.

OS PANGOLINS — Caracteres — Costumes — Distribuição geographica . . 540

O PANGOLIM MENOR — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Usos e Productos 541-542

O PANGOLIM MAIOR — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 543-544

O PANGOLIM TEMMINCK — Caracteres — Costumes 544-545

ORDEM DOS RUMINANTES

Considerações geraes — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos 547-550

RUMINANTES EM ESPECIAL

OS CAMELIANOS — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes . . 551-552

OS CAMELOS — Considerações geraes 552

O DROMEDARIO — Distribuição geographica — Considerações historicas — Costumes — Doenças e inimigos — Usos e Productos 553-562

O CAMELO — Distribuição geographica — Costumes — Usos e Productos . 563-564

OS LHAMAS — Costumes — Distribuição geographica — Usos e Productos . 564-565

O LHAMA GUANACO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Caça — Captiveiro 566-568

O LHAMA PROPRIAMENTE DITO — Caracteres — Distribuição geographica — Costumes — Captiveiro — Doenças 569-572

O ALPACA — Caracteres — Costumes — Usos e Productos 572-573

O VICUNHA — Costumes — Captiveiro — Usos e Productos 573-575

ERRATAS

Onde se lê na pg. 350 em versaletes — Caracteres — leia-se — Captiveiro.

Na pg. 443 entre o capitulo USOS E PRODUCTOS e o capitulo immediato CARACTERES — interponham-se as palavras — Os ursinos.

Onde se lê na pg. 447 — O urso vulgar, leia-se — O urso vulgar ou trigueiro.

